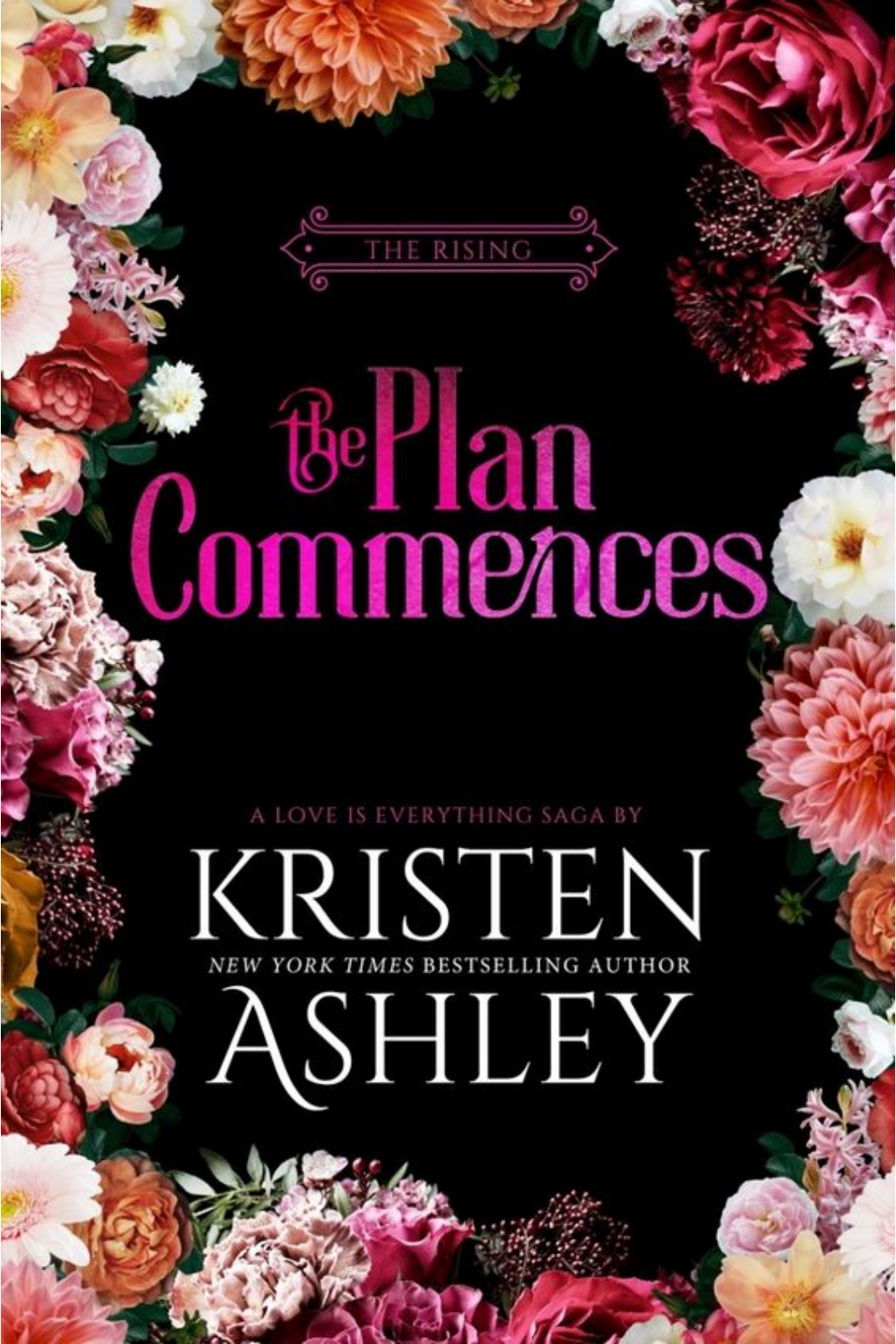




THE RISING

The Plan Commences

A LOVE IS EVERYTHING SAGA BY

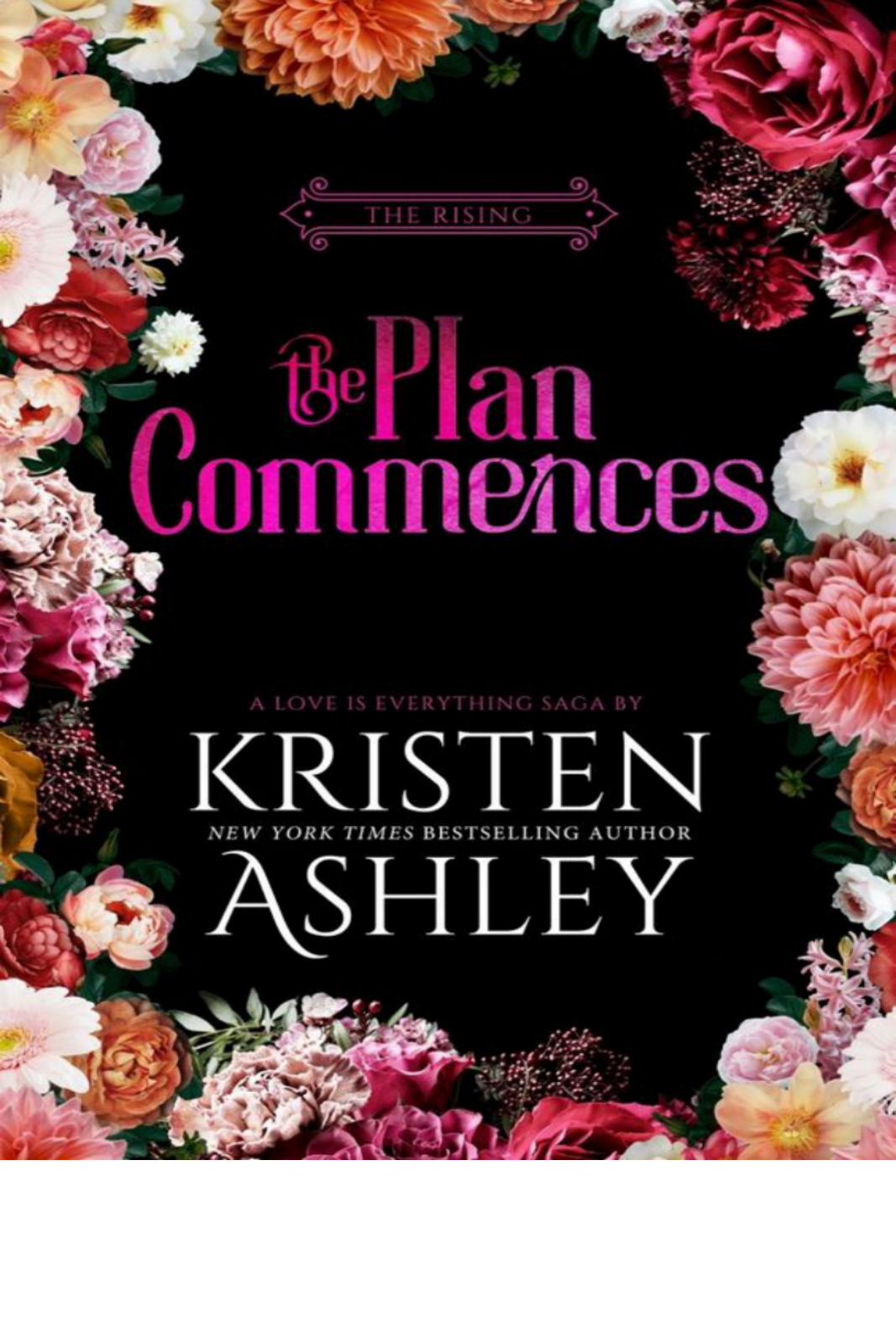
KRISTEN

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

ASHLEY

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



THE RISING

The Plan Commences

A LOVE IS EVERYTHING SAGA BY

KRISTEN
NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
ASHLEY



THE RISING SERIES





THE
PLAN
COMMENCES



KRISTEN
NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
ASHLEY





O Luto

Príncipe True

Suíte de hóspedes, segundo andar, corredor leste, Palácio Catrame,
Cidade do Fogo
FIRENZE

—Deveríamos lhe dar outra dose para dormir— disse a Rainha Elpis, preocupada. — A última claramente não está funcionando.

True nem mesmo tentou esconder a censura em seu olhar quando olhou da beleza chorosa que estava em seus braços para a Rainha de Firenze que estava ao lado da cama de Farah.

Elpis estava o mais longe possível deles, ao mesmo tempo em que se mantinha próxima.

Seu hábito nos últimos dias quando se tratava de Farah e sua mãe, Sofia, agora morta.

Os olhos de Elpis estavam inchados e ensanguentados por causa de suas próprias lágrimas.

Muito pouco.

Tarde demais.

Elpis estremeceu quando viu o olhar dele.

—Você pode ir embora— murmurou True.

—Mas, eu...— Elpis começou.

—Você pode. Ir *embora*— disse True mais baixo e mais devagar.

Sua cabeça balançou antes que ela levantasse o queixo e dissesse: —Este é o meu palácio. Ela é minha súdita. Eu sou a rainha e eu...

—Por mais treze horas— ele a interrompeu para observar. — Então, minha prima será a Rainha de Firenze e você não passará de uma Rainha Relíquia.

Ela ofegou em sinal de afronta.

True não se importava nem um pouco.

—Vá embora ou meus homens a levarão— advertiu True.

—Você não pode...

—Saia, Vossa Graça, ou meus homens a removerão— repetiu True, e Florian fez um movimento em direção à rainha.

—Eles não têm autoridade aqui— ela esbravejou.

—Eu sou seu príncipe, o que significa que serei seu rei e Farah será sua rainha. Pergunte a seu filho que autoridade isso me dá— retrucou True.

Ele percebeu imediatamente que ela entendeu o que ele quis dizer.

Por outro lado, depois que o ataque ao palácio, que havia ocorrido apenas duas horas antes, foi reprimido, Mars - seu filho, seu rei - não havia permitido que Silence, sua pretendida, descesse de suas costas, onde ele a segurava enquanto lutava contra os agressores.

Era seguro e, ainda assim, Mars manteve Silence o mais próximo

possível dele sem absorvê-la, algo que ele não podia fazer, ou teria feito isso em seu lugar.

Sim.

Elpis entendeu o que ele quis dizer.

Seu rosto se suavizou e seu olhar se voltou para Farah, que estava em seus braços, chorando silenciosamente, com a cabeça voltada para o corpo de True, mesmo que ela não o estivesse abraçando em troca. Algo que o alarmou e que ele desejava abordar com sua noiva.

Só que ele faria isso quando a maldita rainha fosse embora.

—Estou feliz que ela tenha você— sussurrou Elpis.

—Teria sido bom se ela tivesse tido você— respondeu True. —Se ambas tivessem tido você.

A dor acentuou suas feições.

Dor e arrependimento.

Mas Farah se apertou em seus braços.

Isso estava perturbando o que ele pretendia.

Portanto, isso tinha que acabar.

—Vá— ordenou ele à rainha.

Elpis parecia desmoronar diante de seus olhos e True desejou que ele não se importasse com isso também.

Mas ele entendia o arrependimento.

A mulher não podia saber que sua amiga levaria centenas de mordidas de serpentes venenosas e morreria em sua cama sob uma pilha delas antes que pudessem encontrar o caminho de volta para

uma amizade que havia sido destruída por traição e assassinato.

Entretanto, agora ele não tinha tempo para a Rainha Elpis.

Ele precisava cuidar de sua futura rainha.

Felizmente, Elpis sabia que a única pessoa que poderia cuidar de Farah estava em sua cama, segurando-a.

Assim, ela desistiu da luta e saiu lentamente do quarto.

A porta se fechou atrás dela.

—Deixe-nos— ordenou True a Florian, Bram e Alfie, os membros de sua guarda que estavam no quarto. Os outros, Luther e Wallace, estavam guardando a sala em outro lugar. Um deles, Luther, no corredor. O outro, Wallace, do lado de fora, embaixo da janela.

—True ...— Alfie começou.

—Vá embora— disse True.

Alfie olhou para Farah e depois para True.

— Magia— ele respondeu em voz baixa.

De fato.

As serpentes que mataram Sofia eram muito reais.

Elas também tinham sido transportadas para o quarto dela por meio de magia.

Um quarto que havia sido de Farah antes de sua mãe e ela trocarem de quarto para colocar Sofia mais longe do quarto de Elpis.

True sabia de tudo isso.

Assim como Alfie e seus outros tenentes.

Mas ele poderia ter cinquenta espadas naquele quarto.

Elas não seriam capazes de combater a magia.

—Vou querer você aqui, guardando-a depois que eu sair. Mas agora precisamos de privacidade— disse True a seu amigo.

—Acho que...

—Vá, Alfie— exigiu True.

Alfie hesitou antes de assentir, depois balançou a cabeça para Florian e Bram e eles saíram da sala.

No instante em que o trinco se fechou, True voltou sua atenção para Farah, puxando-a ainda mais para seus braços.

Os dela permaneciam frouxos ao seu lado, o corpo relaxado, as lágrimas silenciosas, mas ainda escorrendo pelo rosto.

—Meu doce— ele murmurou. —Você deseja outra bebida para dormir?

Ele a ofereceu, para o bem dela, mas não gostou da ideia. Eles já haviam lhe dado um forte.

—Preciso me levantar e me vestir— disse ela, com a voz monótona e distante.

True ficou mais alarmado com o tom dela.

E com suas palavras.

Ele podia entender a dor.

A abstinência era uma preocupação adicional.

—Essa é a última coisa de que você precisa, Farah. Você precisa descansar. Durma— ele rebateu.

—Preciso estar presente na procissão.

—O casamento não será daqui a algumas horas, amor— murmurou True. —De qualquer forma, seria compreensível se você não estivesse presente. E Mars pode acabar adiando o casamento depois...

Sua cabeça se inclinou para trás e True viu que seus olhos estavam tão distantes quanto sua voz.

Essa não era a Farah.

Não era sua bela Farah, com seus olhos de topázio brilhantes, sempre atentos, alertas e emotivos.

—A procissão da tortura— ela explicou.

True piscou para ela.

—O quê?

—Eles pegaram algum assaltante vivo?— ela perguntou.

—Sim— ele respondeu.

—Então Mars os torturará, e todos os afetados irão para a necrópole perto do poço para vê-los caminhar para a morte. Eles irão em procissão para que o povo saiba que aqueles que atacaram nosso palácio, nosso rei, não terão piedade.

True ficou ainda mais alarmado.

—Todos?— ele perguntou.

—Todos— ela afirmou.

—Até mesmo Silence?

—Especialmente Silence.

Que droga.

—Ela não pode...— começou True.

—Ela deve.— Farah tentou se mover. —E eu preciso.

True apertou os braços. —Você não vai a lugar nenhum.

Ela se acalmou em seu abraço. —Eu preciso, True.

—Você precisa, se for Firenz— declarou ele. —Mas você não é mais Firenz. Você é Dellish. E a Princesa de Wodell não participa de uma procissão para assistir à tortura depois de ter perdido a mãe... nem nunca. Você tomará outra bebida para dormir e descansará. E quando acordar, eu estarei aqui e a ajudarei a fazer o luto.

Ela virou a cabeça para o lado.

True a empurrou. —Farah.

Ela olhou para ele novamente. —Eu sou Firenz.

—Você é Dellish— ele afirmou.

—Não sou.

—Você é minha e eu sou Wodell.

—Eu não sou sua— ela sussurrou. —Não sou de ninguém. Não sou mais de ninguém. Agora, na verdade, não sou de ninguém e de lugar nenhum. Não sou Firenz. Não sou Dellish. Não sou de ninguém.

O alarme de True aumentou exponencialmente.

—Você pertence a mim, meu doce— disse ele suavemente. —E eu pertenço a você.

—Para que qualquer uma dessas coisas seja verdade, você tem que desejar que seja verdade, e você não deseja, Vossa Graça.

Vossa Graça?

Ela não o chamava assim desde o primeiro dia em que se conheceram, e ele pediu que ela não o fizesse.

—Farah...

Ela se afastou dele, soltando-se de seus braços.

—Traga-me a bebida. Como você quiser, vou dormir.

Ela deslizou para a cama e se acomodou no travesseiro, de costas para ele, com os joelhos encostados no peito.

True colocou a mão no quadril dela e se inclinou para ela.

Ele tentou novamente: —Farah...

—Devo chamar um criado para trazer a bebida?— ela perguntou ao travesseiro.

True não se moveu nem falou. Ele ficou onde estava, olhando para o perfil dela na luz da lâmpada.

Ao fazer isso, ele decidiu que ela precisava de tempo.

Ela também, como ele havia notado, precisava dormir.

Depois disso, ela precisaria dele.

Mesmo que ela não achasse que precisava.

E ela o teria.

Todo ele.

Ele tirou a mão do quadril dela, afastou o cabelo do pescoço e puxou as sedas até o ombro dela.

Durante todo esse tempo, ela nem se contorceu.

Ele então se inclinou para mais perto e falou em seu ouvido.

—Você sofre e fala por meio dessa dor. E eu estou ao seu lado. Você dormirá e acordará, ainda em luto, e eu estarei ao seu lado. Eu a verei superar sua dor, Farah, e o farei ao seu lado. Eu a verei superar sua dor, também ao seu lado. Lembrarei de sua mãe como gentil e amorosa, e farei isso ao seu lado. E então continuaremos com nossas vidas, nosso casamento, construindo uma família e, durante todo esse tempo, estarei ao seu lado. Você pertence a mim, Farah. Minha futura princesa. Minha futura esposa. E, em troca, querida, eu pertenço a você.

Ele se aproximou ainda mais, baixou a voz e terminou.

—E como seu, eu vingarei sua mãe, minha querida. Aquele que causou sua dor conhecerá sua própria dor. Esse é o meu voto a você como minha amiga, minha noiva, minha futura princesa, minha futura rainha e apenas *minha*.

Durante o discurso dele, o corpo dela ficou cada vez mais apertado.

E continuou assim quando ele se abaixou e tocou a têmpora dela com os lábios.

Ele se afastou um centímetro e murmurou: —Vou mandar trazer uma bebida.

Então, ele saiu da cama, foi até a porta, abriu-a e passou por ela.

—Traga outra bebida para ela dormir— ele ordenou a Florian depois de fechar a porta. —Entre e sente-se com ela— ordenou Bram depois que Florian desceu o corredor até a escada. —Mas fique em silêncio e se mantenha distante. Ela precisa de tempo com seus pensamentos.

Bram assentiu e entrou no quarto de Farah.

True deu uma olhada em Luther e Luther ficou parado do lado de fora da porta de Farah enquanto True se dirigia para as escadas com Alfie ao seu lado.

Eles fizeram isso desviando dos empregados que estavam varrendo o reboco do terremoto.

E limpando o sangue dos corpos que haviam sido removidos.

—Você sabe sobre essa procissão?— True perguntou ao capitão de sua guarda.

—Eu não sabia, até que Basil apareceu momentos antes de você sair e o chamou para o escritório de Mars.

—Aramus não permitirá que Ha-Lah participe dela— adivinhou True. —Quero pedir a ela que fique com Farah até que eu possa voltar para ela.

—Ha-Lah não vai deixar Aramus— respondeu Alfie.

True olhou para seu homem. —Ele não pode...

—Eles tinham um guarda embaixo da janela. Catedrais foi morto no ataque.

Isso era razoável. Os assaltantes haviam entrado no palácio pelas janelas. E havia um grande número deles.

Ele achava que tinha sido um milagre o fato de todos do lado deles terem sobrevivido.

Mas True havia aprendido há muito tempo que milagres não acontecem.

Especialmente em uma batalha.

—Putá que pariu— murmurou True, virando-se para descer as escadas.

—Os Mar-el são como nós— continuou Alfie. —Como irmãos. Aramus não está em um bom estado, perdendo seu homem. Sua esposa está permanecendo por perto.

—E Mars?— True perguntou, agora correndo pelas escadas, Alfie fazendo o mesmo.

—Eu não sei.

—Silence?— True continuou.

—Eu também não sei, embora Luther tenha compartilhado, até onde ele ouviu, que ela não saiu do lado de Mars— Alfie disse a ele quando eles chegaram ao primeiro andar.

—Não saiu do lado dele ou ele não a deixou sair do lado dele?— perguntou True.

—A última opção— respondeu Alfie.

—Put a que pariu— repetiu True.

Eles não falaram mais nada enquanto se dirigiam ao escritório de Mars.

Basil e Kyril estavam do lado de fora.

Mas o saguão, tanto o corredor leste quanto o oeste, estava cheio de guerreiros de Firenze, bem como de Airen, Wodell e Nadirii.

Basil abriu a porta para eles e True passou por ela, enquanto Alfie ficou para trás.

Só que True parou de repente.

Silence se sentou na cadeira de Mars atrás de sua mesa. Ela estava encolhida em si mesma, com as coxas contra o peito e os braços em volta das panturrilhas.

E ainda estava usando sua camisola, que estava completamente manchada de sangue seco. Tanto que apenas manchas brancas podiam ser vistas através da ferrugem. Havia sangue seco em seus braços. Na verdade, a única parte dela que havia sido limpa era o rosto.

E o pescoço, que estava manchado de um roxo furioso com hematomas.

Ao ver isso, True sentiu o coração disparar, o sangue esquentando em suas veias.

Mars estava atrás dela, andando de um lado para o outro, sua energia furiosa era quase uma coisa física na sala.

Todos os outros estavam lá. O rei Aramus e a rainha Ha-Lah. O príncipe Cassius e a princesa Elena. A rainha Ophelia e a princesa Serena. Rainha Elpis. Rei Gallienus. Membros selecionados de cada guarda. E uma variedade de barões de clãs de Firenze e chefes de tribos de Firenze.

Os pais de True, o Rei Wilmer e a Rainha Mercy, também estavam lá.

Mas True ficou feliz em ver que o conselheiro de seu pai, Carrington, não estava.

Lorenz, o capitão dos Confiáveis de Mars, estava em frente à mesa do rei, relatando.

—Aqueles que não foram encontrados mortos foram encontrados dormindo ou inconscientes, bebidas para os primeiros, golpes para os segundos. O sargento dessa noite percebeu rapidamente que metade da unidade não havia se apresentado para o serviço na troca da guarda. Ele enviou guerreiros para descobrir o motivo e, como você sabe, morreu nos degraus do palácio, provavelmente a caminho de Chu para dar o alarme.

Mars continuou andando enquanto dizia: —Pelo que sei, a hora da

troca da guarda é modificada diariamente para que essa ocorrência exata não aconteça.

—É verdade— respondeu Lorenz.

—Então, os assaltantes sabiam da hora desta noite.

—Sabiam.

Mars parou de se mover abruptamente e fixou seu capitão com olhos escuros. —Temos um traidor.

A mandíbula de Lorenz estava apertada quando ele forçou: —Temos.

—Eles foram trabalhados?— Mars perguntou.

—Sim.

—O traidor foi identificado?

—Foi.

—E?— Mars perguntou

Lorenz hesitou por um momento para dar ao seu rei um olhar significativo.

Mas ele não falou.

Mars leu claramente esse olhar significativo, pois seu rosto se transformou em granito.

—Ele e os outros estão sendo levados para os fossos?— Mars perguntou com os dentes cerrados.

—Eles estão— assegurou Lorenz.

Mars pareceu perceber então que True estava com eles e seu olhar se voltou para ele.

—Minha irmã?— ele exigiu de True.

—Sua irmã?— True perguntou em troca.

—Farah— rosnou Mars, e True notou Silence se encolhendo ainda mais.

Sua atenção voltou para o rei.

—Minha princesa— ele corrigiu.

—Semântica— Mars cuspiu impacientemente.

Mas True suspeitava que ele era menos paciente.

Farah em seu estado, Sofia morta, os atacantes entrando pela janela de sua prima, e seu pensamento anterior se provou falso, pois era um milagre que Silence tivesse sobrevivido.

Assim, ele compartilhou sua impaciência imediatamente.

—Absolutamente não é semântica— ele disse.

Ele sentiu que a atenção de Silence e de todos estava voltada para ele, mas não quebrou o contato visual com o rei dos Firenz.

—Presumo que isso signifique que você finalmente a está reivindicando de uma forma que importa— respondeu Mars.

—Não me tente, Vossa Graça— advertiu True. —Não com minha prima sentada em uma camisola manchada de sangue em sua cadeira, com o pescoço preto e azul, e minha futura esposa em sua cama, tão enlutada que renegou seu país... os dois.

Uma veia na têmpora de Mars pulsou.

Levou um momento até que Mars declarasse calmamente: —Ela vai se curar.

—Ela vai se curar. Porque eu cuidarei disso— retornou True. — Em outras palavras, Mars, ela é uma bagunça sangrenta. Ela também não está participando desta procissão.

—Como você a reivindicou, cabe a você decidir— permitiu Mars.

—Minha prima também não está participando— declarou True.

A atmosfera da sala ficou pesada.

Ele ficou surpreso ao ouvir a voz de sua mãe surgir primeiro em meio ao silêncio tenso.

E ele a ouviu quando ela simplesmente disse um aviso: —True.

True a ignorou e manteve o olhar fixo no rei de Firenz.

—Como eu sempre lhe digo, ela não é do seu reino.

—Se ela não era, será em uma hora— retornou Mars.

—Não sei o que você pretende fazer. Só sei que você não deve forçar Silence a testemunhar isso— retrucou True.

—Isso cabe a mim decidir— replicou Mars.

—Na verdade, deveria ser Silence a decidir— declarou Ophelia.

True olhou para a rainha dos Nadirii.

Ela estava olhando para Silence.

Portanto, True voltou sua atenção para o primo.

—Silence?— ele chamou quando ela parecia estar perdida em seu estudo do tampo da escrivaninha de Mars.

—*Mia piccolina*¹— murmurou Mars, agachando-se ao lado de sua cadeira.

Silence virou a cabeça para Mars.

—Eu vou com você, meu rei— ela sussurrou.

O rosto de Mars se iluminou com orgulho e triunfo.

—Putá que pariu— murmurou True.

—Ela pode pelo menos tomar banho e se vestir adequadamente?
— A mãe de True perguntou de uma forma que soou mais como uma exigência.

Mars se endireitou, mas o fez arrancando Silence da cadeira e segurando-a junto ao peito, mas por um momento antes de se sentar onde sua noiva estava, agora com ela no colo, ainda segurada junto ao peito.

Uma vez sentado, ele olhou para a Rainha Mercy e respondeu: — Não. Meu povo a vê coberta com o sangue dos vencidos, viva e nobre na vitória.

—Isso é francamente bárbaro— disse o pai de True.

—É francamente Firenz— retrucou Mars. —O que Silence será, oficialmente, nesta noite. Mas é o que meu povo, o povo dela verá, agora. E algo que eu desejo que aconteça, logo, para que possamos ver esse assunto concluído e eu possa me casar com minha noiva sem demora esta noite.

—Difícilmente uma tentativa de golpe será concluída em poucas horas— respondeu o rei Wilmer.

Mars deslizou seu olhar para Lorenz.

True observou Lorenz inclinar a cabeça para o lado.

Mars voltou sua atenção para o pai de True.

—Parece que posso.

—Os prisioneiros têm direitos— declarou Wilmer.

—Não se esses prisioneiros forem traidores— respondeu Mars. — Não em Firenze.

—Vocês certamente devem realizar tribunais— retrucou Wilmer.

—Eles usam o preto, invadem o palácio, marcham para os fossos sob os olhos de seu povo, suportam a necrópole e afundam no piche— declarou Mars. —Não se preocupe, Wilmer. O tempo deles na necrópole será curto. Eles planejaram de forma fortuita. Eu não quero ficar na necrópole. Quero me casar.

—Então você está dizendo que pretende se casar com minha sobrinha apenas algumas horas depois de ela ter sofrido o que sofreu em seus aposentos e de você tê-la forçado a vê-lo torturar alguns de seus cidadãos e depois matá-los?— perguntou Wilmer em choque.

—Não estou forçando minha Silence a fazer nada— disse Mars. — *Mia Bellezza*² fez sua escolha e empunhou sua própria adaga em vez de fugir da luta. Ela faz sua escolha agora, levando esse assunto até o fim, em vez de se esconder em seus aposentos. Se eu não soubesse o contrário, devido à cor de sua pele e à estatura de sua estrutura, eu pensaria que ela era Firenz.

True estudou sua prima enquanto ela se sentava em silêncio no colo de seu noivo.

Ela não se preocupou com os lábios, não torceu as mãos nem pareceu ansiosa, agitada ou perturbada de forma alguma.

Também não parecia relaxada e à vontade.

Ela simplesmente parecia... digna.

Ou tão digna quanto um ser poderia ser, sentado no colo de um homem enorme.

Isso fez com que o olhar de True se voltasse para os barões e chefes de Firenz.

Diante do que viu, ele quase sorriu.

Silence, suportando o que ela havia suportado naquela noite, sentada em uma camisola manchada de sangue no porão de um rei bárbaro, astuta o suficiente para usar esse momento para avançar em sua posição.

Esse era a prima dele.

Não era boba por ninguém.

Pronta para ser rainha.

Sim, ele quase sorriu.

Os pensamentos de True se desviaram do assunto quando Aramus falou.

—Eu conhecerei a vingança, Mars.

—Qual é o seu desejo?— Mars perguntou, seu tom não mais arrogante, mas conciliatório.

—Quantos foram capturados?— perguntou Aramus.

—Sete— respondeu Lorenz.

—Meus homens e eu teremos três— decretou Aramus, e Ha-Lah, que já estava ao lado do marido, aproximou-se e pegou a mão dele.

Os dedos de Aramus se apertaram ao redor dos de sua esposa. Muito apertados. True viu isso. Ela estremeceu com a dor.

Mas não disse nada.

—Você terá sua escolha— murmurou Mars.

True se voltou novamente para Mars. —As serpentes eram outra questão.

True viu a chama nos olhos de Mars antes de se extinguir, e inclinou a cabeça.

—Sabe-se alguma coisa sobre isso?— perguntou True.

—Nandra tentou rastrear a magia— respondeu Lorenz. —Ela falhou. Ela está camuflada.

—Deixem-nos— ordenou Mars abruptamente.

Sua atenção estava voltada para seus barões e chefes.

True saiu do caminho quando os homens começaram a se retirar, e Mars ordenou: —Vocês vão em procissão para os fossos atrás de mim e de sua futura rainha.

Ele recebeu acenos de cabeça e levantou o queixo antes de os homens desaparecerem atrás da porta.

—Vocês também nos deixam— exigiu Mars.

True notou que isso era dirigido à sua mãe e ao seu pai.

—Só nós?— Mercy perguntou.

— Vocês e Gallienus. Sim— respondeu Mars.

—Por que só nós seríamos deixados de fora? perguntou o pai de True, irritado.

—Vocês não são soldados, nem bruxos, nem estão diretamente envolvidos na destruição da Besta— respondeu Mars.

—Nós representamos Wodell— respondeu Wilmer.

—Seu filho também, muito melhor do que você. Agora, eu

expliquei por que você deve sair do meu escritório, quando eu não precisava. Não teste mais minha paciência. Há coisas a fazer e uma delas é não responder a você— respondeu Mars.

—Eu...— Wilmer começou.

—Meu rei, vamos embora— insistiu a mãe dele, pegando a mão de Wilmer e indo em direção à porta.

—Estou feliz em ir embora— declarou Gallienus. —Toda essa conversa sobre a injustiça de Airen? Hipocrisia.— Ele parou na porta e fixou os olhos em Mars. —Até mesmo um traidor seria submetido a um tribunal.

—Infelizmente, não posso perguntar a nenhum descendente das mulheres que seu antepassado levou à morte depois da Noite dos Mestres Caídos, pois elas foram levadas à morte sem um tribunal e, portanto, não têm descendentes— observou Mars com tristeza.

Gallienus fungou antes de sair em disparada.

Wilmer e Mercy o seguiram.

Quando a porta se fechou atrás deles, True se voltou novamente para Mars.

—Quando a feitiçaria por trás das serpentes for descoberta, elas serão entregues a mim— decretou.

—Elas mataram minha segunda mãe— disse Mars em voz baixa.

—Eles mataram minha sogra, a avó que meus filhos nunca conhecerão, mas a intenção deles era matar minha princesa— retrucou True. —Portanto, quem matou Sofia será entregue a mim.

—Para o tribunal?— Mars perguntou.

—Sim— respondeu True. —E então ele receberá uma tocha e o tempo necessário para que ela queime antes que ele se encontre

coberto de cobras em um tipo diferente de poço em Wodell. Caberá a Farah decidir se deseja assistir. Mas eu o farei. Até o fim.

Os lábios de Mars se contraíram antes de ele afirmar: —Acho isso aceitável.

—Eu não me importo muito— murmurou True.

—Também acho isso aceitável— compartilhou Mars.

—Ah, pelo amor de Deus, podemos continuar com isso?— Cassius entrou na conversa.

—Está claro que, com o ataque das serpentes, Farah era o alvo— observou Ophelia.

Ninguém respondeu a isso.

—Eles tentaram quebrar a profecia— continuou a rainha dos Nadirii.

—Talvez, independentemente de nossas graves perdas nesta noite, possamos nos animar ao entender que eles temem a profecia o suficiente para tentar fazer algo a respeito— observou Ha-Lah.

—Suas irmãs, juntamente com Nandra, devem lançar feitiços sobre este palácio— disse Mars a Ophelia.

—Os feitiços de proteção serão feitos enquanto vocês estiverem no fosso— concordou Ophelia.

—E lançar sobre as mulheres— acrescentou Cassius.

—Ah, sim, já que, por ter um apêndice mágico, você não precisa de nenhum feitiço de proteção— Elena disse ao seu noivo.

True a observou, sentindo algo estranho, mas sua mente estava consumida por tantas outras coisas, sendo que a mais importante era chegar a Farah e ver como ela estava antes que ele tivesse que assistir

a essa maldita procissão, que ele não conseguia identificar o que era aquela sensação.

—Nós também vamos lançar sobre os homens— disse Ophelia rapidamente, antes que Cassius pudesse responder, como ele havia aberto a boca para fazer.

Cassius sabiamente fechou a boca e um músculo saltou em sua bochecha.

Elena se afastou de seu pretendente e cruzou os braços com raiva sobre o peito.

—Preciso de um momento com minha noiva— decretou Mars.

Excelente.

Mars se encarregaria de Silence.

True poderia subir para dar uma olhada em Farah.

Ele se virou para fazer isso, mas parou quando viu Aramus.

O rei sentiu seu olhar e voltou sua atenção para True.

—Minhas mais profundas condolências, meu irmão— disse ele em voz baixa.

Ha-Lah se aproximou ainda mais do marido.

Aramus simplesmente olhou para ele, antes de erguer o queixo de forma brusca.

True saiu da sala, foi até as escadas, subiu-as e foi para o quarto de Farah.

Graças aos deuses, ela estava dormindo quando ele chegou.

Mesmo assim, ele se sentou na cama e acariciou seus cabelos

macios.

Em seguida, tentou encontrar o caminho para onde ela estava em sua mente.

Ele não tinha irmãos ou irmãs, e ela não tinha irmãos ou irmãs.

Mas ele tinha algo que ela não tinha.

Ele tinha primos, sendo que o mais próximo deles era Silence. Ele não podia dizer que ela era próxima como uma irmã, mas ele se importava muito com ela, e ela com ele. E se algo acontecesse com ele, ela o apoiaria, assim como ele a ela.

Ele tinha um pai fraco e ela tinha o mais fraco dos pais que poderia existir.

Mas o pai dele estava vivo.

Os ossos de seu pai foram preservados nas lonas da Cidade do Fogo depois que ele cometeu regicídio e deixou que ela e sua mãe arcassem com as consequências de suas ações enquanto ainda respiravam.

Sua mãe tinha sido leal e amorosa.

A mãe dele era a mesma, a última de uma forma um tanto fria e muitas vezes calculista, mas isso era para o bem do marido e do filho.

Ela também estava viva.

Portanto, True não conseguia se colocar no lugar de Farah. Ele não conseguia entender como ela se sentia sozinha.

Tudo o que ele podia fazer era o que fosse necessário para que ela não se sentisse sozinha e também amada.

Mars o ajudaria com isso, obviamente.

Assim como Silence, como era de seu feitio.

E se Farah pudesse perdoá-la, True também o faria, então ela teria Elpis.

Mas sua mãe também estaria lá para sua noiva.

Ele sabia que a Rainha Mercy não tinha respeito por sua noiva.

Ela também não tinha motivo para sua intolerância.

Ela precisaria encontrar uma maneira de superar isso.

Imediatamente.

Ou ela ficaria sem um filho.

Pois True logo teria uma esposa, a mãe de seus filhos, a futura rainha de seu país.

Ele havia percebido naquela noite que ela era a coisa mais importante em sua vida.

E sempre seria.

Sua mãe saberia disso, e logo saberia.

Assim como sua Farah.



Rei Mars Laches

Estúdio³ do Rei, primeiro andar, corredor leste, Palácio Catrame,
Cidade do Fogo

FIRENZE

Quando a porta se fechou atrás de Lorenz, o último a sair, Mars se voltou para sua Silence, ainda enrolada em seu colo.

—Amore⁴— ele chamou.

Ela inclinou a cabeça para trás para olhar para ele.

Ele ignorou as roupas dela. A pele de seus braços coberta de sangue. As visões em sua cabeça dela sendo arrastada até a janela aberta por seus gloriosos cabelos.

E ele ignorou especialmente o hematoma no pescoço dela.

Ele tinha que ignorar essas coisas, ou a raiva voltaria e a plenitude de sua vingança não seria cumprida, pois ele a deixaria de lado, encontraria os homens que ainda restavam e os despacharia muito mais rapidamente do que mereciam.

Em vez disso, ele olhou para os olhos prateados dela.

—Precisamos de palavras— ele murmurou.

—Estou bem, Mars— assegurou ela.

Mas ela não estava.

Seu comportamento havia mudado, e não era devido ao choque ou ao medo.

Ou talvez fosse, já que ela estava fechada.

Ele a tinha visto assim apenas uma vez antes. Quando ela entrou em sua sala do trono no momento em que ele a viu pela primeira vez.

Só que, naquela ocasião, ela estava guardada e fechada, e foram necessárias apenas algumas palavras para atraí-la para fora.

Agora ela simplesmente parecia...

Sumida.

—Você suportou muito, meu macaquinho— ele a lembrou. —E

agora, a sós, só você e eu, vou saber o que você acha de ir para o fosso.

—Eu vou.

—Você já disse isso— respondeu ele. —Não é isso que estamos discutindo. Como observei, saberei seus sentimentos sobre isso e então decidirei se você irá ou ficará.

—A Rainha Elpis irá?— perguntou ela.

—Ela irá. Mas você não é minha mãe— respondeu ele.

—Eu serei a rainha— ela respondeu. —E assim, isso será esperado.

—Silence...

—Eu estou indo— ela repetiu.

Mars permitiu que seu olhar percorresse o rosto dela.

Ela estava lá, em seus braços, mas ele não conseguia se livrar da *sensação* de que ela havia partido.

—Quando coisas como essa acontecem— ele começou cuidadosamente, —é importante falar sobre elas.

—Estou bem.

—Você mudou.

—Provavelmente mudarei muito ao longo de nossos anos juntos, lutando contra a Besta, você superando tentativas de golpe, confrontos de clãs, guerras tribais. É a natureza do ser, especialmente em Firenze.

—E nós falaremos sobre isso— declarou ele.

—Sim— ela concordou imediatamente.

—Honestamente— ele acrescentou.

Ela hesitou antes de repetir: —Sim.

Ele não gostou da hesitação.

A luz dela estava apagada.

—Silence...

Ela o empurrou para começar a se levantar, perguntando: —Não deveríamos ir?

—Temos outra coisa para discutir.

Ela se acomodou e olhou para ele pacientemente.

Ele lutou para ranger os dentes com a perda da curiosidade, da atenção e do que ele agora sabia, já que havia desaparecido, que era a consciência constante e o interesse por ele que não fazia mais parte da expressão dela.

—O que mais precisamos discutir?— ela perguntou quando Mars não falou.

—Quero que você jure, agora mesmo, que se algo assim acontecer novamente, o que não acontecerá, mas, se acontecer, quando um guerreiro o colocar em segurança e ele lhe disser para correr, você fará o que lhe foi dito e *correrá*.

Ela o encarou, com uma mudança inconstante do tom prateado de seus olhos, a única indicação de que não havia gostado de suas palavras.

—Eles ainda estão contando as partes dos corpos, mas pelo menos cem homens atacaram este palácio— ele continuou. —Se não fosse pela força e habilidade daqueles que estavam perto de seu quarto, você poderia ter sido morta facilmente.

—Há pouco, você se gabou de eu ter pegado uma adaga— comentou ela.

—Antes, meus barões e chefes estavam aqui, e você deseja impressioná-los, então eu me gabei de algo que significaria algo para você, assim como significaria algo para eles. No entanto, isso significa algo totalmente diferente para mim.

Ela balançou a cabeça. —Não tenho certeza se era seguro para mim escapar.

—Serena relatou que Elena lhe disse para correr, algo que ela não faria se não fosse seguro para você correr. Em vez disso, você atacou um oponente que Elena eliminou facilmente.

—Eu estava bem aqui, Mars. Ouvi Serena relatar isso. E só para dizer, eu estava lá, e não faz muito tempo. Eu me lembro do que aconteceu.

—Não é prudente que você seja irreverente neste momento, *piccolina*— ele advertiu.

Ela ficou em silêncio.

—Tenho sua promessa de que não agirá de forma tão tola novamente?— ele insistiu.

—Não vou agir de forma tão tola novamente, Mars.

Ele não gostou do tom dela. A maneira rotineira com que as palavras dela foram ditas.

Não como se ela não estivesse falando sério.

Como se não significasse nada para ela dizê-las, mesmo que, ao dizê-las, significassem muito para ele saber que sua noiva se manteria segura.

Em resposta a isso, Mars a puxou para mais perto e sussurrou: —

Há uma grande mudança em você, *mia bellezza*.

—Estou ensanguentada, cansada, Sofia está perdida, ela era uma alma bondosa que tocou a minha por muito pouco tempo, ontem foi longo, esta noite mais longa e, portanto, este dia parece ser o mais longo de todos.

—E nós nos casaremos no final dele.

—É claro— disse ela, como se ele tivesse lhe dito que eles iriam jantar juntos no final.

Ele decidiu não falar sobre isso.

—E eu perdi uma mulher que conheci durante toda a minha vida e que significa muito para mim.

Foi isso que a comoveu.

Ela ergueu a mão até a mandíbula dele, com o rosto suavizado, e disse gentilmente: —Sinto muito, Mars.

Ele a estudou, notou que a suavidade de seu rosto transformou a prata de seus olhos em um líquido, o que o fez virar a cabeça e beijar a pele de sua palma.

Quando ele voltou, disse: —É com escuridão em meu coração que a primeira ocasião oficial em que você estará ao meu lado como minha rainha, que não seja o nosso casamento, será o funeral da mulher que ajudou a me criar. Mas nós lhe daremos o rito que ela merece quanto ao seu lugar neste palácio, seu lugar no coração de meu pai e seu lugar no meu.

—Será com o coração triste, mas ainda assim será uma honra estar ao seu lado para isso, meu rei.

E essa era sua Silence.

Mars se abaixou para tocar sua boca na dela.

Quando ele se afastou, perguntou: —Você tem certeza de que deseja participar da procissão?

Silence assentiu com a cabeça.

—Se precisar sair, eu a levarei de volta.

—Isso não vai acontecer.

—Você não precisa se tornar minha mãe em um dia, Silence.

—Sim, eu preciso, Mars.

Mars a estudou novamente.

Sim, essa era a Silence dele.

E, pelos deuses, ela o agradava.

A cada dia, de novas maneiras, isso acontecia mais e mais.

Ela estava certa. O dia de ontem tinha sido agitado, aquela noite foi cheia de problemas e muita coisa estava acontecendo naquele dia.

Talvez ela estivesse conservando energia para suportar tudo isso.

Isso era sábio.

Era Silence.

Ele não deveria se preocupar. Sua noiva era inteligente. Ele já sabia disso.

Ela simplesmente continuava a provar isso.

Ele se levantou, segurando-a contra si enquanto o fazia.

Ele só soltou uma parte dela quando estava de pé.

Depois que as pernas dela se moveram em direção ao chão, ele a

segurou perto de si, os dedos dos pés dela roçando a parte superior dos pés dele.

—Então vamos terminar isso— ele murmurou.

Sua noiva assentiu com a cabeça.

Mars então a colocou de pé, pegou a mão dela, aconchegou-a em seu peito e os levou até a porta.

Ele cavalgaria até o fosso descalço e com o peito nu.

Ela cavalgaria diante dele em sua montaria, descalça, ensanguentada, mas totalmente intacta, saudável e resplandecente em sua vitória.

E seu povo veria, muito mais do que qualquer vestido vermelho elegante poderia lhes mostrar, a grande força e a veracidade da mulher que muito em breve seria sua rainha.



G'Seph

Catacumbas, Templo Go'Doan, Cidade do Fogo
FIRENZE

Em um acesso de fúria, G'Seph mandou os potes de barro pelos ares.

Eles se chocaram contra os sepulcros vazios das paredes, esculpidos e esperando para carregar os ossos envoltos em mortalhas dos sacerdotes mortos, com as cinzas do incenso gasto nos potes empoeirando o ar.

—*Como isso pôde falhar?*— ele gritou.

—Meu senhor— murmurou um dos homens atrás dele.

Seph se virou, levantando o braço e dando um tapa nas costas do soldado. Quando a cabeça do homem se inclinou para o lado, Seph se aproximou dele, colocando as mãos em seus ombros e levantando o joelho coberto pelas vestes escuras da Ascensão, atingindo o soldado bruscamente na virilha.

As mãos do homem foram para a virilha, ele se curvou e tossiu.

Seph o algemou novamente com o punho cheio na lateral da cabeça e o homem caiu sobre um quadril.

Foi então que ele o chutou com o pé calçado com a sandália bem no rosto.

Seph deu um passo para trás, olhando para o corte que havia se aberto na maçã do rosto do homem, que estava escorrendo sangue, e ele fez isso respirando pesadamente.

Nenhum outro soldado se atreveu a falar.

G'Seph olhou para um de seus outros tenentes. —Alguém foi levado vivo?

Seu tenente não respondeu à sua pergunta.

E, no entanto, ele respondeu.

Ele aconselhou: —Devemos fugir da cidade, meu soberano.

—Como isso aconteceu?— Seph sibilou. —Eles tinham poucos guardas. Nossos homens os superavam em dez para um, *no mínimo*. E nosso esquadrão era todo *Firenz*. Eles são bestas!

—Nós... nós não... nós não sabemos, senhor— gaguejou o tenente.

—A notícia está se espalhando pela cidade— cuspiu Seph. —Aqueles homens não conseguiram nem matar a garotinha Dellish. Ela

não pode pesar nem cinquenta quilos! Como ela pode vencer um Firenz de cento e quinze quilos? *Como diabos ela pode vencer cem deles?*

—Nós... desculpe, mas não sabemos, senhor— repetiu o tenente.

Seph balançou a cabeça com desgosto.

—Esta noite foi planejada para ver o fim dela. O fim de True. O fim de Ophelia— disse ele. —Colocar Wodell contra Firenze em vingança por seu príncipe e sua Condessa de Arbor. Enfraquecer os Nadirii, pois isso passaria para a irmã mais velha, que não reconheceria um ato de diplomacia se ele a atingisse na cara. O que, por sua vez, significaria que a mais jovem precisaria disputar o novo reinado. E, à medida que isso acontecesse e a mais velha enfraquecesse sua nação guerreira, ela voltaria *todos* contra os Nadirii. Mal podemos esperar para que essa rainha doente encontre seu fim! A irmã precisa ser colocada contra a irmã para que os Nadirii caiam.

Ele não sabia por que estava explicando a trama para eles. Todos eles sabiam disso tão bem quanto ele.

—*Por Go'Bedi!*⁵— ele gritou. —*Como foi que falhamos?*

—Senhor, preciso implorar que dê a ordem para que os soldados da Ascensão fujam da cidade imediatamente— implorou outro tenente. —Alguns de nossos recrutas foram capturados. Podemos estar expostos.

—E por que isso?— perguntou ele. —Os que foram capturados sabem que não devem falar nada sobre Ascensão.

—Não podemos presumir que eles farão o que foi instruído. Eles serão torturados, se é que já não foram, e levados para os fossos. Eles poderiam compartilhar nossa missão sagrada na esperança de obter misericórdia.

—Todos eles sabiam que essa seria uma eventualidade se falhassem— respondeu Seph.

—Nenhum de nós esperava que eles fracassassem— respondeu seu tenente.

Isso era verdade.

Pois não deveria ter falhado.

Havia uma guarda significativamente reduzida no palácio. Eles haviam se encarregado disso. Eles deveriam ter despachado o waif silenciosamente e ido atrás dos outros sem que um alarme fosse dado e, então, escapado ilesos ou, pelo menos, com pequenas perdas devido ao seu número muito superior, pelo bem de Go'Vicee⁶.

Seph respirou fundo em seu nariz.

—Portanto, também não podemos presumir que eles vão acreditar que isso não passa de outro golpe dos Firenz contra o rei em exercício — continuou o tenente.

—Não podemos fugir da cidade— declarou Seph.

—Mas, meu senhor...

Seph se inclinou para frente e berrou: —*Não sairemos da cidade!*

Ele se inclinou para trás, respirou fundo novamente e se acalmou.

—Se o fizéssemos, eles suspeitariam. G'Dor e nenhum dos homens que ele recrutou falaram uma palavra sequer sobre a Ascensão. Mars e seus homens investigaram isso minuciosamente. Até mesmo entrando nos limites sagrados deste mesmo templo... *três vezes...* para procurar alguma evidência de colaboração de Go'Doan— Ele balançou a cabeça. —Não. Um homem pode e dirá qualquer coisa sob tortura. Raramente é a verdade. E Mars sabe disso.

—Receio que ainda estejamos vulneráveis— murmurou seu homem.

—Então vamos nos fortalecer novamente— retornou Seph. —E

começaremos a fazer isso não mostrando nossa posição com uma *fuga* sangrenta.

Ninguém respondeu, o que foi muito bom, pois Seph estava cansado dessa conversa.

Além disso, havia muito o que fazer.

Distraidamente, ele os examinou antes de dispensá-los.

Mas ele continuou.

—Onde está G'Drey?— perguntou.

—Meu senhor?— um de seus tenentes perguntou em resposta.

—Onde está G'Drey?— ele exigiu, mais alto e mais agudo.

Houve um barulho de pés que fez com que o sangue quente no corpo de Seph parecesse ferver antes que um homem na parte de trás falasse.

—Ele sofreu um acidente a caminho da escola.

O queixo de Seph se contraiu em seu pescoço. — Perdão?

—Ele sofreu um acidente, meu soberano.

—Venha para a frente— ordenou G'Seph.

O homem se mexeu entre os corpos ao seu redor, hesitante, mas se aproximou.

— O que aconteceu com Drey?— Seph perguntou calmamente quando o soldado estava diante dele.

—Aparentemente, meu soberano, a caminho da escola, ele virou uma esquina quando um cavalo estava descendo a rua. Ele deu um susto no cavalo, que se levantou e o atingiu na cabeça com um casco.

Ele recebeu um ferimento na cabeça e foi levado para uma enfermaria de Firenz. Um guarda municipal Firenz veio e relatou o fato ontem à tarde.

Foi aí que o sangue de Seph esfriou.

Pois eles poderiam estar tratando um ferimento na cabeça.

Mas, ao fazer isso, sem dúvida encontrariam seus outros ferimentos.

E seriam feitas perguntas.

Sem mencionar que Seph havia chicoteado aquele padre fraco.

G'Drey era devoto da Ascensão. Ninguém que soubesse da conspiração não havia sido examinado e, portanto, conhecido por ser fiel à causa justa.

Mas Drey era fraco de vontade.

Essa história poderia ser um ardil. Drey poderia ter ido até os Firenz e compartilhado a trama.

Pois o idiota estava sendo fodido pelo principal general de Mars, e nem sabia disso.

Querido *Bedi*.

—E por que isso não foi relatado a mim?— perguntou Seph.

—Por quê?— perguntou o homem, estupidamente, em resposta.

—Sim, por quê?

—Bem, meu senhor, você nos instruiu a sermos cautelosos com G'Drey e não...

Seph se virou, encontrando o cabo de qualquer instrumento que

estivesse mais próximo, instrumentos que eram mantidos ali para momentos como esse e outros mais.

Era uma vara.

A perfeição.

Ele então o levantou e o derrubou violentamente na bochecha do homem. E mais uma vez. E mais uma vez. De novo. De novo. E mais uma vez. Até que o soldado caiu sobre uma mão e seus joelhos, levantando o outro braço para evitar os golpes que Seph continuava a desferir sobre ele.

G'Seph se cansou da colheita, jogou-a de lado e deu-lhe um chute no rosto, levando-o para as costas.

E ele fez isso de novo.

De novo.

E mais uma vez.

Quando o soldado estava encolhido em si mesmo, com os braços sobre a cabeça, Seph parou e gritou: —*Dispam-no!* Amarre-o na laje, cinquenta chibatadas. E alguém vá até a maldita enfermaria, encontre o *maldito* G'Drey e o traga de volta! *Imediatamente!*

Os homens se dirigiram para o soldado no chão ou para fora da sala, mas Seph olhou para seus tenentes.

—Nós *não* fugimos— declarou ele. —O Go'Doan não teve nada a ver com esse golpe, não importa o que um desses infiéis possa dizer.

—Senhor, perdemos mais de cem soldados de infantaria com isso...

—Nós os substituiremos— afirmou Seph, de forma despreocupada.

—Esta é a nossa segunda falha...

Ah, sim.

Ele estava cansado dessa conversa.

— Fique em silêncio— sussurrou Seph. —O recrutamento continua sem parar em escolas e hospitais. Firenz, Dellish e até Airenzianos se ajoelham em gratidão pela cura de seus entes queridos e pela promessa de um futuro brilhante para seus filhos. É ridículo, mas todos nós sabemos como funciona muito bem. E continuará funcionando. A Ascensão sofreu um revés, mas vamos nos recuperar, nos reagrupar e nos erguer novamente. Muito mais rapidamente desta vez. Tão rapidamente que eles não vão esperar.

Ele se virou para outro de seus soldados.

—Envie um pássaro para G'Fenn em Go'Doan. Relate esses acontecimentos. Compartilhe nossa derrota, mas diga que não estamos derrotados. Farei com que eu acompanhe a cavalgada quando eles deixarem Firenze. Nós nos ergueremos novamente em Wodell.

O homem assentiu e se moveu para passar por aqueles que estavam atrás dele.

Seph esperou até que as chicotadas comessem.

Mas ele não esperou para ver o fim.

Ele queria ver.

Mas não podia.

Ele tinha muito a fazer.



O Golpe Mortal

Príncipe Cassius

Suíte de hóspedes, segundo andar, corredor leste, Palácio Catrame,
Cidade do Fogo

FIRENZE

Sua intenção se voltou para ele no momento em que ele fechou a porta depois de segui-la até o quarto dela.

—Eu o convidei para entrar em meu quarto?— Elena perguntou.

—Onde está Theodora?— Cassius perguntou em retorno.

Ela cruzou os braços sobre o peito e inclinou o queixo para cima.
—O palácio não é mais seguro. Eu a mandei para o acampamento dos Nadirii. Com minhas irmãs. Elas têm poder e magia. Elas não permitirão que nada a prejudique.

—Essa é uma boa decisão— ele murmurou.

—Não me importa se você acha que é ou não— ela retrucou.

Sua princesa estava irritada.

Isso não era novidade. Ela estava nesse estado desde o fim do ataque.

Ou, precisamente, alguns momentos antes.

Cassius simplesmente estava se cansando disso.

—Elena...— ele começou com um suspiro.

—Você pode ir embora. Preciso me equipar para a procissão— ela o interrompeu, baixando os braços e se afastando, dispensando-o.

Ele não sabia o que significava 'equipar'. Ela já havia vestido sua túnica de Nadirii. Algo que ele teria considerado uma vantagem, considerando que ela havia lutado em uma minúscula camisola com alças finas e uma bainha que mal cobria sua bunda. Uma roupa que forçou Cassius a entender que as pernas longas e bem torneadas dela eram milagrosas, considerando que ele as queria enroladas em suas costas, mesmo que estivessem cobertas de sangue.

No entanto, ele sabia o que ela usava sob aquela túnica. E seu cérebro tinha sido marcado com imagens dela se esticando no jardim usando apenas a meia⁷.

Portanto, não era a vantagem que ele gostaria que fosse.

—Acho que é mais importante discutirmos sua irritação— respondeu ele.

Isso fez com que ela voltasse a prestar atenção.

E ela fez isso torcendo o pescoço para olhá-lo com os olhos estreitados.

— Minha... *irritação*?

—Permita-me nos levar de volta à manhã de ontem, na fonte— ele começou.

A boca dela ficou apertada.

—Até ontem à tarde, nossa conversa depois que o Go'Doan falou com você— ele continuou.

Toda a estrutura dela ficou tensa.

—E ontem à noite, em meus aposentos— ele terminou calmamente.

Todas essas ocasiões tinham sido promissoras.

A noite passada, antes do ataque, foi a mais promissora de todas.

Eles haviam passado algum tempo juntos em seu quarto depois do jantar na noite anterior.

Na maior parte do tempo, eles conversaram, Cassius compartilhou as muitas questões que haviam sido discutidas e decididas na mesa diplomática, muitas delas afetando-a como princesa dos Nadirii, mas principalmente como sua noiva, a futura princesa do regente de Airen - e, eventualmente, a rainha de Airen.

Ele ficou surpreso com o fato de a mãe dela não tê-la informado sobre essas decisões.

No entanto, no final, ele se alegrou, pois foi capaz de compartilhar a plenitude delas, fortalecendo ainda mais a comunicação que estava surgindo, estabelecendo confiança e usando ambas para aproximá-la dele.

Eles terminaram esse interlúdio abraçados por algum tempo em um divã em seus aposentos.

Embora ela tivesse se apaixonado por ele rapidamente, como nas poucas vezes anteriores, ao contrário daquelas vezes, quanto mais tempo eles compartilhavam a intimidade, mais nervosa ela ficava.

Cassius entendeu que isso tinha a ver com a declaração de que ele havia lhe dado um clímax no jardim naquela manhã, mas que não havia sido correspondido, e ele desejava que fosse assim.

Assim, ele encerrou gentilmente o tempo que passaram juntos,

decidindo que isso precisaria ser conduzido, acontecer naturalmente, e não anunciado, para depois ser tomado.

No entanto, na maior parte do tempo, ela reagiu muito bem a ele.

Pode-se dizer que eles tinham química. Ela o excitava, ele a excitava.

Mas ela ainda era virgem, e eles se conheciam há apenas alguns dias.

Ele tinha que ser cauteloso, aparentemente em todas as coisas, e dar a ela tempo para se acostumar com ele.

De forma animadora, o impossível parecia estar acontecendo. Eles estavam aprendendo a entrar em acordo e fazendo isso rapidamente.

Uma Nadirii e um Airenziano.

Inacreditável.

Mas era verdade.

Até agora.

—Vamos voltar a ser como éramos naquela época— sugeriu ele.

Elena se virou totalmente para ele.

—Com sua mão entre minhas pernas? - perguntou ela sarcasticamente. —Ou com sua língua em minha boca?

—Eu me referia a nós falando um com o outro e ouvindo um ao outro de maneira civilizada— ele respondeu, buscando paciência.

—Fizemos isso antes de você se comportar da maneira como se comportou durante a luta— ela retrucou.

—Elena...

—Não sei quem eram os agressores, mas eles não eram treinados. Facilmente despachados. Eles consideraram a surpresa, os números e a força bruta mais importantes do que a habilidade e a estratégia. Essa é sempre uma jogada errada, como foi na noite passada. Eu não estava correndo perigo.

—Eu discordo, minha princesa, pois no momento em que entrei naquela sala, você estava a momentos de receber um golpe mortal.

—E isso aconteceu?— ela perguntou.

—Não— ele gritou. —Mas somente porque True intercedeu.

—Eu sabia que ele estava perto, Cassius— ela cuspiu. —Qualquer guerreiro em qualquer batalha sabe onde estão seus aliados.

Ela queria falar sobre isso?

Eles fariam sobre isso.

Completamente.

—E é claro que era True quem estava por perto— ele retornou.

—Ele estava lutando por Silence.

Ela poderia estar certa.

Ela ainda estava errada.

—Ele estava lutando por você.

Ela balançou a cabeça. —Você não pode dizer isso porque acabou de chegar.

—Posso dizer isso porque ele está apaixonado por você.

—Ele não parecia estar apaixonado por mim há pouco tempo, quando entrou em conflito com Mars por causa de Farah.

—E isso a magoa, minha futura esposa?— ele disse.

Ela piscou rapidamente três vezes antes que seus olhos ficassem abertos e o fizeram de forma ampla.

—Eu não sou mais de True— ela disse.

Ah, não.

Não mesmo.

Essas palavras não saíram de sua boca.

Ele se inclinou para a frente e respondeu: —Você nunca foi de True.

Os olhos dela se estreitaram novamente. —Você não pode saber o que True e eu tivemos.

—Eu sei que ele nunca colocou a mão entre suas pernas.

Ela ofegou, e suas bochechas coraram.

Ele não sabia disso. Não com certeza.

Mas ele sabia naquele momento.

E ficou absurdamente satisfeito por saber disso.

Assim, Cassius ainda não havia terminado. —Isso é exclusivamente meu e será exclusivamente meu para sempre.

—Você pode ir embora agora— ela sibilou.

—Ele colocou a língua em sua boca?— ele exigiu.

Ela o encarou com incredulidade antes de declarar: —Você não pode estar com ciúmes.

—Você não sabe nada sobre homens. Homens *de verdade*. Não

pode saber o que eu sou ou deixo de ser— retrucou ele. —Agora me responda: ele já provou sua boca?

Ela se virou para ele, murmurando: —Não estou participando desta conversa.

—Você está mesmo— ele contradisse.

Ela se virou novamente para ele. —É por isso que você me carregou para fora da luta, não como se eu fosse o que sou, uma guerreira treinada, mas como se eu fosse uma donzela em perigo que precisa de um homem para mantê-la segura? Porque estava com ciúmes de True e eu estarmos lutando lado a lado?

—Você não está respondendo à minha pergunta, Elena.

—Você não está respondendo a minha— ela devolveu.

—Você não pode me conhecer e não saber exatamente por que eu a tirei do caminho do perigo— ele disse a ela.

—Você *não pode* me conhecer e não saber que eu não preciso que você me tire do perigo.— Ela deu um passo em direção a ele. —Nós não nos encontramos em batalha, Cassius, mas, pela deusa, você deve saber que eu não fico parada em minha casa na árvore fazendo cestas de vime. Eu patrulho. Não uso meu arco apenas para desfilar. Não uso meu cajado apenas para manter meus braços em forma. Não há uma única patrulha em que eu não entre em conflito com um bandido ou feiticeiro que esteja tentando invadir os Encantamentos. E isso pode não ser muitas vezes corpo a corpo, mas certamente é muitas vezes espada a espada.

Cassius sentiu um aperto no peito.

E era doloroso.

Uma dor que ele tinha que parar.

—Pare de falar— ele rosnou.

Ela não parou de falar

—Você não conhece mulheres como eu e vou avisá-lo agora e pedir-lhe que preste atenção a esse aviso. Você precisa ter cuidado ao lidar com uma mulher como eu. Tudo isso é muito bom, e eu não apenas aplaudo seus esforços, como também os defenderei no progresso que deseja fazer para as mulheres de seu reino. Mas eu não sou uma delas.

Ela não era.

Mas ela seria.

—Essa será sua última batalha, Elena— ele decretou.

Diante disso, os olhos dela ficaram enormes.

—E vou repetir o que já informei antes. Você limitará significativamente o tempo que passa com True. Ou seja, só passará tempo com ele quando eu estiver com você— concluiu.

—Você não pode me dizer com quem posso ficar.

—Acabei de dizer.

Ela o estudou por um longo momento antes de sussurrar: —Você está louco?

—Não estou. Eu sou o Príncipe Regente. Serei rei. Mas para você, o mais importante, serei meu marido.

Elena ainda estava sussurrando quando disse: —Você está louco.

Cassius não se dignou a responder.

Ele estava se casando com uma Nadirii.

Ele sabia disso.

Mas ela estava se casando com um Airenziano.

Ela também sabia disso.

Eles fariam concessões em sua vida juntos.

No entanto, esses não estariam entre eles.

Sua voz estava vibrando de fúria quando ela declarou: —Você precisa ir embora agora.

—Sem dúvida— declarou ele. —E você pendurará seu arco, a menos que o use para um desfile ou para ensinar nossas filhas a encordoar o arco delas, por interesse e para a plenitude de sua educação. Isso é tudo. Mas agora, você vai se arrumar, seja como for, enquanto eu espero, e caminharemos juntos para nos juntarmos à procissão.

—Saia— ela exigiu.

—Saia— devolveu ele.

—Saia ou eu o forçarei a sair.

—Você não conseguiria fazer isso— ele zombou.

A voz dela estava arrepiada quando respondeu: —Você não quer tentar isso.

Cassius estendeu os braços para o lado. —Mais uma vez, você não pode saber disso.

Ela não hesitou.

Ela atacou.

Seu ataque foi uma surpresa, mesmo que não tenha sido.

O que foi realmente uma surpresa foi que, em pouco tempo, ela o colocou de joelhos e quase enfiou o braço dele nas costas de uma forma que seria difícil e doloroso se desvencilhar.

E poderia até quebrar um osso.

Ou, no mínimo, deslocar seu ombro.

Portanto, ele não teve escolha a não ser usar a força que ela tinha sobre ele para balançá-la.

Isso a tirou do chão, mas antes que ela caísse, ele se levantou e a pegou em seus braços.

Em seguida, jogou-a na cama.

Ela se levantou instantaneamente com a graça de conhecer cada centímetro de seu corpo e saber como usá-lo. Assim, ela se firmou no colchão e se lançou de volta contra ele, de frente para a cama.

Ele a pegou novamente, e ela usou os braços e as pernas ao redor do tronco dele para torcê-lo dolorosamente.

Assim, ele foi forçado a se mover com a rotação, e assim o fez. Depois, ele recuou em direção à cama dela, caiu nela e rolou sobre ela.

—Chega— disse ele quando a dominou.

Ela se debateu sob ele ao mesmo tempo em que tentava se firmar em seu cabelo.

E isso significava que ele tinha que pegar os dois pulsos dela e prendê-los na cama sobre sua cabeça.

Putá que pariu, ela se sentia bem debaixo dele.

E o cheiro dela...

—Chega— ele gritou no rosto dela. —Você não pode vencer no corpo a corpo, e é aí que quero chegar.

—Pegue sua espada larga e veremos o que você quer dizer— retrucou ela, respirando pesadamente devido ao esforço e à fúria, o que não facilitou em nada ficar deitado sobre ela e não ficar duro, algo que ele já estava lutando muito para conseguir.

—Continuaremos a discutir isso mais tarde, quando você tiver se acalmado— ele rosnou.

—Não discutiremos *nada* em *nenhum momento*. Acabamos, Cassius. Você é regente. Você será o rei. Pode fazer qualquer coisa com seu reino. Inclusive permitir que sua filha assuma o trono. Você não precisa de herdeiro. O senhor tem um herdeiro. Eu serei sua esposa. Lutaremos contra a Besta. E então viverei em minha casa na árvore nos Encantamentos com Dora e continuarei minha vida como quiser, e *você* fará o que quiser, mas sem mim.

O peito dele não ficou apertado com a declaração dela.

Ele ardia.

—Nós já fizemos nosso acordo, minha guerreira— ele a lembrou.

—Não, você fez seu decreto. Preste atenção, meu guerreiro, você pode ser capaz de me vencer no corpo a corpo, mas nunca me submeterá aos seus caprichos.

—Você deseja testar isso?— perguntou ele.

—Acho que é melhor fazer essa pergunta a você— respondeu ela.

Ele se aproximou mais e sussurrou: —Posso sentir o cheiro de sua excitação.

O queixo dela mergulhou em seu pescoço e ele viu a verdade de sua afirmação brilhar rapidamente em seus olhos.

Cassius não cedeu.

—Você gosta de lutar, verbalmente, fisicamente. Gosta do meu peso. Você quer minha boca em você. Quer minhas mãos em você. Você anseia por isso, Elena. Eu posso sentir isso. Posso sentir seu *cheiro*.

—Isso é um absurdo— ela sibilou, mas sua respiração estava ficando ainda mais rápida.

—Então você quer testar isso.

—Saia de cima de mim— ela gritou.

—Entendo— ele murmurou, estudando a boca dela. —Você não quer testar isso porque sabe que estou certo.

—Saia de cima de mim, Cassius.

Ele olhou para os olhos dela. —O True já tocou sua boca?

—Sim— ela mordeu.

—Mentirosa— ele sussurrou.

Ela virou a cabeça para o lado e ele a observou engolir.

Parecia doloroso.

Ele não gostava disso para ela.

Portanto, foi então que ele cedeu.

Ele continuou segurando os pulsos dela, mas o fez usando os polegares para acariciar as maçãs das palmas das mãos.

Ela engoliu novamente, por um motivo diferente dessa vez, e ele falou.

—Nem mesmo um beijo roubado, meu cordeiro?— ele perguntou

gentilmente.

—Eu não sou seu cordeiro.

Oh, mas ela era.

Divertida e animada na luta.

Suave, inocente e com os olhos marejados após o clímax.

Arisca e teimosa, fingindo que não o desejava tanto quanto ele a desejava.

—Sim, você é.

Ela balançou a cabeça, ainda virada para o outro lado. —Por favor, saia de cima de mim.

—True é um cavalheiro.

—E você não é.

Ele não precisava ser.

Ele seria o marido dela.

—True não era para ser— ele lhe disse calmamente. —Se fosse, ele teria tido você. E você o teria tido. Nós mal nos conhecemos, minha princesa, mas não conseguimos manter nossas mãos longe um do outro. Há uma razão para isso. Há uma razão para você se sentir como se sente agora, com meu peso sobre você. O que eu sinto, com a sua suavidade sob mim, o seu cheiro em meu nariz. Nós fomos feitos para ser. Isso significa que você é minha, Elena. Não está vendo isso?

Ela não olhou para ele quando disse: —Não serei intimidada.

—Não acredito que você possa sequer começar a pensar que eu quero intimidá-la, minha guerreira— ele sussurrou, e a cabeça dela se virou, seus olhos se aproximando dos dele. —Não acredito que você

possa sequer começar a pensar que eu gostaria de tirar qualquer parte do que faz de você.

—E como você concilia isso, Cassius?— ela exigiu. —Pegando-me e jogando-me para fora da luta. Isso é tirar uma grande parte de mim, meu príncipe.

Ela desejava isso?

Ela também queria isso.

—Minha falecida esposa era uma guerreira— ele respondeu, com a voz áspera.

Elena ficou completamente imóvel sob ele.

—Há diferentes tipos, minha princesa— ele compartilhou. —E ela lutou poderosamente. De certa forma, ela venceu. Ela me deu nossa filha. Ambos não pereceram na luta. Ela lutou, fez isso com bravura e conseguiu atingir seu objetivo. Ela também morreu fazendo isso. E fez isso com alegria. Sei disso porque a última coisa que ela fez nesta terra foi sorrir para mim enquanto eu segurava Aelia em minhas mãos, momentos depois de ela ter saído do ventre de sua mãe. Agora, reflita sobre isso, Elena. Você acha que eu a tirei da luta porque não confiava em sua capacidade? Ou você acha que, em um milhão de milênios, eu gostaria de perder outra guerreira para uma batalha fora do meu controle?

—Cassius— ela respirou, seu rosto se suavizou, seus olhos se aqueceram.

E ali estava seu cordeiro.

Mas era tarde demais.

Ele pode não ter vencido a discussão, mas ganhou seu argumento.

No entanto, ao forçá-lo a vencer, ela havia sangrado.

E ela tinha que aprender que essa não era uma maneira de vencer entre amantes.

Assim, ele empurrou os pulsos dela para cima, afastando-se dela e ficando de pé.

Ela se levantou até os cotovelos, mas olhou para o rosto dele quando ele a encarou, não fez nenhum outro movimento e não disse mais nenhuma palavra.

—Eu a encontrarei em nossos cavalos— declarou ele.

—É claro— ela sussurrou, sabendo que havia ferido seu oponente e concedendo graciosamente. —Descerei imediatamente.

Com isso, ele se virou e deixou os aposentos dela.

Ele não queria participar de uma procissão que o levaria a testemunhar a tortura e a execução, isso antes de se preparar para se juntar a uma multidão e ver seu amigo pegar sua corrente marital⁸ e dar a sua nova esposa a dela.

Ele queria uísque, um orgasmo e dormir.

Nessa ordem.

Todos com Elena.

Mesmo depois do episódio deles.

O que significa que talvez ela estivesse certa.

Ele estava louco.

Mas era isso que ele desejava.

No entanto, ele não tinha escolha.

Em vez disso, tinha em suas mãos tortura, morte, casamento e

uma noiva teimosa que nasceu guerreira e que ele não queria que morresse guerreira.

Ninguém estava mencionando, mas o último terremoto ocorrido horas antes de compartilhar explicitamente a Besta não só estava mais próximo da superfície, como também estava furioso.

E Cassius temia não conseguir convencer Elena a usar nada além de sua formidável magia para acabar com ela.

Assim, seu peito estava apertado novamente e seu coração estava pesado enquanto ele dava os passos que o levariam à frente do palácio para montar em seu cavalo e esperar sua noiva.

Ele deu esses passos pensando na carta de tarô que havia virado na manhã anterior.

A carta do Guerreiro que ele havia virado tinha a cabeça abaixada.

Sua armadura estava intacta. Seu corpo não estava ensanguentado.

Mas, mesmo assim, ele sentiu o gosto da derrota.

Cassius conhecia esse gosto.

Era vil.

E ele não iria experimentá-lo novamente.

A menos que não tivesse escolha.

Ele agora era um maldito Regente.

Mesmo assim, parecia que ele ainda vivia uma vida de escolhas limitadas.

Uma vida marcada por perdas profundas.

Tanto a do passado quanto a do passado.

E quando a carta do Guerreiro foi varrida de sua memória, e a visão que ele teve ao entrar no conflito, horas antes, de Elena sob uma espada erguida, encheu seu cérebro...

Ele sabia que havia uma possibilidade real de que a perda se aprofundasse em seu futuro.



Rainha Ha-Lah

Suíte de hóspedes, segundo andar, corredor leste, Palácio Catrame,
Cidade do Fogo
FIRENZE

—Eu vou com você.

—Você não vai.

—Meu rei, eu gostaria de ir com você— implorei.

—Você não irá— ele negou.

—Nós certamente estaremos protegidos.

—Isso não importa.

—Sei que pode ser difícil testemunhar, mas eu estaria ao seu lado durante todo esse tempo.

—Não preciso de você ao meu lado, Ha-Lah.

—Aramus— sussurrei.

—Xi e Nis ficarão para trás, ambos nesta sala, onde você permanecerá, esposa.

Depois de dar essa ordem, ele começou a se mover em direção à porta.

Eu o segui.

Rapidamente.

—Gostaria de ajudá-lo em sua dor— disse ao meu marido, estendendo a mão, quase tocando suas costas.

Mas minha mão caiu quando ele se virou e me fixou com um olhar tão feroz que senti minha respiração ficar presa na garganta.

—E como você faria isso, minha rainha?— perguntou ele de forma mordaz. Ele então inclinou a cabeça para o lado, seus olhos negros brilhando com escárnio. —Ah, sim. Eu me esqueci. Você me conhece tão bem. Você conhecia Cat tão bem. Com todo o interesse que você tem por mim. Meus homens. Esses meses de nosso casamento. Essas semanas em que você navegou comigo. Com a gente. Com eles. Com ele. Viajou comigo. Conosco. Com eles. Ele. Eles o mantiveram protegido e seguro. Você chegou a nos conhecer muito bem?

—Isso não é justo, Aramus, e você sabe disso— respondi suavemente.

Embora, desconfortavelmente, eu tivesse que admitir que ele tinha razão.

—Não é?— perguntou ele, com as sobrelhas erguidas. —Você gastou uma boa quantidade de energia para defender as baleias e os golfinhos, como se sente em relação à perda da vida dos homens?

Ele tinha razão.

Eu gastei essa energia em defesa de meus amigos.

Mas isso era ainda menos justo.

E ele também tinha que saber disso.

Aproximei-me um pouco mais, pensando em colocar a mão em seu peito de forma conciliatória.

Decidi não fazê-lo e simplesmente disse: —Sinto muito, muito mesmo que tenha perdido seu amigo, meu marido.

—Eu também lamento— respondeu ele. —Ele não terá esposa. Não terá filhos. Não terá nenhum neto que carregue algo dele de casa em casa só para mantê-lo por perto, mesmo que nunca o tenham conhecido, mas o conheciam e sabiam que ele era amado. Ele será apenas uma lembrança para mim, Tint, Bond, Oreti, Xi, Nis, Nav e, quando tivermos partido, ele terá partido, pois não haverá mais nenhum coração que o carregue.

Assenti com a cabeça, sentindo meus olhos marejarem e desejando inutilmente ter conhecido esse homem, ao mesmo tempo em que decidi, a partir daquele momento, fazer um esforço conjunto para conhecer os outros.

—Você o amava muito— sussurrei, e eu amava muito essa capacidade de emoção que meu marido estava demonstrando.

Mesmo que a ocasião para a qual ele estava demonstrando isso tenha partido meu coração.

—Ele era meu irmão— confirmou Aramus. —E agora ele será envolto, carregado através deste calor maldito, apodrecendo ao longo do caminho ...

—Não diga isso— insisti gentilmente. —Nem pense nisso.

Ele continuou como se eu não tivesse falado.

—Levado a bordo de um navio e levado para casa, apenas para ter as rochas negras de Mar-el empilhadas sobre o que restou dele, sem seus irmãos ao seu lado, pois estamos atravessando Tritão para assistir à porra de *casamentos*.

Ele estava sofrendo.

Muita dor.

—Você poderia, por favor, me deixar ir até você?— Eu perguntei, mesmo que houvesse apenas alguns metros de espaço entre nós, pareciam quilômetros.

—Você acha que eu preciso de seu conforto?— ele perguntou com desprezo.

Pisquei os olhos diante de seu tom.

Mas ele não parou por aí.

Infelizmente, meu marido não parou.

—Você não me deu nada neste casamento. Nada, Ha-Lah. O pouco que tenho, você me fez merecer. O mínimo de sua atenção, sua história, qualquer parte de você. Eu provavelmente deveria louvar Tritão e Medusa por não terem me obrigado a lutar e implorar por pedaços de você. Mas temo que não esteja com disposição para louvar nossos deuses neste momento, minha rainha. Há tornozelos para amarrar e gargantas para cortar.

Eu estremeci.

— Totalmente— ele cuspiu decisivamente quando percebeu minha reação. —Você não tem estômago para ser rainha.— Ele se inclinou em minha direção. —Em toda essa mudança, minha esposa, que eu farei em meu reino após o término dessa jornada ridícula e sangrenta, haverá mais uma. Quando eu tiver meu herdeiro, ele não terá a maior beleza do país. Ele escolherá quem quiser. Ela pode ser feia de rosto, desde que seja gentil de coração e tenha desejo por seu pênis, deseje sua companhia e apoie seus pensamentos. O que ele não terá é que não será sobrecarregado com uma rainha como *você*.

Com isso, estremeci e me afastei um pouco.

Parecia que seu lábio se curvaria ao me ver fazer isso, mas ele percebeu antes que isso acontecesse.

Em vez disso, ele desferiu seu golpe mortal.

—Vamos lutar contra essa maldita Besta. Não sei o que é o destino, o suposto poder dessas uniões de marido e mulher, só que isso não passa de uma bobagem. Mas, quando isso for feito, cortaremos nossos laços, você e eu. E então encontrarei uma rainha que *me* agrade. Uma rainha que combine com *Mar-el*. E *ela* me dará um herdeiro. Então, mudarei as leis de nossa terra para que meu filho só conheça a felicidade.

Com isso, ele se virou novamente e se dirigiu à porta.

—Rei Aramus— eu chamei.

Ele se encolheu na cintura e gritou: —O quê?

—Eu realmente sinto muito pela perda de um homem de quem você gostava tanto.

—Acredito nisso— ele mordeu.

—E lamento ainda mais a sua perda, pois eu estava me apaixonando por você, meu rei, e seu irmão teve uma morte honrosa, protegendo seu rei e sua rainha. Eu o carregarei em meu coração também, enquanto eu respirar, grato pelo sacrifício que ele fez por você e por mim. Mas na fúria de sua dor, você matou algo não tão precioso, mas que estava se tornando precioso para mim. E eu vou lamentar sua perda, não como você lamenta claramente, mas farei isso da mesma forma.

Enquanto eu falava, ele se virou totalmente para mim, com o pescoço inclinado e a raiva transparecendo em sua expressão.

Foi então que me afastei dele e fui em direção à banheira e ao meu vestiário.

—Ha-Lah— ele chamou.

Continuei andando.

—Ha-Lah— ele repetiu.

Não perdi um passo sequer.

—Minha rainha, volte para mim— ele ordenou, embora gentilmente.

Quando isso aconteceu, parei, virei apenas minha cabeça para ele e o olhei nos olhos.

Os meus estavam cheios de lágrimas.

Ao ver isso, *ele* se encolheu.

—Nunca— sussurrei.

E com esse voto, me afastei de meu rei.



O Sacerdote

Câmara⁹ de um Go'En¹⁰, Templo Go'Doan, Cidade do Fogo
FIRENZE

Sentado com as pernas cruzadas sobre um pentagrama cercado de símbolos sagrados desenhados com giz no assoalho, com velas pretas acesas ao seu redor, o sacerdote fechou os olhos, sentiu o sopro no estômago e, em forma astral, seu espírito deixou o corpo e ele subiu ao plano astral.

Exultante.

Alegre.

Vitorioso.

A Besta estava quase lá.

E ele estava furioso com o fato de um ritual ter sido realizado sem a presença de seu mestre.

Como deveria ser.

Tudo era exatamente como deveria ser.

Assim, o sacerdote estava sorrindo quando assumiu a forma astral nos aposentos de seu amante, Rupert.

Seu sorriso morreu instantaneamente.

Pois o que ele viu foi Rupert deitado.

Dentro de uma *mulher*.

Ele estava grunhindo e suando, com o pênis penetrando na boceta dela e a língua em sua boca.

E quando eles romperam a conexão de seus lábios, seu Rupert, seu amante, seu escolhido, seu favorito, sorriu com luxúria, felicidade e *amor* para a mulher.

Em seu corpo em Firenze, o padre sentiu o fogo arder em seu estômago, enquanto seus olhos em sua forma astral se estreitavam.

E enquanto seu amante inclinava a cabeça para a mulher para tomar-lhe a boca, as criaturas que o sacerdote fez surgir por meio da magia deslizaram pelo chão.

Ao seu comando, elas esperaram.

Ele daria a seu amante uma última coisa.

E depois que o sacerdote suportou a repulsa de vê-la gritar seu êxtase, ele suportou o desgosto de ver Rupert jogar a cabeça para trás e gritar seu clímax, empurrando profundamente dentro dela através dele, como ele faria o mesmo quando tomasse seu sacerdote.

Foi então que as serpentes o atingiram.

A coxa dele.

O tornozelo dela.

Houve arquejos.

Então Rupert se soltou e rolou, seus olhos se arregalaram ao ver a serpente deslizando sobre sua amante.

Ele a afastou quando ela se levantou e gritou.

Muitas picadas de serpentes causavam morte quase instantânea.

Uma mordida, demorava um pouco mais.

E Rupert estava longe de ser estúpido.

Ele não pegou uma lâmina para si mesmo ou para sua fêmea para cortá-la nas perfurações e tentar extrair o veneno.

Era tarde demais para isso.

Quando ela começou a agonizar quando o veneno atingiu suas veias, os olhos de Rupert procuraram em seu quarto.

E ele encontrou seu sacerdote.

—Por quê?— ele perguntou.

Foi então que o sacerdote ficou perplexo.

—Por quê?— perguntou ele em resposta.

Rupert não tinha resposta, pois estava se fechando em si mesmo quando a dor atingiu seu sistema.

Ela já estava se contorcendo.

—*Por quê?*— Rupert gritou, seu rosto começando a se contorcer.

—Você é meu— respondeu o padre. —Ou era.

—Sim— ele disse fracamente. —Eu era.

O padre piscou os olhos.

Mas ele tinha visto...

A mulher rolou para fora da cama.

Morta.

Bem, isso não demorou muito.

—Nós iríamos...— O padre olhou de volta para o amante enquanto falava novamente, os olhos de Rupert voltados para a visão dele, sem prestar atenção na mulher, —governar o mundo.

—Agora eu vou, sem você— disse-lhe o padre.

Rupert balançou a cabeça, mas ficou paralisado, seu corpo muito maior demorou mais para ser destruído pelo veneno.

—Você... você...— Rupert forçou, indicando desajeitadamente uma serpente que se arrastava sobre os lençóis, —você é fraco. Você não... não... entende o que é lealdade.

—Isso não é lealdade— zombou o padre.

—Não havia nada além de você— sussurrou Rupert.

O sacerdote o encarou.

—Ele vai... ele vai consumir você— sussurrou Rupert, se contorcendo em si mesmo. —E você... você não terá... aquele primeiro aliado. Você estará... sozinho e ele será... o mestre.

A forma corpórea do sacerdote em Firenze sentiu um frisson de medo subir pela nuca.

— Serpente olhos de esmeralda?— Rupert gritou. —Seu tolo— ele sussurrou.

E essas foram suas últimas palavras.

Os olhos de seu escolhido ficaram abertos e o padre viu a luz da vida se apagar.

Mas Rupert estava certo.

Os aposentos de Rupert ficavam em sua mansão em Airen.

Não havia serpentes de olhos de esmeralda em Airen. Elas só existiam em Firenze.

E elas tinham uma mordida especial, uma mordida que deixava uma marca única. Uma marca que, se observada por alguém com conhecimento do assunto, era facilmente reconhecida.

Se essas marcas de mordida fossem identificadas...

E também havia aquelas vespas que haviam matado o pretendente do príncipe Dellish naquela mesma noite...

E se elas estivessem relacionadas...

— Demônios!— gritou o sacerdote, levando as serpentes de volta ao seu reino e acelerando seu caminho pelo plano astral até seu corpo, seus olhos se abrindo com um estalo.

Ele olhou para as paredes de sua cela, seu corpo imóvel.

Ele poderia pular em um cavalo e cavalgar como o diabo, mas ainda levaria pelo menos duas semanas para chegar à mansão de Rupert.

Seu corpo e talvez a natureza das mordidas seriam descobertos muito antes.

O padre não poderia enviar nenhum pássaro. Provavelmente, dezenas de pássaros e mensageiros já haviam sido enviados, compartilhando a notícia de que a noiva do príncipe dos Dellish havia morrido por causa do veneno.

Se a conexão fosse feita, se as investigações sobre Rupert comesçassem, tudo isso antes de trazerem a Besta à superfície, poderia ser desastroso.

Sem mencionar que os outros estariam furiosos com o fato de o Besta ter levado um dos seus. Eles estavam perto, mas não podiam saber quanto tempo levaria para concluir a ascensão.

Eles precisariam substituir Rupert.

Treinar o substituto.

Isso levaria semanas.

Provavelmente meses, pois o sacerdote estava a semanas de distância até mesmo de chegar a eles.

E o padre não queria nem pensar no que Thom diria sobre tudo isso.

—O que eu fiz?— ele sussurrou.

Não havia nada além de você.

—Como pode ser isso?— ele gemeu.

Não.

Não, ele havia sido traído.

Você não pode trair seu mestre.

Isso não foi nada além de um contratempo.

E a profecia havia caído com a morte de Farah.

Eles tinham tempo.

Todo o tempo de que precisavam.

Ele partiria naquele dia.

Eles avançariam com um novo conspirador. Não demorava muito para treinar um homem para estuprar e matar.

Nesses casos, eles eram naturais.

Tudo correria bem.

Um atraso.

Eles não tinham ninguém para combatê-los agora.

Quando a Besta se levantasse, tudo seria deles.

Ou dele.

E a Besta seria sua nova escolhida.

Ele não precisava de Rupert.

Era como deveria ser.

Ou seria.

Em breve.



A Nova Rainha

O povo de Firenze

Cidade do Fogo

O DIA DAS NÚPCIAS MAJESTOSAS DE SEU REI

A caminho dos fossos, Silence dos Dellish sentou-se diante de seu rei em seu corcel conhecido como Hefesto, um cavalo reverenciado como uma das montarias mais fortes, rápidas e graciosas do reino, assim como seu pai e a égua que ele gerou.

A égua, conhecida como Epona, foi dada à futura rainha por seu rei.

Era ela quem trotava ao lado deles, como fazia no desfile, sem cavaleiro.

Silence de Wodell estava ensanguentada, o que era chocante.

Mas seu queixo estava erguido e seus olhos permaneciam retos, seus ombros erguidos, enquanto seu rei a segurava firmemente em seu corpo, com proteção em seu aperto, orgulho em seu porte.

Ela entrou na necrópole sem nenhum receio aparente.

E todos que a viram a observaram.

De perto.

Sua pele era tão pálida naturalmente que não era possível saber como ela estava quando deixou a necrópole horas depois.

O que foi visto, enquanto o povo da Cidade do Fogo lotava as arquibancadas ao redor das lonas para assistir à marcha da morte dos últimos traidores, foi o Rei Mars subindo ao pódio real com sua noiva.

Ele, então, levantou o traseiro dela até a grade robusta que protegia o pódio do piche, de costas para o fosso.

Mas ele se aproximou dela, deslizando o braço em torno de sua cintura para firmá-la no palanque, pressionando o quadril contra a lateral de sua perna, e ela se aconchegou nele, virada para o piche.

Enquanto todos os outros estavam de pé - pois não havia cadeiras em nenhum lugar dos boxes, das arquibancadas ou mesmo no pódio real - o rei encontrou uma maneira de deixar sua noiva confortável.

Muitos acharam isso estranho.

Alguns acharam doce.

Mas outros não.

No entanto, eles acabariam descobrindo por que ele fazia isso.

Ela não demonstrou nenhuma emoção enquanto os quatro homens caminhavam (ou, mais apropriadamente, mancavam, caminhavam ou se arrastavam) até o fosso.

Ela continuou a não demonstrar nenhuma emoção enquanto eles afundavam, muito lentamente, e se contorciam, desajeitadamente, e eventualmente gritavam enquanto o piche queimava e suas lutas desesperadas e inúteis os puxavam para mais fundo.

Até que a escuridão cobriu seus rostos, a última parte deles a desaparecer, enquanto tentavam freneticamente inspirar ar antes que seus pulmões se enchessem de nada além de piche.

Embora ela tenha sido flagrada, em mais de uma ocasião, bocejando.

Além disso, parece que suas sobrancelhas se franziram (assim como as de seu futuro marido, de uma forma muito mais sinistra) quando um dos condenados gritou: —Viva a Ascensão!— antes de dar o primeiro passo em direção ao piche.

Os três traidores finais foram pendurados por um tornozelo em um aparato erguido às pressas, que parecia uma haste de ferro, mas em terra.

Suas gargantas foram então cortadas.

Ali eles tiveram seu sangue drenado e ali permaneceram, mesmo depois que o sangue se esvaiu, e foi dito que eles seriam deixados ali para serem alimentados por corvos, águias, falcões, falcões, falcões, abutres e corujas.

E o rei Mar-el teve sua vingança longe do mar.

Assim como o rei de Firenze teve sua vingança, como de costume.

No fosso.

Com a noiva ao seu lado, parecendo entediada, mas, como ficou provado (pois ela adormeceu nos braços do rei durante a viagem de volta para casa), ela estava simplesmente cansada.

Isso explicava uma série de coisas.

O povo de Firenze achou isso compreensível.

Ela havia tido uma noite exaustiva.



Seria um dia emocionante e movimentado para a população da Cidade do Fogo e para todos os seus muitos visitantes que viajaram até a cidade para ver seu rei no dia de suas majestosas núpcias e das comemorações que aconteceriam depois. Pois eles tiveram pouco tempo para sair dos fossos e disputar posição ao longo da rota do desfile, subindo o sopé das colinas, entrando nos penhascos e contornando a mesa nas Montanhas Sheeonee¹¹, com vista para a cidade e a enormidade da superfície lisa e vítrea do Lago do Fogo¹².

Muitos acharam uma grande pena que o pescoço da futura rainha estivesse salpicado de púrpura, pois seu vestido era resplandecente.

De um branco intenso.

Bem na altura dos ombros.

O corpete que cortava logo acima de seus seios era decorado com um intrincado padrão de contas douradas. As mangas brancas e transparentes que caíam nos pulsos em painéis tão longos que, quando ela estava de pé, se não estivesse com os braços levantados, eles caíam no chão, também eram enfeitadas com essas contas. E a cintura alta sob os seios também tinha um padrão elaborado de miçangas douradas.

A cauda flutuante na parte de trás do vestido pesava muito sobre a fenda alta em sua perna esquerda, expondo completamente essa extremidade depois que o Rei Mars abarcou sua cintura minúscula com suas mãos grandes quando a tirou de Hefesto e a colocou em seus pés de areia dourada.

Isso antes de levá-la até o caminho da montanha, que tinha poeira e galhos altos de árvores com cachos de flores vermelhas brilhantes e fitas carmesim.

Esse caminho também fumegava com espirais ardentes de incenso que perfumavam o ar com âmbar. Isso era para a deusa Musa deles (que despertava a criatividade, a lucidez e os elevava). Depois, havia o

aroma de rosa e cedro, para a deusa Graça¹³ (que comandava o amor e auxiliava a energia positiva). E, por último, canela, para o deus Espírito¹⁴ (que estabelecia o equilíbrio e oferecia iluminação).

Enquanto observavam, do palácio ao altar, isso era determinado por mães e filhas de forma que, nos dias e meses seguintes, havia uma corrida por seda branca e miçangas de ouro nos mercados. Assim, não dezenas, mas centenas de noivas usaram praticamente o mesmo em suas próprias núpcias.

Muitas já haviam usado (ou logo usariam) versões do vestido vermelho que Silence de Wodell havia usado dias antes no desfile.

No final da marcha nupcial, o Rei Mars conduziu sua noiva até os longos painéis de seda carmesim e dourada que estavam entrelaçados nas copas altas das árvores de cedro para formar um altar acima da noiva e do noivo. Eles pararam em cima de uma cama de agulhas de cedro que havia caído no chão naturalmente e agora estava totalmente coberta de pétalas de rosas vermelhas.

Lá, apenas grandes rolos de incenso de cedro e rosas queimavam em placas de latão ao redor deles, aumentando significativamente o cheiro de cedro no ar, a rosa das pétalas que eles pisavam, perfumando a devoção à Graça e adorando o amor, a luxúria e a boa energia.

Como deveria ser em qualquer casamento.

Silence de Wodell estava ao lado de seu rei em seu vestido branco e dourado, com a mão dela segurando a dele, pressionada ao lado de seu peito descoberto (descoberto, exceto pelas tiras de couro que o atravessavam, é claro). Suas costas estavam voltadas para os convidados e o povo dele. Seus olhares estavam voltados para as árvores através das quais o lago podia ser visto, as pontas nevadas da Sheeonee refletidas em sua superfície.

Os ombros dela estavam cobertos por cachos negros que iam até a

cintura.

Os músculos de suas costas largas e marrons também estavam cobertos por seus cabelos escuros e grossos e cruzados com suas espadas reais que traziam rubis e esmeraldas em seus punhos.

O sacerdote da Graça, de vestes negras, entoou a entoação na frente deles até que chegou a hora de a Rainha Relíquia se aproximar com a caixa de ébano das correntes matrimoniais.

O rei acorrentou a esposa primeiro, e isso seria comentado nos próximos dias, semanas e, de fato, feito de uma forma que continuaria por anos, a lembrança do rei alto e poderoso curvado para a rainha pequena e delicada, o sorriso nos lábios enquanto ele enfiava o ouro, os diamantes, o ônix e os rubis nos aros matrimoniais dela.

E isso seria cantado e elogiado pelos próximos dias, semanas (e possivelmente anos), a lembrança de sua pequena e delicada rainha hesitante, mas reverente - e aqueles que estavam por perto viram (e depois compartilharam amplamente) as lágrimas que tremiam em seus olhos - enquanto seu alto e poderoso rei permanecia curvado para que sua nova esposa pudesse acorrentar o marido.

Mas a maior parte do tempo foi suspirada e choramingada quando ela prendeu a ponta da corrente no aro do lábio dele, ganhando sua honestidade para todo o casamento e, para um suspiro da plateia, ele imediatamente a pegou na nuca.

Lá, ele apertou os cachos brilhantes dela em seus dedos longos e enfiou o rosto dela em seu peito largo enquanto curvava as costas e rugia seu triunfo para os cedros, os topos das montanhas cobertas de neve, o lago, a cidade e a nação de Firenze.

Seu rei estava satisfeito com sua nova rainha.

Como deveria ser.

Ele fez isso antes de puxar a cabeça dela para trás pelos cabelos,

contorná-la com o outro braço, raspá-la pelo corpo, segurá-la firmemente contra ele com os pés pendurados no chão e beijá-la com voracidade (e por muito tempo).

Essa última ação fez com que o resto da assembleia urrasse.

E eles fizeram isso de uma forma que continuou e continuou, descendo o longo caminho da montanha, ao longo da rota do desfile para a cidade, todo o caminho de volta para o palácio, mesmo que milhares deles não tivessem ideia de por que estavam aplaudindo.

Orgulhosamente usando a corrente dela, com a noiva não-mais-Dellish ao seu lado, carregando a sua, o Rei Mars a ergueu ainda mais, para o grito de surpresa dela, para sentá-la em seu ombro, enrolando seu braço longo e poderoso ao redor das coxas brancas e curvilíneas dela.

E, assim, ele a carregou de volta pela montanha até os cavalos que os aguardavam, com as lâminas de seu kilt balançando e os saltos de suas sandálias firmes na terra rochosa.

O povo de Firenze falava muito sobre as majestosas núpcias, mas pouco sobre o fato de seu rei ter decidido usar roupas mais tradicionais em seu casamento.

Eles gostaram dos novos couros que ele e seus homens estavam exibindo.

Sempre gostaram do kilt.

No entanto, eles suspeitavam (o que não sabiam com razão) que ele usava o kilt para homenagear seu pai.

E o povo definitivamente aprovava isso.

Depois que o Rei Mars levou sua rainha pelo caminho da montanha, só então o rei finalmente sentou a nova rainha em sua própria montaria.

Cercada por seus Confiáveis, com suas saias brancas arrastando-se pelo flanco de seu cavalo, suas pernas pálidas e bem torneadas à mostra para todos os olhos, habilmente acomodada em sua sela, cabelos escuros escorrendo pelas costas, a nova rainha, ao lado de seu rei, galopou até o palácio em meio a aplausos e gritos, pétalas vermelhas flutuando, moedas jogadas nos cascos de seus cavalos e flechas acesas marcando o céu e estourando alegremente no ar.

O povo de Firenze ficou animado ao ver que sua rainha era uma boa amazona.

Mas essa não foi a única razão pela qual milhares de vozes gritaram ao longo de toda a rota: —Vida longa ao Rei Mars e a Silence, nossa nova rainha!

E muitos dos habitantes de Firenze estavam falando sério com essas palavras.

Pois somente uma verdadeira rainha de Firenze bocejaria nos fossos, abraçada ao seu rei, vestindo o sangue dos derrotados como se não passasse de uma muda de seda crua, observando a agonia da morte dos traidores como se fossem voos vagamente interessantes de abelhas.

E somente uma verdadeira rainha dos Firenz correria montanha abaixo em seu corcel com a seda esvoaçante, a pele exposta e brilhante, os cabelos esvoaçando ao vento e o marido ao seu lado.

Isso também era observado por alguns poucos.

Uns poucos que o faziam em silêncio.

E esses poucos tinham ideias completamente diferentes.



O Leito Conjugal

Rainha Silence

Jardins do Palácio Real, Palácio Catrame, Cidade do Fogo
FIRENZE

Passariam horas em nossa recepção antes que eu fosse finalmente separada de Mars.

E eu não queria estar assim, mas não podia negar que estava feliz com isso.

Eu precisava de um momento.

Um gole de água.

Um pouco de silêncio.

Solidão.

Tempo para processar o que eu havia vivido naquele dia.

Tempo para processar o que eu tinha visto.

Tempo para pensar.

Não pude fazer nada disso enquanto Mars me guiava de pessoa a pessoa, de grupo a grupo.

Ele fez isso com orgulho, o que foi bastante encantador.

Mas havia coisas...

Coisas sobre ele que eu havia aprendido.

Coisas...

Endireitei minha coluna ao passar pelos convidados, certificando-me de manter o queixo erguido, olhar nos olhos, sorrir ou acenar com a cabeça.

Elpis havia me avisado, e era lógico que esse seria um evento muito concorrido.

E ela não havia mentido. Não eram apenas os convidados do palácio, os barões, os membros do clã, os chefes, as tribos.

Havia comerciantes ricos (e suas esposas). Guerreiros de alto escalão (e suas esposas). Professores e curandeiros estimados. Filósofos. Sacerdotes. Poetas. Artistas. Escritores. Até mesmo (fiquei chocada ao saber, para não dizer conhecer) madames respeitadas e comerciantes de fumo, *ashesh* e *koekah*¹⁵.

Os jardins da frente e dos fundos e a entrada do palácio foram abertos, decorados com flores vermelhas, fitas vermelhas e lanternas brilhantes, com muitas mesas cheias de comida e dezenas de servos carregando bandejas pesadas cheias de bebidas.

Há muito tempo, o barulho havia aumentado e até mesmo se tornado turbulento. O barulho no palácio rivalizava com o que podia ser ouvido cada vez mais alto vindo da cidade.

O povo de Firenze estava comemorando.

E eu vi, nos jardins do palácio, à medida que os banhos¹⁶ (e até mesmo algumas das fontes maiores) ficavam cada vez mais cheios de corpos nus, e homens e mulheres (ou homens e homens ou mulheres e

mulheres) desapareciam atrás de arbustos, árvores ou folhagens, que as histórias sobre o quanto os Firenze gostavam de comemorar não eram exageradas.

Tia Mercy e o rei Wilmer tinham ido para seus aposentos há muito tempo.

Assim como minha mãe e, presumo, meu pai.

Quanto a mim...

Eu tinha que ficar.

Mas eu precisava escapar.

Pelo menos por um momento.

Não por causa de tudo o que estava acontecendo ao meu redor, eu achava isso fascinante.

Não.

Eu estava cansada. Estava sobrecarregada.

E eu era a rainha.

Rainha.

Embora eu nunca soubesse que precisaria fazer isso, estava vendo que há muito tempo deveria ter prestado mais atenção à tia Mercy.

Isso porque, naquele dia, senti a mudança de atitude dos barões e dos chefes em relação a mim.

Aparentemente, se você usasse uma camisola encharcada de sangue, testemunhasse seu futuro marido e seus homens causando dor sem emoção a prisioneiros gritando, visse os condenados morrerem de mais de uma maneira, depois se casasse, tudo isso além do que havia acontecido na noite anterior (*tudo* isso)...

Depois, usar um vestido que eles aprovam em seu casamento...

E demonstrar que sabe montar um cavalo...

Isso era tudo o que os homens precisavam.

A mudança de atitude foi quase completa.

Acrescente como eles favoreceram o fato de eu ter fumado com Elpis (a melhor parte da noite até agora, além do orgulho e do charme de Mars, no entanto, a fumaça que eu havia fumado infelizmente havia passado). Ou rir de algo obsceno que Jasmine disse. Ou permitir que meu novo marido me tocasse, me beijasse, me agarrasse, me balançasse, tudo a seu bel-prazer.

E os homens são vencedores.

As mulheres, por outro lado.

Eu estava percebendo que havia dois tipos.

A primeira, como minha mãe, que podia ser conquistada por vestidos de noiva e por aceitar afeto em público de meu novo marido, pois esse era o costume dele, então deveria ser o meu.

E os outros, eu suspeitava que fossem aqueles como a tia Mercy, que não eram conquistados por essas coisas.

Eu precisaria me esforçar muito mais e por muito mais tempo para conquistá-los.

E eu precisaria fazer isso, pois mesmo que o homem aprovasse que Mars me dobrasse sobre seu braço e sorrisse de forma maliciosa para mim antes de conquistar minha boca para que todos vissem, a esposa daquele homem poderia ter sua orelha apenas cinco minutos depois e, com o que quer que ela dissesse, isso seria o fim.

Eu não sabia, pois não havia prestado atenção em como a tia Mercy lidava com essas coisas.

Mas eu queria ter prestado.

E, dali em diante, eu o faria.

Naquele momento, porém, eu sabia que a última coisa que eu deveria fazer era fugir.

Eu deveria ficar até o fim, mesmo que estivesse morto e, muitas vezes, se não mantivesse o controle, visões entrariam em minha cabeça, palavras seriam lembradas e eu sentiria minhas mãos tremerem ou meus lábios tremerem.

Portanto, eu precisava de um momento para me recompor.

Um momento para encontrar um lugar reservado, puxar minha sombra e encontrar um pouco de paz.

Ao pensar nisso, me deparei com algo.

—Minha filha.

Eu me virei para o que havia encontrado e vi meu pai parado ali.

Ele não tinha subido com mamãe, então.

Surpreendente.

—Minha linda Silence— ele murmurou, olhando para mim como um carpinteiro em um funeral olhando para o corpo na pira.

Não precisei perguntar quando me tornei seu 'linda Silence', algo que ele nunca havia me chamado.

Eu era a rainha agora. Rainha de um rei muito poderoso, muito rico, excepcionalmente violento e aparentemente impiedoso.

Isso me tornava poderosa.

Isso me tornava rica.

E isso me tornava bonita para meu pai.

—Pai— murmurei em resposta.

—Você precisa estar em repouso— declarou ele. —Quanto tempo você dormiu? Mas trinta minutos? E isso só na viagem de volta daqueles fossos terríveis.

—Estou muito bem— menti.

Ele balançou a cabeça. —Você não pode estar. O ar está repleto daquela fumaça terrível. Estou ficando tonto só de respirar. E como essas pessoas conseguem respirar não só a fumaça, mas também aquele incenso chocante? Não é possível que elas achem que o cheiro é bom. É pesado e enjoativo. Estou com dor de estômago desde que subi o caminho da montanha até aquele —altar— Se é que podemos chamar isso de altar. A vista era deslumbrante, é claro, mas minha filha não se casou em um maldito templo. Em vez disso, ela se casou em uma maldita montanha. Será que os deuses deles sequer santificam uma coisa dessas?

Naquele momento, eu não tinha paciência para nada, mas meu pai reclamando de todas as coisas Firenz estava subitamente no topo da lista.

—Pai...

—Permita-me encontrar sua mãe.— Ele esticou o pescoço para olhar além de mim, como se ela não tivesse escapado de todas as coisas Firenz pelo menos uma hora antes. —Ela o levará para os nossos quartos. Pedirá um chá para você. Trouxemos um pouco do seu favorito. Ele o acalmará e o ajudará a dormir.

Eu sabia que havíamos trazido meu chá favorito, porque Tril o havia embalado.

Meu pai não fazia ideia de qual era o meu chá favorito.

E ele parecia estar se esquecendo de que era minha noite de núpcias e havia uma grande probabilidade de que dormir não estivesse nos planos. Não por algum tempo.

Ou talvez ele não tenha se esquecido.

—E se ela ainda não o fez, ela deveria conversar com você sobre... sua... sua... bem, sua noite de núpcias— ele continuou.

Que saco!

—Pai— eu disse.

Seu olhar se voltou para mim. —A menos que a noite passada...

—A noite passada e esta noite não são da sua conta— eu disse a ele.

—Ele é um homem grande.

Oh, maldita *fé*.

—Você poderia, por favor?— Tentei.

—E é...

—Pai, por favor...

—Totalmente repreensível...

—*Por favor*, podemos...?

De repente, ele se curvou e encostou o rosto no meu.

—É *vilania*— ele sibilou. —*Vilania* insensível. Nenhum reino de Tritão age assim. Até mesmo os condenados de Mar-el e as mulheres de Airen têm mais direitos do que aquelas pobres almas que Mars matou esta manhã. E *forçou* minha *filha* a vê-lo fazer isso.

Ele não me forçou.

A escolha foi minha.

Mas ele fez isso.

Mars fez exatamente isso.

—Eles entraram pela minha janela com a intenção de me matar, pai— eu o lembrei.

—E sim. É claro que sim. Eles devem ser executados. Depois do tribunal, pelo amor de Deus.

—Eles foram pegos em flagrante.

Ele voltou a ser direto. —Não é possível que você...

Eu não queria ter começado essa conversa.

E agora eu precisava terminá-la.

—Preciso de um gole de água e de um momento para mim.

Ele refez o rosto instantaneamente e murmurou: —É claro. Vou cuidar disso. Gostaria de usar sua mãe e meu quarto?

—Posso cuidar de mim mesma, mas lhe agradeço.

—Por favor, Silence, permita-me cuidar de você.

Ele então mudou sua expressão novamente. Estávamos de volta ao meu funeral. Mesmo que eu estivesse diante dele viva e respirando, por alguma razão meu pai desejava me fazer pensar que eu estava morta para ele de alguma forma.

E ele não esperou o tempo necessário para dizer de que forma isso aconteceria.

—Você sabe que não a verei mais depois que os casamentos reais terminarem. Seu novo marido a proíbe.

Olhei fixamente para meu senhor. —Ele... proíbe?

Ele acenou com a cabeça de forma brusca. —Sim, é claro. Ele me disse que eu nunca mais a veria quando ele a tivesse em Firenze. Você pode ver sua mãe, se ele permitir. Mas eu, nunca mais. Com certeza ele compartilhou isso com você.

Ele compartilhou.

De certa forma.

Eu só não sabia que ele havia compartilhado o mesmo com meu pai.

E eu tinha a impressão de que eu tinha alguma palavra a dizer sobre isso.

—E sua mãe obviamente nunca virá vê-lo sem mim— continuou meu pai. —E seu rei não permitirá que você volte para Wodell.

Ele não permitiria?

Ele não havia dito nada sobre isso.

—Vou falar com ele sobre isso— murmurei.

—Eu não faria isso— ele respondeu rapidamente. —Por favor, não faça nada que o irrite, minha querida filha. Ele é... hoje ele tem...— Ele balançou a cabeça. —Seja muito cautelosa, minha Silence. Não posso dizer que sempre tive muito respeito por Gallienus.

Fiquei chocado com o fato de ele ter dito isso. Ele nunca havia falado muito sobre Gallienus, exceto: —Todos são muito duros com ele. Não podemos conhecer as tensões do governo.

Meu pai continuou: —E você sabe o que penso sobre seu tio.

Pode-se dizer que eu sabia, ou pelo menos sabia que ele não pensava muito em nosso rei Dellish.

—Mas esse rei— continuou ele, balançando a cabeça. —Eu a casaria com Cassius ou até mesmo com True, pagaria o mesmo dote cem vezes mais para fazer isso, para salvá-la de gente como esse rei.

Tentei não parecer enjoado com a ideia de me casar com True, que não era apenas meu primo, mas como um irmão para mim.

Mas eu não podia dizer, depois do que testemunhei Mars fazer na noite passada e nesta manhã, sem mencionar o fato de que ele não tinha intenção de permanecer fiel a mim, pelo menos não fisicamente, que, pela primeira vez, meu pai estava errado.

—De verdade, pai, esta é a minha celebração matrimonial. E agora eu sou a rainha. Preciso voltar para o meu rei, mas, antes, preciso de um momento para me recompor, pois, como você disse, foi um dia muito longo e não tive muito descanso.

Ele acenou com a cabeça, fervorosamente. —É claro, é claro, minha Silence. Vou deixá-lo à vontade.— Ele estendeu a mão como se quisesse me tocar, mas a deixou cair com desânimo. —E eu espero, considerando que você estará perdida para mim no final disso, que em nossas viagens para Notting Thicket, e depois para a Baía do Céu, se eu for convidado a me juntar à companhia real quando você viajar para Airen, você encontre momentos para compartilhar comigo.— Seu rosto se iluminou. —Nós vamos cavalgar juntos.

Vamos?

—E, talvez, compartilhar nossos livros favoritos.

Livros?

—Há muito tempo eu queria fazer essas coisas com você— explicou ele. —Mas, como você sabe, os negócios, a supervisão de Bower Manor, os fazendeiros, os pastores, os silvicultores, eu estou sempre muito ocupado.

Isso era verdade.

O que também era verdade é que, naquela época, sua filha não era rainha.

Naquele momento, achei conveniente dizer: —Encontraremos tempo, pai.

Ele estendeu a mão para mim, pegou-a e colocou a outra sobre ela, sorrindo para mim.

—Isso alegra meu coração, filha. Você não pode saber o quanto.

Eu não podia saber, era verdade.

Eu poderia não acreditar, mas isso também era verdade.

Forcei-me a sorrir para ele.

Ele me soltou com um sorriso de retribuição e se misturou aos foliões.

Procurei um lugar de escuridão e silêncio, o que não foi fácil de encontrar.

Mas assim que o encontrei, cobri-me com minha sombra para ter privacidade.

Felizmente, aqueles que passavam perto, ou paravam perto, apenas para sair tropeçando, não precisavam que eu tivesse minha sombra me cobrindo. Eles estavam perdidos pela embriaguez (e pela fumaça, e possivelmente até por *ashesh* ou *koekah*).

Mas eu me sentia seguro em minha capa mágica.

E nela, encostei-me a uma coluna quebrada (que decidi ter sido projetada dessa forma, pois era atraente, parcialmente coberta por trepadeiras) e desejei ter encontrado um copo de água fresca ou suco para desfrutar do meu momento de calma.

Eu tinha muito em que pensar.

Não apenas tudo o que eu havia sofrido desde que acordei na noite passada com vilões entrando em meus quartos.

Mas também o fato de que Cassius parecia zangado com Elena, e Elena parecia atenta e arrependida com Cassius (o que era uma reviravolta e tanto com esses dois, não que Cassius parecesse arrependido, mas quando se tratava de Elena, ele estava definitivamente atento).

Sem mencionar que a pobre e bela Farah havia perdido sua adorável mãe e ficou deitada o dia todo, com True sempre subindo para cuidar dela.

Na verdade, meu primo praticamente derrubou meu novo marido e eu, pois ele desceu a montanha correndo depois da nossa cerimônia. Mal tínhamos passado a soleira da porta do palácio e True já estava subindo os degraus para voltar ao seu destino.

E ainda havia Aramus e a Ha-Lah.

De fato, havia *especialmente* Aramus e Ha-Lah.

Algo estava *muito* errado ali.

Terrivelmente errado.

Mas Ha-Lah era tão fechada que, independentemente do vestido deslumbrante que ela usava, você não se aproximava (e o vestido dela, pode-se dizer, era ainda mais bonito do que o meu - uma espuma de tule branco até os tornozelos, de onde saía um redemoinho de lantejoulas prateadas que pareciam formar uma onda sobre seus seios, o resto era transparente (dava para ver sua calcinha branca!), com alças finas e ombros caídos em forma de pufes que levavam a mangas com mais contas de prata e lantejoulas dançando como afluentes e pequenas ilhas em seus braços - era requintado!)

Mas seu comportamento fez com que parecesse que ela não estava usando o vestido mais lindo (fora o meu) do dia.

Parecia que ela estava usando espinhos e cerdas.

E seus olhos carregavam dor.

Eu deveria falar com ela.

Eu não podia falar com ela.

Pois a última coisa em minha mente era o fato de estar diante do meu leito conjugal.

E meu casamento.

Com um homem que podia...

Um homem que podia...

Um homem que podia cortar outro homem ao meio, me abraçar enquanto os homens afundavam em suas mortes e o que ele e seus homens faziam na necrópole.

E então, um dia no futuro, ele me compartilharia, e eu seria forçada a compartilhá-lo, e nosso leito conjugal não seria mais um leito conjugal.

Não é bem assim.

—Silence.

Minha cabeça se ergueu e olhei para o meu rei caminhando em minha direção com determinação.

Eu estava parado ali, não tinha ideia de quanto tempo. Provavelmente foram apenas alguns minutos, e o lugar era escuro e reservado, mas havia muitas pessoas por ali.

E eu estava na sombra.

Portanto, ninguém me viu.

Ninguém que passava (ou andava bêbado) me viu.

Mas meu marido estava vindo direto para mim.

Ah, não.

Minha sombra não estava defeituosa na outra noite em seu quarto.

Ele podia ver através dela!

Como poderia ser isso?

Bolas!

Deixei-a cair antes que ele chegasse e, como eu estava me acostumando rapidamente, agora que eu era dele, oficialmente, legalmente, aos olhos de seus deuses (e provavelmente aos meus, mesmo que não tivéssemos nos casado em um templo), ele não hesitou em colocar as mãos sobre mim.

Fez isso segurando minha mandíbula com as duas grandes palmas das mãos e mergulhando seu rosto diretamente no meu.

—Você está bem?— perguntou ele.

Olhei fixamente para seu belo rosto sob a luz da lua, dos lampiões e das lanternas.

Eu me perguntava como ele tinha conseguido aquelas cicatrizes, já que eu o tinha visto empunhar uma espada e ninguém chegava nem perto de uma ponta antes de morrer.

—Silence— ele rosnou, com um ronco cheio de preocupação.

Abri a boca, mas ele se endireitou. Pegando-me com a curva de um braço, ele deslocou a outra mão para trás, de modo que ela passou pelo meu cabelo enquanto ele me puxava para o seu corpo.

—Isso é demais. Você não teve descanso. Uma noite assustadora. Um dia difícil. Uma longa noite. É hora de irmos para a cama.

Oh, Deuses.

—Eu poderia... eu provavelmente deveria...— comecei.

—Não, meu macaquinho— disse ele, enrolando os dedos em meu cabelo e usando os nós dos dedos para acariciar meu couro cabeludo. —Você já teve tempo com a Piccola hoje?

Balancei a cabeça.

—Ela vai sentir falta da mamãe— ele murmurou. —Suba. Peça à sua mulher que a traga para você. Prepare-se para dormir. Direi à mamãe que estamos nos aposentando. Ela é hábil em afastar aqueles que se tornam incômodos por não serem bem-vindos, fazendo isso sem comunicar que estão não sendo bem-vindos. Quando a multidão diminuir, os convidados do palácio encontrarão suas camas.

Eu teria que observar Elpis fazer isso, pois tinha a sensação de que, com os Firenz, essa seria uma habilidade importante.

—Mas agora, você vai subir— ele ordenou.

—Estes também são meus convidados, Mars— lembrei-lhe.

Ele me deu um daqueles sorrisos que fazem coisas em minha barriga (e regiões ao sul). Coisas que, depois dos acontecimentos recentes, eu achei confusas.

—Prepare-se para que seu novo marido a encontre em nossos aposentos, minha rainha, eles não acharão nada de você se retirar sem se despedir.

—É claro— murmurei, baixando os olhos para o peito dele.

—Silence.

Levantei meu olhar para Mars novamente.

Ele se aproximou mais de mim.

—Eu gostaria que esta noite tivesse sido muito diferente para nós dois. Não apenas esta noite, mas hoje também. Não tenho poder sobre isso. Foi como foi e a única coisa que posso dizer sobre isso é que está feito. E agora, nós dois tivemos dias difíceis. Como eu lhe disse ontem à noite, faremos o que você quiser, apenas o que você quiser. Mas o mais importante para mim, nesta noite, é que minha esposa descanse um pouco.

Ele tirou a mão do meu cabelo para poder passar a ponta do polegar gentilmente sob um dos meus olhos.

—Não gosto dessas sombras, minha rainha— concluiu em um sussurro.

Esse era o Mars que eu sabia, agora, que estava começando a amar.

Mas o Mars que eu conhecia agora também era alguém a ser temido.

Ele podia cortar um homem ao meio com um único golpe de sua espada.

E não hesitava em passar por cima dos corpos dos mortos.

Ele havia me dito que eu saberia o que era ser Firenz.

Agora eu sabia.

Isso me assustou muito.

E era muito confuso.

Pois havia aquele Mars.

E havia este bem diante de mim.

—Silence— ele disse, e eu voltei a me concentrar nele. —Você está à deriva, *amore*.

—Estou cansada— murmurei.

—Então suba.— Ele se inclinou e encostou os lábios nos meus, não se afastando muito. —Tempo com seu animal de estimação. Sua mulher. E depois com seu marido. Certo?

Assenti com a cabeça.

Ele sorriu, e não era um sorriso de lobo.

Era gentil e carinhoso.

Por que esse não poderia ser o único Mars?

E por que esse Mars não poderia ser apenas meu?

—Vejo você lá em cima— eu disse a ele.

—Isso é uma certeza— ele respondeu, acrescentando humor à gentileza e ao carinho.

Eu lhe dei um pequeno sorriso de volta.

Ele me abraçou (um bárbaro, abraçando) antes de me deixar ir.

Olhei para ele enquanto me afastava e o vi parado, me observando.

Sem dúvida, muito carinhoso.

O que eu tinha feito para merecer isso?

Eu não podia lutar, como Elena e Serena.

Não podia receber convidados sem parecer indelicada, como

Elpis.

Eu nunca poderia usar um vestido que mostrasse minha calcinha e tivesse redemoinhos de lantejoulas prateadas que me declarassem a rainha de um país inteiro por meio de apenas uma peça de roupa e fazer isso com graça e majestade, como Ha-Lah.

E, no entanto, lá estava ele.

Me adorando.

Fui surpreendida apenas três vezes por convidados reais em meu caminho para as escadas e, quando me virei no primeiro patamar, percebi que Elpis (ou possivelmente Mars ou, alternativamente, Tril) tinha um criado esperando por mim.

Eu sabia disso porque ele deu uma olhada em mim e saiu correndo.

Assim, quando passei pela porta do quarto de Mars, Tril estava correndo em minha direção.

—Fiquei olhando pelas janelas, amor— ela gritou. —É tudo tão terrivelmente emocionante.

Hmm.

—E tão bonito. A Rainha Elpis tem uma mão habilidosa com a decoração de celebrações. Parecia de bom gosto, mas ainda assim deslumbrante— continuou Tril, agarrando minhas mãos e andando para trás, puxando-me em direção ao quarto onde estava a cama de Mars. —Estudei como ela fez isso e acho que foram as lanternas. Ela é muito habilidosa ao colocar essas lanternas decorativas. A luz que elas irradiam através desses pequenos orifícios. Isso já é uma decoração por si só.

—Tril...

Ela parou abruptamente e apertou minhas mãos.

Fechei a boca quando vi as lágrimas em seus olhos.

—Ela tinha um lugar especial para mim— ela sussurrou.

—Sinto muito?— Eu sussurrei de volta.

—Rainha Elpis. Ela sabe...— Eu a vi engolir antes de continuar: — Ela sabe o que significamos uma para a outra e um oficial do casamento me encontrou quando cheguei e me levou para um lugar especial, perto de você e do seu rei, para que eu pudesse ver tudo.

—Oh, meu Deus— continuei sussurrando.

Eu tinha muito que agradecer a Elpis por aquela extraordinária gentileza.

—Você não podia me ver. Você tinha outras coisas em mente. E você estava... Oh, Silence!— Tril me puxou para seus braços e me abraçou. —Você estava tão linda. Tão digna. Tão majestosa.— Ela segurou meus braços e os apertou com firmeza, afastando-se e sorrindo para mim com os olhos cheios de lágrimas. —E seu rei. Se ele ainda não mergulhou de cabeça, meu amor, ele está se equilibrando no precipício. Ele está completamente apaixonado por você.

Para meu choque, eu não podia contestar isso.

Seu sorriso ficou mais largo enquanto seus olhos brilhavam com as lágrimas.

—Apenas alguns dias. Você o conhece há apenas alguns dias e ele já está bradando aos céus por tê-la como rainha. Eu juro, meu amor, nunca vi nada tão romântico em toda a minha vida.

—Isso foi muito bonito— murmurei.

—Encantador!— ela disse. —Minha querida, acho que vi umas cinco garotas Firenz desmaiarem, e mais uma dúzia parecia prestes a

fazê-lo quando ele fez isso.

—De verdade?— perguntei.

Ela riu alto, colocou minha mão em seu cotovelo e me levou até meu novo quarto de vestir.

—De verdade— ela confirmou quando parou de rir. —Não tenho palavras para lhe dizer— ela puxou a cortina preta para o lado, —o quanto eu amo isso por tantos motivos. Mais especificamente, o quanto seu pai não tem nada a ver com isso.

Pode-se dizer que Estrilda não gostava de meu pai. Por outro lado, ela foi minha dama de companhia por sete anos e minha amiga desde praticamente o primeiro dia em que nos conhecemos. Do jeito que meu pai era comigo, para uma amiga, isso aconteceria.

Seja como for.

—Tril— repreendi.

Ela me empurrou para o sofá-cama e acenou com a mão no ar. —Por favor, sou serva de uma rainha. Posso falar sobre o Lord Johan como quiser agora.

Apertei os lábios e senti meus olhos se arregalarem, porque, de repente, eu estava desesperadamente precisando rir e não tinha certeza se era apropriado, ou se não sairia histérica.

—Vou buscar a Piccola— ela ofereceu sem que eu pedisse, indo em direção à porta que levava ao que agora era seu quarto. —Você quer o de renda branca? Ou o de cetim branco e renda?

Oh, fé.

Ela estava falando de trajes de noite de núpcias.

Um que Tril havia costurado no caminho para Firenze. Uma parte superior de renda requintada com mangas curtas, um V profundo na

frente, caindo em uma saia elegante e larga de cetim e terminando em uma borda profunda de mais renda que era pelo menos cinco centímetros maior do que o comprimento da minha estrutura.

Acres de tecido.

O outro eu mandei fazer enquanto estávamos lá.

Todo de renda. Muito transparente. Mangas mais curtas que eram quase aladas. Uma cruz com babados no meio da cintura e outro V profundo no corpete.

O primeiro era elegante e Delloish.

O outro era sensual e Firenz.

—O cetim— declarei ao mesmo tempo em que Tril disse: —A renda.

Ela parou ao abrir a porta de seu quarto e olhou para mim.

Eu lhe fiz uma expressão que dizia: ‘Eep!’

Piccola saiu correndo do quarto de Tril, atravessou o chão do vestiário e eu me curvei para ela enquanto ela corria para as minhas mãos.

—Alô, minha querida— eu disse e a trouxe até meu rosto.

Ela deu um olá animado.

—Vamos pedir algumas guloseimas à Tril?— Perguntei a ela.

Ela disse um animado sim.

—Guloseimas antes do cetim, Tril, você não acha?— disse eu à minha amiga.

—Acho que a renda, meu amor— ela respondeu calmamente.

Olhei em seus olhos e abracei meu macaquinho em meu pescoço. —Não estou pronta para a renda e Mars me disse que estará pronto quando eu estiver.

Surpresa, alívio e alegria tomaram conta de suas feições antes que a presunção entrasse nelas.

—Apaixonada— ela declarou e foi até as prateleiras que não perdeu tempo em encher com minhas coisas. —*Profundamente*— concluiu, puxando o cetim e jogando-o no ar, ancorado em seus dedos, antes de cair com elegância.

—Extraordinário— disse uma voz grave, depois do que houve um chilreio assustado e Piccola se enroscou em meu cabelo ao mesmo tempo em que Tril emitiu um grito estrangulado.

Isso aconteceu porque Mars havia jogado as cortinas para trás e estava entrando no meu quarto de vestir.

—Eu, uh... Vossa Graça, hum... Vossa Majestade... uuuuuumm, meu novo rei— gaguejou Tril, balançando para cima e para baixo em uma meia reverência, meio arco que era tão desajeitado que eu temia que ela caísse.

—Eu sou o Rei Mars, sim?— Mars declarou, jogando seu enorme corpo em uma poltrona completa no sofá-cama ao meu lado. —Duas sílabas. Fácil de lembrar— ele provocou Tril e, em seguida, caiu um pouco para trás para que pudesse levantar um braço longo, no final do qual havia uma mão que ele usou para tirar Piccola do meu cabelo.

—Muito fácil, Rei Mars— respondeu Tril.

—E sem enrolação— continuou Mars. Depois de segurar meu macaco, ele agora estava permitindo que Piccola agarrasse uma das grossas tiras de couro em seu peito. —É estranho em uma casa. Partes deste palácio são governamentais, mas estes aposentos é uma parte que é um lar.

—Eu... sim, é— sussurrou Tril.

Mars ergueu seu olhar escuro para minha amiga.

—E pelo que sei, vocês são da família, não?

Oh, pelos deuses.

Eu estava...

Derretendo?

Olhei para o meu novo marido, que estava deitado ao meu lado, com a cabeça quase no meu colo, seu olhar ainda na minha Tril.

—Eu... eu amo muito sua rainha, Rei Mars— disse Tril em voz baixa.

—Então está decidido— murmurou Mars, retirou Piccola de sua alça e levou minha coisinha ao seu rosto: —O que você acha disso, Piccola?— perguntou ele.

Ah, sim.

Eu estava derretendo.

Piccola deu um chilreio.

—Muito inteligente— concordou Mars e, em seguida, devolveu meu macaco para mim, com a cabeça inclinada para trás para que ele pudesse ver meus olhos. —Não demore muito, *bellezza*. É hora de fazer algo a respeito dessas sombras sob seus olhos.

—Tudo bem, Mars— sussurrei.

—Vou mandar um rapaz buscar chá de maracujá com hortelã. Deseja mais alguma coisa?— ele perguntou, levantando-se do sofá-cama.

—Eu...

—Senhor, uh, Rei Mars, minha senhora gosta de camomila antes de dormir— disse Tril.

Prendi a respiração depois que minha Tril disse isso, contradizendo um rei.

Ele não fez nada além de olhar para mim. —Você prefere isso, Silence?

—Nunca provei hortelã com maracujá. Por que não experimento os dois?— respondi, apenas para que ele sorrisse amplamente.

—Minha rainha. Uma diplomata. Com um chá— ele murmurou. —Isso será feito.

Então ele se virou, mas em vez de afastar as cortinas, ele se virou para trás para olhar para Tril.

—Você gostou do casamento?— perguntou ele.

—Eu... sim, foi lindo, Rei Mars. E aquela vista era deslumbrante. Eu nunca tinha visto nada igual. Por favor, agradeça à sua mãe por ter se preocupado comigo.

—Minha mãe— ele murmurou pensativo. —Vou me certificar de fazer isso.

E com isso, ele afastou as cortinas e saiu.

Mas, com isso, eu sabia que poderia ter sido Elpis a responsável por dar a Tril um lugar especial em nosso casamento.

Mas ela fez isso a pedido de seu filho.

Isso não me fez sentir como se estivesse derretendo.

Isso não me fez sentir medo.

Isso me fez sentir como eu havia me sentido apenas vinte e quatro horas antes.

Como se estivesse me apaixonando.

Olhei para Tril. Ela estava olhando para as cortinas, segurando rendas e cetim em seu peito.

Ela havia percebido a mesma coisa.

—Tril— eu chamei.

Ela se virou para mim. —Agora estou apaixonada. Profundamente.

Não consegui me conter.

E sim, foi parcialmente histórico.

Mas me senti bem rindo.

Tril riu comigo quando se aproximou, dizendo em meio ao seu riso: —Vamos prepará-la para dormir. Depois, vamos dar uma guloseima para a Piccola. Até lá, seu chá estará pronto.

Nós rimos ainda mais com a ênfase que ela deu ao chá.

E então fizemos o que ela disse.

O chá chegou depois que me troquei e estava sentada com Piccola engatinhando ao meu redor enquanto Tril escovava meu cabelo.

Experimentei os dois chás.

Preferi o de hortelã com maracujá.

Quando contei isso à Tril, ela simplesmente murmurou: —Não acho isso nem um pouco surpreendente.

Embora ela tenha dito essas palavras com um grande sorriso no

rosto.

O chá foi relaxante, assim como a escovação dos cabelos, e pude ouvir que o barulho lá fora estava diminuindo, mas então chegou a hora de encontrar meu marido em nosso leito conjugal.

Mars havia deixado claro que era minha a decisão sobre o que aconteceria esta noite.

Mas tudo o que eu queria era dormir para me refrescar e, amanhã, talvez resolver algumas das muitas coisas que atormentavam meus pensamentos.

Portanto, eu esperava que ele falasse a verdade.

Quando Tril terminou de arrumar meu cabelo, ela deixou a escova de lado, pegou meus ombros de onde estava, atrás de mim, e se inclinou para o meu ouvido.

—Estou feliz por você. Estou orgulhosa de você. E desejo a você toda a alegria do mundo na vida que compartilhará com seu rei— sussurrou ela.

Virei a cabeça e percebi que estava com lágrimas nos olhos quando vi as dela.

Ela também tinha lágrimas.

Simplemente nos olhamos por um longo momento antes que ela apertasse meus ombros, me soltasse, pegasse a Piccola e começasse a apagar as lâmpadas do quarto de vestir.

Levantei-me, respirei fundo e caminhei até as cortinas pretas.

Eu as puxei para o lado e passei por elas, mas só consegui dar dois passos antes de parar.

Não havia nada além de duas lâmpadas acesas, uma de cada lado da cama.

A cama em que meu marido estava.

Ele estava vestindo apenas uma calça de cetim. De um vermelho intenso. E estava deitado com as costas apoiadas em travesseiros, com os ombros e a cabeça encostados na cabeceira acolchoada.

Seus olhos estavam fechados.

Ele estava dormindo?

Se estivesse dormindo, isso facilitaria as coisas.

Também seria decepcionante, admiti para mim mesmo.

Aproximei-me da cama, mas parei, com a renda da bainha do cetim flutuando ao redor dos meus pés, quando sua cabeça se levantou da cabeceira e seus olhos se abriram e caíram sobre mim.

No entanto, seria mais correto dizer que seus olhos se abriram e percorreram toda a minha extensão.

—Essa foi a escolha perfeita, minha rainha— declarou ele. —Você está linda.

Tudo em mim se aqueceu.

—Você também está bonito— eu disse a ele.

Um sorriso flertou com seus lábios antes de ele ordenar: —Venha até seu marido.

Meu marido.

Aquele homem era meu marido.

Fui até ele lentamente.

Ele se curvou para se sentar, e meus pés estavam sobre as peles que atapetavam o pódio onde ficava a cama antes de ele estender seus

longos braços, pegar meus quadris e me puxar para cima dele.

Ele se recostou novamente contra a cabeceira da cama.

Eu me deitei sobre ele.

Oh, fé.

—Gosto do som de sua risada com sua mulher— ele murmurou, seu olhar agora percorrendo meu rosto.

—Fazemos isso com frequência— eu lhe disse.

—Não sei se já ouvi você rir assim, Silence— ele comentou.

Isso era verdade?

—Eu sinto muito— respondi.

Suas sobrancelhas se franziram antes de ele perguntar: —Por que você sente muito?— Mas ele não esperava uma resposta, pois continuou falando. —Eu é que deveria sentir remorso, pois não fiz você rir assim.

Sim, esse era o Mars por quem eu poderia me apaixonar.

—Não passamos muito tempo juntos, Mars— eu o lembrei.

—Você me fez rir.

Eu tinha feito isso. Não propositalmente, mas não se pode negar que eu sentia uma emoção ao fazer isso.

—Bem...— Comecei.

Seus braços se apertaram mais em torno de mim e ele me arrastou ligeiramente para cima, de modo que meu rosto ficou mais próximo do dele.

E quando ele me colocou em posição, declarou: —Será minha

razão de ser, depois que deixarmos Sofia descansar, fazer você rir com frequência, minha esposa.

Deslizei minha mão que estava em seu peito quente até seu pescoço, sussurrando: —Mars.

—Não quero fazer isso neste momento, mas é importante, portanto, lamento dizer que tenho de repreendê-la novamente— ele disse.

Pisquei em seu rosto ao ver sua rápida mudança de assunto.

—Eu coloquei Kyril atrás de você— ele continuou. —Antes de eu encontrá-la mais cedo e você vir ao nosso quarto, ele me encontrou e disse que você havia desaparecido no jardim.

Ah, não.

Será que Kyril tinha visto o esboço da minha sombra?

—Você colocou o Kyril atrás de mim?

—Silence, você foi atacada ontem à noite. Mas, independentemente disso, você é a rainha. Agora terá um guarda em todos os lugares que for pelo resto de sua vida.

Bem, então.

Isso fazia sentido.

Foi enervante.

Mas fazia sentido.

Além disso, tudo isso provava que Mars podia ver através de minha sombra, porque Kyril, aparentemente, não podia.

Eu me perguntava se isso tinha alguma coisa a ver com a profecia.

Obviamente, eu não ia discutir isso com ele. Não naquele momento.

Em vez disso, eu tinha um assunto mais espinhoso para discutir.

Não tive a chance de abordá-lo.

—Preciso lhe ordenar que não desapareça assim novamente— disse Mars. —Não é seguro.

Ele estava certo, de certa forma, então assenti.

Foi então que sua mão chegou ao meu rosto e ele tocou levemente o aro em minha narina, murmurando: —Sua mulher não levou sua corrente.

E foi então que notei que ele não estava mais usando a sua.

—Eu...

—Eu gosto disso— ele decretou. — A partir de hoje, todas as noites, se nos deitarmos juntos, e mesmo se não nos deitarmos, eu irei até você e pegarei sua corrente e você pegará a minha.

Fiquei surpresa.

—Você não as usa na cama?

Ele sorriu para mim com ternura. —Não, minha Silence. Elas ficariam presas nos travesseiros e poderiam causar danos. Nós as usaremos quando fizermos amor. Depois, nós as tiraremos.

Como esse era o assunto mais espinhoso que eu pretendia abordar, o fato de que não queria fazer isso esta noite, senti meu coração começar a bater mais forte, e Mars certamente sentiu também, pois eu estava deitada sobre ele. Mas, com certa perícia, ele soltou a corrente em meu lábio e na parte superior da orelha e cuidadosamente a soltou das argolas.

Em seguida, colocou-a de lado em sua mesa de cabeceira, e eu arfei quando ele imediatamente me rolou - e rolou sobre mim -, mas fez isso para apagar a lâmpada do outro lado da cama. Ele nos rolou novamente e apagou o abajur lá.

Logo em seguida, ele tirou as peles e sedas de debaixo de nós. Ele as colocou sobre nós e arrumou nossos corpos de modo que o meu ficasse na curva do seu, meu bumbum em seu colo, minhas costas pressionadas contra seu peito, a parte de trás de minhas pernas cavalcando a parte da frente de suas coxas.

Ele me abraçou pela cintura e senti sua respiração mexer com o cabelo no topo da minha cabeça.

Nunca, em minha vida, eu havia me deitado assim com alguém.

E foi...

Foi uma sensação...

Adorável.

Fiquei olhando para o escuro e ouvi uma risada feminina solitária vindo dos jardins abaixo.

Alguém estava se distraindo.

—Durma, Silence— disse Mars em meu cabelo.

Mas eu não estava mais com sono.

—Você cuidou para que Tril tivesse um lugar especial para assistir à nossa cerimônia?— Perguntei para confirmar meu pensamento anterior.

Ele me apertou levemente com seu braço e depois relaxou.

—Sim.

Fechei meus olhos com força.

E vi o interior da necrópole e tudo o que havia acontecido lá em um flash horripilante.

Abri meus olhos.

—Isso foi muito gentil— sussurrei. —Obrigado.

—Você terá mais amigos— ele decretou. —Você terá uma vida mais plena. Você será reverenciada por nosso povo. Você será estimada em nossa casa. Mas ela sempre será sua, a única coisa de valor que você trouxe de seu país de nascimento. E assim, ela mereceu a posição que ocupou nesta noite.

Sem que eu quisesse, meu corpo se encostou ao dele.

Quando isso aconteceu, seu braço se apertou novamente e ele se inclinou para mim de modo a me cobrir parcialmente.

Ele era tão grande. Tão quente.

Outros cem homens poderiam entrar pelas janelas e, naquele momento, senti que nenhum deles se aproximaria de mim.

Isso também era maravilhoso.

—Agora durma— ele insistiu.

—Você é muito... habilidoso com sua espada— observei. —Sendo assim, como conseguiu essas cicatrizes em seu rosto?

—Silence?

—Sim?

—Minha rainha.— Ele me apertou novamente, dessa vez com força. —Durma.

Oh, meu Deus.

Esse era um assunto delicado?

Será que eu tinha estragado tudo?

—Você não quer, erm... falar sobre isso?

—Não. Eu compartilho qualquer coisa com você. Vou lhe contar tudo o que quiser saber sobre mim. Você só precisa perguntar, e o conhecimento é seu. Mas agora, quero que você durma e espero que não se mova muito enquanto dorme, pois se o fizer, nós dois ficaremos irremediavelmente presos no cetim e eu provavelmente terei que chamar minha espada para cortá-lo e nos libertar.

Eu dei uma risadinha.

—Graças aos deuses— ele sussurrou de uma forma que não achei que estivesse se referindo à gratidão por ter me feito rir.

Por isso, perguntei: —O quê?

—Esta manhã você não era você mesma— respondeu ele. —Isso me incomodou. Durante todo o dia, você estava distante. E não era simplesmente porque você estava cansada, sofrendo com Sofia, ou porque os tempos estavam difíceis. Parecia que sua luz estava apagada.— Ele se afundou mais em mim, de modo que eu estava quase enterrada sob ele. —Mas sua luz não se apagou. E por isso, agradeço aos deuses.

Eu havia tentado, mas sabia que não tinha escondido totalmente onde minha mente estava o dia todo, pois isso estava em toda parte e nada disso era bom.

Eu não sabia que tinha 'uma luz'.

Achei promissor e ao mesmo tempo desconcertante o fato de ele estar tão sintonizado comigo como estava.

E simplesmente adorável que ele achasse que eu tinha 'uma luz'.

—Você não está dormindo— observou Mars.

—Bem...

—Sua bunda está na minha virilha. Seu perfume em minhas narinas. Nosso tempo nesta cama na noite passada está fresco em minha mente.— Ele me deu mais um aperto, dessa vez com um aviso. —Você precisa dormir, Silence.

Sim.

Pode-se dizer que, com esse aviso, eu precisava, de fato, dormir.

—Tudo bem, Mars— murmurei, suspirei e fechei os olhos.

Tentei regularizar minha respiração.

Tentei acalmar minha mente.

Achei que tinha conseguido o primeiro, mas não o último.

Então, me concentrei no Mars que se certificou de que Tril fosse atendida durante a ocasião mais importante de minha vida. Concentrei-me em como ele estava orgulhoso de me ter como sua rainha. Concentrei-me no fato de que ele não gostava de sombras sob meus olhos e queria se dedicar a uma vida inteira me fazendo rir. Concentrei-me no fato de ele ter me dito que eu teria uma vida plena e seria estimada. Concentrei-me no fato de que estávamos em nosso leito conjugal horas depois de eu ter me tornado sua esposa, e ele estava me abraçando e me aconselhando a dormir porque queria que eu descansasse.

E fazendo isso, estando nos braços daquele Mars, adormeci.



O Tremor

Farah

Suíte de hóspedes, segundo andar, corredor leste, Palácio Catrame,
Cidade do Fogo
FIRENZE

Eu não estava dormindo quando True voltou.

De novo.

Ele havia retornado várias vezes naquele dia.

Entretanto, desde a manhã, ele não havia falado comigo, exceto quando, depois de voltar da necrópole, perguntou se eu havia almoçado.

Eu não havia almoçado e lhe disse isso.

Ele fez uma cara de desaprovação, mas não insistiu no assunto.

Mars também veio, depois que True saiu.

Sua visita foi breve e ele disse apenas duas coisas enquanto estava ao lado da minha cama, olhando para mim.

—Não se levante.

E.

—Sofia será vingada, minha irmãzinha.

Ele estava com os olhos vermelhos, mas isso se contrapunha à dor em seu rosto.

Mesmo vendo isso, não me senti melhor.

Não é que eu quisesse que ele se machucasse. Obviamente, eu não queria, pois não queria que ninguém se machucasse, especialmente Mars e especialmente porque ele estava se machucando.

Era só que um frio curioso havia se apoderado de mim e eu estava começando a sentir que nunca mais sentiria nada.

Nunca mais.

Eu tinha ouvido os aplausos que chegavam ao palácio vindos da cidade. Ouvi a folia no palácio depois que Mars e Silence retornaram.

Mas eu não tinha interesse nem mesmo em me levantar para abrir uma janela e olhar para baixo na esperança de ver meu rei e minha nova rainha comemorando o casamento.

Portanto, não me levantei.

Deitei-me na cama e deixei minha mente flutuar no frio entorpecente que me dominava.

E esse era o meu estado quando True apareceu novamente agora, provavelmente para me examinar antes de me dar boa noite.

Eu não me importava que ele estivesse lá. Não me importava que as comemorações tivessem acabado, pois o barulho lá fora estava diminuindo. Não me importava que meu país tivesse uma nova rainha. Não me importei com o fato de que, em poucos dias, estaríamos deixando minha terra para viajar a um lugar onde eu nunca estive, nunca quis ir, para que eu pudesse me casar com seu futuro rei, um homem que não me queria, mas que não tinha escolha a não ser me

ter.

Eu simplesmente não me importava.

Com nada.

Enquanto esses pensamentos vagavam por minha mente, percebi que True havia entrado em meu quarto há alguns minutos, mas não havia se aproximado da cama.

Mas não me importei o suficiente para levantar a cabeça e ver onde ele estava.

Fiquei olhando para o nada enquanto a luz do abajur dançava no quarto.

E continuei fazendo isso quando ela começou a se apagar, enquanto True se movia pelo quarto, apagando-a.

Embora algo tenha se mexido em mim quando senti as cobertas da cama atrás de mim se moverem.

E algo mais se agitou quando senti a sensação de um corpo batendo no colchão.

Por fim, senti meu próprio corpo ficar tenso quando meu pretendente se encaixou em minhas costas e passou um braço ao redor de minha barriga.

Isso foi muito diferente de True.

Eu sabia que ele queria me confortar.

No entanto...

—True...

—Quieta.

Pisquei no escuro ao ouvir sua palavra e o tom que ele usou para pronunciá-la.

Ele me puxou com mais força para seu calor. Calor que, em primeiro lugar, era muito quente e, em segundo lugar, percebi que ele não estava vestindo suas roupas habituais. Camisa. Calças. Colete. Obviamente, não tinha botas, pois estava sob as sedas comigo.

Eu não sabia o que ele usava, pois estava com minha camisola.

Mas eu podia sentir pele contra pele em meus ombros.

Ele ficou em silêncio por um longo tempo e pensei que fosse dormir.

Fiquei surpresa com a intenção dele de dormir comigo.

Mas, aparentemente, ele queria.

No entanto, eu estava errada sobre ele estar dormindo, pois ele falou novamente.

—Amanhã, você vai comer. Você pode se deitar na cama. Pode manter os outros afastados, exceto eu. Mas você comerá, entendeu, Farah?

Agora eu estava surpresa por ele estar sendo dominador.

Ele nunca havia sido dominador.

Seu braço me deu uma sacudida.

—Farah?

—Amanhã, eu comerei— eu disse simplesmente para dizer o que ele queria ouvir.

—Elpis está fazendo os preparativos para a cerimônia de despedida de sua mãe. Se você quiser participar dela, terá de dizer

isso e eu me certificarei de que seus desejos sejam atendidos.

—O que Elpis está planejando?— perguntei.

—Não faço ideia. Você quer saber?

Senti uma onda de raiva diante de uma pergunta tão ofensiva e respondi: —Claro que quero.

—Então trarei Elpis até você amanhã, você compartilhará como faremos nossa despedida final de Sofia e eu cuidarei para que seus desejos sejam atendidos.

—Obrigado.

—Depois disso— ele continuou como se eu não tivesse falado, — depois de amanhã, você deve se levantar. Você precisa tomar ar fresco. Você precisa se exercitar. É claro que você continuará sofrendo. Mas não é saudável ficar escondida no escuro, deitada.

Eu não tinha resposta para isso.

—Depois das ações de seu pai, sua mãe continuou— ele comentou, e minha raiva explodiu novamente, mais quente dessa vez. —Ela continuou a viver. Ela cuidou de você.

—Não é seu direito dizer essas coisas— retruquei. —Coisas sobre as quais você não sabe nada. Ela não suportou isso e o que veio depois para perder a filha.

—Eu não a conhecia bem, isso é verdade, mas você pode dizer com um pouco de honestidade que ela ficaria bem com a filha deitada e sentindo pena de si mesma?

Torci o pescoço para olhar para ele e, quando o fiz, sua cabeça se levantou para me olhar através das sombras.

—Se lhe interessa, Vossa Graça, ela está morta há apenas um dia — comecei sarcasticamente. —Posso sentir pena de mim mesma por

um dia sem ter que suportar o sermão de um príncipe?

—Farah— ele rosnou e, diante do tom de voz que eu nunca tinha ouvido dele, fiquei chocada com a escuridão, enquanto seu rosto se aproximava do meu e o timbre de sua voz continuava igualmente irritado, —se você me chamar de 'Vossa Graça' mais uma vez...

Ele deixou isso passar.

—O quê?— Eu me irritei.

—Isso vai me machucar e vai nos fazer mal. Eu não sou isso para você. Não começou assim entre nós e nunca será assim entre nós, a menos que você faça com que seja.

Fechei minha boca.

Abri-a novamente para dizer: —Você não tem ideia de como me sinto. Até que, e que os deuses façam com que esse tempo seja longo, você perca sua própria mãe, no que me diz respeito, você não tem nada a dizer sobre como eu luto pela minha própria mãe.

—Mesmo quando a Rainha Mercy morrer, não sentirei o mesmo que você— ele retrucou. —Tenho muito amor por minha mãe, e ela por mim, mas nunca compartilhamos o calor. Ela é a rainha e eu serei o rei e, desde que me lembro, ela me tratou inteiramente da maneira que considerava adequada para a criação do próximo rei. Não foi meu pai quem cuidou de meus estudos, da profundidade, da amplitude, da concentração e da expectativa de que eu me destacasse neles. Foi minha mãe. Não foi meu pai quem cuidou de meu treinamento militar, foi minha mãe. Não foi meu pai que exigiu, desde meus nove anos de idade, que eu participasse de tribunais, disputas e quando meu pai era magistrado. Foi minha mãe. E foi minha mãe, depois, que sussurrou em meu ouvido quais decisões ela achava que eram certas ou erradas e, por fim, me perguntou como eu me sentia e me fez defender minhas posições.

Fiquei ali deitada, imóvel, olhando para o rosto dele, atônita com isso.

E também fascinada.

E, por fim, entristecida.

—Se eu fosse mandado para o exílio e minha mãe fosse comigo— continuou True, —ela não me ajudaria a construir a nova vida que precisaríamos construir e depois começaria a vivê-la. Ela planejaría e conspiraria para encontrar uma maneira de nós dois, especialmente eu, sermos colocados de volta em nosso devido lugar. Mesmo que isso significasse a morte dela ou a minha. Portanto, não conheço o carinho, os sorrisos e a compreensão de minha mãe. Quando ela morrer, sentirei sua falta. Vou chorar por ela. Serei eternamente grato por ela ter gasto tanta energia para me transformar no rei honrado e justo que espero me tornar. Eu não tive o que vi que você teve de sua mãe. Embora, se eu tivesse, uma coisa eu sei: eu sentiria mais falta disso.

—True— sussurrei.

Seu braço em volta de mim desapareceu para que ele pudesse passar os dedos na lateral do meu pescoço.

—E você não será a rainha que minha mãe é— sussurrou True com aspereza. —Eu me certificarei de que não haverá necessidade de que isso se torne você. Você dará aos nossos filhos sorrisos, calor e compreensão. Você será a mãe que sua mãe foi. E, dessa forma, ela continuará viva por meio de você. Haverá paz, alegria e família nos aposentos reais do Castelo Birchlire¹⁷. Esse será o meu presente para você. E esse será seu presente para Sofia. Mas eu não posso dar esse presente, e você não o terá, se eu for Vossa Graça. Eu sou seu noivo, Farah. Serei seu marido. O pai de seus filhos. Esses vêm primeiro. E o último sempre será seu rei.

Eu estava deitada ao lado dele no escuro, imóvel, mas respirando como se estivesse correndo.

—Você deve sentir sua tristeza, meu doce, é claro— disse ele em um tom mais suave. —É uma honra para sua mãe. Mas não sei o que estamos enfrentando. Mal saímos deste palácio e já tivemos duas baixas...

—Duas?— Eu o interrompi para perguntar.

—Aramus perdeu um homem.

Eu não sabia disso.

—Oh, não— eu disse baixinho.

—Sim, Farah— respondeu ele, agora acariciando minha garganta com o polegar. —Haverá momentos em que você precisará ser fraco, e eu serei forte. Haverá momentos em que será o contrário. Mas não temos ideia do que vamos enfrentar. Portanto, quando você estiver fraco, persistirei em ajudá-lo a encontrar sua força. E precisarei que você faça o mesmo por mim.

—Sinto falta dela— deixei escapar.

—Farah— ele sussurrou, sua mão subindo para segurar minha mandíbula.

Minha voz estava ficando mais grossa. —Não consigo acreditar que o sol nascerá amanhã, como nasceu hoje, e eu não a verei.

—Querida— ele murmurou.

—Eu não quero chorar de novo— afirmei antes que um soluço subisse pela minha garganta.

True me virou em seus braços e me puxou para perto dele, deslizando os dedos pelo meu cabelo enquanto eu chorava em seu peito nu.

—Estou com raiva— choraminguei em sua pele.

—É claro que você está.

—Com Elpis. Com meu pai. Com quem enviou aquelas serpentes. Com todo mundo.

—Você tem o direito.

—E... e meu peito... queima, True. A dor é... se eu me permitir pensar nela, é insuportável.

—Chore, meu doce, isso pode ajudar a apagar o fogo— ele insistiu.

—Eu odeio o mundo— eu lhe disse.

—Como deveria, o mundo está se comportando como se odiasse você.

Com essas palavras, soltei uma risada forçada e inclinei a cabeça para trás para olhar para ele.

Sua mão chegou à minha bochecha e ele passou o polegar sobre a parte úmida.

—Por que você está aqui?— perguntei.

—Porque você precisa de mim.

—Na cama?— Eu insisti.

—Farah, você não dormirá sozinha pelo resto de seus dias.

Senti meus lábios se separarem.

Eu não dormiria?

—Há forças em ação— ele continuou. —E você não ficará desprotegida. Mesmo durante o sono. Depois de vencermos isso, você será minha esposa. Então, naturalmente, você não estará sozinha

durante o sono, pois dormirá ao meu lado.

—Mas... agora?

—Sim, agora.

—Não é muito... ousado de sua parte deitar-se com a mulher que será sua esposa antes de ela ser sua esposa, não é?

—Conheço muitos homens Dellich que, ao perceberem que suas mulheres, esposas ou não, estão sob ameaça, também se deitariam com elas.

—Oh— murmurei.

—Você dormiu demais hoje e está acordada agora sem esperança de dormir?— perguntou ele.

—Eu... bem, eu não sei. Tenho sentido muita pena de mim mesma para pensar no que mais poderia estar sentindo— admiti.

Ele aconchegou meu rosto novamente em seu peito e murmurou: —Então tente, pois estou cansado. Se você achar que não consegue dormir, não caia em pensamentos melancólicos. Acorde-me. Vamos procurar comida, ou vinho, ou ambos. Ou simplesmente conversaremos até você ficar com sono.

—Eu não conseguiria acordá-lo— murmurei em resposta.

—Se não o fizer, e eu acordar de manhã e você estiver abatida por ter passado uma noite sem dormir, ficarei chateado.

Continuei a murmurar. —Eu não gostaria de deixá-lo chateado.

—Então não o faça.

Fechei meus olhos.

Paz, alegria e família nos aposentos reais do Castelo Birchlire.

Minha mãe nunca veria isso. Nunca saberia disso. Nunca conheceria meus filhos.

E True queria isso, queria isso de mim. Não como seu amor, sua vida, uma mulher que ele havia escolhido para estar ao seu lado pelo resto de seus dias.

Em vez disso, como amigos. Como parceiros.

Ele desejava que amássemos nossa família e nos apoiássemos mutuamente em tudo o que acontecesse.

Com isso, entretanto, eu nunca pertenceria a ele. Com a morte de minha mãe, eu nunca pertenceria a ninguém.

Mas, pensando bem, decidi que isso não seria tão ruim.

Poderia ser pior.

E eu sabia de uma coisa: se True pudesse, ele sempre tentaria melhorar as coisas.

Mas nunca seria... *tudo*.

—Farah?— True chamou como se soubesse o rumo de meus pensamentos.

—Eu o acordarei se não conseguir dormir, True.

—Tudo bem, amor— ele murmurou, me envolvendo com os dois braços e me abraçando ao seu corpo.

True não adormeceu rapidamente.

Eu também não.

Mas ele adormeceu.

E quando ele dormiu, sua presença, seu calor, a firmeza de sua

respiração...

Significava que eu também dormi.



Rei Aramus

Suíte de hóspedes, segundo andar, corredor leste, Palácio Catrame,
Cidade do Fogo

FIRENZE

Aramus aproximou-se da cama em que sua esposa estava deitada, de costas para ele, com a lâmpada da mesinha de cabeceira apagada.

Ele não suspirou de desânimo.

Também não hesitou.

Apagou o abajur e deslizou para o lado da esposa.

Em seguida, virou-se de lado e deslizou em direção à esposa, tocando-a pela primeira vez na cama, tomando-a nos braços. Ele então forçou o corpo rígido dela contra a curva do seu.

—Eu estava chateado mais cedo— disse ele para os cachos dela quando se acomodou com o braço segurando-a perto de si.

Ela não respondeu.

—Falei com mágoa e raiva— admitiu ele.

Ha-Lah não disse nada.

—Eu disse coisas, muitas das quais me arrependo— disse ele a ela.

Sua rainha permaneceu em silêncio.

—Profundamente— ele enfatizou.

Ela ainda não tinha nada a dizer.

—E as coisas das quais me arrependo profundamente são as que eu disse e que a magoaram.

Ela ainda não respondeu.

Ele se aproximou mais dela. —Esposa, fale comigo. Grite comigo. Me xingue. Arranhe meus olhos. Qualquer coisa.

Não havia nada além de uma forma rígida em seu braço e, em seu nariz, o cheiro do óleo no cabelo dela.

—Começamos a superar o abismo que nos separa— ele murmurou. —Não deixe que o orgulho o force a se espalhar entre nós novamente.

—Eu fui tirada de minha casa— disse ela suavemente.

Graças à Medusa.

Ela estava falando.

Ela não havia dito uma palavra a ele desde aquela manhã.

Aramus se aproximou cada vez mais dela, ao mesmo tempo em que a puxava para perto dele.

—Fui tirada da minha família, dos meus amigos, da minha aldeia, de tudo o que eu conhecia— continuou ela.

E agora, pelo tom dela, ele estava descobrindo como ela se sentia em relação a isso.

Não era o melhor momento, considerando isso. Especialmente com as palavras que ela estava dizendo e como as estava dizendo.

Mas ele ficaria feliz em saber.

—Minha esposa— ele sussurrou.

—Não me perguntaram se isso era algo que eu desejava. Não me foi dada nenhuma escolha. Então me casei com um homem. Um rei. O poder máximo em nosso reino. Fui nomeada rainha. Mas eu não tinha poder. Eu não tinha voz.

Foi Aramus quem ficou quieto.

—Mas mesmo sem ela, eu a usava— continuou ela. —Usei minha voz. Eu lhe contei meus pensamentos. Eu lhe disse o que era importante para mim. Você não me ouviu.

—Ha-Lah...

—Você me xingou e me deixou dormindo sozinha na noite de núpcias. Eu não deveria ter me importado. Não foi minha escolha estar naquele quarto conjugal. Mas era a única noite de núpcias que eu teria. E eu dormi sozinha.

—Minha esposa...

—Embora, depois que você se livrar de mim, se permitir que eu tenha outro marido, suponho que terei outra noite de núpcias.

—Não fale assim— ele rosnou.

Ela ficou em silêncio.

—Eu me irritei. Eu me arrependo. Eu admito isso. E agora você tem uma escolha— ele a informou. —É sua escolha se vamos nos separar novamente ou se vamos seguir juntos. Mas eu a aviso, não permita que seu orgulho tome essa decisão.

—Mas você não está vendo?— perguntou ela. —Eu não tenho nada. O orgulho, por mais vazio que seja, é a única coisa que possuo.

Aramus rosnou novamente, desta vez sem palavras, enquanto olhava através da escuridão para os cachos dela no travesseiro.

—Eu lhe agradecería se não me tocasse— declarou ela.

—Eu me acostumaria a tocar em você, esposa— disse ele. —Pois usarei o toque e qualquer outra maneira à minha disposição para conquistá-la novamente.

—Contra a minha vontade?

—Não será contra sua vontade. Você não pode se apaixonar por um homem em uma manhã e, nessa mesma manhã, deixar de fazer exatamente isso.

—Sim, Aramus— disse ela em voz baixa. —Sim, você pode.

Por Tritão, ela estava certa.

Ele tinha feito isso.

Ele não podia voltar àquela manhã, lembrar-se das palavras que saíram de sua boca, das palavras que saíram da boca dela, dizendo-lhe que ele estava merecendo o amor dela, mas ele havia posto um fim nisso.

E ele não conseguia se lembrar da expressão no rosto dela.

Em vez disso, ele fez o que sempre desejou fazer desde a primeira vez em que a viu.

Ele enterrou o rosto em sua abundância de cachos macios.

—Sentirei falta do meu homem— disse a ela.

—E me sinto mal por você.

—Não me faça perder um homem e minha esposa no mesmo dia.

—A perda de Catedrais não foi obra sua. O outro...

Ela não terminou sua declaração.

Ainda estava claro.

—Eu só posso compartilhar meu arrependimento, o que mais você quer de mim?— perguntou ele.

—Esse é o nosso problema.

Ele inclinou a cabeça para trás para ouvir atentamente, mas ela não continuou.

—Qual é o nosso problema?— ele perguntou.

—Palavras, elas têm um poder incrível. Um poder incrível de ferir. No entanto, infelizmente, uma vez que isso é feito, elas perdem seu poder se você tentar usá-las para curar.

Aramus desejava que isso não fosse verdade, mas temia que fosse.

Sua esposa ainda não havia terminado de falar.

—É pior. Pior para nós. Porque você não entende. É impossível para você entender. Entender quem eu sou, como sou, o que significa algo para mim e por quê. Entender o que me fez e como. Entender como suas palavras matariam tão completamente o que estava surgindo entre nós.

—Faça-me entender.

—É impossível.

—Nada é impossível, Ha-Lah.

De repente, ela sussurrou: —Preciso do mar.

—Partiremos amanhã. Pegaremos a rota mais rápida. Vamos nos

embrenhar nas praias. Você nadará com os golfinhos. Encontraremos os outros mais tarde ou não os encontraremos. Eles podem lutar contra essa Besta. Voltaremos a Mar-el e reinaremos lado a lado.

Ela balançou a cabeça no travesseiro.

—Por favor, fale comigo, minha Ha-Lah— ele implorou.

—Meu pai ainda está sofrendo com minha mãe— disse ela.

—Você compartilhou isso comigo— respondeu Aramus.

—Todos os homens da aldeia a queriam como esposa. Queriam colocar bebês em sua barriga. Queria viver sua vida ao lado dela.

Aramus ficou em silêncio e ouviu.

—Minha tia disse que todas as mulheres achavam que era porque ela era muito bonita. Mas na verdade', ela me disse, 'ela era. Embora fosse uma beleza que você não podia ver'.

—Então, ela era gentil— supôs Aramus.

—E animada. E divertida— acrescentou Ha-Lah.

—Ela lhe deu isso.

Sua cabeça se moveu no travesseiro novamente, negativamente. —Não. Meu pai diz que sou muito séria. Ele diz que se eu fosse um homem, pegaria uma espada e seria um cruzado. Não importa a causa. Eu só preciso de uma cruzada.

Pelo que Aramus conhecia de sua esposa, ele não podia contestar isso.

—Ele a conquistou— ela disse tão baixo que Aramus mal a ouviu.

—Ele a conquistou?— ele perguntou para ter certeza de que era isso que ela havia dito.

—Tia Ha-Zahlah me disse que se mamãe dissesse ao meu pai que, para conquistar o coração dela, ele teria que viajar para o céu noturno e trazer de volta uma estrela, ele teria encontrado uma maneira. E, de alguma forma, ele encontrou uma maneira de provar isso a ela.

Foi nesse momento que o corpo de Aramus ficou sólido.

—Ele ainda está sofrendo com ela— ela sussurrou.

—Eu lhe trarei uma estrela— ele sussurrou de volta.

—Você não quer me conquistar, Aramus. Você quer uma rainha. Uma esposa para lhe dar filhos. E a parceira que o ajudará a derrotar a Besta. Você se arrepende de suas palavras porque elas o afastam desses objetivos. Não se arrepende de suas palavras porque elas me prejudicaram.

—Você está muito errada— afirmou ele com firmeza.

Ela suspirou. —Você nunca vai entender.

—Você está certo— concordou ele, e concluiu: —Se você não me explicar.

—Nunca haverá um momento em que você não tenha poder. Eu não estava livre para sair do meu quarto hoje, porque você o determinou.—

—Para sua segurança.

—Eu não estava livre para ver meu marido porque você não queria.

—E me arrependo disso.

—Eu não sou livre.

O corpo inteiro de Aramus estremeceu.

—Não. Você nunca vai entender— declarou ela.

—E você deseja que eu a liberte, esposa?— ele perguntou cautelosamente, perturbadoramente, pois se ela desejava isso, e para conquistá-la, ele precisaria dar isso a ela, como ele a manteria segura enquanto ela voltava para ele?

Pois ele não conseguia pensar em uma opção que não incluísse ele novamente tentando conquistar o amor dela.

Ela tinha que voltar para ele, pois estava conquistando o amor dele.

—Eu gostaria que essa fosse a última coisa em sua mente, especialmente se você estiver sofrendo.

Ela queria confortá-lo.

Ela o estava confortando.

Desde que o ataque havia terminado, ela não havia saído do lado dele.

Ele era um maldito tolo.

—Ha-Lah— ele murmurou, novamente enterrando o rosto no cabelo dela.

—Eu fui arrancada de minha casa para ser sua rainha. Não fiz com que você ganhasse nada de mim. Eu não queria nada além de seu respeito. E então você me desrespeitou. E eu não posso dizer, em sua raiva, não importa o arrependimento que sinta agora, que as palavras que você disse não foram verdadeiras, do fundo do coração, o que você está sentindo. Agora, aqui estamos nós. E receio que é aqui que ficaremos.

—Porque você não pode me perdoar.

—Porque eu não tenho valor para você.

—Não é possível que você pense que isso é verdade.

—*Ele não será sobrecarregado com uma rainha como você*— disse ela, e ele rangeu os dentes ao ouvir as palavras que haviam saído de sua própria boca. —Não posso pensar que não seja.

Eles não estavam chegando a lugar algum.

—Talvez devêssemos conversar sobre isso pela manhã— sugeriu ele.

—Como você quiser— ela respondeu.

Ele não gostou da maneira como ela disse isso, mas aprendeu, não facilmente, a manter a boca fechada em assuntos como esse. Pelo menos até encontrar as palavras certas para dizer.

Ela estava deitada na curva de seu braço, não menos tensa, mas ele não a deixou em paz.

Ela era sua esposa.

Ele era o marido dela.

Eles discordariam. Eles brigariam. Poderiam até se ferir (novamente).

Mas, dali em diante, no final da noite, eles adormeceriam nos braços um do outro.

Ou, nesse caso, ela adormecia nos braços dele.

—É estranho, você não acha, que esse destino diante de nós me traga uma cruzada?— ele perguntou.

—Não quero prolongar nossa conversa, mas sinto que devo avisá-lo de que a lisonja não é eficaz comigo.

—Não estou bajulando-a, minha rainha. Estou ponderando. Tenho

certeza de que outro homem gostaria muito de ter uma esposa bonita, gentil, animada e divertida. Mas eu preciso de uma guerreira. Preciso de uma esposa que seja forte e se recuse a admitir a derrota. Mesmo que ela esteja se defendendo.

Isso fez toda a estrutura dela estremecer.

Finalmente, ele estava chegando a algum lugar.

—Eu me arrependo do que disse— ele continuou. —Não sou um homem de palavras. Sou um homem de ações. Portanto, não tenho a habilidade de expressar o quanto me arrependo de tê-la ferido. Mas eu não falei a verdade, Ha-Lah. Mar-el conseguiu a rainha de que precisava. Tritão conseguiu. Este planeta conseguiu. E eu consegui. E se você não acredita que isso está em meu coração, simplesmente terei que provar isso a você.

—Posso dormir, meu rei?— perguntou ela.

—Como você quiser— ele respondeu.

Com isso, ele sentiu o corpo dela se contorcer.

Então ela suspirou.

Ele não sorriu, mesmo que sentisse que seu ponto de vista havia sido alcançado e que ele havia encontrado uma maneira de curar alguns dos danos que havia infligido à esposa.

Ou pelo menos lhe dar algo em que pensar.

Mas Catedrais estava morto.

O palácio havia sido sitiado na noite passada.

Uma conspiração para assassinar Farah e, assim, frustrar a profecia, matou Sofia. E isso veio da magia.

Sem mencionar que o terremoto que eles sofreram foi, de longe, o

pior, e ele não gostava de pensar não apenas no que isso significava, mas no tipo de maré que isso provocou em seu reino.

E sua esposa estava mais distante do que nunca.

Portanto, não havia motivo para sorrir.

Mas eles partiriam amanhã.

Eles cavalgariam como se houvesse uma sirena¹⁸ em seus calcanhares.

E ele levaria sua esposa para o mar.

Eles se encontrariam com os outros em Wodell.

Agora, ele tinha de cuidar de sua rainha.



Princesa Elena

Suíte de hóspedes, segundo andar, corredor leste, Palácio Catrame,
Cidade do Fogo
FIRENZE

Apaguei as lâmpadas do meu quarto de vestir depois de vestir a camisola.

Quando entrei na área de banho a caminho da cama, desejei que Dora estivesse comigo.

Ou que eu estivesse com Dora.

Não era seguro ficar no palácio, então ela estava com minhas irmãs no acampamento.

Mas mamãe havia decretado que eu ficasse por perto, afirmando

que isso se devia à necessidade de ter o maior número possível de guerreiros no palácio para manter todos seguros.

Mas eu sabia que era mais do que isso.

Ela queria suas filhas por perto.

Como eu queria Dora por perto, eu entendia isso.

E como naquele dia eu vi que os eventos da noite passada e a agitação do dia tinham tido um efeito significativo na minha rainha, fazendo com que ela parecesse mais abatida, com linhas começando a se formar ao redor de sua boca devido ao aperto constante que eu imaginava ser sua dor de luta, eu queria estar perto de minha mãe.

Com esses pensamentos pesados em minha mente, bem como o que havia acontecido com Cassius naquela manhã, e como, mesmo que eu estivesse muito certo, havia me comunicado de forma muito errada, entrei em meu quarto de dormir.

E parei.

Cassius estava de pé em um divã no canto, tirando sua camisa de couro.

—O que...?— Comecei.

Sua cabeça se voltou para mim. —Em que lado da cama você dorme?

Minha mente estava tão congelada quanto meu corpo diante da presença dele em meu quarto, e automaticamente respondi: —No meio.

—Perfeitamente perfeito— ele murmurou, virando-se e sentando-se, sem camisa, no divã para tirar as botas.

Suas tatuagens se estendiam pela lateral, pelo ombro e pela maior parte do braço.

Elas eram, como sempre, fascinantes.

Eu me livrei de meu fascínio e dei dois passos para dentro da sala.

—Cassius, o que está fazendo aqui?— exige saber.

—Nós dormimos juntos— ele declarou, depois de tirar uma bota, ele estava tirando a outra.

Mas, novamente, eu estava congelada.

—Nós dormimos?— Perguntei com os lábios rígidos.

—Os vilões atacaram o palácio ontem à noite, Elena.

—Eu me lembro disso.

—Farah foi o alvo, Sofia morreu.

—Eu também não me esqueci disso.

Sem as botas e as meias, ele se levantou e colocou as mãos nos botões da calça, com os olhos em mim.

—Não vou correr nenhum risco.

—Então você pretende... dormir comigo?— perguntei, com o final da frase subindo muito alto.

—Em termos de dormir, como em um sono real, sim. Estou cansado e, do jeito que as coisas estão indo, o dia de amanhã provavelmente não será menos complicado do que o de hoje.— Seu olhar ficou intenso em mim. —No entanto, se você tiver algo mais em mente, não tenho dúvidas de que serei capaz de me recuperar.

Eu não conseguia nem começar a pensar nessa outra coisa que poderia estar em minha mente (e estava, com muita frequência).

—Não quero que você durma comigo, Cassius.

—Não me importo muito, Elena— ele murmurou, desabotoando a calça de couro.

—Não preciso que você durma comigo, Cassius— continuei, começando a sentir um grande desespero, sem falar em outra coisa.

O que ele tinha embaixo daquela calça?

Eu queria ver.

Ansiosamente.

E eu não queria muito.

Determinadamente.

—Eu posso me cuidar— concluí.

—Bem, você não precisará, pois estarei aqui para ajudá-la com isso— ele retrucou.

—Cassius!— Eu gritei.

Ele começou a abaixar as calças.

Desviei o olhar com tanta força que todo o meu tronco se inclinou para o lado no esforço de fazer isso.

—Eu durmo nu— ele anunciou.

Oh, pela misericórdia da deusa.

—Cassius, você precisa ir embora— eu disse à parede.

Observei a luz da lâmpada se apagar enquanto ele apagava uma em algum lugar do quarto.

Ele estava andando nu pelo meu quarto!

—Cassius...

—Elena, por mim, você pode ficar aí a noite toda. Mas eu vou para a cama.

Ele falou a verdade, pois ouvi o farfalhar das roupas de cama.

Maldito seja o homem.

Eu não podia removê-lo do corpo.

Bem, talvez eu pudesse.

Eu havia atacado com raiva naquela manhã (Melisse ficaria muito brava comigo se soubesse) e, portanto, fui derrotada de forma humilhante e rápida. Se eu pensasse um pouco e considerasse minha estratégia, poderia prevalecer.

No entanto, eu não estava disposta a lutar fisicamente com um homem nu.

Um homem grande e nu.

Um grande homem nu com tatuagens fascinantes.

Um homem grande e nu com tatuagens fascinantes que era o Príncipe Regente de Airen, meu noivo.

Que inferno.

Fui até os dois abajures acesos e os apaguei antes de, sem olhar para o homem em minha cama, caminhar até lá.

Puxei as sedas para trás, deslizei para dentro, estiquei-me para apagar a lâmpada ao lado da cama, escurecendo o quarto, e então me mexi, demoradamente e, espero, de forma irritante, no colchão e nos travesseiros para encontrar o melhor conforto.

A voz grave de Cassius soou na escuridão.

—Seus movimentos, juntamente com seu cheiro, sua visão em sua

camisola curta e sua proximidade, estão me deixando com tesão.

Parei de me mover imediatamente.

—Só para que você não se surpreenda no futuro— ele continuou, —vamos dormir juntos de agora em diante.

Isso me fez virar em sua direção.

—O quê?— Eu gritei. —Pelo amor de Deus, por quê?

—Paz de espírito.

—Isso não vai me dar paz de espírito.

—Você vai se acostumar com isso— ele murmurou.

Cerrei os dentes.

—Vá dormir, Elena— ele ordenou.

—A única razão pela qual não a estou expulsando do corpo agora é porque eu também estou cansada. Mas depois desta noite, não vou mais dormir com você, Cassius.

—Discutiremos isso pela manhã.

—Não discutiremos.

—Discutiremos. Agora durma.

—Você não pode me mandar dormir. E nós não vamos dormir!

De repente, sua mão estava enrolada em minha nuca, eu estava sobre as sedas e pressionada contra o comprimento de sua estrutura, sua mão ainda em meu pescoço, seu outro braço me envolvendo com força.

—Eu quero que você esteja segura— ele gritou.

Oh, céus.

Estávamos aqui novamente.

Eu o havia trazido aqui novamente.

Lamentavelmente.

Prendi a respiração enquanto ele continuava.

—E eu a mantereí segura como achar melhor, mulher, não importa como você discuta, se você lutar. Eu não a perderei. Dora não a perderá. Quando ela o conhecer e se afeioar a você, Aelia não o perderá. Eu cuidarei disso. Está entendido?

—Cassius— comecei com cautela, —acho que precisamos conversar.

—Pela manhã e durante a maldita caminhada até Notting Thicket. Teremos semanas para chegar a um acordo, minha princesa. E isso nós faremos. E não apenas para chegarmos a um acordo, mas para que haja um momento, espero que muito em breve, em que eu faça uma variedade de outras coisas muito mais agradáveis com você quando estivermos deitados. Mas agora... durma.

Naquele momento, achei prudente ceder.

E assim o fiz, dizendo: —Tudo bem. Agora, você vai me deixar ir?

—Não.

Olhei fixamente para sua mandíbula sombreada. —Não?

A mandíbula se inclinou para baixo e eu captei seus olhos através da escuridão.

—Não— ele confirmou.

—Cassius...

—Elena, você se sente bem e está viva. Me dê isso sem discussão alguma. Especialmente esta noite. Eu lhe peço, por favor.

Eu me sentia viva.

Ao contrário, muito obviamente, de sua esposa morta.

Fechei minha boca.

Pensamentos passavam por minha cabeça, o mais importante deles era o que havia acontecido entre nós naquela manhã.

Portanto, abri minha boca.

—Eu deveria ter pensado bem nas coisas... er, esta manhã— declarei. —Discutir essas questões com a cabeça mais clara e sem raiva.

—Sim, você deveria ter pensado— ele concordou.

Hmm.

—Embora eu diga agora que devemos discutir essas questões eventualmente e chegar a um entendimento.

Seu queixo se inclinou para trás, mas sua mão em meu pescoço se moveu para que ele pudesse passar o braço em volta dos meus ombros, e ambos os braços se apertaram enquanto ele murmurava para a cabeceira da cama: —Oh, pelo amor de Deus.

—Estou apenas dizendo...

Seu queixo se inclinou para baixo novamente. —Eu ouvi você. Agora durma, porra.

—Mas amanhã, nós vamos-?

—Elena, você pode ficar quieta e dormir ou eu a beijarei em silêncio e depois a beijarei em outro lugar de uma forma que você não

ficará quieta, mas não falará palavras, pelo menos não com lucidez, e depois nós dois dormiremos. Meu palpite é que será muito profundo.

Fiquei em silêncio.

Foi então que me ocorreu que eu nunca havia me deitado nos braços de um homem.

Bem, eu tinha, depois de Cassius e minhas atividades na fonte.

Mas não em uma cama.

Ele também se sentia bem. Sólido. Quente.

Boa deusa.

Eu tinha certeza de que não conseguiria dormir, mas eu havia dormido muito pouco na noite anterior, um dia inteiro, e ele estava quente.

Seus braços também eram fortes, mesmo deitada.

Eu havia relaxado com ele depois de passar um braço em volta de sua cintura (apenas para conforto) quando ele murmurou: —Bom demais.

— Perdão?— murmurei.

—Você se sente bem.

Pisquei repetidamente para seu peito.

Ele acariciou minhas costas e eu não podia negar, a sensação era maravilhosa.

—Vá dormir, minha princesa— ele murmurou.

—Você é muito irritante— eu disse a ele.

—Assim como você. O par perfeito— ele respondeu.

Eu suspirei.

Mas, em poucos minutos, caí no sono.

Pouco tempo depois, Cassius me seguiu.



E não muito tempo depois, quatro amantes deitados nos braços um do outro, a terra tremeu.



Os Reforços

Dax Lahn

Residência do Dax, Korwahn
KORWAHK, AS TERRAS DO SUL

—Temos que atravessar o Mar Verde— Circe, sua amada *Dahksahna*¹⁹, estava lhe informando.

—Não vamos atravessar o Mar Verde— ele respondeu.

—Nós realmente deveríamos atravessar o Mar Verde— murmurou a Rainha Cora, do país de Hawkvale²⁰, nas Terras do Norte.

Lahn ouviu um suspiro profundo e voltou os olhos para o Rei Noctorno, marido de Cora, amigo de Lahn, que estava de pé, encostando os ombros na parede e parecendo o que Lahn sentia.

Sitiado.

Com o sol brilhando através das janelas, eles estavam no que Circe chamava de 'sala da família'.

Nenhum deles havia pegado uma almofada no chão. Todos estavam de pé.

Principalmente porque a conversa deles era irritante, e estava claro que as mulheres não pretendiam ceder.

O que tornava a conversa delas ainda mais irritante.

—Estou tendo visões, Lahn— disse Circe a ele algo que já havia lhe contado várias vezes antes, quando os tremores da terra começaram há alguns meses, ficando mais fortes a cada vez.

Embora Circe tivesse lhe dito que já os havia sentido antes, ele não os sentiu.

No entanto, ele não possuía magia, e sua esposa, sim.

—Não vamos atravessar o Mar Verde— reiterou ele, olhando diretamente nos olhos de sua rainha.

—Tenho um mau pressentimento, Tor— disse Cora ao marido.

—Você já mencionou isso, meu amor— murmurou Tor, e quando Lahn olhou em sua direção, viu Tor lançar um olhar para sua esposa. —Repetidamente.

—E então?— Cora ergueu as duas mãos.

—Eu pensei que trazê-la aqui para uma visita com nossos amigos iria tirar sua mente das coisas— retornou Tor. —Aparentemente, isso não aconteceu.

—Você sentiu o terremoto esta manhã?— perguntou ela.

Tor sentiu. Todos eles *sentiram*.

Isso não significou nada.

Ou Lahn esperava que, para seu deus tigre, não significasse nada.

—E, de qualquer forma, você não veio até aqui só para que eu pudesse ficar com a Circe— continuou Cora, usando o tipo de vernáculo que a rainha de Lahn usava, algo que nenhuma das mulheres daquele outro mundo havia perdido, mesmo depois que os anos se passaram e elas permaneceram onde deveriam estar.

Neste mundo, com os homens que as amavam.

—Você veio para trocar aço valeriano por joias korwahkianas— concluiu Cora.

—Também houve isso— murmurou Tor, com os lábios contraídos.

—Lahn— disse Circe em voz baixa, e seu olhar se voltou para a esposa.

Em todos esses anos, ela não perdeu nem um pouco de sua beleza.

Na verdade, sua rainha dourada estava mais bonita hoje do que jamais esteve.

E amanhã, como ele sabia por experiência própria, ela estaria ainda mais bela.

—Circe— disse ele também em voz baixa, —essa viagem é traiçoeira e nós não a faremos. Sinto muito, *kah rahna fauna*²¹, mas simplesmente não posso permitir que nenhum de nós se arrisque.

—Mas...— ela tentou.

—Não.

—Você não pode...

Ele arriscou, algo que raramente ou nunca funcionava, e declarou resolutamente: —Eu falei.

Dessa vez, não ia funcionar. Ele soube disso quando o rosto dela ficou duro.

—Eu...— ela começou.

Ela não disse mais nada e todos voltaram sua atenção quando Jacanda, a criada mais próxima de Circe, entrou correndo e parou.

—Eu não posso... vocês não... vocês não vão acreditar... é fantástico...— Ela respirou fundo e gritou: —*O telhado!*— e então saiu correndo.

Todos saíram atrás dela.

As pernas de Lahn e Tor eram mais longas, mas isso não significava que não houvesse alguns empurrões enquanto os homens tentavam manter suas mulheres lá embaixo enquanto eles se dirigiam ao telhado.

Mas quando Lahn desceu no topo, viu todos os servos de Circe parados ali, olhando para a borda majestosa de Korwahn.

Ele se virou e olhou para aquela direção também.

Então, sentiu sua estrutura se solidificar e sua mandíbula se contrair.

Tor parou ao lado dele e murmurou: —Putá que pariu.

—Putá que *pariu*— suspirou Cora.

—Está vendo?— Circe perguntou, e Lahn sabia que a pergunta era dirigida a ele.

Dax Lahn, o rei guerreiro de Korwahk, respirou fundo em seu nariz enquanto olhava para o enorme dragão sentado na grande saliência rochosa da Orla Majestosa, com sua poderosa cauda flutuando ociosamente, sua língua bifurcada podia ser vista balançando mesmo à distância, suas escamas e asas brilhando ao sol.

Sua mensagem era clara.

Maldito Frey.

Como se notasse que eles haviam chegado ao telhado e o visto, as poderosas ancas do dragão se aglomeraram e ele voou graciosamente no ar, com grandes rochas caindo da borda devido ao poder daquela

Besta voando.

Com apenas algumas batidas de suas asas, ele desapareceu de vista.

—Suponho que navegaremos pelo Mar Verde— disse ele a Tor sem respirar.

—Putá que pariu— repetiu Tor.



Frey Drakkar

A bordo do Finnie, 300 milhas a leste de Mar-el
O MAR VERDE

Frey, de pé no convés de seu galeão, com a cabeça inclinada para trás, desviou o olhar da aproximação do dragão, a Besta naturalmente caindo em formação com todas as outras que se elevavam acima do navio.

Ele voltou seu olhar para o homem que havia se colocado ao seu lado.

—Presumo que isso signifique que a mensagem foi entregue— observou Apollo, também olhando para o céu noturno.

—Sim— confirmou Frey.

Apollo olhou para ele.

—Coisas malditas podem voar rápido— disse ele. —Pena que não podemos colocar Tor e Lahn nas costas de um deles. Eles estariam aqui agora.

Viktor havia tentado montar um de seus dragões uma vez.

Uma vez.

—Eles não gostam muito de passageiros— respondeu Frey.

—Qual a chance que você acha que Lahn e Tor têm de convencer Circe e Cora a ficarem para trás?

—Finnie e Maddie estão agora mesmo em meus aposentos, bebendo cerveja e jogando tuble com meus homens?— ele perguntou como resposta.

Apollo suspirou.

—Nenhuma— Frey finalmente lhe respondeu. —De modo algum. As rainhas estarão presentes— Sua voz baixou. —Todas as mulheres estarão.

Os homens ficaram em silêncio.

Apollo o quebrou.

—Não tenho bons sentimentos, Frey— disse ele em voz baixa.

Frey também não tinha.

O Finnie havia sobrevivido à ondulação que os pegou no final da noite passada, mas por pouco. Ele quase virou e absorveu tanta água que os homens passaram o dia todo tirando-a do convés.

Ele teria seus dragões, as habilidades táticas de Apollo, os talentos significativos de Tor com um cavalo e uma lâmina e a pura força bruta de Lahn, sem mencionar a magia combinada das mulheres.

Mas ele não teria os elfos. Eles não deixaram o reino de Lunwyn.

E eles enfrentavam um inimigo desconhecido que, se o mito se provasse verdadeiro, era imparável.

—Vamos passar por esse primeiro obstáculo— ele murmurou. —

Estamos entrando em águas piratas.

—Fantástico— respondeu Apollo.

—A bandeira do Drakkar tem algum poder, mesmo aqui, e especialmente com as bestas acima de nós. Navegaremos além de Mar-el e chegaremos a Airen.

—Pelo menos isso— disse Apollo.

Sim.

Pelo menos isso.

Frey inclinou a cabeça para trás para estudar o volume das bestas que voavam acima de nós, apagando a lua, o forte bater de suas asas sendo o acompanhamento constante de sua jornada.

E pelo menos eles as tinham.

—Não fomos derrotados antes, não seremos derrotados desta vez — declarou Frey.

—Espero que você esteja certo, Frey— respondeu Apollo. — Espero muito que você esteja certo.

O Finnie navegou pelas ondas.

Os dragões voavam sobre suas cabeças.

E, enquanto o faziam, Frey esperava que ele também estivesse certo.



A Visão

Marian

Pequena Floresta de Thicket
WODELL

Como das vezes anteriores, não foi preciso esforço para convencer seu Go'En, G'Ry, a permitir que Marian 'visitasse sua mãe doente'.

A mãe de Marian estava de fato doente.

Da cabeça.

E ela estava assim de uma forma que Marian nunca mais desejou vê-la.

Ela nem mesmo sabia se a mulher ainda estava viva.

No entanto, esperava que não estivesse.

Ry não precisava saber nada disso e, mesmo que ela contasse, ele provavelmente não ouviria.

Seu Go'En era um Go'Nis²², um Guardião dos Registros. Ele era idoso. Curvado. Bastante careca. Tinha manchas por toda parte devido à idade. E passava os dias debruçado sobre tomos, registrando cuidadosamente as notícias sobre Tritão para que fossem lindamente caligrafadas (e mais tarde seriam enviadas a um Go'Nis que desenhava ilustrações ou ornamentações ao redor dos capítulos e subtítulos).

Ele era atencioso e quieto e preferia a solidão.

Esperava que sua Go'Ella²³ lhe preparasse o banho, limpasse suas roupas, arrumasse sua cela, cozinhasse e lhe trouxesse comida, retirasse a bandeja depois e, às vezes, sentasse e ouvisse quando ele contava histórias sobre a história de Tritão ou falava das últimas notícias que estava registrando.

Ela gostava de fazer isso. Era perfeito antes de encontrar seu palete de dormir²⁴. Depois que Ry fazia isso, ela ia direto para a cama.

Ele não era como seu antigo Go'En, um Go'Tec²⁵ que achava que sua merda cheirava a gardênias.

Não cheirava, e ela sabia disso porque muitas vezes tinha o dever de limpar a privada dele.

Isso se ela não chupasse seu pênis exatamente como ele gostava. Ou não gemesse como ele desejava e compartilhasse o quanto ele era viril e bonito (ele não era nem um nem outro) enquanto a chupava.

Não muito infelizmente, seu antigo Go'En havia morrido prematuramente. Os outros Go'En ainda estavam se perguntando sobre isso. Um sumo sacerdote de trinta e nove anos simplesmente caído sobre seu café da manhã, morto.

Para Marian, foram meses envenenando seu vinho, pequenas doses de *taibac*²⁶ concentrado que ela aumentava constantemente para que ele se acostumassem com o sabor e, finalmente, seu coração parou.

Aquele tinha sido um bom dia.

Não apenas porque ele havia partido, fato que já era bom o suficiente por si só, mas porque ela, assim como seu companheiro Go'Ella que o servia, foi para os claustros por três meses de solidão para 'sofrer'.

Esses foram os melhores três meses de sua vida.

Servir a Ry não era terrível.

Só que seu tempo não era só dela. Suas ações eram decididas por ela. Quando ela dormia, comia, tomava banho, o que lia, tendo tempo para aprender sozinha as coisas que precisava saber em vez de ficar sozinha e longe de seus companheiros Go'Ella para realizar seus rituais e testar seus instintos.

Idílico.

Tanto que ela pensou em matar Ry também.

No entanto, ela suspeitava que seriam feitas perguntas, já que ela era a única Go'Ella que também havia servido ao outro.

Independentemente disso, G'Ry tinha setenta e dois anos de idade. O tempo cumpriria esse dever, e provavelmente não levaria muito tempo.

Havia também o fato de que ela havia se afeiçoado bastante a ele.

No entanto, nada disso importava mais.

Os terremotos estavam ocorrendo e Ry tinha sido decididamente falador sobre eles.

E como ele se dedicava ao ato de registrar a história, tinha um interesse ativo no assunto. Portanto, quando Marian fazia perguntas, não importava quantas, ele respondia.

E muito.

E quando Marian pediu para ler os tomos sobre a Besta, ele ficou surpreso, mas prontamente, e até mesmo com alegria, os adquiriu para ela.

Muitas vezes, ele tinha que esperar, pois outros estavam se debruçando sobre eles para tentar entender os tremores.

Mas como Ry compartilhou que ele também estaria fazendo isso, eles os entregaram sem reclamar, e ela e ele também se debruçaram sobre eles, passando um bom tempo fazendo isso e discutindo o que pensavam sobre o assunto.

Então ela sabia.

Ela sabia de tudo.

O que significava que, muitos meses atrás, sua mãe ficou subitamente muito mal, exigindo que Marian pedisse uma licença para visitá-la e cuidar dela.

Essas visitas aconteciam regularmente.

Depois dos terremotos.

Ry não juntou tudo isso.

G'Fenn, que era esperto demais para seu próprio bem e muito intrometido, além de interferir demais, havia feito algumas perguntas quando visitou Ry no anoitecer que era uma noite depois de uma noite semelhante à que G'Fenn havia visitado, que foi antes de ela sair de manhã para visitar a mãe.

Logo após um terremoto.

Mas Ry se esquivou de suas perguntas e o fez com um vigor incomum.

Por outro lado, nenhum sacerdote Go'Doan gostava quando alguém questionava o que ele fazia com sua Go'Ella.

Aparentemente, Ry não era diferente.

Na verdade, era incomum para qualquer sacerdote que ele a deixasse ir sem escolta... ou sem escolta alguma.

Em uma das poucas ocorrências afortunadas em toda a sua vida,

Marian teve um Go'En que não questionou seu pedido. Ele simplesmente o concedeu.

Era ainda mais feliz agora.

Nesta época de grandeza.

Marian interpretou isso como o que as visões que ela estava tendo em suas meditações, leituras de tigelas e sonhos coloridos estavam lhe dizendo.

Tudo estava se encaixando.

Seu destino.

Então, agora ela estava cavalgando rapidamente depois de parar em um bordel para esfregar as costas, o pescoço e os ombros e tomar um banho quente e perfumado e, em seguida, fazer uma boa refeição em um pub (Ry também foi generoso com seu dinheiro de viagem, embora Marian preferisse pensar nisso como realmente era: ele a pagando por seu maldito serviço, algo que nenhuma Go'Ella recebia).

Ela precisava estar lá durante a noite e o Campo de Rituais Antigos ficava perto de Go'Doan, a menos de um dia inteiro de viagem.

Mas depois de passar a parte do dia que teria que passar esperando a noite se chegasse lá muito cedo (ela havia aprendido isso logo de cara), ela tomou a rota rapidamente, pois a viagem era cheia de preocupações.

Isso se devia, em parte, ao fato de que também ficava perto da borda dos Encantamentos, e havia todo tipo de homem que viajava regularmente para lá, seja qual fosse o propósito que lhes ocorresse.

Mais de duzentos anos, e nenhum deles conseguiu entrar.

Os homens não aprenderam rapidamente. Em alguns aspectos,

levou séculos.

Até mesmo milênios.

Sem contar que havia os Zee²⁷.

Marian não tinha problemas com os zés. Ela os entendia viajando em suas caravanas brilhantes, mantendo-se isolados e não gostando muito quando alguém metia o nariz em seus negócios.

O problema é que eles eram conhecidos por atacar os viajantes. Eles não costumavam machucá-los, apenas roubavam seus pertences, inclusive seus cavalos.

E Marian precisava de seu cavalo para chegar ao Terreno dos Rituais e depois voltar para Go'Doan. Ry podia ser totalmente paternal quando não pensava em seus escritos. Se ele soubesse que Marian havia sido assediada por Zees, poderia exigir que um G'Tish²⁸ a acompanhasse.

E isso não seria suficiente.

Ela fixou o olhar em seu destino, colocando a pequena adaga que trazia mais firmemente em seu cinto.

As fadas estavam soltas, seu movimento e zumbido podiam ser vistos por toda a escuridão das árvores com uma luz como a de um vaga-lume, só que muito menos vagarosa e com uma iluminação constante. Isto é, quando estavam em movimento. Quando pousavam em algo, sua luz diminuía.

Em breve, eles seriam cada vez menos. Eles não gostavam do frio, mas, mais ainda, das árvores quando estavam sem suas folhas. Eles procuravam comida e iam compartilhar com outros de sua espécie. Mas não corriam e voavam para voar em abundância, como faziam no verão.

E estava ficando frio.

No próximo terremoto (que ela esperava que viesse logo, e não se atrasasse como o último, algo que a havia alarmado muito), em vez da capa leve que usava agora, ela precisaria de mantos de pele para se aquecer.

Wodell tinha um frio úmido que se infiltrava nos ossos no outono e no inverno (e em boa parte da primavera, especialmente no norte). Algo que, por ter vindo do norte, ela ficou feliz em ver de volta quando cometeu o erro-bênção de deixar para trás sua mãe cruel, sua profissão muitas vezes irritante de prostituta e ir para onde muitos de sua espécie iam quando não havia outra escolha.

Go'Doan.

Também podia fazer frio na Cidade da Cúpula. Mas nem de longe tão frio quanto no norte de Wodell. Sem falar que Ry mantinha o fogo aceso na cela de sua Go'Ella.

Marian continuou cavalgando, pensando nisso e decidindo que, quando encontrasse seu destino, seria gentil com G'Ry, como ele havia sido com ela.

E ela estava se aproximando. Ela sabia disso por sua localização, mas também pela aceleração.

Ela não precisaria de mantos de pele ao se aproximar.

Não.

E ela sentiu que tudo aconteceria em breve. Depois do poder do último terremoto e daquele grito lamentoso, não poderia ser outra coisa.

Ela finalmente chegou ao seu destino e sua pele ficou ruborizada a ponto de ficar quente.

Assim, ela não perdeu tempo e fez o que já havia feito muitas vezes antes, primeiro se despiu das roupas Dellish que Ry insistiu

que ela usasse para sua própria proteção quando deixasse Go'Doan.

Ela também não perdeu tempo e, vestindo apenas sua camisola branca de Go'Ella, deitou-se no chão.

Ela fez isso de costas, com os braços sobre a cabeça e as pernas bem abertas.

Como todas as outras.

Sem as amarras.

Marian sentiu o cheiro do sangue. O suor. Séculos dele permeando a terra.

Mas parte dele era muito fresco.

Ela fechou os olhos enquanto a saliva enchia sua boca ao sentir a luta. Os gritos. As súplicas. Os soluços. O eventual desespero e a capitulação. A morte prolongada. Sentindo-a com tanta intensidade que, a cada momento que passava, essa sensação aumentava a ponto de ela poder ouvir os gritos e ver as lutas...

E ver a morte.

Ela os encontraria.

Oh, ela iria.

Ela *encontraria todos eles* e as coisas que ela faria.

As coisas que *eles* fariam.

O som veio, não como o normal - um zumbido, como uma canção de ninar, acalmando sua mente e alma, mas aquecendo ainda mais sua pele.

Em vez disso, foi um pequeno tremor, não como o que foi sentido no início dos terremotos.

Era algo diferente.

Algo que Marian imaginava não ter a ver com seu destino.

Ou talvez fosse.

Algo de que ela não gostou nem um pouco.

Aquele tremor veio e se foi tão rápido que foi quase como se não tivesse acontecido.

E então...

Nada.

Os momentos se transformaram em minutos e mais e mais minutos se passaram e ainda não havia nada.

Nenhum zumbido.

Nenhuma canção de ninar.

Ao esperar ainda mais, ela ficou preocupada.

Será que ele estava com raiva dela?

Pensando nisso, de repente, ela gritou ao ver sua cintura presa em um forte aperto de cada lado.

Esse aperto vinha de baixo.

Mas por quê?

Ela não conseguiu encontrar uma resposta para essa pergunta, pois, em vez de ar, estava puxando terra para a garganta.

Ela fechou a boca, os olhos, enquanto descia quando não havia como descer.

Mas ela estava indo.

Para baixo, na terra, com as raízes das árvores raspando sua carne.

Mais abaixo, seus pulmões começavam a arder ao prender a respiração, seus olhos se fechavam com força, seus lábios se contraíam e eram pressionados pelos dentes para manter a boca fechada e não gritar de terror.

Ela não se contorceu com o aperto. Ela tinha preocupações muito mais importantes. E não se tratava apenas do fato de que ela não conseguia respirar.

Em primeiro lugar, o peso da sujeira em cima dela, à medida que ela caía - ou era puxada -, a pressionava muito.

Como se fosse esmagar seus ossos.

Esmagar todo o seu corpo.

E então ela estava em queda livre e gritou, gaguejando e cuspidando sujeira quando seu corpo foi sacudido com a aterrissagem.

No entanto, ela não caiu no chão.

Ela estava sendo segurada.

Segurada por...

Ela sacudiu a terra do rosto, virou a cabeça, abriu os olhos e, de repente, ficou de pé enquanto a criatura diante dela dava dois passos para trás.

Ele era muito alto.

Magro, mas de ombros largos.

Tinha cabelos dourados e olhos azuis brilhantes.

Sobrancelhas escuras e aladas e traços angulares agradáveis.

Como suas visões.

Assim como seus sonhos.

Aquela cabeça dourada se inclinou e a voz dele ressoou em sua direção.

—*Patrona*²⁹.

A pele de Marian ganhou vida.

—*Me Brutum*³⁰— ela sussurrou.

Ele levantou a cabeça e olhou diretamente para ela.

Sua visão.

Seu sonho.

Seu destino.

Sua Besta.

Sim.

Isso estava acontecendo.



O Contratempo

O Padre

Campo de Rituais Antigos, Pequena Floresta de Thicket
WODELL

Ele teve que se juntar a eles por meio do plano astral.

E foi o que fez.

Quando chegou, viu que os outros não estavam felizes.

Eles não podiam saber que foi ele quem matou um dos seus.

—Você tem muita sorte de não ser realmente você— disse o menos favorito no momento em que o sacerdote assumiu a forma astral.

Eles sabiam.

—Cuidado, meu irmão— advertiu o sacerdote.

—Cuidado?— perguntou o homem, abrindo os braços em fúria. —Cuidado com o fato de você colocar uma serpente de Firenze em mim? Você acha que fomos tolos o suficiente para não consumir o antídoto todas as manhãs desde que soubemos da morte de Rupert?

Deveriam ter sido escolhidos irmãos menos espertos.

—As notícias estão em toda parte— disse outro dos homens. —Precisamos parar. Não deveríamos nem estar aqui. Se alguém deduzir o que nós deduzimos— ele indicou os dois homens ao seu lado com a mão, —investigadores de quatro reinos virão atrás de nós e os Go'Doan não deixarão de se envolver. Com apenas alguns tomos revisados, no mínimo, esse local sagrado será violado. Você sabe disso melhor do que ninguém, já que você mesmo é um maldito Go'Doan.

—Você não pode imaginar que meus irmãos do Go'Doan já não tenham se debruçado sobre esses tomos e, ainda assim, não fomos descobertos— observou o sacerdote.

—Isso foi antes de a Besta rugir em conjunto com três pessoas em dois reinos diferentes perdendo suas vidas da mesma maneira, mas incomum— retornou o segundo homem.

—Ninguém vai juntar as peças— garantiu o sacerdote.

—Na noite do maior terremoto, em que um rugido pôde ser ouvido em Tritão, uma vida foi tirada no palácio do rei em Firenze e, em poucas horas, um membro da nobreza de Airen morreu da mesma forma, uma forma incomum, especialmente considerando que uma serpente de Firenz, uma criatura que não sai da areia, foi o resultado de todas as mortes— resumiu o seu menos favorito de forma sarcástica. —Você acha que ninguém vai juntar as peças?

—Por que você matou a mulher no palácio?— perguntou o terceiro homem.

O sacerdote não podia lhes dizer que havia cometido um erro. Ele tinha a intenção de matar a noiva do Príncipe True. Sua intenção era acabar com a profecia antes que ela começasse.

Ficar sabendo que ele havia falhado, depois de ter cuidado da morte de seu Rupert e da prostituta de Rupert, foi uma notícia igualmente ruim naquele dia triste algumas semanas antes. Um dia que deveria ter sido de alegria.

—Não fui eu— mentiu ele.

—Besteira— sua frase menos favorita. —Do que você está falando?— ele exigiu. —Essa bagunça e agora não podemos realizar rituais, não temos os homens e, além disso, temos que nos esconder para o caso de alguém adicionar Rupert àquela mulher Firenz à Besta e nos pegar. Mas, antes disso, você exigiu que reduzíssemos nossos rituais, quando deveríamos tê-los duplicado, e depois você foi a Firenze para anular uma profecia mágica da qual nunca ouvimos falar, de modo que nem sequer pudemos realizá-los.

—Não foi só isso. Eu faço parte de uma missão diplomática— disse o padre. —Eu não poderia me recusar. A história está sendo feita. Seria suspeito se eu recusasse. Especialmente porque os Go'Doan sabem por que a história está sendo feita com essas alianças matrimoniais. Retomaremos nossos rituais, dentro do cronograma, assim que recrutarmos um novo irmão.

—Por que Rupert está morto?— perguntou o terceiro homem.

—Vamos recrutar outro irmão— repetiu o sacerdote.

—Você não respondeu à minha pergunta— retornou o homem. —Por que Rupert está morto?

Antes que o padre pudesse responder, seu inimigo o fez por ele. —Porque ele estava transando com uma prostituta e não punhetando seu próprio pênis com pensamentos sobre aquele— ele sacudiu a cabeça em direção ao padre, —traseiro— O homem olhou para ele. —Eles foram encontrados juntos, nus, após a relação sexual. Você o pegou com uma mulher. E, em um acesso de ciúme, você matou os dois.

—Isso não importa— murmurou o padre.

—Você matou um de nós— retrucou o homem. —Isso importa.

—Eu não respondo a você— disse o padre.

—Nós também não respondemos a você— rebateu o homem.

O segundo homem se juntou a ele, dizendo: —Você sabe que Rupert era leal a você.

O padre ficou sem resposta, pois tinha visto com seus próprios olhos que ele não era.

—Não gostamos de você— disse o primeiro. —Não confiamos em você. A única razão pela qual o aturamos foi porque Rupert tinha muito a dizer sobre sua magia. Porque ele nos disse que, sem vocês, não seria em nossa geração que a Besta seria despertada. Se não fosse por Rupert, seria você quem não teria mais a capacidade de realizar os rituais.

—Você está me ameaçando?— sussurrou o sacerdote.

O homem balançou a cabeça. —Você encontra um homem. Treine um homem. Não um que você queira transar. Um que fará o trabalho. E todos nós renovaremos nossos votos e os rituais começarão novamente, não. Se você não fizer nenhuma dessas coisas...

Ele não terminou.

E sim.

Era uma ameaça.

O padre não gostava de ser ameaçado.

—No momento, estou a caminho de Notting Thicket para o casamento do Príncipe True— disse o padre.

—É melhor você encontrar uma maneira de trazer seu traseiro para cá— exigiu o segundo homem. —Se não o fizer, continuaremos sem você.

—A Besta não desperta para vocês— o sacerdote retrucou. —Como você sabe, os rituais devem continuar como prescrito ou não

terão sentido.

—Você gostaria de testar isso?— perguntou o terceiro homem.

O sacerdote olhou entre eles.

Ele precisava deles.

Precisava de todos eles.

Ele não podia recrutar quatro homens. Não poderia fazer isso e manter seu disfarce de emissário de Go'Doan.

E se todos eles fossem vítimas de algum —acidente— como ele explicaria isso à Sociedade?

Ele precisava deles até que estivesse livre para substituí-los.

Todos eles.

—Recebi uma missiva da Sociedade— disse ele. —Eles sabem da morte de Rupert e me informaram que planejaram essa ocorrência. Há sempre um pronto para se juntar às nossas fileiras. Enviarei uma mensagem a eles e farei com que o tragam até mim. Eu o entrevistarei. Se ele for adequado, eu o treinarei, o trarei até você e irei com ele.

—E se não o acharmos adequado?— perguntou o segundo homem.

—Vocês o encontrarão— o sacerdote resmungou.

—E quanto tempo isso vai levar?— perguntou o primeiro homem.

—A viagem de Notting Thicket até o Campo de Rituais dura apenas uma semana. Atrasamos a saída de Firenze devido à morte daquela mulher e à cerimônia ostensiva que o Rei Mars lhe concedeu. E o Rei de Mar-el exigiu mais um atraso, pois, por alguma razão, ele precisa levar sua esposa e seus homens para o mar. Em outras

palavras, há uma interrupção no cumprimento da profecia. Com nosso contratempo, recebemos uma bênção.

—Sem nosso contratempo e esse atraso, a Besta já poderia estar aqui e Tritão seria nosso— observou seu antagonista.

O sacerdote não disse nada.

—Conserte isso— sibilou o homem.

—Isso será feito— respondeu o sacerdote com altivez e, antes que eles pudessem incomodá-lo ainda mais, ele retornou pelo plano astral à sua forma física na floresta do sul de Wodell, sentado em cima de seu pentagrama desenhado na terra, com as velas ao seu redor em um círculo acesas.

Ele as apagou imediatamente. Ele não estava perto do acampamento. Também não estava longe o suficiente para seu gosto. Ele havia se arriscado ao acendê-las. Agora que estava de volta em segurança, não podia mais se arriscar.

E ele se sentou no escuro, olhando para as árvores sombrias, dando tempo para que a cera no clima frio endurecesse para que ele pudesse reunir seus implementos, e ele fez isso tentando manter seus pensamentos calmos.

—Isso é apenas um contratempo— murmurou por fim e se levantou, pegando as velas e colocando-as em seu saco.

Ele usou o pé para apagar o pentagrama.

—Apenas um contratempo— decretou.

Com isso, ele voltou para o acampamento.



O Círculo Incompleto

O Grande Coven

Silbury Henge, Floresta de Argyll
AIREN

Na clareira da floresta, o primeiro lampejo de luz surgiu diante da primeira das cinco pedras de pé.

A luz era verde.

A próxima veio e era azul-marinho.

A próxima era branca brilhante.

E a próxima era carmesim.

—Rebecca, a bruxa mais poderosa de Wodell, começou a falar com urgência.

Nandra de Firenze a interrompeu. —Não até que todos nós estejamos aqui.

—Precisamos falar sobre Ophelia— afirmou Rebecca com teimosia.

—Ela tem razão— concordou Lena de Mar-el.

Fern de Airen respirou pelo nariz, mas não disse nada.

—Sinto que o véu a está absorvendo— declarou Rebecca.

Nandra olhou fixamente para sua colega bruxa.

Lena olhou para o chão.

Fern contraiu os lábios e os apertou com os dentes.

—E todos vocês também sentem isso— acusou Rebecca.

—Não há nada que possamos fazer a respeito— disse Nandra.

—Por mais que eu odeie dizer isso sobre minha irmã, minha amiga, uma mulher que eu respeito muito, ela precisa ser substituída. Isso é um fardo para ela— disse Rebecca ao clã. —E os tempos são difíceis. Precisamos que esse círculo seja completo.

—É verdade que nosso poder é reduzido se apenas uma de nós não estiver em sua melhor forma— disse Fern em voz baixa. —E, especialmente neste momento, precisamos que esse círculo esteja em sua força máxima.

—E quem você gostaria que a substituísse?— Nandra exigiu saber. —Serena é uma ameaça e Elena está envolvida na profecia.

—Melisse— declarou Rebecca.

Fern desviou o olhar.

Lena percebeu o movimento e observou: —Melisse é uma excelente sugestão.

Fern demorou a olhar para as irmãs antes de admitir: —Tive uma visão.

—Oh, Deusa— murmurou Nandra.

—Que visão?— Lena perguntou.

—Não é boa para... Melisse— Fern lhes disse.

—Você está louca?— Nandra esbravejou.

Fern endireitou os ombros e Rebecca retrucou: —Nandra. Acalme-se.

Nandra não se acalmou. —Quando você teve essa visão?

—Não faz muito tempo— Fern compartilhou.

—A menos que tenha sido há quinze minutos, foi tempo demais para não informar o resto de nós. Ela vai morrer?— perguntou Nandra.

Fern balançou a cabeça. —É obscuro.

—É claro— murmurou Lena.

—Não posso tornar uma visão mais nítida se ela não quiser vir dessa maneira— Fern cutucou Lena. —E você sabe disso, pois também não pode.

—Qual foi a visão?— perguntou Rebecca.

—Há um grande perigo em Wodell para os Nadirii— Fern os informou. —Principalmente Melisse.

—Isso não me surpreende. Ela é inteligente e equilibrada demais para seu próprio bem. São sempre aqueles que encontram fins graves — murmurou Nandra.

—Ela precisa ser avisada— disse Lena.

—Contaremos a Ophelia quando ela chegar— respondeu Rebecca.

—E Elena? Nandra perguntou a Fern.

Fern balançou a cabeça. —Todos os profetizados são sombrios.

Mas tenho a sensação de que há outra.

— Outra?— perguntou Lena. —Outro o quê?

—Outra ameaça.

—Maravilhoso— murmurou Nandra. —E você também não compartilhou isso.

—Eu tentei, mas não consigo acessar— Fern disse a elas. — Portanto, não havia nada para compartilhar. É simplesmente um sentimento, não uma visão.

—Você precisa continuar tentando— Rebecca insistiu com a colega bruxa.

—Claro— concordou Fern e olhou entre elas. —Alguma de vocês sentiu isso?

Todas balançaram a cabeça.

—Eu me pergunto por que só eu sinto isso— disse Fern, como se fosse para si mesma.

—Esperemos que não descubramos a resposta para isso depois que for tarde demais— respondeu Nandra.

Ninguém disse mais nada.

E, por causa disso, eles perceberam que já havia passado algum tempo após a chegada marcada e Ophelia ainda não estava lá.

—Você...?— Fern começou.

—Eu a procurarei— disse Rebecca, que se aproximou de uma pedra e a tocou e, em um lampejo de verde, desapareceu.

Os outros se mexeram desconfortavelmente.

Mas, em pouco tempo, Rebecca havia retornado.

Seu rosto estava pálido à luz da lua.

—Ophelia não vai se juntar a nós— disse ela em voz baixa.

—Puxa vida— sussurrou Lena.

—É muito ruim?— Nandra perguntou, com os olhos fixos na feiticeira Dellish.

—Ela está viajando de volta para os Encantamentos— respondeu Rebecca. —É oneroso, e a visita a Firenze foi vigorosa, por isso ela está fraca. Quando ela chegar em casa, será bom para ela ficar no colo da magia e da irmandade. Ela estará em casa em uma semana. Voltaremos a nos reunir uma semana depois.

—Precisamos de uma substituta— disse Lena suavemente.

—Meu rei me pediu para ficar para trás para ajudar seu capitão e fornecer ajuda mágica, se necessário, devido às preocupações após o ataque ao palácio. Rebecca pode ir ao encontro dos viajantes e, lá, falar com Melisse, que vai com eles— observou Nandra, depois olhou para a bruxa Airenziana. —Fern, você deve se juntar a ela para aumentar seu poder.

—Eu não tenho permissão do meu rei para viajar de Airen— Fern a lembrou.

—Não consigo entender como uma bruxa poderosa precisa da maldita licença de um rei— rosnou Nandra.

—Eu tenho magia, mas ainda preciso respirar em meu corpo para poder usá-la, e um laço impede isso— respondeu Fern.

—Não devemos brigar entre nós— disse Rebecca rapidamente.

Nandra a ignorou e instruiu Fern: —'Espiritualize' para longe se eles tentarem prendê-la.

—E espiritualizar para onde?— Fern exigiu. —Wodell, para onde, se for encontrada, eles me devolverão quando exigirem? Mar-el, que não gosta muito de estranhos? A Cidade da Cúpula, onde, se eu pedir asilo, posso ser forçada a me tornar uma acólita? Ou Firenze, que está à beira de uma guerra com quase todo mundo, inclusive com eles mesmos, a qualquer momento.

—Os Encantamentos, é claro— retrucou Nandra.

—E como posso ajudar meu povo dos Encantamentos, Nandra?— perguntou Fern. —Não há muito que eu possa fazer, mas o que eu posso fazer, eu faço, e é necessário. Um pouco, em uma terra onde não há muito para a irmandade, é muito. Eu traço uma linha no solo Airenziano que não foi traçada em sua areia e faço isso com um propósito. Você não está em posição de julgar, pois não sabe nada sobre isso. Fico feliz com isso para você. Mas, em troca, seria bom que, se você não consegue entender, pelo menos possa ter empatia.

Nandra não respondeu.

Rebecca mudou de assunto.

—Vou falar com Melisse. Mas, por enquanto, sem um círculo completo, não há nada que possamos fazer. Nós nos encontraremos novamente em breve.

—Não há nada que possamos fazer mesmo se tivermos um círculo completo. Por que esses guerreiros e suas mulheres estão demorando tanto?— Nandra exigiu saber. —Está longe de ser difícil ter relações sexuais.

—As questões do coração nunca são fáceis— respondeu Rebecca.

—Eu luto contra o instinto todos os dias para dar a cada um deles uma poção do amor— murmurou Nandra.

—Não faça isso!— afirmaram as três bruxas com firmeza.

—Tem de ser natural, orgânico— comentou Lena.

Nandra suspirou profundamente, pois sabia disso muito bem.

—Nós sentimos isso no véu, há uma promessa— lembrou Lena.

Elas sentiram.

Havia uma promessa.

O que eles não podiam saber era se ela se concretizaria.

E se isso acontecesse...

Se seria suficiente.



O Jogo

Rainha Silence

Cinquenta milhas dentro da fronteira sul
WODELL

Eu estava de pé na aba aberta da grande tenda vermelha que compartilhava com meu marido e olhei para o topo da elevação da charneca³¹ onde Mars estava com Farah.

Sua cabeça escura e bonita estava inclinada para ela.

Era noite e, embora houvesse muitas tochas ao redor do amplo acampamento, a distância e a falta de luz escondiam sua expressão de mim.

Mas ele estava bem perto dela, com o braço em sua cintura, e isso dizia muito.

Meu marido havia passado muito tempo com Farah durante nossa jornada.

Sem mencionar que ele fez o mesmo antes dela, quando ficamos em Firenze enquanto a cerimônia de morte da mãe de Farah, Sofia, estava sendo organizada e depois realizada.

Eu sabia que eles eram próximos. Ela estava sentada ao lado dele em uma pilha de almofadas ao lado de seu trono desde o primeiro

momento em que o vi. A maneira como eles se tratavam também indicava isso.

No entanto, eu estava me perguntando sobre essa proximidade agora, pois não parecia simplesmente próxima.

Parecia muito próxima.

E, como era o costume dos Firenz, um homem podia ter uma esposa e ser muito, muito próximo de outra mulher.

De fato, o mais próximo possível.

Senti uma presença ao meu lado, por isso virei a cabeça e olhei para cima.

Kyril, um dos Confiáveis de Mars, um dos meus Confiáveis, nosso guarda pessoal, estava ao meu lado.

Em nossa jornada, e mesmo antes, descobri que Kyril era, na maioria das vezes, o que estava mais próximo de mim.

Eu não sabia se isso tinha sido planejado por meu marido ou por acaso.

Também não perguntei.

Eu simplesmente ficava feliz com isso.

Kyril era o mais jovem dos Confiáveis e o mais jovial. Eu gostava de todos eles. Mas senti uma afinidade com Kyril.

—Não tenho certeza de como meu rei conhecerá melhor minha rainha, ele lá em cima com sua companheira de infância e você se escondendo nas dobras de sua tenda— observou Kyril, com os olhos também voltados para a ondulação da charneca.

—Não estou me escondendo— respondi.

Ele olhou para mim, mas não disse nada.

—Eu estava me refrescando depois de nossa viagem— disse-lhe.

—Paramos de nos mover há duas horas e, nesse intervalo, jantamos, o que, devo observar, você comeu com Elena e Melissa, não com seu marido.

Eu bufei e desviei o olhar para olhar para longe.

—Minha rainha...

— Silence!— a voz do meu pai interrompeu o que quer que Kyril estivesse prestes a dizer e senti minha guarda ficar tensa ao meu lado enquanto eu voltava minha atenção na direção do meu pai. —Venha, sente-se com sua mãe e eu em nossa tenda para um xerez à noite.

Eu detestava xerez.

—Preste atenção em minhas palavras, não esteja nessa tenda quando seu marido voltar, minha rainha— disse Kyril em voz baixa.

Olhei para a elevação da charneca.

A luz era fraca.

Eu ainda podia ver que Farah estava totalmente nos braços de meu marido.

Ela estava noiva de outro. Quando éramos apenas noivos, Mars não permitia que meu primo segurasse minha mão, muito menos que me abraçasse.

Mas ele não teve nenhum problema, na frente de todo o acampamento, que incluía o pretendente de Farah e a esposa de Mars (que era *eu*), em segurá-la em seus *braços*.

Olhei novamente para onde meu pai estava parado, esperando uma resposta.

—Estarei lá em um momento— eu disse.

Ele sorriu, acenou com a cabeça e se dirigiu à tenda dele e de minha mãe, enquanto eu ouvia Kyril emitir um grunhido de desagrado.

Inclinei a cabeça para trás para captar seu olhar. —Se meu marido voltar, por favor, diga a ele que estou com minha mãe e meu pai.

—Estou acompanhando-a até lá, minha rainha— respondeu ele.

—São três tendas de distância e estamos cercados por soldados Dellish, Airenzianos e Firenz. Estou bastante seguro para andar três tendas abaixo da linha.

—Estou... *acompanhando*... você até lá, minha rainha— repetiu ele, com um pouco menos de paciência dessa vez, e da última vez não tinha sido tão paciente assim.

Fiz um movimento para prosseguir, murmurando: —Então, vamos embora.

—Você deve deixar um recado para alguém onde você está para que ele possa dizer ao nosso rei quando ele chegar— instruiu Kyril.

Parei e olhei novamente para ele. —Você sabe onde eu estarei. Pode dizer a ele. E se meu marido quiser me encontrar, ele pode me procurar.

—Eu não vou deixá-la— ele me lembrou.

Isso era verdade. Ele era meu acompanhante com frequência e, quando terminava de me levar a algum lugar, não saía para jogar um jogo de tubaína.

Seu tom estava muito diferente - mais calmo, mais suave - quando ele continuou a aconselhar: —Não faça esses jogos, Silence .

—Não estou jogando nenhum jogo— neguei.

—Você está.

—Não estou. Estou tomando um xerez com meus pais. Fazemos isso em Wodell e, como você sabe, agora estamos em Wodell. Xerez, conhaque ou vinho do Porto. Embora eu prefira um pequeno drinque de beneditino.

Kyril olhou para mim.

—Minha mãe e meu pai estão esperando— solicitei.

—Ele se cansa dessa distância, minha rainha. Você não o conhece bem. Ele está muito apaixonado por você e, por isso, a tem cortejado. Mas eu a aconselho a não testá-lo.

Isso não era novidade para mim.

Desde a nossa noite de núpcias, algumas semanas antes, uma noite em que Mars foi muito atencioso e me permitiu descansar depois de um período de intensa provação, em vez de esperar que eu consumasse nosso casamento, as coisas que haviam sido muito promissoras entre meu novo marido e eu haviam se deteriorado.

E, ultimamente, Mars estava deixando transparecer que não gostava disso.

Isso, eu admitiria apenas para mim mesma, foi obra minha.

Pois Kyril estava certo, eu não conhecia Mars muito bem.

No entanto, o que eu sabia era que ele estava realmente apaixonado por mim e que podia ser muito carinhoso e amoroso.

Também podia ser cruel e impiedoso.

Ele não tinha sido essas coisas para mim, mas eu as testemunhei quando ele torturou e tirou a vida de homens, em batalha e executando-os.

Eu não havia falado com ninguém sobre o que tinha visto e como isso me fez sentir.

Agora eu era rainha.

Rainha de uma terra onde traidores eram condenados à morte sem julgamento.

Torturados e condenados à morte.

Meus sonhos eram repletos dessas coisas. Lembrava-me delas e evocava novas imagens.

Essas novas imagens incluíam Mars torturando meu pai.

Mars torturando minha amiga e criada, Estrilda.

Mars me torturando.

Isso significava que eu acordava com um sobressalto, com o coração acelerado e a pele gelada.

Eu também guardava isso para mim, embora meu marido soubesse, pois eu dormia em seus braços todas as noites.

Só que ele havia parado de perguntar sobre isso e de me aconchegar para dormir quando eu dizia que não passava de ansiedade após o ataque e o último terremoto causado pela Besta.

Agora, eu suspeitava, ele sabia que era mais do que isso.

Ele apenas se cansou de tentar me fazer falar sobre isso.

Uma rainha manteve o queixo erguido, os olhos firmes e os sentimentos escondidos. Eu sabia. Eu estava observando minha tia Mercy, Rainha de Wodell, e Elpis, a mãe de Mars, Rainha de Firenze, desde que me ocorreu que meu presente poderia incluir um novo marido e qualquer que fosse minha parte na profecia para derrotar a Besta.

Mas meu futuro e o resto de minha existência incluíam ser rainha.

As rainhas não ficavam melindradas.

As rainhas não reclamavam.

As rainhas não tinham pesadelos que traziam para o dia a dia.

As rainhas eram inteligentes, silenciosas e, acima de tudo, continuavam.

Eu sabia que um dia precisaria lidar com isso de alguma forma e encontrar uma maneira de aceitar meu marido como ele era em nossas vidas, como meu governante e em nossa cama.

Só que agora eu estava encontrando maneiras de... adiar isso.

E é preciso dizer que, à medida que os dias passavam e a atenção dele não se desviava de Farah, mesmo quando ficava claro que True estava determinado a ser o ombro forte para ela se apoiar nesse momento de dor, isso não ajudava em nada.

Pois meu marido não era meu.

Ele não era meu rei (não de fato, eu era Dellish, embora oficialmente isso tenha mudado, eu nunca deixaria de ser Dellish mesmo que fosse a Rainha de Firenze).

E ele foi forçado a se casar comigo.

Ele não me escolheu. Ele não se apaixonou por mim.

Mas mesmo que tivesse se apaixonado, ele nunca seria meu marido de verdade.

Não depois de, como ele disse que faríamos, levarmos outras pessoas para a nossa cama.

Isso significava que eu teria de compartilhá-lo de todas as formas.

E eu não queria fazer isso.

Não considereí egoísta me irritar com isso.

A questão de ele ser rei obviamente não estava em questão. O que ele fez na necrópole de Firenze era algo que eu tinha que resolver em minha cabeça... de alguma forma.

Mas compartilhar meu marido?

Eu não tinha certeza se conseguiria aceitar isso.

Embora eu tivesse que fazer isso também.

Porque era o jeito Firenze de ser.

E eu podia não ser de Firenze.

Mas eu era a rainha deles.

Eu só precisava de tempo para fazer isso.

E minha mãe e meu pai, Elena, sua mentora Melisse, Tril, meu macaco de estimação, Piccola, e muitas outras coisas às quais eu poderia me agarrar, estavam me dando amplas oportunidades de dar a mim mesma esse tempo.

Como agora.

—Eu disse ao meu pai que o atenderia— pedi. —Temos que ir.

Kyryl ficou olhando para mim por algum tempo antes de suspirar.

Ele olhou para a direita, chamou a atenção de alguém e disse: — Nossa rainha está tomando um drinque com seus pais.

Olhei naquela direção e vi Basil, outro de nossos Confiáveis, acenar com a cabeça.

Ele também parecia desaprovador.

Eu realmente não sabia o que dizer.

Se eu lhes dissesse que seus costumes eram estranhos para mim, estranhos e alarmantes e talvez até abomináveis (no caso de tortura e execução) e prejudiciais (no caso de infidelidade aberta no casamento), seria um insulto.

Essas pessoas e esses costumes pertenciam ao que agora era minha terra, meu povo.

E eu tinha que encontrar em mim a capacidade de viver com isso.



—Vocês ficaram muito tempo— murmurou Kyril duas horas depois (tudo bem, talvez dois quartos e três quartos de hora depois), enquanto voltávamos para a tenda real.

Eu não achei que ficamos muito tempo.

Tive uma discussão bastante animada e surpreendentemente interessante com meu pai durante essas duas horas.

Discordamos sobre o que achávamos de um livro.

Eu gostei do livro.

Ele não gostou.

No entanto, no final, acredito que o influenciei, pois ele me disse que iria reler o livro com o que eu havia dito em mente e voltaríamos a discutir o assunto.

Nunca, em toda a minha vida, tive uma conversa animada ou interessante com meu pai.

Eu nunca, em toda minha vida, havia influenciado o pensamento

de meu pai.

Por isso, achei que tinha sido uma noite bastante agradável.

Mas, independentemente disso, por mais petulante que possa parecer, meu marido sabia exatamente onde estávamos naquelas horas.

Portanto, se ele quisesse minha companhia, poderia tê-la.

—Estou muito cansada, Kyril— respondi. —Podemos não ter outro desentendimento?

—Vou lhe conceder isso, minha rainha— ele respondeu. —Porque você está cansada, então a energia que você tem, você precisará para o meu rei.

Torci o pescoço para olhar para ele e vi seus olhos apontados na direção da tenda real.

Também direcionei meus olhos para lá, a tempo de ver meu marido desaparecendo na esquina em direção às aberturas de entrada que estavam escondidas do meu ponto de vista atual.

Será que ele estava vindo me buscar?

Meu coração deu um pulo.

Quando chegamos à tenda, Kyril me precedeu, abriu a aba, olhou para dentro por apenas um segundo e depois se virou para mim.

Ele fez uma pequena reverência e, em vez de me desejar uma boa noite, murmurou: —Boa sorte.

Não achei que isso fosse um bom presságio.

Passei pela aba que Kyril ainda mantinha aberta.

Eu estava certo.

Isso não era um bom presságio.

Parei alguns metros adiante e ouvi a aba da barraca se fechar atrás de mim.

—Marido— eu disse trêmula para o homem grande e moreno que estava no meio da nossa enorme tenda.

Uma tenda em que o tecido interno era estampado em dourado e verde contra o vermelho, o chão coberto de tapetes de seda e espalhado com almofadas, o colchão macio em que dormíamos colocado em um estrado e envolto em cortinas vermelhas e douradas penduradas em varas. Essa cama também estava repleta de sedas, veludos, peles e travesseiros estampados.

Havia até vasos de plantas.

Isso era montado todas as noites.

Na verdade, a caravana dos criados com tendas e apetrechos partia horas antes de nós, pois terminávamos o café da manhã sob o sol do fim da tarde e tratávamos de nossos cavalos para que chegassem ao nosso destino antes de nós, a fim de que pudéssemos nos refrescar e descansar imediatamente com luxo.

Essa não era a maneira Dellish. Em uma caravana, todos nós cavalgávamos juntos. E quando a festa parava, os nobres sentavam-se em cima de cobertores e tomavam um vinho ou um chá fresco para se refrescar, enquanto os criados cuidavam do jantar e das acomodações, que não eram nem de longe tão elaboradas.

Era o jeito Firenz de ser, onde a suntuosidade, a extravagância e a indulgência eram prioridade e os criados existiam para atender a essa prioridade sem falta.

—Ah— disse Mars. —Isso me alegra. Você se lembra de quem eu sou.

—Claro que me lembro— eu disse suavemente.

—Hum— foi sua única resposta, enquanto ele permanecia parado, imóvel, com os braços cruzados sobre os couros cor de areia em seu peito largo, seu olhar negro fixo em mim, irritado.

Mesmo que ele parecesse ser o que era conhecido, um rei bárbaro, reuni minha coragem.

Pois eu sabia que ele também era Mars.

Eu só tinha que me conformar com o fato de que ele era ambos e nenhum deles me pertencia.

—Basil não contou a você?— perguntei. —Eu estava com mamãe e papai, tomando um drinque.

—Basil compartilhou seu paradeiro— ele confirmou.

—Bem, eu, erm...

Eu não sabia mais o que dizer.

Eu também sabia que não poderia ir para a cama porque, primeiro, ele estava impedindo meu caminho e, segundo, ele estava na tenda, então Tril não poderia me atender para me ajudar a trocar de roupa para dormir.

Isso me deu algo para dizer.

—A Tril esteve por aqui?

—De fato— respondeu Mars. —Eu a mandei para seu palete.

Pisquei para o meu marido. —Mas preciso da ajuda dela para me preparar para dormir.

—Se precisar soltar os cadarços, Silence, meus dedos funcionam.

Oh, bolas.

—Nós... você e eu normalmente...— gaguejei.

—Eu já lhe dei isso, sim— ele me interrompeu para dizer. —Senti que você precisava de tempo para se acostumar com seu marido e com a proximidade que teremos durante toda a nossa vida juntos. Portanto, eu me ausentei enquanto sua criada a ajuda a se preparar para dormir. No entanto, como eu a verei sem roupas, bem como dentro delas, e farei isso com grande frequência durante nossos anos de casamento, não há motivo para que, quando você se atrasar para dormir, sua criada tenha de ficar acordada para que eu possa ajudá-la a tirá-las.

Eu engoli.

—Você está pronta para dormir, Silence?— Mars perguntou com falsa cortesia.

—Sinto que preciso de mais tempo, Mars— eu lhe disse cuidadosamente.

Ele levou apenas um segundo para pensar sobre isso antes de erguer o queixo barbudo em sinal de assentimento.

Eu estava prestes a suspirar de alívio, embora, mesmo considerando isso, eu não tivesse certeza de que sentia alívio, pois parecia que, com aquele gesto, meu marido estava muito bem em continuar distante de mim.

No entanto, ele não esperou nem um segundo para falar novamente.

—Antes de eu sair para permitir que você mande chamar Tril, vou dizer que Basil substituirá Kyril como seu guarda pessoal. Você estará na presença de Kyril somente quando estiver comigo.

Senti meus lábios se entreabrirem de surpresa e não porque agora eu entendia que Kyril havia sido designado para mim, algo que meu

marido não havia compartilhado abertamente comigo.

Não, porque ele havia me dado Kyril.

E agora ele o estava levando embora.

Mars continuou falando.

—Você também limitará qualquer tempo que passar com seu pai ao tempo em que eu possa atendê-lo com você.

O quê?

—Mas... por quê?— Minha pergunta veio como um sussurro chocado.

—Seu pai a usa para algum propósito que ainda não compreendi. Até que eu entenda, estarei ao seu lado quando você estiver com ele.

—Estávamos falando sobre livros— eu disse a ele.

—É claro que estavam— ele murmurou.

—O que isso significa?— perguntei.

Ele não explicou o que significava.

Ele disse: —Isso será feito, minha rainha.

Fechei minha boca.

Ele começou a ir em direção às abas da tenda e, como eu estava diretamente em seu caminho e ele claramente não queria ajustar seu curso para não esbarrar em mim, saí de seu caminho.

Ele parou e se virou novamente para mim antes de sair da tenda.

—Você estava consciente durante a cerimônia do piercing, não?— ele perguntou estranhamente.

—Sim— respondi.

—E foi falado em seu idioma— observou ele.

Acenei com a cabeça.

—Você me disse que ficou emocionada com isso.

—Fiquei— sussurrei.

—Estou curioso. O que, minha nova esposa, a emocionou?

—Eu, bem...

Fiquei olhando para ele.

Ele não parecia curioso.

Parecia irritado.

Ele era um rei.

Também era meu marido.

E eu tinha que me lembrar que era sua esposa.

Mas eu também era uma rainha.

Sua rainha.

Levantei meu queixo e terminei: —Tudo mesmo.

—Há dois piercings na orelha por algum motivo, Silence — ele retrucou.

Senti meu corpo se contorcer involuntariamente quando percebi o que ele queria dizer.

Ele continuou: —Você não dorme bem. Evita minha presença. Minha pretendida era exuberante, quente e molhada em meus braços

e em minha cama quando minha boca e minhas mãos estavam sobre ela. Minha esposa é distante e prefere a companhia de seu guarda e de seu pai. Este último a tratou com negligência insensível durante toda a sua vida, mas agora é seu companheiro escolhido.

—Mars...

—Forçar meu corpo contra o seu não me agrada— continuou ele, e eu fechei a boca, pois nunca imaginei que ele faria isso e fiquei chocada com o fato de ele ter feito. —Também não posso forçá-la a falar. Deixei mais do que claro que ouvirei o que quer que tenha tirado você de mim. Você me negou esse privilégio. Não vou implorar.

Eu não queria que ele implorasse.

Eu queria o que não podia ter.

Queria voltar a ser como éramos quando nos conhecemos, quando ele era apenas um homem lindo que me fez sentir linda também pela primeira vez em minha vida e a promessa de que éramos e sempre seríamos apenas... nós.

—Agora— ele continuou falando, —preciso considerar minhas opções. Ao considerá-las, percebi que essas opções são limitadas, o que é algo que não me agrada. Mas precisarei escolher uma delas e, por mais que as questões entre nós sejam irritantes, precisarei fazer isso em pouco tempo. Enquanto isso, vou protegê-la da melhor forma possível, limitando seu tempo com seu pai. E protegerei nosso casamento, tal como ele é, limitando seu tempo com Kyril.

—Kyril é apenas um amigo— eu disse.

—Kyril não é seu amigo— ele retrucou. —Ele é um Confiável. A vida dele é sua. Mas, além disso, a vida dele é *minha*. Não interprete mal quem ele é para você, Silence. Ele é seu guarda e eu permitirei um convívio. Se eu não gostar do rumo que isso tomar, ele deixará de ser um dos principais soldados de seu reino e passará o resto de seu

alistamento limpando latrinas.

Eu engasguei.

Mars teve uma resposta para minha surpresa atônita.

Ele se virou de costas para mim, abriu a barraca com um tapa e saiu.

Fiquei parada, observando a aba se acomodar no lugar, sentindo um calor nos olhos e uma pontada na garganta.

Agora, de certa forma, meu marido estava tirando meu pai de mim e eu não sentia uma vaga sensação de alarme, pois meu pai havia mencionado que Mars pretendia fazer exatamente isso.

E Kyril, que eu achava que estava se tornando um amigo, estava, para todos os efeitos, perdido para mim também.

Eu tinha poucos amigos e Mars sabia disso.

Só que agora parecia que, em um impulso de rei, ele não se importava.

Em nossa noite de núpcias, ele havia me dito que queria encher minha vida de risadas.

Ele estava falhando espetacularmente nisso e fazendo isso sem muito esforço para ter sucesso.

E por todos esses motivos, e muitos outros, tive vontade de chorar.

Entretanto, não podia fazer isso.

Eu era a rainha.

As rainhas não choravam.

As rainhas seguiam em frente.

E, infelizmente, isso fez com que eu precisasse chorar ainda mais.

Eu não fiz isso.

Fui até a aba da tenda, dei uma olhada para fora e vi Basil lá.

Pedi a ele que chamasse Tril.

Eu precisava me preparar para dormir, a fim de tentar dormir e me preparar para enfrentar mais um dia como esposa de Mars Laches.

Mas, principalmente, como rainha de Firenze.



Eu havia deixado as lâmpadas acesas nas mesas baixas de cada lado de nossa cama para o retorno de Mars.

Mas eu estava deitada, em minha camisola, uma que Tril trouxe com uma teimosia inquietante, o que significava que era uma camisola que Tril se recusava a voltar ao meu baú em sua tenda para trocar por outra que fosse mais do meu agrado.

Não que eu não gostasse dele. Ela era linda.

Um corpete feito inteiramente de renda (e, portanto, era possível ver através dele, não completamente, mas não era preciso olhar muito para obter uma imagem nítida) com uma saia que caía até os joelhos, era um pouco transparente, mas oferecia cobertura total. Ou seja, no sentido do material. As fendas na frente de cada perna iam até alguns laços de cetim na borda da renda em cada quadril e expunham bastante.

Se eu me mexesse, essa boa parte era tudo.

Era lilás.

A cor complementava minha pele.

Não era nada parecido com o que eu já havia usado antes de me casar.

A renda era um pouco áspera, por isso não era tão confortável.

E era um convite que eu não queria fazer.

Tril, que era menos paciente com a distância crescente entre mim e Mars do que Kyril, basicamente exigiu que sua rainha o usasse.

Entretanto, para Tril, eu não era a rainha.

Em vez disso, eu era, e sempre seria, Silence. Tril era minha única amiga verdadeira e a única pessoa com quem eu podia contar fielmente durante toda a minha vida.

Assim, meio temendo que Mars retornasse antes de terminarmos, e meio não querendo discutir com outro ser que significava algo para mim, eu o vesti.

E, usando-o, eu tinha mais um obstáculo a superar antes de poder dormir, para que pudesse estar revigorado para enfrentar o que quer que viesse no dia seguinte.

Eu sabia que esse obstáculo havia chegado quando ouvi a aba da barraca se abrir.

Deitei-me na cama, de costas para o lado de Mars, e fiz isso com o corpo todo tenso.

Eu o ouvi se movimentar. Ouvi seus couros caírem sobre os tapetes. Ouvi o barulho dele puxando as sedas em que dormia. E, finalmente, senti o colchão se deslocar quando ele deitou seu grande corpo sobre ele.

Só então me preparei para enfrentar o que viria a seguir.

O que sempre acontecia logo antes de irmos para a cama. O que eu esperava ansiosamente pelo que eu esperava que pudesse ser, mas que nunca seria, e temia porque nunca seria o que eu precisava que fosse.

Meu marido e eu tirando as correntes matrimoniais um do outro.

Para fazer isso, eu me sentei, me contorci e olhei para Mars.

Ele estava na cama, mas também se virou para a lanterna, expondo suas costas largas, de pele morena e musculosas para mim. Parecia que ele pretendia apagar a lâmpada.

Os fechos de nossas correntes eram pequenos, eu precisava da luz para soltar a dele, assim como ele precisaria dela para soltar a minha também.

—Mars— eu chamei.

Antes de apagar a luz, ele virou a cabeça para mim.

Sua corrente havia desaparecido.

Fiquei olhando para ele.

Ele havia tirado a corrente dele.

Minha corrente.

Nossa corrente.

E ele mesmo havia feito isso.

Ficamos distantes, mas todas as noites, como ele havia dito que faríamos, meu marido pegava a corrente que me deu e eu, sua esposa, pegava a dele.

E como isso era tudo o que eu realmente tinha dele, algo que nenhum outro teria, nunca, isso significava muito para mim.

Eu não tinha ideia do motivo, mas o fato de sua corrente ter desaparecido era demais.

Eu não podia...

— É claro— sussurrei e virei a cabeça para o outro lado, levantando minhas mãos que pareciam pesar cinco vezes mais do que normalmente pesavam para os elos em minha orelha. —Sinto muito— concluí sem sentido.

— Silence?

—Hum?

Até meu zumbido estava rouco. Meus olhos estavam ardendo, e eu não tinha ideia de como controlar as lágrimas. Eu não sentia que poderia respirar muito profundamente no silêncio ao nosso redor, pois ele ouviria e saberia, e eu não queria que ele soubesse. Mas eu não conhecia outra maneira de mantê-las afastadas.

A cama se mexeu e ouvi um — Silence — muito mais firme, antes que o pulso em minha orelha fosse circundado por seus longos dedos.

Eu torci meu pescoço para olhar para ele.

Seu olhar estava em meu ouvido, mas chegou aos meus olhos quando eu os dei a ele e vi seu rosto congelar.

Torci o pescoço para olhar para ele.

Seu olhar estava na minha orelha, mas chegou aos meus olhos quando eu olhei para ele e vi seu rosto congelar.

—Eu vou cuidar disso e...— Desviei o olhar e tentei me livrar do aperto que ele ainda tinha em meu pulso, —apague a lâmpada e poderemos dormir.

—Permita-me— ele murmurou.

Eu me esquivei de seu olhar e, mesmo com sua mão ainda em meu pulso, tentei pegar um prendedor com minha unha.

—Não. Eu faço isso.

— Silence.

Isso foi um estrondo.

O que significava que era uma ordem.

Larguei minhas mãos e mantive meus olhos desviados.

Ele soltou meu pulso, que agora estava em meu colo, e senti seus dedos em minha orelha.

Prendi a respiração e senti a corrente se soltar enquanto Mars sussurrava: —Vire-se mais para mim, *mia bellezza*.

Eu me virei mais para ele, mesmo que não quisesse. Eu queria mais que isso fosse feito. Então o fiz, esperando que ele não visse meu lábio tremendo.

— Minha Silence — disse ele suavemente.

Ele viu meu lábio tremendo.

Ele soltou a corrente da argola e gentilmente a tirou das outras, inclinando-se sobre mim para jogá-la sobre a mesa ao lado da cama.

Imediatamente comecei a me afastar dele para poder me acomodar e talvez abafar com o travesseiro as respirações profundas de que precisava para controlar minha emoção.

Mars frustrou esse plano pegando a lateral do meu pescoço com uma mão, minha cintura com a outra e usando o polegar em minha mandíbula para me forçar a olhar para ele.

—Estou cansada, Mars— disse eu para os aros vazios em seu ouvido.

—Eu não sabia que significava tanto para você tirar minha corrente de mim— ele compartilhou em voz baixa.

Eu não respondi.

—Não cometerei esse erro novamente, minha linda esposa— ele murmurou.

Eu simplesmente assenti, ainda olhando para sua orelha.

Eu pensaria muito depois do ocorrido, se foi sorte ou infelicidade (e eu me inclinaria mais para infelicidade) que, naquele momento, meu marido abaixou a cabeça e encostou a boca na minha.

E eu pensaria muito depois do ocorrido, o que motivou minha reação.

Mas a verdade é que ele não me beijava há dias.

Em semanas.

Desde o nosso casamento.

E eu adorava seus beijos.

Assim, sentindo o toque de seus lábios, empurrei-me para dentro dele, para dentro deles, e deslizei minha língua para saboreá-los.

Mal consegui sentir uma nuance, pois sua boca se abriu e minha língua deslizou para dentro.

Muito melhor.

Soltei um gemido faminto por ter sua essência, o calor úmido de sua boca, o gosto de algum licor e Mars, enquanto me virava em seus braços, ansiosa por mais.

Ele caiu de costas e eu caí sobre ele.

Sentindo-o embaixo de mim, eu queria muito, tudo dele, de uma só vez.

Mas, como não podia ter tudo de uma vez, concentrei-me em sua boca, em nosso beijo e, com avidez, tomei mais dele.

Mars, por outro lado, era capaz de dar isso e muito, muito mais.

Suas mãos se moviam sobre mim, sobre a renda, sobre a seda da minha saia, sobre a minha pele, ele rapidamente encontrou a fenda no chiffon e a colocou em uso, acariciando a parte interna da minha coxa que eu havia jogado em seu quadril.

Foi uma sensação maravilhosa.

Ele nos ajustou, senti sua dureza pressionar contra mim e soltei outro gemido, penetrando-o com força.

Ele gemeu e sua mão grande segurou minha nuca, prendendo minha boca à dele (não que eu fosse tirá-la), enquanto sua outra mão deslizava sobre minha coxa, para cima, e senti as pontas de seus dedos deslizarem sob a borda da calcinha em meu quadril.

Era tão bom.

—Mars— sussurrei contra seus lábios.

Ele levantou a cabeça do travesseiro e pegou a minha novamente, sua língua entrando em minha boca, bebendo, dançando, o garanhão nela provocando, seus dedos deslizaram sobre meu traseiro, ainda na borda da minha calcinha, e depois deslizaram de volta.

Ainda mais adorável.

Eu me enrosquei em sua dureza.

Seus dedos refizeram o caminho, indo mais longe dessa vez, mais

longe, e eu os senti fazer cócegas na umidade entre minhas pernas.

Pressionei-os, buscando mais.

Eles recuaram. Estavam lá, tentadores, mas não estavam lá, dando-me o que eu precisava.

—Mars— implorei, nossas bocas se tocando.

Seus dedos deslizaram pelas minhas dobras enquanto ele murmurava roucamente: —Minha esposa está muito molhada.

—Eu...

Ele apoiou a cabeça no travesseiro, afastando os lábios dos meus, enquanto seus dedos saíam de entre as minhas pernas e se agarravam à parte de trás da minha coxa, logo abaixo da bochecha do meu bumbum. Ele se manteve firme, prendendo-me nele e contra ele, sua masculinidade dura, quente, grossa e pressionando-me.

Em seguida, ele moveu minha cabeça de modo que meu rosto ficou encostado em seu pescoço, sua barba roçando minha testa.

—Que isso seja uma lição aprendida, Silence — ele murmurou.

Uma...

O quê?

Fiquei olhando para seu pescoço.

—Esta noite você dormirá como eu tenho dormido, todas as noites desde o nosso casamento, necessitando do corpo tão próximo ao meu, incapaz de tê-lo, incapaz de encontrar a liberação— ele declarou.

Eu não fazia ideia de que ele dormia assim.

Também não tinha ideia de por que ele me obrigaria a fazer isso, pois eu já sabia que era totalmente desagradável.

—Se você quiser alguma coisa, minha esposa, peça ao seu marido — ele instruiu. —Se precisar de algo, peça— Suas mãos em minha coxa e pescoço se apertaram de uma maneira que era uma clara repreensão, mesmo quando suas palavras seguintes confirmaram exatamente isso. —Se algo for importante para você, comunique. Fui compreendido, sim?

Ele estava falando sobre a corrente conjugal.

Ele estava me punindo por ter reagido ao fato de ele ter tirado sua corrente conjugal quando foi ele quem proclamou que tiraríamos a do outro todas as noites pelo resto de nossas vidas.

Isso me irritou.

Mas eu não conseguia pensar em minha raiva.

Eu precisava me contorcer.

Não podia me contorcer.

Eu precisava gritar meus desejos.

Não conseguia gritar meus desejos.

Tudo o que eu podia fazer era murmurar: —Sim.

—Ótimo— ele murmurou, apertando-me novamente, desta vez com carinho. —Agora vamos dormir com as lâmpadas acesas. Talvez isso afaste seus sonhos ruins.

Eu não achava que isso fosse uma possibilidade.

A parte de dormir, é claro.

Principalmente porque ele estava duro e pronto contra mim, ainda. Eu estava molhada e pronta em cima dele, definitivamente ainda.

E ele parecia completamente imune a ambos.

Como se estivesse na necrópole, quando os homens que ele torturava imploravam para que parasse.

Aparentemente, a tortura tinha muitas formas.

E meu marido era um mestre em todas elas.

—Devo admitir— ele murmurou, —não gosto de suas roupas Dellish.

Bem!

Meus vestidos Dellish eram lindos.

E eram quentes.

Eu não poderia muito bem usar seda e brilhos em um clima de outono em Dellish, pelo amor de Deus.

—Mas eu gosto muito dessa camisola, minha nova esposa— concluiu ele, passando a mão ao longo do material na fenda antes de movê-la de volta para alcançar minha coxa.

Eu estava queimando-a no dia seguinte.

Depois de um tempo, Mars pareceu relaxar sob mim.

Eu não fiz o mesmo, mesmo quando seus dedos em meu pescoço começaram a acariciar sua lateral.

Por fim, ele aconselhou: —Você precisa relaxar, minha Silence .

—Posso rolar para fora?

—Não.

Fiquei ainda mais tensa.

Ele começou a acariciar minha coxa.

Isso não ajudou.

—O que eu lhe disse?— ele sussurrou, sua voz suave.

A que coisa que ele me disse ele estava se referindo?

—O que você me disse?— perguntei.

—Você não foge de mim— respondeu ele e, ao ouvir isso, pisquei para seu pescoço. —Você tem me evitado de uma forma que é o mesmo que fugir, minha rainha, e eu não vou permitir isso. Se você fizer o que eu não gosto, haverá consequências. Estas são suas consequências. Você dormirá aqui mesmo— Ele agarrou minha coxa novamente. —Esta noite. E todas as noites. Até que você se entregue a mim, e depois disso, você provavelmente dormirá aqui mesmo, mas devido ao meu cansaço. Mas, por enquanto, relaxe, Silence. E durma.

De fato, ele havia me avisado para nunca fugir dele.

Eu só não sabia o tipo de consequências que enfrentaria se o fizesse.

Agora eu sabia.

Tentei me forçar a relaxar.

Foi difícil.

Mars não adormeceu debaixo de mim antes de eu encontrar o sono.

Mas, por fim, meu corpo exigiu o que minha mente queria recusar.

E adormeci em cima do meu rei.



O Vendaval

Princesa Elena

Cinquenta milhas dentro da fronteira sul
WODELL

Eu estava andando em minha tenda, esperando.

Ele viria.

Ele sempre vinha.

Como eu ficava acordada, era cada vez mais tarde que ele chegava.

Mas ele sempre chegava.

Nas duas últimas noites, tinha ficado tão tarde que eu desisti e fui para a cama, só para acordar quando o peso dele balançou o palete embaixo de mim e ele se juntou a mim.

Ele não me tocou nem me segurou em seus braços como na primeira noite em que dormiu comigo.

Mas ele dormiu comigo.

Todas as noites desde aquela primeira.

Ele simplesmente não me tocou.

Ou falava comigo.

Príncipe Cassius, meu futuro marido e eu não estávamos nos dando bem.

É verdade que fui eu quem começou. Eu era grande o suficiente para admitir isso.

E me desculpei por isso (de certa forma).

Todos sabiam que ele amava muito sua falecida esposa e, embora ela tivesse morrido alguns anos antes, eu havia trazido essa perda à tona de uma maneira inocente, mas ainda assim impensada.

Dito isso, foi ele quem ordenou que minha pupila, Theodora, fosse enviada para casa com minha mãe, fazendo um acordo com ela para que isso acontecesse antes de os guerreiros Nadirii iniciarem seu retorno aos Encantamentos.

Ele fez isso sem discutir o assunto comigo.

Minha mãe então levou Dora sem discutir comigo.

E eu perdi a cabeça.

Com razão.

Ela era minha pupila.

Eu tomava as decisões sobre para onde ela ia e com quem.

Eu admitiria que ele poderia estar certo sobre onde Dora estaria mais segura. O ataque ao Palácio Catrame. A força do último terremoto de Besta. A morte de Sofia e Catedrais em dois ataques separados que ocorreram na mesma noite.

Todas as irmãs de Os Encantamentos eram bruxas. Mesmo as novas que chegavam começavam suas iniciações nos caminhos da magia pouco depois de se estabelecerem. A própria terra foi permeada

pela magia depois que o Rei do Fogo, o Rei do Céu e o Rei do Verde usaram sua magia ali há milênios e, séculos depois, os Nadirii levaram sua magia para lá. Mesmo que a Besta tivesse se levantado, eu diria que o lugar mais seguro em Tritão seria a nossa floresta encantada.

De fato, Cassius também mudou o curso da jornada de sua filha, fazendo outro acordo com minha mãe para que Aelia, que ele havia mandado trazer diretamente para ele, fosse para minha mãe nos Encantamentos.

Ele ainda não discutiu nada disso comigo.

Mamãe tinha ido embora. A caminho de casa. Ela sabia que não deveria levar Dora sem meu conhecimento (ou consentimento). E, provavelmente por esse motivo e pelo fato de estar doente e fraca e precisar voltar para casa a fim de descansar e talvez ganhar forças, ela não me procurou para discutir o assunto, pois sabia que a conversa seria controversa.

Embora, no final das contas, ela fosse a rainha dos Nadirii. O que ela dizia era válido.

Em outras palavras, eu teria que fazer o que ela desejasse, independentemente disso.

Mas minha mãe era minha mãe e minha rainha.

Cassius era meu futuro marido.

Ele não podia tomar essas decisões sem discussão.

Algo que eu havia compartilhado com ele.

Tudo bem, talvez tenha sido algo que eu tenha gritado para ele.

E não se pode negar que aprendi instantaneamente a nunca mais fazer isso, pois ele ficou ali, olhando para mim com aquele seu jeito taciturno (que era ridiculamente atraente, e eu desejava que não

fosse). Ele fazia isso em silêncio. E quando eu tinha extravasado minha raiva (algo que aconteceu rapidamente, era difícil continuar gritando com alguém que não gritava de volta), ele esperou pelo menos um minuto inteiro, como se me desse tempo para continuar gritando com ele caso eu tivesse mais a dizer, antes de não dizer uma palavra e ir embora.

Ele nunca mais mencionou o assunto.

Eu também não.

Por outro lado, mal nos falamos desde então.

E o vento frio que começou a soprar entre nós quando eu, sem pensar (embora, repito, inocentemente), o lembrei da perda de sua esposa, transformou-se em um vendaval frio que parecia estar nos afastando ainda mais a cada dia que passava.

Isso era um problema e não apenas porque ele seria meu marido e, depois que ele se tornasse, precisaríamos lutar lado a lado para salvar Tritão das garras de uma entidade desconhecida, mas totalmente temida.

Mas porque eu gostava dele.

Sim, eu, uma Nadirii, de fato, uma princesa Nadirii, gostava dele.

De um homem.

Um homem Airenziano.

Nosso inimigo mortal.

De fato, o homem Airenziano, pois ele não era apenas príncipe e futuro rei daquele reino, ele era príncipe regente e, portanto, essencialmente rei em exercício.

Mas eu gostava dele.

Ele era pensativo e, quando não era isso, era irônico.

Mas ele também beijava muito bem e não era nem um pouco difícil de se olhar, e eu me sentia...

Viva.

Viva de uma forma que nunca havia sentido antes.

Eu não tinha essa sensação há muito tempo.

Mas era tal que, por não tê-lo mais, eu sentia falta dele.

Por isso, nos últimos dias, eu estava me remoendo.

E, nessa reflexão, formei um plano.

Hoje à noite, eu o executaria.

Pensei em apagar as lanternas, o que eu suspeitava que ele estava esperando que eu fizesse antes de vir para a tenda. No entanto, achei que essa era uma tática que eu não deveria empregar, pois era uma falsidade, ficar à espreita para lançar meu plano sobre ele, fazendo-o pensar que eu estava dormindo antes de fazer isso.

Devido ao fato de Aramus e Ha-Lah terem feito um desvio para o mar, estávamos cavalgando tão lentamente até Notting Thicket que não precisávamos de horas de descanso sólido antes de enfrentar uma caminhada exaustiva no dia seguinte.

Mas todos precisavam dormir.

E, obviamente, já era tarde o suficiente para que até Cassius estivesse pronto para dormir. Percebi isso quando a aba de coral da minha barraca foi aberta, e seu corpo alto e com aparência de estar despenteado, dobrado na cintura para passar pelo topo, passou por ela.

Respirei fundo em preparação e coragem.

Ele se endireitou, permitindo que a aba se fechasse atrás dele.

Minha tenda não era tão grande quanto a de Mars e Silence. Nem a do Rei Wilmer e da Rainha Mercy ou a do Rei Gallienus, nem a da minha mãe, onde quer que ela estivesse em sua jornada de volta para casa.

Mas não era pequena.

Sua própria presença a diminuía.

Não simplesmente porque ele era um homem grande.

Sua presença a tornava pequena.

Ele tinha a aparência que eu achava que um rei deveria ter.

Assim como Mars. Aramus também. E o mesmo acontecia com True.

Cassius era o segundo filho. Somente a morte de seu irmão mais velho o colocou na linha direta para ascender.

Mas tudo nele indicava que ele havia nascido para governar.

Eu também gostava disso nele.

—Cassius...— Tentei lançar meu plano.

E imediatamente falhei.

Sua voz profunda me interrompeu. —Estou cansado, Elena.

Ele não podia estar cansado. Não tínhamos feito nada o dia todo, a não ser sentar em cavalos, parar e comer, depois sentar em cavalos, parar e comer e ficar visitando enquanto esperávamos para dormir.

Ele começou a se mover em direção ao palete, fazendo isso com os dedos nos botões da camisa.

—Quero que você venha comigo— eu disse a ele.

Ele parou de se mover e virou a cabeça para o lado para olhar para mim.

Eu também gostei de sua altura.

Que Deusa me ajude.

—Ir com você aonde?— perguntou ele.

—Para visitar as fadas— respondi.

Ele se virou totalmente para mim e tirou as mãos da camisa.

—Por que faríamos isso?

—Estamos em Wodell e, fora dos Encantamentos, as fadas são mais populosas em Wodell— eu lhe disse algo que ele provavelmente já sabia.

Em seguida, continuei a lhe dizer outras coisas que ele provavelmente já sabia.

—Eles não hibernam exatamente, mas não costumam sair para o frio quando as folhas das árvores já se foram e as folhas estão caindo. É raro eu ter tempo para comungar com eles. Mas é agradável quando tenho. E eu tenho... isto é, nós temos a oportunidade de fazer isso antes que eles procurem seus buracos.

Ele tentou se mover para o palete novamente, dizendo: —Então vá, mas leve suas tenentes com você.

—Elas já estão dormindo.

Ele parou de se mover e respirou pelo nariz de forma audível, antes de se virar novamente para mim.

—Não vou visitar fadas— ele negou.

Dei um passo em direção a ele, parei e perguntei: —Você já as visitou?

—Não.

Dei-lhe um sorriso pequeno e encorajador. —Você não está curioso?

—Não.

Hmm.

—Só vai levar uma hora, no máximo duas— eu o incentivei.

Ele continuou a desabotoar a camisa: —Não tenho vontade de conhecer fadas, Elena.

Tudo bem.

Estava claro que essa estratégia não estava funcionando. Eu estava nos levando para fora da barraca, do acampamento, para a natureza e entre criaturas mágicas. E, assim, ficaríamos quase totalmente sozinhos (porque as fadas eram adoráveis, podiam ser travessas, mas não eram tagarelas quando se tratava de se comunicar com os humanos).

Cassius e eu teríamos que conversar.

O que (eu havia decidido) levaria a resolver algumas coisas.

No entanto, como isso não estava funcionando, eu tinha que tentar uma abordagem diferente.

Agora.

Antes que ele chegasse ao ponto de tirar as calças, algo que eu me esforçava para não presenciar quando ele se despia perto de mim, devido à força do meu desejo de realmente presenciar o que poderia ser exposto naquele ato. Algo de que eu tinha a sensação de que

gostaria muito, já que gostava tanto do resto dele quanto eu. Algo que eu também gostaria de ter no futuro, mas agora estava sentindo que não poderia.

—Você estava certo— deixei escapar. —Sobre Dora— expliquei. —Ela está muito mais segura em Os Encantamentos.

Ele ficou quieto, com os dedos nos botões, mas agora eles estavam na altura do estômago.

—Embora eu tivesse gostado de me despedir dela— murmurei.

—Ah.— Ele se afastou. —A advertência dos Nadirii.

—Desculpe-me?

Ele continuou desabotoando, repetindo: —A ressalva de Nadirii.

—O que você quer dizer com isso?

Ele se virou novamente de frente para mim, encolhendo a camisa nos ombros largos e expondo o peito largo com seus fascinantes adornos de tinta de um lado, uma visão que era muito excitante. Algo que agora eu me permitia admitir plenamente. Algo que, agora que eu me permitia admitir plenamente, era frustrante, pois, antes de nosso afastamento, eu poderia ter feito algo a respeito e, agora, não podia.

—Estou certo— disse ele, tirando minha atenção de seu peito e de suas tatuagens para olhar para seu rosto. —Embora— ele enfatizou a palavra. —Você não deveria ter dito ou feito algo... mas. Embora. Porém. A ressalva de Nadirii. Eu não posso simplesmente estar certo, e você não pode simplesmente estar errada. Parece que sempre há uma ressalva que faz com que você esteja certa e eu seja a pessoa que errou.

Percebi que, nessa situação, não seria benéfico perder a paciência.

Mas, infelizmente, eu estava perdendo a paciência.

Quero dizer, de verdade?

A ressalva de Nadirii?

—Estou sendo sincera— disse com firmeza.

—Infelizmente, essa é a verdade— murmurou ele, levando as mãos à calça.

Isso não me deixou com raiva.

Isso me machucou.

—Ai— sussurrei.

Seus olhos captaram os meus.

Quando o fizeram, se isso pudesse ser creditado (o que eu não estava em posição de creditar naquele momento), eu teria jurado que vi um minúsculo recuo.

Dei um passo para trás e disse: —Jasmine provavelmente ainda estará acordada. Ela visitará as fadas comigo.

—Elena...

Eu estava me movendo para a abertura da tenda, mas olhei para ele enquanto o fazia e assegurei em voz baixa: —Não vamos demorar.

—Fui grosseiro e falei de forma insensível— ele admitiu. —Por favor, fique. Precisamos conversar.

Parei nas abas e perguntei: —Não parece bom, não é?

—Perdão?

—Falar de forma insensível e ver a pessoa a quem você fez isso não permitir que você compense. E mais, mesmo que você não seja muito bom nisso, eles não lhe dão crédito por tentar.

Seu rosto duro e bonito ficou mais suave.

—Elena— disse ele gentilmente.

Deve-se notar que Cassius falando assim, com sua expressão suave, era uma coisa linda. De um homem que era belo da cabeça aos pés, essa talvez tenha sido a coisa mais bonita que eu tenha experimentado dele.

—Boa noite— eu disse e me movi através das abas.

Eu não queria ser o tipo de mulher que fazia uma declaração dramática ao se afastar de uma discussão desagradável na esperança de que o homem que havia chamado sua atenção viesse atrás dela.

Mas eu não poderia mentir e dizer que não me doeu mais o fato de que não só cheguei à tenda de Jasmine sem que Cassius sequer me chamasse para voltar, como ele não nos abordou em nenhum momento depois que descobri que ela estava acordada e feliz em visitar as fadas comigo.

Então, foi isso que fizemos.



—Chupe o pau dele— aconselhou Jasmine quando nos sentamos em cima de uma cama de folhas caídas no leito do riacho.

As duas fadas, Twig e Mossy, que estavam esvoaçando diante de nós, com poeira cintilante caindo de suas asas duplas quádruplas (quatro de cada lado) de fios de seda (os brilhos de Twig eram de uma cor de gingado misturados com um tom perolado, os de Mossy eram de uma cor amanteigada com mais tons de samambaia), explodiram em gargalhadas tão fortes que recuaram vários centímetros.

E Twig realmente deu um salto mortal descontrolado para trás.

Ao fazerem isso, pela primeira vez, não me senti cativada por seus corpos magros e pálidos, tingidos da mesma forma que seus brilhos (no caso de Twig, sua pele era perolada, no caso de Mossy, sua pele era verde-amarelada).

Também não me encantei com seus olhos grandes, mas amplamente inclinados, que não tinham pupila e também eram coloridos com sua magia (os de Twig, de porcelana reluzente, e os de Mossy, de pera brilhante). Tampouco suas orelhas pontudas e distendidas ou seus cabelos grossos, longos e penteados para trás (Twig, um loiro branco com reflexos dourados; Mossy, um castanho cintilante, também com reflexos dourados)

Também não me encantei com seus trajes escassos, que não pareciam ser nada além de uma longa faixa diáfana de material habilmente torcido e enrolado em seus corpos para cobrir o púbis com uma faixa curta semelhante a uma saia com partes soltas. Isso as envolvia também na altura dos seios, com espirais que se cruzavam no meio do corpo e circundavam os ombros.

Nem seus escudos de panturrilha e antebraço que pareciam ter sido feitos com pedaços de folhas.

Tampouco suas marcas de tinta nas laterais das coxas, nos estômagos e nas laterais do pescoço, e na linha do cabelo no meio da testa. As de Twig, um tom contrastante de mel. Os de Mossy eram dourados.

Por outro lado, ao contar a eles o que estava acontecendo entre Cassius e eu, nada me encantaria.

Nem mesmo uma fada.

—Não posso dizer que alguns dos homens com quem me relaciono não fiquem irritados comigo— continuou Jasmine. —Mas, quando isso acontece, eu me ajoelho— ela levantou a mão e estalou os dedos, —e eles superam o problema assim mesmo.

—Não que eu fizesse isso— murmurei. —Mas só para dizer, eu nem sei como fazer isso.

Os olhos de Twig e Mossy ficaram arregalados.

—Ela é virgem— disse Jasmine a eles.

Eles se entreolharam.

Eu me arrependi de ter ido à tenda de Jasmine e não à de Hera.

—Não é difícil— Jasmine me disse. —Sucção. Cabeça balançando. Apenas cuide de seus dentes.

Isso era tudo o que havia para fazer?

Eu não perguntei.

—Talvez devêssemos nos reunir sob a lua em silêncio— sugeri.

Twig zombou de mim.

—Eu sei que ele não tinha o direito de mandar Dora embora, Twig — eu disse a ela. —Mas talvez eu não devesse ter gritado isso para ele.

Mossy fez um zumbido em minha direção.

—Sim— concordei. —Mandar seu filho embora sem seu consentimento ou até mesmo sem uma despedida não está certo. Mas, mais uma vez, por duas vezes, perdi a paciência com ele e não medi minhas palavras, e por duas vezes ele deixou bem claro que não deseja que nosso discurso siga esse caminho.

—Você quer saber o que eu penso?— perguntou Jasmine.

Twig e Mossy deram um suspiro de que sim.

Eu disse: —Não tenho certeza.

Jasmine me ignorou.

—Acho que você não deve deixá-lo pensar que pode ficar de mau humor e controlá-lo ao fazer isso. Tudo bem, talvez você não tenha lidado bem com essas situações. Mas, no final da discussão, você está certa. E isso é indiscutível, Ellie.

Twig e Mossy acenaram com a cabeça enquanto tuitavam sua concordância com Jasmine.

—No meio de uma luta— continuou Jazz, —você não joga um Nadirii para fora da luta e nunca toma decisões sobre o filho de alguém pelas costas, e também pelas costas, levando adiante essas decisões. Como você se sente mal por ter ferido os sentimentos dele, eu não sei. Ele está agindo como um idiota. Fim.

Ela era minha amiga e, portanto, provavelmente tendenciosa.

No entanto, eu não podia negar que ela estava certa.

—Essa é a beleza de chupar o pau dele— ela continuou a decretar. —Ele vai superar isso e você não terá mais que aturar o mau humor dele. Apenas dê a ele um clímax e, no futuro, deixe claro que foi só uma vez. Portanto, se ele começar a ficar de mau humor novamente, não haverá mais chupação de pênis. Talvez nunca mais. Isso acabará com a tristeza rapidamente.

Franzi a testa, pois não achei que esse fosse um bom conselho.

Mossy franziu os lábios para mim.

Twig parecia estar olhando para qualquer lugar, menos para Jasmine.

Eles concordaram comigo.

Naquele instante, um brilho de pó de fada prateado e estanho passou por mim, junto com um de canela e bronze.

Mossy deu uma risadinha.

Twig acenou para nós.

E, em uma onda brilhante de ruivo, pérola, creme e rosa, voaram.

—Que pena— murmurou Jasmine, vendo-os partir. —E eu conheci o Rocky e o Timber e não posso dizer que fiquei impressionada com nenhum deles.

—Pensei que Timber estivesse se comprometendo com Twig— comentei.

—Conversa de floresta, Ellie, você precisa acompanhar— disse Jazz, levantando-se. —Ele tem outra. Uma fêmea chamada Web. Eu não a conheci. Ela provavelmente é adorável. Mas ele não é, já que está enrolando as duas.

Eu também me levantei, dizendo: —Você está brincando.

Ela balançou a cabeça e começamos a voltar para o acampamento, fazendo isso com Jasmine falando.

—Aposto que metade do motivo da Noite dos Mestres Caídos foi porque nossos ancestrais estavam fartos desse tipo de besteira.— Ela sacudiu a cabeça para onde Twig e Mossy (e Timber e Rocky) voaram. —E o tipo de coisa que o Príncipe Cassius está fazendo com você.

—Duvido que nossas antepassadas tenham cortado as gargantas dos homens porque estavam cansadas de ter seus corações brincando — respondi.

Ela parou de se mexer e eu parei com ela.

—E como você se sente agora, Elena, quando ainda não percebeu que ele sabe exatamente como você reage a ele, porque ele teve essa experiência, minha irmã, e você não? E, portanto, ele sabe exatamente como fazer com que você se submeta a ele. Agora você está toda enrolada e preocupada em ferir os sentimentos dele quando ele mandou Dora embora e ele nem sequer a conheceu.

—Foi para a segurança dela, Jazz— observei.

—Que tal isso?— ela perguntou. —Elena, acho que seria melhor se sua pupila fosse para os Encantamentos com sua mãe. É mais seguro para ela lá do que conosco. Você concorda? Sim? Sim? Excelente. Vamos conversar com sua mãe juntos, ou você gostaria de falar com ela pessoalmente?— Ela balançou a cabeça com repulsa e começou a andar novamente. —Isso é muito difícil?

Não foi difícil.

Mas algumas palavras.

Nenhum grito resultante.

Eu teria concordado.

Dora estaria segura.

Todos a caminho de seus respectivos destinos.

E então Cassius poderia me abraçar enquanto estivéssemos dormindo.

Sem falar em fazer outras coisas naquele palete.

Ah, e não menos importante, estaríamos nos conhecendo melhor de outras maneiras, já que estávamos destinados a passar o resto de nossas vidas juntos como marido e mulher.

Observei meus pés enquanto voltávamos para o acampamento e, felizmente, Jazz não insistiu na conversa.

Estávamos fora de sua barraca quando ela voltou a falar.

—Ele é bonito, com certeza— disse ela calmamente. —Mas ele é de Airen, Elena. Talvez ele seja um dos bons, assim como um dos bonitos, mas não se esqueça de que, no fim das contas, ele é Airenziano e se perca no esquecimento.

Eu tinha a sensação de que esse era um bom conselho.

Olhei em seus olhos e assenti com a cabeça.

Ela me deu um sorriso encorajador, um abraço caloroso e depois foi para sua tenda.

Eu fui para a minha.

Quando entrei, vi que havia uma lanterna ainda acesa, a que estava perto do meu baú, o que foi uma boa ideia, pois eu poderia usá-la para me movimentar e me preparar para dormir sem esbarrar nas coisas no escuro.

Fiz isso de costas para o palete, sem pensar mais no quanto o Cassius havia deixado uma lanterna acesa para mim (algo que eu não fazia nas vezes em que ia para a cama sem ele).

Depois de trocar de roupa, apaguei a luz e fui rapidamente para a cama, porque o frio do outono estava tomando conta de Wodell, e eu havia aprendido que as noites do deserto de Firenze podiam ser frias, mas o frio úmido Dellish era cortante.

Cassius não se moveu nem fez nenhum barulho enquanto eu estava na tenda, então suspeitei que ele estivesse dormindo.

Essa suspeita estava incorreta, e ele não demorou a me comunicar isso, pois eu mal tinha puxado a colcha sobre mim quando seu braço estava em minha cintura e o calor de sua frente se alinhou ao frio de minhas costas.

Sua voz grave também vibrou em meu cabelo, fazendo com que um trinado percorresse meu pescoço e minha coluna.

—Você viu as fadas?

—Sim— eu disse à escuridão.

Seu braço sobre mim se apertou.

Nossa, mas eu gostava de sua força.

E de seu calor.

E de como ele era longo.

—Eu deveria ter deixado você se desculpar da forma como se desculpou— ele disse.

Isso foi lamentável, pois agora eu estava me perguntando por que tinha pedido desculpas.

Decidi não responder.

Ele continuou a falar.

—Não reajo bem a gritos.

Decidi que talvez não fosse construtivo para mim responder a isso também.

—Eu também deveria ter deixado você se despedir de Dora.

Como se ele pudesse me deixar fazer qualquer coisa.

Cerrei os dentes.

—E agora vejo que foi precipitado ter feito os arranjos com sua mãe sem sua participação, mas, embora eu tenha deixado claro como me sinto em relação a estipulações em tais assuntos, também devo observar que não fiz isso pensando que você não concordaria comigo — disse ele.

Portanto, agora ele estava fazendo ressalvas enquanto (de certa forma) se desculpava.

—Seria útil se você participasse desta conversa, Elena— ele comentou quando fiquei em silêncio.

E agora seria útil se eu participasse de nossa conversa, uma que ele instigou, quando antes ele deixou claro que não desejava participar da que eu iniciiei.

—Quero ir para casa— anunciei.

Seu braço ficou ainda mais apertado.

Na verdade, ele estava quase me impedindo de respirar.

—Perdão?— perguntou ele.

—Primeiro quero que você me deixe respirar— sussurrei.

Seu braço se afrouxou, mas não muito, pelo menos eu podia respirar.

E falar.

—Quero ir para casa— repeti.

—Para me deixar?

—Não, você pode vir comigo.

Seu corpo pulsou de surpresa atrás de mim.

—Para os Encantamentos?— ele perguntou.

—Estamos com um atraso devido ao fato de Ha-Lah e Aramus estarem indo para o mar. Nós temos tempo. O mar é muito mais longe do que os Encantamentos. Se não demorarmos, são apenas alguns dias de viagem da minha casa até Notting Thicket. Com certeza chegaremos lá antes de Ha-Lah e Aramus.

—Você poderia ver Dora— ele murmurou.

—Sim.

—E eu poderia ver sua casa.

Senti meus olhos se arregalarem.

Será que ele havia perdido a cabeça?

—Não— eu disse.

—Não?— ele perguntou.

—Você vai esperar do lado de fora dos Encantamentos enquanto eu entro, vejo a Dora e converso com minha mãe.

Por um momento, ele ficou completamente imóvel.

Depois que esse momento passou, nenhum de nós ficou, pois eu me vi de costas com Cassius quase todo em cima de mim.

—Diga isso de novo— ele rosnou.

—Eu poderia... você poderia... isto é...— Gaguejei, olhando para sua cabeça sombreada e sem conseguir pensar porque, em primeiro lugar, ele parecia estar subitamente muito irritado de uma forma preocupante e, em segundo lugar, seu peso parecia bom demais. Decidi terminar com: —Minha visita não vai durar muito.

—Você quer que eu espere do lado de fora dos Encantamentos?— perguntou ele.

—Hum...

—Como um cachorro esperando o dono voltar?— ele exigiu.

—Não exatamente assim— murmurei.

—Não exatamente assim?— ele mordeu.

—Nem um pouco assim— emendei. —Como um macho humano pescando e, hum, praticando com seu arco e, bem, qualquer outra coisa que os homens fazem quando passam o tempo.

—Passar o tempo esperando por você— ele declarou como se eu tivesse dito, —Passar cem anos esperando que eu viva minha vida, me case com outra, tenha dezenas de filhos e talvez faça uma viagem aos céus.

—Bem... sim— respondi, antes de dizer o óbvio. —Quero dizer, você não pode entrar.

—Por que não?

Eu não tinha certeza se havia tempo para enumerar todos os motivos.

Decidi priorizar.

—Você é um homem.

—Sou seu noivo.

—Isso não faz de você menos homem— ressaltei.

—Para onde você for, eu vou— ele declarou.

—Para sempre?— perguntei, com a voz mais aguda.

—É isso que é o casamento, Elena.

Minha noite não estava melhorando.

—Ainda não estamos casados— observei.

—Vamos chamar isso de treino, então— ele disse.

—Cassius...

—Você pode me deixar entrar— declarou ele. —Você tem esse poder. Estou certo?

Oh, Deusa.

—Não é qualquer Nadirii que pode deixar entrar um homem— continuou ele. —Tem de ser por acordo, sancionado pela rainha e realizado por um clã. Mas a linhagem real direta pode. Isso é verdade, não é?

E era.

Um truque interessante que minha tataravó nos deu por motivos que ela escreveu em seus diários tinha a ver com emergências.

Até onde eu sabia, apenas uma rainha anterior o tinha usado, e isso tinha sido para permitir a entrada de um contingente de Go'Doan para ajudar nos esforços de cura quando uma epidemia estava ameaçando nossa irmandade.

—Elena— disse ele em um tom de advertência.

—Cassius, não posso simplesmente deixar você entrar. Como você disse, isso tem que ser sancionado pela rainha.

—Você pode enviar um pássaro, informando sua mãe que estamos chegando. Ela não vai se opor.

—Ela pode se opor.

—Não vai.

Não vai. Ela era totalmente a favor de Cassius e eu sermos Cassius e eu.

—Ela pode— repeti, embora não muito convincente dessa vez.

—Tudo tem que ser uma luta com você?— ele perguntou.

De fato?

—Tudo tem que ser uma luta com você?— perguntei em resposta.

Ele ficou em silêncio.

Eu estava começando a me sentir um pouco satisfeito comigo mesmo por ter conseguido a vantagem (com razão) quando ele mudou de estratégia.

—Quero conhecer sua casa— disse ele calmamente. —Conhecer Dora, finalmente. Ver onde você mora. Onde você foi criada. Estar entre seu povo. Por mais terrível que seja, darei tudo isso a você.

Por mais terrível que seja?

Antes que eu pudesse me recuperar de seu tom calmo e persuasivo e perguntar sobre essa observação, ele continuou.

—True viu sua casa?— ele perguntou.

—Não se trata do True— respondi.

—Ele já esteve em sua casa?

Decidi não responder.

—Ele esteve em sua casa— ele murmurou.

—Você realmente precisa parar de empurrar o True entre nós— aconselhei.

—Um homem tem a mãe de seus futuros filhos debaixo dele na cama, há outro homem que tem mais dela e sempre terá mais dela se ela esconder de seu amante coisas que ela deu a esse outro homem, então esse homem sempre estará entre eles.

Eu não podia contestar isso.

Embora True não estivesse entre nós porque eu queria Cassius, Cassius, *Cassius*.

Eu também não podia lhe dizer isso.

—Na verdade, esta é a minha cama, você só está nela—

murmurei.

—Sua cama é a minha cama, Elena— ele resmungou.

Eu poderia argumentar isso.

Mas não tinha energia para isso.

—Cassius, talvez devêssemos ir dormir— sugeri.

Ele não concordou com minha sugestão.

Ele perguntou: —Por que você me pediu para ir ver as fadas com você?

Pela misericórdia da deusa.

—Elena— ele pediu.

Eu já estava farta.

Ele queria saber?

Eu lhe diria.

—O voo delas é lindo— sussurrei, e senti seu corpo ficar imóvel sobre o meu quando ele ouviu a reverência em meu tom. —O pó de fada que sai de suas asas, os rastros que eles deixam, é de tirar o fôlego. Especialmente no escuro. A magia da floresta... é sempre a magia mais forte. Parece que estamos em casa.

Eu absorvi mais de seu peso em mim enquanto seu corpo relaxava no meu de uma forma que era menos relaxante e mais como se estivesse... se fundindo.

Eu precisava ignorar isso e como era bom, e fiz isso continuando a falar.

—Eles são esse mundo dentro de um mundo. Essa linda cultura

com suas próprias roupas, música e tradições. Eu queria compartilhar isso com você. E nós estaríamos longe. Longe do acampamento. Longe de todas essas pessoas. Gosto de ser sociável, mas também gosto de ter momentos de silêncio, de pensar, de refletir, de meditar. Faço isso na natureza, olhando para a lua ou para o sol que se filtra através de uma copa de árvores. E pensei: se você fosse comigo, talvez eu não estivesse sozinho, mas não haveria tantas pessoas por perto. Eu poderia lhe apresentar a magia das fadas e poderíamos conversar, longe da atividade e de toda a companhia do acampamento.

Cassius também estava sussurrando quando perguntou: —Sobre o que você gostaria de conversar, minha princesa?

—Isso não importa agora.

—Importa.

—Não importa.

—Você está muito enganada.

—Tudo bem, então— eu disse calmamente. —Importava. Mas você fez com que não importasse mais. Agora você pode sair para que eu possa dormir?

—Não estamos nos saindo muito bem, você e eu— disse ele, pensativo.

—Não quero aumentar a distância entre nós, mas não sei se isso tem muito a ver comigo.

Como já havia feito em ocasiões anteriores, ele compartilhou sua sabedoria.

Sabedoria aprendida em seu tempo com sua falecida esposa.

O problema é que eu não era sua falecida esposa e o que ele havia aprendido com ela não era necessariamente válido para mim.

—Entre um homem e uma mulher, ambos precisam assumir a responsabilidade quando as coisas não estão indo bem.

—Sim, e quando um faz isso, mesmo que não tenha certeza de que deve fazer, o outro deve ouvir e não levá-la para a noite para comungar sozinha com as fadas.

Cassius não tinha resposta para isso.

E pode-se argumentar que eu estraguei minha declaração inteligente ao murmurar: —Embora eu não estivesse sozinha, eu tinha a Jasmine. Mesmo assim. Acho que você entendeu o que eu quis dizer.

—De fato, Elena.

—Ótimo— respondi. —Agora você pode sair?

Ele não deslizou.

—Cassius— pedi, levantando um pouco os quadris para comunicar ainda mais o meu pedido.

Sua resposta foi segurar minha mandíbula com a mão e murmurar: —Pare de fazer isso, cordeiro, está excitando.

Fiquei muito quieta, a ponto de não estar respirando.

Eu me forcei a respirar.

Mas foi só isso.

Dito isso, a respiração veio desconfortável, especialmente quando seu polegar começou a acariciar a borda do meu lábio inferior.

Ele estava certo.

Estava excitando.

Eu o tomei, gostando demais, confusa com o quanto eu gostava,

considerando o estado do jogo entre nós, e justamente quando eu estava prestes a dizer algo para pará-lo, porque eu não podia suportar mais sem fazer algo sobre isso que eu poderia me arrepender, ele falou.

—Enviarei um pássaro para a Rainha Ophelia amanhã, informando-a de nossa visita.

Fiquei olhando para ele no escuro.

Ele continuou a acariciar meu lábio, embora ele não estivesse mais se mexendo.

Será que ele esteve presente naquela noite em alguma de nossas conversas?

Mais precisamente as partes sobre ele tomar decisões sem meu consentimento?

—Contarei a Mars e True pela manhã— ele continuou tomando decisões. —Hera e Jasmine virão conosco, assim como Mac e Ian. Terei que deixar o resto de meus homens para trás para garantir que meu pai não faça nenhuma besteira enquanto eu estiver fora. Mas três guerreiros Nadirii e três soldados de Airen não terão nenhum problema. Não em Wodell.

Agora eu não estava apenas respirando, eu estava respirando profundamente para controlar minha raiva.

— De bônus, você e eu teremos tempo para nos conhecermos muito melhor sem tantas distrações. E você terá a oportunidade de ter algum tempo para si mesma, o que sinto que é importante para você. Por último, quando chegarmos, é bem provável que Aelia já esteja lá e estou ansioso para vê-la, pois sinto sua falta.

A primeira, eu não tinha certeza se esperava mais.

A segunda poderia ser atenciosa.

E a última foi doce.

Mas...

Para talvez não gritar a tenda ao nosso redor, algo que ele não gostava, mas principalmente algo que eu não tinha energia para fazer naquele momento, eu me concentrei em outra coisa.

—Você está achando que a Mãe permitirá que três homens Airenzianos entrem nos Encantamentos?

—Sim.

—Cassius...

Parei de falar e seu polegar parou de acariciar, enquanto ele pressionava seus lábios com força contra os meus.

Pressionei minha cabeça com força contra o travesseiro.

Ele não pareceu notar e terminou o beijo com um toque úmido e delicioso de sua língua ao longo do vinco da minha boca, o que me fez perguntar por que eu estava empurrando minha cabeça contra o travesseiro.

Só então ele se afastou, virou-me de lado e me pressionou ao longo das costas, fazendo com que meus joelhos se juntassem aos seus.

Fiquei imóvel em seu braço e na curva de seu corpo, olhando para o escuro.

Cassius se acomodou mais perto de mim e me acomodou mais perto, aninhando-me mais profundamente em seu corpo com o braço sobre minha barriga.

Naquele momento, tive certeza de uma coisa.

Isso, ele e eu, não estava funcionando.

—Eu deveria ter ido ver as fadas com você— ele sussurrou em meu cabelo e se enroscou ainda mais em minhas costas, ao mesmo tempo em que acariciava meu cabelo com seu rosto. —Eu me arrependo de não ter ido.

Oh, Deusa.

E não era esse o ponto crucial da questão?

Porque eu decidia que não estava funcionando entre nós.

Então Cassius dizia algo assim, e dizia isso me abraçando assim, me aconchegando assim.

E então eu pensava que era possível.



O Plano

Farah

Cinquenta milhas dentro da fronteira sul
WODELL

True me acordou com seus movimentos.

Fiquei deitada, olhando para o escuro, enquanto ele se virava de mim e, enquanto dormia - como já havia feito quatro vezes antes (sem contar essa vez, foram cinco, e eu estava contando com certeza) -, ele se movia agitadamente.

Muito agitado

Mas inconscientemente.

Como ele havia prometido, fomos para a cama juntos todas as noites desde a noite seguinte à morte de minha mãe.

E, como ele havia prometido, durante esses dias, ele era o mais forte, permitindo que eu fosse fraco.

Isso incluiu, após o funeral de minha mãe...

Depois que seu corpo foi tratado, ela foi envolta em uma mortalha e eu coloquei suas coisas favoritas na laje.

E Mars adornou seus curativos do pescoço aos pés com longas e

delicadas correntes de ouro cintilantes com rubis, esmeraldas, ônix e ametista.

E Elpis havia arrumado cuidadosamente o intrincado cocar de joias sobre os envoltórios de seu rosto e cabeça.

E, por último, True me surpreendeu depois de enviar um pássaro e fazer com que um homem no cavalo mais rápido de Wodell corresse para Firenze para que ele pudesse colocar o cetro dourado Dellish em seu peito com sua grande joia de água-marinha no topo. Um cetro com o qual ele compartilhava que qualquer mãe de uma rainha de Wodell seria enterrada.

Então, minha mãe foi enterrada no túmulo de seu clã por toda a eternidade.

Depois de tudo isso, voltamos para o palácio e eu estava me sentindo entorpecida.

E lá, em minha cama (que, com o passar do tempo, havia se tornado a cama de True e a minha), ele me abraçou, silenciosamente, muitas vezes esfregando minhas costas, meus braços, amassando meu pescoço, fazendo isso pelo que pareceram horas.

Até que o fato de ele fazer isso fez com que a vida começasse a voltar para mim.

Sua paciência era impressionante.

E linda.

Ele era perfeito.

Totalmente.

Mas mesmo com essa perfeição, ele estava quebrado.

Completamente.

E eu não tinha ideia do que fazer a respeito.

Minha mãe saberia. Ou, no mínimo, eu poderia ter conversado com ela sobre isso e ela teria me ajudado a decidir o que fazer.

Mas minha mãe não estava mais aqui.

E foi em momentos como esse, e em outros momentos que eu sabia que seriam variados e abundantes nos próximos anos, que senti sua falta como se tivessem se passado apenas alguns instantes desde que ela morreu, não semanas.

Eu também me perguntava se esse sentimento algum dia diminuiria.

Mas eu não conseguia pensar em mim.

Eu tinha que pensar em True.

Também pensei na conversa que tive com Mars naquele dia.

Pois, fora True, ele era tudo o que me restava.

Eu sabia que Elpis desejava curar o rompimento entre nós. Na verdade, ela havia mudado de ideia e vindo nessa viagem para poder participar do meu casamento.

E com o pouco que eu tinha agora em minha vida, eu sabia que era tolice resistir aos seus avanços.

Ela não tinha sido abertamente rude com minha mãe.

Mas Elpis culpou mamãe por algo que ela não fez, algo que Elpis sabia que ela não tinha feito, mas ela a culpou mesmo assim.

Eu estava tendo dificuldade em aceitar isso e, quando compartilhei isso com meu pretendente, True me aconselhou que eu já tinha muito com o que lidar - a perda de minha mãe, meu casamento iminente com ele, a agitação da Besta - Elpis poderia esperar.

E ele estava certo.

Eu gostaria de ter conversado com a mãe de True sobre o que estava preocupando seu filho, mas mesmo sabendo que True havia conversado com ela sobre sua frieza comigo, essa frieza não havia mudado.

O que era outra coisa que me preocupava, pois quanto mais a mãe dele mantinha distância da futura nora, mais furioso True ficava com isso.

Ele tentava esconder isso de mim, e era bom nisso.

Ele não escondia isso de sua mãe, e eu percebia que ela não gostava disso.

E ela achava que eu era a causa disso.

Portanto, eu suspeitava que ela me culpava.

E como Silence parecia estar me evitando por qualquer motivo (talvez ela não fosse boa com o luto, embora parecesse totalmente hábil em lidar com quase tudo o mais que aparecesse em seu caminho, e muitas coisas apareceram em seu caminho desde que tudo isso começou)...

E como True estava apaixonado por Elena, e era com ele que eu precisava de ajuda em primeiro lugar...

Isso me deixou com Mars.

Que, no final, acabou sendo a pessoa perfeita, mesmo que não tivesse as respostas que eu procurava, pois não só era como um irmão mais velho para mim, como também era um soldado treinado e experimentado.

Abordei o assunto com ele naquela mesma noite, na subida de uma charneca no que eu estava descobrindo ser a terra verdejante e

gentil que era Wodell.

Depois que compartilhei minhas preocupações, Mars ficou em silêncio por um momento antes de dizer, com muita tristeza: —Receio que isso seja comum, minha irmãzinha.

Embora triste, senti um certo alívio, pois se essa agitação noturna era comum, talvez houvesse quem soubesse o que fazer a respeito.

—Sendo assim, como faço para que essa agitação noturna cesse para ele?— perguntei.

Mars passou o braço em volta da minha cintura e olhou para mim, respondendo cuidadosamente: —Às vezes, nunca vai embora.

Essa não era a resposta que eu queria ouvir.

Mars continuou compartilhando.

—Normalmente há dois tipos de generais, Farah. O primeiro é aquele que ordena que seus guerreiros avancem pela emoção da batalha, pelo desejo de vencer a qualquer custo. Homens assim não têm problemas para dormir. Eles não dormem porque não têm a capacidade de calcular o custo real, pois não entendem a gravidade dele. Seus guerreiros podem muito bem ser esculpidos em madeira e ajustados em um tabuleiro de jogo. Eles não são de carne e osso. Trajan, irmão de Cassius, era esse tipo de general.

Eu tinha ouvido isso sobre o príncipe Trajan e não era mulher de desejar mal a ninguém, mas isso, assim como muitas outras coisas que ouvi sobre ele, me fez não achar tão ruim que ele não estivesse mais entre nós.

—E há aqueles que pesam o custo e o lamentam, mesmo antes de seus cavalos avançarem— continuou Mars. —Portanto, eles não avançam a menos que tenham certeza de que sua estratégia levará à menor perda possível, com o máximo possível de ganhos. Esses homens, como Cassius, como eu, talvez não consigam dormir bem ou

teremos de enfrentar outros lembretes do que uma ordem dada por nós significa para um soldado. Ela é inevitável. Não se pode escapar dela. É, para um verdadeiro general, mais um custo da batalha.

Eu o encarei, não gostando do fato de estar claro que, de alguma forma, ele enfrentava essas mesmas coisas.

Também sabia que ele ainda não havia terminado.

Ele não havia terminado.

—True é um terceiro tipo de general, cara. Pois ele é forçado a ir para a batalha por homens que não são soldados, dando ordens que ele sabe serem imprudentes, mas não tem escolha a não ser emití-las, sofrendo perdas que poderiam ter sido evitadas. E, como tal, por mais que me magoe compartilhar isso com você, não posso dizer o que você poderia fazer para ajudar True a encontrar um pouco de paz.

Mars foi muito sábio. Eu tinha muita esperança de que ele pudesse me ajudar.

Portanto, isso foi uma grande decepção.

Em seguida, ele passou o outro braço em volta de mim, abraçou-me fraternalmente e disse no alto do meu cabelo: —Mas você tem pessoas próximas que o conhecem bem. Minha esposa, por exemplo. Seus tenentes são outros. Sugiro que você os procure e compartilhe suas preocupações. Talvez eles possam lhe ajudar mais do que eu.

— Silence não deseja muito a minha companhia atualmente— observei com cuidado, pois não era apenas a minha companhia que eu havia notado que ela estava evitando.

Ele suspirou.

—Está tudo bem?— perguntei.

—Ah, Farah. Você é fiel a si mesma, preocupando-se comigo— ele

respondeu com um aperto nos braços. —Não faça isso. Se há um momento em que você precisa cuidar de si mesma, é agora.

Isso pode estar correto, mas eu ainda estava preocupado.

Inclinei a cabeça para trás e o olhei nos olhos. —Mas Mars...

Outro aperto, um diferente, interrompeu minhas palavras.

—Tudo ficará bem com minha nova esposa e eu— ele assegurou, terminando com: —Com o tempo.

Eu não sabia se deveria compartilhar o que eu queria compartilhar naquele momento. True havia me contado na privacidade de nossa barraca poucos dias depois de partir para Wodell, e não acho que ele tenha me contado pensando que eu contaria a mais alguém.

Mas se isso ajudaria Mars e Silence, eu precisava compartilhar.

—True também notou isso, Mars, e ele teme que ela não deveria ter acompanhado você à necrópole.

Diante dessa declaração, as sobrancelhas de Mars se franziram em perplexidade.

Em seguida, ele anunciou: —Ele não está correto nesses temores. Minha rainha parecia entediada durante nossas atividades na necrópole. Na verdade, ela praticamente adormeceu nos fossos.

—Eu já tinha ouvido isso— murmurei.

—Ela é muito mais forte do que True pensa— declarou Mars. —Na verdade, todos os Dellish a subestimaram, pelo que vejo, desde que ela deu seu primeiro suspiro. É por isso que é bom que ela agora seja Firenz. Ela está com sua espécie agora. E, estando conosco, ela se desenvolverá.

Se Mars acreditava nisso, eu também acreditava.

E, no mínimo, me agradava saber que ele estava orgulhoso de sua noiva.

Eles não pareciam tão felizes quanto antes de se casarem.

Mas Mars era como seu pai. Ele podia fazer qualquer coisa.

Ele lideraria o caminho deles.

Nossa conversa terminou não muito depois disso, com Mars sugerindo novamente que eu procurasse um dos homens de True, ou Silence, para discutir minhas dúvidas.

No entanto, antes de me retirar, eu não tinha sido capaz de fazer isso.

O que significava que, com o que parecia ser minha sorte, True teria outro episódio naquela mesma noite.

E isso ele estava fazendo.

Eu esperei, e sua agitação não se acalmou, e eu não gostei disso.

Mas eu gostava dele, então sabia que tinha de fazer algo a respeito.

Tomei uma decisão, levantei-me na cama, peguei o suporte ao lado dela e encontrei as pederneiras. Acendi uma, abrindo a proteção da lâmpada, e a acendi.

Apaguei a pederneira, joguei-a no suporte e girei o botão para que a iluminação ficasse mais clara.

Feito isso, voltei-me para meu pretendente.

Estendi a mão timidamente e toquei seu ombro.

Mesmo com um leve toque, pude sentir que sua pele estava quente, até mesmo febril, e úmida.

—Oh, True— sussurrei.

Quando ele não acordou, mesmo com uma pressão cuidadosa, enrolei meus dedos em seu ombro e o apertei.

Ele se levantou tão rápido, com seu braço longo voando para fora, que eu recuei e teria caído na beira da cama se True não tivesse segurado meus braços.

Segurou-os com força.

As almofadas de seus dedos estavam cavando.

E ele estava olhando para mim através da luz da lâmpada, diretamente para mim, mas também através de mim.

Estava claro que ele não estava me vendo.

Eu não sabia o que ele estava vendo.

Mas sabia que era terrível.

— True— sussurrei, levantando uma mão entre nós.

Ele não respondeu, apenas ficou sentado ali, com o punho apertado e os olhos assombrados.

Eu tinha que parar com isso.

— True!— gritei bruscamente, envolvendo meus dedos com força em seu pescoço.

Com um tremor violento de seu corpo e de mim em suas mãos, sua cabeça balançou, e eu soube no momento em que sua concentração havia retornado.

—Farah?— Ele olhou para baixo, viu que estava me segurando e afrouxou o aperto, mas não o soltou totalmente. —O que está acontecendo?

—Você parecia estar tendo um...— Que palavra usar? —Sonho estranho.

Ele olhou para o meu torso.

Tentei não olhar para o dele.

True dormia com calças largas feitas de um material leve que eram presas por um cordão amarrado sob seu umbigo.

Embora a maneira Dellish de os homens se vestirem - com sobrecasacas, coletes e camisas de colarinho alto, alguns com gola (embora True não as usasse com frequência) e punhos de renda com babados saindo das mangas das jaquetas (e True também não usava isso, embora eu tivesse visto uma borda reta com uma ponta saliente no punho e a piscadela de uma malaquita na camisa que ele usara no casamento de Mars e Silence) - eu achava que era realmente muito atraente (a maneira como True as usava).

Dito isso, sua calça de dormir era, de longe, meu item favorito de seu traje.

Porque ele ficava bem com elas.

E também porque deixavam seu peito à mostra.

Sua barriga era bem definida, plana na medida certa.

Suas costelas eram salientes.

Seu peito era definido.

Seus ombros eram marcados pelo corte profundo de sua clavícula.

E ele não tinha pelos na região.

Tudo isso era atraente.

Muito atraente.

Mas eram as veias.

As veias que subiam por seus antebraços e sobre as protuberâncias da parte superior de seus braços.

Embora, principalmente, fossem as veias que se estendiam de debaixo da calça de dormir, na pélvis, até o plano de seu estômago plano em direção ao umbigo.

Sem mencionar as profundas reentrâncias que circundavam seus quadris, algo que eu podia ver porque às vezes a calça ficava baixa, e eu observava avidamente quando isso acontecia enquanto ele andava pelo meu quarto e depois pela nossa barraca, apagando as lâmpadas de uma noite.

Ele era magro e musculoso na parte superior de uma forma que, mesmo naquele momento, com tudo o que estava acontecendo, me dava água na boca.

Tanto que, com ele olhando para o meu torso daquele jeito, meus olhos não podiam negar a si mesmos a oportunidade de retribuir o favor.

À primeira vista, mordi meu lábio inferior.

—Farah.

Forcei meu olhar de volta para ele.

Isso não foi totalmente difícil.

Ele tinha os olhos verdes mais lindos do mundo.

—A luz está acesa— ele observou. —Você está bem?

Não.

Eu não estava bem.

Minha mãe estava morta.

Eu seria nomeada princesa de uma terra estrangeira, fazendo isso sendo casada com um homem por quem estava me apaixonando. Um homem que estava apaixonado por outra mulher.

E ele era atormentado por fantasmas que assombravam seus sonhos e eu não tinha ideia do que fazer a respeito.

—Eu, sim... bem, não. Você... isto é, eu estava dormindo e...

Enquanto eu falava, me ocorreu que isso era verdade.

A única maneira de fazer com que ele ficasse bem era fazê-lo se sentir útil.

—Estamos perto de Notting Thicket— deixei escapar.

— Nem um pouco— ele murmurou. —Nesse ritmo, chegaremos lá no ano que vem.

Senti meus lábios tremerem, pois ele estava certo. Estávamos indo muito devagar.

—No entanto, não estamos mais em Firenze— eu lhe disse.

A compreensão, ou a compreensão que eu queria que ele acreditasse, surgiu em seus olhos e eles se tornaram gentis.

—Isso é verdade— disse ele, recuando com as mãos sobre mim, de modo que caí com ele.

Ele então passou os braços ao redor de mim e me abraçou.

Essa não era uma circunstância incomum. Na verdade, eu dormia em seus braços todas as noites.

Mas ele nunca havia me beijado.

Nem mesmo tentou.

Nem parecia que ia tentar.

—Vai dar tudo certo— ele garantiu. —E já que estamos ambos acordados, vou compartilhar o que decidi mais cedo. Vamos adiar nosso casamento ainda mais. Pelo menos um mês. Falarei com mamãe sobre isso pela manhã.

Levantei minha cabeça, que havia caído em seu ombro, para olhar para seu rosto.

—Um mês?

Ele inclinou o queixo para ver meus olhos.

—Desejo que você veja as Portas³². Também quero que você veja as Luzes³³.

—As Portas e as Luzes?

Ele assentiu com a cabeça e explicou.

—As Portas ficam na parte sul da Grande Floresta de Thicket³⁴. Séculos atrás, os gnomos construíram suas casas nas árvores, usando magia. Eles esculpiram os troncos e construíram, mas, ao fazê-lo, seus moldes mantiveram as árvores vivas, o que ainda acontece até hoje. Os gnomos ainda vivem nelas e, se permitirem que você entre— ele sorriu para mim, —e eles gostam de mim, então me deixam entrar, eles lhe mostrarão.

—É claro que eles gostam de você— eu disse.

Ele não respondeu, apenas me deu um aperto de mão. Mas a pele ao redor de seus olhos se suavizou.

—E isso parece notável— continuei.

—E é— ele concordou. —Árvores poderosas com essas portas

lindamente esculpidas nos troncos, dezenas e dezenas delas. Eu só consigo enfiar a cabeça e olhar para cima na maioria delas. Em algumas das maiores, consigo entrar, mas agachado. Mas eles são extraordinários e ficariam muito orgulhosos de mostrar a você.

—Eu gostaria disso— eu disse suavemente. —E as Luzes?

—Diretamente no meio da Grande Floresta— ele compartilhou. — Há uma elevação alta lá e não sei o que causa isso. Não é possível vê-las em nenhum outro lugar de Wodell, mas, em algumas noites, o céu dança com as luzes. Rosas e azuis brilhantes, verdes e violetas. Os duendes penduraram luzes nas árvores que estão em sintonia com as luzes dançantes. Quando o céu se ilumina, pequenas bolas se iluminam nas árvores. Isso não acontece todas as noites. Nem mesmo acontece com frequência. Mas quando acontece, é magnífico.

—Parece que sim— concordei, pois era mesmo. Eu nunca tinha ouvido falar de algo assim.

—Vamos torcer para que isso aconteça quando estivermos lá. E, se não acontecer, ficaremos lá por um tempo para ver se acontece. Há um vilarejo encantador nas proximidades, com uma pousada com quartos aconchegantes e convidativos e um pub onde são preparados deliciosos sanduíches e tortas. Há também uma padaria que faz bolinhos de creme de chocolate, os melhores de Wodell. E uma loja que vende cristais de todas as partes do mundo. Até mesmo das Terras do Norte, das Terras do Sul e dos Místicos.

—Talvez eu queira ir até lá só por causa da aldeia.

Seu rosto se tornou gentil e ele usou a parte de trás dos nós dos dedos para acariciar meu braço, murmurando: —Você precisa de um pouco de magia, meu doce. E você precisa de algum tempo. Por último, você precisa se apaixonar por seu novo lar.

—A Besta está se levantando, True— eu o lembrei.

—E se ela se erguer, encontraremos um templo, nos casaremos imediatamente e nos juntaremos aos outros. Cassius e Elena podem fazer o mesmo. Não precisamos de desfiles, grandeza e espetáculo. Tudo o que precisamos é de você e eu.

Tudo o que precisamos é de você e eu.

Ele estava certo.

Mas eu queria que fosse tão simples assim.

E era isso que ele realmente queria, um ele e eu.

—Isso é verdade— murmurei.

—Em Wodell, pelo que sei, uma mulher sonha com o homem com quem vai se casar e com o dia do casamento desde que é pequena. À medida que cresce, ela planeja, espera e faz orações aos deuses para que lhe tragam o homem que tornará esses sonhos realidade e um casamento que representará o início de uma vida cheia de alegria. As meninas pensam nessas coisas em Firenze?

Assenti com a cabeça.

—Você pensou?— ele perguntou.

Apertei os lábios, pois eu pensava.

Eu queria um homem como o Rei Ares.

Um homem bonito, alto e forte. Um homem sábio. Um homem que não tivesse medo de demonstrar afeto. Um homem que amava sua esposa e seu filho acima de tudo, mas seu país e seu povo ocupavam um lugar de destaque em seu coração. Um homem que não se preocupava com o que os outros pensavam dele; se ele acreditava que o que estava fazendo era certo, isso era tudo de que precisava.

Um homem como True.

Seus lindos olhos verdes me observaram morder o lábio e ele disse: —Você fez.

Lutei para me contorcer e comecei: —True...

Seu olhar se voltou novamente para o meu. —Infelizmente, não posso lhe dar o casamento dos seus sonhos. Eu não conseguiria arrancar o planejamento desse casamento de minha mãe nem que tivesse mil bois. Será o espetáculo que ela encarregou seus secretários de organizar com listas em rolos de três andares antes de partirmos para Firenze.

—Três andares de altura?— Perguntei com os olhos arregalados.

Ele sorriu novamente e moveu a mão para que os nós dos dedos acariciassem minha mandíbula.

—Eu exagero, querida. Mas vou avisá-la que, em assuntos como esse, minha mãe não pensa pequeno.

—Em assuntos como este, assuntos que envolvem o filho dela que será rei.

—Exatamente. Portanto, acredito que ela não se oporá se eu disser que precisamos de mais tempo, pois isso lhe dará mais tempo para transformar algo grandioso em algo ostentoso.

Torci o nariz.

Ele deu uma risada e disse: —Nós sobreviveremos a isso. Mas antes de termos de fazer isso, faremos outra coisa. Algo para nós. Não posso lhe dar o casamento dos seus sonhos, mas posso lhe dar isso.

Ele poderia me dar isso.

Gnomos, luzes no céu e redemoinhos de creme de chocolate.

Parecia incrível.

—Obrigada, True— sussurrei.

—Será um prazer, querida— ele sussurrou em resposta.

Deslizei um pouco para cima e perguntei: —Você acha que seu povo vai gostar de mim?

—Farah, no instante em que seus pés cruzaram a fronteira Dellish, você se tornou a mulher mais bonita deste reino. Os homens a amarão e me invejarão. As mulheres a amarão e a imitarão ou a odiarão simplesmente porque gostariam de ser como você.

Ele parecia ter certeza.

Eu não tinha.

—Você acha?

—Acho que essa é uma preocupação com a qual você não deve se preocupar, pois não estou nem aí para o que elas pensam. Você será minha esposa. Terei orgulho de ter uma esposa tão bonita e bondosa como você. E isso é tudo o que importa.

Sua mão em minha mandíbula deslizou para o meu cabelo para que ele pudesse pressionar minha bochecha em seu ombro e depois deslizar seus dedos pelo meu cabelo.

Ele fez isso e continuou a falar.

—Mas antes, teremos um tempo para nós mesmos. Deixaremos os outros para trás. Leve meus homens e mais alguns guardas, e eu lhe mostrarei minha casa.

—Sua casa não é o Castelo Birchlire?

Eu o senti acenar novamente com a cabeça. —De certa forma. Eu tenho quartos lá. Mas meu lar é toda Wodell e, quando você o vir, Farah— seus dedos se enroscaram na minha nuca e me apertaram, — você entenderá por que eu o reivindico.

Percebi a sabedoria desse plano e não apenas porque, como ele descreveu, eu desejava ver sua casa.

Mas porque estaríamos longe dos outros.

Mars e Silence, sendo que esta última era sua prima e ele se preocupava com ela e, pelo que eu tinha visto, havia algo com que se preocupar.

Cassius e Elena, por quem ele estava apaixonado. E, embora True nunca demonstrasse isso para mim, eu sabia que era difícil para ele ver os dois juntos. Eles não eram uma combinação fácil, mas as faíscas que surgiam entre eles eram fáceis de interpretar.

Além disso, seus pais, ambos frustrantes para ele, pois seu pai era fraco de espírito e de vontade e sua mãe calculista e distante. O primeiro testou sua paciência, enquanto o segundo testou seu temperamento.

Estaríamos apenas entre pessoas que o amavam e respeitavam, seus homens (e, estava se tornando verdade em todos os sentidos possíveis, eu), atravessando uma terra que ele adorava.

—Vamos partir amanhã?— perguntei em seu peito e o senti se mexer antes de sentir seus lábios contra meu cabelo.

Aliás, esse tipo de beijo era muito bom.

Mas não contava.

Ele se acomodou e respondeu: —Sim.

—Como estaremos viajando pelo seu reino, e há costumes aqui que a maioria adere, e muitos certamente saberão quem você é, talvez devêssemos encontrar uma segunda tenda para mim ou, se ficarmos em pousadas, eu deveria ter meu próprio quarto para que...

—Farah?

—Sim?

—Nem mais uma palavra, querida. Tudo bem?

Fechei minha boca.

True.

Tão protetor.

Tão paciente.

Tão generoso.

Tão tudo.

—Agora, role para apagar a lâmpada e volte para mim— ele murmurou.

Fiz o que ele disse, lançando a tenda na escuridão. E quando voltei, ele me abraçou com os dois braços e me abraçou com força.

Suspirei e me aconcheguei mais.

Eu estava quase dormindo quando a voz de True roncou suavemente sob minha bochecha e dentro da tenda.

—Foi o ataque ao palácio.

Meus olhos se abriram.

—Eles desaparecem— ele continuou. —Eu enfrento a batalha e eles voltam.— Ele me puxou para mais perto. —Eles vão desaparecer novamente, Farah. Não se preocupe comigo.

Ele estava falando sobre seus sonhos.

— True...

—Não se preocupe comigo.

—Mas você disse que será forte quando eu precisar...

—Farah— um empurrão de seus braços, —não se preocupe comigo.

Eu me aninhei mais perto, resmungando: —Você não pode me mandar não me preocupar.

— Desculpe?— perguntou ele. —Você não estava ouvindo há apenas alguns segundos?

—Eu estava.

—Então você sabe que eu fiz exatamente isso.

—É ridículo.

—Sou um príncipe e um general, as pessoas fazem o que eu mando.

—Bem, elas não deveriam, se for ridículo.

—Uma realeza pode ser tão ridícula quanto quiser. Você não prestou atenção ao meu pai?

Fiquei quieta, bem antes de começar a rir.

No momento em que vi minha mãe naquela cama coberta de serpentes...

Não, no momento em que, anos atrás, me contaram que o Rei Ares havia sido assassinado, mesmo antes de saber que meu pai havia sido o culpado, eu não havia rido daquela maneira, nem jamais pensei que riria novamente.

Mas naquele momento eu estava rindo, e continuei rindo quando ouvi as risadas profundas de True me acompanhando.

Levantei a cabeça e disse, trêmulo: —Acho que você acabou de

falar em traição.

—Será nosso segredo.

—Odeio compartilhar isso com você, meu True, mas acho que você não está guardando muito segredo.

Observei sua cabeça se erguer e então senti seus lábios se aproximarem dos meus. Tão apertados, e ele os manteve tão longos, que senti a suavidade deles se misturando com a firmeza e tudo o que senti foi o cheiro de True.

Fiquei quieta.

Agora isso...

Oh, meu Deus.

Isso foi um beijo.

Ele se levantou ainda mais e beijou meu nariz.

Eu permaneci imóvel.

Ele se ergueu ainda mais e deslizou uma mão pelo meu pescoço para segurar a parte de trás da minha cabeça, de modo que pudesse beijar minha testa.

Permaneci imóvel.

Ele caiu de volta na cama e pressionou meu rosto novamente em seu peito.

—Agora durma, querida— ele murmurou. —Quando levantarmos acampamento e partirmos por conta própria, não vamos forçar nossos cavalos a andar mais devagar do que um bebê engatinha.

—Não estamos indo tão devagar assim.

—Parece que sim.

—Estou noiva de um homem de ação— murmurei.

—Você está noiva de um homem que não deseja que a inércia o transforme em uma estátua.

Comecei a rir novamente.

Senti seu corpo relaxar, mas sua boca avisou: —Farah.

—Tudo bem. Tudo bem.— Eu me aconcheguei profundamente. — Eu vou dormir.

Alguns dias depois, eu estava novamente perto de dormir, quando ele sussurrou: — Meu True.

Meus olhos se abriram novamente.

Ele não disse mais nada.

Mas havia algo na maneira como ele disse isso...

Não.

Não.

Era tolice ter esperança.

Eu tinha o que eu tinha.

E era lindo.

A vida que eu levava depois do ato feio de meu pai, mesmo com a morte prematura de mamãe, eu sabia que tinha sorte.

Meus ossos poderiam estar em um poço.

Mas eu tinha True como podia tê-lo e ele dava muito.

Eu era ávido por querer mais.

Eu teria as Portas.

E eu teria as Luzes.

Eu também teria um creme de chocolate, algo que eu não sabia o que era, mas que parecia maravilhoso.

E, eventualmente, se derrotássemos a Besta, eu teria filhos e netos.

Mas eu sempre teria o True como eu pudesse tê-lo.

E mesmo que isso não incluísse todo o seu coração.

Com tudo o que ele me deu, eu não poderia pedir mais.



O Esplendor

Rainha Ha-Lah

Nas profundezas do Mar de Tritão

AO LARGO DA COSTA OESTE DE FIRENZE

Girando minha nadadeira em um movimento de saca-rolhas, eu me enrosquei nas profundezas do mar salgado, com os olhos arregalados, cardumes de peixes brilhantes correndo atrás de mim.

Eu estava livre.

Livre.

Girei para cima, através do azul-esverdeado profundo, sentindo minha nadadeira ser tocada por meus companheiros. Eu a ondulei, acelerando em direção à superfície, e a luz da lua, turva nas profundezas, clareou à medida que eu me aproximava.

Subi, rompendo a superfície, jogando a cabeça para trás, as guelras sob minha mandíbula se fecharam e se tornaram invisíveis instantaneamente, e eu inspirei a superfície.

—Céu— sussurrei.

Senti meus queridos bicarem minha nadadeira antes de voltarem para as profundezas.

Quando eles me deixaram, deixei minha metade inferior flutuar

para cima e fiquei à deriva nas ondas.

Era muito tarde da noite.

Sob um manto de magia, eu havia deixado Aramus e seus homens dormindo em suas tendas na praia.

E eu tinha voltado para casa.

Para casa.

Dei um giro na superfície, um giro por baixo dela, voltei a subir e fui para a costa, na onda.

Aramus tinha sido tão inflexível que partimos, que saímos da Cidade do Fogo antes mesmo da cerimônia de morte de Sofia.

Chegamos à costa três dias antes.

A viagem foi longa e quente, e só não foi mais longa porque Mars e seu pai antes dele estavam construindo estradas em Firenze que eram retas e bem conservadas - e cortando aquelas dunas -, o que provavelmente tirou semanas da viagem.

E três dias caminhando pela praia e sentindo a água salgada em meus pés e pernas foi animador, mas não era o que eu precisava.

Era disso que eu precisava.

Agora eu estava renovada.

Agora eu sentia que poderia enfrentar qualquer coisa.

No entanto, a noite não duraria para sempre e eu não queria que meu marido, loucamente atento desde que me machucou tanto com suas palavras raivosas após o ataque ao palácio, me encontrasse desaparecida.

E ele poderia. A magia que usei para manter ele e seus homens

dormindo pacificamente enquanto eu partia também não durava para sempre.

Eu tinha que voltar.

Mas Aramus havia me dito que ficaríamos o tempo que eu quisesse e que viajaríamos para nos juntar aos outros em Notting Thicket somente quando eu estivesse pronto.

Então, amanhã à noite, eu iria me refugiar novamente nas profundezas e ficaria em casa por um tempo.

Em casa e livre.

E na noite seguinte, o mesmo.

Então, eu sabia, deveríamos retomar nossa jornada.

Farah estava sofrendo.

Silence estava se adaptando.

E Elena tinha muito a fazer, com uma mãe que eu percebia estar bastante doente (embora ela tentasse esconder) e com a própria Elena enfrentando uma união conjugal com um inimigo mortal que não seria bem vista na terra dele, ou possivelmente na dela.

Sem mencionar todas as coisas que Aramus desejava fazer quando voltássemos para casa.

Tudo isso depois de termos derrotado uma Besta que aparentemente não gostava de aparecer.

Por mais que eu quisesse ficar por semanas, não podíamos nos demorar.

Mas Aramus havia me dado isso. Ele se esforçou muito para me dar isso. Ele foi tremendamente descortês (sair antes da cerimônia fúnebre foi rude ao ponto de ser desrespeitoso, mas ele não se

importou, estava em uma missão). A viagem não tinha sido agradável (essa terra era quente e havia muito calor). Enfrentaríamos mais problemas na jornada até Wodell.

Mas estávamos aqui.

Somente porque eu desejava estar aqui.

Não queria que isso causasse uma brecha na armadura que ergui em volta do meu coração para protegê-lo do meu marido.

Ele era arrogante.

Era irrefletido.

Quando estava com raiva ou excessivamente emotivo, coisas cruéis saíam de sua boca.

Ele claramente passava tempo demais com homens e não tinha a menor ideia de como lidar com uma mulher.

E também passava tempo demais sendo príncipe herdeiro e depois rei, achando que a própria Terra e todos os seus mares giravam em torno dele.

Mas, enquanto eu virava minha nadadeira e deslizava em direção à costa (mergulhando para nadar fundo de vez em quando), eu não podia negar que ter isso, ter Aramus se esforçando tanto para me dar isso, não colocava uma fenda naquela armadura.

Uma pequena fenda.

Mas ela estava lá mesmo assim.

Isso foi o que senti até chegar mais perto da costa e ver uma figura solitária parada onde deixei minhas roupas de dormir na areia da praia.

Uma figura que eu sabia ser meu marido.

Mantive minha nadadeira cuidadosamente abaixo da superfície e, à medida que a área entre a areia e o mar se tornava mais estreita, a cócega resultante nas minhas costas se transformou em uma leve queimação nos quadris até o final de mim, o que levou a uma sensação de rasgo que me fez ofegar.

E, mais uma vez, eu tinha pernas.

Parei de dar cambalhotas e comecei a nadar em direção à costa.

Na parte rasa, quando eu não conseguia mais nadar, nua, fiquei de pé e caminhei lentamente entre as ondas que batiam em direção ao meu marido.

Ele ficou imóvel à luz da lua, observando-me.

Estávamos casados há muitos meses.

E essa era a primeira vez que ele me via nua.

Eu não queria me perguntar se ele gostou do que viu.

Mas eu queria saber se ele gostou do que viu.

Observei seu rosto ao luar enquanto me aproximava dele e notei que ele estava carregando o longo manto de toalha que eu havia trazido para me secar quando terminasse.

E quando me aproximei, não pude dizer se ele estava gostando da vista, pois sua expressão não passava de uma máscara congelada de fúria.

Uma máscara com olhos fixos em meu rosto.

Muitos meses de casamento, e eu não podia dizer que o conhecia.

O que eu podia dizer era que seu temperamento era rápido e, quando ele estava sob controle, o que saía de sua boca podia ser cruel.

Mas ele era só palavras e arrogância.

Portanto, eu não tinha medo. Pelo menos não fisicamente.

Parei diante dele e disse: —Marido.

Mal terminei de dizer a palavra quando ele se moveu, muito mais rápido do que eu jamais imaginaria que ele pudesse, e fui enrolada na toalha de forma que meus braços e pernas ficaram imobilizados.

Fui então jogado sobre seu ombro.

—Aramus!— gritei.

—Eu ficaria quieta, esposa— respondeu ele, com sua voz profunda e fria como a água dos polos.

Oh, droga.

Decidi que talvez fosse melhor fazer o que ele sugeriu e discutir isso em nossa barraca. Até consegui manter meu silêncio quando montamos nosso acampamento a uma certa distância, no alto da costa, e vi todos os seus homens acordados e se movimentando pela areia.

Todos eles.

E eram centenas deles.

Eles pareciam tão irritados quanto meu marido.

Ocorreu-me então que Aramus acordou e não me encontrou mais. Também me ocorreu o que ele faria se não me encontrasse.

Ou seja, ele me procuraria e, quando não me encontrasse (pois eu estava brincando no fundo do mar), acordaria seus homens para ajudar na busca.

Isso ele fez claramente.

Oh, meu Deus.

Obviamente, alguém me viu nadando para a praia ou encontrou minhas roupas, e Aramus os mandou de volta para o acampamento enquanto ele, sozinho, sabendo que eu estava nadando nu, esperava por mim.

Felizmente, ele não ficou na praia com seus homens, mas me carregou diretamente para a nossa tenda.

Uma vez lá dentro, ele me colocou imediatamente de pé.

Lutei com a toalha até ter meus braços livres.

Apertei-o contra o peito, virei os olhos furiosos para o rosto dele...

E fechei minha boca com força.

Pois seu rosto furioso estava a centímetros do meu.

—Você perdeu o juízo?— ele rugiu para mim.

Diante de tamanha fúria, para salvá-lo de si mesmo (e, francamente, de mim, do que quer que saísse de sua boca), imediatamente me acalmei. —Aramus.

—Pelas sereias, Ha-Lah. Pelas malditas sereias, mulher!

—Se você...

Ele recuou apenas um centímetro para poder colocar o dedo em meu rosto.

—Eu acordei e você não estava mais lá— ele mordeu. —Eu procurei, e você não estava em lugar nenhum.— Ele largou o dedo. —Eu acordei a porra do acampamento inteiro e ninguém conseguiu encontrar uma pista de você, a não ser suas malditas... malditas... roupas.

Olhei fixamente para seu rosto furioso.

E vi o medo por trás de seus olhos.

E, de repente, não havia mais armadura em volta do meu coração.

Ela se foi.

Em um instante...

Desapareceu.

Pela Medusa.

Meu marido havia se apaixonado por mim.

—Meu rei— sussurrei.

—Você tem alguma ideia do que passou pela minha cabeça?—
perguntou ele.

Eu tinha a sensação de que sim.

Foi excepcionalmente horrível.

E eu sentia muito por isso.

—Por favor, permita-me...

—E você estava nadando, porra— ele cortou.

Apertei meus lábios com força.

Sim, uma coisa eu sabia sobre meu marido: quando ele estava com raiva, precisava desabafar.

—Já lhe ocorreu acordar a porra do seu marido e dizer que gostaria de dar um mergulho ao luar?— ele exigiu.

Quando ele fez uma pausa longa o suficiente para que eu pensasse

que ele realmente desejava minha resposta, abri minha boca, mas ele falou novamente.

—Não!— ele gritou. —Não fez isso. Mas, semanas atrás, Cat recebeu uma espada de seu intestino até sua garganta. Sofia foi magicamente dominada por malditas serpentes. Agora você sai sozinha, sem um único guarda, em uma terra estrangeira e vai nadar.

—Sinto muito— eu disse suavemente.

—Você sente muito?— perguntou ele sarcasticamente.

—Eu não estava correndo perigo— eu disse a ele.

—Você não corria perigo— repetiu ele, novamente com sarcasmo.

—Aramus...

—Você é linda.

Fechei minha boca novamente.

—A mulher mais bonita de qualquer reino. Você sabe o que um homem faria para possuir essa beleza?

Fiquei olhando para ele.

Ele achava que eu era a mulher mais bonita de qualquer reino?

Antes que suas palavras pudessem ser absorvidas por completo, Aramus continuou a falar.

—Você sabe o que um inimigo faria com essa beleza para deixar de joelhos o homem que a possui?

—Eu...

—E você é a rainha. A rainha do reino mais poderoso de Tritão. Se alguém a raptasse, eu daria toda a nossa frota para tê-la de volta

ilesa.

Diante dessa afirmação, recuei um passo em choque.

—Sim, Ha-Lah— ele cuspiu. —E não porque você é minha rainha, mas porque você é Ha-Lah. Minha Ha-Lah. Minha.— Ele bateu em seu peito com o punho. —Minha para segurar. Minha para proteger. Mente para manter inteira.

—Eu não pensei...

—Não, você não pensou, porra.

—Você acordaria— concluí.

Ele não ficou surpreso.

Não, ele ficou mais furioso.

—Por favor, ouça-me, Aramus— disse eu com urgência.

Ele se inclinou em minha direção. —Não há uma única coisa que você possa dizer, mulher, que me deixe menos furioso com você por ser tão estúpida.

Forcei-me a respirar fundo e com firmeza, fiquei imóvel e sustentei seu olhar.

Ele respirou visivelmente de forma superficial e irregular e me encarou.

Dei tempo ao tempo. Tempo para observar sua respiração uniforme. Tempo para ver a fúria em sua expressão se reduzir a uma simples e maldita raiva. Tempo para me lembrar de que suas palavras foram ditas porque ele temia por mim, e não porque ele realmente as quisesse dizer.

É hora de deixar claro que ele achava que eu era a mulher mais bonita de todos os reinos.

E ele estava apaixonado por mim.

Então, eu falei.

Em silêncio.

Não com cuidado.

Mas com calma.

—Você tem um temperamento excepcionalmente ruim, marido.

—Você me aterrorizou, esposa— ele respondeu.

—E eu sinto muito por isso, Aramus.

Isso foi calmo e reconfortante.

Ele se apoiou nos calcanhares e cruzou os braços sobre o peito.

Eu o estudei.

E diante do que vi, do que acabara de acontecer e do que agora eu entendia até o fundo da minha alma sobre esse homem que era meu, não demorou muito para que eu tomasse minha decisão.

—Você virá comigo?— perguntei.

—Ir com você?

—Sim.

—Para onde?— ele disse.

—Por favor, Aramus— sussurrei, estendendo a mão para ele. — Apenas venha comigo.

Ele olhou fixamente em meus olhos.

Ele fez isso por muito tempo.

Mantive meu braço estendido para ele durante todo esse tempo.

Ele finalmente baixou o olhar para a minha mão.

Depois de mais alguns instantes, ele estendeu a mão e a pegou.

Como ele faria.

Pois meu marido estava apaixonado por mim.

Graças à Medusa.

Sem jeito, com minha mão livre, enrolei a toalha em volta de mim o melhor que pude para que ficasse no lugar e o levei até as abas da tenda e para fora.

—Você pode dizer a eles que voltem para seus paletes— eu disse baixinho, referindo-me aos soldados que se aglomeravam.

—Eu não vou...

Apertei sua mão. —Confie em mim.

Ele fez uma careta para mim antes de se voltar para um de seus tenentes, um homem chamado Bondi, mas chamado simplesmente de Bond.

— Vocês podem ir em frente. Tudo está bem. Nós voltaremos. Mas fiquem atentos.

Bond assentiu com a cabeça, fez uma careta ferozmente infeliz em minha direção e depois se voltou para os outros.

Conduzi meu marido pela praia até onde minhas roupas haviam sido deixadas.

Só soltei sua mão quando chegamos a elas.

Rapidamente, fazendo malabarismos com o lençol que tinha em

volta de mim, vesti minha camisola e depois minha calcinha.

Enrolei a toalha em meu braço, peguei a mão de meu marido novamente e o levei mais adiante na praia.

À medida que a distância do acampamento aumentava, os dedos de Aramus se apertaram ao redor dos meus e ele rosnou um aviso: — Ha-Lah.

Parei e olhei para trás, para o acampamento, que não estava perto, mas também não estava longe o suficiente.

Mas meu rei não se sentia confortável com a distância.

Portanto, teria de ser assim.

Ainda segurando a mão de meu marido, deixei cair a toalha na areia, aproximei-me tanto de sua frente que nossos corpos estavam quase se tocando e inclinei a cabeça para trás.

—Uma vez você me acusou de fazer você merecer tudo o que recebia de mim— lembrei-o.

Sob a luz da lua, vi sua expressão mudar de raiva para arrependimento e de volta para raiva.

Ele abriu a boca.

Mas fui eu quem disse: —Isto, meu marido, meu rei, eu lhe dou de graça.

E então me virei, ainda segurando sua mão, mas erguendo meu braço livre em um amplo arco.

O formigamento surgiu do meu ventre para o meu coração e para as pontas dos meus dedos, e uma grande onda de água a uns cinquenta metros de distância e uns vinte metros de largura subiu em direção aos céus no rastro do meu braço, depois caiu no mar.

Com o braço abaixado, eu o levantei, e uma rajada de ondas soprou diretamente para o ar, apenas para cair quando eu abaixei novamente o braço.

—Por Tritão— sussurrou Aramus, com o olhar fixo na água.

Com um puxão de sua mão, levei-nos para a beira da arrebentação.

E quando as ondas bateram em meus dedos dos pés descalços e no couro de suas botas, puxei sua mão novamente e fiz com que ele se agachasse ao meu lado.

Fechei os olhos, senti o calor tomar conta de minhas entranhas, abri os olhos, mergulhei minha mão livre na água e enviei meu pedido.

Não demorou muito para que eu recebesse uma resposta.

Voltei minha cabeça para meu marido.

—Observe o mar, meu rei— insisti.

Seus olhos, não mais cheios de fúria, mas agora cheios de admiração, algo que me aqueceu muito mais do que o que eu estava recebendo do mar, foram de mim para o horizonte.

Eu também me virei para lá.

Ouvi sua respiração aguda quando quatro golfinhos, dois de cada lado, saltaram das ondas em direção uns aos outros.

—E agora um show— eu disse.

E eles estavam de volta. Dessa vez, virando o nariz sobre a nadadeira no ar, passando por cima das ondas nas pontas das nadadeiras ou saltando todos juntos em formação.

Eles terminaram com apenas a cabeça acima da água, assobiando

e vibrando em nossa direção.

Enquanto eles afundavam no mar, acenei com a mão ainda na água e disse: —E o final.

Aramus não tinha desviado seus olhos das profundezas.

E assim ele viu a grande rajada de água jorrar bem alto antes que a beleza reluzente de uma baleia explodisse em uma orgulhosa erupção de espuma. Ela se contorceu no ar até ficar de costas, antes de voltar para casa.

Obrigado, enviei através de minha mão.

As vibrações da resposta fizeram cócegas em meus dedos.

—Ha-Lah— meu marido chamou ao meu lado.

Virei minha cabeça para ele.

—Eu não estava correndo perigo— sussurrei.

—Você não fala com eles, você os comanda— ele sussurrou de volta.

Balancei a cabeça. —Não. Eles são meus amigos. Eu não os comando. Enviei um pedido. E eles o atenderam.

—As águas?— ele perguntou.

Levei um momento.

E então compartilhei.

—Isso eu comando.— Aproximei-me dele na ponta dos pés, levantei minha mão molhada para envolvê-la em seu pescoço e terminei: —Se estivermos perto do mar, Aramus, nada poderá me fazer mal.

—E é por isso que você é uma nadadora poderosa— ele comentou.

Bom.

Não exatamente.

Quando não respondi, ele observou: —Quando te vi pela primeira vez, você estava muito longe.

—De fato, sou uma nadadora exímia, marido.

—Por que você não me disse isso?

—Porque eu estava com raiva de você por ter me machucado.

Ele sustentou meu olhar.

Então se endireitou, puxando-me para cima com ele.

Diretamente em seus braços, abraçada ao seu corpo.

Ele me abraçava à noite, quando dormíamos, sem nunca me soltar.

Ele fez isso desde que disse as coisas que me disse na Cidade do Fogo.

Ele também fazia isso contra a minha vontade, mas em um esforço, eu sabia, para pedir perdão silenciosamente pelo mal que havia feito a mim.

Mas quando não estávamos dormindo, ele raramente me tocava, mesmo antes de dizer as coisas que havia me dito na Cidade do Fogo.

Agora eu estava em seus braços.

E eu não tinha certeza se era propício para minha saúde emocional saber como eles se sentiam bem ao meu redor enquanto eu

estava na areia com o mar acariciando meus pés.

Ele tirou uma das mãos de mim para poder passar o dedo ao longo da linha do meu cabelo e soltar as mechas úmidas que estavam ali.

Ele observava seu dedo fazer isso como se estivesse fascinado.

Observei sua fascinação e fiz o mesmo, fascinada.

—Isso é extraordinário— ele murmurou, com o dedo passando ao longo de minha mandíbula sem nenhum propósito, pois não havia nenhum cabelo preso ali.

Eu não sabia se ele estava se referindo ao que eu havia lhe mostrado, aos meus cachos ou à minha mandíbula.

Seus olhos se voltaram para os meus e sua mão se enrolou ao redor da minha cabeça, com os dedos no meu cabelo, a palma da mão no meu pescoço, o polegar descansando ao longo da minha bochecha, na linha do cabelo.

Uma área que ele acariciou.

—Você é extraordinária— disse ele.

Eu me senti derretendo nele, sem poder impedir.

—Mas eu não me importo.

Com essas últimas palavras, encontrei o poder de parar de me derreter.

—Eu... perdão?— Perguntei.

Seu pescoço se curvou para que seu rosto ficasse próximo ao meu.

—Você me deixou.

Oh, meu Deus.

Eu estava derretendo novamente.

—Aramus.

—Você não pode nem imaginar o terror que atingiu meu coração quando Nis encontrou suas roupas, mas não você nelas.

Coloquei minhas mãos entre nós para poder apertá-las contra o peito dele.

—Meu rei.

—Não havia sinal de você. Nenhum. Isso significa que o melhor cenário, Ha-Lah, era você ser arrastada para o mar. Esse era o melhor cenário, minha esposa. Mas mesmo nesse cenário, você estava perdida para mim.

—Mas agora você vê que eu estava segura e nunca estive em perigo.

—Um marido poderia adormecer ao lado de uma esposa que comanda o mar e os céus, a terra e todo o fogo, e se ele acordasse e descobrisse que ela estava desaparecida, ele não rolaria e voltaria a dormir se ela tivesse um lugar em seu coração.

Um lugar em seu coração.

Querida Medusa.

Ele ia me fazer chorar.

—Está entendendo, minha Ha-Lah?— perguntou ele.

Ah, sim.

Foi muito bem entendido.

Eu assenti com a cabeça.

—Por favor, diga as palavras, minha rainha— ele pediu.

—Entendi, Aramus.

Seus dedos em meu cabelo se deprimiram em um aperto afetuoso enquanto seu braço sobre mim se apertava da mesma maneira.

—Você não quer que meus homens saibam que você tem esse poder— deduziu ele.

—Eu... é...

—Você não queria que eu soubesse.

Decidi não responder.

—Foi sábio de sua parte, Ha-Lah. Sinto que só vi uma pitada dele e ainda sei que seu poder é incrível. Uma coisa de beleza. Não conheço outro que o exerça. E se fosse conhecido, seria cobiçado. Cobiçado por aqueles que não parariam por nada para possuir aquele que o comanda. Precisamos mantê-la, e a você, em segurança.

E novamente senti vontade de chorar.

Porque ele entendia.

—Meus homens mais próximos devem saber— ele decretou. — Mas conversaremos, decidiremos como compartilhar e quando. Não agora. Temos outras coisas para resolver, você e eu.

Assenti novamente com a cabeça.

Quando terminei, seu polegar tocou minha bochecha, enquanto sua mão se aproximava e segurava minha mandíbula.

Tudo isso enquanto seu rosto se aproximava ainda mais.

—Você me perdoa?

—Seu temperamento é prejudicial— sussurrei.

Dessa vez, ele acenou com a cabeça, e o fez de forma solene.

—De fato— concordou. —Pensei muito sobre isso durante nossas viagens até aqui. Será algo em que me esforçarei muito para trabalhar, embora eu tema ter que pedir sua paciência, pois isso faz parte de mim e, portanto, pode ser difícil de superar.

—Você me chamou de estúpido na tenda— lembrei-o e observei seus lábios carnudos se contorcerem.

—Minha esposa, minha rainha, minha Ha-Lah, eu acordei e você tinha ido embora.— Ele hesitou para dar ênfase e terminou: — Nadar.

Apertei meus lábios e os mordi.

Talvez deixá-lo durante aquele clima específico de nosso casamento, nessa época específica em Tritão, não muito tempo depois de um ataque maciço ao palácio onde estávamos hospedados, um ataque em que ele perdeu um homem de quem gostava muito, tenha sido uma estupidez.

—Hum— ele murmurou, com os olhos em minha boca, e tive a sensação de que ele conhecia meus pensamentos.

Decidi mudar de assunto.

—Preciso ficar perto do mar, Aramus, por alguns dias.

Suas sobrancelhas se juntaram quando seu olhar se voltou para o meu. —É claro. É por isso que estamos aqui.

—O que eu quero dizer é que desejo ficar. Por alguns dias.

—Claro, Ha-Lah, é por isso que estamos aqui.

—Sei que não devemos nos demorar— continuei. —Devemos nos movimentar para nos juntarmos novamente aos outros. Eu só preciso de alguns dias.

Sua mão em minha mandíbula e seu braço em minha cintura me arrastaram para cima de seu grande corpo e ele murmurou: —Ha-Lah, você ouviu atentamente as palavras que eu gostaria que você não ouvisse, e não as palavras que eu quero que você ouça. Ficaremos o tempo que você quiser. Se você quiser ficar aqui por um ano, eu permitirei.

Senti meus olhos se arregalarem. —Um ano?

—Bem, talvez não um ano— ele murmurou. —Tenho um reino para administrar.

Eu sorri para ele.

Ele ficou quieto contra mim quando o fiz.

Então ouvi (e devo dizer... senti) um som que parecia ter se originado em seu peito antes de sair por entre seus lábios.

E onde eu o senti foi também em meu peito.

E também entre minhas pernas.

O que significa que essas pernas tremiam.

Beije-me, implorei com meus olhos.

Meu marido não estava olhando nos meus olhos.

Ele estava olhando fixamente para minha boca.

Beije-me!

—Devemos voltar— murmurou ele, seu corpo se movendo como se ele tivesse me deixado ir.

—Ah, pelo amor das sereias— gritei, tirei minhas mãos de seu peito, agarrei suas bochechas, puxei-o para mim...

E o beijei.

Mal encostei meus lábios nos dele e já estava de costas para a areia, com o peso enorme e quente do meu marido em cima de mim.

Sua língua estava invadindo minha boca.

Suas mãos grandes estavam enfiadas em minha camisola, nas minhas costas.

E por toda a generosidade dos mares, ele se sentia bem.

Ele tinha um gosto bom.

E beijava magnificamente.

Agarrei sua cabeça careca com as duas mãos, segurando-o contra mim, pressionando seu corpo.

Ele arrancou sua boca da minha, rosnando: — Sereias-malditas-porra.

Espere.

O que foi?

Por que ele parou?

—Aramus?— Eu respirei.

—Não vou fazer amor com minha esposa pela primeira vez na porra da areia— ele resmungou.

Coloquei minhas mãos em cada lado de sua cabeça e disse com urgência: —Vamos voltar para a tenda e vamos rápido.

—Também não vou fazer amor com minha esposa pela primeira

vez em um palete em uma tenda com quinhentos soldados acampados por perto.

Cerrei os dentes em sinal de frustração.

—Seremos eu e você— ele declarou.

—Mas...

—Só você e eu.

Isso foi muito cativante.

No entanto.

—Somos só você e eu agora— observei.

—Vai ser especial.

Meu corpo congelou.

Especial?

—Nós viveremos nossas vidas. Teremos filhos. Teremos netos— declarou ele. —E durante tudo isso, você sempre se lembrará da primeira vez que nos unimos. A primeira vez que seu marido entrou em seu corpo e nos tornou um só. O momento em que eu me tornei verdadeiramente seu marido e você, minha esposa. Você se lembrará disso como um momento de esplendor. De paixão. De alegria. Não com metade de sua mente consumida pela sensação irritante da areia em lugares que, sem dúvida, ela não deveria estar ou com quem poderia ouvir e o que poderia dizer.

Pode-se dizer com certeza que, naquele momento, eu não me importava com o que os outros poderiam dizer.

Embora ele tivesse razão quanto à areia.

—E quando será esse momento de esplendor, marido?—

perguntei.

—Não sei. Vou dar um jeito— ele murmurou irritado.

—Estamos casados há mais tempo...

—Eu sei, Ha-Lah, confie em mim, eu sei— ele murmurou, muito mais irritado.

O que me fez, por algum motivo, dar uma risadinha.

—Isso não é engraçado— ele resmungou.

—É meio engraçado— brinquei.

—Não tem graça nenhuma— ele respondeu.

Contive meus risos, mas não pude deixar de sorrir para ele.

Eu tinha um lugar em seu coração.

Ele sabia de meus poderes.

Ele pode não ter movido o céu e a terra, mas moveu quinhentos soldados, e fez isso em um caminho direto para o mar.

Por mim.

E a simples ideia de que algo pudesse me prejudicar o aterrorizava.

Aterrorizava o rei Aramus de Mar-el.

O rei mais poderoso de Tritão.

Eu tinha a sensação de que poderia lhe dizer que era uma sereia e ele não se importaria com isso, exceto por fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para manter esse segredo a salvo.

Eu a salvo.

E eu lhe contaria.

Eventualmente.

Minha tia havia me contado que, para conquistar minha mãe, meu pai teria encontrado uma maneira de viajar aos céus para reunir uma estrela e levá-la a ela, se fosse isso que ela desejasse.

Eu não queria uma estrela.

Eu queria ser livre.

Também disse isso ao meu marido.

E em uma época em que eu achava que nunca mais sentiria isso novamente, Aramus encontrou uma maneira de me dar isso.

Acariciei sua nuca com meus dedos e perguntei: —Podemos nos beijar mais?

—No final das contas, gostaria muito de usar meu pênis de uma forma que nós dois gostássemos. Quando essa alegre ocasião acontecer, ele não deve ficar fora de serviço porque as bolas estão irremediavelmente azuis— ele reclamou.

Comecei a rir novamente.

—Isso realmente não é engraçado— ele disse.

Apertei os lábios novamente, dessa vez para parar de rir.

Quando me controlei, observei: —Fico feliz em saber que você beija excepcionalmente bem.

Ele olhou acima da minha cabeça e reclamou: —Vejo que minha penitência por ser um grande idiota não está completa.

—Aramus— eu disse baixinho.

Ele olhou para mim.

Ou melhor, fez uma careta para mim.

—Eu o perdoo.

Ele parou instantaneamente de fazer essa careta, embora seu rosto não estivesse menos intenso, e eu não percebi nem um segundo antes de ele começar a me beijar novamente.

O beijo esquentou muito rapidamente, com sua língua talentosa, seus lábios cheios, macios, mas firmes, e nossa fome.

Ele nos rolou para que ele ficasse de costas na areia e eu por cima (e tive a sensação de que gostei mais desse posicionamento, embora eu definitivamente tentasse o outro novamente, só para ter certeza) e suas mãos mergulharam em minha calcinha.

Ah, sim.

Aramus quebrou o contato de nossas bocas, inclinou a cabeça e enfiou o rosto no meu pescoço, enquanto seus dedos se enterravam na minha bunda.

—Porra— ele gemeu.

—Querido— eu respirei.

—Querida, isso é bom— sussurrou ele, com as mãos passando sobre minha bunda.

Ele tinha esse direito.

—Temos que parar— ele me disse com firmeza.

Ele também estava certo quanto a isso.

Agora que ele me ofereceu isso, eu queria algo especial.

Malditas sereias.

Beije sua mandíbula.

Ele tirou as mãos da minha calcinha, sentou-se para que eu ficasse de frente para ele, mas não perdeu tempo em envolver um braço em volta de mim para que pudesse me erguer enquanto se levantava.

Os meus caíram na areia.

Ele me soltou, mas pegou minha mão, curvou-se para pegar a toalha e nos levou de volta ao acampamento.

Começamos a caminhar.

Lentamente.

—Não sei se me importaria com um pouco de areia— murmurei.

—Pare com isso— respondeu ele apertando minha mão.

— Realmente— eu disse.

Ele olhou para o mar. —Todo o meu agradecimento. Você me enviou uma sereia e agora estou perdido.

Eu sorri para seu perfil.

Aramus olhou para frente e ordenou: —Pare de sorrir para mim.

—Não posso. Você está sendo cativante.

Ele continuou a não olhar para mim enquanto observava: —Você pretende me torturar completamente até que eu possa encontrar um momento adequado para colocá-la sob mim, não é?

—Eu estava pensando em montar em você.

Dessa vez, sua cabeça se inclinou para trás e ele implorou aos céus: —Alguém me mate.

Eu me aproximei dele e deixei minha cabeça cair em seu ombro, murmurando: —Não até eu montar em você.

Demos vários passos antes que eu sentisse seus lábios em meus cabelos, onde ele me beijou.

Depois disso, ele voltou a olhar para a frente, mas eu mantive minha cabeça em seu ombro, e meu marido e eu caminhamos silenciosamente sob a luz da lua, com a mais bela melodia da natureza, as ondas batendo na costa, fazendo uma serenata pelo resto do caminho até o acampamento.



O Café da Manhã

Príncipe True

Cinquenta milhas dentro da fronteira sul
WODELL

—Isso é ridículo. Um atraso inaceitável— anunciou pomposamente o rei Gallienus, enquanto todos se sentavam em volta da grande mesa de jantar que os servos de Mars desmontavam para viajar e montavam de volta para usarem quando acampassem em uma noite.

Assim como em uma manhã.

Mesmo em uma manhã fria.

O sol estava brilhante sobre eles.

Mas todos tinham um tapete enrolado na cadeira para afastar o frio da madeira e seis barris de fogo dançavam ao redor da mesa para dar um mínimo de calor, sem mencionar que todas as mulheres usavam capas e os homens mantos.

Exceto Mars, que parecia imune ao frio, o que deu um novo significado ao antigo título que seus ancestrais ostentavam.

O Rei do Fogo.

—Essa bobagem de casamento precisa acabar— concluiu

Gallienus.

True havia terminado de explicar o que acordara cedo para contar à mãe e ao pai.

Sua mãe ficou muito feliz com isso, pois ele estava certo, o que lhe dava mais tempo para montar um espetáculo maior.

Algo com que seu pai não parecia se importar muito.

Por outro lado, True conhecia o homem há trinta e um anos, talvez vinte e seis dos quais quando ele estava totalmente consciente, e ele não fazia ideia do que interessava ao pai.

Agora todos na mesa sabiam que ele e Farah estavam indo explorar Wodell e que encontrariam os outros em Notting Thicket dali a um mês.

Farah, sentada ao seu lado, se mexeu, e ele virou a cabeça para ela e viu que ela parecia desconfortável.

Por isso, estendeu a mão para a dela e, quando os dedos dela se enrolaram nos seus, ele os levou até o braço da cadeira e os segurou.

—Acho que é uma ideia magnífica— declarou Lord Johan, pai de Silence. —Isso significa que minha Silence pode voltar para casa. Para Bower Manor. E lá ela poderá passar um tempo entre os vales que ela tanto ama, antes de ter que voltar para toda aquela areia.

—Minha Silence — corrigiu Mars em voz baixa.

Farah fez um discreto ruído de alarme.

—E nós não iremos para a Bower Manor — Mars terminou, apenas para Silence, que se sentou ao lado do marido da mesma forma que ela costumava se sentar nas vezes em que True a tinha visto perto do pai, ou realmente de qualquer pessoa, exceto True.

Silenciosamente.

Ela havia sido muito mais animada em Firenze.

Ela estava se fechando em si mesma novamente.

E Mars não estava ajudando.

Na verdade, True temia que Mars fosse Mars e que não a orientasse a entender quem ele era e por que ele era daquele jeito era a razão pela qual ela estava fazendo isso.

Agora, sua prima virou a cabeça e olhou para a mandíbula barbada do marido com uma expressão de revolta, antes de limpá-la e pegar a xícara de chá à sua frente.

Sim, Mars não estava dando nenhuma orientação.

Farah fez outro barulho baixo de alarme.

True apertou sua mão.

—E para onde você levará minha filha?— Johan perguntou a Mars, como se Mars estivesse fugindo com ela, em vez de estar casado com ela.

True nunca havia pensado muito em Johan, exceto pelo fato de que, de uma forma vaga, ele não era muito simpático e, de uma forma não vaga, ele era um pai completamente ruim.

Agora, True o estudava.

E não gostou do que viu na maneira como Johan olhou para seu genro.

—Não é tão longe. Nós voltaremos para a areia— retornou Mars. —Minha rainha deve estar entre seu povo. Eles devem conhecê-la. Estamos no outono. Os açafrões florescem no norte. Podemos visitar meu campo de açafrão.

—Ela está entre seu povo— retrucou Johan.

Farah fez um barulho estrangulado.

Que droga.

Mars parecia curioso, e alarmante, como se tivesse crescido quatro centímetros simplesmente sentado em sua cadeira, enquanto seus olhos faiscavam fogo através da mesa para seu sogro.

— Silence, os inquilinos não saíram de Cord Cottage?— True chamou.

Sua prima olhou para ele.

—Desculpe?— ela perguntou baixinho.

—Cord Cottage— ele repetiu. —Está desocupado, não está?

—Sim, está, meu príncipe— respondeu Johan pela filha, demonstrando um dos vários motivos pelos quais Silence ficou em silêncio a maior parte de sua vida. —Por que você mencionou isso?

—É espaçosa e bem equipada— respondeu True. —Uma das razões pelas quais você ainda não encontrou inquilinos para ocupá-lo, eu presumo. É cara. Também tem uma casa de carruagens onde os Confiáveis de Mars podem se hospedar. E um terreno para seus homens acamparem. E fica a apenas cinco quilômetros de Bower Manor. Silence e Mars podem ficar lá. Os recém-casados podem ter privacidade, Silence pode estar em casa, de certa forma, e eles estariam perto o suficiente para jantar com você e a tia Vanka uma vez por semana, mais ou menos.

—São mais ou menos sete quilômetros— corrigiu Johan.

—Tanto melhor— afirmou Mars de forma expansiva, recostando-se em sua cadeira e, ao fazê-lo, colocou seu braço em volta das costas de Silence. —Vamos fazer isso.

—Eu não a ofereci— disse Johan a Mars.

—Eu fiz— disse True.

Agora Johan estava cuspidando nele, embora o fizesse com certo respeito. —Sem ofensa, meu príncipe, mas não é seu para oferecer.

—Sim, é— disse a mãe de True, a Rainha Mercy, alegremente, despejando chá na xícara agora abaixada de Silence. —Todas as terras de Wodell são propriedade da coroa.— Ela colocou o bule de chá no chão e olhou para Johan. —Quando se trata disso. Estou certa, meu rei?

—Certo, certo, de fato— murmurou seu pai, o Rei Wilmer, antes de morder um grande pedaço de salsicha no café da manhã.

Johan começou a ficar com o rosto vermelho.

—E tenho certeza de que Johan, Vanka e todos os inquilinos, fazendeiros e servos de Arbor ficariam honrados em receber o Rei de Firenze e sua nova rainha, sua própria Silence— continuou sua mãe, sentando-se, sorrindo um sorriso muito pequeno e apontando o olhar para Vanka. —Não é verdade, Vanka?

—Claro— disse Vanka, nervosa, com os olhos voltados para o marido.

—Então, está resolvido.— Mercy cruzou as mãos em seu colo. —Adorável.

—É esse o seu desejo, minha Silence?— Mars murmurou para sua noiva.

Ela inclinou a cabeça para trás e respondeu: —Seu desejo é o meu desejo, meu rei.

Algo em sua expressão, em seu comportamento, em sua resposta ou em todos os três fez com que Mars parecesse impaciente por um momento antes de murmurar: —Quem dera fosse assim.

As bochechas de Silence ficaram rosadas de raiva quando ela olhou para a mesa.

—Ah, *mio rosa. Amo così tanto il mio rosa*³⁵— Mars sussurrou, mas o fez em voz alta o suficiente para que os outros ouvissem.

Meu rosa. Eu amo tanto o meu rosa.

Ao ouvir isso, o rosa ficou mais rosa e Silence ficou muito ocupada em ajeitar o guardanapo no colo, mesmo que parecesse que ela já tinha terminado de comer.

Mars deu uma risadinha.

A cabeça de Silence se levantou e ela falou para a mesa em geral. —Antes que a tenda se feche, eu voltarei. Não dormi bem ontem à noite e preciso descansar um pouco antes de continuarmos nossa jornada.

Ela começou a se levantar.

—Excelente, vou me juntar a você— anunciou Mars, também fazendo um movimento para se levantar.

Ela voltou a se sentar. —Pensando bem, a tia Mercy acabou de servir o chá. Seria uma pena desperdiçar.

Ela então pegou seu chá.

Mars se acomodou em seu assento e riu novamente.

Os olhos de sua prima se voltaram para True.

Ele deu a ela o que esperava ser um sorriso encorajador: —Sinto muito, mas não posso ajudá-la.

Ela virou a cabeça para o lado, um lado em que Mars não estava, e bebeu seu chá, compartilhando que não foi encorajada.

True suspirou.

—Talvez, antes de sairmos todos, Farah, Silence e eu possamos dar um passeio e passar algum tempo com as Irmãs da Besta antes de nos separarmos— Elena entrou na brecha.

Ah, Elena.

Ela não perdia nada.

E se ela pudesse fazer algo para ajudar, ela faria, o que ela claramente pretendia fazer se a maneira especulativa que ela estava olhando para Silence era uma indicação.

—Elena e eu estamos indo para os Encantamentos— disse Cassius a Mars.

—Vocês estão? perguntou Melisse.

—Todos nós estamos indo— disse Jasmine. —Hera, eu e os guardas de Cassius.

Melisse olhou para Elena.

Ela então sorriu.

—Os Encantamentos?— Gallienus perguntou com desagrado.

—Temos tempo agora, e talvez não tenhamos antes de viajar para a Baía do Céu depois do casamento de True e Farah— respondeu Cassius. —Quero ver a casa de minha noiva e será bom para ela passar algum tempo lá.

—Perda de tempo, Ophelia não o deixará entrar— retornou Gallienus.

—Veremos— murmurou Cassis, pegando sua xícara de café.

—Você verá, e o que você verá é aquela mulher não deixando

você entrar— retrucou Gallienus.

—Você se lembra de que vou me casar com a filha dela?— perguntou Cassius com falsa preocupação, como se o pai pudesse estar ficando viciado.

—Não seja condescendente comigo— cuspiu Gallienus. —E vá— ele pediu. —Embarque nessa jornada fútil. Com minha permissão. Eu poderia usar o descanso de você e— seu olhar foi especificamente para Elena e seu tom arrogante se tornou cortante, —nossa companhia privilegiada.

Enquanto Gallienus falava, Cassius tomou um gole de seu café com os olhos voltados para o pai, antes de abaixar a xícara, colocá-la de lado e voltar-se para Elena.

Ele então disse: —Ah, as alegrias que você conhecerá quando chegar à Cidadela do Céu, meu cordeiro. Cafés da manhã em família como este todos os dias. E, à noite, é ainda melhor, pois há dezenas de cortesãos que o papai pode escolher para ser um idiota.

Jasmine bufou.

Elena sibilou: —Cassius— mas seus lábios estavam se contraindo.

Vanka ofegou em afronta ao xingamento.

A mãe de True suspirou.

Farah fez um barulho de divertimento e True apertou sua mão.

—Você ainda não foi embora?— perguntou Gallienus de forma sarcástica.

A atenção de Cassius voltou para o pai e, quando isso aconteceu, True se preparou para se mover, ele sentiu Mars se preparando para se mover e Cassius falou.

—Como você pode ver, não fomos, meu velho, e se você falar

dessa maneira com minha futura esposa novamente, eu subirei ao trono de Airen de uma maneira muito mais direta.

Elena repetiu: —Cassius— mas dessa vez em um tom pacificador, sua voz melodiosa envolvendo o nome dele, transformando duas sílabas em uma canção.

Cassius relaxou instantaneamente.

Ao ver isso, True decidiu que ela seria boa para ele. O homem que ele era, tendo crescido em um covil de víboras, estava acostumado a ser rápido para atacar.

—Pelos deuses, pessoal, somos todos adultos. Será que não podemos nos dar bem em um café da manhã?— disse meu pai, expondo um raro momento em que parecia sintonizado com a atmosfera e um momento ainda mais raro em que desejava fazer algo a respeito. —Agora, alguém me passe as conservas.

E aí estava o motivo.

Ele queria que todos se dessem bem por tempo suficiente para que alguém lhe passasse as conservas.

Vanka estendeu a mão e entregou o pote ao seu rei.

—Melisse— Elena chamou, e recebeu a atenção de sua mentora. —Se você quiser vir conosco, você sabe que é mais do que bem-vinda.

—Obrigada, minha irmã— disse Melisse de uma maneira que True sabia que ela estava prestes a recusar. —Mas já faz algum tempo que não passo tempo em Notting Thicket. É minha cidade favorita fora dos Encantamentos. E, se tiver tempo, irei até Go'Doan e me encontrarei com alguns amigos.

—Eu não sabia que Notting Thicket era sua cidade favorita fora dos Encantamentos— Mercy comentou com Melisse.

—A Baía do Céu pode ter a arquitetura, mas Thicket tem todo o charme— respondeu Melisse.

Mercy lhe deu um sorriso pequeno, mas genuíno.

Gallienus claramente abriu a boca para falar, mas Cassius avisou em um estrondo: —Nem uma palavra.

True voltou sua atenção para o rei Airenziano e o viu fechar a boca com olhos desafiadores para o filho.

True então se voltou para Farah e disse calmamente: —Você deveria passar algum tempo com as mulheres antes de irmos. Não temos pressa. Vocês se tornaram muito próximas e sei que elas vão querer ter certeza de que você está o mais bem disposta possível antes de deixá-las.

Ela sorriu para ele e assentiu.

Ela não costumava falar com frequência à mesa do café da manhã. Preferia conversas tranquilas e íntimas, não apenas com ele, mas, como ele notou, com qualquer pessoa.

Ele gostava muito disso nela.

Em sua vida adulta, ele sempre teve pensamentos sobre o que desejava que sua vida incluísse (o que acontecia com mais frequência quando ele estava em uma tenda, em uma campanha sem esperança que Carrington, por meio de seu pai, havia ordenado que ele levasse seus homens).

True não era tolo o suficiente para pensar que, quando fosse rei, poderia intermediar uma paz duradoura com os outros reinos e navegar tranquilamente durante seu reinado.

Os impostos precisavam ser pagos, e as pessoas não gostavam de pagar impostos.

Os serviços precisavam ser oferecidos, e muitos achavam que eles nunca eram suficientemente bons ou entregues com rapidez suficiente.

E as pessoas tinham uma tendência alarmante de simplesmente se recusar a encontrar maneiras de se dar bem.

Mas, ao final de cada dia, ele esperava ir para seus aposentos particulares no castelo, para sua esposa, e compartilhar uma intimidade tranquila. Jantar com seus filhos e conversar sobre seus dias. Ter um pouco de normalidade depois de uma vida inteira de *realeza*.

Nesse aspecto, Farah era como a resposta a um sonho.

Então, sim, ele gostava muito disso nela.

Assim como gostava muito de tudo nela.

Não principalmente, mas deve ser dito, ao olhar para ela.

Sua beleza era incandescente.

E, na noite passada, ele aprendeu que a risada dela era o som mais agradável que ele já tinha ouvido.

—Você também deve escolher uma serva para viajar conosco— ele disse a ela.

—Eu posso cuidar de mim mesmo.

—Você precisa escolher uma serva para viajar conosco— ele repetiu.

—True, eu posso...

Ele se inclinou para mais perto dela. —Você não é princesa no nome, ainda não, mas você é princesa. Escolha uma serva para viajar conosco. Não permitirei que minha intenção não seja atendida.

Ela sorriu para ele.

De fato.

Incandescente.

—Não podemos contratar um nas pousadas onde ficaremos hospedados?— perguntou ela.

—Não faço ideia. Não preciso de um servo para me desamarrar.

—Então você está viajando sem um servo.

—É claro.

Ela começou a rir baixinho.

Ele inclinou a cabeça. —Isso é engraçado?

Ela balançou a cabeça. —Essas roupas que tenho de usar nesta terra são muito estranhas, mas são quentes. No entanto, elas não são um problema intransponível sem uma solução para vesti-las e tirá-las. Se eu precisar, você não pode me amarrar?

—É claro que ele não pode amarrar você— disse a mãe, virando a cabeça de True para ela. —Isso não é apenas absurdo de se pedir a um príncipe, é *indecente*.

True sentiu a energia de Mars se transformar em raiva, e a de Cassius, em controle do amigo.

Mas, pela primeira vez, a mira de Cassius estava errada.

—Mãe, se você usar esse tom com Farah novamente, depois que nos casarmos, vamos nos mudar para Firenze e nunca mais voltaremos.

Sua mãe empalideceu.

A cabeça de seu pai se levantou.

Vanka e Johan ficaram imóveis.

True sentiu os olhos de Silence se voltarem para ele.

A mão de Farah agarrou a dele com força.

True permaneceu concentrado em sua mãe.

—Eu fui compreendido?— ele perguntou.

A mandíbula dela se moveu e ela cerrou os dentes.

—Será que eu... fui *compreendido*?— True insistiu.

—True— Farah sussurrou.

—Mãe— pediu True.

—Filho, acalme-se— seu pai pediu.

—Eu ouvirei as palavras ditas— disse True a Mercy.

—Sim— disse ela com firmeza. —Você foi compreendido.

—Excelente. Agora peça desculpas a ela— exigiu True.

Vanka deu um pio.

Sua mãe, a rainha, ficou visivelmente irritada por ter que pedir desculpas a uma estrangeira sem título.

True não recuou, pois não foi isso que ele pediu.

Ele pediu que sua maldita mãe pedisse desculpas por ter sido rude com a mulher que seria sua esposa.

—True, isso é desnecessário— Farah sussurrou.

Sua mãe sustentou seu olhar.

—Mãe— True insistiu.

—Filho— murmurou Wilmer.

A mesa ficou quieta e em silêncio enquanto um filho, que era um príncipe e um soldado, entrava em conflito com sua mãe, que era a monarca invisível.

—Tia Mercy, na verdade, você deveria se desculpar.

A cabeça de True balançou de surpresa quando ele sentiu a mão de Farah em seu espasmo depois que Silence fez essa exigência.

—Agora— decretou Silence. —É totalmente impróprio que você fale assim com sua futura nora e, quero dizer, é horrível tocar no assunto, considerando a grave perda sofrida recentemente, mas é verdade que, se você sobreviver ao tio Wilmer, Farah será sua futura rainha. E essa descortesia na mesa do café da manhã, ainda por cima. Tão diferente de você. Meu Deus.

Pelos deuses.

Silence podia estar tropeçando em seu caminho como esposa, mas certamente estava encontrando seu lugar como rainha.

Se ele não estivesse tão furioso, ele riria.

—Tia Mercy— insistiu Silence.

—Minhas desculpas, minha futura filha— Mercy resmungou.

—Isso não foi muito convincente, mas serve— Silence murmurou e olhou para Farah. —Sim?

—Sim, é claro. Com certeza. E Rainha Mercy, eu escolherei uma serva— prometeu Farah.

—Você não vai mesmo— disse True. —Eu farei seus malditos laços se for preciso. Se você não quiser uma serva, não precisa ter uma. Você será a maldita rainha. Pode fazer a porra que quiser.

Jasmine deu uma risadinha.

Farah o encarou com olhos arregalados e disse conciliadoramente: —Tudo bem, meu True.

—Sim— ele cortou. — *Seu* True.

Com isso, ele soltou a mão dela, empurrou sua cadeira para trás, levantou-se, puxou a dela e a ajudou a sair.

Seus olhos se voltaram para Silence. —Ela a procurará para passear quando estiver pronta.

Silence estava sorrindo para ele. —Claro, primo.

Ele notou que Mars não estava sorrindo para ele.

Mars estava estudando sua esposa como nunca a tinha visto antes.

True olhou para sua mãe. —Vamos nos separar em maus termos se você não usar o tempo necessário para que as mulheres tenham uma conversa para encontrar palavras para fazer as pazes. Sugiro enfaticamente que você use esse tempo e encontre essas palavras, mãe.

Ela levantou o queixo para ele.

Ele estava teimoso.

Mas ela encontraria uma maneira.

Estaria longe de ser genuína, mas o faria de uma maneira que fosse agradável.

Ela tinha um dom para isso.

Ele colocou a mão de Farah em seu cotovelo e os afastou da mesa.

Quando estavam a meio caminho da tenda, ela observou: — Eu realmente não tinha terminado meu café da manhã.

Ele os girou instantaneamente e começou a voltar até que Farah se soltou, rindo baixinho, e ficou na frente dele com as duas mãos no peito para detê-lo. Ele parou.

Ele parou.

—Eu estava brincando, True— ela disse a ele, estudou seu rosto por um momento e disse: —Embora talvez não seja um bom momento para isso.

—Eu gostaria que sua vida fosse repleta de risos e brincadeiras. Quando estou com raiva, é o melhor momento, minha Farah.— Ele se certificou de que ela notasse a palavra que ele enfatizou, o que ela fez, de forma animadora, antes de continuar: —Porque eu não gosto de ficar com raiva, querida. E seus olhos cheios de humor, como estão agora, poderiam encher de alegria o coração de um homem morto.

Os lábios dela se separaram.

E ele os observou.

Deuses, ele desejava beijá-la.

Sua boca estava seca com a necessidade e isso estava se tornando uma aflição, essa necessidade era quase *constante*.

E dormir ao lado dela noite após noite...

Era uma agonia.

Mas sua mãe não havia sido sepultada nem por um mês.

Um tempo inadequado para uma mulher se casar, portanto, ele procurou dar a ela mais tempo para se lamentar, além de ele ter um

pouco para ajudá-la a se apaixonar por seu novo lar.

Sem mencionar seu futuro marido.

Lamentavelmente, também era um momento impróprio para um cavalheiro demonstrar seu afeto.

Quando ela o acordou na noite passada, e ele teve de vê-la novamente em sua camisola escassa e colante - na cama, ao seu lado, quando ele estava vulnerável depois de ter um de seus sonhos -, ele não conseguiu nem se mexer por medo do que faria se o fizesse.

Mas ele conseguiu encontrar um momento para lhe oferecer um beijo casto.

Era tudo o que ele podia ter.

Por algum tempo.

E foi ele quem decretou que eles dormiriam lado a lado todas as noites.

Ele queria ter certeza de que ela estava segura. A mãe dela havia morrido dormindo.

Mas isso o estava matando.

Droga.

Em vez de beijá-la naquele momento, ele passou o braço em volta do pescoço dela e a puxou para o seu lado.

Ela colocou o braço em volta da cintura dele.

Isso foi muito melhor.

Ele os girou novamente e retomou a caminhada até a tenda.

—Você permitirá pelo menos que uma serva faça suas malas?—

ele pediu.

—Sim, True.

—Levaremos um cavalo de carga, então traga o que quiser— ele disse a ela.

—Eu levarei.

—Levaremos dois cavalos se for necessário.

—Tudo bem, True.

—E vamos pegar outro, se você vir coisas que deseja comprar em nossa jornada.

— True?

Ele olhou para ela. —Sim, meu doce?

Ela sorriu para ele e colocou a mão em seu estômago. —Pare de ser tão maravilhoso.

E, de repente, ele não estava mais com raiva.

Ele se inclinou para beijar o topo de seus cabelos perfumados, se afastou e respondeu: —Nunca.

Os olhos dela ficaram brilhantes como diamantes amarelos.

Eles não estavam exatamente felizes.

Mas não estavam infelizes.

Ele aceitaria isso.

Por enquanto.

Ele os conduziu à tenda.



Os Formidáveis

Rainha Silence

Cinquenta milhas dentro da fronteira sul
WODELL

Pode-se dizer que, depois da noite passada e de sua contínua arrogância no café da manhã, eu não estava feliz com meu marido.

No entanto, fiquei ainda mais infeliz quando ele me perseguiu (sim, perseguiu) até nossa barraca depois do café da manhã.

Foi totalmente indigno, mas ele era tão alto, com pernas tão longas, que no final eu estava praticamente correndo para chegar à barraca antes dele.

No entanto, quando cheguei, percebi que não havia pensado bem no assunto, pois ele estava me perseguindo, o que significava que, quando eu estava lá dentro, ele estava logo atrás de mim.

E eu precisava me afastar dele.

Ou eu gritaria.

Soltando o cordão em meu pescoço, tirei minha capa dos ombros, joguei-a em algumas almofadas de uma maneira que eu esperava que parecesse bastante dramática, e corri para ele, lembrando cada detalhe da noite anterior. E, ao fazê-lo, lembrei-me de que ele havia me dito

que, se eu quisesse algo, deveria contar ao meu marido.

Portanto, eu disse ao meu marido o que eu queria.

Levantando o queixo, declarei: —Se o senhor não se importa, meu rei, eu gostaria de ficar um pouco sozinha para descansar os olhos antes de dar uma volta com Elena e Farah.

—Você fugiu de mim.

—O quê?

—Você *fugiu de mim*.

Minha estrutura se sacudiu quando percebi tardiamente a expressão em seu rosto.

Não.

O olhar em seus olhos.

Eles estavam em chamas.

Literalmente.

Pequenas chamas dançavam em seus olhos.

Eu sabia o que isso significava.

Oh, fé.

—Eu não fugi— eu disse a ele com mais bravata do que coragem, mentindo abertamente, já que fiz exatamente isso. —Simplesmente voltei para a tenda... rapidamente.

—Achei que tínhamos aprendido uma lição ontem à noite, Silence — disse ele em voz baixa.

E eu fiquei feliz por ele ter dito isso.

Muito feliz.

Pois se algum medo estava atingindo meu coração, a lembrança disso o apagou.

—Com certeza, sim— eu disse.

Ele deu dois passos em minha direção, o que, com a amplitude de sua marcha, o colocou bem diante de mim.

Em seguida, ergueu a mão como se quisesse segurar meu rosto.

Isso fez com que eu a afastasse para que ele não me tocasse.

Eu estava prestes a me afastar dele quando ele me pegou com as duas mãos em minha mandíbula, seus movimentos tão rápidos, de um homem tão grande, foram surpreendentes.

Foi então que eu estava prestes a me afastar quando o senti.

Não o toque dele.

A atmosfera da tenda.

Ela era opressiva.

Não com calor.

O ar era tão pesado que parecia sufocante.

Levantei meus olhos para os dele e todo o meu fôlego me abandonou com o que vi.

—Basta dizer— ele começou em um sussurro sinistro, —se eu não quiser que você fuja de mim, se eu não quiser que você me evite, eu absolutamente não quero que você fuja do meu toque.

Eu deveria temê-lo. Ele poderia me partir em dois.

E, pelo que eu havia testemunhado dele, se lhe fosse dado um

motivo, ele o faria.

Mas, naquele momento, eu não o temia.

Meus olhos podiam não estar em chamas, mas meu sangue estava, pois quem era ele para me dizer que eu não podia correr?

E se seu toque era indesejado, quem era ele para me dizer que eu não poderia negá-lo?

—Depois da noite passada— comecei de forma mordaz, —nunca mais quero que você me toque.

Suas sobrancelhas se ergueram em uma indiferença estudada. —Não?

—Não— cuspi.

—Vamos testar essa afirmação, minha Silence?— perguntou ele.

—Não— eu neguei. —Você deve tirar suas mãos de mim *imediatamente*.

—Hum— ele murmurou.

Então ele me soltou.

Não tive tempo de soltar a respiração que estava prendendo, pois, em um piscar de olhos, eu estava de pé e, em apenas três passos poderosos de Mars, estava no colchão com meu marido em cima de mim.

Não dava para acreditar nele!

Com um grande impulso, arqueei as costas para deslocá-lo e abri a boca para gritar, mas ele a tomou com a sua, deslizando sua língua cheia de pinos.

De repente, desabei sob ele e tive vontade de chorar.

Seu sabor era um néctar. Seu peso era o paraíso.

Afastei minha boca da dele, virando a cabeça para o outro lado.

A mão dele passou ao lado do meu rosto para me puxar de volta, mas eu disse: —Se você fizer isso, nunca o perderei. Se você se impor a mim, meu rei, não haverá mais volta.

A atmosfera da sala se iluminou a tal ponto que parecia que a tenda ao nosso redor estava caindo na terra.

—Me impor?— ele sussurrou em meu ouvido.

—Você ameaçou ontem, e eu não poderia lutar contra você e vencer. Eu sei disso. Eu não poderia chamar e fazer com que outros viessem me ajudar, pois você é o rei e pode fazer o que quiser. Eu também sei disso. Mas eu estarei perdida para você de uma forma que nunca mais poderei recuperar.

—Eu não a ameacei com isso, *mia piccolina*.

Fechei os olhos com força diante do carinho e respondi: —Você ameaçou.

—Eu disse que não faria isso.

Abri os olhos e disse ao lado da cama: —Eu não imaginava que tal coisa pudesse passar pela sua cabeça. Mas, obviamente, já que você mencionou, isso aconteceu.

— Silence — ele disse.

Fiquei olhando para a seda da lateral da tenda.

—Olhe para mim, minha rainha— ele sussurrou.

Foi então que percebi que sua mão ainda estava na lateral do meu rosto, mas agora seu polegar estava passando pela maçã da minha bochecha de forma reconfortante.

Virei a cabeça para fitá-lo nos olhos.

Ele continuou a sussurrar quando jurou: —Eu nunca, nunca faria isso com você, *amore*. Não é o homem mais vil que se envolve em tal comportamento. É um monstro. Você nunca terá que temer isso de mim, Silence. Não... porra... *nunca*.

Respirei fundo e olhei fixamente para os olhos que não estavam mais em chamas.

Eram negros líquidos.

—Você é devassa— ele disse.

Não mais aliviado e pacificado por seu voto, pisquei com afronta e disse: —Não sou.

Um pequeno sorriso surgiu em sua boca quando ele respondeu: —Basta eu beijá-la para que você pegue fogo.

Isso era, lamentavelmente, verdade.

Decidi não comentar.

—Eu queria provar esse ponto depois de sua declaração anterior— explicou ele. —Infelizmente, não funcionou. Mas, felizmente, isso fez com que você realmente falasse comigo e compartilhasse comigo o que está pesando em sua mente para que eu pudesse fazer algo a respeito.

—Estou muito feliz por termos resolvido isso— eu disse de uma forma que não poderia ser mal interpretada, o que não irritou meu marido.

Ele parecia muito divertido.

Eu ignorei isso.

—Agora, se você sair de cima de mim, posso descansar um pouco

os olhos antes de me despedir dos meus dois amigos.

—Não vou sair de cima de você, pois temos outras coisas para resolver.

Eu direcionei meus olhos para cima e murmurei: —Maravilhoso.

— Silence — ele disse, sua voz profunda tremendo de tanto rir.

De tanto rir!

Apontei meus olhos para fitá-lo novamente.

A mão dele na minha bochecha (ainda!) se deslocou para que ele pudesse acariciar a pele sob meu olho que estava brilhando (a sensação era tão agradável que era difícil continuar olhando, mas eu consegui) enquanto ele perguntava: —Por que você estava fugindo de mim dessa vez?

—Eu não estava fugindo de você.

Seu polegar parou de acariciar e ele explicou: —Um marido e uma mulher saem juntos de uma mesa de café da manhã com o mesmo destino, eles caminham até lá... juntos. Não com a esposa correndo diante do marido como um rato correndo para escapar de um gato.

—Eu não corri— eu disse a ele.

—Você correu— ele respondeu com um sorriso descarado.

Eu tinha corrido.

Que humilhante.

—Fico muito feliz que você ache isso tão divertido, meu rei.

Diante do meu tom de voz, seu sorriso morreu.

— Silence...

—Você quer que eu fale. Tudo bem. Não gosto dessa discórdia entre você e meu pai.

Seu rosto começou a ficar duro. — Silence...

—Mas você fará o que quiser, eu não tenho controle, não tenho voz em nada, como por exemplo, para onde vamos daqui quando todos estão se dispersando em todas as direções.

—Eu perguntei se você aprovava nossos planos— ele me lembrou.

—Depois de discutir com meu pai e essencialmente determinar esses planos— respondi.

—Se você não quiser voltar para Arbor, nós não iremos.

Eu realmente queria voltar para Arbor.

Também queria ver seus campos de açafrão.

Mas Arbor ficava mais perto do que os campos e todo esse percurso a cavalo e dormir em barracas, embora não fosse cansativo e, no início, muito interessante, havia perdido seu apelo e não era mais agradável. Além disso, eu poderia não ter amigos lá, mas Tril tinha e ela ficaria feliz em ficar em casa por um tempo.

—Não tenho nenhum problema em voltar para Arbor— disse eu.

—Então não entendo sua irritação.

Ele não entendeu.

— Silence, você precisa me explicar para que eu entenda— instruiu ele com uma paciência aparentemente forçada.

—Não se trata de Arbor.

—Então compartilhe do que se trata.

—Prefiro não contar.

—Em situações como essa, minha nova esposa, sua tática de falar apenas quando lhe dirigem a palavra e guardar para si aquilo que prefere não ouvir não funciona. E apresso-me a acrescentar que isso nunca funcionará em assuntos com seu marido. Mesmo que haja discórdia, precisamos tê-la para que possamos superá-la.

—O que você fez ontem à noite foi inconcebível— desabafei.

Sua cabeça deu um solavanco.

Já que tinha saído, eu tinha que terminar.

—Você me usou... você usou... usou...— Inspirei com dificuldade.
—Você usou minha reação a você, meus sentimentos por você, para... para *me punir*.

—*Amore*— ele sussurrou, seu tom calmo, mas carregado de remorso, e é preciso notar que seus olhos estavam afogados nele.

—Você me usou contra mim mesma para me ensinar alguma lição que eu não poderia entender, pois não tenho experiência como esposa, não tenho experiência como rainha e estou fazendo o melhor que posso em circunstâncias bastante difíceis.

Seu olhar percorreu meu rosto antes de murmurar: —Vejo que essa não foi uma decisão excelente de minha parte.

—Não— concordei.

E não demorou nem um segundo para que ele dissesse o que viria a seguir.

—Não consigo expressar o quanto me arrependo disso, meu macaquinho— ele sussurrou, com a voz ainda mais pesada, de fato, arrastando positivamente o arrependimento.

Fiquei olhando para ele.

Ele tinha acabado de...?

Pedir desculpas?

Além disso, ele não me chamava de macaquinho há mais de uma semana.

Eu não tinha percebido isso.

Eu não queria.

Mas eu tinha.

—Também sou novo como marido, Silence — ele me lembrou. — Embora não seja novo como rei, não é isso que sou para você. Sou seu marido, isso é tudo o que realmente serei para você e fico angustiado por ter falhado tão terrivelmente com você, não apenas em minhas ações, mas por não entender a totalidade dos fardos que você carrega.

—Eu... erm...

Eu me interrompi, pois não sabia o que dizer.

Mars sabia o que dizer.

—Eu já mencionei isso antes, embora tenha feito isso em um momento de grande agitação, então talvez você não tenha entendido. Portanto, vou repetir. Você não precisa aprender a ser uma rainha em apenas algumas horas, dias ou semanas. Basta ser você. Você é inteligente e observadora. Você encontrará seu caminho.

Eu esperava que ele estivesse certo.

Mas meu coração se alegrou com o fato de ele pensar assim.

— Como há pouco— ele continuou. —Eu estava cheio de orgulho pela forma como você lidou com a Mercy. Talvez você se surpreenda ao saber, mas conversas como essa durante um simples café da manhã podem levar a situações que duram séculos e incluem conspirações,

intrigas, batalhas e perda de vidas. Se Wodell perdesse seu príncipe herdeiro para Firenze, as questões que, como você sabe, estão longe de ser pacíficas entre nossas duas terras poderiam se deteriorar irrevogavelmente. True ameaçou isso com uma intenção genuína, acredito. E, verdade seja dita, desde que a conheceu, o comportamento de Mercy em relação a Farah, que foi criada ao meu lado como minha irmã mais nova, chegando a um ponto como aquele na mesa do café da manhã não me agradou muito.

Farah foi criada ao lado dele como sua irmã mais nova?

Eu sabia que eles eram próximos, companheiros de infância, mas...

Sua irmã mais nova?

—Você se impôs— continuou Mars, —e lembrou Mercy do lugar dela, fazendo isso como sobrinha dela, bem como a rainha de um reino muito mais poderoso do que o dela. Você também a lembrou do lugar de Farah, que é claro que ela deveria aprender muito mais rápido. True se cansa do preconceito dela contra sua noiva e faz isso rapidamente. E, por último, você é a rainha de um reino poderoso e não tenho certeza de que Mercy entendeu que é isso que você é agora. Se não entendeu, ela não tem mais ilusões quanto a isso. Foi firme, aparentemente de improviso, portanto, um brilhante ato de diplomacia.

—Eu não estava tentando ser brilhante— admiti em um murmúrio. —Eu só estava com raiva porque a tia Mercy estava sendo má com a Farah e não recuava diante de True.

—Bem, então você é uma diplomata nata.— Ele se aproximou mais. —Era isso que eu queria lhe dizer quando chegamos... juntos... à nossa tenda. No entanto, antes disso, você fugiu de mim, o que me atrasou para poder cumprimentar minha esposa.

Ele estava me perseguindo para me elogiar.

Agora eu me sentia como um idiota.

Talvez porque eu tenha sido um.

E talvez, era incômodo notar, eu estivesse assim há muito mais tempo do que a tal perseguição.

—Eu também não estava correndo— murmurei.

—Amore— ele murmurou, seus olhos dançando.

Como, exatamente, ele poderia ser tão irritante quando também estava sendo adorável?

Esses pensamentos me fizeram fazer a única coisa que eu poderia fazer naquele momento.

Revirar meus próprios olhos.

— Silence.

Voltei a revirá-los para ele.

—Seu pai gosta demais dessa inquietação que ele sente entre nós dois— ele compartilhou gentilmente.

Quando se tratava de meu pai, eu podia acreditar nisso.

Mas eu não queria acreditar nisso.

Eu queria encontrar outros motivos para a mudança de atitude dele em relação a mim.

—Não acho que isso seja verdade— disse a ele com mais esperança do que certeza. —Acho que ele percebeu que chegou a hora de perder a filha para outro homem, que esse outro homem a levará para longe e que ele está aproveitando o pouco tempo que tem para ficar com ela.

Havia um tipo diferente de arrependimento em sua expressão quando ele respondeu: —Não acho que você esteja certa, *bellezza*, mas espero que, para o seu bem, você esteja. E se é isso que ele deseja, ele terá mais tempo com você e também tempo para convencer seu marido de que as motivações dele são nobres. Mas, tendo em mente a proteção do seu coração, meu amor, peço que fique atenta se o que você espera não for verdade.

Esse foi um bom conselho e, portanto, assenti com a cabeça.

—Bom— ele murmurou, seu olhar se desviando para a minha boca enquanto a mão que não estava em meu rosto e que eu havia perdido de vista se deslocava para outro lugar. —Agora vamos corrigir o erro que cometi ontem à noite.

Será que ele estava querendo...?

Observei um fogo diferente se acender em seus olhos.

Ele estava falando sério.

Eep!

—Meu rei— eu chamei.

—Hum?— ele respondeu, mas também não respondeu, pois não tinha intenção de ouvir o que eu pretendia dizer, e eu soube disso quando seus lábios atingiram minha mandíbula, assim como sua mão segurou meu peito.

Senti a ponta de sua língua percorrer a pele abaixo da minha orelha, o que me causou um delicioso arrepio.

Em seguida, seu polegar deslizou sobre meu corpete até o mamilo, o que causou um tremor glorioso.

Oh, meu Deus.

—Meu rei— sussurrei.

Sua cabeça se levantou. —Bem aqui, Silence.

Ele estava.

Bem ali.

E seu polegar estava circulando meu mamilo, que começou a doer de uma forma estranha e maravilhosa.

Isso também fez com que outra parte de mim doesse de uma forma adorável e gloriosa.

Meu olhar se voltou para sua boca.

Eu a vi se mover para perguntar: —É isso que você quer, esposa?

—Sim— eu respirei.

Aparentemente, ele não mentiu na noite passada quando disse que, se eu quisesse alguma coisa, deveria contar ao meu marido, pois mal terminei de dizer a palavra antes que sua boca, sua língua, bem como seu dedo e polegar se fechassem em meu mamilo sobre o corpete do meu vestido e depois rolassem.

Magnífico.

Murmurei em sua boca, envolvi-o com meus braços e me arqueei.

—Devassa— ele sussurrou contra meus lábios, mordiscando a parte inferior com os dentes antes de inclinar a cabeça e beijar minha boca com muito mais profundidade, umidade e cabeça, ao mesmo tempo em que se afastou e puxou minhas saias para cima.

Minha barriga deu um mergulho estranho com essas ações.

E deu outra, muito mais forte, quando seus dedos encontraram a borda superior da minha calcinha.

Mas, dessa vez, ele não me provocou.

Ele não brincou.

Mars mergulhou com firmeza e aspereza, encontrou meu mamilo instantaneamente e fez uma pressão deliciosa quando começou a circundá-lo.

Lindo.

Oh, Deuses.

Afastei minha boca da dele em um suspiro e pressionei seus dedos, balançando meus quadris freneticamente para frente e para trás contra seu toque.

Ouvi sua voz rouca: —Ah, minha Silence, sim. Monte isso, *mio ardente*³⁶.

—Mars.— Agarrei-me às suas costas, minhas unhas raspando no couro macio. Incapaz de encontrar apoio, pois ele estava apertado em sua pele, eu as deslizei desesperadamente para cima e as preendi em sua nuca.

—*Incantevole*³⁷— ele ronronou.

E eu peguei fogo.

—Mars!— Eu ofeguei, tentando me afastar de seus dedos que, de repente, eram demais quando o fogo me dominou, tudo o que eu podia ver era laranja e vermelho e tudo o que eu podia sentir era calor e beleza.

Quando as chamas se dissiparam, meu marido estava me beijando com ternura enquanto seus dedos brincavam suavemente nas dobras úmidas entre minhas pernas.

Ele deve ter percebido que me havia tirado do lugar onde me levou, pois chupou meu lábio inferior por um momento, soltou-o, tocou meu sexo e viu meus olhos se abrirem lentamente.

Seus olhos estavam líquidos novamente e uma mistura encantadora de excitação, plenitude e presunção.

E aquele olhar dele era tão maravilhoso que eu até gostei da presunção.

—Está melhor?— perguntou ele.

—Hum-hum— murmurei.

Vi seu sorriso antes de perder sua mão.

Ele ajustou minhas saias, deslizou para fora e me rolou para o lado, depois se encaixou em minhas costas antes de puxar uma capa quente sobre nós dois.

—Agora, descanse seus olhos, minha rainha— ele murmurou na parte de trás do meu cabelo enquanto me puxava mais para dentro de seu calor. —Quando Farah vier buscá-la, se você cair no sono, eu a acordarei. Sim?

—Sim.

Ele parecia simplesmente presunçoso quando declarou: —Eu a manteria em um estado de pós-clímax o tempo todo, esse torpor que crio é tão cativante. Só que eu gosto demais de ver você gozar— Ele fez uma pausa como se estivesse pensando antes de concluir: —E fazer você gozar ainda mais.

Minhas pálpebras estavam se movendo e eu senti que deveria responder, mas não consegui pensar.

—E meu ponto de vista está provado, minha esposa é devassa— ele provocou.

Eu tive um pensamento com isso.

—Fique quieto, Mars.

Eu o ouvi rir enquanto ele me puxava ainda mais para perto.

Eu estava quase dormindo quando ele sussurrou: —Estou feliz por ter você de volta, minha linda Silence.

Eu não estava de volta. Nunca voltaríamos ao sonho que eu estava construindo sobre nós antes que a realidade se instalasse.

Mas eu havia aprendido que ele podia se desculpar.

E eu havia me esquecido de que ele era um bom ouvinte e que o fazia com mais entusiasmo sempre que eu falava.

Então, talvez eu estivesse um passo mais perto de aprender a conviver com a realidade que eu havia recebido.

Assim, com esse pensamento, me aconcheguei em seu calor.

E novamente, eu estava quase dormindo quando sua voz veio.

Dessa vez, era baixa.

Mas estava vibrando.

— Hoje prova o que eu suspeitava. Você e eu seremos formidáveis, Silence. Sua fortaleza, vigilância, tato e astúcia, minha força, estratégia e a visão de meu pai, quando acabarmos com essa Besta, deixaremos para nossos filhos uma Firenze forte e ousada. Sei disso em minha alma.

Fechei os olhos com força, chocado por ele ter esses pensamentos.

—Espero que você esteja certo, meu rei— eu disse.

—Não espero, minha rainha. Como eu disse, sei disso até a alma.

Encontrei sua mão, que estava pressionada em meu esterno, com a minha.

No instante em que o fiz, seus dedos envolveram os meus.

Da maneira como o fizeram, tão fortes e verdadeiros, eu sabia de uma coisa.

Ele seria o que já era.

Um bom rei.

Quanto a eu ser uma rainha.

Isso ainda estava para ser visto.



A Irmandade

Princesa Elena

Cinquenta milhas dentro da fronteira sul
WODELL

Hera, caminhando na direção do arco em uma mão, com a flecha pronta na outra e a aljava nas costas, virou-se para mim com um olhar que dizia: ‘Vamos lá!’

Jasmine estava em nosso flanco direito. Os homens de True, Wallace e Luther, estavam à nossa esquerda. E o homem de Mars, Basil, e o homem de Cassius, Severus, estavam em nossa retaguarda.

Essa era a guarda que uma atual e duas futuras rainhas tinham enquanto vagavam por uma floresta.

Era sufocante.

Seria bom voltar para casa.

Nesse meio tempo, eu tinha essa situação em minhas mãos.

O que quer que fosse.

Havia uma distância crescente entre Silence e Farah desde Firenze, e agora a sensação entre eles era tão estranha que era difícil não se encolher.

Essa distância não parecia ser do estilo das duas, mas Farah tinha uma desculpa.

E talvez Silence também tivesse. Ela não tinha ficado imune a alguns traumas misturados com grandes mudanças em sua vida nos últimos tempos. Sem mencionar que ela havia dito que nunca tivera amigos, então talvez não soubesse o que fazer quando um deles estivesse precisando.

Mas isso tinha que parar.

Talvez estejamos nos separando, embora apenas por um tempo.

Mas, no final, só nós sabíamos o que estávamos enfrentando, o que estava acontecendo e por quê.

Eu tinha vivido minha vida aprendendo como a irmandade era importante.

Se estivéssemos juntas, não poderíamos ser derrotadas.

Elas não haviam aprendido isso.

Era hora de ensiná-las.

Assim, corri para a frente de onde eu estava, no meio dos dois em nossa fila, parei, virei-me para eles e declarei: —Chega.

As duas pararam também.

Obviamente, nosso guarda também parou.

Silence parecia culpada.

Farah parecia desconfortável.

Cruzei os braços sobre o peito e perguntei: —O que está acontecendo com vocês duas?

Nenhum dos dois disse nada e evitaram olhar um para a outra.

Pode não ser justo, mas dei minha atenção a quem eu considerava a culpada.

— Silence?— Eu perguntei.

No instante em que o fiz, ela se virou para Farah e disse: —Tenho sido péssima. Não tenho sido uma boa amiga. Eu... eu... muita coisa aconteceu que ocupou minha mente, mas isso não é desculpa— Ela deu um passo em direção a Farah, levantou a mão, deixou-a cair e terminou: —Sinto muito que você tenha perdido Sofia. Eu não tive a chance de conhecê-la bem. Mas posso lhe garantir que, do que eu sabia, estava ansiosa por isso. E sinto muito por não ter sido um conforto para você quando perdeu uma mãe tão adorável como ela.

Os olhos de Farah ficaram brilhantes e ela apertou os lábios antes de controlar a emoção, acenar com a cabeça para Silence e responder: —Eu entendo. Mars é...— Ela parecia estar procurando palavras e então as encontrou. —Muito.

—Ele é— murmurou Silence.

—Grande parte disso é bom— Farah se apressou em acrescentar.

—Sim— concordou Silence.

—Mas ele é, bem... Mars.

Silence parecia estar prestes a começar a rir e, assim, forçou: — Ele é isso.

Farah sorriu para ela. —Ele está muito apaixonado por você. Posso dizer que ele gosta muito de você. Ele nunca foi assim, nem próximo, nem mesmo com uma de suas outras mulheres.

Oh, droga.

Ouvi Hera emitir um grunhido e Jasmine praguejar sob sua

respiração.

Isso porque, pela expressão no rosto de Silence, essa não era a coisa certa a se dizer.

Farah também viu isso e deu um passo para perto de Silence.

—É claro que elas vieram de antes— disse ela rapidamente. — Antes de você.

Silence levantou um pouco o queixo. —Sim, é claro. Antes de mim. Ele é um homem, afinal de contas. E ele iria, erm...

—Interagir— disse Farah.

Silence fez um aceno brusco com a cabeça. —Interagir. Sim.

—Desculpe-me, eu não deveria ter mencionado isso— murmurou Farah.

—Não precisa se desculpar. É apenas a verdade. E devemos sempre ser honestas entre nós.— Silence olhou para mim, levantando o braço em minha direção, depois se virou para Farah, balançando o braço para trás. —Nós, Irmãs da Besta.

—Sim, devemos— concordou Farah.

— Devemos— entrei na conversa.

As duas mulheres olharam em minha direção, mas foi Farah quem perguntou hesitante: —Está tudo indo bem com Cassius?

—Não— eu disse com um sorriso. —Ele é um grosseirão.

Farah sorriu de volta, também hesitante.

Silence não sorriu. Ela me olhou não com hesitação, mas abertamente.

—Você acha que conseguirá chegar a algum acordo?— perguntou com preocupação.

—Eu gosto dele— declarei.

As duas mulheres me encararam, Farah com os olhos arregalados, Silence estava piscando.

E Severus não estava muito longe, e eu não tinha dúvidas de que ele estava ouvindo.

Que assim seja.

Eu falava a verdade, e se isso chegasse aos ouvidos de Cassius, talvez ele fosse menos grosseiro.

—Você... gosta dele?— Farah perguntou.

—É fácil olhar para ele— disse Jasmine.

—Isso é verdade— murmurei.

— Farah também murmurou, mas agora ela também estava me olhando abertamente.

Eu me aproximei do grupo e disse o que vinha a seguir de uma forma que Severus não pudesse ouvir.

—Há algo entre nós que não pode ser negado. Estendi a mão e peguei a mão de Farah. —Farah, vejo agora que nunca tive algo com True. Ele era apenas um amigo, um amigo gentil, um bom amigo, mas nós nunca nos beijamos.

Farah pareceu chocada.

—Cassius a prendeu na parede na segunda vez em que a viu— Jasmine gritou, prestativa.

Suspirei.

Silence deu uma risadinha.

Farah sorriu para mim.

—Ele fez isso?— ela perguntou.

Inclinei minha cabeça para o lado. —Como ele diz, não conseguimos tirar as mãos um do outro, quando não estamos brigando. Ele não está errado. Infelizmente, nós brigamos muito.

Foi então que Farah riu.

E fiquei aliviada ao ouvir isso.

Aproximei ainda mais o nosso grupo.

Mas meus olhos eram apenas para Farah.

—O que eu quero dizer é que não se trata de True. Nunca foi de fato, Farah. E pelo modo como o vejo com você, ele também percebeu isso.

Farah desviou o olhar.

—Você não está vendo isso?— Silence lhe perguntou.

Farah olhou para Silence. —Ele é um homem gentil. Ele entende que essa situação não é a melhor, mas deseja aproveitá-la ao máximo. E ele me ajuda a sofrer. Isso é tudo.

—Ele a ajuda a sofrer enquanto ofega para entrar na sua calcinha — gritou Jasmine.

Os olhos de Farah ficaram redondos novamente.

—Ela tem uma audição muito boa— sussurrou Silence.

—Ela é uma bruxa e está usando magia para escutar porque também é uma chata— eu disse a ela.

—Eu ouvi isso!— Jasmine gritou.

Olhei para minha amiga. —Pare de ouvir!

Foi então que senti um movimento, virei-me para Hera e vi que ela tinha um braço levantado. De sua mão, uma raia de faíscas de prata e orquídea foi lançada na direção de Jasmine.

Jasmine grunhiu quando elas a atingiram.

Hera olhou para mim e disse: —Continue.

Sorri para minha amiga e voltei para minhas Irmãs da Besta.

—Vocês têm muita sorte— disse Farah, olhando para Hera e Jasmine.

Meu coração doeu com essas palavras.

Ela pode ter tido amigos em algum momento de sua vida, mas notei que nenhum deles a acompanhava no Palácio Catrame. Portanto, ficou claro que ela os perdeu por causa do que seu pai fez.

Ela perdeu quase tudo por causa do que seu pai fez.

A única coisa a que ela se agarrou foi a mãe.

E agora ela também estava perdida.

Apertei sua mão, estendi a mão para Silence e peguei a dela também.

Silence pegou a mão de Farah.

—Você perdeu muito— eu disse a Farah e me virei para Silence. —E você nunca teve muito.— Segurei firmemente as mãos de ambos. —E agora nós temos umas às outras. Então vamos nos separar, mas sempre seremos um só. Sempre teremos umas às outras. E, se vocês me permitirem, vou nos unir como irmãs de forma que, não importa

onde estejamos, se precisarmos das outras, poderemos chamar e nos unir.

—Como faríamos isso?— Silence perguntou.

—Eu nos ligaria uma à outra para que pudéssemos nos encontrar por meio do plano astral— eu disse a ela. —Não estaríamos juntos na forma física, mas estaríamos lá na mente e no coração. E isso é sempre tudo o que é necessário.

—É— sussurrou Silence.

—Vamos fazer isso— disse Farah.

—Sim, vamos— concordou Silence.

Eu acenei com a cabeça.

—Levantem suas mãos entre nós, todos juntas— instruí.

Elas o fizeram, eu também, e pressionamos todos os nossos dedos fechados juntos.

—Agora, para unir nossas mentes. Juntem suas testas.

Nós nos juntamos dessa forma, pressionando nossas testas sobre nossas mãos, Silence precisando ficar na ponta dos pés e Farah e eu precisando nos curvar para ela, que era tão pequena, mas conseguimos.

Eu segurei com mais força.

Elas também o fizeram.

Tudo o que podíamos ver eram nossas mãos, as folhas e a terra além delas.

E um ao outro.

—Eu queria que Ha-Lah estivesse aqui— murmurou Silence.

—Eu também— eu disse. —Vou entrar em contato com ela. Não posso dizer que funcionará, mas espero que sim, e isso a ligará a nós também.

Senti um aceno em minha cabeça.

—Vamos começar— insisti. —Repitam depois de mim. Nós somos fortes.

— Nós somos fortes— disseram eles em uníssono.

A sensação se acumulou em minhas costas e eu a enviei por minhas pernas, até a terra.

— Nós somos mentes— entoei.

— Nós somos mentes.

— Nós somos corações.

— Nós somos corações.

Olhei para Farah e Silence, seus olhos tão próximos, topázio e prata, enquanto sentia o redemoinho ao redor de nossos tornozelos.

— Nós somos úteros.

— Nós somos úteros.

A magia se moveu para cima, envolvendo pés, tornozelos, panturrilhas e joelhos.

— Nós somos sobreviventes.

— Nós somos sobreviventes.

E para cima, para nossas coxas e quadris.

— Nós somos guerreiras.

— Nós somos guerreiras.

E o redemoinho consumiu nossos corpos até nossos torsos.

— Nós somos uma.

— Nós somos uma.

— Nós somos irmãs.

— Nós somos irmãs.

Nossos cabelos sopraram e se emaranharam ao nosso redor enquanto o vórtice nos envolvia completamente.

—Eu só preciso chamar e você estará lá.

—Eu só preciso chamar, e você estará lá— repetiu Farah.

—Eu só preciso chamar, e você estará lá— entoou Silence.

—Nada vai nos separar.

—Nada vai nos separar.

— Nós somos do sangue.

— Nós somos do sangue.

— Nós somos da lua e das estrelas.

—Nós somos da lua e das estrelas.

—Nós somos da terra e dos mares.

—Nós somos da terra e dos mares.

—Nós nascemos da magia.

—Nós nascemos da magia.

— Nós somos Irmãs da Besta!

Repeti com eles, e todos nós gritamos: — Nós somos Irmãs da Besta!

O ciclone ficou mais forte ao nosso redor, batendo nossas roupas contra nossos corpos, chicoteando nossos cabelos em nossos rostos.

Em seguida, ele voou para cima, levando-nos a vários metros de altura no ar.

—Aguentem firme!— Gritei, surpresa com a força do feitiço, pois era um feitiço importante, mas eu nunca havia experimentado esse tipo de poder quando estava sob seu domínio.

O tornado forçou nossos corpos a se unirem, e minhas irmãs e eu nos mantivemos firmes, mesmo quando uma explosão de energia explodiu entre nós. Ele e o redemoinho subiram aos céus, chicoteando os galhos em um frenesi acima de nós, arrancando as folhas moribundas das árvores enquanto nos deixavam.

Caímos na terra e nossas mãos unidas nos mantiveram juntos e de pé.

—Deusa sagrada, que porra é essa?— Jasmine perguntou de perto.

Olhei ao nosso redor.

Todos os nossos guardas estavam próximos.

Os homens estavam carrancudos.

Hera estava sorrindo.

Jasmine estava olhando para mim.

—Irmã, você é demais— decretou ela.

Ela estava errada.

Eu não era.

Olhei para Silence e Farah.

Nós éramos outra coisa.

Com o espanto que vi em seus rostos, entendi que elas também sabiam disso.

Todos nós sorrimos umas para as outras antes que eu as soltasse e as abraçasse, levando-as de volta para o caminho por onde viemos.

—Vamos voltar.

O guarda se espalhou novamente e nós, irmãs, caminhamos.

—Isso foi... isso foi...— Farah gaguejou.

—Incrível— disse Silence.

—Eu gostaria de poder levar vocês duas para os Encantamentos comigo— eu disse a elas. —Tenho a sensação de que vocês adorariam.

—Eu já estive lá, então sei que adoraria— disse Silence. —Seria ainda melhor estar lá com amigos.

—Eu nunca tinha pensado em viajar para lá, mas agora...— Farah se afastou.

—Quando tudo isso terminar, nós nos encontraremos lá. Um dia— prometi.

—Nós nos encontraremos— concordou Silence.

—Com certeza— disse Farah.

—Com Ha-Lah também— disse Silence.

—Todos nós quatro. Em uma comemoração. Quando derrotarmos a Besta— declarei.

—Espero que ela esteja bem— disse Silence. —As coisas não pareciam muito bem com ela quando partiu com seu rei.

—Vou procurá-la, só para senti-la, para ter certeza de que está bem e, quando nos encontrarmos no plano astral, eu a compartilharei — eu disse a eles.

—Se ela não estiver?— Silence perguntou.

—Vamos descobrir isso então— murmurei.

Fomos andando.

Depois de algum tempo, Farah quebrou nosso silêncio.

—Posso... você se importa... posso...?

Ela não terminou.

—Você pode o quê?— perguntei.

—True não está dormindo bem— disse ela apressadamente.

Olhei para ela e Silence se curvou na minha frente para fazer o mesmo.

—Está acontecendo muita coisa— observou Silence.

—É o fardo de um soldado— Farah sussurrou.

Eu parei, mas mesmo que eu não parasse, Silence parou, então todos nós paramos.

—Não sei como ajudá-lo— anunciou Farah, parecendo exatamente isso.

Impossibilitada de ajudar True.

Isso não me surpreendeu, mas, mesmo assim, partiu meu coração saber que True tinha os sonhos de batalha.

Mas eu gostava de ver como isso deixava Farah perturbada.

Não que eu desejasse que ela ficasse perturbada, ou, digamos, mais perturbada depois de tudo o que ela havia sofrido.

Mas gostei do fato de ter ficado claro que ela se importava tanto com True.

—Ele não é um deles— disse Silence a ela.

Olhei para Silence, mas foi Farah quem falou em voz alta a minha pergunta.

—O quê?

Silence balançou a cabeça e voltou a se juntar.

—Ele não é um deles. Tio Wilmer. Tia Mercy. Carrington. Cortesãos. Castelos. Pompa. Espetáculo. Tradição. Quando você chegar ao castelo, observe o rosto dele quando alguém se curvar diante dele. Isso...— Ela balançou a cabeça e terminou em um sussurro: —Isso sempre me angustiou.

—Eu não entendo— Farah sussurrou em retorno.

—Ele seria um fazendeiro, se esse fosse o seu destino, e ficaria feliz assim— Silence compartilhou. —Um fazendeiro. Um guarda florestal. O proprietário de uma pousada. Ele teria um lar, uma esposa e uma família e não teria nem mesmo uma linha em um único tomo em Go'Doan escrito para registrar sua vida e sua marca nesta terra após sua morte. E ele faria isso com alegria em seu coração, se ele passasse sabendo que, naquela vida, ele deu amor e protegeu aqueles a quem o deu.

Farah estava olhando para Silence.

Eu estava fazendo o mesmo.

—Mas ele será o maior rei que Wodell já conheceu— disse Silence com firmeza. —E ele será por causa disso. Porque ele pega a mão de um fazendeiro, sente os calos e conhece a labuta. Porque ele observa a tecelagem de fitas do Dia de Alabasta³⁸, os sorrisos nos rostos das crianças, e entende que um dia de descanso precisa ser proclamado em todo o reino para que seu povo possa se alegrar. Porque, Farah, quando chega em casa depois de uma batalha, ele não envia tenentes para compartilhar os mortos. Ele viaja por Wodell com seus homens e ele mesmo dá essa notícia às esposas e mães, pois ele entende o sofrimento delas e isso deixa uma marca indelével em sua alma.

—Pelos deuses— Farah sussurrou.

—Eu não sabia que ele fazia isso— eu disse.

—Ele faz— confirmou Silence. —Um homem que é assim, eu não conheço.— Ela balançou a cabeça com tristeza. —O que eu sei é que True precisa ser necessário. A única cura que eu suspeito que ele possa sentir é saber que está ajudando alguém. Que eles não apenas desejam sua presença, mas precisam dela. Precisam dele. Precisam de True. Não o Príncipe True de Wodell. True Axelsson, um homem bom, um homem gentil. E embora, se estivesse em meu poder devolver a vocês o que perderam, eu o faria, suspeito que agora, e isso deve ser observado, todos os dias em seu futuro juntos, vocês estariam fazendo tudo o que podem simplesmente precisando que ele esteja com vocês.

—Eu também suspeitava disso— disse Farah. —O peso disso parece deixá-lo quando ele se sente útil.

Silence lhe deu um pequeno sorriso. —Seu instinto está certo. E, como tal, eu não o questionaria no futuro. Apenas continue fazendo o que está fazendo.

—Não parece muito— observou Farah.

—Talvez, mas para True isso seria tudo— respondeu Silence.

—Será que ele... Mars está...— Farah respirou fundo e soltou o fôlego, dizendo. —Mars é reverenciado em Firenze, como seu pai era. Ele é forte e tem certeza de sua visão para o nosso reino. As melhorias que o Rei Ares iniciou, e Mars continua, tornaram a vida muito melhor para aqueles que tinham muito pouco antes. O que faz com que aqueles que tinham muito não fiquem tão felizes. Mas acredito que eles estão começando a entender que, se Mars carrega os corações dos comuns, eles devem aprender a se ajustar, pois seu número é muito menor. Todas as tentativas de golpe contra Mars foram muito mal recebidas pelo povo, que tem sido difícil de controlar em seus desejos de se levantar contra aqueles que desejam que nosso reino volte à tirania. E o assassinato de Ares causou tanta dor em todo o país que não creio que, mesmo agora, anos depois, eles tenham se recuperado. É apenas a campanha contínua e resoluta de Mars para continuar o trabalho de seu pai que os anima. Esta terra... Wilmer... seu conselho... e, bem... eu, uma Firenz. Eu não sei. É muito diferente aqui, e isso me incomoda. Isso me incomoda por mim e me incomoda por True.

Quando ela terminou, Silence lhe deu um sorriso brilhante e declarou: —Estou muito satisfeita por você viajar pelo nosso reino com True. Pois você verá— Seu sorriso ficou maior. —Você verá.

—Eu verei o quê?— Farah perguntou.

—Você verá que ele não é reverenciado— acrescentei.

Farah pareceu alarmada.

—Ele é amado— compartilhou Silence.

O alarme desapareceu e os lábios de Farah se entreabriram.

—Ele só precisa olhar para você com adoração e respeito, o que

ele já faz, e os Dellish vão adorar você, Farah. Não tenha medo— insistiu Silence. —Tia Mercy e tio Wilmer, minha mãe e meu pai também, eles não são como True, e o povo de Wodell sabe disso. Ele é de sangue real, é verdade. Mas ele é deles, e eles sabem disso também — Silence se aproximou de Farah. —E Mercy deveria prestar atenção nisso. Você é de Firenze, mas poderia ser da lua e, se True a quisesse, o povo de Wodell também a quereria.

— De verdade?— Farah perguntou.

Silence assentiu com a cabeça. —De fato.— Ela sorriu novamente. —E realmente, eu amo isso para você. Você terá uma grande e maravilhosa aventura, Farah, depois de tudo o que passou. E True ficará muito feliz por ser ele quem vai dar isso a você.

—Eu estava ansiosa por isso, pois True parecia ansioso para tê-lo, mas agora estou ainda mais ansiosa— disse Farah, movendo todos eles para que começassem a andar novamente.

—Você deveria. A casa onde nasci é encantadora e só perde para os Encantamentos por ser repleta de magia— disse Silence a ela. — Com True como seu guia, você não tem outra opção a não ser se apaixonar.

—Eu já a acho muito bonita— decretou Farah.

Olhei para a minha direita e vi Wallace e Luther andando e examinando, mas suas costas estavam mais retas e seus peitos mais inchados.

Sua futura rainha estava ficando apaixonada por sua terra.

E seu futuro rei.

E eles gostaram disso.

Brilhante.

Senti que as coisas não estavam indo muito bem para nenhum de nós.

Ou entre todos nós.

E agora estávamos nos separando.

Eu tinha que ir para casa, algo que eu esperava ansiosamente.

Silence e Farah, eu estava preocupado, estavam enfrentando coisas que não queriam enfrentar.

Eu não me sentia mais assim.

Silence parecia novamente animada e engajada, como antes do ataque ao palácio.

E o véu de tristeza não havia se dissipado completamente, como não se dissiparia por algum tempo.

Mas os sorrisos de Farah estavam ficando mais livres, ainda mais livres do que antes da morte de sua mãe.

E a distância entre minhas duas irmãs havia desaparecido.

Então, todas nós estaríamos separadas.

Depois, estaríamos todas juntas, com Ha-Lah novamente nos completando.

Mas, pelo menos por enquanto, tudo estava bem.



Os Aliados

Príncipe Cassius

Cinquenta milhas dentro da fronteira sul
WODELL

O príncipe Cassius estava com Macrinus e Antonius na floresta, no lado oposto da charneca em relação ao bosque onde as mulheres estavam passeando, e os três homens olhavam para a bruxa estranhamente transparente que estava de pé, mas igualmente flutuando acima da terra diante deles.

—Eles estão esperando há muitos anos por essa chance, Vossa Graça— prometeu Fern. —Eles estarão prontos.

—É essencial que isso seja mantido em segredo, Fern— lembrou Cassius. —As novas proclamações ainda não foram feitas. Não podemos começar a saber como elas serão aceitas. Pode ser que elas não sejam necessárias.

—Elas serão necessárias, meu príncipe— disse Fern em um tom terrível. —As notícias sobre os casamentos, a identidade de sua pretendida e os preparativos na cidadela para suas próprias núpcias se espalharam por toda parte. Há agitação.

Isso não era novidade para ele. Nero havia relatado praticamente o mesmo nos pássaros que havia enviado.

Mesmo assim, isso não deixou de irritá-lo.

Fern observou sua expressão e continuou: —No entanto, também há muita esperança.

—Estamos fazendo manobras para acabar com qualquer agitação — ele lhe disse. —Otho está indo até você. Depois que Nero entregar Aelia aos Encantamentos, ele também retornará à Baía do Céu. Soldados leais a mim foram despachados em esquadrões para manter um olhar discreto, mas atento, sobre a nobreza. E seus espões serão úteis.

Ela abaixou o queixo, sempre humilde.

Mas poderia ser que a história se repetisse e a arrogância da elite masculina governante fosse sua ruína.

Muitos deles não pensavam duas vezes antes de falar abertamente na frente de uma copeira, de uma amante ou de uma esposa. A confiança que sentiam em sua superioridade fazia com que não percebessem, em muitos casos, que estavam vivendo com o inimigo.

E no que certamente estava por vir em Airen, esse inimigo era o aliado de Cassius.

Ele só esperava que não fosse tão sangrento dessa vez.

—Mars enviou quatro regimentos para a fronteira nordeste de Firenze— ele a lembrou. —Eles permanecerão em suas próprias terras, mas dois mil homens provavelmente não passarão despercebidos pelos batedores de Airen. Se alguém em Airen agir de acordo com essa inquietação, eles receberão a ordem de avançar e manter a paz, com mais cinco regimentos a seguir. Sem mencionar que a frota de Aramus estará pronta para bloquear todos os portos, caso sejam chamados. E eu irei com meus homens e os de True, entrando em Airen pelas fronteiras ocidentais. Se algum deles se mover, antes de colocar suas mulheres em risco, vamos ver se essas alianças fazem a declaração que

desejamos que façam, para que as armas sejam depostas antes que muitos, se houver, sejam perdidos.

—Por favor, não se engane, Príncipe Cassius. As mulheres estão prontas para lutar— disse Fern a ele.

—Não estou enganado, Senhora Fern— respondeu ele. —No entanto, elas não estão treinadas.

—Elas não foram treinadas na Noite dos Mestres Caídos e, mesmo assim, conseguiram executar uma revolução com sucesso— respondeu Fern.

Ela não estava errada sobre isso.

Portanto, para isso, ele inclinou o queixo para ela.

—Obrigado por lançar suas proteções sobre Aelia e Nero— disse ele.

Ela acenou com a cabeça e respondeu: —Fique bem em sua jornada para os Encantamentos.

—E você apenas fique segura— ele ordenou. —Com essa instabilidade, você naturalmente estará sob suspeita. Não preciso lhe dizer que eles não precisam saber que as suspeitas deles são corretas.

Fern inclinou a cabeça para o lado em sinal de reconhecimento antes de desaparecer de vista.

Cassius se virou e começou a caminhar de volta para o local onde haviam acampado.

Seus homens o acompanharam.

As tendas estavam desmontadas. Os pertences estavam empacotados. Os cavalos estavam carregados. E centenas de soldados estavam com suas montarias prontas, preparadas para partir.

Quando as mulheres voltassem, seria hora de cada um seguir seu caminho.

No entanto, agora que a conversa com Fern havia terminado, ele precisava conversar com Mars e True antes que ele e Elena começassem sua jornada para os Encantamentos.

—Não estou gostando disso— murmurou Tone.

—A que parte das muitas coisas de que não gosto que estão acontecendo você está se referindo? perguntou Cassius.

—A você, que vai apenas com Mac e Ian para os Encantamentos— respondeu Tone.

—Mac e Ian, Elena, Hera, Jasmine e Elena me disseram que a amante de Hera, Rosehana, também estará conosco— Cassius o corrigiu.

—Apenas cinco guardas para um futuro rei e rainha?— indagou Tone.

—Vamos ficar bem— murmurou Cassius.

—Estamos muito dispersos— devolveu Antonius. —Nero e Otho em Airen. Eu e Rus ficamos com seu pai. Você vai com a guarda mínima para os Encantamentos.

—Elena precisa de um descanso de toda a nossa companhia e, devo dizer, eu preciso de algum tempo sem tantas distrações sangrentas para conhecer a mulher que será minha esposa— respondeu Cassius.

—Tomara que a floresta logo ressoe com gemidos muito mais fortes do que uma criada da Cidadela do Céu pode lhe dar quando isso acontecer— Mac entrou na conversa.

—Talvez você queira tomar cuidado com o que diz— alertou Cass.

Mac lhe deu um sorriso. —Eu nunca quero tomar cuidado com o que digo.

Lamentavelmente, isso era verdade.

Cassius suspirou.

—Este é o golpe mais demorado da história de Tritão— reclamou Tone. —E com a abrangência de nossos aliados, ele tem apenas uma conclusão. A única coisa que resta a ser vista é quantas vidas serão perdidas para chegar a essa conclusão. Isto é, se o homem que assumiria o trono não for atacado por Zees, sequestrado por gnomos furiosos ou assassinado por tradicionalistas de Airen que temem mudanças e não gostam de perder o poder.

—Gnomos furiosos— Mac riu.

—Eles não são todos amigáveis— retornou Antonius.

—Eles têm meio metro de altura— retrucou Mac.

—E têm magia— rebateu Tone.

—Você estava dormindo quando nossa futura rainha incendiou o céu noturno com apenas cinco flechas?— perguntou Mac. —Aposto agora que, com um saco de ouro, Elena pode derrotar cem gnomos apenas espirrando neles.

Puxa vida.

—Já lhe ocorreu que há um reino que não se aliou totalmente a nós? Cass perguntou antes que Tone pudesse continuar com aquela conversa ridícula. —Não apenas conhecerei melhor Elena nessa jornada, e há uma boa chance de que Ophelia já tenha chegado aos Encantamentos quando chegarmos, portanto, verei minha filha, mas também poderei fazer incursões com Ophelia. Temos todos os braços de Tritão em nossas costas. Exceto os cajados dos Nadirii. Eu gostaria que todas as armas fossem depositadas sem perda de vidas, Tone. E não

há garantia disso. Mas, quanto mais eu puder pesar a favor de uma solução pacífica para essa bagunça, melhor.

Eles estavam saindo da floresta para ver os pântanos ondulantes que cortavam a estrada para Notting Thicket. A estrada que eles estavam percorrendo.

O acampamento havia desaparecido.

A procissão real estava se misturando com seus cavalos.

O grupo que iria para Arbor estava se misturando aos seus.

True e alguns de seus homens estavam com Mars e Kyril.

E as mulheres voltaram e se amontoaram, conversando na orla da floresta que margeava o outro lado da charneca.

Severus notou a chegada de Cassius e seus homens e se separou das mulheres para seguir seu caminho.

Cassius liderou seus homens em direção a True e Mars, enquanto Antonius comentava: —Então, esta é uma missão diplomática?

—É tudo o que precisa ser, e neste momento, cada momento é tudo o que precisa ser, ou tudo estará perdido.

Cassius viu que Severus havia começado a correr, o que significava que ele tinha algo a dizer antes de chegarem a Mars e True, portanto Cassius parou de andar.

Ele também viu que Elena não estava mais prestando atenção em seu grupo, mas tinha os olhos fixos em Rus.

À distância, ele não conseguia ver o rosto dela o suficiente para saber seus pensamentos, apenas que os pensamentos dela estavam na direção em que seu homem estava indo.

—Preciso de um momento, Cass— disse Rus quando chegou. —

Sozinho.

Cassius olhou para Mac e Tone, que perceberam sua expressão e se afastaram.

Severus se aproximou.

—Estou querendo ir embora, Rus, e preciso falar com Mars e True. Do que se trata? Cassius perguntou.

—Ela as uniu para que possam se falar, mesmo que estejam distantes— informou Severus. —Um grande ciclone as dominou quando ela o fez. Nunca vi nada igual. Achei que elas seriam varridas para os céus. Mas quando acabou, elas simplesmente caíram na terra como se nada tivesse acontecido.

Ele gostaria de ter visto isso.

—Ela é uma bruxa, Rus. Elas podem fazer coisas como essa.

—Ela também não está mais apaixonada pelo Príncipe True.

Cassius sentiu seu corpo travar.

—Ela percebeu, ao conhecê-lo, que nunca esteve realmente— continuou Rus.

Cassius agora sentia uma estranheza em sua garganta, em torno da qual ele forçou: —Perdão?

—A princesa Elena está apaixonada por você.

Algo se fechou em seu peito, fazendo isso com força, de modo que era difícil até mesmo respirar.

—Conversa de mulher, acho que ela não pensou que eu pudesse ouvir. Também acho que ela não se importava se eu ouvisse— continuou Rus.

Os olhos de Cass se desviaram para a charneca.

Elena ainda estava olhando para eles, mas quando viu que tinha a atenção de Cassius, voltou a olhar para as mulheres ao seu redor.

Um flerte feminino. Queriam sua atenção, mas eram tímidas quando a recebiam.

Se a mulher era bonita, estava provocando.

Ele não achava que Elena tivesse qualquer tipo de flerte. Mas, aparentemente, ela tinha.

E Elena era mais do que bonita.

Por isso, ele ficou excitado.

—Portanto, ela queria que eu fizesse o que estou fazendo agora— concluiu Rus. —Contando a você, para que talvez você faça algo a respeito.

—Obrigado por esse relatório— respondeu Cassius de forma hesitante.

—Cass...

—Preciso me encontrar com Mars e True.

Ele começou a se mover, mas Severus segurou seu braço e ele parou.

—O que acabou de acontecer? perguntou Rus, observando-o atentamente.

—Nada - disse Cassius com os lábios rígidos.

—Meu amigo, isso é bom, você não está vendo?

—O comitê real vai embora, Rus, e você precisa estar com eles.

—Se você a deixar entrar, poderá ser feliz novamente, Cass. Ela tem uma grande beleza. Tem grande habilidade. Seu jeito confiante é atraente. O relacionamento dela com suas tenentes espelha o que você criou com os seus. E ela o observa quando você não percebe, como se quisesse atacar você, não para usar o cajado dela, mas para cair sobre o *seu*.

—Severus, todos nós queremos seguir nosso caminho - lembrou-lhe ele.

—Vocês dois se encaixam.

—Isso é bom, pois estaremos unidos pelo resto de nossos dias. Agora, precisamos seguir nossas jornadas.

—Você pode ser feliz, Cassius— declarou Rus.

Ele não podia.

Ele viveu sua vida sem mãe naquele poço escuro do inferno à beira-mar.

E então ele encontrou a felicidade.

Ele a adorou.

E ela não durou muito.

—Vá, Rus.

—Você deveria ser feliz, Cassius— Rus insistiu.

—Tenho que fazer disso uma ordem?— perguntou Cassius.

A cabeça de Rus se contorceu, e sua mão caiu enquanto ele se afastava.

—Não, Vossa Graça.

Cass estremeceu diante da formalidade, mas, fora isso, não fez nada além de inclinar a cabeça.

Severus se virou para ir embora, lançando um olhar sombrio para Mac e Tone enquanto o fazia. Ele lançou a mesma expressão na direção de Ian quando este se aproximou.

Cass ignorou tudo isso e a atenção de seus homens que se voltavam para ele enquanto se movia em direção a Mars e True, sentindo Mac e Ian se juntarem a ele em sua retaguarda. Tone iria com Rus para se juntar ao grupo real.

True e Mars o observaram enquanto ele se aproximava, mas foi apenas Mars quem falou quando ele chegou.

—Tudo bem?— ele perguntou.

Não.

Ele não estava.

Ele não sabia por quê.

Mas ele não estava.

Ele tinha terror em seu coração.

E ele não entendia isso.

—Sim— ele mentiu.

Mars o estudou por longos momentos antes de olhar para True e decidir sabiamente não prosseguir com o assunto.

—Sua conversa com a bruxa de Airen?— Mars perguntou quando ele olhou de volta para Cass.

—A aristocracia de Airen sente a mudança. Eles não gostam disso. O grupo de mulheres e bruxas de Fern, que passou anos tirando de

Airen as mulheres mais aflitas, agora está pronto para fazer tudo o que precisamos que elas façam, desde espionar até lutar. Estamos começando com a espionagem.

—E a aliança se fortalece— murmurou Mars.

—De fato— confirmou Cass.

—Recebi uma mensagem de Lorenz— compartilhou Mars.

—Sim?— Cassius perguntou.

—Ele informa que o templo Go'Doan na Cidade do Fogo está quase deserto.

Cassius sentiu sua coluna se endireitar.

—Como você suspeitava, eles estavam por trás do ataque— deduziu.

Mars balançou a cabeça. —Não podemos saber. Uma conversa com um dos poucos sacerdotes Go'Doan que restaram mencionou que os sacerdotes da Cidade da Cúpula acreditam que essa Ascensão que foi gritada nos fossos tem a ver com os terremotos e o retorno da Besta. Ele não sabe por que eles recrutariam cidadãos de Firenze para atacar meu palácio. Suspeitamos que ele não saiba sobre a profecia, o que pode ser uma explicação. Ou, talvez, não.

—E como esse sacerdote permaneceu, pode-se presumir que ele não é um dos que parecem ser cada vez mais conspiradores— comentou Cassius.

Mars assentiu com a cabeça, mas disse: —Mas é apenas uma suposição. Lorenz relata que esse homem não sabe por que tantos sacerdotes fugiram. E Lorenz acha que essa ignorância é genuína. Antes de partirmos, terei uma palavra com Seph, Jell e Liam, que viajam com a comitiva real. Será uma palavra hostil, embora eu não suspeite de Jell ou Liam. Mas eu nunca gostei do Seph. E se ele souber

de algo, eu sentirei.

—E esse sacerdote que Lorenz tem em sua casa?— Cassius perguntou.

—Ele está se curando. Ele está se estabelecendo. Mas não está falando— disse-lhe Mars. —No entanto, o Go'Doan na Cidade do Fogo procurou seu paradeiro com algum fervor. Foi somente quando o próprio Guard visitou o templo para dizer que ele havia escapado da enfermaria no meio da noite e, com seus outros ferimentos, só se poderia supor que ele havia sido atacado por alguém, por possíveis dívidas de jogo ou por um marido ciumento, portanto, ele provavelmente fugiu para sua própria segurança, que eles pararam de exigir saber onde ele estava.

—Mas Lorenz ainda acha que sabe de alguma coisa?— True entrou na conversa, compartilhando que Mars não havia informado True completamente antes da chegada de Cassius.

Mars acenou novamente com a cabeça. —Mas ele tem paciência, pois acredita que esse padre acabará fazendo a coisa certa, e eu tenho paciência, pois acredito que Lorenz sabe o que está fazendo.— Mars voltou-se para Cassius. —Estou mandando chamar Chu. Como você sabe, em um esforço para controlá-la, ele está se encontrando com Serena na Cidade do Fogo. Ele a trará e ambos viajarão para Notting Thicket para ajudar a vigiar seu pai, mas, além disso, para investigar os sacerdotes Go'Doan que viajam com a comitiva.

—Controlar Serena?— perguntou True.

Mars e Cass olharam para ele. Mars então olhou para Cassius para compartilhar que dependia dele se faria o mesmo.

—Chu, um dos Confiáveis de Mars, fez de Serena sua escrava sexual.

True olhou fixamente para Cassius.

Depois, jogou a cabeça para trás e deu uma gargalhada.

Cass nunca tinha visto o homem rir, muito menos de forma tão desinibida, e não conseguiu evitar que seus lábios se contorcessem, pois além de ser contagiante, o que eles estavam discutindo era, de fato, hilário.

—E presumo que você tenha feito isso acontecer para que ela deixasse de ser uma cadela implacável com Elena— deduziu True, sua voz ainda tremendo de humor.

—Sim— afirmou Cassius.

—Espetacular— murmurou True, ainda rindo.

—Toda vez que estou perto de você, gosto cada vez mais de você — decretou Mars.

—Brilhante. Posso dormir como um bebê esta noite, sabendo disso — brincou True com bom humor.

Mars sorriu amplamente para True.

True sorriu de volta.

E foi então que Cassius percebeu que concordava com Mars.

Toda vez que estava perto do príncipe Dellish, ele gostava ainda mais dele.

No entanto, eles não tinham tempo para continuar com essa admiração mútua.

—Alguma notícia de Guard?— Cass perguntou.

Mars balançou a cabeça. —Zosime ainda não lhe entregou o filho. Ela está perto. Mas eu não o chamarei mesmo depois que a família deles tiver começado. Ela precisará dele, e seu filho ou filha precisará de tempo para conhecer o pai.

Cassius assentiu, mas disse: —Isso lhe deixa com poucos Confiáveis, Mars.

—Lorenz guarda o trono em minha ausência, e Chu é um espião experiente. Ele será útil em Thicket.

—E você só tem dois guardas, Mars— pressionou Cassius.

—Dois Confiáveis e duzentos guerreiros, Cass. Terei muito mais guardas do que você.

—Não é a mesma coisa.

—Tenho apenas um inimigo para onde estou indo— Mars o informou.

Ele disse.

O pai de Silence era escorregadio e rancoroso e não fazia questão de esconder que não gostava do genro e que desejava criar uma cunha entre marido e mulher, sem saber com que objetivo.

Isso também era óbvio para todos, exceto, pelas aparências, para Silence.

—Cuide dele— disse True, e os dois homens olharam em sua direção.

—Você tem um conselho?— Mars perguntou.

—Tenho um mau pressentimento— disse True a ele.

—Temo que minha rainha esteja sendo enganada pelas maquinações dele, mas o único resultado disso será que, quando ele expor suas verdadeiras intenções, ela ficará magoada.

—Eu tenho um pai que não entendo e não respeito— retornou True. —Mesmo assim, isso não anula o buraco que ficou vazio durante toda a minha vida por não ter aquela pessoa importante para

preenchê-lo. Silence jamais dividiu comigo o que eu sentia. A Silence nunca compartilhou comigo, mas há muito tempo ela carece de amor e afeto, e agora ela está recebendo. Ela é astuta, mas questões como essas desafiam a mente lógica quando se está pensando com o coração. Não sei se ela desejava a atenção de Johan antes. Ela nunca a teve, então parecia imune à sua ausência. Só posso dizer que, se meu pai parecesse despertar do transe em que parece ter estado durante toda a minha vida e se tornasse um pai para mim, eu poderia dar as boas-vindas a isso, e ficaria cego para as razões por trás disso.

Mars estudou True com tanta intensidade que você quase podia sentir o calor de seu olhar.

Ele então ergueu o queixo.

True deixou isso de lado e mudou de assunto. —Eu conversei com sua mãe.

Mars não gostou disso e a linha de seu corpo compartilhava isso.

—Pedi a ela que trabalhasse com a minha para injetar um pouco de Firenze na cerimônia de casamento— explicou True, fazendo Mars relaxar. —Ela estava ansiosa para ajudar. Ela está com você agora, mas peço que permita que ela vá a Notting Thicket para fazer isso por Farah. Também informei à minha mãe que isso acontecerá e que ela deverá conceder à Rainha Elpis toda a cortesia quando estiver em Birchlire. Ela concordou.

—Isso é muito gentil de sua parte, True, e significará muito para Farah— disse Mars em voz baixa.

—Esse é o objetivo— murmurou True.

—Também significará muito para mamãe, pois ela deseja fazer as pazes com a filha que não é de seu sangue.

True não teve resposta para isso, exceto levantar o queixo com rigidez.

Mars continuou a observar: —Você também viaja com pouca guarda depois que Farah foi um alvo na Cidade do Fogo.

—Viajo com minha versão dos Confiáveis, Mars— respondeu True.

Isso era tudo o que precisava ser dito, pois Mars não tinha resposta.

Assim, True lembrou a todos eles: —Pássaros. Com frequência. Se não tivermos notícias de um ou de outro por dois dias inteiros, os outros vão para o último local conhecido.

Cassius e Mars concordaram com o que já haviam concordado com o queixo caído.

Mas, depois que Mars endireitou o dele, sua expressão se suavizou quando seus olhos se fixaram em algo além deles e seu tom foi distraído quando ele disse: —Boa viagem para vocês dois. Nós nos encontraremos novamente em Thicket.

Em seguida, ele cortou o caminho entre os dois homens como se eles fossem galhos pelos quais pudesse passar.

Cassius e True se viraram para vê-lo caminhar até Silence, que se apressava em sua direção, com a capa balançando ao vento atrás dela e as mãos fazendo malabarismos com seu ativo macaco de estimação.

O Rei de Firenze chegou até sua rainha, pegou o macaco, colocou-o no ombro e, em seguida, pegou sua noiva com um braço, curvando-a sobre ele com grande elegância, mesmo que o fizesse apenas para tocar seus lábios nos dela, afastar-se e sorrir para ela.

As bochechas dela ficaram coradas, mas ela sorriu de volta.

Bem, parecia que o que quer que estivesse mantendo o rei e a rainha separados, Mars tinha feito grandes progressos para varrer.

—E um golpe impressionante foi desferido contra Johan— murmurou True.

Diante de suas palavras, Cassius encontrou o grupo que iria até Arbor e viu o pai de Silence fazendo cara feia para a filha com o marido.

—Não acho que seja por isso que ele faz esse show— murmurou Cassius em retorno. —Isso é apenas Mars, os Firenz são exuberantes. E ele está se apaixonando por ela.

—Eu também não acho isso— respondeu True. —Eu ainda gosto de ver Johan de volta em um pé quando ele está se pavoneando com alegria, mesmo quando está claro que sua filha carrega fardos pesados.

—Nisso, nós concordamos.

Enquanto Mars se afastava com sua esposa na curva de seu braço e um macaco em seu ombro, True ficou alerta ao lado de Cassius.

—E ali está minha futura noiva... e a sua— disse True, e a atenção de Cass se voltou para Farah e Elena caminhando na direção deles, de braços dados. —Portanto, vou me ausentar. Boa viagem, Cassius.

—E o mesmo para você, True.

Cassius observou enquanto True caminhava até Farah, que se afastou de Elena para encontrá-lo.

Uma Elena que não fez nada além de olhar para True com um pequeno sorriso enquanto continuava seu caminho até Cass.

Ele ignorou isso e notou que True não tinha nenhuma exuberância, mas ninguém que visse a expressão de seu rosto ao olhar para Farah deixaria de perceber que não havia outra pessoa em Tritão que ele preferisse ter por perto do que ela.

Então Elena percebeu que nunca tinha sido True.

E para True, poderia ter sido Elena, mas ele agora percebia que havia encontrado a mulher que era seu destino.

Assim, a faixa em volta do peito de Cassius se apertou.

Ele voltou seu olhar com esforço para sua futura noiva.

Túnica. Mocassins. Casacos amarrados com tiras cruzadas em suas coxas. Seu pesado manto púrpura esvoaçando atrás dela com o vento forte. Seus gloriosos cabelos cor de mel balançando sobre o rosto e se prendendo em seus lábios cheios e rosados.

Ele podia transar com ela onde estava.

Diabos, ele queria transar com ela onde estava.

—Você está pronto?— perguntou ela, parando na frente dele.

—Sim— ele respondeu.

A cabeça dela se inclinou para o lado e seu olhar se tornou agudo.

—Você está bem?— ela perguntou.

—Sim— ele mentiu.

Sua cabeça se endireitou e ela declarou: —Vou fazer você comungar com as fadas esta noite.

E, novamente, ela estava falando sobre as fadas.

E...

Que merda.

Que droga.

Agora ele entendia esse sentimento que o atormentava.

Ele poderia se apaixonar por ela.

—Cassius?— ela chamou.

—Vamos embora— murmurou ele, movendo-se para rodeá-la.

Mas parou quando a mão dela caiu sobre o centro de seu peito.

O toque foi leve, mas o queimou como uma marca.

Ela podia impedi-lo de uma investida com um toque de sua mão.

Ela podia controlar seu humor com o tom de sua voz.

Ela era uma guerreira e ele não podia lhe tirar isso. Não era o que ela era, era quem ela havia nascido para ser.

Isso também era magnífico.

Mas havia uma chance muito real de que ele pudesse perdê-la.

Na batalha contra a Besta.

Na batalha por Airen.

Na entrega de filhos a ele.

Porra, ela poderia descer os degraus da Cidadela a caminho do jantar, cair e quebrar o pescoço.

O perigo girava em torno dela e continuaria girando pelo resto de seus dias.

O cabelo dela chicoteou seu pescoço e ele percebeu que ela havia se aproximado.

Ele baixou os olhos para ela.

E sim, caramba, ela estava mais perto.

Ele podia sentir a boca dela simplesmente dobrando seu pescoço.

—Você não está bem— ela sussurrou. —O que está pensando?

—Nada. Precisamos ir embora.

Ele tentou se mover novamente, mas, dessa vez, ela se deslocou de modo a barrar seu caminho e ele teve que parar, ou iria se chocar contra ela.

E ele não podia permitir isso.

Assim, ele parou.

—Você está mudado— ela observou calmamente.

—Estou ansioso para seguir nosso caminho.

—Podemos nos atrasar se você quiser conversar.

—E o que nos últimos dois minutos em que conversamos lhe deu a impressão de que é isso que eu quero fazer?— perguntou ele.

—Bem, eu sei disso, Cassius. Você está sendo um idiota.

Um idiota?

Ele não estava com vontade de rir. Nem um pouco.

Mas, pelos deuses...

—Um idiota?

—Um idiota— ela afirmou.

—E qual é a palavra para uma mulher teimosa que pressiona um homem que não quer conversar a falar, não deixando a conversa fluir e depois chamando-o de nomes?— perguntou ele.

A boca dela fez uma careta. —Uma noiva preocupada.

Ah, sim.

Ele queria transar com ela onde eles estavam.

— As fadas atravessam os pântanos?— ele perguntou.

—Não com frequência. Eles preferem as árvores, riachos, córregos, rios, etc..

—Então, se ficarmos aqui por toda a eternidade, não poderei me comunicar com elas.

Com isso, ela sorriu abertamente.

—Seu ponto de vista está esclarecido.

—Excelente. Então, vamos embora?

Ela deu de ombros. —Com certeza.

Quando ele se moveu dessa vez, Elena permitiu.

Mas ela se colocou ao lado dele e andou perto demais.

Ele poderia pegar sua mão, se quisesse.

Ele queria.

Mas não o fez.

E quando ela montou em seu cavalo e sua túnica se levantou, expondo o assento de sua meia-calça esticada carinhosamente em sua bunda arredondada, ele poderia tê-la tirado do cavalo, arrastado para as árvores e a coberto, se quisesse.

E ele queria.

Mas não o fez.

No entanto, quando ela olhou por cima do ombro para ele, em

cima do cavalo, e seu olhar foi um desafio antes que ela colocasse os mocassins nas laterais do cavalo e corresse para frente em uma investida graciosa, ele quis aceitar o desafio.

Então, ele enfiou as botas em seu cavalo, Caelus.

E correu atrás dela.



A Disciplina

G'Seph

Setenta e cinco milhas dentro da fronteira sul
WODELL

A alegria de Seph ao ver seu cúmplice, G'Fenn, e os outros quatro sacerdotes com ele, que Seph sabia serem da Ascensão, evaporou instantaneamente quando seu colega sacerdote estava ao alcance da mão.

Pois ele de fato alcançou.

E o fez para golpear Seph na bochecha com um tapa tão forte que a cabeça de Seph balançou para o lado.

Quando ele a jogou para a frente, seus olhos estavam estreitados e seu temperamento havia se acendido.

—O que...?— ele começou.

Mas não conseguiu mais.

Fenn lhe deu outro tapa.

E mais uma vez.

Seph ergueu o braço para se defender dos golpes, mas Fenn o afastou e lhe deu outro tapa.

Seph começou a se retirar, com a bochecha ardendo de dor e calor, mas Fenn o seguiu.

Um dos sacerdotes que estava com Fenn se aproximou dele e viu Seph levantando novamente a mão em um esforço para se proteger e segurou o pulso de Seph, o que manteve o corpo de Seph estável para que Fenn continuasse a desferir os golpes.

Seph afastou a cabeça, dobrando-se na cintura para escapar, gritando: —Pare, porra!— mas Fenn colocou a mão em volta da garganta de Seph e o puxou para cima.

Seus dedos se mantiveram firmes... e apertados, enquanto seu irmão sacerdote encostava o rosto no de Seph.

—Seu tolo— ele sibilou.

Seph percebeu que não conseguia respirar.

Percebeu também que não poderia escapar.

Fenn era mais alto do que ele, tinha mais peso, mais músculos em seus ossos.

Ele também era mais jovem.

Mas, principalmente, a força que ele exercia sobre Seph fazia com que ele temesse que, se o puxasse, ele viria sem sua garganta.

—Qual é a sensação?— perguntou Fenn. —Ser governado com mão de ferro?

Seph abriu a boca, mas nenhuma palavra saiu.

E nenhuma respiração entrou.

Ele começou a engasgar, levantando a mão livre até o pulso em sua garganta, envolvendo os dedos no que ele esperava ser uma forma de súplica.

Fenn jogou Seph de joelhos no chão da floresta, seu compatriota soltou o pulso de Seph, e Seph respirou fundo enquanto Fenn terminava: —Como você se sente ao encontrar um irmão, um igual, e tê-lo de joelhos?

—Eu...— Seph tentou.

—Seu maldito— e a bota de Fenn se chocou com o rosto de Seph, fazendo com que uma explosão de estrelas explodisse em seus olhos enquanto a dor atravessava seu nariz de volta ao cérebro e ele caía com força de lado, —*tolo*.

Piscando rapidamente, ele levantou a mão nas folhas frias, virando a cabeça, apenas para ver o rosto de Fenn a centímetros dele, enquanto o sacerdote se curvava sobre ele.

—Nosso templo na Cidade do Fogo está praticamente abandonado. Nossos sacerdotes de lá estão espalhados pelos ventos. E, portanto, o rei e seus homens agora estão cientes de que foi Go'Doan quem esteve por trás do ataque ao palácio— informou Fenn.

Isso não pode ser.

—O quê? Seph perguntou, sentindo o sangue escorrer de seu nariz, assim como ele sentia o sangue escorrer de seu rosto e seu estômago se revirar de forma nauseante. —Isso não pode ser. Eu disse a eles para não fugirem.

—Você disse a eles, bateu neles e os chicoteou— respondeu Fenn. —Não aprendeu, em anos de execução cuidadosa de nossa estratégia, que é a recompensa, e não o castigo, que induz à lealdade? A disciplina é apenas para extremos. Se você treinar um cão usando a dor, você o treinará apenas para temê-lo e odiá-lo e, quando chegar o momento em que ele já tiver tido demais, ele atacará. Mas não estamos treinando cães, Seph. Estamos treinando e recrutando homens. Eles têm pensamentos conscientes e livre-arbítrio e, se não entenderem mais e não apoiarem mais uma causa, eles podem— Fenn

desferiu um golpe cruel de punho fechado na maçã do rosto de Seph, fazendo-o grunhir de dor, antes de terminar, —ir embora—

Seph se arrastou para longe de seu colega sacerdote, mas esbarrou em algo.

Ele olhou para trás e para cima.

Suas costas estavam contra um conjunto de pernas e outro sacerdote que havia viajado com Fenn estava olhando para ele.

A voz de Fenn voltou a ele.

—Você está dispensado do comando.

Seu olhar se voltou para Fenn. —Você não pode me destituir do comando. Você não tem autoridade para isso. Somente o Golden Thomas tem essa autoridade.

Fenn inclinou a cabeça para o lado.

—Eu não tenho?— perguntou ele. —Isso é muito estranho, considerando que fui enviado a essa jornada com esse propósito por Thom. Embora não apenas com esse propósito, pois também recebi ordens para assumir seu comando e encontrar uma maneira de reparar os danos que você causou.

Seph se afastou do homem que estava bloqueando seu caminho e se levantou.

—Não ouvi nenhuma palavra sobre isso— declarou ele, com os olhos fixos em Fenn, mas sua atenção também estava voltada para os quatro sacerdotes que o acompanhavam.

Ele não deveria ter vindo sozinho.

Mas como ele poderia saber que enfrentaria algo assim?

Isso era impensável.

—Sim, você sabia. Acabei de lhe contar— respondeu Fenn.

Seph levantou o queixo. —Não é você quem transmite minhas ordens. Eu as recebo diretamente de Thom.

—Onde está Drey?— Fenn perguntou de repente, fazendo o estômago de Seph revirar novamente.

—Drey?— ele perguntou em troca, a fim de ganhar tempo, pois Seph não estava animado com essa mudança de assunto.

—Drey. G'Drey. O sacerdote que enviei a você da cidade dourada para ajudar na Ascensão. Aquele cujo traseiro você chicoteou a ponto de não restar nenhuma pele saudável— explicou Fenn.

Ah, mas ele encontraria o soldado que havia compartilhado tão livremente, e eles aprenderiam como não trair seu comando.

—Eu não sei— disse Seph. —A última coisa que ouvi foi que ele sofreu um acidente a caminho da escola.

—Você sabia que ele é o meu escolhido?— perguntou Fenn.

Por Bedi.

Isso estava ficando cada vez pior.

—Não— Seph forçou sua mentira.

—Ele não enviou nenhum pássaro. Nenhuma mensagem— compartilhou Fenn. —É muito peculiar. Bonito, mas tão carente, meu Drey. O pai dele levou o fato de ser Dellish a um extremo. E assim Drey...— Ele balançou a cabeça. —Tão incompreendido. Essa é uma lição para você, Seph. Pois não foi preciso muito esforço para que eu tivesse apenas que olhar para Drey com a expressão que eu o treinei para ler, e ele estaria de joelhos, chupando meu pau exatamente como eu mais gosto. Ele fazia isso sabendo que eu o foderia exatamente como ele mais gostava. A recompensa, Seph. Quase sempre, ela leva a

resultados satisfatórios. Infelizmente, chegou a um ponto em que Drey estava tão ansioso para agradar que eu me cansei e precisei de um pouco de distância. Portanto, eu o enviei para você. No entanto, fiz isso sabendo que, eventualmente, *eu o queria de volta*.

Seph engoliu e deu um passo à frente.

Fenn deu esse passo com ele.

Assim como os outros.

Sim, isso estava ficando cada vez pior.

—E ele não participou do êxodo em massa que você perpetrou com a ignorância de seu comando— continuou Fenn. —Ele se foi antes de você falhar de forma tão espetacular depois de ter recebido uma oportunidade de ouro. Ter todos os personagens importantes de Tritão sob o mesmo teto e centenas de homens treinados e prontos para dar um golpe na Ascensão que teria sido sentido em toda Tritão.

Seph continuou se movendo, assim como Fenn e os outros, e o fez com um estalo: —Eu não falhei. Não fui eu quem escalou as paredes do palácio.

Fenn balançou a cabeça mesmo quando respondeu: —Agora estou vendo o problema. Você dá o comando para entrar em batalha, o sucesso não é seu, é de seus homens. Mas o fracasso, G'Seph, se os homens encontrarem o fracasso, é sempre a responsabilidade do general.

Ele não precisava receber um sermão de alguém como *Fenn*.

Seph estava praticamente presente naquele dia, há tantos anos, em que a Ascensão foi concebida.

Fenn era apenas um garoto naquela época, não era um sacerdote, não era Go'Doan.

Ele não era nada naquela época.

E não era nada *agora*.

Fenn não podia lhe dizer qual era a sua *responsabilidade*.

No final, Seph ficou parado e exigiu: —Parem de se mover.

Os homens pararam.

Foi mais ou menos isso.

Seph respirou fundo em seu nariz. —Voltaremos à Cidade da Cúpula depois que o assassinato do Rei Wilmer que planejei for levado adiante, um incidente que forçará o Príncipe True a...

—Esse ataque foi abandonado— disse-lhe Fenn. —O servo que você encarregou de administrar o veneno foi persuadido a tomá-lo em seu lugar. Na confusão da comitiva que se dividiu em quatro grupos diferentes, presumo que sua morte não será notada por algum tempo.

Pelos verdadeiros deuses.

—A comitiva está se dividindo?— Seph perguntou, e Fenn sorriu.

—Ah, irmão G'Seph— disse ele jovialmente, como se alguém lhe dissesse algo que ele achasse muito divertido. —Sua tolice não tem limites. Você nem sequer notou como todos eles realmente não gostam de você e como confiam pouco em você. Eles seguiram em quatro direções diferentes. Liam e Jell sabem disso e foram com Wilmer até o castelo.

—Eu só não sei disso porque você me convocou para essa reunião — informou Seph.

—Foi decidido no café da manhã, antes de eu chamá-lo, e agora já passa do almoço. Nem mesmo Liam e Jell perguntaram com qual grupo você iria. Eles simplesmente cavalgaram sem você.

Seph cerrou os dentes.

Liam e Jell, Go'Doan convictos, Liam adorando no altar da sabedoria e da cura, Jell simplesmente sendo... *Jell*.

Os dois...

Inúteis.

O olhar de Fenn se desviou momentaneamente para o sacerdote às costas de Seph de uma forma que não agradou a Seph.

Em seguida, voltou para ele.

—E agora, quanto aos extremos a que eu estava me referindo— ele murmurou.

Seph estava prestes a se afastar quando perguntou: —Extremos?

—Aqueles que exigem disciplina— explicou Fenn.

A pele de todo o corpo de Seph se eletrificou e isso significou que ele não se afastou.

Ele se preparou para fugir.

No entanto, não teve a chance de fugir.

Eles o atacaram e, embora ele tenha lutado, chutado e gritado, demorou muito pouco tempo para arrastá-lo até um tronco de árvore velho e desgastado pelo tempo.

Eles o forçaram a se ajoelhar ao lado dele.

Segundo Bedi, eles pretendiam chicoteá-lo.

Ele sentiu seu pênis pulsar enquanto sua pele se retesava de uma maneira muito diferente.

Mas quando o pressionaram para que se curvasse sobre o toco,

não foi seu peito que ficou preso à madeira acinzentada.

Eram seus antebraços.

Com um homem atrás dele empurrando-o para baixo com as duas mãos nos ombros de Seph e dois homens de cada lado segurando seus antebraços contra o toco, Seph observou, cada vez mais apreensivo, Fenn se afastar para trás de uma árvore que se erguia orgulhosa não muito longe de onde ele se ajoelhou.

Fenn voltou com um machado de cabo longo.

Querido *Go'Chas*³⁹.

Não.

—Fenn— ele sussurrou.

—Agora— começou Fenn, vindo se posicionar diante de Seph no toco, —que mão você usou para cortar o rosto de um soldado leal?

Qual...

Mão?

—Você não pode fazer isso— disse-lhe Seph.

—Não importa— respondeu Fenn, —pois vou pegar as duas.

—Não!— gritou Seph, torcendo-se selvagememente, mas de forma inconsequente, contra seus captores. —Você não pode fazer isso, irmão! Nós somos um só! Somos a Ascensão!

—Não se preocupe, *irmão*— respondeu Fenn. —Todos nós somos treinados. Vamos estancar o fluxo de sangue e suturar você. Você não perderá sua vida nesta fresca tarde Dellish.

Mas Seph não estava ouvindo.

Ele estava se debatendo.

O único sacerdote que não o estava segurando se aproximou para amarrar firmemente uma corda de couro na carne do antebraço de Seph.

O sacerdote à direita de Seph se mexeu enquanto Fenn se colocava no lugar e levantava o machado.

—Não!— ele gritou.

O próximo som que veio dele também foi um grito, mas não era uma palavra, embora comunicasse perfeitamente as profundezas da dor que saiu da boca de Seph.

Estranhamente, ao perder a outra mão, Seph nem sequer a sentiu.

Principalmente porque, segundos depois, ele perdeu a consciência.



O Significado

Tedrey

Câmara de recepção, Mansão de Lorenz, Capitão dos Confiáveis,
Cidade do Fogo
FIRENZE

Tedrey sentou-se na almofada de veludo do assento colocado na janela e ficou olhando para a agitação da rua na frente da casa de seu mestre.

Os cidadãos de Firenze andavam de um lado para o outro, carregando cestas nas mãos, nas costas, na cabeça ou sacolas nos braços (ou nas costas). Ou suas mãos seguravam a mão de um bebê que trotava ao seu lado. Ou sentavam-se em um belo e elegante corcel Firenz e caminhavam pela estrada, cuidando de seus afazeres.

Alguns estavam sorrindo. Alguns riam. Alguns franziam a testa. Alguns sem expressão e profundamente pensantes ou concentrados no que quer que estivessem fazendo.

A vida continuava.

Mas semanas atrás, o palácio de seu rei foi atacado. Homens foram executados publicamente. Mas horas depois disso, o rei deles contraiu matrimônio com sua rainha de forma ainda mais pública, e a cidade fervilhava de entusiasmo enquanto o ar soava com a folia.

E, poucos dias depois, soube-se e falou-se muito sobre o funeral tranquilo, privado, mas nobre, realizado para a esposa de um traidor, uma mulher perdoada por um rei e enviada para o próximo reino com adoração e respeito.

E hoje...

Nada.

Era apenas um dia como outro qualquer.

Como foi o dia anterior ao ataque ao palácio.

Como foi o dia após o casamento real.

E todos os dias intermediários.

A vida simplesmente continuou.

Era tudo...

Insignificante.

—Tedrey.

Ele deu um pulo quando ouviu a voz grave rosnando em sua direção e virou a cabeça para ver o guerreiro, seu mestre e o proprietário da mansão entrando na sala.

—Meu senhor— respondeu Tedrey.

Lorenz parou e suspirou pesadamente antes de dizer: —Não precisa me chamar assim, *amico*⁴⁰. Eu compartilhei isso.

—Você não gosta de mestre— retornou Tedrey.

—Não gosto, pois também não sou isso, até que eu comece a tomar seu traseiro novamente, e você pode me chamar assim, se quiser, enquanto eu estiver fazendo isso.

Tedrey apertou os lábios com força e viu Lorenz dar mais dois passos para dentro da sala e parar.

—Isso— disse ele, levantando o braço pesado e indicando o que Tedrey entenderia ser seus lábios sendo pressionados juntos com o que Lorenz disse em seguida, —é o motivo pelo qual eu vim falar com você.

—Não estou entendendo.

—Faunus chamou por você. Você se recusou.

Tedrey olhou de volta para a rua.

—Tedrey, eu quero seus olhos— exigiu Lorenz.

Ele olhou novamente para o guerreiro.

—Você está curado e eu entendo que esta é a quarta vez que o Faunus o chama e você se recusa— declarou Lorenz.

Tedrey se endireitou em seu assento. —Se você deseja me usar...

—Pare de falar.

Diante da decepção irritada que Tedrey ouviu em sua voz, ele se calou.

—Você ainda sente dor?— Lorenz perguntou.

Tedrey balançou a cabeça.

—Você se preocupa com a aparência de suas cicatrizes?

Tedrey olhou novamente para a estrada.

—Tedrey.

Seu nome se aproximou e foi dito mais baixo, com tristeza e carinho, e Tedrey virou a cabeça mais uma vez, inclinou-a para trás e

viu Lorenz a apenas 30 centímetros dele, olhando-o com uma expressão gentil.

— Faunus sabe de seus ferimentos e ainda pergunta por você— lembrou-lhe Lorenz.

—Isso é insignificante— respondeu Tedrey.

Ele observou as sobrancelhas de Lorenz se franzirem. —Como assim?

—Em todos os sentidos. É insignificante. Tudo.— Ele levantou a mão e indicou a rua em frente à mansão. —Tudo.

Lorenz voltou sua atenção para a janela, depois de volta para Tedrey.

—Sinto que não estamos mais falando de Faunus que desejam levá-lo ao Distrito de Heden⁴¹ para embriagá-lo e transar com você até perder a consciência— supôs Lorenz.

—Não há nada para falar. Nós nos levantamos. Nós existimos. Não significa nada o que fazemos, com quem nos encontramos, o que dizemos. Vamos dormir. E repetimos isso até morrermos.

—Nyx decidiu que quer que eu lhe dê um filho.

Tedrey olhou fixamente para Lorenz.

Lorenz continuou a falar.

—Zosime dará um filho a Guard a qualquer momento e, como acontece com as mulheres, ela vê a beleza em que Zosime se transformou, o amor que cresceu entre dois amantes que antes eram devotados um ao outro, mas que floresceu além de qualquer imaginação à medida que sua barriga cresce com a prova desse amor, e ela deseja o mesmo para ela. Para nós. E eu darei isso a ela.

—Estou muito feliz por você, meu senhor.

—Eu sou Lorenz, a menos que eu lhe ordene, em jogo, que me chame de outra forma— disse Lorenz rapidamente. —E se eu tiver que lhe dizer isso novamente, Tedrey, você não desfrutará mais do calor da minha casa.

Tedrey sentiu o medo o atravessar.

Lorenz não insistiu no assunto.

Ele voltou ao assunto anterior.

—Darei à minha esposa todos os filhos que ela achar necessário. E passaremos nossos dias até que eles saiam de casa, ensinando-os a fazer no mundo apenas o que sentirem que é bom e correto. E isso será o que compartilharemos com eles como sendo bom e correto. Portanto, será bom e correto. Deixaremos este mundo dando a ele algo bom e correto. Nós o deixaremos sabendo que eles ensinarão o mesmo a seus filhos. E assim por diante. E isso não é insignificante.

—Eu não me deito com mulheres. Não darei isso ao mundo.

—Não precisa ser sua semente para dar isso a ela. Você não ensinou quando estava com o Go'Doan? Não entendeu a sensação que poderia deixar nas crianças que estavam sob seus cuidados? E eu sei de homens que não se deitam com mulheres. Também sei de crianças que nascem neste mundo ou que não têm pais que precisem delas. Homens que aceitam apenas homens, que amam apenas homens, aceitam essas crianças e dão a elas o que Nyx e eu daremos à carne de nossa carne. E o que eles dão não é menos significativo.

—O palácio foi atacado, e ninguém se importa— retornou Tedrey. —Homens perderam vidas. Seu rei estava sob ameaça. E eles simplesmente andam por aí— ele voltou a passar a mão na janela, — com suas cestas e seus filhos ou em seus cavalos, e é como se isso não tivesse acontecido.

—Você acha que se o Rei Mars fosse ferido ou morto, você acha

que se sua rainha fosse ferida ou morta, o que está do lado de fora daquela janela seria o mesmo?

—E como seria diferente, exceto que talvez uma rainha diferente, alguns meses ou anos no futuro, seria tomada por seu governante? Ou um rei diferente sentaria no trono? De qualquer forma, as cestas ainda seriam carregadas.

—Você não estava aqui quando Ares foi assassinado. A cidade estava de luto. Janelas cobertas. Cabeças cobertas de preto. Cavalos com cobertores pretos em suas garupas. As crianças não brincavam. Se a música tocava, era melancólica.

—E agora isso acabou— observou Tedrey.

—Olhe para o meu rosto, olhe bem para o meu rosto— exigiu Lorenz.

Tedrey fez exatamente isso.

—Meu rei, Ares, foi assassinado— declarou ele.

—Você disse isso.

—Olhe para o meu rosto, Tedrey.

Tedrey observou mais de perto.

—Meu rei, Ares, foi assassinado— repetiu Lorenz.

E Tedrey viu isso.

Tristeza.

—Ainda estou de luto por ele— disse Lorenz em voz baixa. —Meu pai está morto e está morto há mais tempo do que meu rei. Eu ainda o lamento. Meus filhos saberão de ambos e falarão deles para seus filhos. Isso não é insignificante.

—Mas chegará uma geração em que esses nomes não serão ditos.

—Isso é verdade, mas eles serão de seus antepassados. Eles serão daqueles que vieram antes deles. Mesmo que os nomes sejam esquecidos, o legado de cada ser deste planeta nunca desaparece. Ele é simplesmente o caminho. Não há como escapar disso.

Tedrey olhou para os pés de Lorenz, murmurando: —Talvez seja apenas eu que seja insignificante.

Depois de dizer isso, ele observou enquanto Lorenz se virava e ele levantou os olhos e continuou observando enquanto o homem grande saía da sala.

E isso sinalizou para Tedrey que ele estava certo.

Ele não era um rei.

Ele não seria um pai.

Ele fazia parte de uma grande colaboração que mudaria o governo de todos os Tritões, ele a deixou e eles não se importaram com sua ausência. Eles seguiram em frente com seus planos, que foram frustrados, e isso não importava. Ele tinha irmãos, aos quais pertencia, e uma amante, que ele achava que tinha um grande sentimento por ele. Fazia semanas que ele havia 'desaparecido', e seus irmãos e seu amante não se importavam o suficiente para procurá-lo. A vida continuou.

A vida continuou.

Ele começou a trabalhar quando Lorenz retornou, com um propósito em seu portão, um livro encadernado em couro em uma mão, o punho fechado sobre outra coisa na outra, mas havia uma caneta prateada entre seus dedos.

—Comprei estes livros para você há alguns dias, mas minha esposa não quis que eu os entregasse— declarou Lorenz, parando

perto de Tedrey em sua cadeira. —Você não fala com ela. Não sobre nada de importante. Você é gentil com ela e parece gostar de sua atenção, presença e tagarelice, mas não lhe dá nada em troca. Até agora, você não conversou comigo. Achei que você deveria falar com alguém, mesmo que esse alguém fosse as páginas de um livro. Ela não queria que você tivesse a oportunidade de colocar seus pensamentos em um livro, pois isso poderia significar que você não compartilharia com ela e, portanto, ela não poderia aceitar o que você lhe deu e ajudá-lo a suportar o fardo.

Ele estendeu o livro e também a outra mão, que abriu para revelar um pote de tinta com aquela caneta que, ao se aproximar, Tedrey pôde ver que estava elegantemente gravada com redemoinhos e laços.

O livro, sua encadernação, o couro estampado, era caro.

Mas aquela caneta devia ser cara...

—E agora eu lhe dou isso— Lorenz interrompeu seus pensamentos e apertou suas mãos. —Pegue-os. Coloque seus pensamentos nestas páginas. Deixe que este livro carregue seus fardos. Depois, entregue o resto de você à sua família.

A cabeça de Tedrey se inclinou para trás tão rapidamente para captar os olhos de Lorenz que ele sentiu dor no pescoço.

—Minha família?— perguntou ele.

—Tenho uma família grande e bonita, Tedrey. Minha esposa e os filhos que ela me dará um dia. Minha mãe ainda vive, e os dois pais de Nyx também, assim como as duas irmãs dela e a minha. Meus irmãos, que são soldados. Meu rei, que é meu irmão mais próximo. Meus amantes, Phersefone e você. Se vivermos bem, toda a nossa vida será repleta de família e isso significa que um dia você será tio dos meus filhos. Isso parece insignificante?

O coração de Tedrey estava batendo cada vez mais rápido.

Tio?

Ele seria tio?

—Pegue estas coisas, Tedrey— ordenou Lorenz.

—O livro é encadernado em couro. É caro. E a caneta...

—Se essas coisas fossem importantes para mim, eu não teria dado as moedas ou as guardaria para mim. Mas não importam. Você é importante. Por favor, preste atenção. Esse é o meu ponto de vista, *amico*.— Ele apertou suas mãos novamente. —E pegue-as.

Tedrey sentiu sua garganta fechar.

—Tedrey...

—Eles são demais e eu... eu não... eu poderia ajudar na casa. Eu poderia...

Os braços de Lorenz caíram e seu olhar se tornou agudo ao estudar Tedrey. —Que tipo de pai você criou?

—Eu... desculpe?— perguntou Tedrey.

—Se eu quisesse um servo, eu contrataria um. Se eu quisesse que um homem ferido trabalhasse para comer, eu seria um monstro. Estou oferecendo um presente a um amigo. Que tipo de pai você criou para não aceitar uma gentileza oferecida de coração?

Ao ouvir essas palavras, lentamente, Tedrey estendeu as mãos. Não foi lentamente, pois Lorenz estendeu novamente os presentes.

Tedrey os pegou e sentiu sua garganta apertar.

—Obrigado— disse Lorenz, fazendo Tedrey piscar.

Ele estava agradecendo a Tedrey?

—Agora vou deixá-lo com suas reflexões— murmurou Lorenz, virando-se novamente para sair.

—Ainda quero ajudar na casa— disse Tedrey às suas costas, fazendo com que Lorenz o encarasse.

—Se você quiser ajudar, a maioria dos sacerdotes Go'Doan deixou a cidade. Suas escolas não têm professores. Se você estiver bem, pode voltar a ensinar. Você é necessário lá. A escolha é sua, mas espero que não vá usando as vestes. Os sacerdotes que restaram não o rejeitarão, de qualquer forma que você volte para eles.

O coração dele saltou com a ideia de estar de volta com os alunos, o que Tedrey achou estranho, mas mesmo estranho, era inegável.

Seus sentimentos eram completamente diferentes em relação ao fato de o Go'Doan ter deixado a cidade.

—Você está bem o suficiente para fazer isso?— perguntou Lorenz.

—Os sacerdotes Go'Doan deixaram a cidade?— Tedrey perguntou de volta.

—Eles estavam por trás do ataque. Esta é a segunda vez que eles atacam nossos soberanos. Isso teria sido descoberto. Assim, no final, eles mostraram um pouco de sabedoria, pois preferiram fugir em vez de atacar.

—Você sabe que foram eles?— perguntou Tedrey, nervoso.

—Sim, sabemos que foram eles. E sim, eu sei que você estava entre os colaboradores, mas seu coração não era fiel à causa deles. Se fosse, nada poderia tê-lo mantido em minha casa enquanto aquele ataque estava sendo realizado. Nem mesmo o grave ferimento que lhe causaram.

Tedrey sentiu o calor atingir suas bochechas e o terror arder em seu peito.

—Você sabe?

—Eu sei praticamente desde que o conheci, *amico*.

—E você ainda me chama de *amico*?

—Você deseja mal a mim ou à minha esposa?

—Não.

Sua resposta foi rápida e nem um pouco nervosa.

Os lábios de Lorenz se contraíram.

—E você acha que eu não sabia disso também?— ele perguntou suavemente.

Tedrey desviou o olhar.

Seu tom ainda era suave quando ele perguntou: —Quão profundamente você está apaixonado por ela?

O olhar dele se desviou para trás. —Eu... eu não... eu não me sinto assim...

—Sei que não é o corpo de minha esposa que você deseja, mas o coração dela que você adora— decretou Lorenz e sorriu. —Quando caí, fiz as coisas de outra maneira.

Tedrey não duvidou disso e achou divertido.

No entanto, ele também encontrou seus pés e os tomou.

De pé e olhando Lorenz bem nos olhos, ele declarou: —Eu nunca...

Sua grande declaração não se concretizou.

Lorenz balançou a cabeça e o interrompeu novamente. —Eu sei, Tedrey. Você não a ama como eu a amo. Você nunca a amará como eu

a amo. Ou não estaria aqui e agora. Mas você a ama, não é mesmo?

Ele não sabia nada sobre amor.

Ainda assim.

—Ela e você são os únicos seres que já me mostraram bondade na vida.

Tedrey observou, sem se alarmar, o rosto de Lorenz ficar duro.

Lorenz nunca gostou de pensar nessas coisas que sempre fizeram parte da vida de Tedrey.

E, assim, talvez ele estivesse aprendendo sobre o amor.

—Vou considerar isso como um sim— disse Lorenz com os dentes cerrados.

—Não sei como demonstrar isso em troca— sussurrou Tedrey.

—Você não vai aprender, olhando para a estrada e ficando triste— respondeu Lorenz.

Isso era bem verdade.

—Você... você quer saber sobre a Ascensão?— ele ofereceu, e Tedrey não percebeu o brilho em seus olhos ao ouvir as duas últimas palavras.

No entanto, ele confundiu isso com o fato de que Lorenz já sabia.

Talvez não tudo.

Mas ele sabia sobre a Ascensão.

Ele ficou surpreso quando Lorenz respondeu: —Quando você estiver pronto para me contar.

—Eu suspeitaria que, se os sacerdotes fugiram, está tudo muito

desorganizado— ele murmurou.

—Eu suspeitaria do mesmo, mas não estamos contando com isso.

Tedrey continuou murmurando: —Isso provavelmente é sensato— Ele respirou pelo nariz e falou mais claramente quando disse: —Não entendo por que você me perdoa.

—Eu não disse que o perdoo.

Essas palavras foram como um golpe.

—Mas...— ele começou.

—O coração de minha esposa sangra por você e, como ela é dona do meu coração, tenho pouco a dizer sobre o desejo dela de cuidar de você. Você não é uma ameaça. Você está claramente muito confuso. Tenho esperança de que encontrará seu caminho e que ele será o caminho certo. Mas não é a gratidão pela bondade que deve guiar esse caminho. Você deve entender que o que faz é certo, e isso deve guiá-lo. Eu espero que isso aconteça. Que você aprenda o que é certo e como agir de acordo com isso.

Ele nunca havia pensado nisso antes.

Mas ele queria aprender o que é certo e não simplesmente porque todas as partes de sua vida até conhecer essas pessoas nesta casa tinham dado tão errado.

Tedrey virou a cabeça novamente, dessa vez para que Lorenz não visse as lágrimas que brotaram em seus olhos.

—Por que você não olha para mim enquanto chora, *amico*?— Lorenz perguntou com curiosidade aberta, compartilhando que Tedrey não estava escondendo nada.

— Isso é fraqueza— murmurou Tedrey, trêmulo.

—E, mais uma vez, tenho provas de que os modos de seus pais

não eram modos.

Tedrey voltou sua atenção surpresa para Lorenz.

—Você é um guerreiro— observou ele.

—Sou— concordou Lorenz. —E chorei quando meu pai morreu. Chorei quando o Rei Ares morreu. Chorei quando minha noiva uniu sua vida à minha. Senti lágrimas em meus olhos quando meu rei conquistou sua rainha. Sem dúvida, chorarei quando minha esposa me der meu primeiro filho e todos os que vierem depois. Se ela passar para o próximo reino antes de mim, não sei se algum dia deixarei de chorar. O que eu sei é que não terei vontade nem de tentar. Não há fraqueza em ser totalmente você e sentir totalmente tudo o que você sente. O que nos torna fracos é quando não celebramos tudo o que somos, tudo o que sentimos, que é o que nos torna fortes.

—Meu pai não gostava do fato de eu gostar de...

—Homens?— Lorenz adivinhou.

Tedrey assentiu com a cabeça.

—Uma característica peculiar dos Dellish— murmurou Lorenz.

—Eu era... eu era muito...— Ele limpou a garganta. —Eu não sabia como estar perto de pessoas que não se importassem muito com isso.

—O Go'Doan— declarou Lorenz.

Tedrey acenou novamente com a cabeça. —Eles... tendo essa liberdade de ser quem eu era e estar com quem eu desejasse, fui seduzido por essa religião.

—A religião não é sedutora— devolveu Lorenz. —É fé. A fé, em sua essência, é pura. Foi o homem que o levou para o caminho errado. Cuidado para não culpar os deuses, não importa quais deuses sejam,

pelas ações dos homens ou pelas suas próprias ações. Somente você é responsável pelo que faz e o mesmo vale para qualquer homem ou mulher.

Tedrey ficou imóvel, tão profundamente atingido por essas palavras que não conseguia se mover.

—Peço uma coisa a esta Ascensão— continuou Lorenz, mas sua pergunta foi vocalizada como uma declaração. —Não é tudo do Go'Doan, é?

Tedrey balançou a cabeça.

Lorenz assentiu com a cabeça e continuou falando.

—Agora eu lhe peço uma coisa, Tedrey. Que você vá falar com minha esposa e compartilhe com ela algumas coisas que eu não sei, pois se ela souber que tivemos essa conversa e que não foi ela quem o procurou para que você oferecesse o que está em seu coração, ela vai ficar de mau humor ou irritada e não podemos fazer um bebê se ela estiver de mau humor ou irritada.

Por um momento, Tedrey não pôde fazer nada além de piscar para ele.

Quando viu a boca de Lorenz se contrair, Tedrey não pôde fazer nada além de sorrir.

Lorenz sorriu de volta.

Então Tedrey inclinou o queixo para o amigo.

E foi em busca de Nyx.



O Patra

Princesa Elena

A cem milhas da fronteira noroeste dos Encantamentos
WODELL

Sentamos em volta da fogueira e eu fiquei olhando para as costas do Cassius, considerando o fato de que eu tinha visto muito delas nos últimos três dias.

O homem tinha um belo conjunto de ombros e uma bunda sedutora, mas eu estava cansado daquela visão.

Ele estava entrando no bosque, algo que fazia todas as noites desde que deixamos os outros.

Na primeira noite, ele tinha ido com Mac, mas Mac voltou sem ele.

Na segunda noite, ele foi com seus dois homens e, juntos, eles voltaram sem ele.

Em nenhuma das noites ele foi à minha tenda quando voltou.

Ele havia prometido, desde aquela primeira noite em que se juntou a mim em meu quarto no Palácio Catrame, que nunca mais dormiríamos separados.

Eu não desejava isso.

Agora estávamos dormindo separados.

E eu não gostava disso, e não apenas porque, sem Cassius ao meu lado, era difícil encontrar o sono, e ele era inquieto quando eu finalmente o conseguia.

Além disso, se parássemos para almoçar, ele se afastaria do resto de nós para saborear seu repasto sozinho. Ou, mais precisamente, ficava pensando em sua refeição sozinho.

E, no café da manhã, ele apareceu por último, devorou um pouco de pão com manteiga e geleia, arrumou o cavalo, montou no grande corcel (pois Caelus era lindo e devia ter dezoito palmos de altura!), colocou os calcanhares nas laterais de Caelus e todos nós tivemos que correr para alcançá-lo.

Percebi que, a princípio, Mac e Ian ficaram confusos com seu comportamento.

Depois que voltaram de seu passeio com o príncipe, isso se transformou em irritação.

Eu havia começado com irritação.

Agora eu sentia o início do medo.

Ele não estava sendo um idiota ou um brutamontes. Ele também não estava sendo divertido ou seu tipo de charme. Além disso, não estava sendo atencioso, nem um pouco.

Ele não era nada.

No início, eu não tinha certeza de que nossa viagem aos Encantamentos fosse uma boa ideia. Mas acabei percebendo que estava ansiosa por ela.

Seria um momento em que estaríamos apenas eu e ele, cavalgando pela beleza das florestas Dellish no outono, conhecendo

um ao outro. Depois, estar em minha casa, ter a oportunidade de mostrar-lhe minha casa, sem mencionar o fato de conhecer sua filha e, finalmente, apresentá-lo a Dora.

Tudo bem, éramos apenas eu e ele, Hera, Jazz, Rosehana, Mac e Ian.

Mas conhecer seus homens, e Cassius conhecer minhas mulheres, era outra forma de nos conhecermos.

E, quando ele não estava sendo irritante, eu parei de negar para mim mesma que o achava fascinante (e descobri que gostava de seus homens - Mac era um malandro, perverso e travesso, mas quase sempre divertido de se ter por perto, Ian era atencioso e de fala mansa - essas características eram estranhas, mas eu achava isso muito revelador, espelhando Jasmine e Hera).

Além disso, Cassius era sempre atraente.

E eu queria mais.

Mas agora... ele não fazia nada.

Estava lá, mas longe.

Distante até mesmo de seus homens.

Mas, principalmente, distante de mim.

—Então, o que ele tem na bunda?— Jazz exigiu saber, com sua atenção voltada para Mac e Ian.

—Jazz— disse Hera em voz baixa.

Jasmine, sendo Jasmine, nem sequer olhou para Hera.

Seu olhar permaneceu fixo nos homens de Cassius.

—Quero dizer... agora. O que ele tem na bunda agora, já que

parece que sempre tem algo na bunda?— Jazz emendou.

—Ele tem muitas coisas em mente— respondeu Mac com irritação.

—E?— Jasmine pressionou. —Quem não tem? Quem— ela jogou as duas mãos em direção ao fogo e depois abriu bem os braços, — sentado aqui sob o céu noturno não tem muitas coisas em mente? Nenhum de nós está aqui para um passeio agradável. A mudança está em andamento e todos nós vamos enfrentar algumas coisas muito sérias.

—Você não terá que assumir o governo de um reino inteiro, onde as mudanças que você pretende fazer imediatamente não serão bem recebidas— lembrou Mac.

—Eu estarei na retaguarda da minha princesa, que será a rainha do seu novo rei, e a presença dela em sua terra não será bem recebida — retrucou Jasmine.

—Você deve segui-lo— disse Rosehana suavemente.

Voltei meu olhar para ela para ver o dela e o de Hera em mim.

Concentrei-me em Hera.

Ela acenou com a cabeça, afirmando que concordava com seu amante.

—Eu concordo, você deve segui-lo— acrescentou Ian.

Voltei minha atenção novamente e vi Ian me observando.

Também vi Mac estudando Ian de forma incerta.

Mac deu voz a essa incerteza, dizendo: —Não sei se é uma boa ideia, irmão.

—Por que não?— Jasmine exigiu saber.

Ian e Mac olharam para Jazz, mas foi Mac quem falou.

—Isso não tem nada a ver com você— ele disse. —E você faria bem em aprender algo que ficou claro que você não aprendeu. Em assuntos que não o envolvem, você deve ficar de boca fechada.

Ah, não.

Homem, mulher, criança,yeti⁴², essa não era uma maneira de falar com Jasmine.

Mas deve ser dito, especialmente a um homem.

Eu me endireitei, sentindo Hera e Rosehana ficarem alertas ao meu lado.

—O que você acabou de dizer?— Jazz sussurrou.

—Jasmine— eu disse em um tom firme.

—Cass precisa de um tempo para si mesmo— disse Mac.

—Ele já teve isso— respondeu Jazz. —Agora ele precisa de alguém que o ajude a tirar a cabeça da bunda.

Mac também se endireitou, Ian fez o mesmo quando Mac o fez, e eu ajeitei meus pés, que estavam esticados diante de mim, para que eu pudesse colocá-los embaixo de mim com muito mais rapidez, se necessário.

—Não gosto de como você fala de meu irmão— Mac grunhiu.

—Macrinus— Ian murmurou calmamente.

—Não gosto da forma como seu irmão trata minha irmã— respondeu Jazz.

—Ele não a está tratando de forma alguma— respondeu Mac.

Jazz se inclinou na direção de Macrinus. —Exatamente.

Mac emitiu um som áspero em sua garganta.

Eu me levantei.

Todos os olhares se voltaram para mim.

—Eu vou até ele— eu disse.

Hera, Rose e Ian pareciam aliviados.

Mac e Jazz ainda pareciam irritados, mas não comigo.

—Pegue suas armas— aconselhou Hera.

Assenti com a cabeça.

Quando Cassius saía para divagar, ele sempre levava sua espada larga e sua adaga.

Eu só podia supor que ele não andava muito longe, mas eu não sabia.

O que eu sabia era que, nessa área de Wodell, não havia nada além de duendes, algumas fadas da floresta, alguns clãs de duendes e alguns gnomos inofensivos. Não havia muitos povoados, mas um vilarejo aqui ou ali, o que foi um dos motivos pelos quais escolhemos essa rota sinuosa. Levamos mais tempo para chegar aos Encantamentos, mas havia menos chance de encontrarmos alguém, uma princesa e um príncipe viajando com uma pequena guarda, menos chance de problemas.

É claro que Zees andava livremente por Wodell.

No entanto, nessa época do ano, eles estariam viajando para o sul, mais perto da fronteira de Firenze, para passar o outono e o inverno em climas mais amenos.

Meu punhal já estava guardado em sua bainha no cinto.

Deixei minha espada, que estava descansando no tronco caído ao meu lado, e peguei minha haste, que estava nas folhas atrás de mim.

Eu não precisaria de nenhum deles, mas, quando se tratava de lutar, eu preferia o cajado, principalmente porque era mais hábil em usá-lo.

Passei por cima do tronco e caminhei até onde vi Cassius desaparecer na floresta.

Lá, ajoelhei-me, reuni meu poder, toquei o chão e seus passos se iluminaram com um suave brilho lilás.

Ele era um homem grande e, portanto, tinha pés grandes.

Hmm.

Eu me endireitei e o segui, e as pegadas pelas quais passei desapareceram atrás de mim.

Em pouco tempo, fiquei surpreso, pois ele não havia nos deixado há muito tempo, mas pude ver seus passos se aprofundando na floresta, portanto, mesmo que não tivesse passado muito tempo, ele tinha ido longe.

Aparentemente, ele queria se distanciar um pouco do nosso grupo.

Entre ele e eu.

Eu me movi mais rapidamente, minha surpresa se transformando em preocupação à medida que me aprofundava na floresta e me distanciava de nossos amigos.

Então, fiquei preocupado quando procurei a distância e vi que as pegadas dele continuavam ainda mais longe.

Continuei na trilha, com a noite e a floresta me envolvendo a

ponto de eu saber que, mesmo que eu gritasse, os outros não me ouviriam.

Depois de algum tempo, fiquei alarmado, pois as pegadas continuavam cada vez mais longe na floresta, mas parecia que tinham parado abruptamente.

Acelerei meu passo. Mas quanto mais me aproximava do ponto em que as pegadas brilhantes terminavam, mais lentamente eu me movia, pois as pegadas de Cassius terminavam porque ele estava parado nas sombras de uma pequena clareira, com apenas um pouco de luar passando pelos galhos, com os braços cruzados sobre o peito, esperando por mim.

Eu estava a dois metros dele quando ele disse: —Nunca mais use magia para me rastrear.

Parei onde estava.

—Você está me ouvindo, Elena?— ele exigiu. —Nunca mais use seus truques para me procurar.

Meus...

Truques?

Eu tinha vindo para conversar. Para perguntar se ele estava bem. Para tentar descobrir o que estava em sua mente.

Não me passou despercebido que não só havia muita coisa acontecendo, não só ele estava para se casar com sua inimiga mortal (como tal), como também estava simplesmente para se casar novamente. Ele havia perdido a mulher que amava e foi forçado a se casar com outra. Ele deixou bem claro que eu deveria ser sensível a isso, e eu pretendia ser exatamente isso.

Entretanto, diante de sua exigência, essa intenção desapareceu de minha mente.

—Você está nas profundezas da floresta, Cassius— eu disse a ele.

—Eu sei onde estou, Elena— ele respondeu.

—Não é seguro para nenhum de nós estar tão longe dos outros— continuei.

—Onde está, é uma distância em que posso ficar com meus próprios pensamentos, o que presumo que comunicaria que não desejo companhia, portanto, não desejo ser procurado, pois não desejo ser encontrado.

—Está claro que você tem algo lhe incomodando...

—Ah, é?— ele perguntou sarcasticamente.

Meu temperamento se desgastou ainda mais, mas fiz o possível para manter as pontas esfarrapadas.

—E como sua noiva, isso me preocupa.

—Não há nada com que se preocupar.

—Devemos chegar aos Encantamentos em apenas alguns dias e você não está falando comigo— observei.

—Não preciso falar com você para me casar com você. Não preciso falar com você para que tenha um filho. Mas não se preocupe, se eu precisar da pimenta, não terei problemas em pedir a você quando estivermos jantando.

Um momento...

Ele havia me dito que nós...

—Agora volte, Elena— ele ordenou.

Eu não recuei.

Dei um passo em direção a ele e gritei: —Mas semanas atrás você estava falando sobre nós governarmos lado a lado, vivermos como marido e mulher, criarmos nossos filhos juntos, e agora eu não devo esperar nada de você além de sua semente e saber seu desejo de temperar sua comida?

—Apenas retorne para os outros, princesa— disse ele em um suspiro irritado.

—O que mudou?— perguntei.

—Nada mudou.

—Eu conheço o universo paralelo onde temos gêmeos que vivem nesse mundo diferente. Entre deixar os outros e agora, seu gêmeo foi trocado por você?

—Não seja ridícula.

Dei mais um passo em direção a ele. —É você que está sendo ridículo, Cassius. O que há de errado com você?

—Nada— ele cortou.

—Você não está dormindo ao meu lado.

—Você não está longe.

Dei mais um passo em direção a ele. —Você não me toca há séculos. Não me beijou. Nem me olhou como se quisesse fazer qualquer coisa, quando antes, quando estávamos em Firenze, você parecia ansioso para fazer as duas coisas... e com frequência.

—Elena— ele rosnou.

Dei mais um passo em direção a ele, colocando-me diretamente à sua frente, e finquei a ponta do meu cajado na terra, exigindo: —O que mudou?

Demorou um momento, como se ele precisasse disso para inventar uma mentira plausível, até que ele não mentiu.

Ele atacou.

—Você não é ela e, a cada minuto que passo com você, eu me lembro disso. Você não é nada parecida com ela. E eu sinto falta dela. Eu a quero, não quero você. Mas não tenho escolha, pois durante toda a minha vida nunca tive escolha. Desta vez, a escolha que não tenho é que, pelo resto dos meus dias, terei de aturar você.

—Me aturar?— Eu sussurrei.

Ele abriu a boca, mas eu dei mais um passo, dessa vez para longe dele.

Seu corpo parecia se contorcer com força, em toda a extensão, como se ele estivesse prestes a fazer um movimento para me alcançar e estivesse lutando para conter esse impulso.

Mas então ele se aquietou e disse: —Você pediu.

—De fato, pedi— respondi. Então, baixei o queixo e terminei: —Vou deixá-lo com suas reflexões.

Com isso, dei meia-volta e comecei a me afastar, concentrando-me em fazer apenas isso, pois o que eu queria mesmo era correr.

Não dei um passo sequer antes de ouvi-lo sibilar atrás de mim. Sem palavras, apenas aquele assobio.

Então, seu braço apertou minha barriga e ele me puxou para junto de si.

—Me solte!— gritei.

—Quieta— ele sussurrou duramente em meu ouvido.

Comecei a me debater, mas parei quando o senti.

—Droga— ele disse antes de me jogar em suas costas quando o primeiro deles saiu correndo da floresta.

Cassius sacou sua espada e sua adaga.

Eu peguei meu cajado com as duas mãos.

Cassius assumiu uma postura de batalha quando o primeiro se aproximou e o segundo veio em nossa direção pela lateral.

Zees.

Que droga.

Quando havia um, não havia dois.

Eram vinte.

Comecei a fazer uma curva lenta e ouvi a espada de Cassius se chocar com outra espada quando vi mais três entrarem na clareira.

Nem todos me atacaram, como era o costume deles. Raramente queriam me ferir, sua intenção era intimidar e subjugar.

Portanto, apenas um deles se aproximou enquanto os outros se controlavam.

O aço se chocou contra o aço às minhas costas e eu me afastei de Cassius, agachei-me, girei com meu cajado estendido e derrubei o que estava me atacando.

Em seguida, me endireitei, girei, lançando-me e golpeando, uma, duas, três vezes, enquanto um segundo Zee avançava, eu estava lutando com ele, e ele bloqueava cada golpe, fazendo isso sorrindo para mim.

Eu girei meu cajado, peguei-o pela bunda e, quando ele se levantou, raspei-o para baixo, enganchando-o em seus joelhos dobrados e puxando-o para cima com muita força, levando-o de

cabeça para baixo e aterrissando de barriga nas folhas.

Girei meu cajado à minha frente enquanto enfrentava o próximo, que estava agachado e se movendo de um lado para o outro diante de mim.

—Você está cercado, não lute!— gritaram as árvores.

—Eu sou Nadirii!— gritei. —Retirem-se ou enfrentarão minha magia.

Nesse momento, uma luz vermelha berrante iluminou a clareira.

Olhei por cima do ombro e vi a faixa saindo da floresta e disparando em direção a Cassius.

Um Cassius, por sinal, que estava lutando contra três Zees com adaga e espada.

Aparentemente, eles achavam que seria preciso mais para subjugá-lo, ou melhor, para garantir que ele não machucasse um deles enquanto o faziam.

Mas eu não podia me preocupar com isso. A raia estava vindo tão rápido que mal tive tempo de erguer um escudo na frente dele, no qual a raia irrompeu em uma explosão de faíscas de frutas vermelhas e granadas.

Fabuloso.

Esses eram Zees com magia.

—Você não consegue superar a magia Nadirii— gritei, forçando-me a enfrentar o próximo, que havia embainhado a espada e estava vindo em minha direção com um cajado.

Muito justo da parte dele.

Tive apenas o tempo de fazer esse pensamento antes que várias

faixas vermelhas viessem em nossa direção.

Ergui um globo ao nosso redor que desviou as raias enquanto eu lutava contra os Zee, cajado a cajado com as duas mãos. Mas a magia deles era tão poderosa que o globo se desintegrou depois de se defender da magia dos Zee.

Ouvi um grunhido de dor, me esquivei em um giro e olhei para trás para ver que Cassius havia despachado um Zee que vinha atrás de mim com um golpe de seu punho no crânio do homem.

Que droga.

E tive tempo suficiente para pensar nisso antes de cair de lado, rolar com os joelhos até o peito e subir neles com um golpe de meu cajado no peito do homem que estava atacando Cassius.

O homem caiu vários passos para trás.

Cassius girou e o atacou enquanto o homem com quem eu estava lutando vinha novamente em minha direção.

—Chega!— Gritei, caí de costas, chutei os dois pés e usei os músculos do estômago para me impulsionar sobre eles.

Puxei meu cajado para trás. Girando para o lado, eu o empurrei, golpeando-o com força na parte macia de sua barriga, ouvindo seu doloroso —Oof— Não querendo machucá-lo (demais), parei de empurrar e balancei, atingindo-o com força no intestino, o que o fez se curvar, depois nas costas, o que o fez largar o bastão ao aterrissar sobre as mãos e os joelhos.

Eu estendi a mão e ele saiu derrapando em uma rajada de coral em direção à floresta.

Foi então que ouvi o zumbido vindo de todas as direções.

Deusa maldita!

Girei, corri os quatro passos que levei para chegar até Cassius, com o cajado erguido como uma lança em meu ombro.

Uma haste lilás saiu da ponta e se projetou em uma parede. Ela passou por Cassius, mas, quando atingiu seus agressores, fez com que eles caíssem.

Eles fizeram isso no momento em que eu larguei o cajado e agarrei Cassius pelas costas, gritando: —Abaixe-se!

Ele caiu de frente, e eu, de costas.

Mas ele rolou instantaneamente, de modo que eu estava de costas para as folhas, ele estava deitado sobre mim, com os ombros em meu peito, a espada erguida e pronta, quando uma explosão de granada, escarlate e bagas nos cegou quando várias raias colidiram onde Cassius estava.

Com isso, Cassius girou em espiral, cobrindo-me com seu corpo, principalmente a cabeça, e para um homem que não queria ter nada a ver comigo, ele certamente se moveu rapidamente para me proteger de um pouco de magia Zee.

Ouvi algo efervescente e depois o grunhido de Cassius. Ele fez um movimento brusco e ouvi sua espada cair no chão.

Droga.

Eu sabia o que isso significava.

Estávamos enjaulados.

—Saia de cima de mim— ordenei.

—Fique abaixada— ele exigiu.

—Cass, levante-se— eu disse em um impulso de seu grande corpo.

Seu corpo se mexeu com o meu movimento, considerando que ele

havia ficado estranhamente inerte.

Saí de baixo dele, sentando-me sobre minha bunda, ouvindo um chiado baixo constante e agora vendo que eu estava certa.

Estávamos presos em um véu vermelho mágico que brilhava em uma cúpula ao nosso redor.

O braço de Cassius me agarrou pela cintura, arrastando-me de costas pelas folhas e pela sujeira e me prendendo ao seu lado, levantando sua espada novamente com o outro braço, mas notei que ele não a levantou a ponto de tocar o véu.

Ele também estava deitado de costas, mas de alguma forma conseguiu parecer alerta e feroz, mesmo sentado de bunda em algumas folhas.

Mas agora eu tinha a confirmação do motivo de seu grunhido. Tocar naquele véu causava dor, mesmo que você não o fizesse com o corpo. Ele deve tê-lo tocado com sua espada.

Ele não conhecia o Zees.

Suspirei.

Isso exigiria alguma diplomacia e eu não tinha certeza se Cassius estava disposto a isso.

Os Zee apareceram em força, cercando-nos.

—Putá que pariu— murmurou Cassius, com pesar.

Comecei a contar.

Desisti, ainda sem terminar, quando cheguei a trinta.

—O que é isso, o que é isso?— a voz que veio antes agora estava ligada a um homem que estava parado além do véu, bem na nossa frente.

Ele usava um chapéu, mas, mesmo assim, eu podia ver o lenço amarrado em sua testa por baixo dele. Seus cabelos eram longos, escuros e escorriam pelos ombros e pelo peito. Sua jaqueta curta estava aberta, com a camisa por baixo desabotoada. Ele tinha muitos colares pendurados em seu peito nu, alguns com medalhões, a maioria feita de contas. Seus olhos arregalados eram fortemente arredondados com kohl preto. A espada em suas costas tinha uma grande joia na parte inferior do punho que piscava à luz da lua.

—Um soldado Airenziano e uma guerreira Nadirii?— perguntou ele. —Será que interrompemos uma briga entre dois amantes proibidos?

—Siga seu caminho— grunhiu Cassius.

—Nunca vi isso em todos os meus anos— afirmou o Zee.

—Você não parece ter mais de 25 anos— respondeu Cassius, e o homem começou a rir.

Em meio a isso, ele colocou a mão no peito e disse: —Você me lisonjeia.

—Vou dizer isso apenas mais uma vez, vá embora— exigiu Cassius.

—Nós iremos, oh, nós iremos— respondeu o homem. —Depois que você jogar sua bolsa de moedas através do véu. E gosto da aparência de sua espada e de sua adaga, portanto, vamos levá-las também.— Ele inclinou a cabeça em minha direção. —Sua adaga de guerreiro também.

—Não faremos isso— disse Cassius a ele.

O homem arqueou apenas uma sobrancelha escura e arqueada. —Não?

—Não— confirmou Cassius.

—Você sentiu a magia ao seu redor por meio do seu aço— declarou o homem. —Por favor, acredite em mim, é muito pior quando entra em contato com a pele e, com um aceno de cabeça, nossas bruxas a encolherão.— Ele olhou para mim. —Eu respeito sua magia, bruxa. Eu realmente respeito. Mas você não é páreo para a nossa. Nós, Zees, praticamos há muito mais tempo do que vocês, Nadirii, como você sabe.

Isso era lamentavelmente verdade.

Muitos Nadirii, por si só, sem uma irmã ao seu lado, poderiam ser derrotados pela magia Zee, se houvesse mais de uma bruxa na tribo.

E eles definitivamente tinham mais de uma bruxa em sua tribo.

Embora, infelizmente para ele, não tivesse ideia de com quem estava lidando.

—Vocês realmente deveriam estar a caminho— aconselhei.

—Deveríamos? De verdade?— zombou o homem.

—Você deveria— disse Cassius em um tom que eu nunca tinha ouvido antes e que era inquietante. —De verdade.

Tomei nota.

Não zombe de Cassius, mesmo que ele estivesse de bunda para as folhas em uma floresta escura.

—Não queremos machucá-lo, Airenziano, mesmo que você seja um Airenziano— respondeu o Zee.

—Não terei problemas em machucá-lo, Zee, e não dou a mínima para o fato de você ser um Zee— retrucou Cassius.

Um pouco da jovialidade desapareceu do rosto do homem quando ele se aproximou do véu.

Os outros também se aproximaram.

—Cass— sussurrei, —fique calmo.

—Estou calmo pra caramba— respondeu Cassius, sem tirar os olhos do líder dos Zee.

—Você não está.

E ele não estava.

—Eu estou mesmo.

—Você não está, Cass. Apenas dê a ele sua bolsa— instruí, olhando para o líder. —Precisamos manter nossas armas. Você entendeu.

—Não entendo— disse o homem, seu tom também havia se deteriorado. —Você foi derrotado. Dê-nos o que pedimos e não lhe faremos mal.

—Pegue a bolsa do meu homem e pronto, e ele não lhe fará mal— respondi.

—Ele não pode me fazer mal, Nadirii.

—Por favor, não nos teste— pedi.

—Não sou eu quem está em meu traseiro, enjaulado com magia justa.

—Cordeiro— Cassius rosnou, e eu sabia que ele não usava meu nome porque não queria que eles soubessem.

Mas, droga, eu gostei que ele estivesse me chamando de 'cordeiro' novamente.

—Não os machuque— ordenei a Cass.

—Você está louca?— ele perguntou.

—Não— falei a verdade.

—Eles não hesitariam em nos machucar— respondeu Cassius.

—Isso não é machucar. É apenas um pouco de humilhação— observei.

—Solte-nos, minha guerreira— rosnou Cassius.

—Eu deixo, se você prometer que não vai machucá-los— respondi.

O Zee estava novamente sorrindo.

—Uma Nadirii sozinha? Você não pode quebrar essa gaiola— ele compartilhou, depois ergueu o queixo.

A gaiola começou a ficar menor.

E a brilhar mais intensamente.

Put a que pariu.

—Agora nos dê sua bolsa e suas armas— ordenou o homem.

—Ellie— Cassius grunhiu.

Ellie.

E eu gostava muito mais disso de Cassius do que de 'cordeiro'.

Eu não podia ficar pensando nisso.

—Cass.

—*Ellie.*

—*Cass!*

—Maldição, Elena!— Cass gritou.

Suspirei.

Depois fechei os olhos.

A emoção subiu pela minha espinha e, em seguida, houve gritos de surpresa misturados com gritos curtos de medo logo antes de eu ouvir corpos batendo no chão.

No entanto, esses corpos estavam muito mais longe de nós.

Logo em seguida, ouvi aço encontrando aço.

Abri os olhos e me levantei rapidamente.

—*Cassius!*— Eu gritei.

A gaiola havia desaparecido.

E, o que é preocupante, a luz da lua também.

Estávamos cercados por nada além de noite e estrelas.

Com os pés na terra, estávamos nos céus.

Eu havia aprendido o que isso significava.

Significava que Cassius estava muito, *muito* zangado.

Prova: Cassius havia batido no líder até que ele se ajoelhasse e voltasse a bater em uma mão. O medo estava estampado no rosto do homem, sua espada erguida em defesa ao longo do corpo, a de Cassius apoiada nela. O Zee estava lutando para manter a arma de Cass à distância, enquanto Cass pairava sobre ele, um espectro escuro em um céu estrelado na Terra.

Movi-me rapidamente até ele, coloquei minha mão de leve em suas costas e sussurrei: —Cassius.

Em um instante, ele se abaixou, dando meio passo para trás, movendo-se em direção a mim com aquele seu jeito protetor, com a espada ainda pronta.

Os outros que haviam sido empurrados para trás por minha explosão da gaiola se recuperaram, ficando de pé, movendo-se com cautela, e senti todos os olhos voltados para nós.

Demorou um pouco, mas, aos poucos, as estrelas à nossa volta foram se apagando.

—Permita que eu me apresente— disse Cassius. —Sou o Príncipe Cassius de Airen e esta é minha noiva, a Princesa Elena dos Nadirii.

Com isso, ele fez uma reverência profunda, com o braço da espada ainda erguido, a outra mão no peito, a cabeça inclinada para trás, os olhos nunca deixando o líder, uma saudação provocadora.

—Bem— respondeu o homem, levantando-se e embainhando a espada nas costas, —por que você não disse logo?

Cassius se levantou enquanto rosnava.

Pressionei minha frente em seu lado, estendendo a mão para o braço de sua espada, envolvendo meus dedos e empurrando para baixo.

Demorou um pouco, mas ele finalmente a baixou.

Soltei um suspiro.

No entanto, ele ainda não tirava os olhos do líder.

—Agora, se você está supondo que eu não estou a fim de ser mais ridicularizado, você está certo— informou Cass.

—Então os rumores são verdadeiros. O Firenz pega uma Dellish. O Dellish aceita uma Firenz. E o dia e a noite se unem em um casamento impossível— declarou o homem, estendendo a mão para Cassius e

para mim.

—E agora vejo que vocês não entendem que, ao dizer 'mais uma vez,' isso inclui não querer se envolver em conversas desnecessárias— explicou Cassius.

O homem ignorou isso, colocou a mão no peito, logo abaixo da garganta, e disse: —É uma grande honra conhecê-los. Eu sou Silvanus. Sou o chefe do Patra.

Cassius não disse nada.

Não fiquei surpreso. Era óbvio que ele tinha pouca ou nenhuma experiência com os Zee.

Eu, por outro lado...

—É uma honra conhecê-lo também, Silvanus do Patra— respondi.

Em uma reverência de pura galanteria, ele se curvou duas vezes na cintura, com um pé à frente e a perna de trás levantada, e chegou ao ponto de tirar o chapéu e abaixar a cabeça.

Ele se aproximou, devolveu o chapéu e colocou as duas mãos nos quadris.

Em seguida, gritou: —Isso exige vinho!

—Putá que pariu— murmurou Cassius.

Eu quase sorri.

O povo de Silvanus vibrou audivelmente e se aglomerou e, em pouco tempo, pudemos ver lanternas balançando na madeira ao redor e uma mulher de cabelos pretos correu até Silvanus.

Ela tinha um lenço enrolado na testa, que desaparecia sob o cabelo, e vestia uma blusa branca que terminava sob os seios, uma saia vermelha cheia de bolsos grandes na frente e bordados dourados

na bainha. Além disso, usava um cinto de couro grosso no qual estavam pendurados um punhal, várias bolsas e uma pequena carteira. Ela tinha argolas largas nas orelhas, inúmeras pulseiras nos pulsos e colares no pescoço.

Todos, exceto provavelmente os aros, que não estavam na moda dos Dellish, provavelmente foram roubados de viajantes desavisados.

Enquanto a pequena clareira se iluminava com lanternas, ela entregou a Silvanus um frasco com uma base bulbosa que estava selado no topo do gargalo com cera vermelha.

Ele não descascou a cera para chegar à rolha.

Cassius ficou firme ao meu lado quando retirou sua arma da bainha e, com um floreio dramático, cortou a parte superior da garrafa com sua espada.

—Vamos beber com a realeza esta noite, irmãos e irmãs!— decretou ele em voz alta.

Um trinado mais agudo rasgou o ar e eu me perguntei, mesmo à nossa distância, se os outros o ouviriam e viriam investigar.

—Silvanus me disse, lendo meus pensamentos, quando outra mulher se aproximou dele carregando três cálices de prata (todos incompatíveis, todos lindos e provavelmente roubados). —Achamos que poderíamos lidar com um Airenziano e um Nadirii. Três do primeiro, quatro do segundo seria imprudente.

Então eles sabiam dos outros.

De fato, eles podem até ter me seguido.

Isso não era vantajoso, pois eu não havia sentido nada.

Os Zee eram conhecidos por serem furtivos, mas eu nunca havia sido pego.

Nem uma única vez.

Ele me deu um sorriso largo e branco, tirando-me de meus pensamentos quando me ocorreu que eu consideraria a possibilidade de me deitar com ele, pois ele era surpreendentemente bonito.

Isto é, se eu não tivesse o Cassius.

O que eu não tinha (de certa forma).

No entanto, seu sorriso era contagiante e, por isso, eu o retribuí.

Silvanus serviu o vinho de forma desleixada e me entregou o primeiro cálice, Cassius o seguinte e, em seguida, jogou o último cálice para um homem que estava por perto antes de levantar a garrafa.

—*Na zdrowie!*⁴³— ele disse.

Ao que ele gritou: — ‘*Salud!*’, ‘*Proost!*’, ‘*Santé*’, ‘*Cin cin!*’, ‘*Sláinte!*’, ‘*Yamas!*’, ‘*Skål!*’ e ‘*Saúde!*’⁴⁴

—Viajamos muito— disse Silvanus em uma piscadela maliciosa e misteriosa para mim, explicando sem explicar algumas dessas saudações estranhas, depois levou a garrafa aos lábios e jogou a cabeça para trás para tomar um gole.

Comecei a levar meu copo aos lábios, lábios que estavam se curvando em outro sorriso direcionado a Silvanus, quando fui impedida por Cassius, que ordenou: —Elena, não beba desse cálice.

Olhei para ele. — É rude não beber com um Zee.

—Não me importo.

—E eu não me importo que você não se importe— retruquei.

Ele se virou totalmente para mim enquanto eu continuava a erguer minha taça e disse em tom de advertência: —Elena.

Mantive o recipiente de lado e imitei seu tom. —Cassius.

—Não beba.

—Eu beberei se quiser beber.

—Se você levantar esse cálice um centímetro a mais, eu o arranco de sua mão antes de virá-la de joelhos.

Ele não disse apenas isso.

Senti meus olhos se estreitarem e respondi: —Se você tentar algo tão ridículo, vou mandá-lo direto para a Baía do Céu .

Ele se inclinou para mim. —E se você fizer isso, eu voltarei para você e farei de novo e de novo e de novo até atingir meu objetivo de bronzear sua bunda tão vermelha que você não conseguirá sentar em Diana por semanas.

Abri a boca para retrucar, mas não o fiz porque Silvanus estava bem ao nosso lado, rindo alegremente e batendo em nossas costas.

—Isso é uma beleza!— ele gritou. —Magnífico!— ele gritou.

Ele parou de bater e olhou para Cassius.

—Ela chega ao clímax tão magnificamente quanto luta?— perguntou ele.

Senti minhas bochechas arderem.

Silvanus ergueu as duas mãos bem alto, curvando as costas ao fazer isso.

—Por que ninguém pensou nisso antes?— ele perguntou aos céus. —Um Airenziano e uma Nadirii! Explosivo!— Ele baixou os braços e sorriu enormemente entre Cassius e eu. —A Cidadela do Céu vai desmoronar ao redor de vocês na primeira vez que fizerem amor sob seu teto.

Dei um pequeno passo para longe de Cassius e Silvanus e os dois homens olharam para mim.

Mas apenas Silvanus falou.

—O que é isso? O que é isso?— perguntou ele, estudando-me atentamente. —Sem experiência?

Maldito, maldito inferno.

Ele deu um tapa nas costas de Cassius e gritou: —Uma dádiva! Você pode treiná-la... em tudo— Ele se inclinou em direção a Cassius com um sorriso malicioso no rosto. —E os Nadirii aprendem muito bem.

—Você está falando da minha noiva— disse Cassius em voz baixa.

Silvanus entendeu seu ponto de vista, mas o fez ainda sorrindo impenitentemente, murmurando: —É claro. Claro que sim. Minhas desculpas— Ele então inclinou a cabeça para a taça que Cassius segurava. —Beba, meu amigo. Nós não envenenaríamos os salvadores.

—O quê?— perguntou Cassius.

—Os salvadores— repetiu Silvanus, curvando-se para pegar a garrafa que havia colocado no chão. —Vocês acabarão com os terremotos.— Ele acenou com a cabeça para Cassius e para mim. —Estou correto?

—Você sabe disso?— Eu perguntei.

—Elena— murmurou Cassius em tom de advertência.

—Somos todos amigos aqui, meu caro— declarou Silvanus, aparentemente esquecendo que, dez minutos antes, ele havia nos aprisionado em uma gaiola de magia. Sua atenção se voltou para mim. —E sim. Somos mais velhos que os Dellish. Nós nos lembramos de quando Airen e Firenze eram um vasto reino. Nós nos lembramos dos

dias em que as sereias nadavam livremente pelos mares. Nós nos lembramos da Besta. E ouvimos falar da profecia.

—O que você sabe sobre ela?— Cassis exigiu.

—Venham!— gritou ele, girando com o braço estendido, e mais mulheres vieram correndo, carregando grandes almofadas de pelúcia que jogaram no chão.

Os homens também entraram na clareira, alguns com pedras, outros com galhos, outros com ramos. Em pouco tempo, eles se encarregaram de remover as folhas e formar um grande círculo de pedras para fazer uma fogueira.

Silvanus se jogou em três grandes almofadas, uma das quais estava encostada em uma árvore, e depois gesticulou para outras cinco, todas juntas, que era evidentemente onde Cassius e eu deveríamos nos sentar.

Juntos.

Eu sabia que não deveria desprezar a hospitalidade de um Zee.

Tínhamos poder, magia e o comando de Cassius sobre o céu noturno.

Mas os Zee tinham uma memória muito longa.

Portanto, afundei nas almofadas, estendi a mão, segurei a mão de Cassius e puxei.

Ele resistiu, mas depois de outro puxão mais forte, ele caiu ao meu lado.

Silvanus nos observou e, em seguida, girou sua garrafa em nossa direção.

—Vocês darão belos filhos— decretou ele.

Carrei os dentes e levantei meu cálice para ele.

Cassius não fez isso, mas bebeu comigo e com Silvanus.

O vinho era excepcional.

—Isto é maravilhoso, Silvanus— eu disse a ele.

—É claro que é— respondeu ele. —Nós o pegamos de um comerciante Airenziano que estava a caminho de Thicket— explicou ele sem pudor.

—Puxa vida— murmurou Cassius.

Sorri para Silvanus e tomei outro gole.

—A profecia— pediu Cassius.

Ouvi o barulho de uma pederneira, olhei para a esquerda e vi que o fogo estava pronto para acender.

E foi o que aconteceu, com um homem Zee se curvando e soprando, folhas secas pegando fogo enquanto uma mulher Zee alimentava a fogueira com mais folhas para manter as chamas acesas e pegar os galhos no topo.

—Tremores que emanam do subsolo, onde a Besta habita. Não foi difícil de entender, príncipe de Airen— disse Silvanus, chamando minha atenção novamente. —E agora, as sereias e os tritões⁴⁵ foram expulsos. Não haverá ninguém para impedi-lo, se a profecia falhar.

Senti meu coração pular uma batida.

—As sereias e tritões?— perguntei.

—De fato— disse ele com um aceno brusco de cabeça, antes de levar a garrafa aos lábios e incliná-la para trás. Ele bebeu profundamente e voltou sua atenção para mim. —Eles reuniram todas as feras do mar, forçaram-no a entrar em uma de suas cavernas

submarinas e criaram uma grande avalanche marinha sobre a boca, aprisionando-o. Até, ao que parece, agora.

—Você sabe disso, ou é uma lenda?— perguntou Cassius.

—Há um ano, meu amigo, você me fez essa pergunta— disse Silvanus a ele, —eu diria que é uma lenda. Os terremotos?— Ele balançou a cabeça. —Ele está vindo à tona. Ouvimos falar do casamento do Rei Selvagem com a Silenciosa, nosso Verdadeiro Rei, com a Sábia Flor, vocês dois. Nós sabíamos.

—E as sereias e tritões?— Eu insisti.

—Desapareceram para sempre— declarou Silvanus. —Alguns dizem que eles habitam os mares ao redor dos Místicos. Alguns dizem que ocupam as ilhas entre os Místicos e as Northlands e Southlands a oeste.

Ele deu de ombros, tomou outro drinque, eu tomei outro gole e ele continuou.

—Alguns dizem que eles se adaptaram. Ao longo dos séculos, criaram uma magia que lhes permitiu formar pernas espontaneamente ao nadarem para mais perto da costa e poderem se passar por seres com pernas, e assim caminham entre nós. Eu não sei. Gosto de pensar na última hipótese. Que, em nossa ignorância e maus-tratos a eles, não os expulsamos de suas casas.— Ele estendeu o braço de forma expansiva. —Mas nós, os Zee, conhecemos a ignorância e os maus-tratos, então a fuga deles? Bem, essa é uma parte da história em que eu tendo a acreditar.

—Eu também— murmurei, levantando meu cálice e olhando para Cassius.

Ele estava olhando para Silvanus com ar de dúvida.

—Em que parte você não acredita, grande príncipe?— A pergunta de Silvanus foi dirigida a Cassius, mostrando que não era apenas meus

pensamentos que ele podia ler, embora Cass não estivesse escondendo os dele. —Que os seres aquáticos andam entre nós ou que os Zee conhecem a ignorância e os maus-tratos?

—Estamos bebendo vinho roubado— comentou Cassius.

—Sim, estamos— respondeu Silvanus, virando a garrafa para ele.

—Você é temido por muitos— prosseguiu Cassius.

—Isso é verdade— respondeu Silvanus em voz baixa. —Você não sabe e, na verdade, meu amigo, espero que nunca saiba. É uma lição aprendida com muita dificuldade. Se você for forçado a viver com medo daqueles que o cercam e que não o entendem, não gostam do que eles não entendem e agem de acordo com isso, você terá apenas duas opções. Acomodar-se à tirania de suas ações ou encontrar uma maneira de fazê-los temer você. Sua guerreira sabe, não sabe, princesa?— ele me perguntou.

—Talvez devêssemos evitar a política— murmurei em minha taça.

—Ela é linda, poderosa, poderosa e sábia— disse Silvanus a Cassius e eu sorri para ele. —Você tem muita sorte.

Cassius grunhiu.

Virei minha cabeça e franzi a testa para ele.

O olhar de Cassius se voltou para a minha carranca e ele fez uma careta.

Desviei o olhar e tomei um gole de vinho.

—Por favor, diga-me que você não vai impor um casamento Airenziano a essa criatura— interrompeu Silvanus. —Vejo sua beleza florescendo em rosa. Talvez azul. Talvez lavanda. Não o temido preto do casamento Airenziano.

—Eu ia usar minha túnica— eu disse a ele.

Suas pálpebras caíram.

Minha barriga se contraiu.

—E você deveria, pois a veste muito bem— ele cantarolou para mim.

De repente, Cassius se reclinou contra as almofadas às nossas costas, que estavam encostadas em uma pedra.

E ele me levou com ele, com seu braço serpenteando ao meu redor, de modo que acabei me reclinando contra ele.

Silvanus deu um sorriso conhecedor.

Virei minha cabeça novamente e lancei um olhar irritado para meu noivo.

Ele suportou isso por apenas meio segundo antes de se virar, colocar sua taça no chão e voltar para mim.

Prendi a respiração enquanto ele usava as pontas dos dedos para seguir minha maçã do rosto, antes de se embrenharem em meu cabelo ao lado e seu rosto chegar bem perto.

—Em luto, os Firenz cobrem tudo de preto— ele murmurou. —Janelas, espelhos, murais, fontes, portas, cavalos, cabeças, cobrindo tudo o que eles veem que possa trazer alegria e representar beleza, pois não suportam olhar para isso em seu desespero.— Ele desviou apenas os olhos na direção de Silvanus antes de dizer em voz mais alta. —A propósito, uma noiva Airenziana deveria se casar com essa cor, você não acha?

—De fato— ouvi Silvanus concordar suavemente.

A atenção de Cassius voltou para mim, ele estava novamente murmurando, e eu estava novamente prendendo a respiração com a expressão em seu rosto.

—A noiva Dellish usa branco, rosa pálido, verde pálido. A noiva Firenz usa a cor que quiser.

Meus pulmões começaram a arder, então eu respirei fundo, mas prendi a respiração novamente quando sua mão em meu cabelo se deslocou para a parte de trás da minha cabeça e sua barba raspou minha bochecha enquanto ele encostava os lábios em minha orelha.

Pude senti-los roçar minha pele enquanto ele dizia: —Você, meu cordeiro, usará lilás pálido. Você anunciará um novo começo para todas as mulheres Airenzianas vestindo uma cor de luz e esperança. Mostrando a elas, por meio de seu reinado como princesa e, depois, como rainha, que elas enfrentarão um futuro em que conhecerão a escolha.

Seu braço sobre mim se apertou ainda mais, aproximando-me.

Ofeguei baixinho quando seus dentes mordiscaram o lóbulo da minha orelha antes de ele rosnar: —E se você flertar mais uma vez com aquele Zee, antes que a noite acabe, você conhecerá o golpe do meu pênis e não terá dúvidas a quem você pertence.

Foi então que percebi que estava ofegante e pressionando minha taça, até então esquecida, contra o couro do peito dele.

—Entendeu, minha princesa?— perguntou ele.

—Não estou flertando— sussurrei.

Ele inclinou a cabeça para trás e a luz do fogo dançou em seu rosto.

Mas eu não vi nada além do céu noturno em seus olhos.

Oh, meu Deus.

O príncipe Cassius estava furioso.

Aqueles olhos noturnos percorreram meu rosto e então ele

murmurou: —Você não conhece o fascínio de seus sorrisos e, portanto, não entendeu a potência deles ou de suas ações— Seu olhar capturou o meu. —Agora você sabe. Então, vou perguntar novamente. Você me entendeu?

Naquele momento, achei sensato responder: —Sim, Cassius.

—Bom— ele sussurrou, as estrelas piscaram em seus olhos e ele se afastou, mas ainda me segurou perto enquanto pegava seu cálice.

Respirei fundo, levantando o cálice até os lábios para esconder o que estava fazendo.

—E vou repetir: você tem muita sorte, príncipe negro— disse Silvanus em voz baixa.

—Veremos— respondeu Cassius antes de tomar um pouco de vinho.

—Ah, sim!— Silvanus gritou de repente. —Agora vamos dançar.

E como se ele quisesse, a música encheu o ar com violões e violinos tocando na clareira.

Três mulheres se aproximaram de mim.

O braço de Cass desapareceu quando uma delas pegou o cálice de minha mão e o colocou de lado, depois as outras duas pegaram minhas mãos e me puxaram para ficar de pé.

—Música! Vinho! Dança! Mulheres bonitas!— Silvanus gritou enquanto as mulheres me arrastavam para longe das almofadas. —A vida é para os vivos! Portanto, devemos viver!

Uma mulher levantou os braços em arcos sobre a cabeça, mantendo contato visual comigo o máximo que podia enquanto rodopiava, com a saia girando em um amplo círculo ao seu redor, depois parou, dando um passo à frente de um lado para o outro, antes

de levantar os braços e girar novamente.

—Você! Você!— gritaram as outras mulheres, batendo palmas e apontando para mim enquanto davam passos e rodopiavam.

Não olhei para trás, para Cassius e Silvanus.

Eu estava confusa.

Ele disse que não queria ficar comigo e, em seguida, passou a me proteger, comportou-se com ciúme e compartilhou em termos inequívocos que eu pertencia a ele.

Eu não o entendia e tinha a forte sensação de que isso tinha pouco a ver com o fato de eu não ter vivido entre homens e ter tido pouco contato com eles durante toda a minha vida.

Ele não era nada parecido com o True.

Também não era nada parecido com o que eu havia notado de Mars, ou de qualquer um dos homens de Cassius (ou de True).

Mas enquanto eu me balançava ao som da música, envolvida pelas saias brilhantes, pela luz da fogueira, batendo palmas e rindo, imitei os movimentos das mulheres ao meu redor, animada por seus sorrisos encorajadores, e me perdi na dança, decidindo não pensar nisso.

Pois Silvanus estava certo.

A vida era para os vivos.

E, naquele momento, decidi deixar tudo o que estava acontecendo de lado.

E simplesmente viver.



Príncipe Cassius

Em uma clareira, a cem milhas da fronteira noroeste dos Encantamentos

WODELL

—Não podemos ficar muito tempo— disse Cassius em sua taça, embora as palavras fossem dirigidas a Silvanus, seus olhos estavam em Elena dançando com as mulheres perto da fogueira. —Nosso grupo ficará preocupado.

—Ah, mas você deveria deixá-la dançar mais um pouco— insistiu Silvanus.

Cassius tomou um gole, desviou o olhar dos movimentos suaves de Elena e olhou para Silvanus, notando que vários Zee do sexo masculino estavam largando as almofadas ao redor deles para se juntar a eles.

Ele olhou novamente para Elena.

Sua pretendida ainda estava dançando.

Ela também estava sorrindo.

Ele se voltou para Silvanus.

— Um pouco— Cassius permitiu.

Silvanus sorriu.

Mas, através dele, seus olhos estavam estranhamente atentos.

—Sei de amores perdidos— declarou ele abruptamente.

Os homens que estavam sentados nas almofadas se entreolharam.

Cassius se preparou.

Silvanus se recostou, dando um grande gole na garrafa antes de abaixá-la, com a atenção voltada para os dançarinos.

—Estou cercado de mulheres bonitas. Sempre estive, e isso não mudou depois que encontrei aquela que era a única para mim, nem mudou depois que ela se perdeu— disse Silvanus. —Quando eu a tinha, e depois que ela se foi, eu nem as via.

Cassius o observou atentamente e, portanto, viu o rosto de Zee se suavizar.

Cassius virou a cabeça e olhou para os dançarinos para ver que aquela que lhe trouxera o vinho, aquela que mostrara a Elena a dança deles, estava sorrindo para o líder dos Zee, não de forma brilhante, não de forma ampla, mas com satisfação.

—Até que eu fiz— ele ouviu Silvanus concluir.

Cassius se virou de volta para o Zee.

—Eu senti culpa— disse ele na direção de sua mulher. Seus olhos se voltaram para Cassius. —E depois não senti mais.

Cassius respirou fundo pelo nariz.

—Eu senti medo— continuou Silvanus.

O peito de Cassius começou a arder.

—E então eu não senti— continuou Silvanus. —Aprendi. A felicidade é muito poderosa, meu caro. Entendo que você esteja lutando contra ela. É um instinto. Uma proteção para nós mesmos. Uma defesa. Algo que nós, homens, sabemos muito bem como fazer. Mas, como eu disse, a vida é para os vivos. E a felicidade sempre vence. Você verá.

—Ela é uma guerreira— lembrou Cassius.

—E uma boa guerreira.— Silvanus também o lembrou.

Cassius voltou sua atenção para seu cálice.

—Não falaremos mais sobre isso— disse Silvanus.

—Eu ficaria agradecido— murmurou Cassius.

—Exceto...— Silvanus continuou.

Cassius suspirou e olhou para o homem.

—Não a machuque em sua tentativa de se proteger. Esse é um conselho importante, príncipe negro. Uma coisa frágil e preciosa quebrada nunca poderá ser consertada. Ela nunca terá a beleza que tinha quando estava inteira. Preste atenção nisso, eu o exorto. Independentemente do que está em seu futuro, posso lhe prometer que, se ouvir minhas palavras e levá-las a sério, ficará feliz por tê-las feito.

Ele tinha sido cruel com Elena antes.

Propositalmente.

Sua intenção era afastá-la.

Silvanus tinha ouvido isso.

E agora, depois de vê-los juntos, sabendo quem eles eram, ele entendeu.

Cassius sustentou seu olhar por um longo momento.

Depois, assentiu com a cabeça.

Mais vinho foi trazido, e os homens não evitaram discutir política agora que Elena não estava com eles.

Discutiram de forma agradável, às vezes acalorada, por algum

tempo, alternadamente observando as mulheres dançarem ou olhando para o local onde haviam montado seu próprio casulo de almofadas para descansar, beber vinho e conversar quando a música diminuía depois de muito mais vinho ter sido servido.

Cassius não sentiu falta da inclinação de Elena.

Ele também não sentia falta de quando os olhos dela se fechavam.

A mulher de Silvanus retirou gentilmente o cálice que ela ainda segurava na mão e, mesmo assim, Elena não acordou.

—Minha noiva precisa de sua tenda— murmurou Cassius.

—E a minha precisa do meu pênis— respondeu Silvanus.

Os homens se levantaram e, quando Cassius ofereceu sua mão, Silvanus olhou para ela, parecendo perplexo por um momento, antes de agarrar o antebraço de Cassius com força.

Cassius retribuiu o estranho aperto.

—Não conheço nenhum rei ou príncipe, fora o nosso True, que estenderia sua mão real a um Zee— disse Silvanus, sem soltar.

—Eu não sou o príncipe ou o rei que você conheceu até agora— respondeu Cassius.

—E estou feliz com o encontro.— Silvanus estendeu seu braço livre sobre sua cabeça. —Foi um prazer recebê-lo em nossa terra.— Ele o agarrou com mais força, deixando cair o outro braço. —E espero que nos encontremos novamente, meu amigo.

—Esse prazer foi meu, e tenho a mesma esperança, meu irmão— devolveu Cassius, falando sério e vendo que Silvanus sabia disso.

Assim, Silvanus, rápido em fazer isso com frequência, o fez novamente, dessa vez sorrindo amplamente.

Eles se abraçaram por mais um momento antes de se soltarem.

Ele caminhou até as mulheres, que não pareciam estar prontas para se separar como os homens, indo diretamente até Elena, embora fizesse isso acenando respeitosamente para as outras.

Ele recebeu os acenos de volta e, quando Elena não acordou, apenas miou quando ele sacudiu gentilmente seu ombro, ele também a levantou gentilmente em seus braços.

Um verdadeiro guerreiro não permitiria isso, mesmo depois de vinho, batalha, dança e preocupação.

A menos que ela estivesse totalmente confortável com a companhia que tinha.

Ela sabia que os Zee não eram uma ameaça real desde o início.

Ela sabia muitas coisas.

Inclusive como se comportar em uma variedade de situações.

Muitas delas, muito melhores do que ele.

A cabeça dela caiu sobre o ombro dele, deslizando para a frente, de modo que a testa dela encostou na lateral do pescoço dele.

Ela se sentiu pesada e, ao mesmo tempo, leve em seus braços.

Quente contra seu peito.

E o cheiro dela era um verdadeiro paraíso.

Uma das mulheres veio até ele e, com cuidado para não acordar Elena, colocou o cajado de princesa na mão de Cass.

Pronto para partir, ele se virou para Silvanus e se curvou ligeiramente na cintura.

Silvanus fez mais uma grande reverência e os lábios de Cassius se contorceram quando ele se virou e saiu da clareira.

Elena não se mexeu durante a longa caminhada de volta.

E não se mexeu quando ele chegou ao acampamento e imediatamente se deparou com três de suas companheiras enfurecidas, todas de pé, prontas para enfrentá-lo.

Embora duas dessas pessoas tenham se alarmado instantaneamente.

Hera deu um passo à frente, perguntando com urgência: —Ela está...?

—Shh— Cass a silenciou em voz baixa, mas bruscamente. —Ela está dormindo.

Hera parou e olhou para ele em choque. —Dormindo?

Ele estava certo.

Elena não permitiria o que estava acontecendo no momento.

A menos que ela estivesse completamente confortável em sua companhia.

Suas entranhas se apertaram ao pensar nisso, e foi uma sensação parecida com a que ele sentiu ao ver o peso que tinha nos braços.

Pesado.

E leve.

—Encontramos Zees— explicou Cass, ainda falando baixinho.

Seu rosto se iluminou quando ela cantarolou: —Ah.

Rosehana estava sorrindo.

—Você está brincando com isso?— Ian mordeu.

—Não— respondeu Cassius.

—Você foi atacado por Zees?— perguntou Ian.

—'Atacado' pode ser uma expressão forte— disse Cassius, pois eles foram, e depois não foram mais.

—Vocês estão fora há horas.

—Estivemos. Mas ficou claro pelo comportamento de Elena que você não rejeita a hospitalidade de um Zee.

—Vocês não rejeitaram— afirmou Rosehana.

—E eles tinham um bom vinho— acrescentou Cassius.

—Eles sempre têm um bom vinho. Eles não se preocupam em roubar os comerciantes que transportam uvas de baixa qualidade— murmurou Hera.

—Vinho? Zee hospitalidade? Mais uma vez, está brincando com isso?— reclamou Ian.

Ele olhou para seu amigo. —Não estou. Estávamos bem, mas entendo sua preocupação e peço desculpas por tê-la causado.

Com isso, foi Ian quem o encarou.

—Mac e Jasmine foram procurar...?— ele começou.

Cassius não chegou a terminar, pois ouviu um gemido baixo, longo e feminino vindo da tenda de Mac.

Ele estreitou os olhos para a tenda.

Em seguida, fez o mesmo com Ian.

—Eles estão fazendo isso a noite toda, praticamente desde que

Elena o seguiu— Ian o informou. —Embora, devo observar, tenha começado com eles lutando de uma forma totalmente diferente. Isso só mudou, não surpreendentemente, quando eles se aproximaram da tenda dele.

Maldito Mac.

Cass quase sorriu.

—O que eu espero que signifique que ele vai cansá-la logo para que o resto de nós possa dormir— murmurou Hera.

—Hmm— cantarolou Rosehana, chamando a atenção de Hera.

Ela deu uma olhada no rosto de sua amante antes de se voltar para Cassius.

—Você está aqui. Você está bem. Vamos para a cama— declarou ela, depois, tirando o cajado de Elena dos dedos dele e pegando a mão de Rosehana, eles se dirigiram para lá.

Cassius as viu partir antes de olhar para Ian.

—Mac e Jazz?— perguntou ele.

—Essa viagem vai me matar, Rose e Hera se pegando todas as noites, e agora Mac e Jazz estão no ato. Espero que haja algumas Nadirii que não odeiem homens nas árvores que procuramos, ou precisarei parar em um mercado no caminho para comprar um pouco de bálsamo.

Cassius deu uma risadinha.

Ian o encarou novamente, não com raiva ou frustração.

Com surpresa.

—Para sua tenda, irmão— disse Cassius, correndo o risco de acordar Elena por muito tempo com essa conversa. Ele não ia explicar

por que seu humor estava sombrio há dias, e agora estava rindo.

Ele se dirigiu à tenda de Elena.

—Cass— Ian chamou, e Cassius se virou para trás. —Você está bem?

Ele tinha bons amigos.

—Melhor— ele murmurou.

Ian acenou com a cabeça, seu rosto à luz da fogueira mostrando alívio.

Sim.

Ele tinha bons amigos.

Ian se aproximou da fogueira para bancá-la e Cassius continuou a caminhar até a tenda de Elena.

Para a jornada até os Encantamentos, as tendas eram muito menores e, portanto, muito mais leves. Eram para ocupação individual, embora duas pessoas pudessem dormir em uma, mas sem muito espaço de sobra.

Como um desses dois era um soldado Airenziano, não haveria espaço de sobra.

Isso, pensou Cassius, não seria um problema.

Ele se abaixou, também se agachando, para poder entrar.

Colocou Elena sobre os cobertores e tirou os mocassins, encontrou as amarras sobre as roupas e as soltou, afastando-as.

Expondo a carne macia das pernas dela, Cass rapidamente desviou o olhar, guardou a espada e a adaga por perto, tirou as botas, desabotoou e tirou a camisa. Em seguida, ele foi ainda mais cuidadoso

ao tirar o cinto dela e removê-lo com a adaga.

Feito isso, ele colocou os dois bem juntos sob a dobra do cobertor, com as cabeças de ambos sobre o tapete de sela enrolado.

Infelizmente, ele acordou sua princesa fazendo isso pela última vez.

No entanto, tudo o que ela fez foi se aproximar e sussurrar sonolenta, mas com um alívio não escondido: —Você está de volta.

E ela novamente adormeceu rapidamente.

Ele a segurou em seus braços, apertando-a firmemente contra sua estrutura, e a inspirou.

Ela cavalgava como se tivesse nascido na sela. Conversava com seus amigos com carinho, humor e respeito. Ela tinha uma pequena barraca com apenas um cobertor no chão, e não ia para ela nem saía dela com uma única reclamação. De fato, ela mesma a montou sem pedir ajuda.

Ela sabia fazer uma fogueira. Consequia cozinhar nela.

Seu uso do cajado era forte, seguro e rápido.

Sua magia era inspiradora.

E ela aprendeu a dança Zee em pouco tempo, o que a fez aprender a fazer outras coisas com seu corpo e com o dele, com grande facilidade.

Um gemido feminino, abafado pela distância, chegou à tenda, mas foi abafado por um gemido masculino alto e longo.

E Cassius se viu sorrindo para os cabelos de Elena.

Silvanus estava certo.

Até aquela noite, Cassius não teria descrito a princesa Elena dos Nadirii como frágil de forma alguma.

Mas quando ele disse suas palavras cortantes, ele sabia que ela era.

Ele não acreditava nem um pouco no poder da felicidade.

A felicidade era frágil, inconstante e transitória.

No entanto, o que ele tinha entendido naquela noite era que Elena não tinha descoberto isso.

E outra coisa que Cassius tinha entendido naquela noite, e ele compreendeu isso no momento em que ela o chamou de Cass pela primeira vez.

Ele faria tudo o que estivesse ao seu alcance para garantir que ela nunca o fizesse.



As Portas

Farah

Do lado de fora das Portas, centro sul da Grande Floresta de Thicket
WODELL

—Não fui eu, foi você.

—Não fui eu, foi você.

—Eu me lembro como se fosse ontem.

—Eu me lembro como se fosse dois minutos atrás.

Enquanto nossos cavalos caminhavam lentamente, com o balanço constante de seus passos relaxando, olhei para o lado e vi o rosto de True gentil, uma pequena curva em seus lábios enquanto ele ouvia Luther e Wallace brigando, algo que eles faziam bastante.

Era afável e baseado em afeição mútua, muitas vezes podia ser divertido e, às vezes, Bram ou Florian se juntavam a eles (nunca Alfie, ele era sério demais, embora os fizesse se acalmar se comessem a ficar agitados).

Naquele momento, eu não estava me divertindo.

Fazia dias que estávamos atravessando lentamente essa bela região rural, com seus campos ondulados e rebanhos e mais rebanhos de ovelhas fofas e de cara preta.

Entre eles, havia pequenas aldeias ou vilarejos um pouco maiores com construções de pedra creme com telhados cobertos de musgo ou cobertos de palha. Essas construções eram cortadas com terra batida ou estradas de paralelepípedos que serpenteavam e eram cercadas por grama de um verde tão verde que parecia cobertores de esmeralda.

Depois, havia as poderosas florestas, as cores das folhas que caíam variavam do verde ao marrom, com amarelos fortes, vermelhos brilhantes e uma infinidade de laranjas misturados.

E havia uma fauna tão grande que era difícil acreditar que fosse real. Uma abundância de veados, lebres e coelhos, esquilos, ouriços, martas e texugos. Vimos até raposas e, certa vez, um bando de lobos à distância.

E o ar cantava com os bandos de pássaros que se dirigiam ao sul para o inverno.

Na verdade, a noite anterior havia começado quente, mas True se levantou no meio dela da cama que dividíamos na pousada onde estávamos hospedados. Ele fez isso para fechar a janela que havia deixado aberta depois que o frio se instalou.

Mas antes que ele a fechasse, ouvi os pios das corujas.

Assim, eu esperava ver uma coruja. Elas me fascinaram desde o primeiro desenho que vi de uma.

Sabia-se que Wodell era cheia de magia e eu me perguntava se era isso que as pessoas queriam dizer quando falavam dela.

Mas eu tinha visto a poeira cintilante do voo de uma fada.

E True apontou para uma fada com folhas emaranhadas artisticamente em seu cabelo, uma guirlanda delas adornando a cintura e as saias largas de seu vestido, com suas asas de fio de seda esvoaçando atrás dela. Ela estava conduzindo um cervo perdido - que talvez fosse apenas alguns centímetros menor do que ela - de volta

para a mãe.

Portanto, havia ainda mais magia nessa terra abundante e bela.

De fato, True havia me dito, não meia hora antes, que estávamos nos aproximando de As Portas, então eu esperava ver gnomos em breve.

Minha mãe, como muitos Firenz, não admirava nada dos Dellish (exceto sua lã).

Mas não pude deixar de pensar que ela teria adorado essa viagem por essa terra tão diferente da nossa, pois era impossível não se apaixonar por ela.

Eu queria estar ansiosa para ver As Portas e conhecer os gnomos, assim como todas as muitas coisas que True me disse que queria me mostrar.

Mas eu não estava ansiosa por isso.

Pois me dei conta de que, enquanto Wallace e Luther discutiam sobre as travessuras de que haviam participado, todas as histórias que todos os homens contavam sobre as mulheres que haviam perseguido (às vezes a mesma ao mesmo tempo), as loucuras que haviam tentado, as noites de embriaguez, as canções, as brigas e os jogos de azar que haviam tido...

True não estava entre eles.

Eles eram seus homens e não estavam escondendo de mim a participação de True nessas travessuras por medo do que eu poderia pensar.

Pude ver pelo sorriso no rosto de True que ele era baseado na alegria de seus homens terem essas aventuras, e não na nostalgia das lembranças de tempos compartilhados.

Girei em meu cavalo para olhar para Alfie, que vinha atrás de nós.

Ele captou meu olhar e inclinou a cabeça para o lado em sinal de indagação.

Eu não podia perguntar, não naquele momento, é claro, e talvez nunca mais. Não seria correto falar de True pelas costas dele. Especialmente com um de seus homens.

Voltei-me para a frente e novamente dei atenção a True.

—Você já tentou montar em um porco untado?— Perguntei por causa do que Wallace e Luther estavam discutindo.

Ele sorriu para mim. —Não.

—Mesmo quando criança?— Perguntei com esperança.

Ele balançou a cabeça.

É claro que não.

Porque, pelo que pude perceber, ele não teve uma infância.

Ele estava muito ocupado sendo treinado por sua mãe para ser rei.

Olhei para frente, sentindo minha mandíbula se contrair.

—Você parece desapontada ao ouvir a informação de que eu não fui tolo o suficiente para tentar montar um porco untado, meu doce— provocou True.

—Foi uma tolice, pergunte a Luther— disse Wallace.

—Eu não saberia, pergunte ao Wallace— acrescentou Luther.

Não respondi às suas brincadeiras porque eu estava de acordo com o que a True achava que eu estava.

Desapontada.

Eu nunca havia tentado montar em um porco untado, pois isso era loucura. E o pobre porco. Por que alguém faria uma coisa dessas com um animal? Já era ruim o suficiente eles serem criados apenas para serem abatidos e comidos. Forçar essa indignidade neles?

Mas eu queria que True tivesse histórias de algo que fosse divertido (mesmo que também fosse loucura).

—Farah?— True interrompeu meus pensamentos.

—Mars e eu brincamos com as pinturas— compartilhei de repente.

—As pinturas?

—Arcos com flechas com pontas em pequenos sacos cheios de algodão saturado de tinta. Se uma flecha atingisse você, ela picava, mas não feria. O que ela fazia era marcar você com uma mancha de tinta. Eu batia nele. Com frequência. Isso o deixava muito irritado.

True deu uma risadinha. —Posso imaginar.

Olhei para True. —Você fez algo assim?

Ele assentiu com a cabeça.

Fiquei animada.

—Comecei a treinar arco e flecha aos seis anos— disse ele.

Senti meu rosto cair. — Seu treino de arco e flecha?

—Mamãe queria que eu acertasse o alvo aos sete anos. Eu consegui.

Eu não tinha dúvidas.

Olhei novamente para frente, mas depois me virei e olhei para trás, para Alfie.

O capitão do True tinha uma postura séria.

Ele também era inteligente.

Tive a sensação de que ele estava entendendo minha carranca, pois seu olhar se voltou para True antes de retribuir minha carranca e o sentimento por trás dela.

—Há algo errado?— True perguntou enquanto eu me endireitava na sela, e olhei de relance para os lados e o vi olhando de volta para Alfie.

—Não— menti.

—Por que você está olhando para o Alfie?

Eu não queria mentir novamente.

Portanto, não menti.

—Parece que você não teve uma infância muito boa.

Eu não sabia se True queria responder, mas não importava, pois continuei.

—Ou a vida adulta, por falar nisso.

—Não estou entendendo.

Olhei para True. —Conte-me uma história em que você se divertiu.

— Uma história em que eu tenha me divertido?

Pelos deuses.

Meu coração disparou, pois parecia que ele nem mesmo entendia a palavra.

—Diversão, True— eu disse suavemente. —Algo bobo, trivial ou

frívolo que não tinha outra razão a não ser fazer você rir ou ficar feliz.

—Vou levá-la para ver As Portas.

—Isso não conta.

Ele voltou sua atenção para frente, mas pude ver que ele se sentia constrangido.

E eu imediatamente me senti mal.

—Eu não quero...— comecei.

—Quando eu era mais jovem, sempre que visitávamos Bower Manor, ou seus pais a levavam ao castelo, eu brincava de esconde-esconde com Silence. Ela era muito boa nisso. Eu podia ficar horas procurando e não a encontrava, e juro que, quando encontrava, ela se fazia ver porque tinha pena de mim.

—Acho que isso é adorável— murmurei.

—Sou oito anos mais velho do que ela e, na maior parte do tempo, sentia que estava cuidando dela enquanto os adultos faziam coisas de adultos.

—Ainda assim, é adorável.

—Não demorou muito para que minha mãe dissesse que não achava digno de mim fazer brincadeiras tão infantis.

—Mesmo fazendo isso com uma criança?— perguntei.

Ele não respondeu à minha pergunta.

Ele disse, pensativo: —Silence ficou arrasada. Embora ela nunca tenha falado uma palavra, certamente não fez nenhuma birra infantil, ela simplesmente voltou a brincar com suas bonecas, mas era um artifício. Ela não tinha interesse nelas. Ela adorava seu primo e passar o tempo comigo. Ela também não tinha amigos.

—Isso é de partir o coração, True— sussurrei.

—Acho que eu estava mais chateado.— Sua voz baixou. —Um menino de quatorze anos, despojado de sua única companheira de brincadeiras. Uma menina de seis anos.

Fiquei olhando para ele, o balanço suave do cavalo e a beleza das árvores ao nosso redor não me relaxaram nem um pouco.

—Farah.

E continuei olhando para ele, com os olhos ardendo, a garganta irritada, algo que eu não sentia ou invocava há muitos anos arranhando minha espinha.

—Farah!— True cortou. — Pare!— ele ordenou.

Paramos, até meu cavalo o fez, embora eu não tenha puxado as rédeas, pois não conseguia desviar meus olhos de True ou meus pensamentos de suas últimas palavras.

—Farah.

Engoli com força para não gritar minha fúria, pois quem sabe o que aconteceria se eu fizesse isso.

—Farah!— True rosnou.

Foi sua voz naquele tom que me fez piscar.

E quando o fiz, uma grande chuva de folhas que estavam flutuando por toda parte caiu no chão ao nosso redor.

Os cavalos se moveram com agitação.

Oh, meu Deus.

—Foi você?— perguntou ele, e notei que seus homens haviam cerrado fileiras e desembainhado espadas.

Eles estavam preocupados com o fato de haver outra magia lá fora e não sabiam quem a usava.

—Sim— eu lhe disse. —Sinto muito. Minha magia chega até mim por meio da emoção. Eu...— Respirei fundo. —Tenho mantido um controle muito rígido sobre ela desde, bem, desde que meu pai...

—Sim, eu entendo— murmurou True.

Sim.

De alguma forma, True sempre entendia.

Seus homens embainharam as espadas.

—Eu não queria piorar as coisas porque, às vezes, consigo controlar e, às vezes— levantei a mão e a deixei cair, indicando meu controle sobre as folhas, —não consigo.

—Você não precisa sentir pena de mim, querida— disse True gentilmente.

—Eu não sinto pena de você, *caro*. Sinto fúria, e não quero ofender ou mostrar desrespeito, mas ela é dirigida à sua mãe.— Como eu havia começado isso, decidi lhe dar tudo. —E seu pai.

Ouvi um 'huh' vindo de Florian e um grunhido de Wallace.

Baixei os olhos. —Mais uma vez, sinto muito, dizer essas coisas é desrespeitoso com sua rainha e seu rei.

—Eles concordam com você— disse True e eu ergui o olhar para ele. —Só cansei de ouvi-los reclamar dos meus pais, então pedi que parassem.— True aproximou seu cavalo do meu. — Meu pai, não sei o que dizer. Mas mamãe... ela tem seus defeitos, mas é leal a mim e acredito que, à sua maneira, me ama.

—Não amarei nossos filhos como ela ama você— eu o informei.

Sua bela boca se curvou. —Estou contando com isso.

—E quando eu for rainha, quando for mãe do futuro rei, não permitirei que ela ame nossos filhos como amou você— continuei.

—Finalmente, o fogo Firenz está saindo dela— declarou Luther.

—Já não era sem tempo— murmurou Wallace.

Dei uma olhada entre eles.

Eles não tinham se interessado muito por mim. Não por grosseria ou antipatia, minha impressão era de que isso se devia ao fato de eu estar de luto.

Agora que eles estavam, senti um calor maravilhoso com sua aprovação vocal.

Nesse momento, True perguntou de forma bizarra: —Ele está mais perto?

—Ele está, True— respondeu Alfie.

—E nas árvores?— True continuou.

—Sim— disse Alfie.

—Bem, olá!— Florian chamou.

Dei atenção a ele e voltei minha atenção para onde ele estava olhando para a floresta.

No instante em que fiz isso, um homem escorregou de uma árvore, descendo por um cipó robusto, no qual parou, segurando-se nele, a pelo menos dois metros do chão.

Ele tinha uma longa barba branca, um bigode comprido que se enrolava nas pontas e usava calças e botas com cadarços na frente, um manto nos ombros com o capuz sobre a cabeça, obscurecendo seus

olhos.

E ele tinha, no máximo, 60 centímetros de altura.

Outro apareceu de trás de um tronco caído e subiu nele.

Ambos nos olhavam fixamente.

Ou...

Aparentemente...

Para mim.

—Essa é a sua noiva, meu príncipe?— disse o que estava no tronco, com a voz um pouco estridente, e fiquei surpresa por ele ter falado isso sem antes nos cumprimentar e fazer uma reverência.

—É sim— respondeu True.

—Nossas desculpas, senhora— disse o que estava pendurado na videira, com a voz um pouco estridente. —Sua grande beleza está eternamente ligada a essa cara feia— e ele arqueou o corpo para se soltar, balançando a trepadeira em direção a True. —Trágico— concluiu ele.

Senti meus lábios se separarem.

True riu alto.

Senti minha boca se abrir.

Nunca o tinha ouvido rir daquele jeito.

—Ela fala?— perguntou o que estava no tronco a True.

—Ela fala quando não está congelada de espanto diante de demonstrações de insolência chocantes contra o príncipe herdeiro— respondeu True. —Estou pensando em mandar buscar o algoz real em

Birchlire e mandar açoitar vocês dois.

—Existe um algoz real?— perguntou o que estava no tronco ao que estava na videira.

—Não— disse o da videira.

—Estou recrutando— disse True a eles.

—Sou bom com um chicote— respondeu o do tronco.

Todos os homens riram, até mesmo os gnomos machos.

—Venham conhecer Farah, sua futura princesa— disse True. —Ela deseja ver As Portas.

—É bom que ela deseje isso— disse o gnomo da videira enquanto deslizava para o chão e ambos se aproximavam. —Muitas vezes dizemos sim a mulheres bonitas. Para princesas feias, não.

True deu uma risadinha.

Ele também desmontou, colocou seu magnífico cavalo (apropriadamente chamado Majestade) na retaguarda e veio até mim. Ele colocou as mãos na minha cintura e me puxou para baixo, depois segurou minha mão enquanto nos levava de volta e nos parou na frente dos pequenos.

—Farah, conheça Welbrix e Galbdor.

Ele indicou cada um com a mão enquanto dizia seus nomes. Welbrix foi o que veio de trás do tronco. Galbdor foi o que veio da árvore.

—Olá— eu disse.

—Se o casamento com esse malandro não funcionar— Galbdor apontou com o polegar para True, —terei prazer em abrir uma porta mais alta na minha árvore para que você possa passar sem bater a

cabeça.

—Minha árvore já tem uma porta alta— disse Welbrix.

Galbdor olhou para Welbrix. —Não é alta o suficiente para essa beleza escultural.

—O objetivo é fazer com que ela se curve, estúpido— respondeu Welbrix.

Comecei a rir.

Os dois homens olharam para cima e pude ver, por baixo dos capuzes, que tinham cabelos longos, o de Galbdor branco e o de Welbrix grisalho, embora, curiosamente, seus rostos não parecessem marcados pela idade.

E eles estavam sorrindo para mim.

—É verdade o que seu belo príncipe lhe disse— eu disse. —Eu ficaria muito grata se você me desse a honra de me mostrar sua casa.

—A honra seria toda nossa, princesa— respondeu Galbdor em uma reverência.

Fiquei impressionada com o título, algo a que True se referia com frequência em relação a mim, mas que ninguém jamais havia me chamado.

E foi então que percebi que isso seria real. Em um mês, eu seria uma princesa.

Eu sabia disso, mas não tinha me dado conta.

Dois meses atrás, eu vivia no exílio.

Agora, eu seria princesa. Depois, rainha.

E viveria minha vida ao lado de um belo príncipe, que se tornaria

um rei gentil e benevolente.

Minha mãe não viveu para me ouvir ser chamada de princesa. Ela não viveu para me ver passar um dia sequer como esposa ao lado de um belo príncipe.

E ela teria adorado isso para mim.

—Farah?— True chamou suavemente.

Eu olhei para ele.

—Ninguém se referiu a mim como princesa antes— sussurrei.

O sorriso carinhoso dele voltou. —Eu me acostumaria com isso, querida.

Senti meu próprio sorriso terno se formando.

—Vamos ter que aguentar vocês dois se encarando, com os olhos arregalados, por toda a eternidade, ou podemos ir procurar cerveja?— perguntou Welbrix.

True olhou para Welbrix antes de olhar para Alfie. —Os cavalos?

—Nós os temos— garantiu Alfie.

Isso deve ter significado algo para todos, pois Welbrix e Galbdor imediatamente se viraram e começaram a se mover entre as folhas e os galhos caídos entre as árvores e, com um puxão da minha mão, True e eu o seguimos.

—Cuidado onde pisa— murmurou True.

Em Firenze, eu sempre andava descalço e só usava sandálias quando necessário.

Aqui, os calçados eram essenciais, assim como as roupas mais quentes.

Por isso, Mars tinha mandado confeccionar um extenso guarda-roupa para mim e, naquele dia, eu estava usando um vestido feito do mais profundo veludo verde com uma saia na parte de trás feita de tafetá verde rígido bordado em ouro. Ele tinha um decote quadrado que mostrava a fenda dos meus seios (mas por pouco) e era debruado por uma fina fita de renda dourada. E a saia era mantida no lugar por um cruzamento de fitas de cetim verde-sálvia que começavam abaixo dos meus seios e desciam até a cintura.

Meus pés estavam calçados com chinelos, algo que True desaprovava, afirmando que eu precisava de botas, especialmente ao cavalgar.

No entanto, como poucas pessoas usavam botas em Firenze, isso não foi pensado (na verdade, eu estava grata a Mars por ter considerado minha necessidade de um guarda-roupa mais quente, pois isso não teria passado pela minha cabeça) e, quando foi, já era tarde demais.

True compartilhou que, em nossas andanças, passaríamos por um vilarejo que tinha o melhor sapateiro de toda Wodell e encomendaríamos vários pares enquanto estivéssemos lá.

Ainda não tínhamos ido a esse vilarejo.

Portanto, agora eu usava chinelos de cetim sálvia com bordados dourados nas bordas e solas de camurça flexível, mas grossa.

Embora eu tivesse descoberto que as solas protegiam bem contra umidade, sujeira, galhos e até pedras, os chinelos não eram quentes.

E definitivamente não eram o calçado ideal para atravessar o chão de uma floresta.

True, como era de seu feitio, segurou firme em minha mão e caminhou lentamente ao meu lado com muita paciência.

Welbrix e Galbdor não tiveram a mesma paciência.

—Você deveria carregá-la nas costas— sugeriu Welbrix de forma rabugenta a True.

—Eu a ajudarei a subir nas videiras, minha princesa— ofereceu Galbdor.

—Eu gostaria de aprender a subir nas videiras— eu disse a Galbdor.

Seu rosto se iluminou.

—Você não está se balançando nas videiras— rosnou True.

Eu gostava do meu True. Isso se devia ao fato de ele ser simpático. De bom coração. Atencioso. Solícito. Cavalheiresco.

Mas é preciso dizer que eu gostava que ele tivesse essa parte nele - a parte viril, decidida e masculina.

Eu me arrepiava toda vez que ele se manifestava.

—Sensível, sensível— murmurou Welbrix.

Ouvi os homens se aproximarem atrás de nós, sinalizando que os cavalos estavam seguros.

E, um pouco mais tarde, dei um pulo quando percebi um movimento incomum na periferia da minha visão.

Outro gnomo estava se balançando de cipó em cipó.

Ele pousou em um galho, olhou para nós com as mãos nos quadris, com a capa estendida nos cotovelos, antes de inclinar a cabeça para trás, colocar a mão na boca e gritar: —Temos o True!

Não houve nada por vários passos.

E então a floresta inteira ganhou vida.

Videiras balançando. Galhos se agitando. Folhas farfalhando.

Gnomos se aproximando de todos os lados.

E foi então que testemunhei o que Silence me disse que veria.

Tínhamos sido tratados com deferência por todos que encontramos em nossa jornada até agora.

E, além de eu achar que a guarda de True era bem pequena para o seu porte (mas nunca me senti preocupada com o fato de estarmos em perigo devido à maneira como True interagia com as pessoas e como elas reagiam a ele), eu não tinha visto isso.

Welbrix e Galbdor poderiam provocar seu príncipe e, além disso, flertar com sua mulher.

Mas os outros, ao que parece, nem perceberam que eu estava lá.

Quando dois ou três chegaram até ele, True foi afastado de mim por gnomos que o apertavam, tocavam-no, apertavam suas mãos e o arrastavam, e muitos outros se juntaram a eles.

Ele sorriu para eles, cumprimentou muitos pelo nome, apertou as mãos e muitas vezes olhou para mim, só parando de fazer isso quando viu Alfie e Wallace se posicionarem ao meu lado, segurando minhas mãos e continuando a me ajudar a atravessar as folhas úmidas aos meus pés.

Na verdade, eu estava tão fascinada ao ver True com seu povo, a maneira como eles o cumprimentavam, conversavam com ele, recebendo-o em seu lugar como se ele fosse um filho querido voltando de uma longa aventura e sentissem sua falta, que não percebi que tínhamos entrado nas Portas.

Mas quando percebi, parei e fiquei olhando ao meu redor com admiração.

As árvores aqui eram muito mais robustas e muito mais altas do que em qualquer outro lugar.

E soube então que ainda não havia encontrado a magia de Wodell.

Essa era a magia de Wodell.

A luz do sol incidia, parecendo difusa, suavizada, e eu não sabia como.

E havia portas.

Portas por toda parte.

Algumas pareciam escondidas, como as bocas das cavernas, em um emaranhado de trepadeiras.

Algumas eram majestosas, com grandes degraus esculpidos na extensão de grandes raízes na base das árvores, conduzindo-o a elegantes portas duplas no tronco.

Outros tinham degraus simples que levavam a portas de madeira extraordinárias com dobradiças de ferro curvas.

E outras ainda tinham degraus rasos de pedra talhada que o tempo cobriu de musgo e polvilhou com terra e folhas que levavam à porta na árvore.

Uma delas tinha uma porta larga de madeira cravejada, uma lanterna ao lado e uma janela que se projetava da árvore acima dela com vidros de diamante.

De fato, havia muitas lanternas de ferro acesas contra a escuridão do chão da floresta que não recebia raios de sol. Essas lanternas estavam penduradas em uma teia de caminhos entre as árvores, mas talvez tivessem apenas um metro e meio de altura (por isso, tomei nota para acompanhá-las enquanto caminhava, pois não queria esbarrar em nenhuma delas).

A terra era um emaranhado de grandes raízes expostas, além de terra, grama e folhas de outono caídas.

E a terra não era plana, mas tinha ondulações suaves e ondulantes que, no final, subiam relativamente alto, de modo que tudo o que se podia ver eram as casas construídas na natureza, iluminadas pela luz do sol e pontilhadas de lanternas, cortadas por caminhos de terra.

Eu absorvi tudo, girando lentamente para fazê-lo, Alfie e Wallace se afastando para me dar uma visão desimpedida.

E quando terminei, sussurrei: —É simplesmente magnífico.

Procurei True com meus olhos, apenas para encontrá-lo novamente sorrindo para mim (pois parecia que essa era uma das coisas que True mais gostava de fazer).

—Eu nunca vi nada tão bonito, True— eu disse a ele onde ele estava a uns quinze metros de distância, portanto, tive que elevar minha voz. —E já vi o sol nascer sobre o Lago do Fogo. Achei que nunca veria algo tão bonito quanto isso. Mas isso...— Estendi minha mão. —Nada é mais maravilhoso do que isso.

Quando parei de falar, levei alguns momentos para perceber que havia um silêncio na floresta.

E quando percebi isso, novamente me dei conta de que True e eu não estávamos sozinhos.

Senti um puxão em minhas saias e olhei para baixo para ver Galbdor.

—Vocês precisam de cerveja— disse ele.

E um grito de alegria soou. Não era grande, mas era alegre, e foi então que me vi envolvido em um mar de gnomos.

Quase passei por True, mas ele me pegou nos braços e me

segurou, dando-me aquele lindo sorriso em seu belo rosto, mas, dessa vez, bem de perto.

Entretanto, algo mais estava lá também.

Senti meu fôlego prender com esse algo mais.

Pouco antes de sentir minha barriga mergulhar quando ele inclinou a cabeça e pressionou os lábios com força contra os meus.

Outro aplauso soou, mas esse foi alto, e True soltou meus lábios.

—Fico feliz que você tenha gostado, querida— ele sussurrou.

Ainda sentindo seus lábios contra os meus, sentindo o cheiro de almíscar dele misturado com o da floresta, um cheiro que era a combinação perfeita e realmente a coisa mais linda que eu já havia cheirado, eu não podia fazer nada além de olhar para ele.

Mas então nossas roupas foram puxadas de uma forma que não podia ser ignorada (infelizmente).

Portanto, True me soltou, mas colocou o braço em volta dos meus ombros, o que significou que tive o prazer de enrolar o meu em sua cintura e, com uma escolta de gnomos, ele nos levou para dentro das Portas.



—É difícil não se preocupar com isso, True— disse Baldrick.

Baldrick era um gnomo que eu havia conhecido anteriormente e foi apresentado como o Grand Fell, o líder dos gnomos das Portas.

Ele também tinha cabelos brancos, mas seu rosto era cheio de rugas, anunciando sua idade. E tinha uma barriga grande, algo que a maioria dos outros, homens e mulheres, não tinha.

Eles eram pequenos, mas estavam em forma.

E eu havia notado que a idade não influenciava a cor do cabelo. Havia alguns gnomos com cabelos castanhos, mas a maioria tinha cabelos em tons de cinza ou branco.

Estávamos sentados em um banco feito de brotos e caules artisticamente trançados e arqueados, alguns deles ainda com folhas verdes (pois o banco cresceu da terra).

Também estávamos cercados por gnomos que estavam sentados em lajes de pedra fincadas no solo ou em banquinhos de três pernas, almofadas ou tapetes que eles haviam trazido, todos fincados nas raízes, folhas e grama.

True e eu tínhamos canecas de cerveja (praticamente todos tinham canecas de cerveja nas mãos, embora True tivesse colocado a sua de lado no braço do banco para poder segurar minha mão). Elas eram menores do que as encontradas nos pubs desta terra, mas não eram tão pequenas assim (os gnomos, eu aprendi, gostam de cerveja).

Eu havia investigado um pouco do que havia por trás das Portas (o máximo que pude, pois as portas eram pequenas, os tetos eram baixos, mas fui convidada a entrar em algumas casas). Era pitoresco, interessante, acolhedor e atraente.

Mas nada rivalizava com o que havia do lado de fora.

Agora estávamos acomodados em uma das únicas áreas que pareciam ter sido projetadas para não gnomos (o que significava que os homens de True estavam sentados em tapetes no chão com suas canecas de cerveja) e visitando.

—Eu não disse que você não deveria se preocupar, Baldrick— respondeu True pacificamente. —Simplesmente lhe disse para não ficar muito alarmado e lhe pedi que conduzisse seu povo para esse mesmo lugar. Todas as nações estão cientes, e todas estão se

movimentando para fazer algo a respeito.

Estávamos falando sobre os terremotos.

True não havia compartilhado que eles anunciavam o retorno da Besta, algo que eu sabia que todos os soberanos desejavam manter em segredo por medo do pânico em massa e do que poderia resultar disso.

No entanto, de forma incomum, essa parecia ser a única coisa que True não estava compartilhando.

—Então os terremotos vêm da magia— deduziu Baldrick.

—O Grande Coven nos garantiu que esse é o caso— disse True a ele.

Ao mencionar esse clã, Baldrick observou: —Há rumores de que Ophelia não está bem.

True estava com o braço sobre o encosto do banco, mas, na ponta, ele estava curvado em volta do meu ombro.

Depois daquele beijo, decidi apoiar minha mão em sua coxa.

A princípio, foi um erro, pois o que estava sob minha mão era duro como aço e, portanto, afetava demais.

Mas, naquele momento, True colocou sua caneca de lado, enrolou os dedos de sua mão livre ao redor da minha e a segurou ali, de modo que não me afastei.

E, diante do comentário de Baldrick, girei a minha mão para poder enrolar meus dedos nos dele e apertá-los.

—Eu não sei— True se esquivou.

—Você acabou de estar com ela— apontou Baldrick.

—Você conhece a Ophelia— respondeu True. —Se ela estiver, ela

não vai dizer. E você sabe que Serena, se você mencionasse algo do tipo, ela cortaria sua garganta. Você também conhece Elena, se a mãe dela estiver doente, ela estaria fazendo algo a respeito.

—Com Elena ligada a Airen, se algo acontecer a Ophelia...— começou Baldrick.

—Muitas mudanças estão acontecendo em Tritão, Baldrick. Fizemos tratados pacíficos com Firenze e Mar-el que abrirão um grande comércio para o povo de Wodell. E Gallienus acha que é hora de seu filho ter mais responsabilidade. Cassius tem sensibilidades muito diferentes das de seu pai, e isso significa que boas mudanças também acontecerão em Airen.

—Essa é uma notícia promissora, True. Principalmente as alianças que estão se formando entre Wodell e Firenze— comentou Baldrick, olhando brevemente para mim com um aceno igualmente breve antes de se voltar para True. —Mas um Nadirii liderado por Serena não seria bem-vindo em nenhuma terra.

—Ophelia não é cega para as falhas de sua filha, Baldrick.

—Ela também não tem idade suficiente para deixar esta terra, mas se ela estiver doente...— Ele balançou a cabeça. —Mesmo uma bruxa tão poderosa como Ophelia não tem poder sobre tudo. E ela não pode ver tudo, inclusive o futuro. Qualquer coisa pode acontecer a qualquer um, a qualquer momento. A única esperança era que Elena fosse anunciada como sucessora, mas agora ela será a rainha de Airen, entre todos os lugares.

—Eu tenho um bom relacionamento com Ophelia. O mesmo acontece com Elena. E, na verdade, sou um dos poucos que têm esse tipo de relacionamento com Serena— disse True.

—Você ainda não é o governante de nossa terra, meu príncipe— retrucou Baldrick. —O que nos leva a Carrington.

Eu me enrijei ao mencionar o conselheiro do rei Wilmer, que não tinha em mente os melhores interesses de Wodell, nem de seu rei. Na verdade, não se sabia quais eram seus interesses, só que não eram bons.

True apertou minha mão de forma tranquilizadora.

—Você fala de tratados, mas há rumores em Wodell de mais campanhas— concluiu Baldrick.

—Isso não vai acontecer— disse True a ele de forma inflexível.

A expressão de Baldrick ficou mais gentil. —Eu quero acreditar em você, True, mas seu povo tem vivido sob o comando de um rei caprichoso há algum tempo.

—Isso não acontecerá, Baldrick— repetiu True, e dessa vez com firmeza.

Baldrick ficou em silêncio.

Eu também fiquei em silêncio, meio preocupada com o assunto, meio maravilhada com a franqueza com que True discutia tais assuntos com seus súditos.

É claro que este era o Grand Fell dos Gnomos das Portas. Mas o eleitorado de Baldrick provavelmente contava com cerca de cento e cinquenta, talvez duzentos gnomos.

E muitos deles haviam se reunido e estavam ouvindo também.

Mas True tratava Baldrick e, por sua vez, os outros, como se fossem iguais, merecedores de todas as informações que eram seguras para serem compartilhadas diretamente dos lábios do príncipe herdeiro.

Não apenas compartilhando-as.

Mas discutindo-as com eles.

— Silence encantou o rei de Firenze— disse True em voz baixa. — Ele já se importa profundamente com ela e demonstra isso abertamente. Sua futura rainha será de Firenze. Nossos laços com Firenze agora são inquebráveis. Portanto, posso lhe garantir, Baldrick, que não haverá campanhas futuras. Eu seria chamado para liderá-las, mas não o farei. E como não o farei, qualquer outro que seja chamado para fazê-lo em meu lugar se recusará.

—Rebelião?— Baldrick perguntou com surpresa.

—Sabedoria— respondeu True.

Demorou um pouco, mas Baldrick sorriu.

O sorriso diminuiu quando ele observou: —Carrington ainda é um problema.

E isso também foi uma maravilha, pois Baldrick sabia muito, além do que poderia aprender com fofocas, proclamações ou arautos.

Isso significava que ou ele fazia questão de saber, independentemente de residir em um bosque na região sul da Grande Floresta de Thicket, ou alguém, provavelmente True, ou agentes de True, mantinha certos personagens informados sobre assuntos que ele considerava importante que fossem informados.

Tive a sensação de que era a última opção.

—Isso não é desconhecido para as pessoas que precisam saber— garantiu True. —Esse é um fato em que você pode confiar, caro amigo.

Baldrick assentiu com a cabeça, aparentemente satisfeito com essa resposta enigmática.

Soltei o fôlego que não tinha percebido que estava prendendo e tomei um gole da minha cerveja.

A cerveja era como tudo nesta terra, terrosa, saudável e maravilhosa.

Ouvi um assobio baixo, que fez Baldrick virar a cabeça.

Ele a virou de volta para nós, com sua atenção voltada para True por um momento antes de se voltar para mim.

—Não é nossa intenção trazer à tona o que deve estar pesando em seu coração e mente, mas aproveitamos essa visita surpresa e seria nosso maior privilégio se você nos permitisse dar um presente a você, nossa princesa.

—Eu...— Eu não sabia o que dizer, então olhei para True.

Ele não parecia feliz.

—O que estaria vindo à tona, Baldrick?— ele perguntou bruscamente.

—É uma homenagem, True— respondeu Baldrick.

True relaxou e me olhou de cima a baixo.

—Você deve permitir isso, querida— ele murmurou.

—Permitir o quê?— perguntei.

Seu braço sobre mim me puxou para mais perto. —Apenas permita, Farah.

Olhei fixamente em seus olhos, mas sabia que não precisava procurar.

True não permitiria que nada me prejudicasse.

Voltei-me para Baldrick. —Seria um privilégio receber seu presente, senhor.

Ele sorriu gentilmente antes de acenar com a cabeça para outra pessoa.

Uma senhora gnomo se aproximou de mim, seu rosto também tinha linhas, seu cabelo também era branco como a neve, e eu me lembrei de que havíamos sido apresentadas, mas seu nome me escapou.

Entrei em pânico por um instante por causa dessa grosseria, mas esse sentimento se dissipou quando ela levantou a mão e, nela, vi um medalhão feito de estanho filigranado que contornava duas pequenas formas ovais de vidro.

E no vidro havia uma mistura de cinzas, areia e...

terra.

—Minha princesa— começou ela, —essa é uma tradição entre os bandos de gnomos quando alguém se perde. Não tínhamos muito de sua terra, nem tempo para criar uma homenagem adequada, mas alguns de nosso povo visitaram uma de suas praias e trouxeram um pouco de areia. E como sabemos que os Firenz usam incenso, adicionamos um pouco de pó de um cone queimado comprado de um comerciante viajante de Firenze. Por último, colocamos algumas folhas de solo daqui, com um pouco de terra, pois a filha da grande mãe que deu à luz nossa futura rainha caminhou sobre nossa terra. Então, isso nós lhe damos para que você segure perto de si...

Ela não falou mais, pois o soluço que saiu de minha garganta a fez parar.

True me virou em seus braços.

Pressionei meu rosto em seu pescoço.

—Foi um erro, True— disse Baldrick apressadamente. —Muito cedo. Nós o levaremos embora. Estamos muito...

—Não. Nãoo— eu disse com urgência e de forma rouca, tirando meu rosto do pescoço de True e me virando para eles. —Não. Por favor, não.— Estendi a mão para a fêmea que havia se encolhido. — Eu o receberei. Com alegria. E a levarei sempre comigo, com amor por minha mãe e gratidão a vocês por essa demonstração de profunda bondade para com uma estranha em sua terra.

Com um sorriso trêmulo, a mulher colocou o medalhão em minha palma.

Fechei meus dedos ao redor dele instantaneamente.

—Não temos uma corrente longa o suficiente para seu pescoço— disse ela calmamente.

—Eu lhe darei uma— respondeu True.

É claro que ele conseguiria.

Levantei meu punho cerrado em torno do copo frio até o peito, com os olhos ainda na mulher, as lágrimas correndo pelo meu rosto.

—Vou guardá-lo com carinho— sussurrei. —Obrigado.

Ela também tinha lágrimas nos olhos quando assentiu com a cabeça e se afastou.

—Espero que isso seja uma indicação— Baldrick começou gentilmente, —do quanto lamentamos quando soubemos de sua perda, Vossa Graça.

Olhei para ele e assenti com a cabeça.

True me aconchegou mais ao seu lado.

Apertei minha mão com mais força em meu peito.

—Obrigado— repeti para Baldrick.

Ele sorriu com um sorriso de profunda compaixão.

—Ela teria gostado de você e de seu povo— eu disse a ele.

—Ela teria sido bem-vinda aqui— ele respondeu.

Tentei engolir o soluço que veio com isso.

E não consegui.

True me virou de volta para seus braços.

Depois de me controlar um pouco, gaguejei em seu peito: —Eu não estou sendo muito p-p-p-princesa.

True não respondeu.

Baldrick, sim.

—Pelo que vejo, você está exibindo traços que sugerem que será a melhor princesa que esta terra já conheceu.

Eu olhei para fora do peito de True e notei que a expressão de Baldrick mostrava que ele estava falando sério.

E, como tal, isso me fez continuar chorando.



Príncipe True

As Portas, centro sul da Grande Floresta de Thicket
WODELL

—Ela é bonita.

—Sim, ela é— True murmurou para Baldrick com um sorriso que apontava para a clareira, onde Farah estava sentada com três gnomos

que se moviam ao seu redor, trabalhando para tecer flores florestais do final da estação em seu cabelo, os quatro conversando amigavelmente.

—Ela sente profundamente— continuou Baldrick.

—Isso ela faz— concordou True.

—Por você.

Ele olhou para Baldrick.

—Pensei que ela fosse dar de cara com uma árvore, de tão empenhada que estava em observá-lo com seu povo— observou Baldrick.

True havia notado o mesmo.

Ele também notou a expressão no rosto dela, como se ele fosse um ser fantástico além dos gnomos, duendes ou fadas.

Além de qualquer coisa que ela já tivesse visto.

Nunca ninguém o havia olhado daquela maneira, e ele era um príncipe, pelo amor de Deus.

Isso lhe deu a sensação mais extraordinária.

Uma sensação de um beijo forte na boca com a presença de seus homens e duzentos gnomos, o que significava que ele não poderia levar o beijo até onde ele precisava ir para fazer justiça a essa sensação.

—Não tenho palavras para dizer, True, como fiquei feliz ao ver você se mover sobre nossas raízes com aquela mulher ao seu lado— declarou Baldrick.

—Ela é magnífica, não é?— True concordou, sua atenção voltando para Farah. —Ela será uma excelente rainha.

—Ela será uma excelente esposa.

True se voltou novamente para Baldrick.

—Vou lhe dizer algo que desejo lhe dizer há muitos anos, meu príncipe— continuou Baldrick. —Com uma emenda, pois antes eu queria dizer que você deveria procurar isso. Mas agora, você o encontrou. Portanto, permita que isso aconteça. Permita que alguém, finalmente, cuide de você. Você nunca deixará de se preocupar com cada soldado, suas esposas, seus filhos. Cada pastor e chefe de ovelha de seu rebanho. Cada fada que roça a superfície dos rios Dellish com suas asas. Tudo isso é demais para suportar sem alguém no final do dia para suportar parte do peso.

—Farah já suportou peso suficiente— respondeu True.

Baldrick inclinou a cabeça bruscamente na direção de Farah. —Ela poderia erguer uma montanha no alto, e o faria, se achasse que isso facilitaria a sua passagem.

True olhou fixamente para o macho.

—Não a subestime, True— advertiu Baldrick. —Brix e Gal me disseram que seguiram você por algum tempo e testemunharam a beleza da magia dela. Eles também me contaram por que ela surgiu. Isso significa que ela compartilha muitas características com você, meu príncipe. Ela se sente mais feliz quando vê que aqueles que ama estão felizes. Ela é mais poderosa quando está protegendo seus entes queridos de algo que possa causar danos. Pare de tratá-la como a substância que mantém a areia de sua terra e a poeira da nossa em sua homenagem. Ela não é feita de vidro. Ela é muito menos frágil do que você pensa. E você lhe presta um desserviço ao lhe dar muito e não permitir que ela retribua. Permita que ela retribua, True. Deixe que ela o faça feliz.

Novamente, o olhar de True se voltou para Farah.

Ela estava agora, além de ter o cabelo arrumado, brincando de bate-bate com uma garotinha gnomo.

True sentiu um calor em seu estômago.

Ele pensou no voo das folhas ao redor deles, como elas se erguiam e pairavam, como se estivessem esperando por um comando, e se perguntou se ela realmente conseguiria erguer uma montanha.

E então ele pensou no motivo pelo qual elas se ergueriam.

Ele nunca deu muita importância à sua vida, como a viveu, quem esteve ao seu redor quando ele viveu e como o trataram.

A vida era dele, tinha sido vivida como tinha sido vivida, e não havia como mudar isso agora.

Ele sempre esperou ansiosamente por seu futuro. Algo que, eventualmente, ele esperava controlar.

Algo que ele esperava preencher com paz e bondade.

Algo que não estava ao alcance de suas mãos.

Ele já o possuía.

Era dormir ao seu lado todas as noites.

E, naquele momento, brincando de 'bate-bate' com uma criança.

—Ah, sim, estou muito feliz por você, True— Baldrick murmurou.

—Carrington planeja subverter os tratados, tentando reivindicar a fronteira norte de Firenze e avançar para o sul quando a comitiva real for para Airen— anunciou True abruptamente

Ele e Baldrick estavam agora sozinhos, os outros estavam cuidando de seus afazeres.

No entanto, seus homens estavam a postos a uma certa distância, dizendo-lhe sem palavras que era hora de ir.

E era mesmo.

O dia estava ficando escuro e eles tinham dez milhas a percorrer antes de chegarem à aldeia onde pretendiam passar a noite. Eles tinham uma barraca, e ela poderia ter se aquecido para o último período antes que as profundezas do outono e o frio cortante do inverno chegassem, mas as noites eram frias, e ele não queria Farah longe de uma fogueira.

Portanto, era hora de terminar de instruir seu amigo para que pudessem seguir em frente.

—Isso não me surpreende— disse Baldrick em um suspiro.

True se virou para ele. —Os assuntos estão sob controle.

—Isso finalmente será feito?— perguntou Baldrick.

—As proclamações não foram anunciadas, mas serão, logo após o retorno de Cassius para a Baía do Céu. Ele está assumindo o governo como regente.

Os olhos de Baldrick se arregalaram.

—Existe a preocupação de que haja uma revolta. Os outros reinos se aliarão a Cassius se isso acontecer, e Carrington pensa em se infiltrar e encontrar a vitória quando os outros estiverem com a atenção voltada para Airen— continuou True.

—Pelos deuses— sussurrou Baldrick.

—Embora o Rei Mars tenha enviado tropas para suas fronteiras a nordeste, e sua presença será conhecida no instante em que Cassius fizer suas proclamações, libertando suas mulheres da opressão, Mars também enviou tropas para suas fronteiras a noroeste. Carrington não

sabe disso por último. No entanto, isso é apenas uma precaução. Ele não precisará delas.

—Sinto grande alegria pelas mulheres de Airen. Já não era sem tempo e foi há cerca de trezentos anos. Também sinto muita raiva da avareza de nosso conselheiro real— declarou Baldrick.

Ele não era o único.

—Espero que você guarde isso para si mesmo— disse True a ele.

—Nem é preciso dizer— respondeu Baldrick.

—Farei o mesmo se for necessário, Baldrick. Cassius está farto de ter metade de seus súditos vivendo sob tirania. Eu não quero mais que todos os meus vivam sob capricho.

Com isso, o rosto de Baldrick ficou firme e decidido.

—Precisa de alguma coisa de nós?— perguntou Baldrick.

—Nada que não seja provavelmente perigoso— respondeu True.

—Não me ofenda— advertiu Baldrick.

—Vim mostrar As Portas para minha pretendida, apresentá-la ao seu bando. Não é por isso que estou aqui, amigo.

—Acredito em você, True, mas somos Dellish e somos leais à coroa, aquela que você usa. Então, vou repetir: precisa de algo de nós?

—Welbrix e Galbdor ainda são hábeis em ver as coisas mesmo quando elas não são vistas?

—Os melhores de todos os bandos de gnomos.

—Meus homens notaram que eles estão nos seguindo.

—Se isso for verdade, é apenas porque eles não se importaram

com o que você fez.

True assentiu com a cabeça. —Eu tenho olhos e ouvidos em Notting Thicket, mas Brix e Gal podem ver coisas, ouvir coisas e nos acompanhar de uma forma que outros não conseguem. Isso seria útil e, neste momento das relações, poderia até ser crucial.

Dessa vez, Baldrick acenou com a cabeça. —Está feito. Eles partirão pela manhã.

—Você tem minha gratidão.

—Se é assim, convide-me para seu casamento com aquela adorável garota.

True sentiu suas sobrancelhas se unirem. —Você ainda não recebeu sua convocação?

Baldrick desviou o olhar. —Você sabe como sua mãe se sente em relação aos gnomos.

True sentiu um músculo pulsar em sua bochecha. —Isso será corrigido.

Baldrick voltou a fixar seus olhos. —True...

True o interrompeu. —Os outros?

Baldrick não respondeu.

—Baldrick— ele pediu.

—Há conversas, e não. Nenhum recebeu a convocação real. Ela pode ter convidado os Guardiões das Luzes⁴⁶, mas eu não sei. Ninguém fala com eles. Eles são ridículos em suas atitudes.

Essa disputa com as fadas dos Guardiões das Luzes tinha séculos de existência e True desejava que o povo encantado resolvesse o problema.

Embora ele tivesse que admitir que os Guardiões dificultavam as coisas por serem pretensiosos.

Ele teria uma conversa com eles quando ele e Farah chegassem às Luzes.

Por enquanto, ele tinha que se concentrar em não se irritar com o fato de sua mãe aparentemente não ter convidado representantes de bandos de gnomos, clãs de duendes, famílias de fadas ou qualquer outra fada com quem Baldrick estivesse falando (pois todas as fadas tendiam à arrogância e, por causa disso, muitas vezes surgiam rixas, principalmente com os gnomos).

—Vocês estão convidados e, no dia seguinte, enviarei um pássaro para Thicket para exigir que as providências sejam tomadas para tornar isso oficial— declarou True. —Wodell estará representado em meu casamento, Baldrick, por inteiro.

Baldrick manteve o olhar fixo e baixou o queixo.

True sentiu a aproximação e voltou sua atenção para lá, vendo Farah, com seus cabelos negros brilhantes trançados e enrolados em flores de gengibre, ouro e ferrugem, indo até eles.

—Infelizmente, está na hora de irmos embora— murmurou True, levantando-se do banco.

—Fique mais tempo da próxima vez, True, e não se esqueça de trazê-la— convidou Baldrick.

Ele olhou para o gnomos. —Se pudermos, nós a traremos.

Baldrick ergueu o queixo.

Farah chegou até eles com um sorriso no rosto de Baldrick.

Ela o transferiu para True e virou a cabeça de um lado para o outro.

—É tão bonito quanto parecia quando eles fizeram isso?— ela perguntou.

Tudo nela era impressionante.

—Sim— ele respondeu.

O sorriso dela se iluminou.

—Precisamos ir embora, meu doce— ele lhe disse.

Seu rosto se abateu.

Ele odiava levá-la embora, pois ela não escondia que sentia paz e conforto aqui, algo que ele esperava que ela encontrasse.

Mas havia mais Wodell para lhe mostrar e não havia muito tempo para isso.

Sem mencionar que os gnomos das Portas não tinham camas longas o suficiente para eles.

—A noite chega. Você precisa de uma refeição quente e de uma cama macia— continuou ele.

—Tudo bem, True— ela concordou em silêncio e olhou para Baldrick antes de se curvar para ele e oferecer a mão. —Foi um prazer. Obrigada por me receber.

Ele pegou a mão dela com as duas, virou-a com a palma para baixo e deu um tapinha nas costas. —O prazer foi nosso, de fato.

Farah se endireitou do Grand Fell e True se curvou para ele. —Até nos encontrarmos novamente.

—Sim, True, se esse tempo for curto— respondeu Baldrick.

Eles se cumprimentaram e, depois que True se endireitou, ele colocou a mão de Farah na dobra de seu braço, guiando-a para onde

seus homens estavam esperando.

Ela foi, acenando, sorrindo e se despedindo.

True fez o mesmo.

Eles não sabiam que todos ao redor os observavam com felicidade e esperança, pois a única coisa melhor do que governantes benevolentes era o amor nascente.

Sem mencionar que o Príncipe True e sua dama Farah formavam um casal excepcionalmente impressionante.

Eles estavam longe das Portas e Farah havia levantado as saias, mas, mesmo abraçada a ele, ela observava onde os pés dela caíam enquanto eles atravessavam a floresta de volta aos cavalos.

—Podemos ir lá novamente um dia, True?— ela pediu.

—Com certeza— ele concedeu.

Ela lhe lançou um sorriso luminoso.

Ela poderia erguer uma montanha e o faria, se achasse que isso facilitaria a sua passagem.

Esse era seu dever.

Mas ele não podia negar que sentia um calor no fundo do peito ao pensar que ela poderia sentir o mesmo.

—Obrigada por me levar lá, foi ainda melhor do que você descreveu— disse ela.

Ele levantou a mão dela do cotovelo, curvou-se e beijou os nós dos dedos antes de colocá-la de volta no lugar onde estava, enquanto mantinha o passo lento, mas firme, em direção às montarias.

Quando ele voltou a olhar para frente, Farah encostou a cabeça

em seu ombro.

—E obrigada pelo dia mais lindo que tive em muito tempo—
continuou ela, suavemente.

Com isso, True virou a cabeça para beijar o cabelo dela.

Ele ouviu o leve suspiro dela.

Não estava segurando uma montanha alta para que ela passasse
por baixo.

Mas ela estava feliz.

O que significa que ele também estava.



Baldrick, Grande Fell dos Gnomos das Portas

As Portas, centro sul da Grande Floresta de Thicket
WODELL

—Espere uma convocação. De True.

Glenda, a Imperatriz das Fadas, assentiu com a cabeça, sem
parecer surpresa.

Como ela não ficaria.

Todas elas suspeitavam que, quando True voltasse, se ele soubesse
que elas não tinham sido incluídas nas núpcias reais, isso aconteceria.

—Ela é tão maravilhosa quanto dizem as histórias?— perguntou
ela.

—Melhor.

Suas pequenas sobranceiras de fada se ergueram nas marcas rosadas de sua testa. —Melhor?

—O amor deles moverá montanhas.

—E derrotará a Besta?— Glenda perguntou.

Baldrick segurou os olhos dela. —Eu sentia medo, Vossa Graça. Agora só tenho esperança.

—Então ela é mais do que maravilhosa.

—Ainda precisamos estar prontos— advertiu ele.

—Como sempre, Baldrick, é claro— disse ela.

Com isso, e sem dizer mais nada, como era seu costume, ela se afastou, voltando apenas para olhá-lo à distância.

—Ela o faz feliz?— ela perguntou.

—Ele ainda não sabe disso, mas ela é o mundo dele.

—Já era hora de ele ter um— respondeu ela.

Em seguida, ela deu uma volta no ar em um rastro de poeira de fada rosa caramelo e saiu de vista, com a poeira cintilante flutuando na terra em seu rastro.

Baldrick foi até sua árvore e se acomodou nela, pronto para levantar os pés e beber mais cerveja.

E, mais tarde, quando se deitou em sua cama, dormiu tranquilamente pela primeira vez desde que sentiu o terremoto.



O Finnie

Rainha Ha-Lah

Praia ao lado do Mar de Tritão

AO LARGO DA COSTA OESTE DE FIRENZE

Mexendo neles com os dedos, puxei meus cachos, dando-lhes mais volume ao redor do rosto enquanto olhava para o espelho pendurado em um poste em Aramus e na minha tenda.

Depois dos banhos noturnos e das duchas diárias em água doce, eu estava gastando meu estoque de óleos e essências para mantê-los saudáveis, saltitantes, separados e domados, como eu gostava.

Isso significava que teríamos de encontrar um boticário em nossa jornada até Wodell para que eu pudesse misturar mais.

Embora Aramus tivesse recebido um pássaro dizendo que tínhamos muito mais tempo para chegar a Notting Thicket do que pensávamos, ainda tínhamos que partir. E logo. Tínhamos ficado mais de alguns dias parados e nos disseram que a viagem levaria pelo menos três semanas em um ritmo acelerado. Desde o início, tínhamos pouco tempo para nos demorar.

Portanto, estávamos partindo pela manhã.

Eu precisaria de muito menos óleo e essência para meu cabelo quando estivéssemos no interior.

Eu ainda precisava me misturar.

Suspirei, virei as costas e minhas saias, que tinham vários tecidos frouxos e felpudos que se moviam como algas em torno de minhas coxas, giraram em torno de minhas pernas enquanto eu fazia isso.

Peguei um pedaço curto de toalha que estava em nosso palete e fui até as abas da barraca que estavam amarradas para trás, dando-me uma visão ampla do magnífico mar. Passei pela abertura e pisei na areia.

E senti meu pé bater no chão.

Não consegui conter meu sorriso.

Xi estava caminhando em frente à nossa barraca. Ele olhou para mim e eu sorri para ele.

—Bom dia, Xi— eu disse.

—Minha rainha— ele respondeu com um sorriso de retorno e parou.

—Onde ele está?— perguntei.

—Tentando assassinar um esquadrão de soldados que ele está treinando em manobras na areia— respondeu ele, balançando a cabeça de volta para a praia.

Virei-me para aquela direção e vi talvez vinte homens fazendo coisas com Aramus diante deles, gritando.

—Cuidado— continuou Xi, e eu olhei de volta para ele. —Eles já treinaram essas manobras umas quinhentas vezes. Mas acho que nunca é demais estar preparado.

Eu realmente não deveria rir, mas estava tendo dificuldade para não fazer isso.

—Aquele cavaleiro que eu pedi para você enviar já voltou?— perguntei.

Ele balançou a cabeça, mas seus olhos castanhos estavam marejados. —Embora eu o espere para esta tarde. Eu o encontrarei assim que ele chegar.

—Eu agradeceria muito, Xi.

—Agradeceria se meu cavaleiro descobrisse que há alguma pousada remota ou uma tenda de luxo em Firenz, não me importa o que seja, exceto que o que quer que seja, está a apenas alguns quilômetros desta praia. Contanto que o Capitão possa levá-lo até lá e cuidar dos negócios antes que haja um motim. Quem diria que ficaríamos menos felizes quando vocês dois comessem a ficar felizes? No entanto, a questão é que vocês precisam ficar realmente felizes para que o resto de nós não pense em regicídio.

—Farei o meu melhor para ver se consigo fazer as coisas...— Procurei palavras. —Acalme-se mais cedo do que isso.

Ele baixou o queixo. —Eu ficaria eternamente grato, minha rainha. Assim como Nis. Tint. Bond. Ore. Nav. E cerca de quinhentos outros homens.

Comecei a rir baixinho.

Ele deu uma piscadela para mim e começou a seguir na direção em que estava indo (que, eu notaria, era para longe de seu rei) quando eu o parei.

Xi olhou novamente para mim.

—Detesto que você tenha que voltar, então talvez você possa enviar um marinheiro em seu lugar. Mas você poderia avisar ao meu marido que eu gostaria de falar com ele quando ele tiver um momento?— solicitei.

—Vou mandar o que eu menos gosto— ofereceu Xi.

Comecei a rir novamente e assenti. —Ficaria muito agradecida.

Ele fez uma leve reverência e murmurou: —Qualquer coisa pela minha rainha.

Ele então retomou seu caminho para longe do meu marido e eu o vi chamar um homem que correu até ele. Xi disse algumas palavras, o homem não parecia feliz, mas acenou com a cabeça para seu oficial superior e começou a se aproximar de seu rei.

Evitei seus olhos quando ele se aproximou de mim, apertei meus lábios para não sorrir e segui meu caminho pela areia até o mar.

Nos dias que se seguiram desde que mostrei minha magia ao meu marido, fiz muitos pedidos aos seus homens, principalmente aos seus tenentes mais próximos, e fui recompensada além dos meus sonhos mais loucos.

Eles eram bons homens e sua natureza divertida e próxima, que eu havia testemunhado nas últimas semanas, era algo que eu, finalmente, poderia desfrutar, como se eu tivesse recebido um presente precioso.

Mas eu não estava me iludindo.

A jovialidade e a atenção cortês de que eu agora desfrutava não tinham nada a ver com essas aberturas e tudo a ver com o fato de que Aramus e eu não só estávamos nos dando bem, como ele frequentemente segurava minha mão quando passeávamos na praia. Eu também me esforçava muito para fazê-lo rir sempre que podia (e conseguia com frequência). Além disso, fazíamos todas as nossas refeições juntos e, quando ele me deixava, eu tinha o hábito de pressionar meu corpo contra o dele, bem como meus lábios.

Isso fez com que, no início, Aramus ficasse mais alegre, e seus homens, muito sintonizados com ele, notaram isso.

No entanto, mais recentemente, com muitas noites passadas juntos, isso fez com que Aramus ficasse visivelmente frustrado, o que Aramus tornou perceptível ao ficar cada vez mais irritado.

Na confusão resultante (pois Aramus era bem-humorado comigo e nossa tenda ressoava com suas risadas à noite), arrisquei-me e compartilhei com Xi e Bond o que estava acontecendo (ou não, como era o caso). Além disso, compartilhei o que o rei deles queria fazer a respeito. E, por fim, como eu queria corrigir isso o mais rápido possível quando retomássemos nossa jornada.

Incluindo o planejamento futuro.

Os homens estavam todos de acordo.

Assim, o cavaleiro que Xi havia enviado para procurar um local onde meu marido e eu pudéssemos consumir nosso casamento (finalmente) e fazê-lo de uma maneira que o deixasse feliz.

Embora eu tivesse planos, naquela noite, de fazer o possível para aliviar a tensão, por assim dizer.

Quem sabia quanto tempo levaria para encontrar algo que Aramus aprovasse para o nosso 'esplendor'?

Algo tinha que ser feito.

Por ele.

Por seus homens.

E por mim.

Quando cheguei à beira das ondas, tirei a toalha para colocá-la na areia, pensando que eu provavelmente deveria parar de acariciar meu marido com intenção quando estávamos deitados à noite. Beijar seu pescoço. Seu peito. Pressionando-o. Fazendo-o gemer e se enrolar em mim para que minhas mãos pudessem passear por ele enquanto as

dele passeavam por mim. Oferecendo minha boca para sua prazerosa pilhagem.

Mas eu não conseguia me conter.

Meu rei era simplesmente delicioso.

Apoiei meu traseiro na toalha, com os joelhos junto ao peito e os braços em volta deles, e olhei para o mar, a brisa bagunçando meus cachos e balançando o material fino do meu vestido em minhas coxas.

Fiz isso sorrindo para meus pensamentos.

Esse sorriso se desvaneceu quando percebi que o mar ficaria para trás amanhã.

Não haveria mais banhos noturnos.

Mas era mais.

Eu ainda não havia contado ao meu marido que era uma sereia.

Ele sabia que eu tinha sangue de sereia, mas não conhecia a plenitude desse fato.

Quando ele estava com seus homens, fazendo coisas de capitão e coisas de rei, além de pensar em como ele era bonito, em como eu estava começando a gostar de seus tenentes, em como eu gostava da companhia de meu marido e em como parecia que eu iria gostar muito do 'esplendor' que compartilharíamos, eu pensava nisso.

Sobre a bela reação de Aramus ao saber da minha magia.

Mas ele não sabia nem a metade.

Ele fazia perguntas sobre meu pai, minha tia, minha aldeia, as coisas que eu fazia no Nautilus quando ele estava no mar, e ouvia minhas respostas com a maior atenção, como se aprender cada pedacinho da minha vida fosse tão delicioso quanto seus beijos.

E eu compartilhava com ele até os mínimos detalhes.

Mas, à medida que cada dia passava, e eu escondia isso dele, parecia que era exatamente assim.

Como se eu estivesse escondendo algo, algo importante, do meu marido.

Mantendo isso em segredo.

Não o confiando a ele.

Pois ele me dava seu riso livremente. Sua atenção com admiração. Tempo com seus homens. Histórias de seu pai. De sua mãe. De seus avós. Suas façanhas no mar. Ele fazia isso abertamente, tecendo histórias ricas que me deixariam encantada.

Mas eu estava escondendo dele a parte mais importante de mim.

Eu precisava compartilhar tudo de mim com ele.

Eu havia decidido que a melhor maneira de compartilhar era mostrar. Encontrar um barco, remar, contar a ele e mergulhar no mar, emergindo como uma sereia.

Mas estávamos partindo amanhã. Se eu fizesse isso, teria que ser hoje à noite. E eu tinha outras atividades planejadas para aquela noite.

Será que eu poderia fazer as duas coisas?

Eu *deveria* fazer as duas coisas?

Ele permitiria que eu fizesse as duas coisas (precisamente, a segunda parte) quando descobrisse quem eu realmente era? Será que ele desejaria que sua esposa, sua amante, sua rainha, a mãe de seus filhos fosse uma sereia?

Ou será que ele me acharia algo fantástico e abominável por causa

disso?

Ele já havia mencionado sereias antes e me disse que, se eu fosse uma delas, ele protegeria esse conhecimento e a mim. Como ele disse que faria com minha magia.

Mas falar sobre isso quando ele não achava que era o caso, e ser o caso, eram duas coisas diferentes.

Minha mãe, meu pai, minha tia, minha avó e todo o nosso povo mantinham essa verdade sobre nós mesmos como o maior dos segredos. Ninguém ao nosso redor sabia quem éramos, o que éramos.

Nós tínhamos aprendido.

Mas agora, será que eu poderia confiar em meu marido?

Um marido que também era o rei dos mares?

Comecei a me levantar quando ouvi um baque na areia ao meu lado.

Olhei para aquele lado e vi as botas de Aramus ali. Suas meias pousaram sobre elas antes que eu inclinasse a cabeça para trás e torcesse o pescoço, pois ele estava se movendo atrás de mim.

Ele se acomodou ali, com as pernas longas e musculosas dobradas de cada lado de mim, os calcanhares na areia em frente à toalha, os braços me envolvendo para me puxar de volta para o seu corpo.

Assim, eu me acomodei nele, virando-me de frente para o mar e descansando minha cabeça em seu ombro.

—Você vai sentir falta disso— disse ele em meu ouvido.

Ele estava falando do mar.

—Sim— respondi.

—Notting Thicket fica bem no interior. Mas a Baía do Céu não fica. Iremos para lá imediatamente, assim que True e Farah se casarem — ele prometeu.

Dei um pequeno sorriso para as ondas antes de mudar de assunto.

—Você está sendo muito duro com seus homens.

—Eles precisam se manter alertas. Se essa Besta sangrenta aparecer, será a coisa mais poderosa contra a qual já lutaram. Nesse meio tempo, o que quer que aconteça no reino de Cassius provavelmente não será bonito. É importante que eles estejam preparados.

Eu nunca tinha estado na Baía do Céu.

Ouvi dizer que as praias de Airen eram negras.

Mas, pelo que eu sabia a respeito da Baía do Céu, era tudo rocha.

Eles não poderiam ser treinados na praia.

Eu me virei para captar seu olhar.

—Não sei nada sobre soldados, mas minha impressão é que isso não é um treinamento normal.

Suas sobrancelhas se franziram. —Meus homens estão reclamando?

—Não— menti um pouco.

—É melhor que não— ele murmurou, sua atenção se desviando para as ondas.

Eu me enrosquei ainda mais em seus braços e coloquei minha mão em seu peito.

—Marido— eu disse.

Seus olhos se voltaram para mim. —Esposa.

Eu sorri para ele porque gostava de ser isso... para ele.

Embora eu não fosse isso, ainda não, não totalmente.

Estava na hora de continuar com isso.

A parte do 'totalmente'.

Assim, hesitante, comecei: —Acho que esta noite deveríamos pedir aos homens que têm barracas mais próximas de nós que as afastem um pouco para que...

—Não— negou Aramus, antes mesmo que eu conseguisse expressar completamente minha sugestão.

—Mas...

—Não, Ha-Lah. Partiremos amanhã. Tenho certeza de que haverá algum povoado ou vila ou algo assim pelo caminho que se mostrará adequado às nossas necessidades.

—Mas nós podemos...

—Não.

—O que quero dizer é que, se não formos adiante com tudo isso...

—Minha rainha— ele me apertou, —*não*.

Senti meu rosto se contrair. —Você não está nem ouvindo.

—O que você diz vai me deixar com tesão?

Fiz uma pausa para pensar nisso.

—Certo— ele murmurou.

—Aramus!— Eu gritei, também dando um tapa de leve no peito

dele.

—Ha-Lah— ele respondeu.

Eu insisti: —Eu poderia apenas... com a minha boca. E então você poderia, er... com a boca. Ou com os dedos. Ou, digamos... os *dois*.

Ele inclinou a cabeça para trás e disse para os céus. —Ela quer me matar. Na verdade, ela quer. Minha esposa deseja minha morte.

Eu me virei totalmente em seus braços, de modo que fiquei sentada em um quadril entre suas coxas e, assim, pude pressionar as duas mãos em seu peito, com força.

—Marido, precisamos aliviar a tensão.

Ele olhou novamente para mim. —E vamos fazer isso... *corretamente*.

—Eu não sei. Não tenho muita experiência. Os deslizos da juventude. Mas tenho relativa certeza de que posso sugar seu pênis... adequadamente— afirmei, enquanto ele me olhava com cara feia. — Com um pouco de supervisão— terminei com um murmúrio.

—Podemos fazer um pacto?

—Um pacto?— perguntei com cautela.

—Um pacto— ele afirmou. —Esse pacto inclui você não mencionar sua experiência, por menor que tenha sido. E eu farei o mesmo, mesmo que a minha não possa ser interpretada de forma alguma como 'não muito'.

Considerando que o fato de ele simplesmente compartilhar que a sua *não poderia ser interpretada de forma alguma como 'não muito'* fez meu sangue esquentar, achei prudente responder: —Com certeza.

—Agora, se meus homens são tão idiotas que não conseguem lidar com os exercícios de areia de um capitão exigente sem revelar seu

descontentamento à sua rainha, eu o encontrarei na cama nesta noite, depois de encontrar alguma privacidade e cuidar das coisas.

Encostei-me a ele enquanto uma visualização muito certa consumia minha mente sobre como ele faria isso.

—Ha-Lah, pare de me encarar como se quisesse me dar uma mordida— ele grunhiu.

—Eu meio que quero— sussurrei, olhando para a boca dele.

— Durante meses, ela é um peixe frio. Quando não posso ir para a cama com ela, ela é uma torta quente. Não consigo me dar bem— ele resmungou.

Ignorei isso e perguntei: —Posso ver você cuidar das coisas?

Aramus voltou a resmungar. —Não.

Fiz beicinho.

Ele deu um beijo rápido em minha boca, se afastou alguns centímetros e declarou: —Precisamos conversar sobre muitas coisas, mas não é sobre isso.

—E o que seria?

—Esta noite, precisamos mostrar aos meus homens sua magia.

Fiquei rígida em seus braços.

Esses braços se apertaram e sua voz baixou. —Ha-Lah, você pode confiar neles.

Eu sabia disso, pois Aramus confiava neles. Eu também sabia disso, pois eles estavam me mostrando que eu podia desde o momento em que começamos nossa viagem para Firenze com seu serviço e consideração pelo meu rei.

Isso ainda me preocupava.

—É somente o mar ou todas as águas que você comanda?— perguntou ele.

—Todas as águas, embora meu poder, todas as minhas magias, Aramus, sejam mais fortes quando estou perto do mar.

Ele acenou com a cabeça.

—Água salgada— ele deduziu.

—Sim— confirmei.

—Mas você ainda comanda o fresco— ele continuou.

—Não posso chamar a chuva. Mas sim, um lago, uma lagoa, um rio ou riacho, há poder para mim.

—Portanto, se virmos um lago ou lagoa, podemos nos separar dos outros homens e você pode mostrar aos meus irmãos, quando estiver pronto.

Olhei fixamente para meu marido.

Era isso?

Eu havia endurecido, não fiz nem um protesto verbal, e ele decidiu que esperaríamos?

—Aramus...

—E agora, preciso perguntar sobre seus poderes. Senti sua magia no caminho para a Cidade do Fogo. Você fica debilitada ao usá-la quando não está perto da água, doce ou do mar?

Levei-nos de volta ao assunto anterior, dizendo suavemente: — Aramus, podemos mostrar a eles esta noite.

Ele balançou a cabeça. —Não. Você não está pronta. Faremos isso quando você estiver pronta.

—Você confia neles?— Eu perguntei.

—Sim— ele me disse. —Com minha vida. Mas mais ainda, com a sua.

Então foi decidido.

—Vamos lhes mostrar hoje à noite.

—Ha-Lah, se...

—Aramus— pressionei seu peito com as mãos, —não temos ideia do que o futuro trará. Se for necessário que eu invoque minhas magias, eles não devem se surpreender com elas. Se você confia neles, então eu confio neles e, esta noite, eles aprenderão sobre mim.

Seu rosto se suavizou e ele se inclinou para me dar outro beijo rápido.

—Se você estiver pronta, nós o faremos— disse ele quando se afastou. —Se a noite chegar e você descobrir que não está, então não faremos. É sua magia, seu dom, sua escolha, Ha-Lah.

—Obrigada, marido.

Ele balançou a cabeça novamente. —Não é nada para você expressar gratidão, minha rainha. É seu para dar e é você quem deve se sentir confortável em dar.

Em algum momento dessa jornada, eu havia conquistado o amor de meu marido. Ele não havia me dito isso, mas eu sabia.

E é preciso dizer que ele estava conquistando o meu em troca.

Muito rapidamente.

Principalmente quando ele dizia coisas como aquela.

Eu o pressionei e, dessa vez, fui eu quem encostou meus lábios nos dele.

Quando me afastei, respondi à sua pergunta anterior.

—E não. Não me debilita usar minha magia quando não estou perto da água. No entanto, ela não é tão forte quando não estou perto. E, como qualquer bruxa, quanto mais eu a uso, menos eu a tenho. Ela precisa se regenerar, e isso acontece, mas se eu não estiver perto da água, não muito rapidamente. Isso acontece mais rapidamente quando estou perto de um lago, lagoa, rio ou riacho. E ainda mais rápido quando estou perto do mar. De fato, é quase imediato e a magia é quase infatigável quando estou no mar. Seriam necessários grandes trabalhos e ações árduas para que ela diminuísse quando estou no mar.

Algo passou pelo seu rosto quando eu disse isso, fazendo parecer que ele não estava olhando para mim, mesmo quando estava.

—Aramus— eu chamei.

—Isso é muito Mer⁴⁷.

Pela Medusa.

Como ele sabia disso?

—Perdão?— Eu sussurrei.

—Os seres aquáticos. A magia deles vem do mar, então, quando estão nele, é quase inesgotável.

—Como você...— Limpei minha garganta, —sabe disso? Os seres aquáticos desapareceram há séculos.

Algo mudou em seus olhos que não pude ler antes que ele me apertasse, me endireitasse em seus braços e dissesse: —Sou o Rei de

Mar-el. Rei do Mar. Meu pai me passou muitas coisas que os outros não sabem, pois seu pai as compartilhou com ele, e o pai dele com ele, e assim por diante por milênios.

Não achei que fosse isso.

Ou nem tudo.

—Meu rei...

Eu não disse mais nada, pois algo mais mudou nele e sua cabeça se inclinou para o lado.

Foi então que eu senti.

E ouvi.

Havia uma sensação de inquietação na praia e murmúrios altos dos homens mais à frente na praia.

Ouvi um chamado.

Depois um grito.

E mais gritos.

Depois disso, eu estava de pé.

Todo o caminho para cima, nos braços de Aramus, e parecia que ele estava decidido a subir a praia correndo comigo.

Entendi o motivo. Havia uma grande sombra na praia, bloqueando o sol.

Pelo mar, o que poderia ser aquilo?

Houve ainda mais gritos e, quando Aramus começou a subir a praia correndo, Xi, Nav e Bond apareceram de repente, cercando-nos, todos com seus sabres desembainhados.

—Levem os bounden⁴⁸ para debaixo das árvores!— Aramus gritou, e eu olhei para onde ele havia dado essa ordem e vi Nis virar a bota na areia e voltar correndo para a praia.

Estávamos quase chegando à nossa barraca quando ouvi o que veio a seguir.

Aramus também ouviu, mas fez a coisa mais estranha.

E a mais louca.

Ele parou.

—Aramus!— Eu gritei. —Coloque-me no chão! Precisamos correr!

Do que, eu não sabia.

Eu só sabia que tínhamos que fugir daquele som.

Eu me contorci em seus braços e ele soltou minhas pernas, mas não me soltou.

Ele me segurou junto ao seu corpo com um braço.

—Aramus!— Lutei contra seu aperto, com o terror me dominando. —Precisamos correr!— Eu gritei.

Ele estava olhando para os céus.

Tentei puxá-lo comigo, mas percebi que seus homens ao nosso redor também estavam olhando para os céus.

E todos eles estavam sorrindo.

Os outros, que não eram seus irmãos mais próximos, não estavam sorrindo. Havia uma boa quantidade de gritos, em grande parte abafados pelo barulho que vinha de cima. E eu podia sentir a atividade frenética.

O barulho estava ficando mais alto.

Mais perto.

A sombra estava quase cobrindo a praia.

O barulho estava batendo as asas.

Eu ouvia os gritos e talvez eu mesmo tenha feito o mesmo quando o primeiro apareceu no horizonte.

E depois outro.

E outro.

Mais.

Dezenas.

Pelas sereias.

Dragões.

—Aramus— sussurrei com pena, puxando-o pelo braço.

Ele olhou para mim, ainda sorrindo.

—Frey está chegando.

Parei de puxar e pisquei.

—Acalme-os— ordenou Aramus, Xi assentiu, e ele e os outros correram para a praia em direção ao que parecia ser um caos.

Como seria.

Porque...

Dragões!

Aramus não correu conosco pela praia (não que as árvores fossem ajudar, eu nunca tinha visto um dragão, mas já tinha ouvido histórias, e o fogo deles podia derreter ferro e desintegrar pedra).

Ele nos levou para baixo, em direção à água, enquanto dragões colossais e poderosos enchiam o céu, com suas asas batendo como uma cacofonia de terror. E essas asas eram tão fortes que eu podia sentir a brisa forte que descia de seu comando sobre o ar ao redor deles.

Lutei para segurar meu marido, pois estávamos indo para onde os dragões estavam indo, embora não importasse para onde eles estavam indo, pois agora eles estavam em toda parte. Eles encheram os céus, bloqueando o sol.

—Aramus!— Eu gritei.

Ele parou, me puxou para perto, envolveu-me com os braços e disse: —Querida, calma. Está tudo bem. Frey é meu amigo e Frey comanda os dragões. Ele deve ter ouvido falar sobre a Besta e vem nos ajudar... com suas próprias bestas.

Oh.

Bem, então.

Estávamos perto da água e, depois que meu marido compartilhou isso comigo e senti que eu havia entendido, ele inclinou a cabeça para trás para observar os dragões.

Eu também fiz o mesmo e, considerando que eles não iriam lançar fogo de dragão sobre nós em qualquer momento aleatório em que seus cérebros de dragão lhes dissessem que deveriam fazer isso, percebi que eles eram bestas bastante magníficas.

Eles voaram bem longe no mar, até que, como um só, fizeram uma curva graciosa, batendo as asas para trás.

Aramus e eu nos viramos com eles e, assim, tivemos a oportunidade de observar como, em formação, eles balançavam a cabeça e os ombros para trás, estendendo as pernas poderosas com aquelas garras temíveis. Em seguida, enormes jatos de areia se ergueram quando eles aterrissaram um após o outro. Assistimos a esse espetáculo e continuamos a observá-lo mesmo depois que o último dragão pousou e alguns deles se sentaram, com as patas traseiras dobradas, as garras dianteiras no chão, as línguas longas, finas e bifurcadas saindo da boca e os olhos reptilianos piscando.

Alguns até se acomodaram na areia para se deitar, com suas caudas poderosas enroladas em um flanco, suas asas com membranas erguendo-se orgulhosamente em suas costas.

—Eles são incríveis— sussurrei, pois mesmo que parecessem tranquilos, e estavam a pelo menos cem metros de distância, eu não queria irritá-los. —Você já os viu antes?

—Nunca, mas fico feliz em ver— respondeu Aramus antes de nos virar, e vimos o que eu fiquei surpresa ao ver, mas aparentemente meu marido não ficou.

Um belo galeão de quatro mastros navegando em torno de um afloramento de areia, pedra e árvores a uns quinhentos metros da praia.

Aramus deu uma risadinha.

—Ele é quase mais bonito do que o seu navio— eu disse.

Aramus parou de rir e seu braço sobre meus ombros me deu um aperto infeliz.

Eu olhei para ele. Eu disse —quase.

—Nada está remotamente perto da beleza do *Grito da Sereia*.

Eu torci o nariz, não porque ele não estivesse certo, seu navio era

lindo, mas porque...

Esse nome.

—Há muito tempo decidi que ela será rebatizada de *Beleza de Sua Majestade* quando voltarmos para Nautilus, isso a torna mais leal a ela?— ele perguntou.

Senti meu queixo recuar em meu pescoço em choque.

—Você está rebatizando-a?— sussurrei.

—É claro— disse ele como se minha pergunta fosse ridícula. —Sou um marinheiro com três amantes. Uma é o mar. Uma é o meu navio. A última é minha esposa. Não posso renomear os mares de Tritão, ou eu o faria, assim todos seriam um só. Mas posso rebatizar meu navio.

Oh, meu Deus.

Eu poderia chorar.

E, sim.

Ele estava merecendo o meu amor.

Aramus ficou olhando para mim.

Ele então observou: —Ha-Lah, o navio do meu pai se chamava *Sonho do Rei*, em homenagem à minha mãe. E o do meu avô se chamava *Cristal Mágico*, pois minha avó tinha olhos muito parecidos com os seus.

—Eu não sabia disso.

—Eu lhe falei sobre os olhos da minha avó algumas noites atrás.

—Quero dizer, sobre os navios.

—Bem, agora você sabe.

Agora eu sabia.

Havia um exército de dragões na praia atrás de mim. Um belo galeão anunciando uma visita surpresa de um homem aparentemente poderoso que era amigo do meu marido. Uma visita bem-vinda, considerando o que poderíamos estar enfrentando.

Mas tudo o que eu conseguia pensar era que '*A Beleza de Sua Majestade*' tinha uma sonoridade adorável.

—Vejo que isso a deixa feliz— comentou Aramus.

—É a maior honra que já me foi concedida— respondi.

Suas sobrancelhas se franziram. —Esposa, você se casou com um rei.

Eu sorri para ele enquanto me apertava em seu corpo. —*A segunda* maior honra, quero dizer.

Ele fez uma careta para mim.

Eu continuei sorrindo para ele.

—Por mais animador que muitos possam pensar ao testemunhar seu estilo de flerte— disse Ore de perto, e tanto meu marido quanto eu olhamos para ele, —isso está me deixando doente. Sem mencionar que Frey está saudando. Vamos saudar de volta? Ou talvez lhe dar um punho com o braço dobrado. Logo antes, é claro, de ele ordenar que seus dragões nos aniquilem.

Reprimi uma risada.

O punho com o braço dobrado, quando você bate a outra mão no cotovelo enquanto o faz, é bastante rude.

Embora não convidasse o fogo do dragão, na minha opinião.

—Salve-o— Aramus deu a ordem óbvia.

Ore se afastou.

Inclinei a cabeça para olhar novamente para o meu marido, dizendo: —Isso é emocionante.

—Isso é excepcional— ele respondeu. —Enviei nossos navios restantes para a Baía do Céu. Um deles tinha ido para casa para preparar nossa frota caso Cassius precisasse de nossa ajuda. Outro fez o mesmo para transportar o corpo de Cat para que ele pudesse descansar. Eu não esperava o atraso no casamento de True e Farah, portanto, quando os outros navios chegassem até nós e navegássemos até o rio Fae⁴⁹ para levá-lo até Notting Thicket, seria mais tempo do que cavalgar. Agora, podemos embarcar no Finnie e navegar com Frey, e o resto dos homens pode cavalgar pela areia e pelo calor até encontrar a umidade e o frio. Eu não estava ansioso para isso e, mais ainda, não estava ansioso para fazer você passar por isso.

E eu não estava ansiosa para fazer isso.

—Portanto, minha Ha-Lah— continuou ele, —você não precisa sair do mar.

E, novamente, sim.

Meu marido estava conquistando meu amor.

Rapidamente.

No entanto, eu tinha planos para aquela noite, ou para outra em um futuro não muito distante.

—E Frey provavelmente nos dará uma cabine— continuou Aramus. —E, embora haja homens por perto, haverá uma cama apropriada e só consigo pensar em um lugar mais adequado para fazer da minha esposa a *minha esposa*. Isso é na minha cama no *Grito*. Mas isso serve.

Diante disso, eu lhe lancei um sorriso ofuscante porque concordei.

Isso serve.

Desviei meu olhar do olhar suave que meu marido estava me dando para o navio que aparentemente se chamava *O Finnie*.

Sim, ele serviria.

Com certeza.



—Oh... meu... Deus, eu estou totalmente mandando fazer vestidos como esse para mim— proclamou a mulher de cabelos brancos cerca de dois segundos depois de descer do barco que havia sido retirado do Finnie.

Dois homens muito altos, muito fortes e muito bonitos haviam pulado nas ondas para guiar o barco até a margem, e as únicas passageiras eram duas mulheres.

Uma delas usava uma camisa muito parecida com a que meu marido costumava usar (e com a que um dos homens que estava com ela usava, embora a dele fosse marrom). Era branca, com mangas largas e sem cordões no pescoço. Na parte de baixo, ela usava calça e botas.

A outra mulher era ruiva e usava um lindo vestido pêssego com mangas curtas e cintura alta.

Não pensei muito sobre isso.

Achei estranho o palavreado da mulher de cabelos brancos.

—Eu também estou. Puxa vida. É fabuloso— disse a mulher ruiva enquanto tirava os chinelos sem pensar, arrastava as saias até as coxas

e pulava do barco atrás de sua companheira.

—Ei, eu sou Finnie— disse-me a mulher de cabelos brancos, estendendo a mão como se fosse um aperto.

Será que ela não sabia que eu era a rainha?

—E esta é a Maddie— continuou, inclinando a cabeça para o lado para indicar a ruiva.

—Hum...— murmurei.

— Esposa, esta é a rainha Ha-Lah de Mar-el— informou um dos homens grandes e robustos.

—Ah, claro, sim, o ritual real— murmurou a mulher de cabelos brancos. Ela deixou a mão cair, fez uma reverência superficial que foi divertida, considerando que ela não tinha saias, e disse: —Sou Seoafin, Princesa de Gelo de Lunwyn. E esta é Lady Madeleine, esposa de Lord Apollo— ela balançou a cabeça para o outro homem, —Chefe da Casa de Ulfr. E este é o meu marido, Frey, comandante de dragões e elfos e um cara muito gostoso que é imune à idade, o que é um pouco irritante, já que todo dia eu tenho uma nova ruga.

—Você não tem nada— disse a ruiva.

—Tenho sim, veja só— exigiu a de cabelos brancos, apontando um dedo para a testa dela.

A ruiva olhou para a testa e disse: —Não vejo nada.

—Está lá— enfatizou a de cabelos brancos.

—Não está, Finnie. Está em sua imaginação.

—Eu fico no sol o tempo todo e estamos quase sem protetor solar — disse o de cabelos brancos, depois se virou para mim. —Preciso enviar uma mensagem para a Valentine. Ela vai nos abastecer.

—Er...— murmurei.

O homem grande ao lado de Finnie se adiantou, lançando a ela um olhar que parecia parte sitiado, parte apaixonado, antes de voltar sua atenção para mim, fazer uma reverência respeitosa (mas não totalmente) e se levantar.

—Como minha esposa disse, eu sou Frey e é uma honra conhecê-la, Rainha Ha-Lah.

—De fato, é. E você, Rei Aramus— disse o outro homem, que talvez não fosse tão grande quanto Frey, mas ainda assim era grande e de cabelos escuros, assim como Frey, embora houvesse apenas um toque de prata nos cabelos de cada um. Ele fez uma reverência baixa e respeitosa e se aproximou, declarando com uma voz profunda: —Apollo Ulfr.

Assenti com a cabeça, fascinado, pois ele tinha os olhos verdes mais extraordinários.

Ainda mais verdes do que os do Príncipe True.

Os olhos de True me lembravam a floresta.

Os desse homem pareciam jade.

—Nós nos esquecemos, estamos juntos há tanto tempo— a ruiva bateu uma mão entre ela e Finnie, —é bom estar perto de alguém de casa que, nós, uh... isto é...— Ela hesitou e depois sorriu. —Estou muito honrada em conhecê-lo.

Em seguida, ela fez uma reverência semelhante à do marido, ou seja, corretamente.

Inclinei a cabeça, fascinado por essas duas mulheres de comportamento bizarro.

—Aramus— disse Frey, indo até meu marido e segurando sua

mão.

—Frey— respondeu meu marido, apertando a mão dele de volta, e então eles bateram com força nos ombros um do outro.

Eles se separaram, e Frey estendeu a mão. —Como observado, minha esposa e meus amigos.

Meu marido acenou com a cabeça para os outros e olhou de volta para Frey.

—Devo deduzir que os elfos estão conversando?— perguntou ele, inclinando a cabeça para os dragões.

O rosto de Frey ficou sério. —Fomos avisados e não demoramos a fazer nossa viagem.

—E como vocês nos encontraram?— perguntou Aramus. —Estamos longe de casa.

—Estávamos indo para o Nautilus, mas recebemos uma mensagem de uma bruxa que conhecemos. Ela guiou nosso caminho— respondeu Frey.

Fiquei imaginando que bruxa sabia de nós, mas não tive a chance de perguntar.

—É bom que você esteja aqui— disse Aramus em voz baixa.

—Fico feliz que você pense assim, pois não somos só nós. Mandei chamar Lahn e Tor— Frey o informou.

Senti uma grande surpresa.

—Dax Lahn?— perguntei. —O mais poderoso guerreiro das Terras do Sul?

—O mais poderoso guerreiro de qualquer lugar, eu diria— Apollo entrou na conversa.

—E o rei Noctorno de Hawkvale e Bellebryn— Frey observou, e sua atenção se voltou para Aramus. —Eles estão algumas semanas atrasados, mas estão chegando.

—Entendemos que precisaremos de toda a força que pudermos obter. Portanto, eles serão uma adição muito bem-vinda. Se a Besta vier à tona— disse meu marido.

—Eu havia notado que as coisas pareciam tranquilas— comentou Finnie. —Estávamos esperando um pandemônio.

—O último terremoto que tivemos foi o mais forte de todos— disse Aramus a ela.

—Acho que sim— respondeu Frey. —Na navegação, nós o sentimos como uma onda que quase não navegamos.

Aramus assentiu com a cabeça, com o rosto sombrio, e olhou para mim.

Eu me aproximei mais dele.

Se eles a sentiram como uma ondulação no mar, teria sido uma maré feroz que atingiu Mar-el.

—Não recebemos nenhum pássaro que comunicasse devastação— lembrei-o, deslizando um braço ao redor de sua cintura. —Nosso povo é corajoso. Eles resistirão.

Ele curvou o braço em volta dos meus ombros e assentiu, embora não parecesse menos sombrio com minhas garantias.

—Nada desde então, Rei Aramus, e já se passaram semanas— disse Apollo.

Meu marido deu atenção ao homem. —Não está dentro do cronograma. Não podemos saber se isso é bom ou se é ruim. Com o último terremoto, também ouvimos um rugido poderoso. Ficou claro

que, além de estar mais próximo da superfície, ele está furioso. Ele está preso sob a terra há milênios. Estamos em guarda.

—Há uma profecia...— começou Frey.

—Nós a conhecemos— disse-lhe Aramus, puxando-me ainda mais para perto. —E ela está em andamento. Mars, o rei de Firenze, casou-se com Silence, condessa de Arbor de Wodell. Dentro de aproximadamente um mês, o príncipe True de Wodell se casará com Farah de Firenze. Depois disso, iremos para Airen para que o príncipe Cassius possa se casar com a princesa Elena dos Nadirii.

Frey lançou um olhar satisfeito para Apollo. —Então o amor prevaleceu. Excelentes notícias.

—O amor prevaleceu?— Eu perguntei.

Frey olhou para mim e disse simplesmente: —A profecia.

—Sim— eu disse. —As uniões dessas nações por meio do casamento darão mais poder aos homens e mulheres que se casarem.

—Por meio do amor— Frey emendou.

—Desculpe-me, não estou entendendo— eu disse a ele.

Frey olhou para mim, para Apollo, para sua esposa e depois para Aramus.

—Você não está falando de encontros amorosos?— perguntou ele.

—Não. Casamentos arranjados, para cumprir a profecia— respondeu meu marido, mas eu podia sentir a rigidez em sua estrutura.

Os outros se mexeram desconfortavelmente enquanto olhavam uns para os outros da mesma maneira.

—O que os elfos lhe disseram?— perguntou Aramus.

Frey suspirou antes de responder: —O poder que os unidos exercerão não vem da união das nações. Ou da união da carne. Ele vem do amor.

Amor?

Inclinei minha cabeça para trás para olhar meu marido, assim como ele inclinou a dele para baixo para me olhar.

Mars e Silence, eu podia ver isso acontecendo.

Aramus e eu, isso definitivamente estava acontecendo.

Cassius e Elena e True e Farah?

—Que merda— Aramus disse meus pensamentos em voz alta.

Que merda, de fato.



—Bem, isso é adorável. Simplesmente, er, bem... adorável— eu disse enquanto entrava na cabine do capitão a bordo do *Finnie*, meu marido me seguindo.

Tínhamos feito uma refeição juntos na praia, Aramus e seus homens informando Frey e seus homens sobre todos os acontecimentos, Frey e seus homens compartilhando notícias do outro lado do Mar Verde, as mulheres ouvindo atentamente.

Meu marido então perguntou se poderíamos navegar com eles pela costa, virando para leste do Mar de Tritão ao longo da costa norte de Wodell, passando pelo Mar de Seil⁵⁰, até o Rio Fae, que nos levaria para o interior e direto para Notting Thicket.

Frey concordou imediatamente.

No entanto, Finnie e Maddie imploraram por algum tempo com os pés na terra para ter a oportunidade de relaxar, 'tomar sol' e 'talvez encontrar algo que possamos transformar em um frisbee'.

Achei essas duas mulheres muito estranhas, embora envolventes.

O que era mais estranho era que seus homens não pareciam estranhos.

Eu já havia conhecido pessoas das Terras do Norte.

Esses homens agiam assim.

As mulheres não.

Pelo menos, não exatamente.

O modo como falavam era muitas vezes muito estranho e, às vezes, diziam coisas que me deixavam perplexa.

Vi meu marido lançando olhares curiosos para eles também, mas, como eu, ele não disse nada.

Apesar de considerar que navegar até Notting Thicket levaria metade do tempo da viagem, ele concordou em adiar a partida, mas pediu: —Tempo a bordo de seu navio para minha esposa e eu.

Achei os sorrisos largos que as mulheres me deram e os sorrisos de conhecimento que os homens deram a Aramus vagamente embaraçosos. No entanto, eu estava tão atento à resposta de Frey que não dei muita atenção a esse sentimento.

—É claro— concordou Frey. —Vamos trocar a cabine pela tenda. Vocês têm acomodações para Maddie e Apollo?

—Se não tivermos, vamos conseguir— respondeu Aramus.

Fiquei instantaneamente aliviada, emocionada, extasiada.

E então fiquei petrificada.

Isso aconteceria... esta noite.

Eu me tornaria a esposa do meu marido... esta noite.

Meu marido seria meu verdadeiro marido...

Hoje à noite.

Ele tinha uma experiência que não podia ser interpretada como 'pouca'.

Eu tinha as peripécias da juventude e algumas outras peripécias que eram apenas... não muito.

Eu não era mais virgem, mas, embora tivesse sentido desejo e excitação (a maior parte disso aconteceu com o que eu havia feito com Aramus), além disso... bem...

Era só isso.

Não muito.

E se aquilo fosse sobre mim, e não sobre meu parceiro, como eu havia pensado?

E se Aramus gostasse do meu toque e dos meus beijos, mas quando as coisas se tornaram mais ardentes, ele não gostou do que eu não sabia fazer?

E se fosse eu quem estivesse se atrapalhando?

Escondi minha ansiedade o melhor que pude enquanto Finnie exigia que eu remasse de volta ao navio para pegar algumas coisas e 'deixar a cabine apresentável', o que desencadeou uma discussão acalorada que poderia facilmente ser chamada de discussão sobre como Frey remaria para ela, como Finnie era capaz de remar sozinha, obrigada, e como Frey sabia disso, mas não se importava, etc.

—Eles fazem muito isso— murmurou Maddie depois de se inclinar em minha direção. —Casados há décadas, Frey não consegue enfiar na cabeça que essa coisa de 'eu, Tarzan, você Jane' não funciona com Finnie.

—Tarzan e Jane?— perguntei.

—Você sabe, ele é todo homem alfa cuidando de sua mulher e ela é toda a favor do alfa na cama, mas o resto, nem tanto.

—Homem alfa?— Eu perguntei.

—Vocês têm lobos nesta terra?— ela perguntou.

—O continente tem, mas...— O que ela estava dizendo me chamou a atenção e eu sorri. —Alfa. Estou vendo. Inteligente.

—Meu marido comanda os lobos— ela compartilhou.

Apollo comandava os lobos?

Ela se voltou para Apollo. —Você acha que isso vai funcionar aqui, querido?

—Lamentavelmente, minha papoula, tenho a sensação de que logo veremos— ele respondeu pesadamente.

Ela se voltou novamente para mim, agora curiosamente sem se preocupar nem um pouco com o fato de seu marido ter de comandar lobos devido às nossas circunstâncias, que podem ser terríveis. —Ele pode não comandar dragões e elfos, mas ainda é um cara durão.

Durão?

Maddie estudou meu rosto e perguntou: —Você já ouviu falar de Minerva?

Eu me retraí. —A malévola deusa de Hawkvale que foi derrotada há alguns anos?

Ela sorriu. —Sim. Ela. Bem, eu e Finnie a derrotamos. Com Circe e Cora, que estão a caminho com Lahn e Tor, e um pouco mais de ajuda de amigos.

Ela sorriu. —Sim, ela. Bem, eu e Finnie a derrotamos. Com Circe e Cora, que estão a caminho com Lahn e Tor, e um pouco mais de ajuda de amigos.

Fiquei olhando para ela, de boca aberta.

—Nós também somos muito duronas— ela compartilhou.

—Vocês são bruxas?— sussurrei.

—Bem, eu não me consideraria uma bruxa. Mas se a carapuça servir...— Ela deu de ombros.

Eu tinha ouvido histórias sobre essas poderosas bruxas que haviam vencido a deusa Minerva e seu triunvirato de malfeitores.

E agora uma delas estava brigando com seu homem a um metro de mim e a outra estava tagarelando comigo.

Achei que isso deveria ser bom.

Mas elas eram tão estranhas que me preocupei que fosse ruim.

—Eu também sou bruxa— disse eu.

Ela sorriu amplamente. —Incrível!

—Se você quer remar, reme, pelo amor de Deus!— Finnie gritou, se levantou, lançou um olhar de sofrimento para Maddie e depois desceu a praia em direção ao barco.

—Nós voltaremos— murmurou Frey, levantando-se e seguindo-a muito mais lentamente.

—Tem mais suco de manga?— perguntou Maddie. —É delicioso!

Pedi a um criado que lhe trouxesse mais suco. Em seguida, pedi a outro que trocasse os lençóis e arrumasse a tenda de Aramus e a minha para Finnie e Frey e que providenciasse para que Maddie e Apollo tivessem acomodações adequadas. Por último, pedi a outro homem que fizesse uma pequena mala com coisas para mim e meu marido, para levarmos para Finnie.

Frey e Finnie voltaram, Aramus carregou a bolsa e nos levou de barco até o Finnie.

E agora estávamos lá.

Na cabine do capitão.

Depois de quase um ano de casamento.

Prontos para consumá-lo.

Tive vontade de subir correndo os degraus do convés e pular no mar.

Mas o reprimi olhando pela janela envidraçada no fundo da cabine. Aramus tinha uma como essa no *Grito da Sereia*, incluindo o banco embaixo dela, coberto de travesseiros e almofadas para relaxar.

—A Princesa Seoafin e Lady Madeleine são lindas, não são?— perguntei.

—Ha-Lah.

—Embora estranhas. Não consigo identificar o que é...

—Ha-Lah.

—Mas eles são encantadores. Apenas... peculiares. Mas não de uma forma ruim.

—Eles são de um universo paralelo.

Minha cabeça girou em direção ao meu marido.

—Perdão?

—Eles não são deste mundo. São de outro. Um mundo que tem as mesmas pessoas que o daqui, mas diferentes. Gêmeos. Todas as bruxas que derrotaram Minerva são desse outro mundo. Eu não sabia disso, mas enquanto você estava cuidando da nossa tenda, Apollo compartilhou que havia notado nossas reações e me contou.

—Eles... eles são de outro mundo?— sussurrei.

—Sim— ele confirmou com impaciência.

—Pelos mares— eu respirei.

—Eu prometi a Apollo, portanto, não podemos falar uma palavra sobre isso para ninguém. Principalmente sobre Finnie. Ela não é estritamente de sangue real. Isso colocaria toda a Casa de Wilde, que é a Casa governante de Lunwyn, em desordem, e seu filho, que assumirá o governo muito em breve, em perigo.

—Essas Casas de Lunwyn não parecem se dar muito bem— murmurei, pois já tinha ouvido algumas histórias e muitas delas não eram de contos de fadas.

—Não me importo com as Casas de Lunwynian. Eu me importo com o fato de minha esposa ter se colocado do outro lado da cabine e parecer querer me evitar quando está sozinha em um quarto comigo, além de ter pavor de mim.

Percebi então que eu havia feito exatamente isso.

Longe dele.

E longe do casulo aconchegante de uma cama que estava situada contra a parede lateral.

Uma cama em frente à qual meu marido estava.

Respirei fundo e encontrei seu olhar.

Depois, criei coragem.

Quando a tive, disse calmamente: —Não tenho medo de você, Aramus. Tenho medo de não agradá-lo.

Seu corpo poderoso deu um solavanco repentino.

E então seu rosto se tornou gentil.

Tão gentil que o próprio ar da cabine parecia um veludo.

—Receio ter que quebrar nosso pacto, minha Ha-Lah, mesmo que não o tenhamos há muito tempo— disse ele em uma voz tão gentil quanto seu rosto. —Portanto, devo perguntar: quanto é seu 'não muito'?

—Muito pouco, meu marido— sussurrei.

E, ao ouvir isso, seu rosto se tornou completamente terno.

—Venha cá, minha rainha.

Com passos lentos, caminhei até ele.

Quando me aproximei, com os braços cuidadosos, como se ele estivesse juntando um gatinho ferido, ele me puxou para si e me segurou ali.

—Eu gostaria muito de acabar com o que parece ter sido anos de querer você e não tê-la, e fazer isso rapidamente— disse ele suavemente. —Mas antes, e eu a aviso que isso pode levar a noite toda, vou tentar enumerar as muitas e muitas maneiras pelas quais você me agrada, minha rainha.

—Aramus— eu respirei, suas palavras me fazendo derreter em sua estrutura grande, forte, sólida e quente.

E assim, ele começou.

—Sua beleza. Eu poderia contemplá-la por horas, dias, anos, milênios, até que este planeta caísse do céu, e não me cansaria dela.

Pela Medusa.

—Marido.

—Sua inteligência. A maneira como você me provoca. Isso me faz sorrir e me atrai, tudo ao mesmo tempo.

Passei meus braços ao redor de sua cintura e sussurrei: —Querido.

—Você tem a voz de uma sereia.

Ele achava isso?

—Eu poderia perder minha visão e só poder ouvi-la e ser um homem muito feliz.

Ele pensou isso.

Mas ele estava errado.

Isso não levaria a noite toda.

Pois eu já não aguentava mais.

—Por favor, você deve— tentei.

—Seu poder— continuou ele, —conhecendo você, eu deveria saber que ele não seria nada além da magnificência que é. E é, minha rainha. E é, minha rainha. É magnífico.

Senti lágrimas brotarem em meus olhos. —Meu rei, você realmente deve...

—E você encontrou em seu coração a oportunidade de me perdoar. Falei palavras cruéis, atacando de uma forma que foi pior do

que sentir a ponta de um chicote. Imperdoável. Mas você não me obrigou a ir até os confins do mundo para provar meu remorso. Não me obrigou a enchê-lo de joias e ouro. Não me forçou a me ajoelhar e me fez implorar e beijar seus pés. Você se afastou de mim, como eu merecia, e se entregou de volta, porque seu coração é tão bondoso assim.

Agora eu definitivamente não aguentava mais.

—Por favor, fique quieto, meu marido, e...

—Não caçarei mais nenhuma baleia, pois elas são suas amigas e você me agrada tanto, minha rainha, que eu jamais faria mal a uma criatura que é sua amiga.

Fiquei congelada em seus braços, olhando para seu belo rosto.

Ele tirou uma das mãos de cima de mim para segurar minha mandíbula e inclinou a cabeça para perto da minha.

—Você gostaria de mais?— ele perguntou.

Eu não podia imaginar que ele tivesse mais.

Não mencionei isso.

Perguntei: —Vocês não vão caçar as baleias?

—Isso será acrescentado às proclamações. Será proibido. Ninguém caçará as baleias, pois elas são Companheiras da Rainha. Se o fizerem, responderão ao Rei do Mar.

Eu não podia acreditar que ele estava dizendo isso, e o fato de ele estar dizendo significava tanto que senti uma lágrima escorrer pelo meu rosto.

Aramus a capturou com o polegar e aproximou ainda mais o rosto.

—Você nunca poderia deixar de me agradar, Ha-Lah, isso é o quanto você me agrada— ele sussurrou.

—Você me ama?— perguntei.

—Eu não sabia, até recentemente, mas me apaixonei por você ajoelhado ao seu lado no santuário de Leuthea⁵¹. Apaixonei-me ainda mais por você quando apareceu diante de mim em seu vestido de noiva, tão majestoso que nem parecia que você ainda não era rainha, mas já era há séculos. E me apaixonei ainda mais por você mais tarde, quando estava ao lado de nosso leito conjugal e expôs seu caso com paixão e força, totalmente sem medo de mim.

Olhei fixamente para meu marido.

Ele sorriu. —No entanto, eu teria preferido que você tivesse apresentado seu caso pela manhã, durante o café da manhã, depois de termos tido uma noite em que ambos ficamos muito nus e fizemos coisas muito agradáveis um para o outro enquanto estávamos assim. Sem mencionar que isso foi feito em um tom muito mais calmo.

Senti um sorriso trêmulo em meus lábios.

Então admiti: —Também estou me apaixonando por você.

Sua cabeça se aproximou ainda mais, de modo que quando ele disse: —Graças aos deuses, eu sei— seus lábios roçaram os meus.

Outra lágrima desceu pela minha bochecha oposta enquanto um frisson subia pela minha espinha.

—Vamos criar magia juntos, esposa, a bordo do Finnie— ele sussurrou.

Assenti com a cabeça e, como estávamos tão próximos, meu nariz roçou no dele.

Foi então que meu marido me beijou.

Foi gentil e doce. Ele demorou muito tempo explorando minha boca, depois cedeu mais, permitindo que eu explorasse a dele.

O gosto dele...

Sublime.

Em seguida, ele nos virou, de modo que eu fiquei de costas para a cama e, lentamente, ele me abaixou até lá, colocando-se em cima de mim.

Seu peso era como se os céus tivessem pousado sobre mim.

No entanto, ele nos rolou para que eu ficasse por cima, como se temesse que seu peso me assustasse.

Eu lhe mostrei, beijando sua boca, sua mandíbula, seu pescoço, sua garganta, que eu não tinha medo.

Mas ao beijar sua boca, sua mandíbula, seu pescoço, sua garganta, senti seu cheiro salgado, o aroma do mar, do homem e do marido.

E também senti o mesmo gosto.

Portanto, quando beijei sua boca novamente, tentei saqueá-la.

Funcionou.

Fui arrebatada, e meus esforços cessaram, pois meu marido estava me roubando com a boca e com as mãos.

O frisson que eu havia sentido se fortaleceu. Minha pele estava estranha. Necessitada de seu toque, assim como minhas mãos desejavam dar o mesmo a ele.

Puxei sua camisa para libertá-la da calça a fim de encontrar pele.

Atrapalhada por seu colete, eu o amaldiçoei mentalmente, coloquei meu pé na cama e o empurrei.

Agora eu estava por cima e ele por baixo. Mudei de posição para ficar de frente para ele, mas meus malditos dedos não funcionaram devido ao desespero de tentar soltar os malditos e confusos botões.

—Você usa roupas demais— reclamei.

—Você usa apenas o suficiente— ele murmurou, seus dedos agarrando meu vestido curto e puxando-o para cima, meus braços indo junto.

Deixando-me apenas de calcinha.

Ele a jogou no chão, seus olhos se fixaram em meu corpo e ficaram famintos.

Assim, lá estava eu.

Ele gostou muito do que viu.

Com aquela expressão em seu rosto, senti um espasmo em meu íntimo e fiquei ainda mais molhada.

—Sereias, sua beleza— ele rosnou.

Então ofeguei, pois Aramus me virou e se ajoelhou entre minhas pernas.

Em um instante, seu colete desapareceu.

Em um piscar de olhos, ele tirou a camisa.

Seu peito largo com aquela extensão de pele lisa e escura, as protuberâncias, as depressões, os picos de seus mamilos.

Fenomenal.

Mas muito distante.

Levantei-me para pegar um mamilo em minha boca.

Antes que eu conseguisse fazer isso, meu marido me empurrou para baixo e fez o que eu queria que ele fizesse comigo. Ele introduziu meu mamilo em sua boca com um golpe de língua e depois *tirou*.

A sensação abrasadora que se espalhou do mamilo até entre minhas pernas me fez arquear para fora da cama, entrelaçando meus dedos na parte de trás de sua cabeça, segurando-o contra mim, exigindo mais.

—Aramus— eu gemi.

Ele se levantou e tomou posse da minha boca, passando a língua por dentro dela, enquanto agarrava minha mão e a pressionava contra sua virilha.

Oh.

Oh.

Tudo isso era *meu*?

Eu gemia em sua boca.

—Veja o que você faz comigo— ele rosnou na minha.

Eu não vi.

Eu senti.

Mas eu queria ver.

E *muito mais*.

—Aramus...

—Sim.

—Eu quero ver...

—*Sim*— ele grunhiu.

Então, ele se afastou e eu me ajoelhei, chovendo beijos em seus ombros, em sua nuca, passando as mãos por seus braços robustos enquanto ele se sentava na beirada da cama e tirava as botas, as meias...

Ele ficou de pé e se virou para mim, com as mãos no cinto da calça.

Estendi a mão, passando meus dedos sobre a pele sedosa e quente de seu peito, mas minha cabeça estava inclinada.

Eu queria muito ver.

Ele desafivelou o cinto e depois desabotoou a calça...

E então ele se soltou, longo, grosso, orgulhoso.

Pela *Medusa*.

Tão, tão lindo.

E todo *meu*.

Meu calor me saturou, minha boca se encheu de água, minha cabeça mergulhou...

Ele chutou a calça para longe e eu tinha suas mãos sob meus braços.

Dei um gemido de protesto quando me levantei por apenas um segundo antes de cair de costas.

E minha calcinha havia sumido.

Parei de protestar.

Suas mãos percorreram a parte interna das minhas coxas, abrindo-as, e eu estremeci, olhando para a fome em seu rosto enquanto seus olhos me percorriam.

—Por favor, por favor, por favor— eu cantava.

—Por favor, porra, por favor— ele grunhiu, seus dedos voltando para cima e percorrendo minha região úmida.

Ah, que sensação gostosa.

Eu gemia.

Ao me sentir pronta, a fome em seu rosto floresceu e eu enganchei a parte de trás de sua coxa com o calcanhar, em um esforço para trazê-lo para mim.

Ele colocou uma mão na cama ao meu lado, com o braço reto...

E seus olhos se voltaram para os meus.

—Eu queria fazer isso mais— ele grunhiu.

—Está perfeito— assegurei.

—Quero torná-lo esplendoroso.

—Aramus...

—Ha-Lah, precisa ser...

Levantei as duas mãos e o peguei pela nuca, puxando-me para cima, com os olhos fixos nos dele.

—Marido, tome... sua... esposa— ordenei.

Ele rosnou de forma ininteligível, senti o barulho subir dentro de mim como uma coisa física e, felizmente, também o senti mudar de posição.

Ele estava na minha entrada.

Tão perto.

Muito perto.

E então, com um deslizamento seguro e suave, ele me preencheu.

Oh, como ele *me preencheu*.

E éramos um só.

Um só.

Completos.

Perfeitos.

—Sim— eu respirei, usando minhas mãos para puxá-lo para mim.

Ele se abaixou ao meu puxão, tomou minha boca, e eu tinha seu pênis e sua língua.

Divino.

Ele deslizava para dentro e para fora, oh, deuses, beleza, e eu envolvi minhas pernas em torno de sua bunda, penetrando, segurando.

Ele deslizou mais rápido, com mais força.

Melhor.

—Mais— implorei contra seus lábios.

Ele mordiscou meu lábio inferior e rosnou: —Eu vivo para agradar minha rainha.

Ele estava fazendo isso.

Por toda a generosidade dos mares, ele estava fazendo isso.

Ele me deu mais.

—Mais rápido, querido— eu pedi.

Meu marido foi mais rápido.

Pelos deuses.

Mais rápido.

Pelos deuses.

Com uma mão presa em sua nuca, as unhas da outra cravadas em sua espinha, as paredes de mim pulsando em torno de seu eixo enquanto eu o tomava e o tomava, e mais, e mais rápido, ouvi o ruído animal que ele fez no momento em que eu gritei, tudo o que ele havia construído dentro de si chegando ao ápice.

E eu me libertei, surfando em um êxtase que eu não sabia que existia.

E então ele me invadiu, como uma limpeza, um êxtase tão puro, tão intenso, que foi excruciante, foi um êxtase, e parecia que o barco inteiro balançava com ele.

—Marido— sussurrei, apertando-o contra mim de todas as formas possíveis.

—Esposa— ele grunhiu, empurrando ferozmente, depois sua cabeça se inclinou para trás, com os dentes cerrados.

Ele gemeu entre eles antes de seus quadris se chocarem contra os meus, permanecendo ali, moendo profundamente.

E o Rei do Mar rugiu.



—O que...?

Frey Drakkar virou a cabeça para sua esposa.

Em seguida, virou a cabeça para a direção em que sua esposa estava olhando.

Foi então que ele começou a olhar.

Começou com pessoas à deriva.

Mas depois se tornaram multidões.

Finnie e ele se juntaram a eles.

Ele sentiu Apollo e Maddie se juntarem a ele.

Eles pararam com os outros nas pontas das ondas e ficaram olhando com admiração para o Finnie, cercado por golfinhos, vários grupos deles, pulando e dando cambalhotas ao redor de seu navio.

Ele sentiu outra presença do outro lado, e Frey olhou para aquele lado e viu o homem de Aramus, Tintagel, parado ali.

—Devemos nos preocupar com isso?— ele perguntou, embora soubesse que não precisava.

Tint estava sorrindo como um louco.

—Não— Tint lhe deu a resposta que ele esperava.

—Isso acontece toda vez que eles fazem amor?— Finnie perguntou, com admiração em sua voz.

—Espero que isso aconteça— respondeu Tint, e quando seus olhos se arregalaram, Frey olhou de volta para o galeão.

Ele fez isso bem a tempo de ver duas baleias um pouco mais distantes do que o Finnie romperem a superfície, saltarem completamente para fora da água e aterrissarem com enormes respingos nas laterais.

—Não acredito que haverá exercícios na areia amanhã— observou Tint estranhamente, e ainda sorrindo, ele se virou e subiu a praia.

Os demais permaneceram onde estavam, e tudo começou devagar, mas depois foi aumentando até que os gritos e as palmas invadiram o ar.

Ele sentiu os olhos de sua pequena esposa e olhou para baixo, para sua beleza azul-gelo.

—Acho que gosto daqui— declarou Finnie.

Sua Finnie. Sua aventureira.

Ela encontrava algo para gostar em todos os lugares.

Ele sorriu para ela.

Então decidiu que não se importava com a proximidade das outras barracas.

Então, pegou a mão dela e a levou de volta à praia.



Rainha Ha-Lah

A bordo do Finnie

NA COSTA OESTE DE FIRENZE

Aramus estava acariciando o meu pescoço e eu as suas costas quando o grito de guerra chegou ao ar.

Nós dois paramos completamente.

Então, meu marido levantou a cabeça e olhou para mim.

Nossa, mas ele era lindo.

—Você acha que eles...?— comecei.

—Não.

—Mas o momento não pode ser uma coincidência.

—Nenhum dos meus homens consegue enxergar através da madeira, querida— ele murmurou, mas sua cabeça se contraiu no momento em que eu ouvi.

O grito agudo e feliz dos golfinhos.

Um bom número deles.

Ele deslizou para fora, não gostei de perdê-lo (nem um pouco), mas gostei da forma como ele me juntou a ele, enrolando um cobertor em nós dois, e nos puxou para uma vigia.

Olhamos para fora e vimos um grande grupo de golfinhos flertando com a superfície do mar enquanto nadavam para longe.

—Certo, bem, então acho que eles sabem— murmurou Aramus, com humor em seu tom.

Olhei para o perfil dele. —Devo ficar constrangida?

Ele virou a cabeça para me olhar. —Não.

—Eu sinto que deveria estar constrangida.

Seu corpo grande começou a sacudir meu corpo quando ele começou a rir.

Então, seu corpo grande cobriu o meu, pois ele me puxou para a

cama com ele em cima de mim.

E ele ainda estava tremendo de tanto rir.

—Então, aparentemente, os golfinhos vão nos fazer companhia quando eu me juntar à minha esposa— comentou ele.

—Aparentemente— murmurei.

Ele ainda estava rindo, com os olhos quentes e dançantes.

Eu adorava ver isso em seu olhar.

Mesmo assim, arregalei os olhos.

Quando os revirei de volta, ele não estava mais rindo e tinha levantado a mão para emaranhá-la nos cachos ao lado da minha cabeça.

—Não foi o esplendor que eu esperava, meu amor. Foi rápido demais. Mas da próxima vez...

Senti meus olhos se estreitarem. —Que palavras são essas que você diz?

Ele fechou a boca.

—Nunca vou me esquecer— prometi.

Sua expressão se suavizou. —Ha-Lah.

—Nunca, não em minha vida.

—Minha Ha-Lah— ele sussurrou.

—Você é mais bonito sem roupas do que com elas— declarei.

Diante disso, meu marido deu um sorriso arrogante.

—Mas, da próxima vez, eu gostaria de talvez colocar minha mão

em volta do que é meu antes de você me virar de costas e assumir o controle— eu disse.

—Vou lembrá-la de que você não protestou nem um pouco contra essa manobra, esposa.

—Eu estava sem fôlego.

Sua risada dessa vez foi audível e ele forçou: —Mentirosa.

—É verdade!— Continuei mentindo.

—Minha rainha ordenou que eu a levasse. Ela não ordenou que eu a deixasse agarrar meu pênis.

—Você é muito bonito e seu corpo é muito agradável. Nunca iremos devagar se você tirar a roupa.

—Quer que eu me vista?— ele ofereceu.

—Não— retruquei.

Ele me beijou, de leve, mas molhado, fazendo isso com um sorriso, e eu gostei muito de tudo isso.

Principalmente do sorriso.

Bem, não, especialmente do beijo.

Na verdade, ambos igualmente.

Não gostei quando ele parou e, por isso, fiz uma careta para ele.

Ele não estava franzindo a testa para mim, estava me olhando com ternura.

—Agora, minha rainha, você duvida que me agrada de todas as formas?— perguntou ele calmamente.

Foi a minha vez de me sentir calorosa, bem-humorada e

carinhosa.

E arrogante.

E poderosa.

E *tudo*.

Não me vangloriei.

Eu disse: —Obrigada pelo esplendor, meu marido.

Ele pareceu perplexo.

—Você acha que já terminamos?— ele perguntou.

—Não terminamos?

—Muito pelo contrário.

Eu me estiquei embaixo dele.

Seus olhos brilharam

E eu menti mais uma vez: —Mas estou me sentindo muito entorpecida.

—Tudo bem— respondeu ele, depois enterrou o rosto em meu pescoço e, sob minha orelha, sussurrou: —Eu farei todo o trabalho.

Ele passou os dentes pelo meu pescoço.

E então ele fez o que prometeu.



A Escolha Final

Rainha Mercy

Salão Bark, salas de recepção formal, primeiro andar, Castelo
Birchlire, Notting Thicket

WODELL

—Bem, se isso não for apropriado, eu realmente não sei o que dizer.

A rainha Elpis estava irritada, Mercy percebeu.

Mas, realmente, *incenso*?

Em um *templo*?

Revoltante.

—Deve haver alguma outra coisa que tornaria isso mais... acolhedor para Farah— comentou ela, ignorando a outra companheira na sala, Melisse, que a estudava com olhos de desaprovação.

Mas... por favor.

Censura de uma Nadirii?

A mulher residia em um reino onde não eram permitidos homens. Havia uma razão para isso, é claro, mas os Nadirii viviam em uma cultura definida por preconceitos. Ela dificilmente poderia julgar

Mercy que desejava seguir as tradições Dellish em um maldito casamento real, pelo amor de Deus.

—Como expliquei— respondeu Elpis com impaciência, —a maioria das cerimônias de casamento Firenz ocorre na natureza. Um local favorito do casal, ou da noiva, ou do noivo. A noiva escolhe as cores de que gosta e as decora como achar melhor. Um sacerdote ou sacerdotisa preside a cerimônia, o mais próximo da noiva ou do casal. Embora, normalmente, seja um sacerdote ou sacerdotisa da Graça.

—Um sacerdote de Wohden⁵² presidirá as núpcias de True— afirmou Mercy implacavelmente. —Um futuro rei de Wodell está se casando sob os olhos de nosso deus do poder.

—É claro— murmurou Elpis.

—Então, obviamente, isso não mudará— decretou Mercy.

—Como, devo observar, não sugeri que mudasse. Simplesmente sugeri que, como esse será um evento com alguma pompa, o que não é o jeito Firenz de ser, talvez um incenso de rosa ou cedro pudesse ser queimado, um tributo à Graça. Qualquer um desses aromas certamente fará Farah se lembrar de casa.

—Teremos *rosas*— Mercy apontou, e elas terão, dezenas de milhares delas. —Isso não é suficiente?

—As rosas não são consideradas um tributo aos nossos deuses— explicou Elpis. —Mas um presente deles.

Mercy lutou contra o cheiro de sua desaprovação.

—Sugiro que reconsidere o vestido dela, Vossa Graça— sugeriu Melisse... novamente.

—Isso seria altamente inapropriado— retrucou Mercy... novamente.

—Farah é muito bonita, e tenho certeza de que muitos tons combinam com ela— declarou Melisse. —Mas eu acharia que algo mais robusto e mais Firenz, como vinho ou groselha, não apenas lembraria seu lar, mas também seu rei. Sem mencionar que seria mais adequado para sua cor.

—Toda futura rainha de Wodell usa verde-claro— retornou Mercy.

—Tudo bem, então, como o verde é a cor do padrão real, talvez algo mais profundo, como zimbro— propôs Melisse. —Ou algo mais rico, por exemplo, esmeralda ou jade.

—A tradição dos casamentos reais tem séculos de idade— respondeu Mercy. —Sem mencionar— continuou ela com acidez, —que o vestido está sendo feito há semanas e ainda não está pronto. Não podemos começar um novo agora. Não há tempo suficiente.

E, para não mencionar, não havia dinheiro suficiente.

O marido dela ia anunciar um aumento nos impostos para pagar as flores, as faixas, as fitas, o bufê, o vinho, etc.

O bolo que estava sendo feito como uma réplica exata do Castelo Birchlire custava quase tanto quanto o vestido, cujo corpete era cravejado de pérolas, pelo amor de Deus.

Felizmente, as pessoas comuns desfrutavam da pompa de um casamento real, pois, de alguma forma, não lhes ocorria o fato de terem pago por isso.

Na verdade, a cidade estava repleta de entusiasmo, algo que chocou Mercy, pois eles sabiam que a nova princesa era Firenz.

E o mais chocante é que, com o passar dos dias, essa empolgação parecia crescer exponencialmente.

Ela não conseguia imaginar o motivo.

Embora estivesse contente com o fato, pois isso amenizaria o impacto do aumento dos impostos.

Elpis soltou um suspiro agudo e audível pelo nariz, chamando a atenção de Mercy, que a observou olhar pela janela, com as mãos cruzadas no colo, as costas retas, o rosto sereno, mas Mercy ainda sabia que ela estava fervendo.

Ela não se importava.

Como True poderia ter arranjado esse lixo estava além de sua compreensão.

—Então, o retrato de casamento— Melisse insistiu obstinadamente. —Eles poderiam se sentar em um dos lugares favoritos do Príncipe True nos jardins. Isso está na natureza, como é a tradição de Firenz.

Ela estava louca?

—O retrato de casamento sempre mostra o futuro rei sentado em seu trono na sala do trono com sua noiva em pé atrás dele, como é o lugar para qualquer princesa e definitivamente rainha.

Melisse suspirou.

Um criado entrou.

Mercy olhou com raiva para o homem.

Ele ficou sem graça com a expressão dela, mas se curvou, segurando uma bandeja de madeira brilhante e intrincadamente esculpida.

—Uma mensagem de Sua Graça, a Alteza Real, o Príncipe True— anunciou ele.

Ela levantou a mão em sua direção.

O homem se aproximou, ainda de cabeça baixa, com o braço estendido, oferecendo a bandeja.

Ela pegou a mensagem dobrada em cima e ele se afastou, deixando a sala.

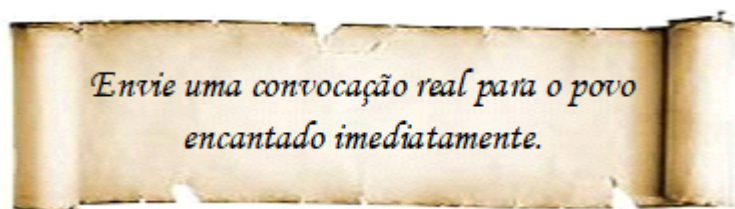
Ela a desdobrou e olhou fixamente para as palavras.

True havia enviado um pássaro.

Havia uma taquigrafia estabelecida para ser usada em tais mensagens, pois os pássaros não podiam carregar missivas com parágrafos longos.

Mesmo assim, essa mensagem era excepcionalmente curta.

Até mesmo para um pássaro.



Ele queria dizer: convide-os para o casamento.

Ela cerrou os dentes.

Agora, seu filho permitiria o incenso.

Ela estava se perguntando, como fazia desde aquela cena na mesa do café da manhã há alguns dias, onde havia errado com seu filho.

Ele estava dormindo com aquela prostituta, talvez fosse isso.

Ela o havia embebedado com sua boceta.

—Talvez possamos retomar essas discussões amanhã— disse

Melisse, interrompendo os pensamentos irritados de Mercy.

—Não posso amanhã— respondeu Elpis. — Silence conseguiu que um docente da biblioteca me levasse em um tour por alguns murais que minha nora gosta particularmente na cidade.

Bem, ótimo para você, pensou Mercy.

Mas é claro que Silence faria isso.

Elpis tinha uma nora que era correta, respeitosa e não se esforçava para enfeitiçar o filho com seus encantos e depois virá-lo contra a mãe.

Elpis fixou Mercy com seus olhos. —E estou contente com o entretenimento organizado por minha rainha.

Seu argumento não era velado.

Mercy não estava exatamente passando seus dias regalando a Rainha Relíquia Elpis de Firenze com diversões.

Mas Mercy também não se importava com isso.

Ela tinha muito o que fazer, e não era só planejar um casamento. Ela não tinha tempo para entreter um convidado que não havia convidado para o castelo.

—Tenho certeza de que você vai gostar muito disso— disse ela.

—Tenho certeza que sim— murmurou Elpis, levantando-se graciosamente de sua cadeira. Ela inclinou o queixo para Melisse enquanto atravessava a sala. —É sempre um prazer.— Seu olhar se voltou para Mercy e ela simplesmente disse: —Mercy— como despedida.

Deuses.

Os Firenz.

Ela ficaria feliz quando tudo isso acabasse, e ela só tivesse que lidar com um deles.

Elpis não tinha dado dois passos para fora da sala antes que Melisse falasse.

—Você viu G'Seph?

—Não— respondeu Mercy.

—Curioso— disse Melisse calmamente.

Difícilmente.

—Quando esses sacerdotes estão na cidade, eles gostam de ir aos seus templos— Mercy a informou.

E eles iam mesmo.

Para recolher seus dízimos e levá-los a Go'Doan.

—Hmm— Melisse cantarolou enquanto se levantava. —Vossa Graça, lamento dizer que também precisarei deixá-la.

Mercy assentiu com a cabeça.

Melisse então se aproximou de Mercy, não da porta, e sentiu suas sobranceiras se unirem quando a mulher o fez.

—Você— disse ela calmamente, —sozinha, durante anos, manteve este reino a salvo da destruição e da ruína.

Mercy olhou para ela em choque.

Melisse continuou: —Não é apenas uma vergonha, é vergonhoso que seus esforços sutis, corajosos, inteligentes, silenciosos, mas às vezes heróicos, não sejam registrados. Nas gerações futuras, ninguém saberá quem manteve Wodell a salvo para o reinado do Rei True. Infelizmente, esse tem sido o destino de muitas mulheres ao longo da

história.

Mercy descobriu que estava tendo dificuldade para respirar, considerando que a situação havia se agravado de forma alarmante.

—Mas, independentemente disso, você deve saber que deixa um legado. Um legado de um reino que está completo, se não estiver prosperando como deveria, para seu filho.— Sua voz baixou. —E você deixou um filho que o fará prosperar.

Mercy não disse uma palavra enquanto se concentrava em regular a respiração.

E se concentrando em cada sílaba dos lábios de Melisse.

Ninguém, nem uma única alma, havia comentado o que ela havia feito.

—Você não cultivou o amor e a devoção de seu filho— continuou ela. —A senhora criou respeito e lealdade. Não faça nada que prejudique isso, Vossa Graça. Ele é quem ele é, mas também é quem a senhora fez dele. Há muito o que se orgulhar nisso. Você deu tudo de si ao seu país, Rainha Mercy, *tudo*— enfatizou ela, com uma mensagem clara.

Ela havia se sacrificado muito.

Inclusive ser mãe de seu filho.

Tudo para que Wodell tivesse um rei bom e justo.

Ninguém nunca havia comentado sobre isso também.

O que ela havia dado.

E o que ela havia perdido.

—Não faça isso por nada agora— aconselhou Melisse. —Pois em breve, se o destino quiser, você desfrutará de seus esforços.

Ela se inclinou ligeiramente, segurando os olhos de Mercy.

—Ele é quem ele é— ela repetiu, —e também quem você fez dele. Deixe-o ser isso e se regozije.

Mercy permaneceu em silêncio enquanto Melisse inclinava a cabeça respeitosamente e se dirigia à porta.

Ela parou na porta e se virou.

E lá, ela deu seu tiro de despedida.

—É apenas incenso. Isso— sua mão se estendeu à sua frente, —e depois cinzas.

Com isso, ela saiu.

Mercy continuou a respirar pesadamente enquanto olhava para a porta, e fez isso sentindo algo peculiar acontecendo atrás de seus olhos.

Eles pareciam espinhosos e quentes.

Ela não pensou mais nisso quando sua mulher, Helga, apareceu na porta.

Helga lhe lançou um olhar, fez uma breve reverência e depois saiu correndo.

Deuses, droga.

Isso nunca acabava.

Lendo a mensagem silenciosa de Helga em alto e bom som, pois Helga era seus olhos e ouvidos neste castelo e havia enviado tais mensagens repetidamente ao longo dos anos, Mercy se levantou e saiu da sala, apressando-se da maneira praticada por ela.

Ou seja, andando muito rápido, mas sem parecer estar fazendo

isso.

Ela procurou e encontrou seu marido.

Ele não estava em seu escritório formal, uma sala grandiosa com móveis ricos e uma vista extraordinária de onde o Rio Fae se encontrava com o Grande Wohd⁵³.

Ele estava em seu escritório informal, um cômodo pequeno e íntimo, com decoração rica (embora não rivalizasse com a de seu escritório formal) e vista para um canto minúsculo dos jardins.

Ele estava em uma cadeira perto da lareira, com um livro aberto em seu braço, mas parecia que estava prestes a cochilar.

—Marido— disse ela bruscamente.

Wilmer começou, tossiu, fechou o livro com um tapa e se virou para a esposa.

—Você tem que falar como uma megera?— perguntou ele.

Você precisa se comportar como um imbecil? pensou ela. Há menos de um mês, o príncipe Cassius roubou o governo de seu pai enquanto estava sentado à mesma mesa que ele. Seu filho organizou a abertura de rotas comerciais e alianças vantajosas pelas quais você poderia se orgulhar e as pessoas estariam sussurrando seu nome com entusiasmo, não o de seu filho, enquanto se preparam para vê-lo montado em seu cavalo enquanto cavalgam pela cidade para suas núpcias. E, no meio da tarde, você está dormindo em frente à lareira.

—E então?— perguntou Wilmer, e Mercy percebeu que sua reclamação interna significava que ela havia perdido algo que ele havia dito.

Considerando que provavelmente não era importante, ela não perguntou nada, mas, em vez disso, dispensou sua sutileza habitual e perguntou diretamente: — Carrington acabou de sair?

Ele suspirou.

—Meu rei— ela insistiu.

Sabendo que, nesse estado de espírito, ela teria o que desejasse, ele lhe deu o que queria.

—Decidimos aumentar o imposto em mais uma moeda.

Os olhos dela se estreitaram. —Que tipo de moeda? De ouro? De prata? Estanho? Latão? Cobre?

—Ouro.

O tronco de Mercy se afastou.

Os pastores podiam pagar por isso (talvez). Os produtores de trigo também. Alguns dos maiores produtores de pomares.

O restante...

—Por quê?— ela perguntou.

Ele acenou com a mão para ela e murmurou: —Carrington tem alguns planos— O olhar dele então se concentrou no rosto dela e o fez de forma mais incisiva do que o normal. —Ele também sugeriu que eu exigisse uma prestação de contas dos dízimos que os templos de Go'Doan recebem e, em seguida, exigisse uma tributação deles. E eu concordo plenamente com isso, esposa. Há muito tempo eles argumentam que esses fundos são destinados ao bem de nosso povo e, portanto, devem ter uma exceção. Há muito tempo sabemos que grande parte deles vai para o polimento das cúpulas daquela cidade. Sem mencionar que eles se levantaram em Firenze contra o rei, provando que pelo menos alguns deles são o que esperávamos... não são confiáveis. Eles desfrutaram de uma isenção por tempo demais. Isso acaba agora.

Pela primeira vez, ela não podia discordar.

Então não discordou.

Ela se concentrou em outra coisa.

—E quais são os planos de Carrington?

—Esposa.

—Marido.

—Mercy.

—Wilmer.

—Precisamos de um exército permanente.

Como ela suspeitava.

—Nós temos um exército permanente— ela o lembrou.

—Não— disse ele com firmeza. —*True* tem um exército permanente—

Seu coração se apertou.

—É de Wodell— disse ela.

—É de True— ele respondeu. —E você sabe disso.

Ela sabia.

O exército deles seguiria True até a morte certa se ele pedisse.

E eles o fizeram.

No entanto, eles sabiam quem realmente havia pedido.

—Carrington está buscando apoio contra *nosso filho*?— perguntou ela.

Ele se endireitou em sua cadeira. —Não permitirei que meu filho tome meu reinado como aconteceu com Gallienus.

—Não permitirei que meu marido se coloque contra meu filho— ela retrucou.

—Você fala com seu rei— ele mordeu.

—Você fala com sua esposa e com a mãe de seu filho e, devo lembrá-lo, Vossa Graça, com *sua rainha*.

—Carrington disse que você teria palavras contra isso— murmurou ele.

—Pela primeira vez, Carrington estava certo— ela retrucou.

Com isso, a cabeça dele se contraiu.

E então ele se levantou.

Ela ficou reta e imóvel e o encarou.

—Seria bom que você se lembrasse de quem você é e de quem *eu sou*— disse ele suavemente.

Mercy não respondeu.

—Você sabe que as ruas estão cheias de entusiasmo para o casamento dele— ele compartilhou desnecessariamente, pois ela sabia.

Ao contrário de seu marido, ela sabia de tudo.

—Eu me casei nesta mesma cidade, *com você*, e não com uma prostituta de Firenz, e as lojas não colocaram cartazes nas vitrines dizendo que estariam fechadas— ele continuou amargamente. —Os bares não colocaram cartazes em suas vitrines para dizer que estariam comemorando com bolos de folhas e brilhos gratuitos. Já há pessoas *acampadas* do lado de fora dos degraus do *templo* para ver o príncipe e sua nova princesa, e a cerimônia é só daqui a *semanas*.

—Você pode aprender com isso, meu marido— disse ela cuidadosamente.

—Posso, sim— ele cuspiu. —Eles o adoram. Eles o *veneram*. E eu voltei para casa depois de semanas fora, ergui meu estandarte acima do castelo e nenhuma flor caiu nos portões do castelo.

Não caíram.

Mas se ele tivesse anunciado que Mar-el estava permitindo que navios carregados de lã passassem pelos mares, em vez de haver murmúrios de aumento de impostos em seu retorno, eles teriam.

—E você acha que precisa formar um exército?— ela perguntou.

—Acho que seria bom fazer o que Carrington aconselha. *Proteger meu governo*— respondeu ele.

Eles se olharam fixamente.

Foi Mercy quem quebrou o silêncio.

—Você faz isso, você me faz escolher.

—Escolha com sabedoria— ele aconselhou.

Ela fitou o marido nos olhos dele.

E respondeu: —Escolherei.

Com isso, ela se retirou da sala.

Em seguida, localizou seu secretário, ou uma deles, o que estava encarregado de sua correspondência.

E ordenou as convocações reais.

Em seguida, encontrou seu outro secretário, o que estava cuidando dos planos do casamento.

E encomendou incenso de rosas e cedro.

Em seguida, chamou as costureiras reais.

Pois elas iam fazer um vestido de noiva diferente.



O Valor

Rainha Silence

Corredor de Cord Cottage, Arbor
WODELL

Eu mesmo carreguei a bandeja com o serviço de chá, pois as criadas haviam desaparecido novamente.

Ou não desapareceram, exatamente.

Eu sabia onde elas estavam.

Eu estava apenas ignorando isso.

(Ou tentando fazer isso.)

Uma tentativa destinada ao fracasso, percebi, quando entrei na sala de estar e vi meu pai de pé, olhando pela janela.

—O chá está pronto— falei em voz alta.

Ele se virou e fez uma careta para mim, continuando a fazer isso enquanto me observava colocar o serviço na mesa entre os dois chesterfields de couro que estavam posicionados perpendicularmente à lareira.

Eu sempre gostei de Cord Cottage, especialmente da sala de estar.

E principalmente a lareira.

A madeira escura e brilhante acima dela tinha esculturas de antigos soldados Dellish em guerra com Firenze (algo que fez Mars sorrir com muita graça quando viu). As colunas de pedra que sustentavam esses frisos salientes com seus painéis de pedra entalhada nas laterais. A lareira embutida com seus ferros pesados que aqueciam tão bem o ambiente.

Quando chegamos, lembrei-me de algo que havia esquecido.

Em algum momento de minha vida, quando eu era muito, muito mais jovem, sonhei em me casar com um pastor ou arborista rico e me mudar para cá, longe de Bower Manor (e de meu pai).

E agora eu estava aqui, com um rei como marido.

E não estava longe de meu pai.

—Você está fora há muito tempo. Você realmente fez o chá?— ele exigiu irritado.

—Estou gostando de fazer algumas coisas domésticas, pai— menti.

Bem, não era bem uma mentira. Havia algo de relaxante em fazer chá, deixar a mente em branco enquanto esperava a chaleira ferver, ver a água dourar enquanto passava pelo coador.

Realizar algo, mesmo que fosse algo tão pequeno como fazer chá.

Era alguma coisa.

Eu nunca tinha feito isso, percebi, depois que os empregados que meu pai havia contratado para cuidar de nós na casa de campo encontraram outras coisas para ocupar o tempo deles, então coube a mim fazer algumas coisas por mim mesma.

Tril havia me dito várias vezes para colocar as criadas sob

controle.

E ela ficaria furiosa se soubesse que eu não as chamei para fazer chá (felizmente, naquele momento ela estava na aldeia, procurando material para fazer um vestido para mim para o casamento de True e Farah, além de visitar alguns amigos).

E eu realmente deveria fazer isso. Eu teria um palácio inteiro para administrar quando voltássemos para Firenze.

Mas, naquele momento, eu simplesmente... não podia.

—Entendo por que você está ignorando isso— disse meu pai, balançando a cabeça com altivez para a janela. —Mas você realmente não deveria, mesmo que ele pareça gostar muito disso.

Ouvi o barulho que entrava pela janela fechada.

Por falar em coisas domesticadas, meu marido começou a cortar lenha.

Precisávamos de uma boa quantidade dela para aquecer o chalé.

Dito isso, tínhamos um cavaleiro que cuidava dos cavalos, dos estábulos e das coisas masculinas da casa, como acender o fogo e estocar lenha.

Quando perguntei sobre isso, Mars disse que isso o mantinha em forma.

Eu não achava que era por isso que ele fazia isso.

Permiti que meus olhos olhassem para fora da janela.

Sim, lá estavam nossas criadas, todas as três, admirando o Rei de Firenze enquanto ele cortava lenha, ao mesmo tempo em que tagarelavam com Kyril, que estava por perto.

Eu havia notado, nos últimos dias, que essas moças não se

importavam com a atenção de quem elas chamavam, incluindo qualquer um das centenas de guerreiros bonitos e fortes de Firenze acampados ao redor da floresta.

Mas, se pudessem escolher, elas claramente desejavam ter suas saias levantadas por um rei.

Era ridículo.

Mars.

Cortando lenha.

Para uma plateia!

Mais ridículo ainda era o fato de Mars permitir isso.

Sentei-me na beirada de um chesterfield e voltei minha atenção para servir o chá.

—Venha, pai, antes que esfrie— insisti.

—Você deveria vir— respondeu ele, movendo-se em minha direção. —Para *casa*— concluiu. —Pelo menos para o jantar. Se aquele bárbaro quiser se sentar à nossa mesa, ele é o marido da minha filha, eu permitirei. Mas, como ele gosta muito de atenção, deixar você passar um tempo em sua casa com sua mãe e seu pai dará a ele tempo para ter a atenção que quiser sem a distração de sua *esposa*.

Milagrosamente, evitei que minha mão tremesse ao oferecer-lhe a xícara e o pires depois que ele se sentou à minha frente, e fiz isso murmurando: —Gostaria que você não chamasse Mars de bárbaro.

—Ele está sem camisa lá fora, Silence— declarou ele.

—Cortar lenha é um trabalho pesado. Até os homens de Bower Manor tiram a camisa quando fazem isso.

—Não quando estou em casa.

Pensando bem, isso estava correto.

—E não— continuou ele, —agora que sei que eles estão fazendo isso.

—Seu povo não usa muitas roupas— lembrei-o.

—E o homem cruzou a fronteira Dellish há algum tempo, filha— ele me lembrou. —Nós suportamos suas idiossincrasias quando estávamos em seu país. Ele está no nosso e deve mostrar algum respeito.

Terminei de servir minha própria xícara e me sentei com ela, suspirando.

—E está frio lá fora— continuou papai. —Até cortando lenha.

Eu não conseguia imaginar que meu pai já tivesse cortado lenha, portanto, ele não saberia o esforço que isso exigiria ou como poderia combater um resfriado.

Mas ele não estava errado sobre o frio.

Depois de um curto período de calor, o friozinho se instalou.

No início, foi muito gostoso ficar abraçada com Mars em nossa barraca enquanto viajavamos para cá.

E continuou a ser agradável, abraçar Mars em frente à lareira ou na cama antes de dormir, depois que chegamos aqui.

Depois, ficou menos agradável.

Ficamos abraçados, e Mars me beijou, me abraçou e fez coisas extraordinárias comigo com sua boca e seus dedos.

No entanto, quando chegava ao clímax, ele me abraçava, e isso durava cada vez menos tempo, até que, por fim, ele começava a suspirar pesadamente, como se estivesse irritado, e se fosse à noite, ele

se afastava de mim, mas se fosse de manhã, ele saía da cama e me deixava.

O casamento, eu estava descobrindo, não era muito fácil.

O casamento com Mars, eu estava descobrindo, era como estar em uma carruagem com as cortinas fechadas em uma estrada muito esburacada, quando não se podia ver as curvas até senti-las.

—Se eu fosse você, começaria a dar a ele um filho— declarou meu pai.

Eu pisquei para ele.

—Um filho, se você conseguir, para não ter o incômodo de precisar dar a ele outro— ele continuou. —Ouvi dizer que os Nadirii conseguem adivinhar o sexo de uma criança no útero. Você pode pedir a um de suas novas amigas que lance um feitiço. Depois, você pode deixar isso com ele e voltar para casa.

Deixar?

Meu marido?

Com 'isso'?

'Isso' sendo meu filho?

Eu não entrei nesse assunto.

Falei de algo que ele pudesse entender.

—Pai, eu sou a rainha.

—Sua mãe ainda vive. Ela pode supervisionar o palácio em seu lugar. Ela sabe como fazer isso. Ela tem feito isso há anos.

Coloquei minha xícara no pires e menti: —Acho que estou com dor de cabeça.

—Isso não me surpreende— ele murmurou.

Olhei pela janela.

Mars não estava mais cortando.

Ele estava com o machado apoiado na cabeça, com a mão apoiada na ponta e conversando.

Com nossos empregados.

Havia criados por toda parte no Palácio Catrame.

Eu o vi conversando com algum deles?

Não.

Nem uma vez!

Antes de desviar o olhar, vi Kyril olhar para mim pela janela e fez isso com a testa franzida.

Lamentavelmente, meu marido o viu fazer isso e olhou para mim por cima do ombro (nu!).

Depois, sem sequer abaixar o queixo para reconhecer que tinha minha atenção, ele se voltou para uma criada e continuou a conversar.

Seu nome era Pegeen.

E ela era muito bonita.

Na verdade, todas as moças que meu pai empregava eram jovens.

E muito bonitas.

—Silence— meu pai chamou minha atenção, infelizmente para ele.

Pois eu já estava farta.

Dele.

De Mars.

De casamento.

De profecias.

De bestas.

Do maldito Kyril franzindo a testa.

Eu queria uma lareira, um tapete, uma xícara de chá, um livro, minha pequena Piccola, minha própria companhia...

E paz.

Coloquei minha xícara no chão e me levantei.

Meu pai olhou para mim.

—Desculpe se você acha que isso é rude, mas muita coisa aconteceu e, neste momento em que posso relaxar antes que tudo comece novamente, vou procurar meu livro e fazer exatamente isso.

—Você não deve ler se estiver com dor de cabeça— aconselhou meu pai.

—E você deve se levantar quando uma rainha se levanta— respondi.

Meu pai me encarou chocado.

—E não questionar o que ela deseja fazer com seu tempo— continuei.

Ele se moveu para a beirada da cadeira, dizendo conciliadoramente: —Silence, posso imaginar uma noiva nova, apaixonada pelo marido, achando difícil se ajustar aos costumes da

cultura dele de infidelidade e de namoros em série...

—Pare de falar— sussurrei.

Dessa vez, ele piscou em choque.

—Meu casamento não é da sua conta, você não falará mais sobre isso. Meu marido também não é da sua conta. Ele também não é um bárbaro. Se você se referir a ele dessa forma novamente, pai, não teremos mais prazer nessas visitas. Se realmente deseja passar um tempo comigo antes que tudo esteja dito e feito e eu retorne ao meu novo lar, esforce-se para que esse tempo seja agradável. Não se esforce para aumentar a distância entre mim e meu marido. Posso lhe garantir que, se você colocar o lar e a lareira que me deu em Bower Manor contra a grandeza e a serenidade que meu marido ofereceu no Palácio Catrame, você... *perderá*.

Ele se levantou e disse: —Você pode ser a Rainha de Firenze, mas ainda é a Condessa de Arbor e *minha filha*.

—Só um desses títulos tem significado.

Ele recuou em sinal de insulto.

Eu o encarei com o olhar.

—Parece que meu momento é ruim, não?

Comecei a me levantar quando ouvi a voz grave do meu marido.

Ele estava apoiando o ombro no batente da porta, de forma aparentemente casual.

Graças aos deuses, ele havia vestido a camisa.

Ele também tinha uma expressão de indagação benigna.

Mas seus olhos brilhavam e ele não me enganou.

E esses olhos estavam voltados para o meu pai.

—Acho que vou me retirar— murmurou meu pai furiosamente.

—Eu acho que é melhor também— disse Mars.

Meu pai lhe lançou um olhar escaldante, mas ninguém poderia vencer meu marido com o escaldante.

Ele então olhou para mim. —Aceitarei suas desculpas em Bower Manor quando estiver pronta para oferecê-las.

—Vou avisar os empregados de lá para que não deixem de varrer as teias de aranha enquanto você espera por isso— respondi.

Seu rosto endureceu e, sem olhar para trás, ele saiu da sala.

Ouvi a porta da frente bater e então me virei para o meu marido.

—Você vai demitir a Pegeen— exigi.

Suas sobranceiras se ergueram.

—Desculpe?— ele perguntou.

—A criada. A bonita. Você a demitirá. Hoje mesmo. Eu a quero fora desta casa até o jantar.

—Não cabe a mim gerenciar empregados.

—Você não tem problema em flertar com elas.

Senti a sala começar a esquentar e não foram os excelentes ferros sob o fogo que fizeram isso.

—Se minha esposa não está gostando das companhias que tenho, sugiro que ela faça companhia a mim.

—Não tenho interesse em cortar lenha.

—Nem eu— respondeu Mars suavemente. —No entanto, é um uso melhor do meu tempo do que descontar meu mau humor nos meus homens ou, digamos, colocar um pouco de juízo na minha esposa, não?

Me dar um pouco de juízo?

De que juízo eu precisava?

E...

Seu mau humor?

—E como você está de mau humor?— perguntei.

—Não sei, Silence, talvez seja porque não tenho um cônjuge atendendo às minhas necessidades— respondeu ele.

—Vendo você cortar lenha?— perguntei incrédula.

—Porra, não— ele mordeu, com o temperamento em frangalhos. —Você não é estúpida, então não finja que é.

—Do que diabos você está falando?— perguntei.

—Talvez você seja estúpida— ele murmurou.

Recuei como se ele tivesse desferido um golpe.

— Estúpida?

— Estúpida— ele cortou.

E mais uma vez.

Eu já estava farta.

Mais do que o suficiente.

Estava na hora de resolver isso.

E acabar com isso.

—Você sabe, eu sei— sussurrei.

—Parece-me que você não sabe muito, então, por favor. Diga-me. O que você sabe, esposa?

—Sei que tenho de compartilhar.

Sua cabeça balançou. —Compartilhar?

—Esse é o caminho e eu sei que é o caminho. Sei que é algo que terei de suportar. E prometo que encontrarei em mim o caminho para fazer exatamente isso. Por você. Pelo nosso casamento. Mas mesmo que não seja seu costume, eu só peço, e por favor, eu imploro, independentemente de como você é, quem você é, o que você espera do nosso casamento, de mim, eu imploro que você conceda isso. Que você faça as coisas que precisa fazer, mas não me obrigue a participar e não me obrigue a assistir.

Sua maneira de agir mudou completamente quando ele perguntou calmamente: —Assistir o quê?

—Pegeen?

—A criada?

—Sim.

—Silence, *piccolina*, você não está fazendo sentido.

—Quando você fizer com ela as coisas que faz comigo.

Não consegui evitar o fogo.

Com isso, em um instante, ele se endireitou do batente, mas seu corpo ficou imóvel como uma estátua.

E seu rosto parecia feito de pedra.

Assim, sua voz era grave quando ele perguntou: —Você está me acusando de infidelidade?

—É o seu jeito, eu sei...

—É o jeito de quem?

—Seu.

Isso me fez disparar, e parecia, de forma alarmante, que ele havia crescido centímetros.

Em todas as direções.

De fato, parecia que o próprio ar estava em chamas quando ele perguntou: —Meu?

—Firenze!— Eu gritei descontroladamente. —Você me disse, depois da primeira vez, a primeira vez que você me fez...— Balancei a cabeça. —Que quando trouxéssemos outros para nossa cama, escolheríamos com cuidado. Sei que não é infidelidade para você. Entendo como é em Firenze. Mas não é— pressionei a mão no peito e me inclinei na direção dele, —*meu* jeito. Não quero compartilhar você. Não quero vê-lo com outras mulheres. Não quero outro homem além de você.

—Silence...

—E eu ouvi, eu *escutei*, era importante para você, por isso era importante para mim, e por isso escutei cada palavra da cerimônia do piercing, Mars. Tratava-se de um voto de lhe dar minha orelha, meus pensamentos e minhas palavras, mas não meu corpo. E assim, você usa a corrente e eu sei que tenho sua orelha, seus pensamentos e suas palavras, mas tenho de compartilhar seu corpo.

—*Amore*— disse ele gentilmente, —na verdade, você não teve meu corpo.

—O quê?

—Você não tomou meu corpo.

—Nós dormimos juntos todas as noites.

Mars voltou a se aquietar, mas não estava duro.

Ele parecia atônito.

Não tive chance de perguntar depois por que ele estava assim.

Ele falou.

—Você sabe o que é sexo?

Senti minhas bochechas arderem e respondi de forma concisa: —
Sim.

—Você tem certeza?

—Sim— respondi com firmeza.

—Então você sabe que o que eu lhe dou com a boca e os dedos, você pode me dar com a boca, com os dedos ou, mais importante, com outras partes de sua anatomia, e eu posso lhe dar o mesmo usando outras partes da minha?

O som dos meus dentes se chocando se fez ouvir em meu cérebro, eu fechei a boca tão rápido.

—Quando chego ao clímax, produzo sementes...— ele continuou.

—Eu sei, eu sei, eu sei— eu o interrompi, acenando com a mão em sua direção.

—Você sabe?— perguntou ele. —Você sabe que isso acontece quando eu tenho orgasmo?

Orgasmo?

Oh...

Caramba.

Isso foi mortificante.

Mais do que isso, era horrível.

Meu marido estava cuidando de mim.

Mas eu não estava cuidando do meu marido.

Pelos deuses.

Eu sabia que ele estava ficando duro.

E eu sabia o que acontecia com ele.

E eu tinha uma ideia de como os bebês eram feitos, as partes dele, as minhas partes, o que ia para onde.

Eu só não sabia, até ele fazer isso acontecer, que eu podia chegar ao clímax.

Então eu não sabia que ele podia...

Deuses.

Mas é claro que ele conseguia. Ele até mencionou o quanto achava difícil dormir ao meu lado, noite após noite, sem 'liberação'.

Era isso que ele queria dizer com 'liberação'.

Eu simplesmente não entendi.

Não pensei.

E agora que eu estava pensando, o que eu pensei foi que precisava sair daquele quarto.

Procurei fazer isso imediatamente.

Corri na direção oposta à de Mars.

Nem sequer cheguei à porta.

Seus braços se fecharam ao meu redor, fui puxada para trás e mantida contra sua estrutura.

Sua boca também estava perto de meu ouvido.

Fechei meus olhos com força.

E novamente senti a sala.

Dessa vez, não estava em chamas.

Estava um inferno.

—Pelos deuses, aqueles dois deveriam ter todas suas juntas rompidas pela forma como criaram você.

Abri os olhos e fiquei olhando, sem enxergar.

O quê?

—Sua mãe não lhe contou isso?— ele murmurou.

—N-não— gaguejei.

—Ela esteve com você, em sua viagem para Firenze, por semanas, e em meu palácio, por dias, sabendo que você iria se casar comigo em breve, e ela não se sentou com você durante todo esse tempo e compartilhou isso?— ele exigiu.

—Não, Mars— sussurrei.

—Pelos malditos deuses— ele rosnou em um aperto feroz.

—Mars, você... você está se segurando com muita força.

Ele relaxou o aperto.

Um pouco.

—Eu não quero essa criada— ele continuou rosnando.

—Tudo bem.

—Eu quero minha esposa.

—Tudo bem— continuei sussurrando.

—Eu estava lhe dando tempo para se acostumar comigo e com nossas brincadeiras, esperando que você desse indicações de que estava pronto para ir mais longe, algo que você não fez.

Oh, bolas.

—Porque, aparentemente, você não só não sabia como— ele continuou, —mas também não sabia que havia algo mais a fazer.

Eu não confirmei o que ele já havia descoberto.

Observei: —Tenho certeza de que essa não é a coisa mais fácil de discutir com sua filha.

—Seremos abertos e honestos sobre os prazeres da carne com nossos filhos, Silence. Eles saberão disso, saberão que devem esperar desfrutar disso, ambos os sexos, e não se envergonharão disso.

—Tudo bem— repeti.

—E, aliás, você não é uma criança. Você é um adulto. Uma pessoa que, naquelas semanas atrás, estaria prestes a se casar.

Eu não podia discutir isso.

—Você está tomando *pennyrium*⁵⁴?— ele perguntou abruptamente.

—*Pennyrium*?— Perguntei em resposta, estupidamente.

Ele me virou em seus braços, mas instantaneamente me prendeu neles novamente com meu corpo apertado ao dele.

—*Pennyrium* é uma bebida que você pode tomar...— ele começou a explicar com impaciência.

—Eu sei o que é, Mars, eu só...— Deuses, eu era um idiota. —Não havia motivo para tomá-lo.

E não havia, não porque não estivéssemos fazendo sexo, mas porque eu não tinha pensado nisso, pois nunca tinha precisado antes (*pennyrium* sendo a bebida que uma mulher tomava diariamente e que (eu tinha ouvido) era muito boa para evitar a gravidez).

—Antes de demiti-la, pediremos àquela criada que consiga um pouco para que você possa começar a tomá-lo imediatamente— declarou ele.

Eu não queria ser esse tipo de pessoa.

Mas ela era o tipo de pessoa que flertava com o marido de uma mulher.

Portanto, não tive muitos escrúpulos em fazer com que essa fosse a última (e uma das únicas) tarefas de Pegeen antes de ela seguir seu caminho.

No entanto...

—Mas você não quer ter um filho?— perguntei.

—Sim, quero vários, mas, primeiro, quero ter tempo para desfrutar de minha esposa e, além disso, se essa Besta se erguer, não quero que ela fique grávida quando a combatermos.

—Ah, claro— murmurei.

Ele me deu um empurrão. —Silence.

Meu olhar havia caído para sua garganta, então o levantei para seu rosto.

—A saudação dos Confiáveis, você se lembra?— ele perguntou.

Eu estava confuso.

—A saudação dos Confiáveis?

—Quando você conheceu meus homens e eles pressionaram sua mão no coração e no estômago deles— explicou.

Assenti com a cabeça. —Sim, eu me lembro.

—Eu ordenei que essa saudação fosse alterada quando os homens a fizeram para você.

Quando ele não disse mais nada, perguntei: —Alterada?

—Com outra mulher, ou um homem, naquele momento, eles teriam as suas mãos pressionadas contra o coração e o pênis dos meus homens.

—Oh— eu respirei.

—Sim— respondeu ele. —Em outras palavras, Silence, não quero sua mão perto do pênis de outro homem.

Oh, meu Deus.

—Tudo bem— eu disse calmamente.

—Você é extremamente sensível durante as brincadeiras na cama.

Apertei os lábios e meus olhos se arregalaram.

—Por causa disso, eu supunha, e agora sei que estava enganado, que você gostaria muito de sexo em suas inúmeras variedades.

Oh, fé.

—Há mulheres como Zosime que não querem nada além de Guard e ele sabe disso, por isso nunca aceitaria outra que não fosse sua esposa— ele compartilhou. —É por isso que eles combinam, pois Guard é um homem que não quer outra mulher, mas sua esposa. E há mulheres como Nyx que gostam de explorar coisas diferentes. Isso é bom, pois Lorenz gosta de dar isso a ela. Eles também combinam. Eu não tinha ideia de que tipo de marido eu seria, até saber que você não teve ninguém antes de mim, o que significa que, quando eu a tivesse, você nunca teria ninguém além de mim. E Silence— ele me apertou com força e mergulhou seu rosto no meu, —agora que sei que esse também é o seu desejo, você não terá outro além de mim.

Eu não teria outro além dele.

Meu coração se apertou.

E fez isso com alegria.

—Tudo bem— eu respirei.

—E como é seu desejo, não terei ninguém além de você, e isso me convém.

Mas ele tinha acabado de flertar.

Assim, timidamente, perguntei: —Você tem certeza?

—Não sei, ainda não estive dentro de você, mas, a menos que você sofra de uma condição até agora desconhecida que a deixa catatônica no instante em que pega um pênis, todas as evidências sugerem que nunca ficarei desapontado.

Isso me deixou tão feliz que, se eu pudesse pular de alegria, eu o faria.

Mars estava me prendendo a ele, então não podia.

Assim, em vez disso, murmurei: —Não acho que essa condição exista.

—Tomara que não— ele grunhiu.

Eu queria rir, mas tinha medo de fazê-lo naquele momento, pois ele parecia ainda estar irritado.

Portanto, fiquei em silêncio.

Mars também ficou em silêncio.

Por fim, tive de interrompê-lo ou começar a me contorcer sob seu olhar.

—Já terminamos de conversar?— perguntei.

—Não— ele respondeu. —Você deve saber que a infidelidade pode ser definida de forma diferente em Firenze, mas ela existe. Nenhum marido ou esposa tem um amante que não seja conhecido do outro ou sem que o outro esteja presente, seja participando ou assistindo. Isso não importa para você. Nós temos nosso acordo. Mas você deve saber disso, pois esse será o seu mundo, o seu jeito e o jeito das pessoas ao seu redor.

Assenti com a cabeça, pois concordava que deveria saber disso.

—Além disso, uma acusação de infidelidade é levada muito a mal, minha esposa. Nossa sociedade é tal que isso não acontece com frequência, pois não é necessário, com essa abertura entre amantes, entre marido e mulher. No entanto, o que não é diferente entre nossos dois reinos é o entendimento de que, para aqueles que compartilharam votos, esse ato é considerado o cúmulo do abuso de confiança. Portanto, se um inocente é acusado, isso é a mais profunda afronta. E em alguns clãs e tribos, a infidelidade, se comprovada, pode ser punida. Dependendo do clã ou da tribo, essa punição pode variar de um barão ou chefe que concede o rompimento de um casamento a partes de um corpo que são cortadas.

—Oh, meu Deus— sussurrei.

—Sim— ele concordou e continuou: —E, de agora em diante, se você tiver alguma dúvida sobre os costumes de seu povo que não entenda completamente, pergunte a mim ou à mamãe, para que não cometa um erro que a aborreça ou envergonhe ou, digamos, deixe seu marido muito, muito zangado.

Assenti novamente com a cabeça enquanto mordia o lábio, pois ele estava definitivamente certo sobre isso.

—Pelo menos, dessa vez, foram apenas alguns dias em que tive de lidar com o que estava lhe consumindo antes de você compartilhar comigo— declarou ele. —No entanto, pelas palavras que você me dirigiu, eu diria que foi isso que realmente a afastou de mim lá em Firenze.

O que ele disse estava certo.

No entanto...

Só um momento.

—Você estava cortando lenha— eu o lembrei.

—Meus ouvidos ainda funcionavam— ele respondeu.

—Não, Mars, você estava de mau humor porque estava com raiva de mim e não me disse nada sobre isso.

Ele pareceu surpreso por um momento antes de seu rosto se tornar gentil.

—Eu fiz isso— ele murmurou.

—E não estava de mau humor. Eu só estava chateada.

Seus lábios se contraíram e ele continuou murmurando quando disse: —Uma má escolha de palavras, *amore*.

Eu bufei.

Ele me deu um aperto de mão.

E então sussurrou: —Sinto muito, *mia bellezza*. Eu deveria ter falado com você sobre o que estava me preocupando.

Eu adorava que ele pudesse se desculpar daquela maneira.

Tão rapidamente.

De forma tão doce.

—Você está perdoado— sussurrei em retorno.

—Você também está, embora eu tivesse feito isso de qualquer forma, depois do que você disse ao seu pai.

Bolas e mais bolas.

Eu tinha a sensação de que ele não havia aparecido naquela porta.

—O quanto você ouviu?— perguntei.

—Começou com: 'Não se esforce para criar distância entre mim e meu marido'.

—Ele estava sendo irritante— murmurei.

—Eu não sei o que ele estava dizendo, mas nossa conversa começou com você exigindo que eu dispensasse aquela criada, então eu poderia adivinhar, e isso não é irritante. Isso é ele tentando distanciar você e eu, e isso, minha Silence, não será tolerado.

—Eu compartilhei isso com ele, Mars— lembrei-lhe.

—Há uma grande diferença, minha esposa de bom coração, entre o que você não tolera e o que eu não tolero. Você entende isso, não?

Eep!

—Eu não gostaria que você separasse todas as juntas dele— sussurrei.

—Eu não faria isso com seu pai, mas eu o arruinaria— ele respondeu sem emoção. —Eu tiraria dele tudo o que importa e, por mais que eu odeie compartilhar isso com você, o que importa para ele não é você. Mas eu o encontraria, seja lá o que for. E eu o tomaria. E eu o deixaria sabendo que eu o tinha, que eu o tomei e que ele nunca mais o terá. Essa conversa que estamos tendo, toda ela, é muito importante, inclusive isso. Portanto, preciso saber se isso é algo que você entende?

—Ele é meu pai, Mars— eu lhe disse.

—Ele é o homem que gerou você, Silence, há uma grande diferença. Você não saberá disso até ver como eu amarei e valorizarei nossos filhos. Portanto, agora, independentemente das maneiras e artimanhas dele para tentar convencê-lo do contrário, você simplesmente terá de confiar em mim.

Decidi não dizer mais nada.

Mars também não disse nada.

Ficamos olhando um para o outro.

Fui eu, mais uma vez, quem pôs fim à conversa.

—Agora já terminamos de conversar?

—De fato, sim, minha rainha, por enquanto, embora eu não vá entrar em você até que esteja protegida contra a concepção, vou ensiná-la a me dar prazer.

Senti meus olhos ficarem enormes.

Seu rosto se aproximou.

Ele havia mudado.

Sua voz havia mudado.

A sensação da sala havia mudado.

Eu não ficaria surpresa se o mundo inteiro tivesse mudado.

Isso quando ele sussurrou para mim: —Você tem muito a compensar, *mio ardente*.

Oh, fé.

Não tive mais nenhum pensamento ou palavra antes que ele estivesse me beijando.

E com isso, eu não pensava em outra coisa a não ser a boca do meu marido na minha e o quanto eu gostava dela.

Eu estava retribuindo o abraço, com entusiasmo, quando ele o interrompeu.

Eu teria protestado, mas fiquei chocada demais para fazê-lo quando ele se abaixou, colocou um ombro em minha barriga e me ergueu sobre ele.

—Mars!— exclamei.

Ele não me respondeu.

Ele me carregou para o outro lado da sala, dizendo: —Você, a bonita. Minha esposa precisa de um suprimento de *pennyrium* para três meses. Vá até a aldeia e cuide disso— logo antes de se virar para a escada.

Levantei a cabeça para ver Pegeen (e Bernadette... e Olive) de pé na porta em que Mars havia entrado antes, olhando para nós com olhos arregalados.

Tentei não sorrir.

Tive a sensação de que não consegui.

Foi quando ele fez a aterrissagem superior que me lembrei de onde eu estava, para onde estava indo e por quê.

Antes que eu pudesse comentar sobre isso, Mars fez seu próprio comentário.

—É bom que você faça todo o trabalho, *piccolina*, pois eu me cansei de cortar toda aquela madeira.

Não acreditei nele nem por um segundo.

Não tive a oportunidade de compartilhar isso, pois ele me empurrou de seu ombro, caí de costas em nossa cama, mas meu marido imediatamente agarrou meus quadris e me virou de barriga para baixo.

Essa barriga se abaixou, senti meus seios incharem de maneira agradável e essas duas coisas aconteceram novamente quando o senti puxar bruscamente os cordões na parte de trás do meu vestido.

—Mars— sussurrei.

Eles se soltaram e eu fui virada novamente de costas, depois minhas saias foram jogadas sobre minha cabeça.

Oh, meu Deus.

Eu tinha a sensação de que descobriria que era muito fabuloso ter suas saias jogadas por um rei.

Se esse rei fosse seu marido.

E esse marido era Mars.

Senti suas mãos em meus quadris novamente, deslizando para cima, levando meu vestido com elas.

Levantei os braços, o vestido havia sumido e eu estava apenas com minha camisa, meu espartilho e minha calcinha.

Porém, com um grande movimento de seu braço, perdi a calcinha.

Estremeci de prazer.

No entanto...

Eu achava que ia agradá-lo.

—Mars— sussurrei novamente, levantando minha cabeça dos travesseiros e vendo-o beijar a pele sob meu umbigo.

Sua barba fazia cócegas, mas essa não era a única razão pela qual eu tremia quando ele deslizava mais para cima, e eu sentia seu peso quando ele capturava meus lábios.

Não pensei mais em agradá-lo.

Pensei apenas em beijá-lo e tocá-lo, e foi isso que fiz.

Ouvi suas botas baterem no chão quando ele as tirou, ignorei isso e continuei a beijar meu marido.

Eu não podia ignorar seus dedos se enroscando no material da camisa que cobria meus seios, nem podia ignorá-lo puxando-a para baixo.

Nem eu queria.

Arfei contra seus lábios.

Seus lábios desapareceram e ele se moveu para baixo, de modo a capturar meu mamilo e penetrar profundamente.

Com isso, gemi, deslizando meus dedos em seu cabelo e me contorcendo sob ele.

—Mars, meu amor— eu respirei.

Senti seu rosnado contra meu mamilo antes que eu perdesse sua boca ali e seu rosto estivesse no meu.

—Do que você acabou de me chamar?— ele exigiu.

Eu não estava ouvindo.

Estava mexendo nos cordões de sua cintura, de cada lado de sua camisa de couro de mangas compridas.

—Silence— ele disse.

—Isso precisa ir embora— murmurei desesperadamente.

Ele se levantou, puxou os cadarços e depois arrancou a camisa.

Toda aquela pele.

O músculo.

Ah, sim.

Coloquei minhas mãos sobre ele, levantando-me, pressionando e torcendo para derrubá-lo até as costas.

—Silence— ele grunhiu.

—Deite-se— ordenei.

—*Bellezza*.

Olhei para seu rosto e disse: —Você não está sendo muito complacente, meu rei.

Ele se deitou.

Eu subi em cima dele.

Suas mãos grandes seguraram meus quadris, onde estavam sobre sua barriga, e ele sussurrou: —Minha Silence.

Mais uma vez, eu não estava ouvindo.

Toda aquela pele disponível para mim?

Um *banquete*.

Mergulhei e fui direto para um mamilo, como ele havia feito.

Perdi uma mão em meu quadril e tive dedos apertados em meu cabelo quando ele grunhiu: —Silence.

Ah, não.

Minha cabeça se levantou.

—Isso foi errado?— perguntei.

Ele levantou a cabeça do travesseiro e ordenou com aspereza: — Não pare.

Fiquei olhando para a expressão em seu rosto, o calor em seus olhos, e algo me invadiu.

Algo belo.

Algo poderoso.

Não.

Algo *invencível*.

Eu miava meu triunfo e me movia para cima, tomando sua boca.

Ele manteve os dedos em meus cabelos e envolveu-me com um braço, dando-me a língua.

Aquela língua cravejada.

Seu sabor.

Eu bebi. Explorei. Devastei.

E então fiquei gananciosa, querendo mais.

Eu também o tomei, puxando sua barba com os dentes, lambendo seu pescoço, mordiscando sua clavícula, puxando profundamente seus mamilos, traçando as caixas em sua barriga com as pontas dos dedos.

Cheguei ao cóis de sua calça de couro com meus lábios antes que ele me levantasse, guiasse minha boca até a dele e fosse ele quem violasse minha boca enquanto tomava posse de minha mão.

Sem demora, ele a pressionou no cóis de sua calça e envolveu meus dedos em torno de seu eixo rígido.

Ele grunhiu.

Ofeguei e rompi o beijo, encostando minha testa na dele e olhando fixamente em seus olhos flamejantes enquanto ele conduzia minha mão para acariciar.

—Parece aço— sussurrei maravilhada.

E parecia mesmo, sólido e robusto.

Ele emitiu um som baixo e animalesco e assumiu o controle do meu polegar, rolando-o sobre a ponta.

—E seda— eu respirei.

Senti sua outra mão se deslocar e, de repente, tínhamos espaço para nos mover, pois ele havia desabotoado e se libertado.

E também nossas mãos.

Olhei para baixo e nos observei acariciando seu magnífico pênis.

—E lindo— terminei maravilhada.

Terminada sua tarefa, Mars passou a mão pela parte de trás da minha coxa e entrou, deslizando os dedos pelas minhas dobras úmidas e mexendo no meu pênis.

Arfei e me pressionei contra seu toque, mesmo quando protestei: —Eu deveria...

—Quieta, esposa— grunhiu ele, com a mão sobre a minha e o eixo se apertando.

Senti cada cume e veia, senti seu corpo poderoso se contrair e se esforçar sob mim, observei de perto sua expressão escurecer maravilhosamente.

E eu queria mais.

Também percebi que ele havia me mostrado o caminho.

Então, eu o peguei.

Deslizei por seu corpo, perdendo seu toque, até que ele disse irritado: —Silence.

Eu também ignorei isso.

Além disso, quando ele percebeu meu destino, ignorei seu suave —Esposa.

E em um deslizar de nossas mãos para baixo, eu o atraí para minha boca.

Ele fez um barulho tão esplêndido que quase cheguei ao clímax só de ouvi-lo.

Ah, sim.

Eu era invencível.

Sua mão se afastou da minha quando ele deslizou as duas para o meu cabelo e murmurou: —Acaricie, *piccolina*, e chupe.

Eu fiz as duas coisas, feliz.

—Chupe— ele grunhiu, seus quadris subindo e descendo, mostrando-me o que ele queria.

Eu dei isso a ele.

—*Foda-se*— ele disse.

Eu o deslizei para fora e olhei para seu rosto, inseguro.

—Sim?— perguntei.

Os músculos de seu estômago se contraíram, ficando em evidência quando ele se levantou, passou por baixo de meus braços e me puxou com ele enquanto deslizava pela cabeceira da cama.

Mas ele não mudou minha posição.

Apenas nos colocou em uma posição em que ele poderia observar mais facilmente.

Ele então disse com um grosso —Sim.

Eu sorri para ele.

As chamadas em seus olhos se enfureceram.

A área entre minhas pernas estremeceu, e eu abaixei a cabeça e voltei a trabalhar em seu belo eixo.

Eu o senti se esforçar, ouvi seus ruídos se aprofundarem, o que causou uma aceleração em mim, e pensei vagamente em como era magnífico chegar ao clímax com ele apenas dando-lhe isso quando perdi o controle sobre ele, já que fui arrastada por seu corpo.

Ele deslocou as pernas para que eu ficasse sobre seus quadris.

Eu protestei: —Mars!

Sua mão novamente envolveu a minha em seu eixo e sua outra mão mergulhou entre minhas pernas.

Arfei, minha cabeça caiu para trás e meus quadris balançaram.

E ele sussurrou: —Sim, Silence. É isso, *amore*.

Lutei contra a sensação que ele estava causando, endireitei minha cabeça e disse: —Você.

—E você— ele respondeu.

Seus dedos eram tão habilidosos que meus quadris ficaram frenéticos, minha mão agarrou seu pênis com força e meu marido aumentou o calor em nós dois.

—Eu preciso de algo— gemi.

—Você terá isso em breve, amore. Mas pegue isso agora.

Trabalhamos sua ponta com os polegares e, em seguida, ele aprofundou nossos movimentos enquanto pressionava a seda dele contra mim e esfregava.

Ah, sim.

Eu precisava de algo.

Algo mais.

Dele.

—Deuses— eu respirei.

—Você precisa terminar, Silence— ele grunhiu.

—Mars.

—Termine— ele rosnou.

—Mars!— Eu gritei, tremendo sobre ele enquanto meu clímax me consumia.

—Foda-se— ele mordeu, me afastou um pouco, e senti os solavancos violentos de seu corpo quando ele mudou os movimentos de nossas mãos para puxões profundos, apertados e rápidos.

Eu queria observar, mas estava dançando nas chamas, então não consegui.

Elas se apagaram, deixando-me ofegante.

Mars estava respirando pesadamente e perguntou: —Você quer descansar em mim?

Eu não tinha ideia de por que ele estava perguntando isso, pois eu só conseguia me manter afastada dele porque ele estava me segurando.

—Por que eu não quereria?

—Minha semente está em todo o meu estômago, *piccolina*— disse ele gentilmente.

Eu me soltei de sua mão e caí sobre seu corpo.

Senti-o relaxar sob mim enquanto seus braços se curvavam ao meu redor.

Eu me aconcheguei mais.

Ele estava um pouco escorregadio, mas era divino, todo ele, especialmente a dureza que ainda estava lá e que eu sentia pressionando contra a parte úmida e sensível de mim.

Mesmo assim, enquanto acariciava seu peito com minha bochecha, eu disse: —Não é justo.

Ele parecia perplexo (e sua voz tinha um tom agradável de aspreza), quando perguntou: —Não é justo?

Inclinei a cabeça para cima para olhá-lo, vendo seu queixo barbudo no fundo da garganta para olhar para mim, todos os seus muitos piercings piscando à luz do sol que entrava pelas janelas.

—Eu deveria ter lhe dado prazer.

—Você poderia estar chegando ao clímax quando isso aconteceu, minha rainha, então talvez não tenha percebido. Mas pode ter certeza de que isso aconteceu.

—Sim, com você fazendo isso para si mesmo, assim como para mim.

A boca dele se encolheu. — Confie em mim, foi você que fez isso.

—Não foi.

Seus lábios se curvaram. —Foi sim.

—Não foi.

Ele sorriu com um sorriso branco ofuscante. —Foi sim, Silence.

—Era para eu estar compensando as coisas— eu o lembrei.

—Vejo que você precisa entender algo— ele murmurou.

Ah, bolas.

Não eu entender algo mais.

Ele me puxou para cima de seu corpo para que ficássemos frente a frente e segurou a parte de trás da minha cabeça para nos aproximar

ainda mais.

—Se houver um momento em que estivermos íntimos e eu não lhe der prazer, eu falhei com você— ele me disse.

Isso foi muito bonito.

De fato, lindo.

No entanto...

—Houve várias vezes, quando estávamos íntimos, que eu não lhe dei prazer, Mars— eu disse miseravelmente.

—Porque você não sabia como.

—Você estava certo antes. Eu estava sendo estúpida e, portanto, descuidada. Eu deveria ter juntado tudo.

—Você estava com coisas na cabeça.

—E você está inventando desculpas para mim— resmunguei.

—Silence.

Ele não disse mais nada, então perguntei: —O quê?

—Você precisa parar de ser tão dura consigo mesma. Você é gloriosa do jeito que é. Aqueles ao seu redor que não estão cegos por suas próprias falhas veem isso claramente. É só você que não vê. Peço que você se veja como eu a vejo, amore, e tenha paciência consigo mesma como eu tenho, pois sei que você valerá a pena. E sei disso porque você já vale.

Senti a necessidade de chorar com suas palavras, mas não cedi a isso.

Levantei minha mão para encostá-la em sua bochecha barbada e perguntei: —Como é que o destino me deu alguém tão maravilhoso?

—Não sei a resposta para isso, embora muitas vezes eu tenha me perguntado a mesma coisa.

Senti meu rosto desmoronar e, para escondê-lo, aconcheguei-o em seu pescoço.

Para conter as lágrimas, murmurei: —Obrigado por entender.

—Obrigado, minha noiva, por gostar tanto do meu pau.

Eu sabia que ele estava dizendo aquilo para aliviar o peso da nossa conversa.

E funcionou.

Eu dei uma risadinha.

Ele estendeu a mão e puxou um tapete sobre nós.

Em seguida, estendeu a mão e puxou a corda de um criado.

Com isso, tirei minha cabeça de seu pescoço.

—O que está fazendo?— perguntei.

—Chamando uma serva— ele me disse o que eu já sabia.

—Eu sei, mas por quê?

—Não estou com vontade de me levantar, e o fogo precisa ser atizado e alimentado— respondeu ele. —O que me apetece é comer a boceta de minha esposa, o que farei assim que o fogo for atizado e alimentado.

Eu me contorci contra ele, chocada com sua linguagem franca, mas ainda assim excitada por ela.

Vi a satisfação em seu rosto com minha resposta, mas ele não tomou nota.

Ele continuou: —Então vamos tirar um cochilo. Depois disso, jantaremos deitados. E depois disso, você me agradará novamente, enquanto eu a satisfaço. E uma serva precisa saber de nossos planos, pois terá de nos alimentar.

—Não tenho certeza se elas sabem cozinhar— murmurei.

—A comida que elas forneceram, pelo que notei, é de baixa qualidade. Seu pai não tem habilidade para contratar criadas.

O que ele sabia fazer era contratar criadas que ele achava que poderiam chamar a atenção de um rei.

Uma batida soou na porta.

— Entre!— ordenou Mars.

A porta se abriu e eu me aproximei mais dele, sem olhar para aquela direção.

Seus braços me seguraram com mais força.

—O fogo precisa ser atizado e alimentado— ordenou ele. —E minha rainha e eu estaremos desfrutando de nossa cama pelo resto do dia. Tragam vinho, queijo e pão agora. Água fresca e panos para o quarto da rainha. Mais tarde, precisaremos do jantar. Ligaremos quando isso for desejado.

—Sim, Vossa Graça— ouvi, e reconheci a voz. Era Olive.

Ela não parecia feliz.

Ela ficaria menos feliz depois que Mars continuasse.

—Sugiro que quem cozinhar o faça com vontade, até agora não demonstrada, de nos agradar, pois se não gostarmos da comida que nos for oferecida, quem a preparou será dispensada.

—Sim, Vossa Graça— veio da direção do fogo.

Hmm.

Definitivamente infeliz.

Eu sorri.

—Não se demore— finalizou Mars.

—É claro, Vossa Graça.

Ela não se demorou, pois, pouco depois, ouvi a porta se fechar.

Assim que ela se fechou, Mars nos empurrou para a cama e me rolou de costas no colchão, com ele em cima de mim.

—Preciso nos limpar— ele murmurou. —Espero que ainda haja água em meu quarto.

—Tudo bem.

Ele encostou seus lábios nos meus e tentou se afastar.

Mas eu me movi rapidamente para envolver meus dedos em cada lado de seu pescoço e ele parou.

—Obrigado por ser tão compreensivo— eu disse suavemente.

Sua expressão ficou mais terna (ou mais ainda).

—Se eu não for assim, Silence, isso também seria um fracasso— respondeu ele. —Um fracasso que você não deveria tolerar, não é?

Eu tinha a opção de beijá-lo ou derramar uma lágrima.

Não demorou muito para tomar a decisão.

Meu marido aprovou minha decisão.

E assim, levou algum tempo para que ele nos limpasse, pois nos perdemos no abraço.



O Giz

Chu dos Confiáveis

Deserto de Dunas do noroeste, perto do rio Tebes
FIRENZE

Serena se lavava no rio enquanto Chu a observava, lembrando-se novamente do fato perturbador que ocorrera entre eles alguns dias antes.

Ele a chamou, não para seu quarto habitual no Distrito de Heden, mas para uma taberna lá.

Ele então compartilhou o que seu rei lhe havia dito para compartilhar, não como um mestre para seu escravo, mas como um Confiável do Rei de Firenze para um general do exército de Nadirii.

O que ele achou inquietante foi a reação dela.

Seu rosto atraente assumiu uma expressão eficiente.

Ela então fez uma série de perguntas rápidas e sucintas sobre as evidências que eles tinham para apoiar suas suspeitas.

Depois disso, ela disse: —Carrington é um tolo e metade dos Go'Doan eu acho duvidosos. Como você deseja proceder?

E com isso, aquele sentimento inquietante floresceu.

—Trabalharemos juntos, em ambos— ele lhe disse.

Ela, Serena dos Nadirii, uma conhecida rebelde que só tinha um uso para os homens e não gostava particularmente de esforços em equipe, simplesmente assentiu.

E a sensação de inquietação aumentou.

Mas ela perguntou: —O que você deseja que Heloise e Genia façam?

—Eu não sei quem elas são, portanto não desejo que façam nada.

—Elas são minhas tenentes. Ficaram em Firenze comigo.

—Então, como eles são seus tenentes, você claramente confia neles, portanto, desejo que os informe, nós os apresentaremos a Lorenz e Guard, e eles ajudarão aqui a vigiar os Go'Doan que restaram e a procurar os sacerdotes que escaparam enquanto viajamos para Wodell.

Ela não apoiava essa ideia, e verbalizou isso.

—Eu preferiria que elas ficassem comigo.

—Nós vamos espionar, rato. Esse esforço é muito mais bem-sucedido quando não é feito por um batalhão.

—Dois guerreiros não são um batalhão, e eu não sou seu rato quando não estamos jogando.

Ele se inclinou para ela, tocou sua túnica ao lado do peito, viu suas pálpebras ficarem pesadas e apontou o óbvio.

—Você é meu rato o tempo todo, Serena. Alguma vez você já agiu como espiã?

Ela balançou a cabeça, e ele sabia que ela estava mais sintonizada com o dedo dele acariciando-a levemente por cima da túnica do que

com as palavras dele.

—Você gostaria de aprender?— perguntou ele.

Ela assentiu com a cabeça.

Ele se recostou e retirou a mão.

Ela parecia desapontada.

Chu se permitiu apreciar aquele olhar por um momento antes de ordenar: —Dê instruções às suas mulheres. Enviarei uma mensagem para você quando todos nos encontrarmos. Não vai demorar muito, ratinho, então faça as malas. E faça uma mala leve. Precisamos nos apressar para chegar a Wodell e não precisamos de nossos cavalos pesados. Sim?

Ela acenou novamente com a cabeça.

—Vá— ele ordenou.

Ela não foi.

Ela parou um momento para estudá-lo e ele não conseguiu ler seu rosto enquanto ela o fazia.

Então ela foi embora.

Ele a observou se afastar e, depois que ela se foi, Chu percebeu que continuava perturbado pelo jeito dela.

Era confiante. Atenciosa. Profissional.

E nenhuma dessas características era conhecida de Serena dos Nadirii.

No entanto, ela havia lutado no ataque ao palácio ao lado do resto deles, então poderia ser que ela desejasse vingança, e ajudar a descobrir quem estava por trás disso a levaria mais perto desse

objetivo. Dito isso, ela estava permitindo que os Firenz assumissem a liderança, pois foi o palácio deles que foi atacado.

Sem mencionar que havia uma aliança entre os Nadirii e Wodell, Wodell abrindo seus mercados para os Nadirii venderem suas mercadorias (principalmente cestas tecidas, outros trabalhos artesanais, tônicos e linimentos para a saúde e poções mágicas, cervejas e implementos), o que era uma receita importante para os Encantamentos.

E, embora Wilmer fosse um governante imprevisível que poderia, ou não, apoiar a abolição da opressão em Airen e manter alianças dependendo dessa decisão, True não era tão imprevisível.

Portanto, poderia ser que ela desejasse ter certeza de manter isso seguro para seu povo.

No entanto, o motivo pelo qual ele ficou incomodado com o comportamento dela foi que parecia que ela era simplesmente o que seus modos sugeriam.

Confiante.

Atenciosa.

Profissional.

Ela era uma guerreira feroz e muito habilidosa.

E Chu não estava enganado sobre sua reputação. Era de conhecimento geral que ela era tão desagradável e hostil a ponto de ser insultada por muitos, e temia-se que Ophelia deixasse os Nadirii sob seu domínio, o que muitos consideravam que, com sua disposição, seria catastrófico.

Seu rei não confiava em Serena com as informações que ele havia confiado a Chu para lhe dar.

Ele confiou em Chu para tê-la em suas mãos.

E Chu a tinha em suas mãos, para jogar.

O que Chu não confiava era se ele a tinha mesmo em suas mãos.

Ela detestava a irmã, não escondia isso e aproveitava todas as oportunidades para compartilhar isso com a irmã.

E, até onde ela sabia, eles estavam indo para onde a irmã estava, e era por isso que Chu suspeitava que Serena estava se comportando razoavelmente.

Para que a brigona ficasse mais perto de sua presa favorita.

Mas, nos dias que se seguiram, enquanto cavalgavam, ela ficou quieta e demonstrou (ainda mais, pois ele já sabia disso) que era uma amazona imensamente competente e abertamente apaixonada e carinhosa com seu cavalo. Ela não reclamou do fato de estarem cavalgando sob o sol quente. Não protestou contra o fato de terem se deitado em cobertores na areia, sem nenhuma proteção além das estrelas. Não se preocupava com os insetos e cobras que a atacavam durante a noite. Ela não lamentava o frio que invadia o ar quando o sol deixava o céu. Ela não se incomodava com refeições pouco frequentes, banhos menos frequentes e não perdia tempo com sua aparência.

Eles estavam em uma missão e ela, aparentemente, estava absorvida em continuar com ela.

Isso era um problema para Chu.

Porque ele admirava tudo isso.

E sua missão, com Serena, era torná-la escrava de seu pênis e, a partir daí, de seu comando, e ela podia ser uma amante inadequada nos jogos de rotina na cama, mas era uma submissa excepcional.

Isso, além de ser muito fácil de olhar. Tanto que ela não precisava se preocupar com sua aparência. Isso era natural.

Agora, ele sabia mais sobre ela e, como a maioria dos homens, Chu gostava de sexo em uma variedade de aspectos, especialmente entre mestre e escravo, mas ele sempre escolheu parceiras que eram explicitamente femininas e submissas em aspectos da vida, bem como nos jogos.

Serena não era assim e ele achava a dualidade mais intrigante do que deveria.

Ela se levantou da água, sem nada vestido, com o corpo esguio escorregadio e reluzente ao luar.

Ao fazer isso, ela lançou um olhar para ele, dizendo que estaria aberta às suas ordens, algo que ele não havia dado a ela desde que embarcaram em sua jornada, exceto para que ele dissesse que não queria que ela usasse o corpete durante o sono, apenas a túnica.

Ele sabia que, a princípio, ela achava que isso indicava que ele a chamaria durante a noite, mas, até agora, não o fez.

Para recuperar o equilíbrio, ele decidiu que naquela noite o faria.

Ele não tomou nota disso naquele momento.

Ele se levantou, despiu-se e foi até a água para se banhar.

Ele sabia que ela estava olhando para ele enquanto ele fazia isso, mas nem sequer olhou para ela.

Depois, voltou a se vestir completamente.

Chu foi então até o cobertor dele, que estava a um metro do dela, com o tapete de sela enrolado na parte superior para servir de travesseiro.

Ela estava sentada em seu cobertor, com os joelhos para cima e os

braços soltos ao redor das panturrilhas, olhando para os Tebes que fluíam suavemente.

Ele se sentou, depois ficou de lado, com a cabeça voltada para o rio para que pudesse ver o rosto dela, o tronco apoiado em um antebraço. Ele esticou as pernas.

—Conte-me sobre sua irmã— ele ordenou.

—Elena não é meu assunto favorito— respondeu ela.

—Isso não foi um pedido, meu ratinho— ele disse suavemente.

Ela não virou a cabeça, mas seus olhos se voltaram para ele.

Ele também observou o corpo dela ficar alerta.

Hmm, sim.

Ela estava pronta para jogar.

—Não quero falar sobre ela— ela compartilhou.

—Não me interessa.

Ela olhou de volta para o rio, murmurando: —Ela é perfeita.

—É mesmo?

Ela virou totalmente a cabeça e disse: —Sim. Você não notou? Você é um dos poucos que não acha que ela comanda o sol e cobre as folhas com raios dourados?

—Não posso dizer que não assisti, com certa admiração, à performance dela no coliseu— ele compartilhou.

Serena continuou a murmurar. —Você e toda a Cidade do Fogo.

—Embora, por outro lado, eu não a conheça.

Ela se afastou novamente.

—Tenho pena de você. Ela é *extraordinária*— disse ela sarcasticamente ao rio.

—E você a inveja, em vez de se orgulhar de alguém de seu sangue direto ser notável, negando a possibilidade de você ser notável, pois há muito pouco que seja mais notável do que alguém que poderia ser ofuscado pela luz de outra pessoa, tendo a força de vontade e a bondade de coração para exaltar essa luz e brilhar a sua própria por causa do amor.

Ela olhou para ele novamente, com o rosto cativante endurecido.

—Com todo o respeito, *Mestre*— ela mordeu, —mas como o senhor não está na minha posição, não tem como saber.

—Eu discordo, rato, pois meu irmão mais velho era mais alto, mais forte, mais ágil, mais rápido, e ele era o mais velho de todos nós, portanto, nascido para ser rei.

Seus olhos ficaram redondos.

—E eu o amava muito— concluiu ele.

—Pela deusa— ela sussurrou.

—Infelizmente, em minha cultura, quando vários meninos nascem para a família real, é costume, quando eles começam a atingir a maioridade, que os mais jovens sejam assassinados para que não disputem ou sejam coniventes para contornar a ascendência, algo que, ao longo da história, aconteceu com grande frequência.

Com isso, ela virou toda a parte superior do corpo para ele, dizendo: —Maldito inferno.

—De fato. O que torna essa história ainda mais comovente é o fato de que é a mãe do menino que seria rei que garante que seus

outros filhos não fiquem em seu caminho. Enquanto o pai olha para outro lado e ignora o que está acontecendo, a mãe contrata os assassinos que matarão seus filhos. Isto é, se alguém não tiver demonstrado em seu treinamento que não será um governante melhor. Infelizmente para nós três, mas espero que seja uma sorte para o reino em que nasci, meu irmão era extraordinário.

—Você é um príncipe?

—Não, eu sou um Confiável.

—Mas você nasceu príncipe.

—De uma forma pouco significativa— ele permitiu.

—Isso nunca é insignificante— disse ela suavemente.

—Não, foi sim— discordou Chu. —O que não foi insignificante foi meu irmão, que seria o rei, que me amava tanto quanto eu o amava. Assim, ele me ajudou a escapar, de modo que quando os assassinos vieram para tirar minha vida e a de seus outros irmãos, nós não estávamos lá. Em vez disso, estou aqui, vivo, a serviço de outro grande rei, e minha vida tem significado.

—Sou sua irmã mais velha— ela o lembrou.

—Então aja de acordo.

Ela olhou para o rio.

Ele lhe deu tempo para pensar sobre isso.

Antes que ele terminasse de lhe dar esse tempo, ela perguntou ao rio: —O que aconteceu com seus outros irmãos?

—Durante nossa fuga, um deles foi abatido com uma lança. Depois disso, o outro conspirou para voltar, se vingar e tomar o poder. No entanto, para fazer isso e não deixar nenhum fio solto, ele teria que me despachar. Nós lutamos. Ele não venceu.

Isso lhe rendeu a atenção dela. —Então, onde ele está agora?

—No fundo do mar.

Seus olhos estavam novamente arregalados. —Você o matou?

—Preferi ser o único a respirar, mas, além disso, para ter certeza de que meu irmão mais velho não passaria pelo mesmo teste.

—Você matou seu irmão para que ele não matasse seu outro irmão?

Ele deu de ombros.

—Chu— ela sussurrou.

No início, ela não se lembrava do nome dele.

Ela acabou aprendendo.

E ele aprendeu a gostar dele em seus lábios.

—Como você pode ver, venho de uma família carinhosa e afetuosa.

Ele observou à luz da lua como algo se movia em seu rosto. Ela parecia desconcertada e subitamente desajeitada, como se não soubesse o que dizer, fazer ou pensar.

Essa reação não o surpreendeu.

Chu descobrira que era assim quando você passava a vida se preocupando apenas consigo mesmo e, de repente, pensava nos sentimentos de outra pessoa.

E isso não estava em seu caráter, não estava no papel que ele desempenhava com uma parceira, definitivamente não estava no papel que ele deveria desempenhar com ela, mas ele sentiu a necessidade de aliviar isso para ela.

—Venha, rato— ele murmurou. —Traga seu tapete de sela e seu cobertor. Vou lhe contar uma história sobre a terra onde nasci.

Toda a estranheza foi embora, o estado de alerta tomou conta de sua estrutura e ela tentou não parecer ansiosa, mas não conseguiu, pois se moveu para fazer o que lhe foi pedido.

Ele pegou o tapete da sela e o apoiou contra o seu, recostando-se nele, antes de colocar o cobertor dela de lado.

Em seguida, abriu as pernas e as armou, inclinando a cabeça para o colo para compartilhar o local onde ela se posicionaria.

Ela foi para lá imediatamente, acomodando-se em um quadril entre as pernas dele.

—Deslize para baixo e me liberte— ele murmurou, observando o rosto dela ficar faminto. —Depois fique confortável e coloque meu saco em sua boca.

Essa fome cresceu, mexendo com ele, embora ele já estivesse duro antes, isso começou quando ele deu a ela a ordem de se juntar a ele.

Ela novamente fez o que lhe foi ordenado, e ele a observou, ainda mais excitado.

Sem dúvida.

Ela era uma submissa excepcional.

Com a boca quente e úmida dela em volta de suas bolas, ele acariciou vagarosamente seu pênis duro enquanto olhava nos olhos dela.

E ele começou.

—Esse conto é conhecido como o Imperador do Pó. Mas é sobre a senhora do giz⁵⁵. Não é de surpreender que ela vivesse no giz, sozinha e solitária. De sua casa no giz, ou na lua, ela observava a Terra,

ansiando por companhia. Ela viu homens e mulheres se apaixonarem e ansiava por um amante. Os imperadores ao longo dos tempos conheciam a dama de giz. Eles sabiam que era ela que aparecia, iluminando o céu noturno. Ouviam dizer que sua beleza era a maior de todas em toda a eternidade. E sabiam que seu poder era ainda maior. Geração após geração, eles tramaram e planejaram encontrar uma maneira de construir uma ponte para o céu noturno, para o giz, a fim de reivindicá-la, possuí-la, tornar sua beleza sua. Mas, principalmente, eles planejaram tirar a magia dela que brilhava na escuridão— Ele baixou o tom de voz. —Chupe, rato, gentilmente.

Ela fez isso.

Ele gostou do que ela fez.

Ele também se mexeu para que suas pernas ficassem mais largas, a almofada de sua coxa mais firme para a cabeça dela, e ele continuou.

—Um dia, enquanto observava a terra, a senhora do giz notou um guerreiro. Ele era o mais poderoso de todos. Sua lança sempre acertava em cheio. Seu bastão de bambu nunca se quebrava. Ele também era o mais bonito que ela já tinha visto em seus milhares de anos no giz. Ela se apaixonou por ele e enviou sua magia para agradecer sua espada, para que ela nunca se quebrasse em batalha, para que ele nunca fosse ferido quando enfrentasse um inimigo. Ela fez isso enquanto ele dormia, mas ele acordou e, no feixe de sua magia, viu seu rosto e se apaixonou perdidamente por ela. Ele enviou uma promessa por meio de seu feixe de que encontraria uma maneira de chegar até ela. Ele então se casaria com ela, a manteria segura e a faria feliz pelo resto de seus dias. Solte, Serena.

Ela soltou as bolas dele.

Chu mexeu o pênis e ela seguiu o exemplo, reposicionando-se.

Ele deslizou em sua boca doce e quente.

— Segure-me, minha princesa escrava— ele murmurou. —Nada de chupar.

Ela assentiu com cuidado, com os olhos fixos nos dele.

Com o pênis na boca dela, Chu acariciou-lhe a mandíbula e recomeçou a história.

—Naquela época, o imperador tinha um poderoso feiticeiro que ele havia ordenado que encontrasse um caminho para a dama de giz. Em seu espelho mágico, esse feiticeiro viu o feixe, ouviu a mensagem do guerreiro e avisou ao imperador que a dama de giz havia se apaixonado pelo mais poderoso guerreiro do reino. Ele também avisou ao imperador que havia sonhado que esse guerreiro era tão forte e robusto e que o amor deles era tão verdadeiro que o guerreiro poderia construir uma ponte e não apenas roubaria a dama de giz do imperador, mas também deixaria o imperador sem nada— Ele segurou a mandíbula dela e avisou: —Eu disse, nada de chupar, Serena.

Ela parou o que tinha começado a fazer.

—Boa menina— ele murmurou e continuou: —Preocupado com seu reinado, o imperador jurou que ninguém a teria além dele, então reuniu todos eles e ordenou que todos os guerreiros de seu reino atacassem o guerreiro. Ele descobriu que o feiticeiro estava certo. Esse guerreiro era tão forte e robusto que sua espada era indomável. Um após o outro, centenas, depois milhares de guerreiros caíram enquanto a dama de giz observava com medo e horror. E quando seu amor derrotou o último, ela se alegrou, e ele rugiu seu triunfo para o céu. Ele ergueu sua espada em vitória e uma ponte se formou no arco de seu caminho, direto para o giz. Ele ficou tão feliz com a formação da ponte que correu para lá, sem espada ou escudo, e o imperador correu atrás dele com seu arco e flecha reais. O guerreiro chegou, tomou sua amada nos braços, mas, antes que pudesse lhe dar um beijo, levou uma flechada nas costas, bem no coração. Enquanto ele caía, a dama de giz se agarrou ao seu amado e caiu com ele, no céu escuro, caindo e caindo no nada, juntos para sempre. Com a perda deles, a lua se

tornou fria e sombria, e a ponte desmoronou. O imperador morreu ali e se dissolveu em pó, conhecido apenas pela eternidade como o Imperador do Pó.

Ao terminar, ele viu Serena olhando para ele, com o pênis na boca, mas seus olhos estavam novamente perplexos, sentindo algo e não entendendo.

—Deslize-me para fora, Serena, depois fique de quatro, com o traseiro voltado para mim, quero que ele fique vermelho antes de eu transar com você.

Ela sabia como se sentir em relação a isso e não demorou a cumprir suas instruções.

Chu se ajoelhou ao lado dela, permitindo que sua mão percorresse a pele pálida de seu traseiro. Também se permitiu apreciar o delicado tremor de seus longos membros enquanto ela sentia o toque de seu mestre e aguardava suas intenções. Ele fez isso antes de bater nela, não de leve, mas não muito. Ela ficaria em uma sela por dias e ele queria que ela estivesse sempre ciente de seu Mestre e de seu domínio sobre ela, mas sem sofrer.

Ele então se posicionou atrás dela e penetrou em sua boceta escorregadia e ávida. Ele ouvia seus gemidos profundos e necessários enquanto a usava, até que a puxou pelos cabelos, sentando-a sobre seu pênis, em seu colo.

Ele acariciou seu clitóris.

Ela gemeu.

—Quem está dentro de você?— ele sussurrou em seu ouvido.

—Meu mestre.

—Você gostou da palmada?

—Sim.

—Você gostou da história?

—Não.

—Por quê?

—Eu não... eu não sei.

—Por que você não sabe?

—Eu também não sei a resposta para isso, mestre.

—Porque ela era infeliz?

—Ela estava viva?

A pergunta dela o surpreendeu.

—Desculpe-me?

—Seu amante estava morto, ela o abraçou, caindo para sempre.
Ela estava viva enquanto o segurava, a senhora do giz?

—O que você acha?

—Eu quero que ela esteja morta.

—Por quê?

—Porque é horrível demais pensar nela viva para sempre,
segurando seu amante morto.

E era.

Era horrível demais pensar nisso dessa forma.

Ele simplesmente não achava que Serena tivesse coragem de pensar nisso.

Mas ele gostava que ela pensasse.

E como ela gostava, isso merecia uma recompensa.

—Desça, vire-se e suba de volta, Serena— ele rosnou.

Ela se contorceu de surpresa, pois, depois da primeira vez, ele nunca a tinha deixado de frente para ele.

Mas ela fez o que ele mandou.

Quando ele já estava com sua boceta lisa novamente, ordenou: —Tire a túnica.

Ela também fez isso.

E ele gostava dela assim, nua e vulnerável, montada nele, enquanto ele estava totalmente vestido.

Ele segurou os olhos dela e ordenou: —Agora me cavalgue até que eu goze, se você gozar, faça isso livremente, mas não perca meu olhar.

Serena o cavalgou, com força e aspereza, e Chu cravou os dedos na carne quente de sua bunda enquanto ela o fazia.

Ele perdeu o olhar dela quando ela gozou, ainda balançando em seu pênis, mas permitiu que isso acontecesse, pois ela continuou balançando em seu pênis.

Ele tirou a mão da bunda dela para agarrar seus cabelos e puxar sua cabeça para trás, sentindo a buceta dela se apertar em torno dele e ouvindo seu grito de prazer quando ele fez isso.

Ele então disparou sua semente dentro dela.

—Vista sua túnica— ordenou ele roucamente, ainda se afastando do clímax.

Com as mãos trêmulas, ela obedeceu.

—Você me agradou— ele compartilhou.

—Isso me deixa feliz, mestre— ela sussurrou.

—Sentiu falta de nossos jogos?

—Sim.

—Quanto?

—Muito, Mestre.

—Mostre-me o quanto, ratinho.

Ela parecia confusa novamente.

E Chu ficou com pena dela novamente.

—Ofereça-me sua boca, linda escrava— ele murmurou.

Isso lhe causou surpresa, mas ela inclinou a cabeça para trás, com os lábios entreabertos.

Ele pegou o que queria até que ela se contorcesse em seu colo, depois o tirou.

—Pegue o cobertor, sacuda-o atrás de você e segure-o nos ombros — ordenou ele, e ela obedeceu, agora com as mãos trêmulas.

Ele se recostou, trazendo-a com ele, de modo que ela ficou sobre ele, montada nele, sua semente misturada com o suco dela escorrendo entre eles, o cobertor sobre eles.

—Você dorme aqui— disse ele.

—Mestre?

Ela estava confusa novamente.

Dessa vez, ele não fez nada para esclarecê-la.

—Como recompensa por me agradar e compartilhar sua necessidade de atenção do seu Mestre, se você acordar antes de mim, você me acordará com sua boca no meu pênis. Se eu acordar antes de você, você acordará com meu pênis deslizando em sua boca. Agora relaxe e durma.

—Sim, mestre.

Demorou um pouco, mas ela relaxou, e ele sentiu seu corpo começar a ficar pesado.

Só então ele disse: —Ela estava viva, a dama do giz, pois esse é o nosso destino, uma vida de anseio e depois de desgosto. Mas, no final, ela teve o que queria em seus braços por toda a eternidade.

—Eu não gosto disso, Chu— ela sussurrou.

—Diga isso à minha mãe.

Foi então que ela fez algo que foi o mais perturbador de todos.

Depois de emitir um ruído que parecia ser de dor, a Princesa Serena dos Nadirii acariciou o pescoço dele com o rosto, apertou-o com as coxas e colocou os braços contra a parte externa dos dele, em um esforço para segurá-lo.

Esse aperto se afrouxou quando ela pegou no sono.

Mas Chu não dormiu.

Ele ficou deitado embaixo dela, com o corpo aquecido por uma mulher confusa e os olhos voltados para a fria desolação do giz.



Os Unicórnios

Príncipe Cassius

A dez milhas da fronteira noroeste dos Encantamentos
WODELL

A noite havia caído e Cassius estava sentado em um tronco perto da fogueira, com os olhos voltados para Elena, os ouvidos tentando não ouvir os murmúrios e ruídos suaves feitos por Mac e Jasmine, que estavam sentados em seu próprio tronco, não muito longe dali.

Ele percebeu que Elena, sentada do outro lado da fogueira, estava fazendo o mesmo - tentando ignorar os amantes, mas não conseguindo - quando ela se levantou e anunciou: —Vou me sentar um pouco perto do riacho.

Ela então foi até a tenda deles, saiu de lá com um cobertor, e ele a observou seguir na direção do riacho.

—Você quer que eu a siga?— perguntou Ian.

—Não— ele respondeu e se levantou, voltando sua atenção para os amantes que se abraçavam. —Leve-a para uma barraca— ordenou.

Mac interrompeu a conversa para olhar para ele e dizer: —Ótima ideia.

Ele então se levantou, arrastando Jazz com ele e indo em direção

à sua tenda.

Cass os viu desaparecerem lá dentro, depois olhou para os outros.

—Vou me juntar a Elena— disse ele.

—Grande ideia— murmurou Hera.

Ele a fitou com o olhar e depois se voltou para Ian. —Não é longe. Nós ficaremos bem, mas fique atento.

Ian assentiu.

Cassius se mexeu, mas foi primeiro para a tenda dele e de Elena, pegando o outro cobertor, pois a noite estava fria, mais fria ainda quando não estava perto do fogo, antes de seguir os passos dela.

Nos dias (e noites) desde que conheceram os Zee, ele passou um tempo com ela e dormiu ao seu lado, abraçando-a enquanto fazia isso.

Mas ele sabia que ela estava ficando frustrada.

Primeiro, porque durante os dias em que cavalgaram lado a lado, ela tentou conhecê-lo melhor. Mas, embora as perguntas dela sobre ele e sua vida na Baía do Céu fossem atenciosas e delicadas, as respostas que ele poderia dar eram sombrias e desanimadoras, e ele não queria sobrecarregá-la com elas.

Portanto, ele não o fez.

E ele sabia que, quanto mais isso durava, mais parecia que ele estava se fechando para ela. Afastando-se.

Ela também estava frustrada porque ele sabia que ela desejava suas atenções de outra forma, fisicamente, durante a noite, e ela comunicava isso por meio de toques hesitantes e de uma quantidade tortuosa de seu corpo de pernas longas que se movia incansavelmente contra o dele.

Mas ele não lhe deu essas atenções.

Isso se devia principalmente ao fato de que ele desejava muito dar essas atenções a ela.

De fato, demais.

Na verdade, era tudo em que ele conseguia pensar quando não estava pensando em como falar sobre si mesmo, sem sobrecarregá-la com o que estava falando.

No entanto, o que ele não queria era que a primeira vez dela fosse em uma tenda pequena, sem muito espaço para se movimentar, portanto, sem espaço para que ele pudesse vê-la, além de não haver luz, de modo que ele não pudesse ver com os olhos se estivesse vendendo-a e, por último, com muitas pessoas por perto.

Esse evento deveria ser especial.

Sua primeira vez não tinha sido.

Aos quinze anos, ele havia transado com uma prostituta que seu irmão o obrigou a ir ver, enquanto seu irmão e os colegas do irmão gritavam encorajamentos obscenos pela porta.

Ele queria algo diferente para Ellie.

Melhor.

Muito melhor.

E era isso que ela teria.

Além disso, Cass não tinha ideia se ele causaria dor a ela, se a faria sangrar, e ele não queria que eles ficassem onde estavam se essas eventualidades ocorressem.

Ele também conhecia sua reação a ela o suficiente para saber que não poderia lhe dar nem um pouco, pois, se o fizesse, as coisas

ficariam fora de controle.

Porque ele queria tudo.

E, à medida que os dias passavam, ele a desejava cada vez mais.

No entanto, ver o que parecia estar florescendo entre Mac e Jazz, que brigavam muito e transavam ainda mais, estava colocando bem na frente da cara de Elena o que ela não tinha com Cassius.

Eles chegariam aos Encantamentos no meio da manhã do dia seguinte. Ela disse que a viagem para o centro, onde sua mãe estava, Dora estava, Aelia estava (eles tinham ouvido falar que ela tinha chegado), e a casa na árvore de Elena estava localizada, era cerca de meio dia de viagem mais longe.

Uma vez lá, eles teriam muito o que fazer para ocupar sua atenção e muito pouco tempo sozinhos.

Ele havia desperdiçado o que tinham, por um motivo, mas o tempo deles estava quase acabando.

Ele tinha que lhe dar esse motivo.

E para fazer isso, ele tinha que sobrecarregá-la com isso.

Ele viu o cabelo dourado dela ao luar, onde ela estava sentada ao lado do riacho, observando o voo preguiçoso, mas colorido, das fadas, esses fluxos brilhantes que Cassius notou que estavam diminuindo à noite, à medida que as folhas caíam e as temperaturas esfriavam.

Ela olhou para ele por cima do ombro quando ouviu sua aproximação e depois se voltou para o riacho.

Ele suspirou, foi em direção a ela e, quando chegou, largou o cobertor na grama ainda verde, exuberante e espessa perto da água e juntou-se a ela no cobertor que ela havia colocado.

Ele dobrou os joelhos, apoiou os pulsos sobre eles e disse

baixinho: —Preciso lhe explicar uma coisa.

—Hmm?— ela cantarolou, fingindo não se importar, mas ele sabia que ela se importava muito.

Ela havia se afeiçoado a ele.

Ele não tinha ideia de como.

Mas ela tinha.

—Eu não quero fazer isso— ele continuou.

Ela virou a cabeça, e sua voz estava aguda para esconder a mágoa quando respondeu: —Então não faça.

—Eu não quero fazer isso, Ellie, porque é muito desagradável e saber disso é um fardo que não quero que você carregue.

Ele viu a surpresa se acender nas feições dela antes de se suavizar.

Sim, como ele estava descobrindo com Elena, ela não guardava mágoa. Ela não o fez trabalhar para ganhar sua atenção depois que ele (de certa forma) a desprezou nos últimos dias.

Ela se abriu imediatamente para ele.

Porque ela era Elena.

—Eu continuo dizendo, sou mais forte do que você pensa— ela respondeu com a suavidade que ele viu em seu rosto.

—Você não sabe, meu cordeiro— ele respondeu.

—Diga-me.

Os olhos dele percorreram o belo rosto dela e seus lábios sussurraram: —Odeio isso.

Foi então que a expressão dela ficou alerta, assim como o ar ao

seu redor.

—Pela deusa, Cassius— ela sussurrou de volta, virando-se para ele e estendendo a mão para envolver os dedos em sua coxa. —O que é isso? Diga-me— ela insistiu novamente.

Ele olhou para a mão dela, sentiu seu toque quente como uma marca, deixou-a como estava porque gostou da sensação, depois voltou o olhar para o riacho que rolava lentamente.

—Você sabe que minha mãe está morta— disse ele.

—Sim— ela respondeu.

—Ela morreu de um resfriado.

—Sinto muito.

—Foi o que me disseram.

Elena não respondeu, mas a consciência que ele sentiu dela aumentou.

—Era mentira.

A mão dela se apertou na perna dele.

—Eu me lembro, noites e noites ouvindo os barulhos— ele compartilhou. —Lembro-me de estar deitado, ouvindo, o medo me paralisando, minha mente em um tumulto, sem entender, mas sabendo que aqueles ruídos não estavam certos. Lembro-me, na noite anterior ao ocorrido, de Trajan gritando no meio da noite. Lembro-me de que, no dia seguinte ao que ele fez, fomos transferidos de nossos aposentos para outros mais distantes de minha mãe e meu pai, em outra área do castelo. Lembro-me de ter ficado acordado, sem conseguir dormir por medo de que isso acontecesse sem a minha presença, como se minha proximidade com ela fosse um bálsamo. Então me lembro de ter saído da cama para ir ao quarto deles. Eu

queria que ela soubesse que eu estava por perto. Eu só pretendia abrir a porta o suficiente para que ela pudesse me ver e saber que eu estava lá. Mas eu os vi.

—Você os viu... o quê?— ela perguntou quando ele parou de falar.

Ele olhou para ela então. —Eu vi meu pai estuprando minha mãe.

Ela se inclinou para trás e depois para frente, com a mão agarrada à coxa dele.

—Cassius.

—Eu tinha seis anos.

E então ele viu o que temia ver.

O pavor em seu rosto, do qual ele queria tanto protegê-la.

—*Cassius*— ela respirou horrorizada.

—Eu sabia, mesmo naquela época, que não era um ato de amor entre parceiros. A violência. Foi obsceno.

Ela se aproximou, tirando a mão da coxa dele para pressioná-la em seu peito.

—Era por isso que Trajan estava gritando— explicou ele. —Ele me contou, mais tarde, em sussurros, pois sabíamos que não deveríamos falar abertamente sobre isso. Ele já tinha tido o suficiente. Ele era mais velho. Entendia o que estava acontecendo. Ele tinha ido salvá-la. Para impedir aquilo. O pai o forçou a sair e nos transferiu.

—Odeio isso para ele— disse ela. —Odeio isso por você.

—Ela me viu. Na porta.

—Oh, Deusa— ela respirou.

—Ele estava no ato, forçando-se sobre ela, e seu rosto estava contorcido de dor, mas nada parecido com a aparência dela quando viu que eu vi. Aquela dor...— Ele soltou um suspiro. —Ellie, não há palavras para descrever a profundidade dessa dor.

Elena se moveu novamente, pressionando-se ao seu lado, envolvendo o braço em torno de seu estômago.

—Ela estava morta na manhã seguinte— ele declarou.

—Não.— Isso foi dito quase em silêncio.

—Ela se matou, se afogou em seu banho. Não porque não aguentasse, mas porque não queria que seus filhos a vissem daquele jeito. Não novamente. E ela não tinha controle sobre isso, não tinha a quem recorrer, ninguém que pudesse ajudá-la. Isso aconteceria de novo e de novo e de novo, e nós saberíamos que aconteceu.

Ele fechou os olhos, abriu-os e continuou a falar.

—Mas ela já estava morta por dentro, Elena. Eu sabia disso. Vi isso em seus olhos naquela noite. Porque quando ela me viu, ela sabia que tinha falhado em nos dar a única coisa que ela poderia nos dar, mantendo isso de nós.

Elena passou a mão pelo peito dele, pelo pescoço, até cobrir a mandíbula.

—Pela misericórdia da deusa, essa é a coisa mais trágica que já ouvi.

—Eu nasci de um estupro, Ellie.

Ela abaixou a cabeça, encostando a testa no ombro dele.

—Trajan também nasceu. Deuses— ele gemeu, vendo sua mãe em sua mente. —Ela era linda, Ellie. Tão adorável.

Ela levantou a cabeça e olhou fixamente nos olhos dele.

Os dela estavam cheios de lágrimas.

Cassius continuou falando.

—Ela nos amava tanto, tanto. Ainda ouço sua voz lendo histórias para nós ou cantando para eu dormir. Ainda sinto seus braços ao meu redor e como ela me abraçava com força. Vejo sua expressão quando nos levava à mesa do café da manhã. Seu rosto se iluminava de tanta alegria ao ver seus dois filhos.

—Fico feliz por ela ter pelo menos você.

Ele sempre se perguntou sobre isso.

Parecia que ele e Trajan eram as únicas coisas que lhe davam alegria.

Mas como eles poderiam ter sido concebidos da maneira que foram?

Ele não perguntou a Ellie sobre isso.

Ele lhe disse: —Não foi uma união amorosa desde o início. Meu pai cobiçava a beleza dela e, como rei, ele podia tê-la. Então ele a tomou. Ela o odiava. Ela o temia. Recuava toda vez que ele se aproximava. Parecia estar sempre se movendo para nos proteger dele. E eu não sabia nada além de seus cortes e arranhões, hematomas e inchaços, mancando e se segurando com cuidado. Eu não saberia, até muito mais tarde, que foi ele quem a deixou assim. Que não era normal uma mulher ficar assim. Naquela época, era tudo o que eu sabia.

Ele levantou a mão e enrolou os dedos ao redor dos dela em sua mandíbula.

—Minhas histórias não são piores do que isso, cordeiro— disse ele. —Mas elas não são muito melhores. Agora, você entende por que eu não queria que você carregasse esse peso?

—Entendo, e agora, você vê que eu não me quebrei com ele?— perguntou ela.

Ele balançou a cabeça. —Elena, mais do que isso cresce. Esse tipo de atrocidade, esse tipo de maldade, se reproduz, se espalha e infecta tudo ao seu redor. Para mim, estou com raiva dela quase tanto quanto o ódio. Ela lutou com ele no ato. Ela suportou isso por anos e ainda assim lutou. Por que ela não continuou lutando? Por que não tentou fugir? Talvez ela pudesse ter escapado. Para os Encantamentos. Para Mar-el. Sendo uma bounden, ela teria mais direitos e proteções do que naquela maldita cidadela.

—Ela ainda teria que deixar você.

—Mas, eventualmente, eu poderia tê-la encontrado.

—Oh, Cass— ela sussurrou, seus dedos se movendo sob os dele para acariciar sua mandíbula.

—Eu também falhei com ela— disse ele.

Ela pareceu perplexa. —Como?

—Eu não queria fazer parte dele, de meu berço, daquele castelo, de seu reinado. Eu me afastei dele o máximo que pude, quando na verdade não podia me afastar. Vi meu irmão se transformar nele e não fiz nada para impedir isso. E eu sabia que as mulheres de todo o meu reino enfrentavam o mesmo, e também não fiz nada para impedir isso.

—Você era o segundo filho. Essa é uma posição precária, Cassius, eu sei disso. Você sabia disso melhor do que eu, pois viveu isso.

—Mesmo assim, não fiz nada para impedir isso.

—Você está fazendo algo agora.

—Não pense que isso será fácil, Elena. Haverá uma revolta. É inevitável.

—E você será o melhor.

—Eu quero matá-lo.

Ela se aproximou mais da declaração dele.

—Tenho que me afastar disso também, dos sentimentos que tenho — ele lhe disse. —Tenho que fechá-los, bloqueá-los. Se eu não fizer isso, se eu deixar essa rédea solta, matarei meu pai.

—Você sabe que essa não é uma reação irracional— respondeu ela, e ele soltou uma gargalhada de nojo. —Não é, Cass— ela insistiu.

—O desejo vitalício de cometer patricídio?— perguntou ele, incrédulo. —Que tipo de homem isso faz de mim?

—Você está fazendo a pergunta errada.

—Qual é a certa?

—Que tipo de filho isso faz de você?

Ela estava brava?

—Que eu queira matar meu pai?

—Que você quer vingar sua mãe.

Ele fechou a boca.

—E você fará isso, libertando aqueles como ela de uma tirania semelhante— declarou ela. —Ela não testemunhará isso, mas você não acha que ela está no além, observando você, orgulhosa de você e sabendo que ela o criou? Sabendo que, por meio de você, parte dela libertará suas irmãs? Que belo legado é esse, Cassius? Que beleza ela criou, meu guerreiro. Que presente precioso ela deu ao nosso mundo.

Maldição, ele tinha que tê-la.

Ele não conseguia mais conter sua necessidade.

Ele não a queria.

Ele precisava dela.

Agora.

Então, ele a tomou, começando por sua boca.

Ele também a levou para baixo do cobertor, com ele sobre ela.

E sentindo-a sob ele, Cass estava como ele esperava que estivesse.

Perdido por ela.

Ele simplesmente não se cansava.

Os lábios e a língua dela, as mãos dele em seu corpo.

Ela respondia com avidez, com fome, estimulando-o.

Ele puxou a túnica dela.

Ela puxou os couros dele.

Ele arrancou os mocassins dela.

Ela arrancou as botas dele.

Ele consumia cada centímetro de sua pele exposta. Devorando seu sabor. Sentindo o toque dela. Intoxicado por seu cheiro. Triunfando com os sons que obtinha dela. Embriagado ao vê-la.

Cada sensação exigia que ele tomasse mais.

E ele o fez.

Uma nuance da névoa se dissipou quando ele se viu de costas, nu, com uma Elena nua, sua pele macia radiante à luz da lua, seguindo

seus lábios rapidamente pelo estômago até seu pênis rígido.

Ele se moveu para impedi-la.

Mas antes que pudesse, a umidade quente da boca doce dela se fechou em torno dele e ele perdeu toda a razão.

Seus quadris se ergueram, buscando mais, e ela gemeu em torno de seu pênis, dando-lhe. Chupando profundamente. Balançando com avidez. Ela o soltou apenas para lamber suas bolas enquanto acariciava seu pênis com a mão, os dedos dele em seu cabelo, incentivando-a a dar mais para que ele pudesse tê-lo, possuí-lo, tê-la, possuí-la.

Depois, ela voltou para o pênis dele, engolindo-o, cantarolando ao redor dele com uma reverência que beirava a adoração.

Ele estava perto do clímax, podia sentir a pressão aumentar, suas bolas se erguendo, e só então uma pequena quantidade de razão retornou.

Cass se ergueu, puxando-a para longe, com seu ruído de protesto furioso.

Ele a virou de costas, reposicionou-se, abrindo suas pernas, usando os dedos para abri-las, depois se curvou e se alimentou dela.

Deuses, ela era um néctar.

As costas dela se arquearam, empurrando a boceta para a boca dele, enquanto seu gemido baixo se elevava, flutuando entre as árvores.

Ele pegou e pegou, faminto por ela, saboreando-a, incapaz de se fartar, levando-a ao frenesi, puxando as pernas dela sobre os ombros dele, sentindo o pênis dele doer enquanto ela fincava os calcanhares nas costas dele, balançando contra sua boca.

Os ruídos dela agora eram gemidos desesperados, súplicas ininteligíveis.

Antes que ele ouvisse: —Não. Com você.

Cassius continuou com ela, sua mente consumida pelo desejo de sentir o gosto do clímax dela em sua língua, enquanto ele cantava em seus ouvidos.

Ela puxou a cabeça dele. —Cass, por favor. *Com você.*

Ele sabia o que ela queria e se inclinou sobre ela, colocando a boca em seu ouvido, os dedos brincando no meio das pernas molhadas para mantê-la preparada, enquanto sussurrava: —Preciso prepará-la. Você precisa estar pronta para me aceitar.

—Estou pronta— ela respirou, suas mãos se movendo sobre ele, as unhas raspando, os dentes afundando em seu pescoço.

Que droga.

Ele gemeu com a mordida antes de dizer: —Não quero machucá-la.

—Você não vai me machucar.

—Ellie...

Ela estava pegando o pênis dele.

Ele tentou afastá-la.

Com as duas mãos agarradas em suas bochechas, ela puxou o rosto dele para cima do dela e sussurrou: —Cass, querido, por favor.

A paixão em seus olhos, o desejo em seu rosto, ele não era capaz de lutar contra isso.

Ele envolveu o pênis com a mão, guiou-o até ela e, lentamente,

com cuidado, observando atentamente o rosto dela, deslizou para dentro.

Não houve barreira. Nenhum rasgo. Nenhum som de dor.

Quanto mais ela o absorvia, mais suas pálpebras se fechavam. As costas dela se curvaram, os braços se ergueram sobre a cabeça, o queixo se inclinou para trás e ela se esticou sob ele, recebendo seu pênis como uma oferenda, glorificando-se no ato.

Ele ficou observando, hipnotizado pela beleza dela, até que seu pênis escorregadio se fechou em torno dele até a raiz.

Então, com uma vontade férrea que ele não sabia que possuía, manteve-se imóvel em seu abraço aconchegante, dando-lhe a oportunidade de se acostumar com ele.

Os olhos dela se abriram, os braços dela desceram, as unhas dela cravaram-se na bunda dele e ela sussurrou: —Você é perfeito.

Ao ouvir essas palavras, Cassius se arrepiou completamente.

Ele rosnou, tomou a boca dela e comeu sua princesa.

Ela também se deleitava com isso, arranhando-o com as unhas, ordenhando-o com a buceta, envolvendo as pernas ao redor das coxas dele para levantar os quadris e receber mais.

Ela gemeu e ele grunhiu.

Ela gemia e, com apenas alguns golpes, sua cabeça voou para trás, sua boca se separou da dele e seu grito de libertação ecoou pela floresta, estimulando-o a tomá-la com mais força, mais rápido, com as paredes lustrosas dela pulsando ao seu redor.

Ele se agarrou ao pouco controle que lhe restava enquanto o clímax dela continuava, porque ele o conduzia, empurrando-a, triunfante ao ver a magnificência tomar conta dela e não a soltar.

E ele fez isso até não aguentar mais.

Então, ele se enterrou dentro de Elena, com a cabeça virada para trás, o grito de sua liberação impecável estalando na madeira como um trovão enquanto ele derramava sua semente dentro de sua princesa.

Quando terminou, ele desabou sobre ela, sem pensar - o cheiro dela, o punho úmido de sua boceta, a sensação do cabelo dela emaranhado em sua barba eram tudo o que ele sabia.

Tudo o que ele queria saber.

Foi o toque suave das pontas dos dedos dela ao longo da parte inferior de suas costas que o trouxe para o presente.

Ele instantaneamente transferiu seu peso para um antebraço para tirar um pouco dela, virando a cabeça de modo que seu nariz roçasse o pescoço dela, tentando encontrar as palavras para pedir perdão pela perda de controle, pela paixão febril que ele desencadeou, pela foda dura que ele forçou nela.

Sua primeira vez.

Ele a fez suportar isso em sua primeira vez.

Ele a fez chegar ao clímax, mas o fez daquela forma em sua primeira vez.

Ele não encontrou essas palavras antes de ela sussurrar maravilhosamente: —Você me deu estrelas.

Atônito, ele ergueu a cabeça e viu uma suave escuridão ao redor deles, com pontinhos de luz piscando e flutuando, como se tivessem subido aos céus e estivessem navegando no céu noturno.

Cass perdeu o fascínio quando ela disse: —Estou muito brava com você.

A frase soou melosa e brincalhona, mas as palavras fizeram com que os olhos dele se voltassem para ela.

—Por não ter feito isso comigo muito antes— concluiu ela.

Ele piscou para ela.

—Ah, e por me impedir de chupá-lo. Eu estava gostando disso— disse ela. Eu estava gostando disso— ela continuou.

Ele continuou olhando para ela.

Ela puxou a barba dele e provocou: —Você perde a capacidade de falar depois do clímax?

—Não— ele grunhiu.

Seu humor atrevido se dissolveu e, em vez de puxar a barba dele, ela a estava acariciando quando sussurrou: —Obrigada.

Perdido em seu novo humor, bem como em seus olhos, ele perguntou: —Pelo quê?

—Por tornar isso tão bonito.

Que droga.

Graças aos deuses.

Ele encostou a testa na dela e fechou os olhos, gemendo: —Elena.

Ela inclinou a cabeça de modo que a bochecha dele deslizou pela dela e ela encostou os lábios em sua orelha.

—Agora sei por que elas vão embora— disse ela em voz baixa.

—Por que quem vai embora?

—As irmãs que deixam os Encantamentos quando encontram um homem que toca sua alma.

Ele fechou os olhos com mais força.

—Agora eu sei por que elas saem— repetiu ela.

—Cordeiro.

Ela beijou o pescoço dele e disse novamente: —Obrigada, Cassius.

Ele beijou a dela, depois levantou a cabeça e beijou sua boca antes de se separar dela e dizer: —O prazer é meu. O prazer é todo meu, minha princesa.

Ela sorriu para ele. —Eu meio que notei isso.

Ele não conseguiu se impedir de sorrir para ela.

—E ouvir isso— ela provocou. Ela começou a parecer pensativa quando comentou: —Estranho, como é quase mais prazeroso saber que eu lhe dei prazer do que ter o meu próprio.

Ele não achou isso nem um pouco estranho.

Ele também não achou estranho o fato de Elena ter pensado dessa forma.

Ela voltou para ele. —Embora, apenas quase.

Ele colocou a mão sob a mandíbula dela, passando o polegar pelo lábio inferior, observando o movimento, murmurando: —Eu conheço esse sentimento.

Mesmo que ela sentisse isso, e ele estava aliviado por ela sentir, com sua inexperiência, ele tinha que compartilhar que havia outra maneira.

Ele olhou nos olhos dela. —Isso foi duro, Ellie. Eu esperava ser mais gentil na primeira vez que estivéssemos juntos.

—Talvez possamos tentar isso algum dia— sugeriu ela. —Em

alguns meses, ou talvez em alguns anos.

Seu alívio aumentou, ele sorriu para ela, passou o polegar pelo lábio dela novamente, com os olhos atentos, e murmurou: —Mm.

—Oh, minha deusa— ela respirou.

Com o tom de sua voz e o entendimento de que ela não estava mais na conversa deles, Cassius desviou o olhar para os olhos dela e sentiu todo o seu corpo tenso.

Ela estava olhando para o lado.

—O quê?— perguntou ele, com a cabeça balançando para aquele lado.

E foi então que todo o seu corpo se aquietou.

Ele sentiu a cabeça dela se mover quando ela a virou para ver melhor e ela repetiu com um estupor: —Oh, minha deusa.

Ele não podia acreditar em seus olhos.

E assim, ele perguntou: —Elena, você está vendo o que eu estou vendo?

—Acho que sim, a menos que seu amor seja tão bom que nós dois estejamos tendo ilusões.

Ele não achava que fosse isso.

Eles se moveram, e Cassius ficou tenso novamente, inclinando o ombro em direção ao desconhecido, em um esforço para oferecer a ela algum tipo de proteção, perguntando-se onde estavam suas malditas roupas.

—Está tudo bem, Cass, eles são inofensivos— ela sussurrou. —Mas são cautelosos. Nada de movimentos bruscos.

Ele olhou com cautela para o que estava na liderança, pensando que aquele chifre não era inofensivo.

—Elena— ele rosnou.

—Eles estão se aproximando.

Ele observou, alerta, mas totalmente fascinado, os dois unicórnios se moverem lentamente, indo em direção a ele e sua princesa.

—Eu me pergunto o que eles estão fazendo aqui. Eles só vivem nos Encantamentos— Ela ainda estava sussurrando.

—Putá que pariu— ele murmurou quando eles se aproximaram ainda mais.

—Levante-se... mas devagar— ela instruiu.

Ele o fez, empurrando uma mão para cima, desconectando-se dela, o que foi muito decepcionante, mas ele tinha dois unicórnios em suas mãos, sem roupas, sua mulher também estava nua, não havia uma fada no céu e nem um som na floresta.

Era assustador.

Estranho.

Não estava certo.

Elena se aproximou dele de modo que ambos ficaram de joelhos, frente a frente, e ele a girou de modo que ficou entre ela e os unicórnios, de costas para eles. Ele virou a cabeça enquanto fazia isso para não perder as criaturas de vista.

O líder parou, recuou, abaixou a cabeça, de modo que o chifre longo, brilhante e espiralado estava apontado na direção deles.

—Porra— ele mordeu.

—Está tudo bem. Fique quieto— ela pediu.

Eles eram desconhecidos, mas eram muito mais requintados. Seus casacos brancos brilhavam quase opalescentes. O da frente, o maior, lançava mais roxos e azuis, o de trás, o menor, lançava mais corais e rosas.

Eles se aproximaram mais e mais, o corpo de Cass ficando cada vez mais tenso, seus braços em volta de Elena, segurando-a com força, mas pronto para jogá-la para longe se fosse necessário.

E então ele viu o braço de Elena se afastar.

—Ellie— ele disse.

—Está tudo bem. Eu prometo.

Ela segurou a mão baixa, com a palma para cima.

O unicórnio da frente se aproximou, abaixando a cabeça, e Cassius ficou mais rígido.

E então ele a agarrou com força quando o unicórnio se abaixou ainda mais.

Apenas para fungar em sua mão.

—É isso aí, garoto. Dê uma boa cheirada. Olá— disse ela.

O unicórnio sacudiu a cabeça para trás.

Cass se preparou para levantá-la em seus braços e correr.

Então, ele percebeu que havia perdido o foco do outro e, por isso, assustou-se quando sentiu um leve resfolegar em seu pescoço, do outro lado.

Sua cabeça girou e o outro unicórnio deu um passo para trás.

—Ela está flertando com você— disse Ellie alegremente. —Ponha sua mão para fora. Deixe que ela se acostume com você.

Deuses, a égua era linda.

Aquela crina branca e espessa. Seus olhos negros inteligentes. O pelo cinza-pomba que sombreava seu nariz.

Ele fez como Elena e estendeu a mão, lentamente, com a palma para cima.

A égua se inclinou para ela, fungou, depois puxou os lábios para trás e deu um beliscão.

O garanhão deu uma cabeçada na cabeça dela, quase como se estivesse com ciúmes.

—Definitivamente está flertando— decretou Ellie.

A égua deu uma cabeçada de volta e depois se aconchegou sob o pescoço do garanhão.

Ele relinchou baixinho.

—Pelos deuses— murmurou Cassius.

—Passe-me minha túnica, Cass, mas acho que eles ainda não estão acostumados conosco, então continue andando devagar.

Ele viu a túnica dela na grama e, movendo-se com cuidado, alcançou-a.

Ele a entregou a Elena e depois encontrou suas calças.

Quando as vestiu e as fechou, Ellie já estava de pé, perto do garanhão, segurando o pescoço imponente dele com os braços e o acariciando.

A égua relinchou e se aproximou dele, e Cass imitou Elena,

aproximando-se com cautela e acariciando o pescoço dela enquanto ela se inclinava para o seu toque.

Foi então que ele notou o chifre dela, e deve ter exalado sua emoção, pois ela se ergueu um pouco, a cabeça do garanhão se virou e ele zurrou de advertência para Cassius.

Cass se forçou a relaxar, mas o fez dizendo: —O chifre dela foi cortado.

—Não, querido. A égua tem um chifre mais curto que o do garanhão. Como parece ser o costume da natureza— brincou ela.

O garanhão deixou Ellie, deu uma cabeçada na égua de Cass, mas eles não foram muito longe, talvez alguns metros, antes de ambos se curvarem e começarem a arrancar a grama com os dentes.

Eles terminaram de se vestir e, quando estavam vestidos, Elena o puxou para baixo, para que se sentassem no cobertor, caindo sobre ele e descansando a cabeça em seu ombro depois que estavam sentados.

Cass a soltou para pegar o cobertor que estava livre e enrolá-lo em volta deles, pois o frio era intenso agora que suas atividades não produziam mais calor.

Quando estavam em seu casulo, Elena voltou a colocar a cabeça no ombro dele, mas dessa vez também estendeu a mão para pegar a dele. Quando a pegou, ela mexeu em seus dedos distraidamente enquanto observava as criaturas.

Ela nunca havia feito isso, pois eles nunca haviam feito isso, sentados juntos sem nada para fazer a não ser apenas...

Estar juntos.

E Cass percebeu que estava se sentindo mais em paz do que nunca, desde que se lembrava.

Elena quebrou o silêncio, mas o fez em um tom que sustentava a serenidade.

—Mais cedo, você me deu um presente que foi terrível, mas bonito, pois a confiança por trás da doação é muito cara para mim. E agora, vou lhe retribuir isso.

Cassius não disse nada.

Elena uniu seus dedos aos dele e, com o olhar fixo nos unicórnios, falou novamente.

—Foi há séculos que os reinos concordaram que era proibido pegar um chifre de unicórnio. Infelizmente, não foi a mutilação dessas criaturas magníficas e a dor terrível que a remoção do chifre lhes causava que esteve por trás desse acordo. Foi o fato de que a magia que poderia ser extraída de um chifre era considerada demais para qualquer bruxa ou feiticeiro de qualquer reino possuir.

Quando ela fez uma longa pausa, Cassius murmurou: —Aprendi isso com meus tutores, cordeiro.

—Você aprendeu por que a maioria das pessoas encantadas deixou Airen?

—Não— ele murmurou.

—Você consegue adivinhar o porque?— ela perguntou gentilmente.

—Sim— ele suspirou.

—Há uma razão pela qual nada além de trolls e yeti, grifos e gogmagoggs ⁵⁶residem em Airen, enquanto Wodell e os Encantamentos estão repletos de fadas, duendes, gnomos, elfos e, no caso dos Encantamentos, unicórnios.

Cassius ficou olhando para os animais, imaginando o que levaria

alguém a mutilar aquela beleza.

Sua atenção foi tomada quando os dedos de Elena apertaram os seus.

—Minha muitas vezes bisavó aprendeu a falar com um bom número de criaturas. E isso ela fez com os unicórnios. Quando chegou a hora de as irmãs agirem contra seus mestres, ela fez um pacto com eles. Os unicórnios estariam sempre seguros em sua terra de mulheres guerreiras. E, em troca, elas nos dariam essa terra.

A cabeça de Cassius se inclinou para o lado tão bruscamente que Elena levantou a dela para captar o olhar dele.

—Os unicórnios construíram os Encantamentos?— ele perguntou.

Ela assentiu com a cabeça.

—Não foi sua avó?

— Foi o seu feitiço, a magia da minha linhagem, mas foi a magia dos unicórnios.

—Pelos deuses— ele sussurrou.

—Sim— ela sussurrou em retorno. —É também por isso que agora eles residem apenas nos Encantamentos. É onde eles estão seguros, pois, independentemente de ser proibido, muitos cobiçavam o chifre de um unicórnio e, por isso, os levaram. Portanto, não é apenas a magia Nadirii que mantém os Encantamentos ocultos para todos, exceto para nossas irmãs. São também os unicórnios. Os unicórnios unidos à minha linhagem, a minha rainha.

—Que outro homem sabe disso?— perguntou ele.

—Nenhum— admitiu ela.

Ele se virou para ela. —Elena, você não deveria ter me contado.

Suas sobranceiras se juntaram, pequenas linhas se formando entre elas. —Não posso confiar isso a você?

—Se algo acontecesse com os unicórnios...

Ela manteve o olhar firme e terminou para ele: —Os encantamentos caíam. Poderíamos mantê-los fortes por um tempo, mas seria preciso muita magia. Isso nos esgotaria e, por fim...— ela se afastou e deu de ombros.

—É por isso que você não deveria ter me contado— ele rosnou.

—Cassius...

—Inteligência tão crucial para sua defesa deve ser protegida a todo custo.

—Você deve ser meu marido— ela o lembrou.

Ele não tinha resposta para isso.

Liviana, sua falecida esposa, não tinha segredos de Estado que precisassem ser protegidos por qualquer meio necessário.

Ele nunca em sua vida havia experimentado esse nível de confiança compartilhada.

A expressão dela assumiu um ar de preocupação, até mesmo de medo. Ela começou a se afastar, e Cassius sentiu seu afastamento.

Ele também tomou medidas para impedir que isso acontecesse, pois no momento em que o sentiu, não poderia suportar.

Com os dedos apertados ao redor dos dela, ele os pressionou contra seu estômago.

—Eu nunca... ninguém nunca...— Ele não conseguia encontrar as palavras. —Até meu pai compartilha apenas o que eu preciso saber para a segurança de nossa terra e eu sou seu principal general.

Elena olhou fixamente em seus olhos.

Ele baixou o tom de voz. —A confiança que eu lhe dei não está nem perto da que você me deu.

—Cassius...

—Não tenho nada para lhe dar que tenha esse nível de beleza.

Os olhos dela se arregalaram e sua boca se fechou.

A dele não.

—Deve haver equilíbrio em um casamento, Elena, e nós nunca poderemos ter isso. E devo admitir que isso me incomoda, e tem me incomodado há algum tempo.

—O que você quer dizer com isso?

—Você tem muito a dar, eu não tenho nada.

A preocupação voltou a suas feições, mas não o medo, antes que ela dissesse: —Como você pode dizer essas palavras?

—Elas são apenas a verdade.

—São tão falsas que chegam a ser risíveis— retrucou ela.

Foi então que Cassius calou a boca.

—Você é lindo— disse ela.

Ele abriu a boca com isso.

—Minha aparência é herdada, não foi criada por mim.

—Você poderia ser desleixado, mas não é— retrucou ela.

Ele não podia argumentar contra isso.

—Gosto de sua barba— declarou ela.

De repente, ele sentiu vontade de sorrir, mas não sorriu.

—Eu, pessoalmente, também não tenho nada a ver com o crescimento da minha barba, minha princesa— ressaltou ele. — Apenas a decisão de não cortá-la.

Ela continuou como se ele não tivesse falado.

—Você é poderoso. Você é feroz. Você é leal aos seus homens. Você gera lealdade neles. Você beija muito bem. É uma amante excepcional, e não tenho experiência, mas mesmo assim sei disso. Você é protetora de sua filha. Contra tudo o que é racional na forma como foi criado, você entende a importância da família. E mesmo que o fardo da responsabilidade que carrega não seja desejado por você, você o carrega sem reclamar e o usa como um manto feito somente para você. Você teve a força de caráter para não se tornar seu pai, como seu irmão fez. E... e... eu gosto de sua tinta.

Ele jurou que ela seria marcada nele naquele momento.

Ela seria marcada em todo ele.

Mas ele sabia onde a colocaria primeiro.

—Elena...

—Pela deusa, Cassius, seu senso de compaixão é tão forte que você quis me proteger do conhecimento de sua vida que você achava que poderia me prejudicar. Seu instinto de proteção é tão... tão... *instintivo*, que você se moveu para me proteger de unicórnios. Esse é seu primeiro pensamento em qualquer situação de incerteza. Esse pensamento não é sobre você, mas sobre mim. Como você pode sequer começar a dizer que não tem nada para dar? Nunca ouvi nada tão absurdo em *toda* a minha vida.

Ela estava tão entusiasmada com esse discurso que ele podia ver o

rosa em suas bochechas à luz da lua, a ferocidade em seus olhos violeta fazendo-os parecer brilhar como ametista.

Ele também podia sentir a atenção dos unicórnios, mas eles não se afastaram.

Cassius também não.

Ele se aproximou mais, colocando-a de costas e cobrindo-a novamente.

—O que você está fazendo?— ela começou.

—Desta vez também não será gentil, minha guerreira— ele rosnou contra os lábios dela.

Ele observou os olhos dela se arregalarem e depois os viu ficarem encapuzados quando ele manteve os seus abertos enquanto tomava a boca dela.

Dessa vez, ele não cedeu quando acabou colocando a boca entre as pernas dela.

Ele a fez gozar dessa forma e aprendeu que o sabor de seu clímax era glorioso.

No entanto, ele cedeu quando ela quis montá-lo.

No entanto, ele se sentou enquanto ela fazia isso para que pudesse observar de perto como ela desfrutava de seu pênis.

Ele ouviu vagamente os unicórnios relinchando quando ambos chegaram ao clímax.

E, no final, ele gostou muito mais quando caiu de costas com Ellie sobre ele.

Cassius não limitou a exploração de sua pele à parte inferior de suas costas. Ele também examinou sua bunda.

E Elena mostrou que gostava disso enfiando o rosto no pescoço dele, suspirando e tremendo contra seu toque.

Ele queria prolongar o momento, e o fez até onde pôde.

Mas, por fim, ele teve que dizer: —Temos que voltar para o acampamento.

—Eu sei.

—O acampamento não é longe, portanto, é provável que eles tenham nos ouvido— advertiu ele.

—Eu sei.

—Se Mac não estiver ocupado com seus próprios afazeres, haverá brincadeiras— continuou ele.

—O mesmo acontece com Jazz.

Ele respirou fundo e soltou o ar. Depois, ele a enrolou e os levou a se levantar. Eles se vestiram.

E como se soubesse que eles pretendiam se juntar aos outros, o garanhão unicórnio zurrou para eles antes de as duas criaturas se virarem e galoparem graciosamente para a floresta.

Ele e Elena os viram partir até que não pudessem mais ser vistos.

Então Elena se ofereceu para carregar os cobertores, mas Cassius recusou, jogando-os sobre o braço e pegando a mão dela com a sua livre.

Eles começaram a voltar por aquele caminho e Cassius perguntou: —Você sabe por que eles deixaram os Encantamentos para ficar aqui em Wodell?

—Os unicórnios?

—Sim.

—Porque eles são nossos.

Ele os parou para olhar para ela. —Perdão?

—Os unicórnios se acasalam para sempre— ela lhe disse.

Esse conhecimento era interessante, mas não respondia à pergunta dele.

Portanto, ele perguntou: —E?

—Você se lembra daquela carta que tirou? No jardim do Palácio Catrame, quando eu fiz sua leitura?

—Sim.

—Eu também tirei um unicórnio, algumas semanas antes, no dia em que me disseram que eu iria me casar com você.

Ele a encarou.

—Eu não entendi— ela murmurou. —Agora acho que entendo.

—Você gostaria de compartilhar?— ele pediu quando ela não continuou.

Ela continuou a murmurar quando disse: —Eu não sei.

—Eu sei— ele afirmou com firmeza.

Ela hesitou, observou a expressão dele e mordeu o lábio.

—Elena— ele advertiu.

—Há contos de outrora. Histórias de amantes— ela começou, mas não disse mais nada.

—Sim?— ele pediu mais uma vez.

—Amor verdadeiro, destinados um ao outro— ela sussurrou.

Ele ficou firme.

Ela continuou.

—Naquela época, antes que se soubesse da magia que um unicórnio possuía, que ela poderia ser obtida ao pegar seus chifres. Antes de os unicórnios aprenderem a fugir de nossa espécie. Que se dois amantes destinados um ao outro se encontrassem, eles saberiam disso porque seus companheiros unicórnios os encontrariam. Então, homem e mulher, garanhão e égua estariam unidos pelo amor e pela magia. E se a mulher morresse, a égua também morreria, de modo que o garanhão e o macho poderiam ter o outro por perto em seu luto. E, er... vice-versa.

Quando ele não respondeu, ela se apressou em preencher o silêncio.

—Isso não significa o que você teve com seu ...

—Não é de se surpreender, Elena— ele disse com aspereza. —Nós estamos destinados um ao outro.

Ela olhou para ele com hesitação.

Para tirar a hesitação do olhar dela, ele se inclinou e encostou a boca na dela e então murmurou: —Recebi muitos presentes esta noite.

Ela sorriu um sorriso de beleza ofuscante.

Ele se permitiu um momento para apreciá-lo antes de puxar a mão dela para que voltassem a andar.

Quando chegaram, viram que a fogueira estava apagada, o acampamento deserto, e Cassius agradeceu aos deuses por isso enquanto levava Elena até a barraca.

Eles estavam enrolados debaixo do cobertor quando Mac gritou:

—Já estava na hora— o que foi seguido pelo riso rouco de Jasmine, uma risada alta de Rose e um grito irritado de Ian: —Você não conseguia ficar de boca fechada, não é?

Mac preferiu não responder.

—Puta que pariu— murmurou Cassius.

Elena não fez nada além de rir baixinho e se abraçar mais.

Quando nenhum dos outros falou mais nada, Cassius relaxou.

—Está vendo?— Elena perguntou confusa.

— Vendo o quê?

—Você estava tenso, esperando que alguém dissesse algo mais, quando você não se importa. Você acha que eu me importo. E só quando você soube que tudo ficaria bem para mim é que você encontrou a calma.

Ele estava errado.

Ela não tinha se afeiçoado a ele.

Era muito mais do que isso.

Muito mais.

E Cassius não podia negar que o fato de ter recebido isso dela era muito caloroso.

Ele não lhe deu esse esclarecimento.

Ele a aconchegou mais e murmurou: —Fique quieta e durma, princesa.

—Podemos fazer mais sexo pela manhã?— ela pediu.

Se ela falasse mais sobre o assunto com tanta vontade, ela o teria

logo em seguida.

—Sim— ele respondeu. —Agora fique quieta.

—Tudo bem, querido— murmurou ela, satisfeita, e se aninhou mais perto.

Cassius não achava que conseguiria dormir com facilidade.

Poucos momentos depois de sentir que Elena estava dormindo, ou seja, poucos momentos depois de ela dizer suas palavras, ele a acompanhou no sono.



A Dança

Príncipe True

Pub e pousada Antlers, a cinco milhas das luzes
WODELL

—A convocação real foi recebida, e nós iremos, mas somente se os gnomos não se sentarem na frente.

True não ouviu Áine falar.

Ele estava ocupado sentado em sua cadeira nos fundos do pub, o mais longe possível da música (o que não era muito longe), observando Farah girar com Wallace, Luther e Florian.

A batida dos tambores, as notas rápidas das flautas, gaitas e cordas significavam que o ritmo da dança era animado, trazendo cor às bochechas dela. Seus olhos estavam iluminados e seu sorriso era brilhante.

Ela havia perdido suas preocupações naquele momento e estava simplesmente...

Feliz.

—Meu príncipe, você ouviu minhas palavras?

Ele virou a cabeça e olhou para Áine, a fada porta-voz dos Guardiões das Luzes, que estava sentada ao seu lado. Seus cabelos cor

de cobre brilhavam à luz das lanternas do pub, com as fitas cintilantes cintilando, tudo isso emoldurado pelas asas iridescentes que mostravam ouro e mel que ela havia aberto atrás de si. Mas seus olhos castanhos estavam atentos a ele.

—Não, me desculpe— ele admitiu sua grosseria. —O que você disse?

Ela olhou para a dança e depois de volta para True. —Eu disse que iremos ao seu casamento, mas somente se os gnomos não se sentarem na frente.

Ele conteve um suspiro pesado. —Áine, seus povos são dois ou três pés mais altos que os gnomos. Eles não conseguiriam enxergar se não se sentassem na frente.

—Você pode lhes dar almofadas.

—É realmente tão importante onde você se senta?

Ela endireitou os ombros e ele a conhecia bem o suficiente para saber o que estava por vir.

—As fadas...

Ele a interrompeu. —Eu sei que as fadas têm uma magia mais forte. Sei que as fadas consideram os locais sagrados que elas mantêm seguros mais importantes do que os dos gnomos, duendes e elfos. Sei que as fadas foram criadas pelos Homens Verdes, os deuses que criaram as florestas de Wodell. Embora eu deva lembrá-los de que os gnomos, duendes e elfos também vieram dos Homens Verdes, logo após as fadas. E, por fim, sei que os elfos são pelo menos meio metro mais baixos do que você, os duendes são ainda menores e uma pessoa idosa com visão ruim talvez nem consiga ver um gnomo. O que eu também sei é que, no final, somos todos um em Wodell e não importa quem se senta onde em um casamento.

—Se você disser isso, os gnomos vão manter isso sobre nossas

cabeças por um século.

—Áine, os gnomos não podem passar por cima de sua cabeça.

Seus olhos se arregalaram e, em seguida, ela inclinou a cabeça para trás e riu sua gargalhada estridente.

True sorriu para ela, mas sentiu que a atenção de Farah estava voltada para ele.

Portanto, ele se voltou para ela.

Ela ainda estava dançando, mas fazendo isso sorrindo em sua direção.

Ele sentiu seu sorriso se transformar em um sorriso e inclinou o queixo para ela.

—Sua beleza é grande.

Quando Farah foi levado por Bram para se juntar à dança, ele olhou de volta para Áine.

—As mulheres de Firenze são conhecidas por sua beleza, mas vou lhe dizer uma coisa, Farah é a maior que eu já vi— disse ele.

Ela inclinou a cabeça para o lado e seu rosto se transformou de astuto em gentil. —Não estou falando desse tipo de beleza, meu príncipe.— Seu queixo caiu, ela olhou para ele por baixo dos cílios e murmurou: —E aqui está ela, para demonstrar a beleza de que estou falando.

E, nesse momento, ele sentiu sua mão ser levantada e puxada.

Ele olhou para aquele lado e viu que Farah o estava segurando, seu rosto feliz agora próximo, aquecendo True até o âmago.

—Venha. Dance— ela insistiu quando ele resistiu ao puxão.

—Preciso terminar de falar com Áine, meu doce— ele negou.

Ela voltou o olhar para Áine e implorou: —Apenas uma música... ou três. Então você poderá tê-lo de volta.

Ele deu uma risadinha e Áine respondeu: —Eu ficaria muito feliz se você dançasse com seu príncipe o resto da noite.

Farah imediatamente se aproveitou de suas palavras.

—Aí está, True— disse ela, puxando com mais força.

Ele olhou para Áine, com a intenção de resistir, mas não conseguiu abrir a boca para dizer a primeira palavra.

—Nós nos sentaremos atrás dos gnomos, duendes e elfos— declarou ela. —Se pudermos estar presentes para ver nosso príncipe encontrar sua felicidade, nos sentaremos onde quer que sejamos colocados. Agora vão. Dancem.

—Você é o meu ser favorito na terra— declarou Farah a Áine.

—Até mesmo acima do Baldrick? perguntou Áine com ar de desdém. —Como você deve saber, ele se gaba amplamente de que você gosta dos gnomos das Portas. Eu sei disso porque os duendes estão espalhando essa história por todo o país.

—Tudo bem, então pelo menos esta noite você é o meu favorito— admitiu Farah.

Os sinos da risada de Áine se elevaram acima da música, e as fadas eram tão sensíveis a qualquer percepção de desprezo que True ficou surpreso por ela não ter se ofendido.

Em meio a seu divertimento, Áine pediu a True: —Dance com sua noiva, meu príncipe.

Só então ele se permitiu ser puxado para fora de seu assento e levado para a pista de dança. Homens e mulheres das variedades

humana e das fadas aplaudiram e abriram espaço quando Farah e ele se aproximaram.

Mas ele se sentiu imediatamente estranho, pois eles não estavam dançando nenhuma dança que ele conhecesse e soubesse dançar. Não havia valsas. Não havia minuetos estruturados.

Parecia haver muitos saltos, pulos, corridas sem chegar a lugar algum e giros, tudo isso sem qualquer rima ou razão, embora houvesse ritmo.

Era assim que as pessoas do campo dançavam. Ele já havia visto isso antes, mas nunca havia participado. E eles não davam aulas sobre isso na cidade, aulas como as que sua mãe fez com que ele começasse a fazer quando tinha doze anos para aprender as danças da corte da nobreza.

Ele começou a pegar Farah nos braços para tentar dar o melhor de si, considerando que ela parecia querer muito dançar com ele, mas, em vez disso, ela passou o braço ao longo da barriga dele e juntou o quadril ao seu lado, começando a girá-lo enquanto caminhava para um lado e ele para o outro.

—Não conheço essa dança, meu doce— disse ele a ela.

—Não é preciso saber a dança— respondeu ela, continuando a guiá-lo com pressão no meio do corpo. —Apenas se mova ao som da música como achar melhor.

Ele olhou para a multidão, observando os olhos se desviarem rapidamente antes que ele os captasse, e se sentiu menos estranho e mais desajeitado.

Ele também sentiu, de forma aguda, que era o príncipe deles, o futuro rei, e saltar, pular e girar de forma inepta não era o que eles deveriam ver seu futuro rei fazendo.

De repente, Farah parou na frente dele e pegou suas duas mãos.

Ela as apertou vigorosamente, o que, por sua vez, agitou os braços dele.

—Não pense em passos ou no que você deve fazer— ela instruiu. —Não pense nas pessoas que o estão observando, pois elas não estão dançando e pensando nas pessoas que as estão observando. Estão simplesmente se divertindo com a música. Então, True, apenas ouça a música, faça o que quiser e se divirta.

Ela não fazia ideia.

Ela não fazia ideia de que eles o estavam observando, eles sempre o fizeram e sempre o fariam. Portanto, ele deveria ser cauteloso em tudo o que fazia, em cada palavra dita, em cada ação tomada.

Tudo precisava ser digno de um rei.

Antes que ele pudesse encontrar uma maneira de comunicar isso, Farah estendeu os braços e deu um passo para o lado dele, encostando o quadril no dele. Ela deu um passo para trás e fez o mesmo do outro lado. Em seguida, ela se moveu de um pé para o outro durante algumas batidas do ritmo, como se estivesse mostrando a ele o que era, antes de dar um passo para trás, alongando os braços entre eles, e se mover rapidamente para frente, quase roçando o corpo dele, puxando os braços para o lado.

Ela então o soltou abruptamente e enganchou um cotovelo no dele, forçando-o a girar.

E girou.

Mas, de repente, ela o soltou e True estava cambaleando, procurando por ela, apenas para ser pego por outra mulher, cotovelo com cotovelo, e girou.

E girou.

Ele ainda não tinha conseguido se recompor antes de olhar para a

mulher curvilínea que o segurava. Seu busto estava quase saindo do corpete, e ela o encarava com o que parecia ser uma alegria inadulterada, com o rosto vermelho e brilhante devido ao esforço.

—É uma grande honra dançar com o senhor, Vossa Graça!— ela gritou animada, antes de soltá-lo, e ele foi pego por outra mulher.

Essa mulher o girou, também radiante, e ainda gritou para a sala: —Olhe para mim! Estou dançando com nosso belo príncipe True!— Sua cabeça girava para um lado e para o outro com o giro, enquanto ela gritava: —Vou roubá-lo de você, minha senhora.

—Nunca!— Farah gritou, separando-se do homem que a estava girando para vir e reivindicar True.

A mulher se afastou com uma risada encantada.

—Ninguém se interpõe entre uma bela donzela e seu príncipe!— alguém gritou.

—Ouçam, ouçam!— gritou outra pessoa.

Farah o enrolou em círculos, sorrindo para ele com alegria, antes de interromper o giro e pegar suas mãos. Ela fez uma manobra sobre suas cabeças que levou seus braços para trás de seus pescoços antes de soltá-los e cair para trás.

True quase praguejou, movendo-se para pegá-la, mas antes que ela caísse, foi ela quem pegou a mão dele, com os braços longos. Em seguida, ela girou, de mãos dadas, de modo que se chocou contra ele, de costas para a frente dele, com os braços envolvendo o meio dela.

Ela inclinou a cabeça e novamente fixou os olhos dele.

—Apenas ouça a música, *bello*— ela insistiu. —E *se solte*.

Ela então girou novamente, ainda segurando a mão dele para que ele a pegasse antes que ela voasse para longe.

Depois disso, usando as mãos, os braços, as pernas e os quadris, ela girou e se contorceu, pulou e balançou, além de correr bastante sem chegar a lugar algum.

Observando-a, olhando para os outros, ouvindo a música (mas, é preciso dizer, principalmente observando Farah e como ela parecia alegre, sem mencionar a atmosfera da mesma que carregava o ar ao redor deles), True se deixou levar.

De fato, depois de um tempo, True se perdeu nela, seu sangue se movendo, aquecendo seu corpo, seu coração batendo agradavelmente mais forte, a jovialidade em torno dele, os aplausos e as palmas, o bater de pés e os gritos de incentivo, as explosões de risadas, o acompanhamento constante da música alegre.

A luz que crescia nos olhos de Farah à medida que ele entrava na dança.

Tudo isso o levava cada vez mais adiante.

Ele riu com ela quando ela se deparou com um homem que a levou para longe e Farah se dirigiu diretamente à parceira que ele havia deixado para trás, girando-a, girando-a, girando-a.

Ela também parecia abertamente alegre enquanto ele fazia isso, antes de girá-la e pegar outra mulher.

E quando ela se afastou, ele se viu diante de uma fada.

Ele se abaixou, pegou o cotovelo dela e eles se moveram pelo chão antes de ela bater as asas, levantando-se para ficar na altura dele, algo que fez a fada rir e, portanto, True também o fez.

Ela fez isso antes de também sair girando (ou voando), e ele se viu diante de Florian, que imediatamente curvou um braço ao redor de seu estômago, se abaixou, levantou e então pegou o braço de True e o girou.

Todos ao redor deles gritaram de rir e True sorriu para seu homem antes que uma mulher bonita reclamasse Florian.

True foi puxado e Farah estava lá.

Quando a música começou a crescer, ela pegou as duas mãos dele e se moveu para o lado, forçando-o a se mover para o outro lado. Ela as pegou cada vez mais rápido, fazendo isso inclinada para trás. Ele não teve escolha a não ser fazer o mesmo, observando os cabelos longos e brilhantes dela voando para o lado, as saias balançando, o rosto brilhando, a risada sem fim.

Isso o fez se sentir estranho.

Tonto.

Fora de controle.

E ele gostava disso.

Porque ele também se sentia estranhamente mais vivo do que jamais havia se sentido. Os batimentos cardíacos no peito aumentavam, não devido a uma conversa frustrante com o pai, notícias irritantes sobre Carrington, preocupação profunda com uma ordem para enviar seus homens para a batalha, seu sangue disparando porque ele os estava liderando.

Não, não era nada disso.

Ele se sentiu...

Desinibido.

Livre.

Quando a música parecia que ia se extinguir, ele puxou bruscamente as mãos de Farah, o que fez com que ela voasse para frente e batesse em seu corpo.

Ele envolveu-a com os braços, ergueu-a bem longe dos pés, segurando-a pelas coxas sob a curva de seu traseiro, e continuou a girar de um lado para o outro.

True viu a cabeça dela cair para trás, os dedos dela se enlaçaram na nuca dele e a risada dela ecoou pela sala enquanto ele mantinha a cabeça inclinada, um sorriso estampado nos lábios e exaltava a alegria dela.

Ele fez isso até a música parar e, quando parou, ele desejou que não tivesse parado.

Mas só então True parou de girar e deixou que ela deslizasse por seu corpo.

Essa era uma liberdade que ele não deveria ter tomado, mas não poderia ter se contido mesmo que estivesse pensando.

Mas ele não estava.

Ele estava cativado pela felicidade dela.

Farah não manteve as mãos ligadas ao pescoço dele.

Ela envolveu seus braços ao redor dele, puxando-o para si.

Perdido nela, sentindo a suavidade quente do corpo dela, o peito dela se agitando contra o peito dele, mais consciente dela do que jamais estivera - e ele estava muito consciente dela há algum tempo. De fato, mais consciente dela do que jamais estivera de alguém, True se inclinou para ela, observando seus olhos se aquecerem, brilhando como topázio.

E então seu olhar caiu, e ele não viu nada além dos lábios dela.

—Para o Príncipe e a Princesa de Wodell! Farah e True!— alguém gritou logo antes que a boca dele encontrasse a dela.

Um grito de alegria invadiu o ar. —*Farah e True!*

Seus olhos se ergueram para os dela e ele viu frustração antes que ela piscasse e sussurrasse: —Farah e True.

—Farah e True— ele sussurrou de volta.

Ela sorriu para ele logo antes de ser levada embora.

Ele tentou alcançá-la, mas não conseguiu.

Pois ele também foi levado embora.



—Obrigada pela dança, meu príncipe— disse uma mulher enquanto seu homem a puxava para a porta.

—O prazer foi meu, Edwina— respondeu True.

Edwina acenou e acenou enquanto era arrastada, seus olhos se voltaram para Farah.

—É um prazer conhecê-la, Lady Farah!— gritou ela, quase saindo pela porta.

—E eu a você!— Farah gritou de volta no momento em que Edwina foi puxada para fora.

Sua mãe ficaria chateada por meses se tivesse visto alguma coisa naquela noite, especificamente True (e Farah) gritando em um bar com uma plebeia.

Mas depois daquela noite, tudo o que True conseguia pensar era...

Que se foda a mãe dele.

Ele olhou para Bruce e Simon, que estavam sentados com eles, tomando um vinho do Porto no final da noite, e sorriu para os

homens.

Eles retribuíram o sorriso.

A banda havia parado de tocar talvez vinte minutos antes. Metade deles já tinha ido embora, a outra metade estava desfrutando de cervejas ou uísques bem merecidos no bar.

Além disso, a maioria das pessoas que estavam no pub já havia saído, inclusive Florian e Luther, que haviam encontrado criadas para compartilhar o restante de suas noites.

Na verdade, Bram estava conversando com uma delas a algumas mesas de distância, e True suspeitava que logo ele estaria desfrutando do calor da cama dela.

Alfie e Wallace estavam sentados à mesa com Farah e True, Bruce e Simon.

Embora Farah estivesse à mesa, ela seria mais apropriadamente descrita como sentada no colo dele.

Isso começou com ela levantando os pés para lá, pois eles a estavam 'matando' e, à medida que os outros se juntavam e os deixavam à mesa, de alguma forma progrediu naturalmente para que ela ficasse com a bunda no colo dele.

Ela se encaixava perfeitamente ali.

Mas tê-la estava matando-o.

—Será falado nas próximas décadas sobre quando o Príncipe True e Lady Farah dançaram a noite toda no Antlers— declarou Bruce, olhando satisfeito para True com Farah em seu colo.

—Eu preferiria que se falasse sobre o fornecimento de madeira desta região para as cidades portuárias do norte e do oeste para a construção de navios, para que nossa lã, trigo e estanho possam

atravessar o Mar Verde, agora que o Rei Aramus nos deu permissão para os navios navegarem, vendendo nossos produtos para as Terras do Norte e as Terras do Sul— respondeu True calmamente.

—Ah, isso também será discutido, Vossa Graça— respondeu Simon.

—Já tínhamos ouvido falar disso— compartilhou Bruce. —Os pássaros estão voando. E você sabe como eles gostam de fofocar, então os duendes estão atrasados para encontrar suas árvores. Eles têm tanto para falar que estão voando por toda Wodell.

Ele sabia disso e, nesse caso, ficou feliz que os duendes tivessem essa tendência.

—Os terremotos são preocupantes. Embora pareçam estar diminuindo agora, o último foi muito forte— observou Simon.

—Disseram-nos que eles são causados por magia— informou True sobre o que ele havia dito aos outros durante a jornada e, como os duendes e os pássaros estavam voando, eles provavelmente sabiam. — E estamos trabalhando arduamente com o Grande Coven para acabar com eles.

Os homens assentiram com a cabeça, parecendo satisfeitos com essa informação, assim como todos os outros.

Bruce olhou para Farah antes de cutucar Simon e dizer: —Não devemos mantê-lo longe de sua cama por mais tempo, meu príncipe. Obrigado por nos agraciar com sua presença e obrigado pela honra de conhecer nossa futura rainha.

—A honra foi minha— murmurou Farah, chamando a atenção de True, pois seu tom parecia sonolento.

Sim, estava na hora de dormir.

—É gentil dizer isso, milady, mas acredite em mim, não é

verdade. A honra é toda nossa— Simon respondeu a Farah antes de se levantar de sua cadeira.

Bruce o seguiu.

True apertou os braços ao redor de Farah e tentou fazer o mesmo, mas os dois homens ergueram as mãos para ele enquanto Simon pedia: —Por favor, mantenha-se sentado. Esperamos que as Luzes brilhem para você enquanto estiver aqui e esperamos vê-lo novamente em nossa aldeia em breve.

True permaneceu sentado, acenou com a cabeça para os homens e observou enquanto eles se retiravam.

Quando eles se foram, ele se voltou novamente para Farah.

—Já está na hora de encontrarmos nosso quarto?— perguntou.

—Há outras pessoas com quem você deseja falar?— ela perguntou em retorno.

Ele examinou o pub.

Todos os que restavam estavam nos estertores finais do flerte com intenção, dobrados sobre as cervejas que provavelmente desmaiariam antes de terminar, ou já estavam desmaiados.

Ele também percebeu o queixo de Bram levantado para Alfie enquanto ele levava sua criada para fora da porta.

True voltou sua atenção novamente para Farah.

—Não.

Ela sorriu e saiu do colo dele, agarrando sua mão e começando a puxá-lo para fora do assento.

Ele não a obrigou a trabalhar nisso e se aproximou, olhando por cima do ombro para seus homens.

Ambos acenaram com a cabeça enquanto ele conduzia Farah até as escadas que os levariam ao quarto.

—Bruce e Simon são personagens importantes nesta aldeia?— ela perguntou depois de subirem três degraus.

—Não que eu saiba. Na verdade, eu não conhecia nenhum deles até esta noite.

Ela pareceu se assustar, e ele a puxou para mais perto, com a mão dela em seu cotovelo, enquanto olhava para ela.

—Tudo bem?— ele perguntou.

—Você geralmente fala com os líderes— disse ela em vez de responder.

Ele ficou perplexo.

—Eu falo?

Ela pareceu igualmente perplexa.

—O senhor não percebe? Você é amigável com todos ao seu redor, mas sentar e ter conversas sérias como a que você acabou de ter com Bruce e Simon sobre assuntos do reino, eles não são chefes ou barões ou... como quer que vocês os chamem nesta terra? O que é isso? Lordes?

—No segundo vilarejo em que nos hospedamos, falei com um membro da nobreza— ele a informou quando chegaram ao patamar superior e os guiou pelo corredor.

— Foi isso?— ela perguntou.

—Sim.— Ele ainda estava confuso. —Isso a surpreende?

—Eu, bem... eu...— Ela não disse mais nada quando ele os parou na porta do quarto deles e tirou a chave da calça.

Mas ele não a abriu.

—Isso a surpreende— observou ele.

Ela olhou para ele. —Mars lida com barões e chefes.

—Sim— disse ele quando ela não falou mais nada.

—Baldrick era um líder— comentou ela.

—Ele era. Mas ainda não estou entendendo sua surpresa— disse ele.

—Seu pai se mistura com os súditos como você faz?— perguntou ela.

Ele quase gargalhou e, por isso, sua resposta de uma só palavra foi muito trêmula.

—Não.

—E ele não dança com eles.

—Diabos, não— respondeu ele, colocando a chave na fechadura e deixando-os entrar.

Ele estava fechando e trancando a porta atrás deles quando ela falou novamente.

—Mars fica afastado. Temos muitas celebrações e ele é visto se divertindo com seu povo, mas não entre eles. Ele está no pódio real no coliseu. Se as tendas forem erguidas, ele será facilmente visto, mas não estará entre eles. Há ocasiões, como danças, festas e outros festejos, em que haverá pessoas da população convidadas a se aproximar do rei, mas é uma honra especial, geralmente por um feito realizado ou um serviço prestado ao reino. E há ocasiões em que Mars, assim como seu pai, viaja pelo reino para falar diretamente com o povo. Não para fazer discursos, mas para sentar-se com professores, curandeiros ou sacerdotes locais e ouvir o que eles têm a dizer sobre o

que está acontecendo no país. E, nessas ocasiões, ele estará com seu povo em festas que eles fazem para ele ou em celebrações em sua homenagem. Mas ele sempre é mantido em uma posição de distinção, por exemplo, em uma mesa alta, ou separado e sentado com os líderes do clã.

True havia jogado a chave em uma mesa e estava indo para a fogueira quando Farah terminou de falar, depois do que murmurou: — Meu pai não faz nem isso.

Ele se inclinou para colocar alguns troncos na fogueira e mexer nela quando ela disse: —Não conheço nenhum reino em que um príncipe possa andar pelo campo com cinco guardas e estar seguro.

Ele se endireitou e olhou para ela. —Sei que isso também a surpreenderá, meu doce, mas os Dellish são um povo pacífico. Muitos aqui não saem de suas aldeias durante toda a vida, e isso não é porque eles querem e não podem. É porque não desejam fazê-lo. Esta é uma terra de casa e lar. Fazenda e floresta. Temos uma grande cidade no interior e quatro cidades portuárias que não chegam nem perto de rivalizar com o tamanho ou a população de Notting Thicket. E, como você viu, muitos vilarejos e aldeias muito parecidos com aquele em que estamos. Portanto, não somos cosmopolitas ou sofisticados. As intrigas podem não ser desprezadas, mas não são procuradas com frequência e são consideradas principalmente uma curiosidade.

Ele colocou a tela cuidadosamente de volta na frente da lareira antes de ir para a cama e sentar-se na ponta dela para tirar as botas.

E fez isso enquanto continuava a falar.

—Isso não significa que os Dellish sejam pouco ambiciosos. Que eles não desejem mais ou melhor para si mesmos e para seus entes queridos. Uma palha grossa em seus telhados para mantê-los secos e aquecidos no inverno. Roupas mais elegantes. Prata ou porcelana fina para servir quando recebem convidados. Todos desejam conforto e um padrão de vida mais elevado. Dar o melhor que puderem a seus filhos

e deixar-lhes uma vida melhor do que a que tiveram. Os Dellish trabalham duro e nem todos são despretensiosos.

Depois de calçar as botas e as meias, ele se levantou para desabotoar o colete e continuou a falar.

—Muitos falam da universidade em Go'Doan. Os altos estudos acadêmicos de Airen que produzem arquitetos e engenheiros extraordinários. O treinamento militar exemplar em Firenze, que é praticado por todos os clãs e tribos. Mas a lei é estudada em Wodell, que é a lei de todas as terras, e os advogados que obtêm suas credenciais aqui podem exercer a profissão em qualquer reino. E os conselheiros Dellish são os mais procurados do continente. E os Go'Doan não são os únicos que produzem bons educadores. Nossos professores que são treinados em nossas universidades e depois passam a lecionar em nossas escolas são excepcionais. Eu colocaria qualquer escola de Wodell contra qualquer outra em qualquer reino. A única coisa que os Dellish não toleram que o rei não financie por meio de seus impostos é a educação de seus filhos, e não é motivo de orgulho dizer que é a melhor de toda Tritão. E é óbvio que nosso treinamento e os constantes avanços na agricultura e na silvicultura são excepcionais.

Ele notou, pelos cantos dos olhos, que Farah mal havia se afastado da porta, enquanto ele colocava o colete sobre uma cadeira perto da janela, colocava os dedos nos botões da camisa e continuava.

—O que quero dizer com tudo isso é que muitas vezes é confundido por aqueles que estão em outras terras, mas a maioria dos Dellish pode desejar apenas uma vida simples, mas eles não são simples.

True parou de desabotoar e olhou para ela.

—Eles não querem minas de rubi e campos de açafrão— ele compartilhou. —Eles querem comida deliciosa em suas mesas, suas esposas com anáguas de seda e a possibilidade de presenteá-las com

uma bugiganga preciosa em uma ocasião não muito rara. E quando meu reinado estiver concluído, não me importo se meu registro nos tomos da história de Go'Doan tiver uma frase. 'O Rei True manteve a nação de Wodell pacífica e próspera até que seu filho usasse a coroa'.

Ele levantou a mão e terminou com uma confissão.

—Eu não quero ser um grande rei, minha Farah. Desejo apenas fazer o que é certo para o meu povo. E para fazer isso, preciso conhecê-los e saber o que eles querem. Portanto, eu me sento com homens como Bruce e Simon, e não importa o que eles fazem ou o cargo que ocupam. Eu lhes conto as decisões tomadas entre príncipes e reis para que eu possa observar suas reações e saber se essas decisões foram as corretas.

True mal havia parado de falar quando ela começou.

—Você ama muito o seu país— disse ela com uma voz suave.

Ele ficou ainda mais confuso.

—É claro— ele respondeu.

—Você sabe, meu príncipe, que se o seu reinado não for nada além de pacífico e próspero para o seu povo, essa é a própria definição de um grande rei.

Abruptamente, como se tivesse sido atingido por um golpe no estômago, True parou de respirar e olhou para o seu pretendente.

—E você não viaja em segurança porque seu povo é pacífico— continuou ela. —Vocês viajam em segurança porque são tão amados pelo povo de seu país quanto amam este reino verde. E isso acontece porque vocês não se importam com a posição do homem que se senta à sua mesa. É também porque você os ouve. Esta noite, foi porque você dançou com eles, mesmo que não tenha sido por isso que você dançou. Você fez isso por mim. E, por último, é porque, devido a tudo isso, eles sabem que você será um grande rei que os conduzirá a um

tempo de paz e prosperidade.

Pelos deuses, ele precisava fazer amor com ela.

No mínimo, beijá-la.

Como deve ser.

Mas ele não podia.

Naquele dia, ele só tinha visto alguns momentos de melancolia se apoderarem de suas feições quando ele sabia que seus pensamentos se voltavam para a mãe que ela havia perdido. Ele a manteve ocupada nesse charmoso vilarejo fora das Luzes para que sua mente não se voltasse para coisas melancólicas. E ele sentiu um verdadeiro triunfo ao lhe proporcionar isso.

Mas, mesmo assim, ainda não era o momento para avanços pouco cavalheirescos, mesmo que ela parecesse desejar o beijo dele após a primeira dança.

Era hora de levar sua futura rainha cansada para a cama e esperar que, no dia seguinte, quando eles não bebessem cerveja e dançassem em um pub, mas viajassem em um esforço para ver as luzes, o céu noturno mostrasse a ela suas maravilhas.

—Gostaria de usar o biombo, querida? Ou devo virar as costas?— Ele ofereceu a ela a escolha de como se preparar para dormir.

Ela abaixou a cabeça e pareceu examinar atentamente o chão enquanto se dirigia ao biombo.

—Aqueles jovens colocaram minhas malas atrás do biombo. Vou usar isso— ela murmurou.

—Farah— ele chamou quando ela estava quase atrás do biombo coberto de tapeçaria no canto.

Ela parou e olhou para ele. —Sim?

—Eu gostei da dança— disse ele calmamente.

—Você achou divertido?— ela perguntou.

—Divertido?— ele perguntou em resposta.

De repente, ela pareceu muito triste, e não por causa da perda da mãe.

Portanto, ele se apressou em dizer: —Claro que achei divertido, querida.

Ela levantou um pouco o queixo. —Seu desejo é ser um rei que proporcione uma nação pacífica e próspera ao povo de Wodell. Meu desejo é viver minha vida ao lado de um True Axelsson feliz.

True sentiu seu coração apertado.

—Estou feliz, Farah— disse ele gentilmente.

—*Mio amore*, você não sabe o que é felicidade— ela sussurrou. —Você nunca a sentiu. E eu nunca tive uma missão em minha vida.

Ela levantou ainda mais o queixo e sua voz estava muito mais forte quando continuou a falar.

—Há uma coisa no presente que me alegra. Eu tenho uma missão. Fazer True Axelsson feliz. E prometo que não morrerei até cumpri-la. E você também não morrerá.

E, com isso, seu Farah desapareceu atrás da tela.



Os Votos

Rei Mars

O quarto principal, Cord Cottage, Arbor
WODELL

Mars acordou sem sua rainha em seus braços.

Seu instinto imediato foi rosar seu descontentamento, encontrá-la e arrastá-la de volta para a cama.

Ele fez a primeira parte disso.

Mas, ao virar a cabeça, ele a viu deitada ao seu lado, de barriga para baixo, com os cabelos longos e pretos caídos sobre os travesseiros e lençóis, o rosto virado para o outro lado, as cobertas abaixadas até a cintura, um braço estendido e o outro enterrado sob o corpo, a pele de marfim das costas à mostra, pois o resto do corpo estava nu e, mesmo inconsciente, ela parecia exausta.

Algo que ele sabia que ela estava.

Pois ele a havia feito assim.

Não mais irritado, ele sorriu para si mesmo, estendeu a mão e puxou a corda que chamaria uma criada.

Em seguida, levantou-se, foi até a fogueira que estava morrendo e colocou alguns gravetos e toras.

Não que ele sentisse o frio. Ele não era imune a ele, mas era raro que isso o preocupasse.

No entanto, Silence o sentia.

Ele então saiu da sala e foi para o armário.

Lá, jogou água fria no rosto, levou um pouco à boca para enxaguar, cuspiu, secou o rosto e vestiu uma calça preta.

Ele saiu pela porta de seu armário que dava para o corredor e viu a criada, Pegeen, apressando-se em direção ao quarto principal, então ele parou.

Sua esposa estava com um humor muito mais benevolente ultimamente. Por isso, ela não o havia instruído a dispensar nenhuma das criadas.

Por outro lado, as mulheres haviam começado a cumprir seus deveres, ainda que de forma adequada.

—Você— ele a chamou.

Ela gaguejou e parou, com os olhos voltados para ele e depois caindo instantaneamente em seu peito. Um olhar ávido os preencheu, antes que ela voltasse a olhá-los para o dele.

Era um incômodo, mas ele tomou nota de que deveria vestir uma camisa quando estivesse perto de outras pessoas nesta terra. Eles, ou pelo menos as criadas, agiam como se um peito nu fosse um convite para atacar.

—A beberagem⁵⁷ da rainha, café, pãezinhos e frutas. Além disso, água fresca e quente para minha noiva e acenda o fogo em seu quarto. Imediatamente— ele ordenou.

—Sim, Vossa Graça— disse ela com uma reverência, recuando vários passos, e ele não esperou para ver se ela se viraria antes de se

afastar tanto que caiu da escada.

Ele voltou para o armário, fechando a porta atrás de si, depois atravessou-a, fechando a porta do quarto para que o frio de um cômodo não invadissem o outro que ele estava tentando aquecer.

Ele verificou o fogo e viu que estava aceso, antes de voltar para a cama.

Ele se enfiou debaixo das cobertas com cuidado, para não acordar a esposa.

Ele não queria que ela acordasse.

Ainda assim.

Ele estudou o cabelo glorioso e a pele impecável dela e fez isso pensando, ao mesmo tempo, em capturar uma mecha do cabelo dela e girar sua maciez em torno do dedo de uma forma que ela não sentiria, mas que ele poderia apreciar tocando algo que era dela.

Mars não podia dizer que estava familiarizado com tudo o que havia para saber sobre o *Pennyrium*.

No entanto, ele era um homem que queria ser pai apenas dos filhos que desejava ter, portanto, ele conhecia bem o básico.

Dizia-se que os efeitos eram quase instantâneos e que, após algumas horas da primeira dose, a mulher estaria protegida contra a concepção.

Embora houvesse uma margem de erro, esse era o ponto em que ela era maior, e ele não tinha ouvido histórias frequentes de concepção nesse período, mas já as tinha ouvido.

Silence havia tomado uma dose com o jantar na noite em que começaram a se comunicar muito mais livremente em seu casamento, tanto verbal quanto fisicamente.

Ela também havia tomado uma ontem.

Esta manhã seria sua terceira.

Estava na hora.

Com esse pensamento, Mars deslizou para a cama, soltou o cabelo dela, mas a segurou, puxando-a sobre o peito e puxando as cobertas para cima das costas dela depois de tê-la onde queria.

Ela se aconchegou em seu pescoço, sonolenta, por um momento, antes de se tornar um peso morto.

Ele sorriu novamente.

—Silence— ele disse, tirando o cabelo dela do ombro e do pescoço.

Ela não se mexeu.

—Silence— disse ele mais alto, apertando o braço que a envolvia.

Ela se remexeu, depois murmurou: —Não é de manhã.

Mars sorriu: —É sim, *bellezza*.

—Buh— disse ela.

—Você precisa acordar— declarou ele.

—Não devo. Somos um rei e uma rainha em um momento de lazer. Podemos dormir o dia todo.

—Eu pedi café e pãozinhos— informou ele.

—Ugh— resmungou ela, aproximando-se mais.

Ele começou a rir, dizendo: —Não saímos de nossa cama há mais de um dia, Silence.

Ela não disse nada por um momento, antes de perguntar: —E?

Ele continuou a rir enquanto a puxava para cima, forçando-a a ficar frente a frente com ele, antes de rolá-la para que ele a cobrisse, mas eles ainda estavam frente a frente.

—Eu também pedi sua beberagem— ele disse a ela.

—Oh— ela sussurrou, com aquele olhar de prata movediça com o qual ele estava se acostumando e do qual gostava muito.

Dessa vez, ele gostou pelos mesmos motivos de sempre, incluindo o fato de que ela compartilhava o quanto gostava do peso dele sobre ela.

—Essa será sua terceira dose— ele a lembrou.

—Oh.— Ela continuou a sussurrar, agora se mexendo sob ele de uma forma que seu pênis percebeu.

—Não me canso de suas mãos ou de sua boca, minha rainha.— Ele abaixou a cabeça para que seus lábios estivessem quase sobre os dela e sussurrou: —Mas eu quero entrar.

—Oh— ela respirou, e aquela sílaba adorável fez com que o pênis dele endurecesse completamente e, como ela merecia, ele o pressionou contra a perna dela e o barulho veio novamente. —Oh.

Ele sorriu, encostou os lábios nos dela e rolou, puxando-a totalmente para cima dele.

Ela parecia adoravelmente atordoada quando ele disse: —Primeiro café e pãozinhos.

Ela então pareceu adoravelmente perturbada e ele descobriu que não conseguia parar de sorrir naquela manhã.

Ele colocou o cabelo dela atrás da orelha e perguntou: —Você dormiu bem?

Ela assentiu com a cabeça. — Você dormiu?

—Ah, sim.

Os dentinhos brancos dela apareceram e marcaram o lábio inferior, os olhos dela lhe dizendo que seus pensamentos estavam no motivo pelo qual ambos dormiram tão bem, e ele imaginou como ela ficaria desconfortável se a criada servisse os pãezinhos enquanto a boca dele estivesse entre as pernas dela.

—Para que servem os diferentes selos?

A pergunta bizarra dela efetivamente tirou a mente dele do gosto dela.

—Desculpe?

—Você tem dois selos em sua mesa, em seus aposentos no andar de cima do palácio. Selos para selar cartas. Um é uma serpente. O outro é uma chama de fogo.

Parece que ela queria conhecê-lo melhor de uma forma que não o fizesse gemer.

Ele também gostava muito disso.

Sua esposa não havia perguntado muito sobre ele. Eles não só não tinham tido tempo, como, quando o tiveram, ela tinha outras coisas atormentando sua mente.

Mars não havia percebido, até aquele momento, que ele havia se sentido magoado por ela não ter perguntado.

—Eu não estava bisbilhotando— disse ela rapidamente. —Eu os vi naquela noite em que eu estava...

—Não há nada sobre mim que você não possa saber— disse ele gentilmente.

A preocupação que transformava suas feições desapareceu.

—E nada de mim que você não possa pedir— continuou ele.

—Obrigada, marido— disse ela suavemente.

—A serpente é para assuntos pessoais. O fogo é oficial— ele compartilhou.

—E a cera?

—A cera?

—Você tem quatro cores de cera. Verde, vermelha, preta e dourada.

Ele achou essa pergunta intensamente interessante.

—Você se lembra bem de assuntos que não são significativos— observou ele.

—Tudo em você é, hum... significativo.

Isso fez Mars rosar novamente, apertá-la e ele levantou a cabeça para dar um beijo forte em sua boca.

Quando ele se acomodou, ela assumiu seu olhar ligeiramente atordoado, e foi então que ele lhe deu as respostas, fazendo isso com o conhecimento de que sua Silence poderia não ter perguntado, mas desde quase o início, ela estava interessada em conhecer seu rei.

—O verde é para correspondência pessoal. O preto indica assuntos militares. O dourado é uma convocação real. O vermelho é governamental. Como endossos. Sanções. Proclamações. Em suma, correspondência geral, mas oficial, do rei.

—Isso é muito... ordenado— ela comentou, e ele sorriu novamente.

—Para um selvagem?— ele provocou.

—Não, Mars— disse ela. —Mas talvez... sim.

—Era tudo vermelho durante o reinado do meu avô— explicou ele. —Foi meu pai quem criou o sistema.

—Mas... por quê?— ela perguntou.

—Por quê?

—Toda missiva de um rei é importante— explicou ela.

—É, amore, e nada disso indica que ela deva ser ignorada. Mas os clãs, especificamente, e algumas tribos, têm estruturas. Há barões, mas, em muitos casos, eles têm um homem que é o chefe de seus guerreiros. Eles têm outro homem, ou às vezes uma mulher, que é responsável por compartilhar informações com seu povo. Eles também terão um secretário que cuidará de seu diário. O ouro será aberto pelos secretários. O preto não deve ser visto por ninguém além do chefe, do barão ou do general mais graduado. O vermelho deve conter informações que serão distribuídas. Isso permite que os líderes deleguem e faz com que as exigências de um rei pareçam menos exigentes, mesmo que ainda sejam exigências.

—Isso é muito inteligente— ela murmurou.

—Meu pai era assim— respondeu ele.

—Você fala dele com muito respeito— disse ela, perspicaz.

—Eu gostaria que você o tivesse conhecido. Ele teria passado a gostar muito de você.

Isso iluminou seus olhos exorbitantemente. —Você acha?

Pela primeira vez naquela manhã, Mars não se sentiu brilhante, pois o fato de ela ter feito aquela pergunta como se fosse impossível para ela acreditar em seu comentário não o fez se sentir nem um

pouco brilhante.

Ele não comentou nada sobre isso.

Ele trataria do pai e da mãe dela em outro momento.

Ele respondeu: —Papai não era tolo. Ele era muito culto. E ele, como você, valorizava o silêncio e a escuta em vez do discurso. Quando ele falava, as pessoas ouviam, não apenas por causa de seu jeito, mas porque não posso dizer que sei de uma ocasião em que ele falava apenas por falar, em vez de falar quando tinha algo importante a dizer.

Os dedos dela passaram pela barba dele enquanto ela murmurava: —Sinto muito que você o tenha perdido.

Sua voz ficou mais grave quando ele respondeu: —Eu também.

A mão dela se moveu e o polegar percorreu a maçã do rosto dele, enquanto ela olhava em seus olhos e sussurrava: —Por que um grande homem como Ares se perde neste mundo e homens como Wilmer e meu pai vivem para ser, no mínimo, ineficazes e, na pior das hipóteses, o que quer que meu pai seja?

—É raro que um grande homem, ou mulher, em toda a história viva muito tempo, *piccolina*— respondeu Mars. —Estude seus livros de história. Um homem, ou mulher, de visão ou vontade, cujos esforços e estratégias podem afetar o progresso, tem um fim trágico e isso acontece cedo. Isso ocorre porque as pessoas não gostam de mudanças, especialmente aquelas que terão de compartilhar riquezas ou poder que mantiveram para si mesmas e, ao mesmo tempo, manter os que estão ao seu redor sob seu controle para garantir que não possam tirar essas riquezas ou, pior, diminuir seu poder. Eu me lembro de apenas uma em toda a história que viveu muito tempo, e isso porque ela criou os Encantamentos para proteger a si mesma e a suas irmãs.

Ele sentiu seus braços sobre ela se apertarem automaticamente quando viu a expressão no rosto dela depois que ele falou.

—Silence?— perguntou ele, depois que o medo que ela agora sentia ficou evidente em sua expressão.

—Você é grande— disse ela.

Ele relaxou e, embora tenha ficado satisfeito por ela pensar assim, não estava certo.

—Sigo os passos de um gigante— disse ele a ela.

—Nós derrotaremos a Besta.

Ele ficou feliz com a positividade dela.

—Isso não é grandeza, *bellezza*, é destino.

—Você não poderia ter seguido os passos de seu pai. Você poderia ter apagado tudo o que ele fez— ela apontou.

—Isso é apenas uma decisão, não uma missão.

—Você é grande, Mars— declarou ela com teimosia.

Ele conteve o sorriso e murmurou: —Tudo bem, esposa. Eu sou grande.

Se ela quisesse pensar assim, ele não continuaria discutindo a questão.

—Não me faça rir— exigiu ela, parecendo irritada.

—Isso é difícil quando você está fazendo humor.

Ela o encarou por longos momentos antes de passar o polegar novamente sobre a bochecha dele e desviar os olhos para lá.

O humor dela também mudou, e Mars observou tudo, fascinado.

—Como você conseguiu suas cicatrizes?— ela perguntou.

Ah.

A pergunta que ela havia feito há muito tempo. Na noite de núpcias deles.

E, ao ouvi-la, Mars se sentiu melhor do que nunca em semanas, na verdade, desde a perda de Sofia.

Pois essa pergunta demonstrou que ele finalmente tinha sua Silence de volta.

—Como de costume, meu pai me enviou a Airen para treinar— começou ele. —É o que, ao longo dos séculos, após a guerra que dividiu nosso país em dois, tem mantido a paz. Trajan e Cassius treinaram em Firenze e conheciam nossos métodos e estratégias. E eu, assim como todos os príncipes de Firenze antes de mim, treinei em Airen para conhecer os deles.

Silence assentiu.

Mars continuou.

—Não muito tempo depois de minha chegada, Trajan me desafiou.

—Ah, não— disse ela.

—Está tudo bem, Silence. Como você pode ver, estou aqui, não pior por causa da experiência.

—Mas você tem cicatrizes.

Ele inclinou a cabeça no travesseiro. —Você quer ouvir a história?

Sua esposa fechou a boca.

Ele lutou contra outro sorriso e continuou.

—De futuro rei para futuro rei, disse Trajan. Eu era cinco anos mais jovem do que ele, mas os homens de Laches crescem rápido e eu tinha a altura dele, embora ainda não tivesse uma constituição poderosa. Eu também era jovem e muito orgulhoso de mim mesmo, então aceitei.

—Essa história não está melhorando— murmurou ela.

Ela a ignorou e continuou a contar a história.

—Cassius ficou alarmado. Não que ele não conhecesse minha habilidade e que eu pudesse cuidar de mim mesmo, mas porque ele sabia que seu irmão era um trapaceiro.

—E ainda assim, nada melhor.

—Eu o desarmeí, Silence. E quando persistimos em nossos pés, eu o desarmeí.

—Oh— ela sussurrou.

E havia aquele barulho de que ele tanto gostava.

Mars ignorou isso também.

—Trajan não era um mau soldado, mas era um péssimo perdedor. Eu me ofereci para um aperto de mão e um abraço, ele me deu as costas e saiu do campo. Cassius achou que isso piorou as coisas. Ele me seguiu como uma sombra por semanas. Ele permaneceu tão próximo que os outros começaram a nos chamar de amantes, achando que isso era um insulto, mas não era. Eles pararam de fazer isso quando Cass, nem eu, parecíamos estar ofendidos com esses comentários.

—Os Airenzianos não são sexualmente livres, como os Firenz?— perguntou ela.

—Ninguém é tão livre quanto os Firenz, macaquinho— disse ele a

ela. —Mas, embora não seja escondido e considerado debochado, como em Wodell, não é falado abertamente e há alguns de certa tendência, valentões e intolerantes, que tentam usar sua antipatia por ele como uma arma.

—Airen parece ser um lugar muito desagradável— murmurou Silence.

—É uma terra de grande beleza e grande desolação. Se você visitar um campo de batalha, mesmo anos após o término da batalha, sentirá a dor e o desespero. Se houver o suficiente, ela mancha o próprio solo e não desaparece até que o último que sabe das atrocidades que aconteceram lá morra. O solo de Airen está contaminado por séculos de dor e desespero. Tanto que se eleva e entorpece o próprio ar.

Ela o estudou com olhos atentos.

Ele continuou falando.

—Foi algum tempo depois do desafio que venci contra Trajan, quando Cassius relaxou sua vigília. Era a calada da noite e eu estava no quartel, dormindo. Havia cinco deles. Seis com Trajan. Os cinco me seguraram. Trajan me cortou. Eles teriam me estuprado, mas um dos meus companheiros de beliche era o agora tenente de Cassius, Macrinus. Ele correu para informar Cassius e Cass veio com Macrinus, Otho e Nero. Números mais equilibrados, a maré mudou, e eu fiz a primeira coisa que meu pai se decepcionou comigo por ter feito.

—O que foi isso?— perguntou ela, com a voz um pouco ofegante.

—Eu o cortei como ele me cortou, e depois tirei um de seus testículos.

Silence ofegou.

Mars falou através dele.

—Fiz a primeira coisa por vingança. Fiz o segundo como uma lição. O homem ou a mulher escolhe tomar pênis. Isso não lhes é imposto. O rei Gallienus ficou furioso e chamou meu pai imediatamente. Papai chegou e não ficou zangado com o fato de esse acontecimento ter estremecido as relações entre as duas nações, pois até mesmo Gallienus podia ver os cortes em meu rosto e sabia que seu filho havia agido de forma covarde, sem um pinga de honra. Ambos os futuros reis haviam sido desfigurados, um deles de forma mais monumental, mas foram as ações de Trajan que fizeram com que isso acontecesse. Portanto, isso foi resolvido com relativa rapidez. Meu pai também não estava zangado com a lição. Ele estava com raiva da vingança. Ele disse que a vingança é obtida após uma vida inteira de vida acima da mesquinhez, e ele considerava mesquinho o ato de atacar com raiva. Ele disse que é o homem que caminha pela estrada mais alta que tem a melhor vista. A subida para essa estrada é muitas vezes árdua. Mas a vista vale a pena. E, independentemente disso, até mesmo a subida é melhor do que chafurdar na lama.

—Tudo o que ouvi, incluindo isso, deixa claro que seu pai era, de fato, muito sábio— observou ela calmamente.

Como ela não estava errada, Mars não comentou o fato.

—Foi assim que ganhei minhas cicatrizes— concluiu ele.

—Não foi apenas retaliação. Foi também inveja. O príncipe Trajan tentou manchar sua beleza— comentou ela.

—Talvez— ele permitiu.

—Não, ele queria. Ouvi dizer que o príncipe Trajan puxou à aparência da mãe e não era nem de longe tão bonito quanto o irmão.

Mars preferiu ignorar o fato de que ela achava Cassius bonito.

Em vez disso, ele compartilhou: —A mãe dele era muito bonita. Trajan simplesmente teve má sorte e não a melhorou sendo

interessante ou divertido ou bem-humorado e agradável de se conviver, mas, em vez disso, era simplesmente um idiota.

—Ele não teve sucesso— declarou ela.

Mars ficou confuso.

—Em ser um idiota?— perguntou ele.

—Em manchar sua beleza.

Diante desse anúncio, Mars rosnou novamente e levantou a cabeça para beijá-la, mas ela se afastou.

—Por que você não agiu antes para salvar as mulheres de Airen? — ela perguntou.

A esposa dele fez essa pergunta preocupante quando uma batida soou na porta.

Ele pediu que a criada entrasse, e Silence, tendo começado a se acostumar a ser servida nua e deitada com o marido, simplesmente se acomodou em um quadril e enrolou o lençol em volta dela.

Ele também gostou dessa progressão.

Muito mesmo.

A camareira colocou a bandeja ao lado da cama que Silence não estava ocupando, como era de costume no último dia, e depois de perguntar se havia mais alguma coisa a ser feita, e saber que não havia, ela se retirou.

Silence serviu seu café, engoliu a bebida e estava mordiscando um pãozinho quando respondeu à pergunta dela.

—Com Gallienus e com Trajan, isso significaria guerra, minha rainha.

—Não significa guerra agora?— perguntou ela.

—Uma revolta é diferente de uma guerra. Especialmente com aliados fortes que diminuirão significativamente a chance de derramamento de sangue.

—Vocês oferecem asilo às mulheres de Airen?

Ele não respondeu a isso.

—Mars— ela insistiu.

Ele suspirou antes de lhe dar o que ela queria.

—Os clãs e as tribos não queriam se envolver nessa situação desagradável, meu macaquinho. Eles defenderão Firenze com prazer e firmeza, mas muitas vezes se envolvem em confrontos de clãs quando não estão unidos para lutar por Firenze e, mesmo que lutar seja um modo de vida, poucos deles têm interesse em derramar sangue pelos problemas de outro reino.

—Então, o que você está dizendo é que não faz— sussurrou ela com evidente desencanto.

—Eu sei que existe um sistema secreto que várias tribos utilizam, oferecendo socorro e viagem segura para os Encantamentos ou para as profundezas de Firenze, onde as dunas se estendem por muitos quilômetros e apenas os mais corajosos e nômades de nossas tribos residem. Uma vez entregues a eles, eles acolhem essas mulheres que escaparam, e isso é o mesmo que eles desaparecerem da face da Terra.

—E você não faz nada para impedir esses esforços das tribos— disse ela.

—Eu não faço. Nem meu pai.

—E isso é tudo.

Ela continuou parecendo desapontada.

Ele respirou fundo.

Ele então disse: —Não é, pois essas mulheres precisam de comida, precisam de cavalos e precisam de roupas, e precisam ir às tribos nas dunas com uma oferta de uma quantia que faça valer a pena para elas aceitarem essas mulheres. E não são as tribos mais ricas que os ajudam. Portanto, elas recebem um financiamento generoso— Ele fez uma pausa. —Anonimamente.

Seus olhos se arregalaram antes que ela supusesse: —Então, os outros clãs e tribos que podem ser contra isso não sabem do envolvimento real, nem Gallienus.

—Exatamente.

Ela sorriu para ele com satisfação e deu uma mordida em seu pãozinho.

—É um grande segredo e tem sido por décadas o que está acontecendo, Silence— ele advertiu. —As decisões foram tomadas, mas as proclamações não foram anunciadas e já há uma agitação crescente em Airen, pois a notícia de que Cassius tomará Elena como noiva se espalhou. Eles sabem o que acontecerá com isso. Se for sabido peremptoriamente que os reis de Firenze, por duas gerações, têm ajudado na fuga dos refugiados de Airenze, não iremos ao casamento de True nem passaremos dias na cama, pois eu estarei em um cavalo com minha espada, liderando meus guerreiros na batalha, e você estará no Palácio Catrame, acompanhado por uma guarda de pelo menos cinquenta pessoas a cada passo que der.

Ela acenou com o rolo para ele e falou com a boca cheia. —Eu não vou dizer uma palavra.

Na verdade, sua rainha era uma maravilha, pois ele não conseguia entender como ela podia ser tão impecavelmente fodona sentada, mastigando um pãozinho.

E já que agora, finalmente, ele poderia realmente transar com ela, ela poderia voltar a mastigar seu pãozinho mais tarde.

Assim, ele estendeu a mão e arrancou-a da dela.

—Eu estava gostando disso— declarou ela enquanto ele o jogava na bandeja.

Mars estendeu a mão, segurou a borda da bandeja e a arrastou pela cama até que pudesse assumir o controle total dela.

Em seguida, ele a levou para a mesa de cabeceira.

Depois disso, ele se virou para a esposa. —Você vai gostar mais disso.

Ela não protestou mais quando ele estendeu a mão novamente e a puxou para si.

Ele beijou a boca dela com um beijo molhado.

A resposta dela foi instantânea e calorosa.

Ele havia aprendido com as brincadeiras que era crucial levar vantagem sobre a rainha e fazer isso desde o início, pois ela aprendia rapidamente.

Assim, se ela conseguisse colocar a boca ou até mesmo os dedos em volta de seu pênis, ele pensaria em decantar seu país e sua coroa, na esperança de que ela não o soltasse até que estivesse completamente satisfeita com ele.

O segredo era usar a boca e os dedos nela primeiro para que ela sentisse o mesmo.

Foi o que ele fez, até que os movimentos e os ruídos dela lhe disseram que ela estava prestes a chegar ao clímax.

Só então ele rolou sobre a bunda e a arrastou para se ajoelhar em

seu colo.

Ela agarrou a cabeça dele por baixo das orelhas, em ambos os lados, e soprou um ardente —Sim— contra a boca dele, movendo os quadris para buscar o eixo dele.

—Silence.

—Mars.

—Silence.

—*Mars.*

Era uma súplica, e o fato de ela se contorcer foi quase a sua ruína.

Mas era isso.

Sua consumação.

Ele era o marido prestes a tomar sua esposa de verdade.

Ele era o rei prestes a realmente conquistar sua rainha.

E ele era Mars, ela era Silence e, portanto, ele estava decidido a lhe dar mais.

Com isso em mente, cuidadosa e lentamente, ele fez algo que nunca havia feito com sua noiva.

Ele deslizou um dedo para dentro dela.

Ele sentiu seu pênis se contrair.

Deuses, aquela sensação tão macia.

A cabeça dela caiu para trás, um gemido escapou de sua garganta e, em algum lugar no fundo de sua mente, ele agradeceu a todos os deuses por ela gostar de cavalgar.

—Minha esposa, olhe para mim.

Ela não olhou para ele.

Instintivamente, ela estava cavalgando o dedo dele.

Porra, ela se sentia extraordinária.

Ele precisava entrar nela.

—Esposa— ele mordeu, usando a mão livre para endireitar a cabeça dela e controlar seus movimentos. —Olhe para mim.

Ela se concentrou nele de forma nebulosa.

—Segure meu pênis— ele ordenou.

Sua rainha gulosa não demorou a fazer isso. A mãozinha dela envolveu o que era dela com uma possessão que fez as bolas dele incharem e o eixo dolorido se contrair.

Ele tirou o dedo de dentro da pele escorregadia dela e depois enfiou dois deles novamente.

Ela ofegou.

—Eu prometo não entregar meu corpo a ninguém além de você— ele rosnou.

Silence se calou.

Completamente.

—Diga— ele exigiu.

— Eu prometo dar meu corpo a ninguém mais além de você— ela sussurrou reverentemente.

—E eu prometo não tomar nenhum outro corpo além do seu— continuou ele.

—E eu prometo não tomar nenhum outro corpo além do seu— ela repetiu, com os olhos cheios de umidade.

Ele começou a acariciar a buceta dela com os dedos.

Ela lambeu os lábios e seguiu sua deixa, acariciando seu pênis.

Ele tirou a mão do cabelo dela para envolvê-la na haste e acariciou para cima, cobrindo o polegar e pressionando-o na parte inferior da cabeça.

—Vou ser perfurado aqui, para você.

A umidade em seus olhos tremeu.

—Mars— ela respirou.

—Você não será perfurada, esposa— ele murmurou. —Você será imaculada e intocada... para qualquer um que não seja eu.

—Eu também não quero que ninguém toque em você.

—Basil fará isso— ele grunhiu.

—Oh.

Que droga.

Aquela palavra nos lábios de sua mulher.

Ele precisava terminar isso e tê-la.

—Quero que você faça um piercing no umbigo para mim.

—Tudo bem— ela concordou imediatamente.

Mars sorriu, mas o sorriso morreu antes de ele rosnar: —Vou fazer esse piercing.

—Vamos fazer isso hoje?

Ah, sim, sua pequena rainha gananciosa.

Infelizmente, ele teve que negá-la.

—Não tenho uma joia digna de seu corpo no momento, *mio ardente*.

Ela fez beicinho.

Ele afastou a mão dela, deslizou os dedos para fora dela e se posicionou.

Ela perdeu o beicinho, as lágrimas, e seu rosto se tornou voraz.

Tão ávido. Se não houvesse tanta coisa nela para gostar, ele gostaria disso acima de tudo.

—Mars— ofegou ela, se mexendo com impaciência.

—Se eu causar alguma dor, avise-me imediatamente— ele ordenou.

—Sim, tudo bem, eu direi— ela garantiu rapidamente.

—Minha esposa quer meu pênis— ele murmurou.

Seus lábios se aproximaram dos dele, seus olhos se abriram e ela sussurrou: —Por favor.

Se ela quisesse algo, ele daria a ela.

Sempre.

E isso não era exceção.

Mars passou um braço ao redor da cintura dela e a moveu para baixo, preenchendo-a lentamente, observando de perto os olhos dela se encherem de surpresa, depois de espanto e, finalmente, daquela fome impetuosa.

Por sua vez, ele nunca havia sentido nada tão resplandecente quanto a bainha apertada, úmida e quente dela.

—Foda-se— ele gemeu.

—Sim— ela gemeu.

—Foda-se— ele mordeu.

—Sim— ela respirou enquanto se acomodava em cima dele, levando-o até a raiz.

Eles se olharam nos olhos.

—Você é perfeita— ele sussurrou.

—Eu ia dizer a mesma coisa— respondeu ela.

Ele sorriu mais uma vez e, em seguida, levou as mãos da cintura dela até as costelas e ordenou: —Agora, esposa, pegue seu rei.

Ela não precisou de mais nenhum incentivo.

Ela o montou, com as costas arqueadas, oferecendo os seios fartos e bonitos com as pontas rosadas para ele pegar, e ele aceitou a oferta.

Silence então o cavalgou com mais força.

Assim, Mars chupou mais fundo.

Os dedos dela foram para o cabelo dele e o apertaram.

—Meu amor— ela ofegou.

Ah, sim.

Isso merecia uma recompensa.

Mars a virou de modo que ficasse por cima, enganchou a parte de trás do joelho dela na curva de um dos cotovelos dele, envolveu a

outra perna dela em volta da bunda dele e ficou olhando para ela enquanto a cavalgava.

—Sim— gritou ela, a boceta apertada ondulando em torno do pênis dele, os quadris se erguendo para receber mais, as mãos frenéticas na pele dele. —Oh, pelos deuses, Mars. *Oh, fé. Mars.*

Deuses, ela era linda, seus cabelos por toda parte, seu corpo sacudindo com as investidas dele.

—Eu não posso... eu não...— ela gaguejou.

—Então vá em frente— grunhiu ele, rebolando os quadris e penetrando novamente.

Ela gemeu e depois gemeu, apertando a mão com a perna, agarrando a nuca dele com uma mão, as unhas da outra marcando a espinha dele.

Ele se arqueou contra ela com a dor intensa, e ela gritou, batendo os quadris nos dele a cada estocada, correspondendo à sua paixão sem arte.

Ele notou que a sala estava ficando vermelha.

E ele ignorou o fato.

Ele estava transando com sua rainha.

Ele viu as chamas irromperem no ar.

E ele se glorificou com isso.

Porque *finalmente* estava transando com sua rainha.

—Silence, se solte— ele exigiu.

—Eu não quero que... isso... *pare*— ela respondeu laboriosamente, suas palavras sendo interrompidas pelas investidas dele.

Ela havia começado a fazer isso, sua teimosa devassa. Ela se agarrou ao clímax como se quisesse prolongá-lo por um século.

Foi tortuoso.

E magnífico.

—Esposa— ele deslizou uma mão entre eles e tocou o clitóris dela, —solte.

Ela gritou, sua boceta agarrando o pênis dele com o orgasmo, e só então ele soltou, rugindo seu clímax, se atirando nela, enchendo-a com sua semente, e com isso, explosões suaves iluminaram o ar ao redor deles.

Quase exausto, ele caiu sobre ela e os rolou, seus quadris se contorcendo sob os dela, os dela fazendo o mesmo contra os dele, suas respirações pesadas acariciando seu pescoço enquanto ele enrolava o cabelo dela em seu punho e levantava sua cabeça.

Ele baixou o queixo para capturar os olhos dela enquanto o fogo combinado deles ainda explodia por toda a sala.

Ela estava apenas percebendo, ele podia dizer pela admiração com que ela estava absorvendo tudo.

— Silence — ele murmurou para chamar a atenção dela.

Ele conseguiu quando ela respirou: —Mars, a sala está pegando fogo.

—Somos nós— decretou ele.

Ela ficou olhando para ele.

Ele pulsou dentro dela e seus lábios se separaram quando seus olhos se arregalaram e uma chama irrompeu atrás de seu corpo.

Como prova.

—Isso... somos... nós— ele repetiu.

—Meu amor...— ela começou.

—Sim— ele mordeu, afirmando essas duas palavras com força. — Eu estava errado e você estava certa. Mas não se trata de mim. Trata-se de nós. Nós seremos uma lenda, Silence, Rainha de Firenze.

—Eu... eu só quero ser uma boa esposa e uma boa mãe... e talvez, se eu conseguir, uma boa rainha— respondeu ela.

As chamadas se apagaram, o vermelho recuou, e isso foi feito enquanto Mars Laches olhava para sua noiva.

Isso ele fez logo antes de cair na gargalhada, envolvendo os braços dela com força.

Por fim, Mars deslizou uma mão até a nuca dela e enfiou o rosto dela em seu pescoço.

Mas ele ainda estava rindo.

Ele levou um momento para sentir o dedo dela, que estava passando pelo seu peitoral.

Não demorou muito para que ele o sentisse circulando seu mamilo.

—Se você me fizer sair desta cama hoje, meu rei— ela murmurou, —não falarei com você por uma semana.

Sorrindo, ele os rolou e olhou para sua Silence.

—Vamos terminar nosso café da manhã. Pediremos às criadas que nos tragam seu macaquinho para uma visita. Pediremos a elas que levem a Piccola embora quando você estiver satisfeita. E então eu vou transar com você pelo resto do dia. Esse plano é do seu agrado?

—Você pode precisar de, hum... períodos de descanso— observou

ela.

Ele inclinou a cabeça. —Isso é um desafio?

—Eu não... bem... sei— respondeu ela, olhando para ele de forma questionadora.

—É um desafio— ele confirmou.

E então ele sorriu mais uma vez antes de se aproximar.

—E eu aceito— disse ele.

Os olhos extraordinários de sua esposa ficaram como prata movediça.

Isso aconteceu...

Logo antes de ele beijá-la.



Os Encantamentos

Príncipe Cassius

A dez milhas da fronteira noroeste dos Encantamentos

WODELL

Ela o estava matando.

—Elena— ele balançou os quadris contra os dela, —mova-se— ele rosnou.

—Humm— ela murmurou, curvando-se para ele e usando os lábios e a língua em seu pescoço.

Foi uma sensação agradável.

O aconchego úmido dela em volta do pênis dele era ainda mais agradável.

Mas ela parecia satisfeita em sentar-se sobre ele e não fazer nada além de se contorcer de vez em quando, enquanto olhava para ele, absorvendo-o com os olhos e traçando sua tinta com as pontas dos dedos.

Sim.

Matando-o, porra.

No entanto, tudo isso foi antes de ela começar a absorvê-lo com os

lábios.

—Você se sente muito bem— disse ela em seu pescoço.

—Você também se sente muito bem— disse ele para o teto da tenda. —E, se não se importar, eu gostaria de sentir toda essa beleza montada em meu pênis.

Ela levantou a cabeça e sorriu para ele de forma impertinente.

Em seguida, ela se contorceu sobre os quadris dele.

Ele gemeu.

Puxa vida.

Ele fez uma careta para ela.

E então se deu conta.

—Você está me provocando?— ele sussurrou.

—Hmm?— ela perguntou, as sobrancelhas se erguendo preguiçosamente enquanto ela lambia o lábio inferior com a ponta da língua e roçava as cristas das costelas dele com um toque tão leve que ele podia se convencer de que não tinha acontecido, embora cada centímetro de seu corpo soubesse que tinha acontecido.

—Você está me provocando— ele murmurou.

Ela o apertou com as paredes de sua boceta antes de dizer: —Não sei do que você está falando.

—Você sabe, sim— ele rosnou e balançou com força, jogando-a para fora.

Sem esperar por isso, ela gritou e perdeu o controle de seus membros.

Mas antes que ele pudesse colocá-la em posição de barriga para baixo para fazer sua própria provocação, ela se recuperou e veio para cima dele.

Cassius não podia dizer que já havia lutado nos limites de uma tenda para uma pessoa só, com uma bela mulher nua ou outra.

O que ele podia dizer é que era uma experiência altamente deliciosa.

Especialmente quando sua força superior e os limites estreitos se uniam para lhe dar uma vantagem, e ele vencia.

Essa vitória significava que Elena estava de joelhos diante dele, com a mão dele envolvendo a nuca dela e pressionando sua bochecha contra os cobertores, de modo que o gemido dela foi abafado quando ele a penetrou com o pênis.

—Sim— ele grunhiu.

—Sim— ela respirou.

Cassius soltou o pescoço dela e agarrou seus quadris, forçando-os para a frente e depois empurrando-os para trás para receber suas investidas.

Elena encontrou o ritmo e o abraçou com entusiasmo, ofegando e gemendo.

Ele estava chegando perto, mas ela parecia ser capaz de aguentar a transa dele pelo resto do dia e se divertir, então ele percebeu que algo tinha de ser feito.

Ele caiu para trás, com o traseiro nos calcanhares, puxou-a para cima de seu pênis, satisfeito com o suspiro de prazer dela, e continuou a pulsar dentro dela enquanto colocava o dedo de uma mão em seu clitóris, os dedos da outra em seu mamilo e, com tudo isso, ele rolou.

A cabeça dela caiu de volta para o ombro dele.

—Acho que... gosto de... sexo matinal— ofegou Elena.

Cassius puxou seu mamilo, e ela virou a cabeça, mordendo a mandíbula dele através da barba.

—Estou achando que você só gosta de sexo— ele grunhiu.

—Sim— ela sussurrou em seu pescoço. —Com você.

Maldita Elena.

Ele virou a cabeça com significado, um significado que ela leu.

Então, ele tomou a boca dela e a fodeu com a língua, puxando o mamilo, enrolando com força no clitóris e empurrando para dentro, rápida e profundamente.

Ela gozou, e seu gemido desceu pela garganta dele.

Ele passou um braço em volta do peito dela, o outro em volta da barriga, e a colocou sobre o pênis, gozando também, com o gemido dele penetrando no dela.

Ela estava mordiscando os lábios dele quando ele parou de sentir nada além do prazer de estar enterrado dentro dela e assumiu o controle, não mordiscando, mas conquistando seus lábios para um beijo profundo.

Ele terminou o beijo para dar a ela a chance de respirar, pois se eles tivessem tempo, ele poderia transar com ela o dia todo, mas se isso fosse tudo o que ele pudesse ter, ele poderia beijá-la o dia todo também.

Ele permitiu que ela inclinasse a cabeça para trás e estava explorando a pele da garganta dela com os lábios, ao mesmo tempo em que deslocava as mãos de volta para onde estavam, uma segurando o seio dela, a outra fazendo o mesmo entre as pernas dela,

quando se lembrou dele.

Os unicórnios da noite passada.

E agora, eles estavam na mesma posição em que os amantes estavam na carta de Eros que ele havia virado do baralho dela nos jardins do Palácio Catrame.

Ambas as cartas vinham diretamente daquela leitura.

Puta que pariu.

Ele não sabia o que pensar disso.

Mas seus braços sabiam.

Por vontade própria, eles se moveram novamente para que ele a segurasse pelo meio, como se estivesse lhe dando um abraço.

Um abraço íntimo.

Mas, mesmo assim, um abraço.

Seus braços envolveram os dele e, da única maneira que podia, na posição em que estavam, Elena o abraçou de volta.

Elena pura e simples.

Se ela pudesse encontrar uma maneira de dar, ou retribuir, ela o fazia.

Eles ficaram onde estavam até que ouviram Jazz gritar: —Já que vocês dois terminaram de se pegar, talvez possamos fazer as malas e ir para casa?

Cass suspirou, Elena fez o mesmo com ele.

—Devíamos nos mexer— ela sussurrou.

Ela estava certa.

Mas quando ela começou a se afastar, Cassius a segurou com força.

O pescoço dela se contorceu quando ele levantou a cabeça e fixou os olhos dela.

—Eu também gosto de fazer sexo com você, minha guerreira— ele murmurou.

Ela sorriu. —É muito bom ouvir essas palavras, Cass, e talvez eu não tenha muita experiência, e tudo o que tenho é com você, mas já percebi isso.

—Gosto de ter intimidade com você, Elena— repetiu ele.

O humor desapareceu de seus olhos violeta e ela o encarou.

—Há uma leveza e uma liberdade nisso que eu...— ele se afastou.

—Cass...— ela sussurrou.

—Nunca experimentei— concluiu ele.

—Você não precisa fazer isso— disse-lhe ela gentilmente.

Ele não diria o que tinha a dizer, principalmente duro dentro dela.

Não para ela.

Não para Liviana.

Então, ele a tirou do pênis e a virou para que pudesse pegá-la nos braços, de joelhos, frente a frente.

—Não se trata dela, trata-se de nós— ele disse. —E é isso que eu quero que você saiba. Que estar com você tem um significado para mim. Não é apenas algo prazeroso. Não é simplesmente um alívio. Não é uma progressão natural do que o destino jogou em nossos colos. É você. É o que você me dá. Não sei se já me senti leve em minha

vida. Sei que nunca me senti livre. Há uma alegria em você que eu não sei o que fazer, pois nunca me senti brincalhão. Mas sinto que também é importante que você saiba que me dá isso, e isso também tem um significado.

—Você nunca teve uma infância, portanto, não me surpreende que não saiba como aceitar uma provocação.

—Oh, não— ele murmurou. —O tipo de provocação que você fez antes, eu o convido a experimentar quando quiser. Mas saiba que você sofrerá as consequências.

—Hmm... estou me perguntando se nós dois temos a mesma definição da palavra 'consequências'— ela... malditamente... *provocou*.

Puta que pariu, ele ia rir.

E foi o que ele fez, agarrando-a a ele e enfiando o rosto em seu pescoço para fazê-lo.

Ele sentiu as mãos dela percorrendo suas costas e percebeu que ela não estava rindo com ele quando ele parou.

Ele levantou a cabeça.

Instantaneamente, ela colocou a mão em volta da mandíbula dele.

—Não sei se teremos muito tempo para brincar nos próximos meses, Cass, mas farei o possível.

Ele não podia se impedir de tomar a boca dela.

Então ele não o fez.

—Se vocês dois não se mexerem— gritou Mac, —a Besta terá devorado Tritão enquanto vocês se esbaldam em sua tenda.

Cass quebrou o beijo.

E quando ele o fez, Elena perguntou: —Mac acabou de usar a palavra 'esbaldam'?

Cassius sentiu seus lábios se contorcerem ao responder: —Sim.

Elena caiu na gargalhada.

Segurando-a com força, aproveitando a sensação, Cass riu com ela.



—Muito bem, alguém me lembre por que os Nadirii são nossos inimigos há quase trezentos anos— exigiu Mac enquanto cavalgavam lado a lado atrás das mulheres à sua frente.

Há menos de cinco minutos, eles haviam entrado em Os Encantamentos.

Antes disso, em um dia um tanto cinzento e tempestuoso em Wodell, as mulheres os pararam em uma área perfeitamente comum da floresta.

Elena, Jasmine e Hera desmontaram.

Elas então caminharam em fila, embora separadas por cerca de três metros entre si, e fizeram isso cantarolando.

Cass podia ouvir o canto lírico de Elena de seu lugar na sela.

E ele ficou hipnotizado por ela.

Ela parecia não estar fazendo nada além de caminhar e, quando pararam de se mover, ficar de pé, mas havia uma energia que emanava dela que era fascinante.

O zumbido aumentou de volume, mas não demorou muito para

que as três mulheres se arqueassem para trás, com os cabelos esvoaçando e os braços estendidos para trás, quando um vento forte soprou e grandes fendas se formaram no ar diante delas.

Três aberturas em forma de cúpula, cerca de dois metros mais altas do que um homem montado em um cavalo e largas o suficiente para que o cavalo andasse por dentro, podiam ser vistas, como fendas no próprio ar, essas fendas pareciam separar um mundo do outro.

Cass havia perdido o fôlego.

Pois, além dessas aberturas, enquanto eles estavam sentados em seus cavalos em um dia sombrio em Wodell, em que as folhas das árvores haviam quase desaparecido e a paisagem era estéril e monótona (exceto pelo verde da grama, que nunca desaparecia em Wodell), diante deles havia uma luz solar brilhante que irradiava raios dourados através de árvores colossais com folhas brilhantes como trevos, outras tão marcantes quanto limas, outras ainda tão ousadas quanto o peito de um periquito.

A grama era um mar de esmeralda, verde limão e verde maçã.

A casca escura das árvores era um contraste impressionante com esse banquete de verde verdejante, tendo como único pano de fundo um céu de azul puro, sem uma única nuvem para marcar sua perfeição.

Cassius percebeu que estava sentado em um silêncio atordoante, olhando para seu primeiro vislumbre dos Encantamentos, quando Jazz disse: —Muito bem, homens, montem e sejam bem-vindos aos Encantamentos!

Rose cavalgou primeiro, Ian a seguiu pela abertura que Hera havia feito.

Mac foi o próximo a passar, usando a abertura que Jasmine havia criado, e Jazz se afastou para subir em sua égua e segui-lo.

Cass foi o último a passar, desviando o olhar da vista para observar Elena enquanto passava por ela no caminho de volta à sua montaria.

Ela estava sorrindo para ele.

Ele balançou a cabeça para ela, incrédulo com o que ela tinha acabado de lhe mostrar e com o fato de ela ter sido tão atrevida ao fazer isso.

Uma vez lá dentro, as mulheres assumiram a liderança, principalmente porque os homens diminuíram a velocidade de seus corcéis para poderem observar tudo.

As aberturas haviam se fechado atrás deles logo depois que Hera, Jasmine e Elena entraram.

E Cass notou instantaneamente que, no momento em que os cascos de Caelus tocaram o solo encantado, a temperatura do ar estava pelo menos vinte graus mais quente.

Não era abafado. Não estava quente. Mas também não estava frio.

Era a perfeição.

—Não estou dormindo com nenhuma delas, mas tenho que admitir que esse show rivalizou com o desfile na Cidade do Fogo e eu nunca tinha visto nada tão magnífico— Ian respondeu ao comentário de Mac. —Em outras palavras, eu entendo o que você está dizendo. Qualquer coisa dessa maravilha não deveria ser inimiga.

Cass voltou sua atenção para as costas de Elena.

Sua estrutura parecia mais relaxada na sela. Ela estava conversando amigavelmente com Hera ao seu lado. E o som da voz dela, que chegava até ele, era mais do que lírico. Não havia cautela, nem tensão.

Era poético.

Ela se sentia segura.

Estava em casa.

—Como você acha que vai ser a nossa recepção?— perguntou Mac.

—Não me importo se tivermos que atravessar uma barragem de flechas, contanto que eu possa me esquivar delas com essa vista— Ian disse como resposta.

—Não haverá uma barragem de flechas, Hadrian— retornou Mac. —Tritão está avançando, você não sabe. A paz está próxima. E nós somos nós. Elas vão nos amar.

Maldito Mac.

—O que eu sei é que eu apontaria uma barragem de flechas para qualquer ser que chegasse perto de colocar este reino em perigo, não me importando se fossem convidados da rainha— Ian retrucou.

—Não posso dizer que discordo— murmurou Mac, ao que Jazz se virou.

—Você gosta, gambá?— ela chamou Mac, com o rosto brilhante e o porte relaxado também.

—Eu nunca vou embora— ele respondeu.

Ela sorriu brilhantemente para ele.

Elena também se virou em sua sela, seus olhos capturando os de Cassius.

Ela não disse uma palavra.

Ele ainda lia sua expressão.

Principalmente o sorriso desafiador que se desenhava em seus lábios.

E assim, quando ela fincou os calcanhares em Diana, ele já estava fazendo o mesmo com Caelus.

A guerreira e o corcel se lançaram para a frente.

E o par masculino a perseguiu.



O espanto de Cass com os arredores exuberantes e limpos não diminuiu quando ele viu sua primeira casa na árvore, com os degraus largos que começavam no chão adornados com as primeiras flores que ele viu nos Encantamentos, e elas eram tão ricas e abundantes quanto as folhas das árvores.

A casa da árvore de madeira à qual ela levava tinha vários níveis, várias varandas, janelas com vidros de diamante que piscavam e um telhado de palha caído que fazia com que parecesse ser de um assentamento de gnomos em Wodell, só que feito para seres maiores.

No entanto, Elena não diminuiu o galope de seu cavalo, tanto para chegar em casa quanto para levá-lo até lá, de modo que ele também não conseguiu diminuir a velocidade e absorver tudo.

Ou qualquer uma das outras pelas quais passaram, que não eram nem um pouco uniformes.

Havia telhados de ardósia, telhados de lata pintados de verde, telhados de telha e telhas.

As janelas eram quadradas, em arco ou redondas.

Os andares eram empilhados uns sobre os outros ou tinham

escadas ou escadarias que levavam a extensões de troncos para chegar ao próximo, ou a um conjunto mais distante, mais abaixo em um galho.

Algumas das estruturas eram esféricas, outras quadradas, outras uma mistura de formas que se encaixavam na árvore em que residiam.

Havia barris, vasos coloridos ou cestas de vime cheias de flores que adornavam o solo abaixo ou os deques das varandas, ou pendurados em suas grades.

Havia também bancos, bancos de floresta e cadeiras de balanço em ambos os lugares, alguns ao redor de fogueiras, outros ao lado de riachos sinuosos.

Mas não havia uma única estrutura em terra.

Era visualmente encantador.

Também era, do ponto de vista da defesa, incrivelmente inteligente.

Enquanto cavalgavam, Elena à frente, Cassius atrás dela, os outros atrás deles, ele notou que estavam recebendo atenção quando os Nadirii saíam de suas casas para as varandas, ou apareciam a pé ou montados, vindo das árvores.

E as irmãs os observavam cavalgar.

Começaram a soar os chamados que ele ouvira quando estava em batalha com eles (bem como no desfile dos Nadirii no coliseu da Cidade do Fogo), pois Nadirii após Nadirii compartilhavam que sua princesa estava em casa.

E avisou que eles tinham visitas.

Cassius estava com a espada no punho na sela, as adagas no cinto e outra na bota, mas não fez nada além de manter o olhar nas costas

de Elena e seguiu-a até o que, com o aumento significativo de casas na árvore, era claramente o coração dos Encantamentos.

Ele não esperava que eles tivessem qualquer recepção, a não ser uma recepção cautelosa. Ophelia se encarregaria disso.

E ele não pensou nem um pouco sobre o fato de que ele, Macrinus e Hadrian foram os primeiros homens Airenzianos a pisar em solo Nadirii.

Mas se esse evento surpreendente que entrou para a história fosse ocorrer a ele, isso não aconteceu quando Elena freou sua montaria e Cassius seguiu o exemplo perto da maior e mais grandiosa casa na árvore de todas.

E ele ouviu: —*Papai!*

Seus olhos foram diretamente para o som e sua perna se moveu instantaneamente para se soltar de Caelus quando ele viu os cabelos castanhos de sua filha brilhando à luz do sol enquanto ela corria pelos degraus da grande casa na árvore em direção ao pai.

Com a menina como único foco, ele teve tempo suficiente para colocar as botas no chão, dar dois passos rápidos em direção a ela e se agachar com os braços estendidos antes que Aelia estivesse neles e ele estivesse de pé, levantando-a com ele e segurando a filha bem junto ao peito.

—Minha querida menina— ele murmurou, com o rosto enfiado no cabelo dela.

—Meu querido papai!— gritou ela, com os braços apertados em volta do pescoço dele.

Como era o jeito deles, pois ele se esforçava para garantir que ela não tivesse ideia de que momentos de preciosidade um dia seriam difíceis de encontrar, então você deveria aproveitar para saboreá-los quando os tivesse, ela se afastou primeiro e exigiu saber: —Esta terra

não é *esplêndida*?

—É, de fato, minha belezinha— concordou ele.

— Elas vivem nas árvores!— gritou ela.

Ele sorriu para ela. —Como eu já vi.

—E todo lugar é tão verde— ela continuou.

—Eu também notei isso, minha querida.

—E você realmente não acreditaria no que essas senhoras podem fazer com seus arcos, espadas e cajados— ela compartilhou animada.

Ele realmente acreditaria.

—É mesmo?— respondeu ele.

—É mesmo! É mesmo!— exclamou ela. —Não é de se admirar que eles sempre venciam o tio Trajan.

Ele sorriu para ela. —Sim, elas são muito temíveis.

—Não, não são. Eles são adoráveis para mim— ela contradisse.

—Fico muito feliz em ouvir isso.

E ele ficou. Ele nunca imaginaria que Ophelia ou a Irmandade seriam algo menos para sua filha.

Mas, ainda assim, ficou satisfeito em ouvir e ver, pelo comportamento dela, que ela havia sido bem tratada. E ele fez questão de expressar sua gratidão a Ophelia por isso.

—Acho que era do tio Trajan que elas não gostavam— decidiu ela. —Eu tinha apenas quatro anos quando ele se foi, mas me lembro de ele estar de mau humor na maior parte do tempo. A menos que ele estivesse sendo mau com alguém— comentou. —Ele gostava muito

disso.

E essa era a sua pequena Aelia.

Ela não perdia um detalhe.

Mesmo quando tinha quatro anos.

Ela mudou abruptamente de assunto, como era de seu feitio.

—Você me deu um presente?

—Você é minha filha querida?

Ela deu uma risadinha e deu um tapinha na barba dele. —Sou sua única filha, bobão.

Antes que ele pudesse responder, seu corpo travou quando ele ouviu as palavras que ela disse ao continuar.

—Não, espere! Essa é a minha nova irmã!— ela gritou, girando nos braços dele e apontando para a linda garota loira que ele tinha visto com Elena muitas semanas antes. —O nome dela é Theodora e ela já sabe montar um cavalo de verdade, não apenas um pônei.— Ela se virou de volta para Cassius. —E ela é minha amiga!

—Bem, isso não é fantástico?— ele murmurou, mantendo suas emoções cuidadosamente sob controle, pois não havia informado à filha que nada disso estava acontecendo.

No entanto, seu olhar se desviou para Elena, que estava parada não muito perto, mas não muito longe.

Ele viu os olhos dela fixos nele e ela parecia dividida entre uma emoção suave que era forte o suficiente para não deixar escapar, mesmo que a emoção que estava em guerra com ela fosse o fato de que ela estava excepcionalmente zangada.

Ele saberia o motivo quando ela desviasse o olhar e rosnasse,

rosnasse mesmo: —Mãe.

—Ela precisava saber— uma voz imponente veio de trás de sua filha, de uma pessoa que ele não podia ver, mas sabia que era Ophelia.

—Você não acha que deveria ser o pai dela a lhe contar?— Elena exigiu.

Foi com essa exigência, em seu nome sobre sua comunicação com a filha, que Cassius parou de pensar que poderia se apaixonar por Elena, a princesa dos Nadirii.

Em vez disso, ele percebeu que isso já estava acontecendo.

Com esse pensamento surpreendente, Aelia entrou na conversa.

—Olá. Você é a senhora que vai se casar com meu pai?— perguntou ela a Elena.

Cassius congelou novamente.

Mas ele não ficou assim por muito tempo quando a cabeça de Elena se virou para Aelia e a guerreira feroz que podia quebrar a flecha a vinte passos, cavalgar como o vento e lutar destemidamente contra Zees olhou para uma garotinha ruiva que parecia aterrorizada.

Diante da expressão dela, ele começou a rir.

Aelia o observou com curiosidade quando ele a colocou no chão, mas pegou sua mão e a levou até sua noiva.

—Princesa Elena, eu gostaria que você conhecesse oficialmente minha filha, a Princesa Aelia de Airen. Ela gosta de potes de chocolate, detesta brincar com bonecas, começou a exigir montar um cavalo, não um pônei, quando tinha três anos, pode ser uma malandra e é inteligente demais para a minha sanidade.

Ele olhou para a filha e continuou.

—Princesa Aelia, esta é a Princesa Elena dos Nadirii, a mulher que em breve será minha esposa e sua mãe. Ela cavalga como o vento, algo que suspeito que ela lhe ensinará. Ela consegue encantar Zees com um sorriso. E sua mira é tão certa com uma flecha que ela provavelmente pode acertar uma noz em sua cabeça a cem passos.— Ele fez uma pausa quando viu os olhos de sua filha se iluminarem e, em seguida, advertiu severamente: —Mas ela não fará isso.

Aelia olhou dele para Ellie e de volta para o pai.

—Ela é muito bonita— disse ela.

—No rosto e no coração, minha filha— ele respondeu calmamente.

Aelia olhou entre eles novamente antes de se inclinar para ele e se levantar na ponta dos pés.

—Ela pode falar?— sussurrou em voz alta.

Ele se inclinou para a garota e sussurrou alto em resposta: — Acredito que ela queira causar uma boa impressão em você. Eu deveria ter dito a ela para vir correndo para a área, fazendo explosões de estrelas no céu com suas flechas.

Os olhos de Aelia se arregalaram e seu sussurro se tornou reverente. —Ela pode fazer isso?

—Ela pode, de fato.— Cass se endireitou, colocou a mão no ombro da filha e a puxou para junto de suas pernas, murmurando: — Estou aprendendo que a Princesa Elena pode fazer quase tudo.

Aelia desviou o olhar do pai para Ellie.

—Você pode fazer isso para mim?— perguntou ela timidamente.

Finalmente, a voz musical de Elena surgiu e fez isso enquanto ela fazia uma reverência baixa, dizendo: —Seria uma honra, princesa

Aelia.

Aelia deu uma risadinha.

Elena perdeu o medo e sorriu para a garota de Cass.

Ela virou o sorriso para o lado e disse: —Nenhum abraço para mim?

—Você trouxe um presente para mim?— Dora chamou em troca.

—Você estava na Cidade do Fogo comigo, querida— Elena lembrou a ela.

—Eu não estava em Wodell com você— Dora apontou.

—Hmm...— Elena cantarolou, olhou para Aelia, depois levantou a mão, com a palma para cima, enquanto se virava para Dora.

Ela se curvou para a mão e soprou levemente.

De sua palma saiu uma corrente de poeira roxa e coral cintilante que se tornava verde à medida que se aproximava de Dora.

E quando estava bem na frente dela, floresceu em uma linda árvore com cerca de um metro e meio de altura e um metro e meio de largura, com folhas verdes exuberantes que se tornaram vermelhas, depois laranja, depois amarelas e, finalmente, marrons, antes de caírem da árvore, deixando-a estéril por apenas um momento, antes de a árvore desaparecer em pombas em miniatura que se transformaram em nada.

—Nossa!— disse Aelia.

—Exibicionista— Jazz murmurou de perto.

Elena piscou para Aelia antes de voltar sua atenção para Dora.

—Isso serve?— ela perguntou.

Dora não pareceu impressionada e reforçou essa impressão cruzando os braços de menina sobre o peito.

—Você vai me deixar para trás, nunca, nunca, nunca mais?— ela exigiu saber.

Foi aí que Cassius ficou surpreso com o fato de Elena não ter procurado os olhos da mãe.

Ela olhou para Cass.

E ele ficou ainda mais surpreso quando ela fez isso não como censura pela decisão que ele tomou em Firenze com relação a Dora, mas para ler a expressão que ele lhe deu.

Assim, ela se voltou para Theodora e disse: —Talvez. Se houver perigo.

Não é de se surpreender que Dora não tenha se acalmado com essa resposta e, assim, continuou seu interrogatório hostil.

—Ele está dormindo em nossa casa na árvore?— ela perguntou com um movimento de cabeça na direção de Cassius.

Putá que pariu.

—Como eu lhe disse, Theodora, ele está.— Ophelia entrou na conversa.

Que *inferno*.

—Espere só, papai— Aelia disse a ele com entusiasmo, sacudindo sua perna enquanto fazia isso. —Você vai dormir com a princesa em seu *ninho*. Dora me levou até lá. Nós *brincamos* lá. É tudo no alto, nas *alturas mais altas* de sua árvore. Bem *alto*. Como a cidadela, só que, bem... legal.

Aparentemente, essa nova situação de seu pai ter uma mulher em sua vida não iria perturbar a filha.

Pelo menos isso era um alívio.

Cass sorriu para sua filha enquanto ouvia Mac, Jazz, Ian, Hera e Rose rirem baixinho ao seu redor.

Seu sorriso não durou muito tempo quando sua atenção voltou para Elena e viu que ela estava em uma disputa silenciosa de vontades com sua pupila.

—Não precisamos...— ele começou.

—Vocês precisam. Vocês irão— Elena o interrompeu, sem tirar o olhar da garota. —Theodora, você vai vir aqui para que eu possa apresentá-la ao príncipe Cassius?

Dora não se moveu.

Elena ficou tensa.

Cass estava prestes a dizer alguma coisa.

Então Theodora se aproximou de Elena.

Mas ela não permitiu que Elena a apresentasse.

Com uma voz desafiadora, mas ferida e talvez até assustada, ela admitiu: —Não gosto de ficar longe de você.

Elena se derreteu instantaneamente (o que não foi nada surpreendente) e alisou os cabelos dourados da garota da coroa até a nuca.

—Eu saio em patrulha o tempo todo— ela a lembrou.

—Mas isso é perto— murmurou Dora.

Cassius estava percebendo, tardiamente, ainda mais do que já havia percebido, o erro que cometera ao mandar Dora embora sem deixar Elena cuidar dela.

Mais uma vez, ele estava prestes a dizer algo, assumir a responsabilidade por sua decisão, mas, como se estivesse sintonizado com ele, os olhos de Elena se voltaram para ele e ela balançou a cabeça brevemente.

Ele permaneceu calado.

—Se Cassius e eu acharmos que é seguro, você e Aelia podem ir ao casamento do Príncipe True conosco.

—É mesmo, papai?— Aelia perguntou animada.

Ele acenou com a cabeça para ela.

—Tudo bem, Dora?— Elena pediu.

—Tudo bem— murmurou Dora para os dedos dos pés de seus mocassins.

—Fale claramente— Elena ordenou gentilmente. —E olhe para mim quando o fizer.

Dora levantou a cabeça. —Tudo bem, Ellie.

Ellie.

Evidentemente, as hostilidades estavam chegando ao fim.

—Agora, posso ter um abraço?— Elena pediu.

Theodora passou os braços em volta dos quadris de Elena por um breve momento e os soltou.

Mas Cass notou que, quando ela segurava, ela segurava com força e fechava os olhos com força.

—Certo, vamos conhecer o futuro rei de Airen?— Elena sugeriu.

—Acho que sim— murmurou Dora, olhando para ele por baixo

dos cílios.

Elena, sabiamente, Cassius suspeitou, deixou essa passar.

Ao ser apresentado, ele fez uma reverência baixa, como Elena havia feito com Aelia, o que o agradou ao ver que os lábios dela se mexeram, embora ela tentasse esconder.

Aelia cumprimentou seus homens com entusiasmo, outras apresentações foram feitas e Theodora parecia não estar impressionada com Mac, mas cativada por Ian.

E depois que Ophelia anunciou que eles tomariam chá em sua sala de recepção, com uma plateia de muitos observando silenciosamente, eles se moveram para as escadas da grande casa na árvore, as meninas andando antes de Elena e Cassius, Mac e Ian atrás deles, e ele ouviu Mac dizer a Ian: —Bem, você chamou a atenção de pelo menos um Nadirii.

—Cale a boca, amigo— Ian retrucou.

Mac deu uma risadinha.

Cass olhou para Elena.

Mais uma vez, ele não ficou surpreso por ela não estar mais pensando em sua pupila.

Seu olhar estava fixo nas costas de sua mãe.

A saúde de Ophelia havia piorado visivelmente nas semanas desde que a deixaram. Ela estava magra ao ponto de ficar magra e sua batalha contra a dor estava começando a contorcer seus traços atraentes.

Ele pegou a mão de Elena e murmurou: —Falaremos mais tarde, cordeiro.

O olhar dela se desviou para ele e ela acenou para ele em silêncio.

—Está ouvindo, Dora?— Aelia sussurrou em voz alta. —'Cordeiro'. Eu lhe disse que o papai era um sonhador.

—Ele seria sonhador, ele é a luz da lua— respondeu Dora.

—E você estava certa!— gritou Aelia. —Ele é a luz da lua, e a Princesa Elena é a luz do sol!

Cass olhou para Ellie.

Ela continuou subindo as escadas, murmurando: —Eu conto para você depois.

Isso significava, mas momentos depois que ela disse suas palavras, o príncipe Cassius de Airen fez algo que ele nunca pensou que faria em sua vida.

Ele entrou na casa da rainha Nadirii.

E fez isso sorrindo.



—Você acha que elas estão dormindo?— Elena sussurrou.

—Não— Cass meio que sussurrou.

—Você acha isso estranho?

—Sim.

—Você acha que elas acham isso estranho?

—Talvez. No entanto, Aelia está tendo acessos de alegria. Ela não está presa em um castelo sem vida, sem ninguém para brincar. A mulher que ajudará a criá-la pode fazer pombas voarem de suas mãos. E ela tem uma irmã— Ele baixou o tom de voz. —A mãe de Dora a

deixou uma vez e não voltou para casa, e eu sou um idiota por mandá-la para longe de você depois de um ataque ao castelo e do pior terremoto que já sentimos, sem que você tivesse a chance de explicar as coisas para ela.

Ellie, apoiando o queixo nos braços cruzados sobre o peito dele, de costas para a cama, com a cabeça apoiada nos travesseiros, empurrou para baixo com os braços e respondeu: —Está feito. Vamos seguir em frente.

Cass suspirou.

Ele, então, passou as costas do dedo na bochecha dela e mudou de assunto, falando gentilmente.

—Sua mãe piorou.

Ela virou a cabeça para que pudesse apoiar a bochecha em seus braços.

Ele curvou a mão ao longo da mandíbula dela.

—Ellie.

—Eu tenho o remédio que G'Liam me deu. Vou pedir a um de nossos curandeiros para testá-lo e, se estiver tudo bem, darei a ela.

—Isso provavelmente é sábio— ele murmurou.

—Você está ofendido?

Ele não ficou.

Mas, diante da pergunta dela, ele ficou perplexo.

—Ofendido?

Ela encostou o queixo nos braços novamente para captar o olhar dele.

—Não houve fanfarra. Nenhum grande desfile. Nenhuma grande celebração da chegada do Príncipe de Airen. Apenas chá e bolos e fomos mandados para casa para que eu pudesse fazer um jantar humilde com uma torta de legumes e tortas de melaço.

Ele sorriu para ela. —Foi um bom chá e bolos.

—Cass.

—E você é uma excelente cozinheira, o que é surpreendente.

Com isso, Elena pareceu perplexa.

—Por que isso é surpreendente?

—Uma mulher habilidosa com um bastão e uma colher de pau? Você é o sonho de todo homem. Enquanto eu fico sentado e engordo, você pode me alimentar e defender minha cidadela.

Ela se levantou para dar um tapa no peito nu dele, mas fez isso sorrindo.

—Sem mencionar que aquela torta estava deliciosa e não tinha nem uma medida de carne nela— continuou ele.

—Vou fazer com que você deixe de comer carne— declarou ela.

—Você não vai— ele respondeu.

Ela lhe lançou um olhar teimoso.

Cass tinha um braço sobre ela, envolveu-a com o outro, arrastou-a para cima de seu peito e a rolou de costas, com ele agora pressionado contra ela.

Quando a tinha como desejava, ele sussurrou: —Não sou um príncipe do tipo fanfarrão.

—Bem, isso é bom, pois os Nadirii não têm fanfarra.

—Você se sente à vontade aqui— ele observou.

—Estou em casa— respondeu ela.

—Quando tudo estiver dito e feito, cordeiro, se for permitido que eu o acompanhe, encontraremos ocasiões para garantir que você possa estar em sua terra, onde se sente em casa.

Ele percebeu o que isso significava para ela quando ela disse: —Cassius.

—E mesmo que eu não possa acompanhá-la. Você precisará voltar para casa de qualquer maneira, com Theodora e, se ela quiser, com Aelia.

A expressão dela se suavizou, suas mãos foram até o rosto dele, e ele sabia o que isso significava para ela quando perguntou em um sussurro muito baixo: —Você acha que podemos fazer sexo em silêncio?

—Não.

Ela franziu a testa.

—Papai!— Aelia gritou de seu palete fofo que ficava no nível abaixo, um palete que Dora - aparentemente feliz - compartilhava e que era de Dora. Essa gritaria demonstrava por que elas não podiam fazer sexo de jeito nenhum. —Quando você se casar com Elena, Dora será uma princesa?

—Sim!— Cass gritou em resposta.

—Yippee!— Aelia gritou e continuou em voz alta. —Veja, Dora! Eu disse a você!

—Ela vai?— Elena questionou.

—Sim— ele repetiu.

—Esse é o procedimento padrão da realeza?

Ele ergueu as sobrancelhas. —Eu me importo? Eu serei rei. A única coisa boa que aprendi com meu pai é que posso fazer o que eu quiser quando for rei.

Ela sorriu para ele e disse: —Você tem certeza absoluta de que não podemos fazer sexo em silêncio?

Ele gostaria muito de poder responder de outra forma.

Infelizmente, não podia.

—Sim.

—Papai!— Aelia gritou.

—Minha querida menina!— Cass gritou de volta. —Em quinze minutos, se eu for lá embaixo e não encontrar duas beldades dormindo, ficarei muito chateado.

Um momento de silêncio antes de...

—Nós vamos dormir agora mesmo!— assegurou Aelia.

—Ela vai dormir?— Elena sussurrou.

—Claro que não— murmurou Cassius. —Mas ela vai parar de gritar.

Elena reprimiu uma risada.

Cass sorriu para ela enquanto ela o fazia.

O sorriso dele desapareceu, e sua mão se levantou para que ele pudesse acariciar novamente a bochecha dela.

Enquanto ele fazia isso, sua mente também vagava.

—Querido— Elena chamou gentilmente, e quando ele se

concentrou nela novamente, ele sabia que sua mente poderia ser lida facilmente.

—Não quero - começou ele.

—Achei que tínhamos aprendido sobre compartilhar.

—Nunca tivemos isso— admitiu ele. —Ela morreu ao dar à luz. Nunca tivemos...

Ellie colocou as mãos em cada lado do pescoço dele e disse com firmeza: —O nome dela era Liviana. Ela viveu. Ela amava você. Você a amava. Ela lhe deu uma filha. Ela faz parte de nossas vidas, faz parte de você, faz parte de sua filha. Seu nome é Liviana, Cass. E não me fará mal algum se você falar isso para mim.

Eles não podiam fazer sexo.

Mas ele podia beijá-la com força nos lábios.

E depois que ela lhe deu o presente, ele fez isso.

Quando ele se afastou, compartilhou: —Eu nunca segurei Liviana em meus braços e gritei para nossa filha dormir.

Ela acariciou a pele na parte de trás das orelhas dele com os dois polegares, murmurando: —Você perdeu muito. Isso quebraria um homem mais fraco.

—Não se engane, eu estou quebrado, Ellie.

—Você me parece bem inteiro.

—É uma ilusão.

—Então você é um mestre ilusionista.

—Ellie...

—Cass, um homem quebrado não deixa o mundo desaparecer quando se depara com a filha amada que não vê há algum tempo. Não havia ninguém por quilômetros quando você a segurou pela primeira vez em seus braços. Um homem quebrado estaria perdido para ela. Ele estaria perdido para todos.

Ela fez uma pausa, como se estivesse refletindo, antes de continuar a falar.

—Eu diria que você se perdeu depois que sua mãe se foi, embora mais do que isso, foi por nunca ter realmente um lar ou uma família. E Liviana encontrou você. Nela, você tinha as duas coisas. E você pensou que estava perdido depois que Liviana se foi. Mas você não ficou. Aelia o segurou enquanto você estava à deriva. Você só precisa se reencontrar e ficará bem.

Ele não tinha certeza de que Aelia o estava segurando, esse era um fardo que ele se recusava a considerar que havia forçado sua jovem filha a carregar.

Mas ele estava começando a sentir que Elena tinha.

E não apenas literalmente.

Para comunicar um pouco do que isso o fazia sentir, ele se inclinou para ela, roçando sua bochecha com a dele até encontrar sua orelha com os lábios.

—Como sou um estranho nesta terra, caberá a você encontrar alguém para cuidar das meninas enquanto eu a levo para algum lugar neste paraíso ensolarado, onde ninguém poderá ouvir o quanto você gosta de todas as coisas que vou fazer com você.

Ela tremia embaixo dele e, ao sentir isso, ele lutou para ficar duro.

Ela também sussurrou: —Eu consigo fazer isso.

—Isso é bom— ele murmurou, beijou a pele abaixo da orelha dela

e, em seguida, rolou para fora dela, puxando-a para o lado e envolvendo os dois braços em torno dela para que pudesse encaixá-la em sua frente. —Agora vá dormir— ele ordenou.

—Como você quiser, meu príncipe.

Ele fechou os olhos. Ouviu os pios das corujas. Sentiu o calor suave de Ellie. Sua respiração constante.

Ele também sentiu o espaço de vida dela ao redor deles, que não era simples, nem esparso, nem mesmo pequeno, mas cheio de personalidade e cores, cantos confortáveis e móveis convidativos.

Por fim, ele sentiu a noite envolvendo-os, aqui, nos Encantamentos, onde não era apenas escuro, mas como um cobertor macio que mantinha o sol à distância para que houvesse descanso.

E ele abriu os olhos quando Dora gritou: —Ellie, a Aelia pode tentar andar a cavalo amanhã?

A dupla se uniu.

Aelia havia sido silenciada com sucesso, então Theodora se tornou a porta-voz.

—Não se vocês duas não dormirem logo— Elena gritou de volta. Ela se aconchegou mais perto dele e murmurou: —Acho que vamos ter as mãos cheias, querido.

Ele não temia.

Ele não temia isso nem um pouco.

Ele esperava que eles adicionassem mais dois, três ou até quatro antes de tudo ser dito e feito.

Ele nunca havia desejado nada, nada mesmo.

Mas uma família.

Cassius não compartilhava isso.

Ele apenas a puxou para mais perto, aspirou a fragrância de seus cabelos e, na calma reconfortante dos Encantamentos, caiu no sono.



A Surpresa

A Irmandade dos Nadirii

OS ENCANTAMENTOS

Naquela noite, nos Encantamentos, muitos bancos foram ocupados, muitas escadas foram subidas.

A Irmandade estava conversando.

Algumas delas haviam conhecido o Príncipe Cassius de Airen no campo de batalha.

Ele era o inimigo.

Mas, mesmo assim, sabia-se que ele não era como seu irmão.

Mesmo em batalha, uma luta justa era compreendida.

Assim como a luta suja.

Cassius tinha sido justo e honrado na vitória e na derrota.

Trajan não tinha sido nem uma coisa nem outra.

Dito isso, foi com grande surpresa que as irmãs viram Cassius cavalgar atrás de sua princesa até os Encantamentos, e não apenas porque ele era um homem, um homem Airenziano, um príncipe Airenziano em seu reino.

Mas porque ele cavalgava atrás de sua princesa até os Encantamentos.

Uma mulher em Airen andava em uma carruagem na parte de trás de uma comitiva.

Nos raros casos em que ela montava em um cavalo, novamente, ela ia atrás.

Um homem não seguia uma mulher.

Nunca.

Nunca.

O príncipe Cassius parecia não se incomodar com isso.

De fato, parecia que ele não estava nem aí para isso.

E isso, pensou a Irmandade, era muito estranho.

Não era ruim.

Mas muito estranho.

A conversa em casas na árvore, em volta de fogueiras e ao lado de riachos não era apenas sobre isso.

Não.

Pois aqueles que testemunharam o fato estavam falando amplamente sobre como o príncipe Cassius de Airen havia cumprimentado sua filha.

Uma menina nascida de um homem de Airen, especialmente os da aristocracia, era desconsiderada a ponto de esse evento ser ignorado.

Se um menino ainda não tivesse sido gerado, ou se outro fosse desejado, o homem partia para cima de sua esposa assim que desejasse

para gerar um, como se sua filha não tivesse nascido.

Portanto, foi com grande surpresa que a Irmandade viu o Príncipe Cassius pegar sua filha nos braços, abraçá-la, sorrir para ela, falar com ela e ouvi-la como se o que ela dissesse não significasse nada.

Significava tudo.

Igualmente surpreendente foi o quanto a garota parecia próxima de seus homens.

O príncipe Cassius claramente adorava sua filha.

Todos aqueles homens gostavam.

É claro que não se desconhecia o fato de Cassius ter amado sua falecida esposa.

Mas isso...

O que mais se discutia era como ele era com sua princesa.

Elena era uma guerreira habilidosa. Ela também era uma bruxa excepcionalmente poderosa. Ela tinha mais poder do que sua irmã, sem dúvida. Havia até quem acreditasse que ela tinha mais poder do que sua mãe.

Elena amava e respeitava sua rainha.

Ela amava e respeitava seu mentor.

Ela amava e respeitava seus tenentes.

E ela amava e respeitava suas irmãs.

Elas a amavam e respeitavam.

Ela era tranquila, espiritual, observadora, concentrada e atenciosa.

A maioria esperava que Ophelia nomeasse seu segundo filho como seu sucessor.

Assim, a maioria ficou perturbada quando se soube que ela não seria a Rainha dos Nadirii, mas a Rainha de Airen.

Talvez perturbada não fosse a palavra certa para isso.

Talvez preocupada fosse.

Serena não havia demonstrado as características necessárias para liderar um reino. Ela era temperamental e vingativa e, muitas vezes, permitia que as emoções influenciassem seu pensamento e suas ações.

Alguns achavam que Elena seria uma rainha ainda melhor do que Ophelia, e Ophelia tinha muito respeito por suas irmãs.

Entretanto, Ophelia não era muito calorosa.

Ela não era oficial, embora muitas vezes fosse distante.

Ela também era sensata, introspectiva, diplomática, leal e justa.

Mas não era calorosa.

Portanto, a perda de Elena para Airen era preocupante, não apenas pelo fato de uma das irmãs ser forçada a viver na terra de seu inimigo.

Mas o fato de que a Irmandade perderia a mulher que deveria ser a rainha.

Mais coisas aconteceram naquela noite que surpreenderam a Irmandade.

Houve risadas na casa na árvore de Elena naquela noite e o som anômalo de tons profundos de uma voz masculina.

O mesmo podia ser ouvido na casa na árvore de Jasmine, até que

outros sons foram ouvidos.

E o mesmo podia ser ouvido na casa na árvore da rainha, onde o último tenente Airenziano havia sido aquartelado, como se a rainha estivesse sentada à vontade para conversar com um soldado Airenziano.

Era muito claro que Elena não parecia incomodada com o que estava acontecendo.

De fato, enquanto caminhavam da residência da rainha para a de Elena, eles foram vistas de mãos dadas.

A Irmandade não sabia o que pensar de tudo isso.

Todas elas foram treinadas na arte da guerra. Mesmo aquelas que não tinham inclinação para isso, desde pequenas, eram obrigadas a aprender habilidades básicas com bastão, adagas, arco e flecha, espada e combate corpo a corpo.

Todas elas também eram treinados em bruxaria.

Essa exigência era aplicada com muito mais rigor. Mesmo aqueles que não demonstravam talento com um feitiço, uma poção, vidência, viagem astral ou algo semelhante eram obrigados a praticar o que podiam e tentar melhorar o que lhes faltava.

Mas, na maioria das vezes, a mulher era livre para fazer o que quisesse, desde que isso fortalecesse a Irmandade.

Seja lutando.

Ou patrulhando.

Ou treinando.

Ou e ensinando.

Ou curando.

Ou tecendo cestas, ou preparando loções ou elixires, ou costurando tapeçarias, ou tricotando cobertores ou moletons para vender nos mercados Dellish, para trocar por coisas necessárias nos Encantamentos, ou para juntar dinheiro para isso.

Era, em sua maior parte, uma comunidade social, os deveres eram pagos por aqueles que ganhavam, de modo que aqueles que lutavam ou patrulhavam, treinavam, ensinavam ou curavam eram remunerados por seus esforços em nome da Irmandade.

Embora isso tenha funcionado por séculos, os Nadirii não eram uma nação sem problemas.

Havia aquelas pessoas (embora fossem poucas) que eram preguiçosas, e as outras as desprezavam.

Havia aquelas que desejavam mais violência contra os homens agressores, havia aquelas que desejavam menos.

Havia aquelas que não gostavam muito das muitas refugiadas que acolhiam, havia aquelas que ficavam felizes com o aumento do número de pessoas para fortalecer a Irmandade ou que sentiam que era seu dever como Nadirii receber qualquer mulher em sua companhia.

Havia aquelas que detestavam intensamente todos os homens e não queriam ter nada a ver com eles. Havia aquelas que frequentemente viajavam para fora dos Encantamentos em busca de companhia masculina, ou para encontrar amantes de longa data, ou simplesmente porque gostavam de uma variedade de companhia.

Mas todas, estando em contato com o véu mágico, sabiam que os terremotos eram um mau presságio.

E em uma situação incerta, era preciso uma liderança forte para guiar o caminho.

Ophelia estava definhando.

Serena era problemática.

Elena parecia estar perdida para eles.

E agora, o príncipe Cassius (e seus homens) parecia estar cheio de surpresas.

E não eram ruins.

Mas, no fim das contas, a única coisa que se sabia era que a Irmandade não tinha uma liderança clara para o futuro.

Portanto, não.

Enquanto a conversa se estendia até a noite em que sua princesa retornou, os Nadirii não sabiam o que pensar de tudo isso.

E não sabiam mesmo.



O Truque

Melisse da Irmandade Nadirii

Algum caminho ao sul de Notting Thicket
WODELL

Ela não estava chegando a lugar algum e não via nada.

Isso não estava certo.

Ela não tinha nada dele, é claro.

O caminho seria muito mais fácil de ver se ela tivesse.

Portanto, agora ela tinha apenas sua magia e o conhecimento de que ele havia estado em Notting Thicket várias vezes e, portanto, passava muito tempo no templo Go'Doan ou em seus arredores, além de ser convidado para o Castelo Birchlire.

Assim, ela pegou uma variedade de seixos que encontrou em ambos os lugares, jogou sobre eles e seguiu para onde eles levavam.

Mas ela estava longe da cidade.

Muito longe.

Toda vez que parava para jogar uma pedra, seguia a direção que ela indicava, mas não sentia mais nada, não via mais nada, nenhum indício de que ele tivesse estado ali recentemente.

O sol estava se pondo. As sombras estavam tomando conta da floresta. A noite logo cairia completamente.

Melisse precisava montar acampamento.

Mesmo assim, ela parou o cavalo, desceu e tirou uma pedra da bolsa em seu cinto, só para ter certeza de que estava no caminho certo.

Ela a atirou e a viu deslizar pela estrada estreita e pouco movimentada que atravessava uma floresta densa. A estrada pela qual ela estava viajando há algumas horas.

Mas seus olhos se estreitaram além dela.

Aquilo era...?

Ela olhou fixamente.

Não podia ser.

Ela estalou a língua para dizer ao seu cavalo, Fortune, que a seguisse. Ela colocou uma mão no punho da adaga em seu cinto e abriu seus sentidos antes de avançar lentamente.

Muito lentamente.

O brilho à sua frente não ficou mais forte, mas também não vacilou.

Um ser saudável e em forma brilharia muito mais se ela enviasse uma pedra em sua direção em qualquer lugar próximo a ele.

Ela não podia estar a vinte metros de distância, mas aquele brilho mal estava aceso.

E não poderia ser outra pessoa.

Nenhuma outra pessoa.

Mas G'Seph.

Esse tipo de brilho só poderia significar...

Ela começou a se mover mais rapidamente, permanecendo alerta e consciente do que a cercava, tanto por meio de seus sentidos reais quanto de seus sentidos mágicos.

Ela não sentiu nada.

Exceto a força vital que vinha da direção daquele brilho.

Ele estava ferido.

Muito mal.

Talvez até estivesse morrendo.

E havia sido deixado nessa floresta.

Quem faria uma coisa dessas?

Melisse se aproximou.

Cada vez mais perto.

Ele estava deitado nas folhas, com um cobertor fino puxado sobre ele, preso firmemente ao peito pelos braços.

—G'Seph?— ela chamou baixinho, sentindo Fortune se mexer desconfortavelmente em suas costas. —G'Seph?— ela perguntou com mais firmeza quando ele não respondeu.

Ela lançou um feitiço para iluminar a área ao redor dele e ofegou.

Seu cavalo relinchou e se deslocou novamente.

—Deusa boa, o que aconteceu com suas mãos?— ela sussurrou, estendendo a mão para ele, olhando para os tocos sangrentos habilmente amarrados onde suas mãos deveriam estar.

Quando ele não respondeu, apenas parecia estar tentando se afastar dela, ela ergueu o olhar para o rosto dele.

Ele sorriu, e o sorriso era grotesco.

Fortune relinchou, e Melisse sentiu que seu cavalo estava começando a recuar.

Foi então que o aviso que Rebecca, sua irmã Dellish, lhe deu - um aviso sobre tudo o que estava acontecendo do qual ela não se lembrava - veio à tona em sua mente.

Infelizmente, isso aconteceu logo antes de a dor explodir na parte de trás de sua cabeça.



O Confronto

Rainha Mercy

Grande Corredor, segundo andar, Castelo Birchlire, Notting Thicket
WODELL

—Rainha Mercy!

Mercy fingiu não ouvi-lo e continuou andando.

—Vossa Graça, Rainha Mercy! Um momento!— Carrington chamou.

Ela continuou andando, não rapidamente, mas decididamente se afastando dele.

—Minha rainha!— ele gritou alto, muito mais perto, como se estivesse correndo, e ela, infelizmente, não podia mais fingir que seus pensamentos estavam em outro lugar e que não o tinha ouvido.

Portanto, com resignação, ela se virou, fingiu estar surpresa e comentou: —Ora, Carrington.

—Estou atrás de você desde a Sala de Espera— observou ele, irritado.

—Está?— perguntou ela. —Desculpe-me. Eu não notei. Tenho muito em que pensar.

—Precisamos conversar— declarou ele.

—É claro— ela concordou.

Ele abriu a boca para fazer isso.

No entanto, ela continuou.

—Fale com meu secretário. Encontre um horário. Há muita coisa acontecendo, mas conversarei com ele e me certificarei de que ele o encaixe.

O rosto dele ficou duro. —Eu quis dizer agora.

Mercy levou a mão ao peito em aparente espanto. —Agora?

—Sim, agora. Tenho assuntos urgentes para discutir com você.

—Bem, então, logo pela manhã— declarou ela. —Tenho coisas agendadas para esse horário, mas vou ver se consigo mudá-las.

A expressão dele mudou novamente, desta vez para uma que ela não gostou.

Era presunçosa.

—Minha rainha, as coisas que desejo discutir são mensagens de seu rei. E, como você sabe, não há nada mais urgente do que isso.

É claro que ele seria presunçoso em relação a isso, pois sabia que Mercy não estava mais dormindo na mesma cama com Wilmer. E não era só isso, eles nem estavam se falando.

Portanto, agora, Carrington achava que estava em vantagem, pois se houvesse algo que Wilmer quisesse compartilhar com ela, Carrington seria enviado para compartilhar, portanto, o que quer que fosse, ele saberia antes dela.

E o que quer que fosse, ele provavelmente teria uma palavra a

dizer sobre a mensagem em si.

—*Seu rei*— ela retornou alegremente e viu o choque atingir os olhos dele com a inferência que ele pensou que ela estava fazendo. —*Meu marido*— concluiu ela.

Ele franziu a testa e tomou a decisão de ignorar o fato.

—Ficamos sabendo que você encomendou um novo vestido de noiva.

—Encomendei— confirmou ela.

—Você deve exigir que as costureiras parem de produzi-lo imediatamente.

Ela não demonstrou nenhuma reação a essa declaração, exceto curiosidade. —E por que eu faria isso?

—Você recebeu um orçamento rigoroso para esse casamento, minha rainha. Nem mais, nem menos. O valor era astronômico para começar...

—Difícilmente astronômico— ela o interrompeu para dizer. —O príncipe herdeiro de Wodell vai se casar. As núpcias do próprio rei tiveram o mesmo orçamento e isso foi há trinta e três anos.

—Independentemente disso, era o que você tinha para trabalhar e o que podíamos pagar, e você não tem permissão para ir além disso.

Permissão?

Ela não tinha permissão?

Mercy ficou completamente imóvel e o encarou.

A arrogância retornou à sua expressão, pois com essa mensagem e o fato de ele ter sido enviado para entregá-la, ficou claro que ele achava que finalmente tinha um controle firme sobre a situação.

—E ficamos sabendo que você contratou doze novas costureiras— ele comentou.

Ela respondeu a isso.

—Contratei. As duas costureiras reais que temos na equipe dificilmente conseguiriam terminar um novo vestido de noiva a tempo, sem mencionar o que eu vou usar, que elas nem sequer começaram, e construir um enxoval para Lady Farah quando ela for princesa.

—*Lady Farah?*— perguntou ele em choque.

—Foi o que eu disse— respondeu ela.

—Quando foi que aquela prostituta se tornou uma dama?

Mesmo que a sensação estivesse emanando dela, a própria Mercy estremeceu um pouco com a frieza que ela estava exalando em relação a ele.

Ela não pensou no fato de ter tido esses mesmos pensamentos sobre sua futura nora.

Ela não pensou, pois não apenas havia decidido mudar sua maneira de pensar, como também não era de se esperar que *ele* fizesse tal comentário, para ela ou para qualquer outra pessoa (mas, é preciso dizer, principalmente para ela).

—Você está falando da noiva do meu filho, a mulher que, em um período muito curto de tempo, será coroada princesa deste reino e *sua futura rainha*— ela o lembrou friamente.

—É claro— murmurou ele, e até mesmo esse sapo tolo sabia que tinha passado dos limites com isso, portanto, ele rapidamente mudou de assunto. —Você também encomendou um enxoval?

Ela o encarou como se ele fosse louco. —Farah viajará quase

imediatamente com True para Airen para as núpcias do Príncipe Cassius e da Princesa Elena. Ela dificilmente poderá atravessar uma Wodell de outono em direção aos ventos fortes do mar da Baía do Céu vestindo calças de Firenze. E nem *deveria*, pois ela será a princesa de *Wodell*.

Ele balançou a cabeça.

—Simplesmente não temos dinheiro para isso— ele retrucou.

—Desculpe-me, mas você não enviou os arautos com os coletores para espalhar a notícia de que outra moeda era esperada de nossos cidadãos, com vencimento imediato, para suas taxas à coroa?— questionou ela.

—Isso é para reforçar os cofres de seu marido, que você sabe que estão muito baixos, e não para cobrir os custos do casamento.

Não era para isso e era um insulto ele fingir que ela não sabia disso.

—Isso é interessante— observou ela. —Pois eu li a proclamação com meus próprios olhos e o rei pareceu fazer questão de mencionar a próxima cerimônia de seu filho no anúncio do último aumento de impostos.

Diante disso, Carrington ficou em silêncio.

Mercy não ficou.

—Parece-me que as pessoas deste reino terão uma impressão muito clara de que a moeda de ouro que devem oferecer ao coletor era exatamente para isso. Pelo menos, pareceu claro para mim quando li a proclamação.

A boca de Carrington ficou apertada e ele continuou a não falar.

—Então— Mercy fungou, —obviamente, depois de conhecer a

intenção do meu filho, percebi que o vestido que mandei fazer não ficaria bem nela. Considerando sua posição e o evento histórico que está prestes a ocorrer, ela obviamente deve ter um vestido que lhe sirva, e ela terá. Ela também terá um guarda-roupa que combina com uma princesa dos Dellish em uma viagem real. E moedas de ouro cairão em nossos baús muito em breve. Na verdade, vi os guardas trazendo as que já foram coletadas em Thicket esta tarde. São tantas que dariam para comprar dez vestidos de noiva novos e um guarda-roupa que duraria anos. Portanto, receio que não haja muito o que discutir. Portanto, se não se importa, vou continuar meu caminho.

Ela começou a fazer uma curva quando Carrington disse: —Mercy.

Muito lentamente, ela voltou a olhar para o homem horrível.

—Mercy?— ela perguntou calmamente.

—Nós nos conhecemos há mais de duas décadas— ele cuspiu.

—E, durante esse tempo, eu não lhe dei permissão para se dirigir a mim como tal.

—Você deveria— ele respondeu.

—Acredito que cabe a mim decidir se devo ou não.

Ele desistiu do assunto e passou para algo menos agradável de discutir.

—Você parece me ver como o inimigo quando eu o detenho para dar conselhos úteis. Ou seja, você está escolhendo o lado errado.

—Lado de quê?— perguntou ela, fingindo ignorância.

—Você sabe do que— ele respondeu.

—Carrington, se você quiser falar em enigmas, podemos fazer isso algum dia depois que toda essa confusão do casamento tiver terminado e eu puder colocar meus pés perto de uma fogueira e talvez

me divertir desvendando-os?

—Esse...— ele hesitou como se estivesse procurando uma palavra, —o distanciamento entre você e o rei não será bom para você. Você pode ser a rainha, e meu último desejo seria causar o mínimo de ofensa, mas acho que é do seu interesse compartilhar que você não é mais jovem e não é a beleza renomada que já foi.

Ela achava impossível que ele ficasse ainda mais irritante.

Ela estava errada.

—Como você disse, sou rainha, mas também sou mãe do herdeiro do trono.

—Se você não tem o favor do rei...

Mercy o interrompeu.

—É sabido que Wilmer é propenso a vacilar, não chocará ninguém se eu cair em desgraça por um tempo. Na verdade, eles provavelmente estão surpresos que isso já não tenha acontecido uma dúzia de vezes durante nosso casamento. Embora eu não possa imaginar, para os Dellish que valorizam a fidelidade de um cônjuge devotado, se o olhar dele se desviar, se isso será bem visto pelas pessoas. Se, por acaso, algo assim acontecesse, e então seria necessário saber.

Carrington realmente pareceu perplexo com isso, provando que poderia ser ainda mais desagradável.

Mas ele sempre foi óbvio.

Ela se perguntou se ele já estava tentando seduzir o marido dela com cortesãs.

Ela não conseguiu pensar muito sobre isso.

Ela estava com raiva do marido. Muitas vezes se sentia frustrada com seu marido.

Mas ela amava seu marido.

Se ele se desviasse, em seu coração, ela não teria mais um marido.

Apenas um rei.

—No entanto, sempre serei mãe do herdeiro do trono— concluiu.

—Não tenho certeza da importância disso quando temos um rei robusto— retrucou ele.

—Sério?— ela perguntou. —Isso me surpreende, já que você está sempre tão interessado em compartilhar com meu marido o quão bem você lê o pulso do povo.

Nenhum de seus pontos de vista foi ocultado, pois ele não tinha a habilidade para fazer isso.

Nenhum dos pontos dela também foi, pois ele não tinha a inteligência necessária para entender o que ela queria dizer.

Eles se olharam fixamente nos olhos.

Ela não poderia fazer isso a noite toda, não só porque era ridículo, mas porque ela realmente tinha uma série de coisas para fazer.

Assim, ela perguntou: —Você já terminou?

—Tenho a sensação de que sim— ele respondeu, o duplo sentido por trás disso também não foi velado.

—Veremos— murmurou ela, baixou o queixo e se virou.

Felizmente, ele não a chamou.

Infelizmente, a conversa entre eles fez com que ela tivesse de procurar seu quarto e não fosse verificar o progresso das costureiras antes de voltar ao escritório para ler a lista de respostas atualizada e continuar a planejar e revisar os assentos no templo e na recepção do

casamento.

Oportunamente, Helga estava no quarto de Mercy, cuidando do conserto da renda em um dos vestidos de Mercy.

A atenção de sua criada voltou-se para ela no momento em que Mercy entrou no quarto, mas Mercy não falou até que a porta se fechasse atrás dela e ela e sua criada estivessem próximas.

—Os corvos foram enviados ao Príncipe True ontem, sim?— ela perguntou.

—É claro, milady, como você pediu.

—E Sir Bram?— continuou ela.

Helga assentiu com a cabeça. —As mensagens vieram diretamente de sua mão, escritas duas vezes cada uma. Dois pássaros para cada mensagem enviada a dois homens. Quatro pássaros. Eu mesma os vi voando.

Mercy assentiu com a cabeça.

—Preciso que você traga papel e caneta, Helga. Vou precisar que outra mensagem seja enviada hoje à noite. Não um pássaro, mas um mensageiro em um corcel— instruiu ela.

—Oh, não— Helga sussurrou.

—Sim, minha amiga— murmurou Mercy. —Como meu filho está longe, precisamos de reforços. Preciso chamar Silence— ela fez uma pausa. —E Mars.

Helga sustentou o olhar de sua senhora por um momento antes de assentir, fazer uma reverência e sair rapidamente para fazer o que lhe foi pedido.

Mercy olhou para o vestido que Helga havia deixado para trás em um sofá estofado em veludo verde-floresta.

O tecido do sofá estava desgastado e, na borda inferior, havia um rasgo.

Seu olhar percorreu a sala aconchegante e quente com seu fogo alegre.

Ela viu os entalhes intrincados nos painéis de madeira escura nas paredes e nas cornijas. Os tapetes de lã no chão, outrora espessos e de cores vibrantes, agora cada vez mais finos e desbotados. Os móveis lindamente trabalhados que pareciam femininos e delicados, mas que eram de fato robustos e confortáveis. Móveis que eram bem cuidados, mas que precisavam ser estofados novamente.

Eles não podiam pagar pelo estofamento.

Mal podiam pagar a equipe necessária para manter a madeira brilhando.

No castelo do rei.

Mais cinco anos de Carrington e eles estavam indo para a ruína.

Ela fechou os olhos com força.

Você não é mais jovem e não tem a beleza renomada que já foi.

Como se a única medida de uma mulher fosse sua juventude e beleza.

Ela não foi até o espelho para ver a veracidade das palavras de Carrington.

Ela sabia que ainda era atraente. Ela se esforçava com elixires de Nadirri e Firenz em sua pele e cabelo, e não apenas para garantir que seu marido não ficasse com um olho perdido. Isso ela fazia principalmente para si mesma.

Era, em sua vida, seu único tratamento.

Ela também sabia que, depois de chamar a atenção e conquistar o coração do príncipe que seria seu marido e depois seu rei, sua juventude e beleza começariam a perder importância porque ela se esforçava para que isso acontecesse.

No entanto, isso não significava que as palavras de Carrington não tivessem ferido.

Mercy respirou fundo.

A proclamação dos impostos que implicava que o povo estava pagando pelo casamento de True com seu ouro suado (o que era verdade, mas não era preciso dizer isso diretamente) poderia facilmente colocar uma sombra no ar de celebração da capital e até mesmo afastar o sentimento público de seu filho.

E ela não podia permitir que isso acontecesse.

Ela olhou para a confusão em seu sofá e outro pensamento lhe veio à mente.

Para onde estava indo todo o dinheiro dos impostos?

As campanhas aparentemente incessantes para proteger novamente a fronteira sul das terras de Firenze não eram de fato incessantes.

Wodell não era uma nação rica, mas também não era uma nação pobre.

Por que havia uma preocupação tão grande com os gastos dela no casamento?

Ela não podia dizer que supervisionava o orçamento do reino (apenas o castelo), mas sabia que os cofres estavam baixos, não vazios.

Mesmo antes do aumento dos impostos, ela deveria ser capaz de contratar costureiras.

Definitivamente, depois deles.

Além disso, ela deveria ser capaz de estofar um sofá.

Com esses pensamentos, ela acrescentou uma visita ao auditor real para dar uma olhada nas contas do tesouro em sua lista de coisas a fazer naquela noite.

Ela já havia enviado mensagens para True, sugerindo que ele deveria voltar para casa o mais rápido possível, bem como para Bram, ordenando que ele se esforçasse para trazer seu filho para casa.

No entanto, eles não estavam perto. Levaria séculos para chegarem em Thicket.

Mas Silence e selvagem do seu marido, estavam a apenas um dia de viagem.

E o Rei Mars podia ser um selvagem, mas não era difícil de se olhar, e até Mercy achava que ele tinha um jeito *cativante*.

Ele era rico.

Agora ele era seu aliado.

E ele estava apaixonado por sua condessa-agora-rainha dos Dellish.

Se desfilasse pela cidade, aquele rei alto, moreno e dinâmico, com sua pequena, bonita e pálida rainha Dellish no braço, pelo menos faria as mulheres desmaiarem.

Isto é, até que o belo príncipe True retornasse com sua (Mercy tinha de admitir) exoticamente bela futura princesa ao seu lado

E Mercy sabia que, se fosse bem conduzido, uma mulher poderia controlar os sentimentos de uma família inteira, certamente de seu marido.

O romance estava no ar, e havia algo que Mercy também sabia, e ela sabia muito bem.

Romance era igual a esperança.

E a esperança valia um milhão de moedas de ouro.



A Honestidade

Rei Mars

No Estúdio de Cord Cottage, Arbor
WODELL

Sentado atrás da escrivaninha, Mars estudou o comunicado que acabara de chegar de Lorenz da Cidade do Fogo.

Os Go'Doan estavam sendo cautelosos. Mas, mesmo assim, Lorenz não estava convencido de que todos os conspiradores haviam fugido da cidade.

Além disso, a cidade-estado de Go'Doan havia negado oficialmente qualquer conhecimento e definitivamente qualquer colaboração com relação ao ataque ao Palácio Catrame. Eles chegaram ao ponto de denunciar o ataque e qualquer pessoa por trás dele com 'toda a potência necessária'.

Mars se perguntou que potência eles achavam que era devida a essa denúncia.

Eles continuaram pedindo para continuar seu trabalho 'vital' naquela 'região' e compartilharam que já haviam enviado novos sacerdotes para assumir os postos dos 'desviados' que haviam 'desaparecido'.

Em seus últimos anos, seu pai havia mantido Mars próximo a ele

para que Mars pudesse testemunhar o rei trabalhando e eles pudessem discutir as comunicações recebidas, as decisões tomadas e a estratégia adotada.

Portanto, Mars não precisou considerar por muito tempo o que seu pai pensaria da declaração oficial de Go'Doan.

O que Ares pensaria era...

Era uma grande besteira.

Ele voltou sua atenção para o estudo da segunda missiva recebida naquela manhã, essa entregue a Silence e com o selo real de Wodell.

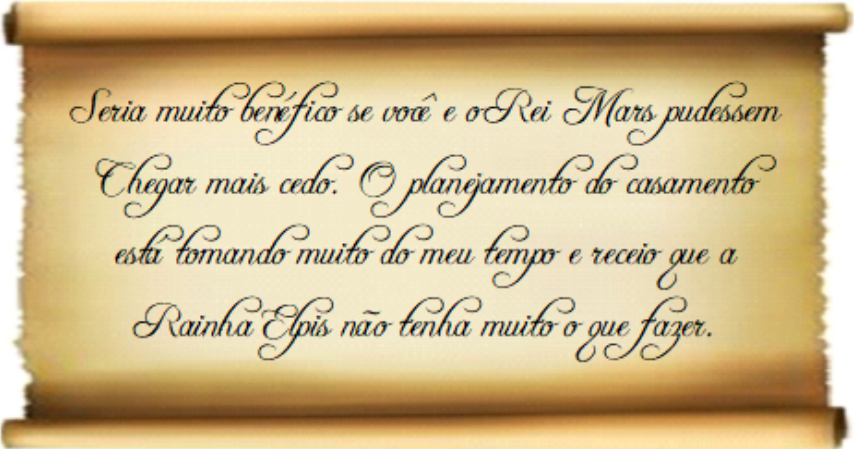
Era da Rainha Mercy.

Silence a leu e a entregou a ele, dizendo: —Eu adoraria lhe mostrar a nossa capital. Ela é realmente muito bonita. E seria bom passar um tempo com sua mãe.

Ao que ele respondeu: —Partiremos em dois dias.

E então ele recebeu o sorriso dela.

No entanto, olhando para ela agora, ele achou interessante a linguagem.



*Seria muito benéfico se você e o Rei Mars pudessem
Chegar mais cedo. O planejamento do casamento
está tomando muito do meu tempo e receio que a
Rainha Epis não tenha muito o que fazer.*

Muito benéfico foi uma formulação bastante incomum.

E se a mãe dele não tivesse o suficiente para fazer - algo que ela nunca havia sofrido na vida - então ela encontraria algo para fazer ou voltaria para Arbor e ficaria com eles.

Eles não precisavam deixar Arbor para ficar com ela.

Algo estava errado, e Mars não tinha um bom pressentimento a respeito disso.

Sua cabeça se levantou antes que ela aparecesse na porta.

Quando a criada viu que tinha a atenção dele, ela disse: —Senhor, Vossa Graça, senhor, o senhor tem uma visita.

Mars conteve um suspiro quando ela não ofereceu mais informações, antes de perguntar: —E essa visita seria?

—Lady Vanka.

A mãe de Silence?

Por que a criada estava anunciando a visita da mãe de Silence para ele?

Mars sentiu suas sobranceiras se franzirem. —Minha esposa está lendo na sala de estar.

—Lady Vanka está aqui para o senhor, hum... senhor, e ela pediu que, bem, erm... uh, ela, uh, sua esposa, isto é...

Pelo amor de Deus.

—Sua Graça— disse Mars. —Ela é rainha, mesmo que não seja sua rainha. Assim como eu sou rei. Nós somos 'Vossa Graça' se estiver falando conosco, e ela é 'Sua Graça' se estiver se referindo a ela. Ou 'a rainha', —'Sua Alteza' ou 'Sua Majestade'. Você sabe disso e, portanto, sua hesitação em falar é inexplicável. E aproveito a oportunidade para observar que, a partir de agora, qualquer outra coisa não será considerada impertinência. Será considerado insubordinação e seu tempo a nosso serviço será encerrado. Está entendido?

—Sim, Vossa Graça— ela sussurrou.

—Agora termine o que Lady Vanka queria que você dissesse.

—Ela quer falar com você sem que Sua Graça saiba que ela está aqui até depois de falar com você.

Mars inclinou a cabeça para o lado e exigiu: —Foi tão difícil assim?

—Não, Vossa Graça— ela murmurou.

—Traga a senhora até mim— ele ordenou.

—Sim, Vossa Graça.— Ela fez uma reverência e desapareceu pela porta.

Era a segunda vez em cinco minutos que ele não tinha bons sentimentos, isso porque Vanka estava procurando por ele, e somente por ele.

Felizmente, sua esposa agora era sua esposa.

Ela, assim como ele, tinha gostado muito de compensar o tempo perdido em sua cama.

Portanto, ele estava de muito bom humor.

Para melhorar ainda mais o seu humor, nos últimos dias, Silence havia se tornado aberta, honesta e curiosa e, se não falava constantemente (o que não era do feitio dela), os laços que eles vinham formando desde quase o momento em que se conheceram (em sua opinião) estavam se fortalecendo.

Rapidamente.

Ele estava se apaixonando por ela.

E ela por ele.

De sua parte, isso foi uma surpresa. Ele não teria previsto se apaixonar por uma pequena, quieta, pálida e reflexiva mulher Dellish, mesmo que ela fosse uma grande beleza.

Ela ainda era pequena, quieta, pálida, reflexiva.

E Dellish.

Mas agora, ele não conseguia pensar em um futuro sem a oportunidade diária de olhar naqueles olhos prateados, de ouvir suas palavras atenciosas, de experimentar a profundidade de sua paixão, de contemplar sua pele pálida ao lado dele na cama ou de ser enterrado em sua boceta molhada.

Mas, estranhamente, de tudo isso, o comportamento contraditório dela era o que ele achava mais atraente.

Ela era independente, mas, devido à sua educação, despertava nele um instinto protetor que ele não sabia que existia. Ele era propenso a proteger as pessoas que amava, mas os maus-tratos que ela sofria e as maquinações que ambos estavam tendo que suportar agora

ele achava intolerável.

Ela não precisava dele.

E, no entanto, precisava.

Ela dava a impressão de que poderia viver sua vida com seus livros, suas outras atividades, sua criada Tril, e isso seria tudo, e ela estaria perfeitamente satisfeita.

Mas não foi isso que a vida lhe deu.

A vida lhe deu Mars.

Além de uma criação que foi abusiva em sua negligência.

Portanto, no final, ela precisou dele.

E uma das razões para isso apareceu naquele exato momento na porta de seu escritório.

Ele olhou para Vanka e depois para a criada.

—Feche a porta atrás da senhora— ordenou ele.

A criada assentiu com a cabeça, fez uma reverência e cumpriu o pedido.

Vanka deu dois passos e parou.

Ela começou com: —Mars, não posso dizer o quanto estou aliviada por você ter concordado em falar comigo.

—Você é a mãe da minha esposa— ele apontou, levantando-se de seu assento atrás da mesa. —No entanto, devo observar que não me sinto muito confortável em ter uma conversa sem que Silence saiba que você está aqui, portanto, sugiro que você vá em frente antes que o mínimo de conforto que tenho desapareça.

Ela levou suas palavras a sério, deu mais dois passos para dentro da sala e declarou: —Pelo que sei, palavras duras foram ditas ao meu marido.

—Somente na medida em que essas palavras foram devolvidas— ele respondeu. —Está claro que Johan não fez nenhum esforço para conhecer sua filha enquanto a criava e, portanto, não é surpresa que ele a subestime.

Vanka estremeceu com essa afirmação, mas não a negou.

Mars continuou: —Ele estava tentando criar uma barreira entre marido e mulher, por razões que não entendo, embora, no final, eu não me importe. Isso não será tolerado, não importa o motivo. Silence leu a intenção dele e deixou claro que ela também não a aceitará.

—Isso é... é... de certa forma o que eu quero discutir com você.

Ele não estava entendendo.

—O que é? Meu desejo de fortalecer ainda mais meu casamento com uma mulher que é minha rainha e será a mãe de meus filhos, uma mulher de quem gosto muito, em vez de tê-lo minado quando ele tem pouco mais de um mês? Ou a convivência de seu marido para garantir que isso não aconteça?

—Você se importa profundamente com ela?— perguntou ela calmamente, olhando para ele atentamente.

As sobrancelhas dele se juntaram em sinal de irritação. —Devo avisá-la de que o mínimo de conforto que tive com nossa conversa está desaparecendo rapidamente.

Ela balançou a cabeça, começou a levantar a mão, deixou-a cair e disse rapidamente: —Quero discutir, isto é... foi relatado...— Ela respirou fundo. —O que quero dizer é que você está em Wodell. Nós temos uma certa maneira aqui. E... e...

As bochechas dela ficaram rosadas, como as da filha, o que foi uma lembrança feliz, ou a reação dele ao que ela disse em seguida teria sido muito mais explosiva.

—Eu entendo como é a relação entre um novo marido e uma nova esposa. Mas forçar os servos a uma certa... *decadência* é considerado inaceitável neste reino. Sei que é muito diferente em sua terra, mas aqui não é assim. Obviamente, passar o dia na presença um do outro é adequado, especialmente neste momento do seu casamento e principalmente porque vocês não tiveram um namoro adequado. Mas, erm... em um quarto de dormir— Ela não disse mais nada sobre isso e terminou: —Isso reflete mal em Silence e...

Ela não falou mais nada enquanto Mars contornava a escrivaninha, atravessava a sala, passava pela sogra, saía pela porta e descia o corredor.

Na primeira criada que viu, que por acaso estava no corredor fora da sala de estar, ele parou.

—Arrume suas coisas— ele ordenou, ignorando o fato de os olhos dela terem ficado enormes e o rosto dela ter ficado pálido. —Você está dispensada de suas funções. Assim como as outras duas. Avise-as imediatamente e quero que todos vocês saiam desta mansão em uma hora.

Os olhos dela se desviaram para além de Mars, onde ele sabia que Vanka, que o havia seguido, estava, e depois voltaram para Mars.

E assim, ele leu em seu rosto que ela sabia que ele agora estava ciente de que ela estava correndo para o senhor da Bower Manor e compartilhando intimidades que ela não tinha o direito de compartilhar.

—Mas, senhor...— ela começou.

Era ela quem ele tinha acabado de dar um sermão, embora não

estivesse se referindo a ele da forma como ele havia lhe dito para fazer isso.

O que era irritante, mas era um ponto discutível nesse momento.

—Uma hora— declarou ele.

—Estávamos apenas fazendo o que nos foi dito— ela sussurrou.

Mars tinha seu temperamento sob controle.

Mas com esse pronunciamento, ele estava perdendo o controle.

—Mars, o que diabos...?— perguntou Silence da porta.

Ela havia se juntado a eles, o que ele achou bom, mesmo que, para a esposa dele, fosse ruim.

Ele olhou rapidamente para a rainha e a viu fazendo malabarismos com o macaco, com a surpresa estampada em seu belo rosto.

Ele explicaria a ela mais tarde.

Ele tinha que lidar com isso agora.

Ele se voltou para Vanka e novamente ergueu as sobrancelhas.

—Eles estavam fazendo o que lhes foi dito?— perguntou.

As bochechas de Vanka se inflamaram.

—Mãe, o que você está fazendo?

Mars se virou e interrompeu sua esposa novamente para dizer à criada: —Deixe-nos, reúna as outras, vá para seus aposentos e aguarde minha decisão sobre esse assunto— Quando ela hesitou, ele concluiu com um gesto brusco: —Agora.

A moça assentiu com a cabeça, fez uma reverência e saiu

correndo.

—Mars - murmurou Silence.

Mars não respondeu à sua esposa.

Ele se voltou para a mãe dela.

—Johan contratou servos para espionar e informar sobre sua filha e o marido dela?— perguntou ele.

—Oh, meu Deus— Silence sussurrou horrorizada.

—É...— começou Vanka.

—Você sabe que, se isso fosse descoberto, poderia ser interpretado como uma conspiração de Wodell contra o rei de Firenze e sua rainha — comentou Mars.

—Deuses queridos— respirou Vanka, levando a mão à garganta.

—Mars— disse Silence calmamente, e ele a sentiu se aproximar e passar os dedos em volta de seu braço.

—Não era para ser nada disso— disse Vanka rapidamente.

—Não, não me surpreende que não tenha sido— respondeu Mars.
—Diga-me, Vanka, alguma vez uma criada ou um camareiro entrou em seu quarto quando você estava com seu marido?

O rosto de Vanka permaneceu corado.

—Mars— sussurrou Silence, com os dedos apertando o braço dele.

Agora, compreendendo a situação em toda a sua plenitude, especialmente o fato de que os próprios pais de Silence estavam por trás disso, seu controle se rompeu quando Vanka não respondeu.

—*Diga-me!*— gritou ele.

Silence se aproximou de seu lado.

Piccola, seu macaco, aproveitou a oportunidade para se transferir da mamãe para o papai, mas Mars ignorou completamente o macaco que se arrastava pelo seu peito e se posicionava em seu ombro com as mãozinhas agarradas ao pescoço de Mars.

—Houve uma ocasião...— começou Vanka.

—É claro que houve— ele cortou. —Vocês são casados, são da nobreza e seus servos têm o comando da casa, mas não ditam o que acontece dentro de suas paredes. Seu marido instalou espões na casa da filha para relatar o que acontece aqui, de modo que ele pudesse ter qualquer informação que pudesse adquirir para utilizar a fim de minar o casamento dela. E quando Silence deixou claro que não seria vítima das tentativas pessoais dele de fazer isso, ele a enviou aqui para fazer o mesmo. Isto é, depois de perceber que seus esforços não tinham dado em nada para que elas se prostituíssem na esperança de chamar minha atenção e causar uma ruptura em meu casamento que eu não teria sido capaz de reparar se eu tivesse o caráter de fazer uma coisa tão revoltante com minha esposa.

Silence se aproximou.

—Uma coisa revoltante?— perguntou Vanka, parecendo surpresa com o fato de ele achar revoltante trair sua maldita esposa.

A maldita Dellish.

—Você claramente não tem a menor compreensão do que é um marido Firenz, recém-casado ou casado há quarenta anos— ele compartilhou com uma paciência forçada. —Isso é um preconceito de ignorância que não importa neste momento. O que importa neste momento é que eu não preciso dizer que meu casamento não é da sua conta. O que vou deixar bem claro é que o casamento de sua filha não é da sua conta.

—Eu... parece que houve um mal-entendido— tentou Vanka.

—Não houve nenhum mal-entendido— retrucou Mars. —Outro preconceito é que você acha que meu povo é selvagem. Sem educação. Estúpidos. Nós comemos, dormimos, transamos e guerreamos. Isso não é verdade. A senhora e seu marido subestimaram sua filha durante toda a vida dela. O fato de você me subestimar não é nenhuma surpresa. No entanto, para que o assunto fique claro, é importante que você saiba que já o fez. E, por fim, antes de ir embora, saiba que Silence e eu teremos uma longa conversa sobre o papel que você desempenhará no futuro dela. Quando chegarmos a um entendimento, você e seu marido serão informados de nossa decisão. Até lá, nenhum de nós o verá, e se Silence não me convencer a permitir que ela mantenha você como parte da vida dela, você nunca mais a verá, está entendido?

—Mas...— Vanka começou, sem cor em seu rosto, nenhuma mesmo.

No entanto, no que lhe dizia respeito, por enquanto, esse assunto estava encerrado.

—Agora você pode ir embora e, se não for, farei com que meus homens a retirem.

Com isso, ele segurou a esposa e a levou para a sala de estar.

Uma vez lá, ele fechou a porta.

Levou um momento até que Silence falasse e, quando o fez, foi em um tom cuidadoso.

—Talvez você pudesse ter permitido que ela se manifestasse?

—E o que você acha que ela diria, *piccolina*?— ele exigiu, cruzando os braços sobre o peito.

Silence, com a cabeça inclinada para trás para manter os olhos

dele, apertou os lábios com força.

Ela sabia o que sua mãe teria a dizer, e isso não era nada bom, pois poderia ser uma surpresa que as criadas estivessem espionando-os e informando seu pai, mas não era uma surpresa o motivo pelo qual eles haviam sido escolhidos e o que, preliminarmente, lhes havia sido pedido que fizessem.

De fato, aquelas três criadas eram tão horríveis que não surpreenderia Mars saber que elas não eram criadas, e talvez fossem até prostitutas, antes de virem para Cord Cottage.

—Desejo que você acabe com eles e nunca mais os veja— Mars compartilhou seus pensamentos sobre a questão dos pais dela. —No entanto, eles não são minha mãe e meu pai, portanto, vou ouvir seus sentimentos sobre o assunto.

Ela inclinou a cabeça para o lado. —Agora é um bom momento para discutirmos isso?

—Não é, pois estou furioso, e é sim, pois estou furioso e, como tal, sinto-me bastante à vontade para discutir para conseguir o que quero.

Eles não tinham parado longe um do outro.

Mas ela se aproximou, pressionando a frente do corpo contra o dele, e levantou a mão para tirar Piccola do ombro dele.

Os olhos dela dançavam com esses movimentos e, embora ele gostasse dessa dança, não achava nada divertido nessa situação.

E, para comunicar isso à esposa, embora desejasse muito envolvê-la com os braços, ele os manteve cruzados.

Piccola correu para baixo de seu cabelo e contornou a nuca de Mars para se empoleirar em seu outro ombro, dizendo claramente que não queria ser tirada de seu papai.

Silence deixou o animal de estimação à vontade e apoiou as duas mãos no peito dele, acima dos braços, de uma forma que Mars não deixou de perceber, pois ela parecia não se importar com o fato de ele estar determinado a comunicar sua irritação.

Ele gostava muito do fato de sua rainha não demonstrar medo quando ele estava com raiva.

E isso era tremendamente irritante.

—Eu gostaria que, pelo menos, minha mãe tivesse uma palavra a dizer— ela lhe disse calmamente.

—Eu vou conceder isso.

Seu rosto se suavizou.

—As criadas estavam fazendo o que foi instruído— ele continuou. —Elas não são muito habilidosas, mas só ficaremos aqui por pouco tempo. Encontrar, contratar e treinar novas criadas para trabalhar conosco seria uma perda de tempo durante os dois dias em que ficaremos neste chalé. Além disso, isso a tiraria de outras atividades e você teria essa oportunidade de estar em seu elemento e aproveitá-la. Você não voltará aqui por muito tempo. Vou conversar com elas. Pagarei a elas com meu próprio dinheiro, algo que eu deveria ter feito desde o início. E a lealdade delas deve se voltar para nós. Mas, no fim das contas, a decisão é sua. Se você não se sentir seguro com elas, elas serão dispensadas.

—Eu estava pensando em dar a Tril o comando delas— disse ela a ele. —Ela as manterá na linha e as vigiará como um falcão.

—Essa decisão é sua, então assim será.

Ela o estudou atentamente antes de perguntar: —Você ainda está muito irritado?

—Insanamente.

—Meu querido rei— ela murmurou, com os olhos quentes sobre ele, suas palavras valorizadas, mesmo que seus lábios estivessem tremendo.

E, de repente, ele não estava mais com raiva.

Ele descruzou os braços, colocou-os em volta dela e a puxou para perto de si.

Só então Piccola desceu por seu peito e desapareceu no cabelo de Silence.

—O que ela disse a você que desencadeou isso?— perguntou ela.

—Ela me disse que não deveríamos ter intimidade com as criadas. Que não era permitido neste reino que os criados nos vissem deitados.

Silence pareceu perplexa. —Ela veio lhe dizer isso?

—Bem, como você sabe, ela não lhe disse, *bellezza*.

—Ele a mandou me dizer isso— ela sussurrou.

—Desculpe?

—Se ela me dissesse isso, eu hesitaria em chamar as criadas quando estivéssemos nesse estado. Meu pai sabe disso. E como temos de comer e precisamos de lenha e coisas do gênero, precisamos dos criados. Meu pai também sabe que se eu recusasse relações mais livres com você, isso dificultaria essas relações em vários níveis—. Ela levantou um dos ombros e murmurou: —Detesto pensar dessa forma, mas acho que as criadas disseram a ele que estávamos felizes e gostando da companhia um do outro e, por alguma razão, meu pai mandou minha mãe fazer algo a respeito.

Ele não achava que fosse esse o caso.

Ele sabia que era.

—Não acho que sua mãe seja astuta o suficiente para entender que poderia atender às exigências do marido e, ao mesmo tempo, frustrá-las tomando uma atitude diferente.

—Sei que você não vai acreditar, mas acho que minha mãe ama meu pai e eu, está dividida entre fazer o que é certo para nós dois, e acho que ela escolheu você para descobrir a medida do homem que se casou com a filha dela, pois vocês dois não se conhecem bem. E como você está certo, ela não é astuta, ela sentiu que ainda poderia realizar os desejos do pai de qualquer maneira.

—Eu não li a mesma coisa, minha rainha— disse ele cuidadosamente.

—Talvez eu esteja errada— ela murmurou.

—Mas você espera estar certa— ele deduziu.

Ela franziu o nariz e deu de ombros.

Ao ver que ela estava torcendo o nariz, o bom humor de Mars foi restaurado.

Portanto, ele sorriu e se inclinou para beijar aquele nariz.

A expressão dela ficou ainda mais gentil quando ele se afastou.

—Seja qual for o resultado disso, continue a ter cuidado com eles, meu amor— advertiu ele. — Com os dois. Certo?

Ela assentiu com a cabeça.

—Volte a ler— ordenou ele. —Eu cuidarei das criadas e falarei com Tril.

—Eu posso falar com a Tril.

—Você compartilhou que está gostando desse livro.

Ela não respondeu.

Ele a apertou. —Aproveite. Vou cuidar desse assunto, terminar meu trabalho e me juntar a você depois de um tempo.

Depois de tocar seus lábios, ele colocou os dele nos cabelos dela antes de começar a soltá-la.

Claramente precisando de uma mudança de cenário, Piccola pulou para ele quando ele o fez.

—Eu a levarei— disse Silence, levantando a mão.

—Ela pode me acompanhar em minhas tarefas— murmurou ele, levantando a mão para acariciar as costas pequenas e peludas do macaco que agora agarrava sua camisa enquanto ele se afastava.

—Só você— ele a ouviu sussurrar.

Isso o fez se virar antes de abrir a porta.

—Só eu?— ele perguntou.

Ele viu que ela não havia se mexido e que seus olhos estavam no animal de estimação antes de se voltarem para o rosto dele.

—Só você iria possivelmente dispensar, possivelmente manter três criadas que estavam envolvidas em uma conspiração ridícula para desestabilizar um casamento e depois se dedicar aos deveres reais, tudo isso com um macaquinho a reboque.

—Quando os tivermos, se nossos bebês não estiverem brincando com os tapetes sob os pés em meu escritório no palácio enquanto trabalho, acharei isso muito perturbador.

Algo se moveu no rosto dela quando ele disse essas palavras.

Algo de tal poder que atravessou a sala, atingiu-o no peito e tirou-lhe a capacidade de respirar.

Algo tão importante que Mars sabia que nunca esqueceria a visão de Silence naquela sala, usando aquele vestido Dellish cor de uva de que ele não gostava, mas que gostava nela.

Não.

Ele não esqueceria aquela visão de sua esposa pelo resto de sua vida.

—Você me assustou— disse ela em uma voz tão baixa que ele quase não conseguiu entender suas palavras.

—Assustei você?— perguntou ele no mesmo tom.

—Na Necrópole. Na Cidade do Fogo. Quando você estava torturando aqueles homens. E durante o ataque. Sua ferocidade. A violência que você demonstrou e que parecia uma segunda natureza.

Puta que pariu.

— Silence — ele sussurrou.

—Foi aterrorizante.

Ele começou a se mover em direção a ela quando ela falou novamente.

—Minhas mãos tocaram fogo.

—Desculpe?

—Durante o ataque ao palácio. Elena não me salvou do homem que estava me estrangulando. Ela ainda não tinha conseguido chegar até mim. Eu tinha meus dedos em volta dos pulsos dele para afastá-los, e ele me soltou logo antes de suas mãos explodirem em chamas. Eu fiz isso. Eu... eu... fui eu quem fez isso. Elena chegou depois e o eliminou, mas eu fiz suas mãos pegarem fogo.

Ela ficou em silêncio.

Mars a encarou do outro lado da sala, com a mão agora segurando o macaco em seu peito, e não disse nada, esperando que ela continuasse, compartilhando livremente seus mistérios.

—Eu posso desaparecer— ela sussurrou ao admitir. —Naquela noite, em seu quarto, quando você me descobriu, quando me viu, fiquei surpresa, pois quando não quero ser vista, posso puxar minha sombra sobre mim e ninguém me verá. Foi assim que consegui espionar o Rei Wilmer, a Rainha Mercy e Carrington. Foi assim que não fui vista em nossa recepção de casamento. Você vê através dela, mas ninguém mais vê, o que acho que faz parte do nosso destino. É a minha magia. Sempre foi minha magia. E é o meu segredo. Ninguém sabe. Nem True. Nem mesmo Tril. Nem ninguém, a não ser você. Mas a... a... coisa do fogo nunca foi minha magia. Até eu ter você.

Sua esposa novamente ficou em silêncio.

Quando ela não o quebrou como antes, ele perguntou: —Você já terminou?

Ela assentiu com a cabeça.

Ela então balançou a cabeça.

—Eu também posso... *ouvir* muito bem. Melhor do que qualquer pessoa que conheço. Foi assim que eu soube que Wilmer, Mercy e Carrington estavam falando sobre True.

E quando ela novamente não falou mais nada, ele perguntou gentilmente: —Agora, você já terminou, minha rainha?

—Eu... eu... você não pode... não pode saber...— ela se arrastou, com os olhos úmidos.

Mars não a induziu.

Foi preciso tudo o que ele tinha, mas ele lhe deu o tempo que ela precisava para oferecer mais tesouros.

Enquanto uma lágrima escorria por sua bochecha, ela continuou.

—Eu nunca, exceto True e, da melhor forma possível, Tril, tive alguém que cuidasse de mim.

Seu peito estava queimando.

Sua garganta estava queimando.

Parecia que cada centímetro de sua pele estava queimando.

—E... e... estou feliz por estar tomando o *pennyrium* para termos tempo juntos e estarmos em nossa melhor força para derrotar a Besta, mas mal posso esperar para lhe dar filhos, Mars. Do jeito que você fala da família que teremos, mal posso esperar para vê-lo ser um pai para os nossos bebês. Para... para compartilhar meu amor por eles com você. Descobri que estou ansiando por algo que nunca desejei. Algo que eu não sabia que poderia ter, até você falar sobre isso. Anseio pelo que terei com você. Anseio pela vida que construirei com você. Quero que isso aconteça ontem, o que significa que, pela primeira vez em minha vida, estou feliz no meu agora, mas, mesmo assim, não posso esperar pelo amanhã.

—Venha cá— ele rosnou e observou o corpo dela se mexer. —Venha, minha esposa. Leve Piccola. Chame Tril. Dê a ela nosso animal de estimação e diga-lhe para lidar com as criadas como achar melhor. Eu a encontrarei em nossos aposentos.

—Mars...

—Você fará isso, Silence, ou as criadas ficarão isoladas por horas e Piccola observará nossas atividades sem supervisão, e ela é uma boa menina, mas ainda não está totalmente treinada, portanto, quem sabe o que ela fará.

Ela não hesitou mais, aproximou-se dele e pegou seu macaco.

Ela não se afastou, pois ele a pegou com uma mão em seu

pescoço.

Sua rainha ergueu os olhos molhados para os dele.

Ele nunca desejaria lágrimas em seus olhos.

Mas por isso, por essa emoção que ela compartilhava com ele, por essa honestidade.

Ele os apreciava.

Ele forçou sua voz a um sussurro quando o que queria era uivar de alegria.

—Discutiremos tudo isso com muito mais profundidade depois que eu o recompensar por ter se entregado totalmente a mim e depois que eu comemorar completamente por ter recebido esse presente precioso.

A mão dela caiu de leve na base da garganta dele enquanto ela respirava: —Meu amor.

Ele precisava que ela fizesse o que lhe era pedido ou as coisas sairiam rapidamente do controle.

—Faça o que eu digo, Silence, ou será levada para fora do cômodo.

—Eu gostei bastante quando você me carregou para fora do cômodo— admitiu ela suavemente.

E assim, ela foi levada para fora do cômodo.

As criadas ficaram presas por mais tempo do que ele pretendia.

E Tril não deu a mínima para o fato de ter sido chamada aos seus aposentos enquanto Silence estava deitada, exausta, e Mars estava parado na porta apenas com sua calça de algodão.

De fato, Tril estava como nos últimos dias.

Radiante.

E os olhos dela não caíram nem uma vez no peito dele.

A Piccola gritou sua insatisfação por ter sido tirada da mamãe e do papai.

Mas Mars a traria de volta.

Mais tarde.

Ele havia aprendido que sua esposa ficava dócil por um período de tempo após o orgasmo, o que significava que ele poderia brincar com ela à vontade sem ter seu controle testado enquanto sua pequena devassa tentava se saciar.

E foi depois de passar um bom tempo fazendo isso, quando sua Silence estava quase catatônica em seus braços, que ele murmurou: — Discutiremos a Necrópole e por que é assim em Firenze em outra ocasião. Agora, *mia piccolina*, conte-me sobre sua sombra.

Ela se aconchegou mais, esfregando o rosto em seu peito, e ele sentiu o arranhão da corrente conjugal em sua pele, uma declaração eloquente de que o significado dela no casamento deles havia sido plenamente realizado.

Ela fez isso antes de inclinar a cabeça para trás, dirigindo-lhe um sorriso satisfeito - e compartilhando ainda mais o presente inestimável de seus segredos - ela lhe contou tudo sobre sua sombra.



O Beijo

Príncipe True

O Pub e Pousada Antlers, a cinco milhas das luzes
WODELL

—Temos homens atrás dele o tempo todo— relatou Bram, enquanto True, Farah e todos os seus homens se sentavam ao redor de uma mesa nos fundos do pub para um almoço tardio com sanduíches feitos de fartos pedaços de carne bovina, com seus sucos impregnados no pão de corte grosso.

O almoço foi acompanhado por uma cerveja forte, que True achou necessária para essa discussão.

—Tivemos homens revistando seu escritório, seus quartos, outros o seguindo— Florian retomou o assunto. —Eles não encontraram nada. Eles não viram nada.

Enquanto True e Bram acabavam de receber mensagens da mãe de True, pressionando-o a voltar para casa, os homens estavam relatando os esforços com Carrington, sobre os quais recebiam despachos diários da capital.

—Não é possível que ele esteja agindo em seu próprio interesse— observou True. —Ele está subvertendo o reinado de meu pai. Com esse novo imposto, agora ele está mirando em Farah e em mim. Parece que sua intenção é enfraquecer a estrutura de poder do reino. Ele não pode

estar fazendo isso apenas para se divertir.

—Um homem leal a você interceptou todas as mensagens dele e as leu antes de enviá-las. Temos homens que o seguem aonde quer que ele vá. Ele não diz nada preocupante, não se encontra com ninguém suspeito— disse Wallace.

—Você tem certeza de que eles não foram notados nesses esforços?— perguntou True.

Wallace balançou a cabeça. —Sem chance. Eles são habilidosos, True. Você sabe disso.

Ele sabia. Seria uma grande surpresa se os homens escolhidos para essas tarefas fossem notados na execução delas.

—E o secretário de Carrington?— True questionou.

Wallace balançou a cabeça. —O mesmo.

True voltou sua atenção para Luther. —Sua história?

Mas não foi Luther quem respondeu, foi Alfie.

—Ele estudou na universidade em Go'Doan, True.

True olhou para seu capitão.

—Eles estavam por trás do ataque na Cidade do Fogo— lembrou Alfie. —E nossos homens em Thicket relatam que G'Seph desapareceu em algum lugar durante a viagem de Firenze. Isso não pode ser uma coincidência.

Não, não pode.

E na escala da posição de alguém em relação aos Go'Doan, Alfie sempre esteve firmemente plantado na zona em que ele não confiava neles.

Nem um pouco.

—E ele estudou lá— Alfie repetiu. —Não há nada de preocupante em seu passado, exceto isso. Ele tem uma amante que raramente visita e que é bem paga por serviços que não presta com frequência. Ela mora em apartamentos ainda mais palacianos do que a maioria das acomodações em Birchlire. Mas isso apenas compartilha o fato de que seu pai lhe paga muito. Como você sabe, também temos um homem com ela, e ela gosta de fazer compras e almoçar com as amigas, ir ao teatro à noite para exibir os vestidos que pode comprar. Nada em suas comunicações, atividades ou conhecidos causa alarme. Fora isso, o homem passa o tempo com o nariz enfiado no traseiro do seu pai e tratando o secretário como um cachorro.

Alfie se inclinou para True e terminou.

—Ele está sendo cauteloso agora, depois do ataque em Firenze. É por isso que não estamos encontrando nada. Mas qualquer que seja sua agenda, ela tem origem em sua ligação com Go'Doan, True. Eu apostaria minha vida nisso.

Essas palavras, ditas por Alfie, tinham muito peso.

Portanto, True acenou com a cabeça para seu capitão e olhou ao redor da mesa, perguntando: —Temos homens nos templos?

—Sim— respondeu Bram. —Negócios como sempre. Portanto, eu gostaria de enviá-los para uma busca. Mas, para fazer isso, o decreto precisa vir de seu pai. Dito isso, é arriscado. Se for feito abertamente, eles saberão que estamos atrás deles. Se for feito secretamente e a coroa não souber disso, e nosso homem for descoberto, teremos dificuldade em explicar por que agimos sem o conhecimento do rei. Assim, colocaríamos o reino em conflito com uma nação de sacerdotes que a maioria considera inofensiva, mas que outros aderem às suas crenças.

—E quanto a Gal e Brix?— True continuou. —Alguma notícia

deles? Eles poderiam se infiltrar nos templos de Go'Doan?

—Nenhuma notícia. De acordo com um gnomo enviado por Baldrick, eles estão 'bem escondidos'— compartilhou Wallace. —Não sei o que isso significa, mas posso enviar uma mensagem ao Baldrick para ver se ele consegue levar um deles até os templos.

True acenou com a cabeça aceitando a sugestão, respirou fundo, soltou a respiração e se recostou.

Com a recente proclamação, ficou evidente que seu pai não gostaria de receber um pedido de busca nos templos feito por True. Mesmo que o ataque em Firenze tornasse isso conveniente, e o Go'Doan entendesse por que isso estava sendo feito, e se eles não tivessem nada a esconder, não haveria protesto.

True não endossava a ideia de que todos os templos e todos os sacerdotes de todos os reinos deveriam estar sob suspeita, vigiados ou revistados.

Mas isso não significava que as perguntas não deveriam ser feitas.

E essas perguntas já deveriam ter sido feitas em Wodell.

Mas não foram.

Carrington havia usado a regência de Cassius a seu favor e True, inadvertidamente, havia se encaixado nesse plano ao fazer essa viagem para Farah.

Ele não mudaria sua decisão sobre a viagem para Farah.

Ele mudaria o conselheiro em quem seu pai confiava.

True nunca esteve 'alinhado', como tal, com seu pai.

Agora estava claro que, em aspectos muito importantes, ele havia sido afastado no pior momento possível para seu reino.

—Temos um problema muito mais imediato— disse Florian. —Esse ouro que está sendo exigido, ostensivamente para o seu casamento, não está sendo muito bem recebido. As fadas relatam que houve muita agitação na cidade. Agora há muita reclamação. Tanto que isso pode se transformar rapidamente. Contra você.

—Os impostos foram aumentados de forma constante todos os anos nos últimos cinco anos, embora a renda não tenha sofrido o mesmo aumento— acrescentou Luther. —Com esse acréscimo aos impostos reais que já haviam aumentado este ano, não me surpreende que haja reclamações.

—Pela primeira vez em sua vida, você tem um problema de imagem— disse Wallace a True. —E pela primeira vez na carreira de Carrington, ele fez um movimento estratégico sutil que terá ramificações duradouras que fortalecerão o domínio dele sobre seu pai e o controle dele sobre o trono, tudo isso conseguido enfraquecendo você.

—E sabemos que ele está formando um exército— afirmou True.

—Silenciosamente, mas sim— respondeu Bram. —Ele enviou recrutadores para todo o reino, e eles estão trabalhando. E pelo que sei, por meio de mensagens da rainha, o rei sabe disso e o sanciona.

Puxa vida.

Ele havia sido definitivamente expulso.

Assim como, ao que parece, sua mãe.

—Você precisa ser regente— disse Alfie calmamente.

—Preciso formar um parlamento— respondeu True.

Ele sentiu Farah se enrijecer ao seu lado.

—Isso seria impossível, a menos que você seja o regente—

respondeu Alfie.

Alfie estava certo, assim como seu amigo estava certo nas muitas vezes em que discutiram isso, mesmo antes de Cassius se tornar regente.

—Você deseja desistir de seu governo?— Farah perguntou suavemente.

Ele olhou para o que pretendia. —Quero dar ao meu povo uma palavra a dizer sobre como suas terras e suas vidas são governadas. Eu seria a voz final. Se eu sentisse que o que foi decidido não era para o bem do reino, eu teria o último direito de recusa. E meu nome precisaria ser assinado em qualquer lei, imposto, tratado ou proclamação para que fosse válido e entrasse em vigor. Mas isso não aconteceria a menos que meu povo se manifestasse por meio de seus representantes sobre como isso deveria ser feito.

—Isso significaria que poderia levar séculos para que as decisões fossem tomadas, e poderia até ser um caos, não?— respondeu ela.

—É melhor do que um país inteiro entregue aos caprichos de qualquer personalidade que os deuses concedam ao seu monarca e às escolhas que ele faça para seus conselheiros— disse ele.

Ela sustentou o olhar dele por um longo momento antes de sussurrar: —Você é admirável, Príncipe True de Wodell.

Ele sentiu alívio por ela não ser contra essa ideia.

Na verdade, parecia que ela a defendia.

—Ele é um homem de seu povo— declarou Alfie.

—Não no presente— observou Bram. —Ele é um homem que está apaixonado por sua noiva de Firenze e deseja dar a ela um casamento luxuoso, que será pago por todos os sapateiros, ferreiros, proprietários de pomares ricos e pastores. Isso é um golpe, True. E você precisa se

recuperar rapidamente. Sua mãe espera muito de você, mas concordo com ela nesse ponto. Carrington se aproveitou de sua ausência. Você precisa voltar para casa.

—Você tem moedas?— Farah perguntou abruptamente.

True se virou para ela. —Perdão?

—De sua própria moeda. Você tem sua própria moeda?

Seus homens ficaram alertas com essa pergunta, mas True simplesmente respondeu: —Minha avó materna me deixou uma herança. Não precisei mexer nela. Então, sim, eu tenho moedas.

—É substancial?— ela perguntou.

—Por que você pergunta, milady?— Alfie exigiu em um tom baixo, usando as palavras 'milady' para expressar que não gostava da linha de questionamento dela, pois há muito tempo ela insistia que todos a chamassem de Farah, e há muito tempo eles concordavam com essa exigência.

Ela olhou para Alfie. —Porque, independentemente do que a proclamação diz, ela foi assinada pelo rei. Pode-se deduzir que True está exigindo esse novo tributo de acordo com sua fantasia e o capricho de uma noiva que deseja um casamento extravagante, mas ela foi assinada pelo rei.

Ela se voltou novamente para True e continuou a falar.

—Você é conhecido e amado. Essa proclamação deve ser uma surpresa não para alguns, mas para muitos. Se você fizer algo que seja muito seu, como fazer uma doação substancial para um orfanato, um hospital ou uma escola e declarar que é um presente em comemoração ao seu casamento, isso não será uma surpresa. Será muito característico do Príncipe True de Wodell. O rei Wilmer cobra impostos de seu povo. O Príncipe True dá de coração para sua terra.

—Puxa vida, isso é genial— murmurou Wallace.

E que inferno.

Era.

Farah deu uma olhada em todos eles. —Além disso, não passo de uma cidadã do meu reino, mas espero que meu monarca tenha inteligência para contratar funcionários para administrar seus recursos, de modo que uma cerimônia de casamento, por mais luxuosa que seja, não exija um serviço extra. Sua atenção voltou para True. — Eu perguntaria, no caso de um imposto adicional, para onde foi o restante dos meus impostos. Especialmente se o destino deles não for imediatamente aparente. Isso não seria atribuído a você. Isso seria uma avaliação das decisões e da supervisão do rei e de seus conselheiros.

True sorriu para ela.

Ela ainda não havia terminado.

—Além disso— continuou Farah, —é digno de nota o fato de você estar se casando com uma mulher de um reino com o qual este não se dá bem. Isso poderia ter sido um problema, ainda mais depois que esse imposto foi proclamado. Mas posso solicitar que Mars faça sua própria doação substancial, talvez para algum lugar em Arbor, uma biblioteca ou um museu que seja frequentemente visitado ou estimado por Silence. Se Mars fizer essa doação em nome de sua nova rainha, uma aliança por meio de casamento com Firenze não pareceria uma coisa tão ruim. O rei de Wodell será visto como cobrador de impostos, o príncipe e sua amada prima, com suas cônjuges de Firenze, buscam o melhor do reino no fundo de seus corações e estão dispostos a agir de acordo com isso.

—Brilhante pra caramba— disse Bram. —Vou enviar um pássaro para Mars imediatamente.

—Ainda não terminei— Farah lhe disse em voz baixa.

Bram não se mexeu.

Nenhum deles se mexeu.

Ela se voltou novamente para True.

—E precisamos convidar pessoas reais para o casamento, True. Você tem o povo encantado representado. Mas quem você é, o que você representa, precisamos de mais. Um soldado confiável que você conhece e a família dele. Um tutor de sua infância de quem você gostasse particularmente. Um servo do castelo que seja próximo a você, alguém que, no dia a dia, ofereça sua lealdade à coroa e a você, de maneiras que não são vistas e que não são honradas com frequência.

Ela se aproximou mais e continuou.

—Nenhum desses convites será questionado ou considerado estratégico. Se eles tocaram a sua vida, não é incomum que eles tenham a sua consideração e que você faça questão disso no que é considerado pelos Dellish a união mais importante que você fará em sua vida. Esse será um pequeno gesto, mas não tenho dúvidas de que será notado e comentado.

Ela estava absolutamente correta.

Será.

E isso se espalharia por toda parte.

—Nesse caso, é vantajoso— continuou ela. —Mas, na verdade, se True Axelsson estivesse se casando, e não o Príncipe True, você teria feito isso desde o início. Na verdade, esses seriam os primeiros convites, fora da família, que você enviaria.

Ele adorou o fato de ela saber isso sobre ele.

Farah estendeu a mão e colocou os dedos sobre a mão dele, que estava apoiada na mesa.

—Você é o príncipe do povo, True— disse ela. —Deseja dar a eles uma voz no governo de suas terras. Comece isso fazendo com que eles sejam representados em seu casamento. Não acho que isso aliviará a indignação deles por terem de pagar mais impostos. Mas acho que isso definitivamente mostrará quem você é e o que faz e pode até ser considerado sua resposta à decisão de seu pai de exigir mais de seu povo sem dar nada em troca. Ele tolamente, por razões que não entendo, não divulgou quais benefícios foram negociados para Wodell em Firenze. Mas você sim. Ele está cobrando impostos, mas você está fazendo arranjos para colocar mais dinheiro nas bolsas deles e, ao mesmo tempo, doar generosamente e honrar aqueles que servem ao reino. Seu pai não pode se opor a isso. E se você quiser pressionar a regência, ele pode até ser empurrado para a posição pela vontade do povo de aceitá-la.

—Como é possível que você seja tão perfeita?— True perguntou no instante em que ela parou de falar e, quando o fez, viu os olhos dela se arregalarem. —Linda, generosa, gentil e sábia— ele murmurou. —Você é uma impossibilidade.

Ele viu o rubor nas bochechas dela e estava se divertindo quando Alfie interrompeu.

—Vamos enviar pássaros agora, para a rainha e para Mars. Além de Bram ir imediatamente com toda a nossa mensagem e garantir que ela seja cumprida. Seguiremos no dia seguinte e nos apressaremos para Notting Thicket. Uma vez lá, você e Farah são vistos na cidade, não apenas assistindo à ópera, mas também visitando um orfanato.

True virou a mão, capturou os dedos de Farah e os levou até a coxa enquanto acenava para Alfie e depois para Bram.

—Faça isso— ele pediu.

Bram se levantou da cadeira instantaneamente.

—Sua mãe pode não gostar de ter que arranjar cadeiras extras para convidados extras em seu templo— murmurou Farah.

—Mamãe fará o que for melhor para o reino— respondeu ele, pois sabia que ela faria isso.

Ela sempre fazia isso.

O que era melhor para Wodell.

E o que era melhor para True.

Ele olhou para Alfie. —O secretário de Carrington.

—Sim?— Alfie perguntou.

—Se Carrington não o trata bem, poderíamos recrutá-lo para nossos esforços?

Alfie acenou com a cabeça. —Vou pegar o Bram antes que ele cavalgue. Ele precisará tentar fazer isso pessoalmente.

True levantou o queixo. —Antes de ir, dê a ele esses nomes para minha mãe adicionar à lista de casamento.

True recitou os nomes enquanto Alfie ouvia. True sabia que seu capitão não precisava anotar nada. Ele se lembraria.

Seu amigo podia não ser jocoso e falador, mas era observador, excepcionalmente leal e muito inteligente.

Alfie saiu da companhia deles.

—Vou pedir mais cerveja para nós— murmurou Luther, e se levantou para fazer isso.

—Se formos embora no dia seguinte, tenho uma moça para me

despedir, então é melhor eu fazer isso— Florian compartilhou, e depois se foi.

—E é melhor eu mandar aquela mensagem para o Baldrick— declarou Wallace e, com um sorriso, deixou Farah e True sozinhos à mesa.

—Espero que as Luzes brinquem hoje à noite— disse Farah. —Não tivemos sorte enquanto estivemos aqui e, embora esta aldeia seja muito charmosa e as pessoas ainda mais, ficaria triste se viéssemos aqui e tivéssemos que ir embora sem ver as Luzes.

Embora ele concordasse com ela, True não comentou sobre isso.

Ele disse: —Você acha que eu sou uma admirável, mas você é uma formidável.

A cabeça dela deu uma leve sacudida antes de perguntar: —Difícilmente. Por que você diria uma coisa dessas?

—Porque, ao conhecê-la, e a cada momento que compartilhei com você desde então, eu sei cada vez mais, no fundo da minha alma, que você será a esposa perfeita para mim.

Os lábios dela se entreabriram e um olhar de espanto tomou conta de suas feições.

No entanto, ele ainda não havia terminado.

—Mas agora eu soube que você também será a rainha perfeita para o meu país. Isso não é mais importante, mas, como você bem sabe, significa muito para mim.

Ela desviou o olhar, mas ele ainda notou que os olhos dela estavam brilhantes de lágrimas.

True lhe permitiu a privacidade limitada que ela poderia ter, mas o fez esfregando o polegar sobre os nós dos dedos dela.

Quando ela olhou para trás, tinha controle, mas ele percebeu que isso lhe custou.

—Gostaria que minha mãe tivesse podido conhecê-lo melhor antes de perdê-la— disse ela suavemente.

—E, como você sabe, eu também gostaria de tê-la conhecido melhor— respondeu ele.

—Ela ficaria muito feliz se o destino escolhesse você para mim.

—Ela não estaria sozinha.

Farah pressionou os lábios para ganhar novamente o controle.

True continuou a acariciar os nós de seus dedos.

Quando ela parecia estar pronta, ele disse: —Você quer outro sanduíche?

—Não poderei comer novamente por uma semana após o último.

—Vou aceitar isso como um não.

Ela sorriu.

Ele se inclinou para mais perto dela. —Nós voltaremos e veremos as Luzes, querida. Depois, levaremos nossos filhos para ver as Luzes. Eu me certificarei de que você não sentirá falta delas. Isso é uma promessa.

Seu rosto se suavizou e ela assentiu.

Seus olhos então se voltaram para a boca dele.

E assim, ele se recostou, pois estava pronto para isso, mas temia que ela não estivesse.

Ainda não.

Ela voltou sua atenção para a mesa, com a mandíbula travada, e ele sabia que ela achava que ele estava errado.

Talvez voltar para casa, para Thicket, fosse uma coisa boa. Haveria muito mais coisas para chamar a atenção dela, mais coisas para não pensar na perda e distrações para os dois, de modo que nenhum deles fizesse nada antes do que era saudável para o estado de espírito dela.

—Vamos comer nossos sanduíches comprando um pouco daquele caramelo do fabricante de doces da rua?— sugeriu ele. —Ela nunca admitiria isso em voz alta, mas mamãe adora aquele caramelo e ficará feliz por termos levado um pouco para ela.

Farah respirou fundo pelo nariz, virou-se para ele e sorriu com alegria. —Sim, e mais redemoinhos de creme de chocolate.

—Achei que você já estava satisfeita.

—São para os homens— ela lhe disse.

—Foi o que você disse da última vez, antes de comer três deles e tivemos que voltar e comprar mais para que dois homens não ficassem sem.

—São apenas quatro portas na rua, True, não é preciso voltar a Firenze para comprar um *cioccolato al caffè*⁵⁸.

Ele se levantou, ajudando-a a sair da cadeira, murmurando: —Você fala desse *cioccolato al caffè* com frequência e eu me pergunto por que não o ofereceu a mim durante todo o tempo em que estive em Firenze com você.

—Vou lembrá-lo, True, nós tínhamos acabado de nos conhecer e é seguro dizer que você tinha várias outras coisas para fazer.

Ele os conduziu até a porta onde a capa dela e o manto dele estavam pendurados em ganchos, dizendo: —Parece que esse

cioccolato al caffè valeu a interrupção.

Ela soltou um suspiro exasperado. —Vou fazer um pouco para você. Mamãe me ensinou a fazer.

—E isso eu espero ansiosamente, minha amada, pois posso imaginar como a equipe da cozinha do Castelo Birchlire reagirá ao fato de minha noiva assumir o comando enquanto eu me sento em um banquinho como um tolo apaixonado, observando-a fazer doces.

Ela lhe deu um sorriso.

Ele retribuiu o sorriso, pegando a capa dela.

—Oi!— Luther gritou, e os dois olharam em sua direção para ver que ele tinha as alças de quatro canecas de cerveja em suas mãos. — Para onde foram todos? Eu trouxe cerveja para nós.

—Estamos comprando caramelo para a rainha. E bolinhos de chocolate com creme. Voltaremos daqui a pouco— Farah disse a ele, compartilhando essa notícia em voz alta com um público ávido do almoço no pub.

—Traga-me três bolinhos— ordenou Luther, não como se estivesse falando com sua futura rainha, mas como se estivesse falando de sua irmã mais nova.

— Vou fazer isso— disse Farah, prendendo a capa que True havia colocado em seus ombros em sua garganta.

—Pediremos mais cerveja quando voltarmos— disse True a Luther, inclinando a cabeça para as canecas. —Você pode ficar com elas.

—Não se preocupe— respondeu Luther, voltando para a mesa que eles haviam deixado livre.

True segurou seu manto, pegou o braço de sua dama e a conduziu

até os doces e os cremes.

Um meio dia em que eles podiam ficar apenas com True, Farah e seus amigos.

Depois, voltariam à realidade.

Não era muito tempo.

Mas ele pretendia aproveitá-lo ao máximo.



—True— disse Farah com urgência, sacudindo seu ombro.

Ele se levantou e saiu da cama em um instante, com a espada, que sempre ficava encostada na mesa de cabeceira, na mão, o pulso acelerado e a pele tensa.

—Pelos deuses, eu sinto muito— ela sussurrou.

Ele estava examinando o cômodo com a luz fraca que vinha da lareira, com o coração acelerado, procurando por uma ameaça.

Ele se encolheu quando sentiu a mão dela em suas costas e ouviu sua voz suave.

—True, está tudo bem. Está tudo bem. Eu sinto muito, muito mesmo. Eu só o acordei porque... olhe, *caro*. Para a janela.

Ao perceber que não havia ninguém no quarto além deles, ele respirou fundo e virou a cabeça para a janela.

Ao redor das cortinas, uma luz verde dançava.

—Acho que os céus colaboraram— concluiu ela.

Ele se aproximou da janela e espiou pela lateral da cortina.

Havia árvores no caminho, mas não dava para esconder.

As Luzes estavam dançando.

Ele se virou para sua noiva.

—Você tem razão— disse ele. —Rápido, meu amor. Vista-se. Vamos embora.

Ela estava fora da cama quase tão rapidamente quanto ele a havia deixado momentos atrás.

—Vista roupas quentes— ele advertiu.

—Não tenho outra opção. Todas as minhas vestes pesam seis quilos— respondeu ela por trás do biombo.

Isso era uma mentira total.

Mesmo assim, ele sorriu.

Como já era costume entre eles, ele se vestia no quarto e ela atrás do biombo.

Ela saía quando precisava que ele apertasse os cadarços, o que ele fazia.

Em seguida, ambos se sentaram na cama, lado a lado, para calçar as botas.

Ele a ajudou com o manto antes de se pendurar em seu manto.

Ela estava calçando as luvas quando eles entraram no salão.

Ele imediatamente se dirigiu ao quarto de Alfie.

Ela segurou seu braço.

Ele olhou para ela.

—Só nós— ela sussurrou.

—Farah...

—Por favor, testemunhar essa mágica?— ela implorou. —Só nós, True.

Ele olhou para os olhos de topázio dela.

Então, ele cedeu.

Ele a guiou até as escadas, desceu-as e atravessou o pub ainda lotado, ambos se cumprimentando enquanto caminhavam.

Ele jogou uma moeda de prata para o cavaleiro, que estava tão acima da ficha normal do rapaz que seus olhos quase saltaram da cabeça quando ele a pegou.

Não chegava nem perto do valor do ouro, mas provavelmente manteria sua família alimentada por uma semana.

—Apenas o corcel do príncipe, por favor— Farah o chamou e depois olhou para True. —Eu gostaria de cavalgar com você. Seria mais quente.

Seria um inferno, com a bunda dela na virilha dele por oito quilômetros.

Ele pensou nisso.

Ele disse: —Se esse é o seu desejo, meu doce.

Quando o rapaz trouxe a sela de Majestade, True se levantou e se inclinou para o lado para pegar Farah pela cintura e puxá-la para cima diante dele.

Ele abaixou o queixo quando o rapaz fez uma reverência, estalou

os dentes, cravou os calcanhares das botas nas laterais da montaria e eles saíram galopando dos estábulos.

Os cascos de Majestade bateram nos paralelepípedos enquanto o vento soprava o cabelo macio de Farah em seu rosto, com sua fragrância mexendo profundamente com ele.

Para combater isso, ele se inclinou para ela, pressionando a bochecha contra a lateral de sua cabeça.

Eles saíram do vilarejo e pegaram o caminho sinuoso que levava à colina arborizada, e parecia que a cada batida dos cascos de Majestade, o ar se iluminava mais intensamente ao redor deles.

Eles estavam a apenas um quilômetro de distância quando ele ouviu a risada alegre de Farah.

—Qual é a graça?— ele perguntou no ouvido dela.

—Nada— ela respondeu, virando a cabeça e chamando a atenção dele, também chamando seu coração com a alegria que ele viu no dela. —Nada. É tão bonito que não consigo processar. Tudo o que posso fazer é rir.

Ela olhou para frente e inclinou a cabeça para trás para ver melhor as faixas de luzes que podiam ser vistas através das copas das árvores, girando no céu.

Eles estavam chegando à clareira quando as luzes que vinham da magia das fadas puderam ser vistas nas árvores, globos brilhando em dourado enquanto o próprio ar ao redor deles se transformava em tons de rosa, verde, violeta e azul, esses últimos os tons que giravam no céu noturno.

—Pelos deuses, True, pelos deuses— Farah entooou antes de soltar uma gargalhada musical. —É incrível!— gritou ela. —Que beleza.

True não conseguiu parar de sorrir quando chegaram ao topo da

elevação, as árvores brilhando, o céu brilhando, o ar brilhando.

Ele já havia visto isso várias vezes antes.

Mas olhando para ela agora, com Farah em seus braços, de alguma forma parecia que era a primeira vez que ele experimentava a enormidade da beleza.

Ele também viu, com gratidão, que embora a elevação sob as Luzes pudesse ficar lotada de espectadores, esta noite havia apenas alguns.

Mas as fadas estavam zunindo aqui e ali, fazendo a corte, exibindo-se, com suas asas brilhantes, que eram maiores que seus corpos, às vezes sendo a única coisa a ser vista.

Ele mal havia controlado Majestade quando perdeu o controle de Farah quando ela deslizou.

True desmontou apenas para ver sua cabeça inclinada para trás e ela estava girando, com os braços estendidos, como em uma dança, mas não.

—Pelos deuses, True!— exclamou ela para os céus. —Que beleza.

Ele cruzou os braços sobre o peito, sem tirar os olhos dela, e concordou de todo o coração.

—Esta terra!— gritou ela. —Esta terra é mágica, desde o solo rico até as árvores majestosas e os próprios céus.

True notou que algumas das fadas tinham parado de zumbir para observar Farah, e algumas das outras que estavam lá para as Luzes fizeram o mesmo.

Ela não estava se comportando como uma rainha, nem mesmo como uma princesa.

E ele não deu a mínima.

De repente, ela parou de girar e olhou para ele: —Eu não quero sair daqui. Temos que sair daqui?

—Receio que em pouco mais de uma semana vamos nos casar, meu amor, e isso acontecerá em um templo em Notting Thicket— ele a lembrou. —Acho que os convidados que estão viajando de todas as partes de Wodell ficariam chateados se não aparecêssemos.

—Você pode se casar aqui, Vossa Graça!— alguém gritou. —Ficaremos felizes em servir de testemunhas!

True olhou naquela direção e viu um homem, uma mulher e duas crianças de cerca de doze e dez anos, todos sorrindo para ele e Farah, e gritou de volta: —Estou muito ansioso para ver minha noiva, seja qual for o vestido que ela vai usar.

—Será a noiva mais bonita da história, aposto— disse a esposa.

Farah bateu palmas, inclinou-se para a frente por algum motivo para colocá-las entre os joelhos, antes de responder: —Obrigada! Isso é muito gentil!

—Você é uma grande beleza, Lady Farah!— gritou a mulher.

Farah se endireitou e estendeu os braços para os lados.

—E você é muito adorável e demonstra por que meu príncipe e eu nunca poderemos deixar este lugar glorioso— Farah gritou de volta.

Observando essa brincadeira, True sentiu algo acontecer em seu estômago que não reconheceu.

—Há um chalé à venda no final de Tuck Lane— disse em voz alta outro homem do outro lado da elevação.

—Não me diga isso— retornou Farah, virando-se para ele. —Temos de ir para Thicket amanhã e, se eu souber de um chalé que possa ser nosso, acorrentarei meu príncipe lá e, como ele será dado

como desaparecido, acabarei em uma cela na capital por ter sido presa, não em um templo usando um vestido pesado para me casar.

Essa sensação subiu pela garganta de True.

—Não tenho certeza de que você pode prender seu próprio príncipe— disse outra mulher.

—Não tenho certeza se quero descobrir, por melhores que sejam os sanduíches de carne no Antlers— respondeu Farah.

E então aconteceu.

True começou a rir.

Não era simplesmente uma expressão de humor.

Era algo mais.

Algo mais profundo.

Algo absurdo.

Absurdo.

Estranho.

Algo notável.

Ela estava apenas sendo...

Engraçada.

Era isso.

Ela não se importava naquele momento.

Portanto, ele não se importava naquele momento.

Ele não pensava em nada.

Ele apenas achou sua Farah engraçada.

E estava feliz por ela estar feliz.

Como se sentisse uma diferença no timbre de sua risada, Farah se virou para olhá-lo com olhos que faziam parecer que sua diversão era ainda mais maravilhosa do que a beleza que iluminava tudo ao redor.

—Prender o príncipe?— perguntou ele em um riso, e ele não tinha certeza se já havia rido alguma vez na vida.

Ela sorriu timidamente e observou: —Tenho relativa certeza de que isso é ilegal.

O riso dele diminuiu.

Ela se aproximou dele e pegou suas duas mãos.

Ele a observou, rindo.

Quando a diversão dele começou a desaparecer, ela disse suavemente: —Você é o homem mais bonito que já conheci, mas não há comparação quando você está rindo assim.

Ele tirou uma das mãos da dela, passou a parte de trás dos dedos pela bochecha e, sorrindo para ela, disse: —Estou muito feliz por tê-la agradado.

—Você agrada. Desde o início.

Qualquer diversão morreu.

—Farah— ele sussurrou.

—Por favor, eu sei que você não quer, mas aqui, neste lugar, por favor, em todas as suas gentilezas para comigo, eu preciso implorar mais uma vez. Por favor, True, me beije. Não um toque de lábios. Beije-me de verdade.

Diante das palavras dela, a diversão dele nem foi lembrada.

—Você acha que eu não quero beijá-la?— perguntou ele.

Ela desviou o olhar.

—Olhe para mim— ele exigiu.

Ela voltou os olhos novamente para ele.

—Eu quero beijar você— disse ele.

Ela balançou a cabeça. —Você não precisa...

Ele segurou sua bochecha e inclinou o rosto para o dela.

—Farah, eu tenho lutado contra o desejo de tê-la em meus braços há tanto tempo que é como se ele tivesse se tornado um novo membro. Um membro indesejado. E pesado. Mas que tenho de suportar.

Ela piscou para ele.

—Mas... Elena— ela sussurrou.

—O que tem Elena?— ele perguntou.

—O que tem Elena?— ela respirou, seus olhos enormes, brilhando mais dourados do que os globos ao redor deles.

—Foi isso que eu perguntei.

—Você está apaixonado por ela.

—Eu estava. E então eu conheci você.

Ela balançou em seu corpo de tal forma que ele não teve escolha a não ser fazer o que faria de qualquer maneira.

Ele a pegou em seus braços.

Ela se sentiu bem ali.

Como sempre.

—Sério?— perguntou ela, sem esconder o choque.

Ele não estava chocado.

Estava irritado.

—Eu mal estava escondendo isso.

—Achei que você estava... para ser legal, bem... fingindo. Para mim.

Sim.

Irritado.

—Eu não fingiria achar você irresistivelmente atraente, incrivelmente boa companhia, cativante, gentil, inteligente...

—Tudo bem— ela o interrompeu. —Então, por que...?— ela se interrompeu, deslizou a mão pelo peito dele até o pescoço e sussurrou: —Ah, True.

Ela não precisava que ele lhe dissesse por que havia se contido.

—Você precisava de tempo— ele murmurou.

—Obrigado, *bello*. Mas, por favor, confie em minha avaliação de mim mesmo quando lhe asseguro que não preciso de mais tempo.

—Nós temos uma audiência.

Ela estava na ponta dos pés, se aproximando, com a outra mão deslizando pelo peito dele em direção ao pescoço.

—Quem se importa?— murmurou ela.

—Farah.

—Beije-me.

A mão dela chegou ao pescoço dele e ambas deslizaram para o seu cabelo, os dedos dela fazendo pressão.

—Farah— ele advertiu.

—*Beije-me*, True— ela exigiu.

Puta que pariu.

Ele não podia negá-la.

E não podia negar a si mesmo.

Não com ela sendo assim.

Não apenas com ela sendo *ela*.

Não mais.

Ele a beijou.

No momento em que seus lábios tocaram os dela, todo o seu corpo ficou alerta e suas entranhas começaram a se aquecer.

Quando os lábios dela se abriram sob os dele e a língua dele instintivamente saiu, unindo suas bocas, a pele dele se retesou por toda a sua estatura e suas entranhas e peito começaram a arder.

Ele a puxou para mais perto, inclinando a cabeça, com a língua dançando com a dela, não como se fosse a primeira vez que dançavam, mas como se já se conhecessem há uma eternidade.

O cheiro dela.

Sublime.

Seu sabor.

Excepcional.

A sensação de seu corpo macio pressionado contra o dele.

Extraordinário.

Foi o melhor beijo que ele já teve.

Ela era o sabor do destino.

Destino misturado com amor.

Para finalizar, foi fantástico pra caramba.

Ele rompeu os lábios, murmurando: —Querida.

—Acho que talvez— ela respirou, —se você não quiser...— Ela não terminou o que disse. Ela concluiu: —Você deveria dormir em outro quarto esta noite.

Era bom saber que o beijo a afetava da mesma forma.

E frustrante pra caramba.

—Acho que isso é sábio.

—E acho importante que você saiba que não me importo se quiser ficar comigo.

—Nós nos uniremos em nossa noite de núpcias, Farah. Esse pode não ser o jeito dos Firenz, mas é o respeito que um homem Dellish dá à sua futura esposa.

—O fato de você ser Dellish costuma ser muito charmoso. Agora não é mais— ela resmungou.

Ele sorriu.

Ela estreitou os olhos para ele e avisou: —Estaremos nos beijando muito no caminho para Notting Thicket.

—Isso dificultará a pressa— ele provocou.

—Não me beije assim— sussurrou ela, subitamente muito séria. — Não me faça sentir assim. Não me faça tão feliz assim, True Axelsson, e depois tire isso de mim.

Tão feliz assim?

Ele também ficou sério.

Mortalmente.

E ele fechou os braços sobre ela e abaixou a cabeça tão perto que tudo o que ele podia ver eram os olhos dela.

—Nunca— ele jurou.

A mão dela ainda em seu cabelo o pressionava.

Então True a fez feliz novamente e beijou sua Farah, completamente.

Tão profundamente que um grito de encorajamento encheu o ar enquanto as luzes dançavam no céu e as fadas zuniam pelos globos dourados.

O Príncipe True não ouviu.

Porque True Axelsson estava finalmente beijando, *realmente* beijando, a mulher que amava.



O Chamado

Lady Farah

Quarto acima do Pub e Pousada Antlers, a cinco milhas das Luzes
WODELL

— Silence — chamei no ar, sentindo-me boba. — Silence, você está aí?

Não houve resposta, o que não me surpreendeu, mas achei frustrante.

Eu não tinha muito tempo, eu realmente queria ir embora e logo.

Mas eu tinha que fazer isso, e tinha que ser rápido.

— Silence — sussurrei com urgência. —Você consegue me ouvir? Você está aí?

—Farah?

Graças aos deuses.

— Silence — respondi. —Você pode...?

Eu parei quando vi uma visão dela tremeluzindo diante de mim, lentamente entrando em foco.

Que maravilha.

— Fé!— exclamou ela. —Olhe para você. Você está bem ali.

Eu sorri.

—O que é isso?— ouviu-se uma voz grave que parecia vir de um túnel e, em seguida, viu-se um braço enevoadado e Silence, que se tornara nítida, desapareceu de repente.

—Mars!— ela disse, e eu pude me concentrar em seu brilho a uns cinco metros à esquerda de onde ela estava.

Ela estava de pé, parecendo se esforçar contra um suporte e olhando para alguma coisa.

—O que é essa feitiçaria?— exigiu, e embora eu tivesse ouvido a voz de Mars, e houvesse uma grande área perto de Silence que estava ondulada, sua imagem estava obscura.

—Farah está chamando— disse-lhe Silence.

—Não vejo nada além de partículas sinistras— ele retrucou.

—Elas não são sinistras, são Farah. Eu a vejo perfeitamente bem— respondeu Silence.

—Bem, eu não vejo, portanto, você sairá deste lugar.

—Mars!— gritou ela, parecendo agora estar se debatendo. —É a magia de Elena. Assim, podemos nos falar quando estamos longe. Está tudo bem. Eu estou segura. Vá. Vá em frente.— Ela parecia estar empurrando algo. —Vá, Mars. É hora das garotas.

—Não estou gostando disso, pois não confio nisso, portanto não irei. Se você tem certeza de que está tudo bem, então fale com minha irmãzinha. Mas se eu não tiver um bom pressentimento sobre isso, vamos sair deste lugar.

Mars.

Sempre protetor.

— Silence — eu disse. —Está tudo bem. Mars provavelmente deveria ouvir isso também.

—Ouvir o quê?— ele exigiu.

—Você pode me ouvir?— perguntei.

—Posso ouvi-la, mas não posso vê-la— respondeu Mars. —E o que eu quero ouvir é o que você acha que eu deveria ouvir.

—Ela está bem ali— informou Silence, apontando para mim.

—Eu posso ver você olhando para o ar brilhante, esposa, mas não consigo ver Farah.

—Que estranho— murmurou Silence.

Eles estavam sendo adoráveis, algo que eu nunca pensei que pensaria em Mars, e isso me deixou muito feliz por testemunhar... pelos dois.

Mas, por mais feliz que isso me deixasse, eu não tinha tempo para isso.

—Por favor, espere— eu disse. —Vou tentar Elena.

—Pelo amor de Deus— Mars murmurou.

Vi Silence revirar os olhos para mim.

Ignorei isso (mas fiz isso sorrindo) e chamei: —Elena. Elena, precisamos conversar. Você está aí?

Quando nada aconteceu, Silence perguntou: —Devo tentar também?

—Talvez isso ajude— eu disse a ela.

Nós duas chamamos, chamamos e chamamos, e quando Mars foi ouvido dizendo: —Putá que pariu— Elena começou a se formar.

—Farah, Silence?— ela perguntou.

—Que porra é essa?

Cassius.

—Está tudo bem, Cass— disse Elena a ele.

—Elena, você tem Silence e eu e, bem, Mars. Tenho algo que todos vocês precisam saber. Por favor, aguarde enquanto tentamos trazer Ha-Lah— eu disse a ela.

—Diabos, por que eu consigo ouvir Farah vindo de lugar nenhum em seu espaço?— Cassius exigiu.

—Acalme-se, guerreiro, temos um elo— disse Elena à figura indistinta que pairava sobre seu ombro. —Vou chamar a Ha-Lah. Eu sei o que estou fazendo— disse Elena para mim.

—Excelente— respondi.

Ela fez isso enquanto Mars dizia: —Cassius.

—Deuses, *Mars*?— Cassius respondeu.

—Estou aqui, com minha esposa, olhando para o ar brilhante e conversando com um nada, sentindo-me como um maldito tolo— disse Mars a ele.

—Eu também— respondeu Cassius.

—Vocês dois podem ficar quietos, não consigo me concentrar— disse Elena.

Silence começou a rir.

—Pela Medusa!— Ha-Lah podia ser ouvida.

—Mas que diabos?— Aramus também pôde ser ouvido.

—Por favor, não se assuste— disse Elena rapidamente. —É a minha magia. Farah está chamando. Ela tem algo a dizer a todos nós. E, como você deve ver, Ha-Lah, Silence, também está aqui.

—Esposa, por que estou ouvindo a voz de Elena vagando pela nossa cabine?— Aramus perguntou quando Ha-Lah entrou totalmente em foco.

—Ela acabou de lhe contar— respondeu Ha-Lah, parecendo estar sentada em uma cama, mas olhando para o lado, para alguma coisa. —É a magia dela.

—Aramus, também estou aqui— disse Cassius a ele. —Seja lá o que for esse 'aqui'.

—Eu também— declarou Mars.

—Putá que pariu— murmurou Aramus.

—Vocês podem ficar quietos?— Elena exigiu. —Farah tem algo a dizer.— Ela olhou entre as mulheres com um olhar exasperado: —É por isso que não incluí os homens em meu feitiço. Já é ruim o suficiente que eles estejam ligados a nós para que possamos ouvi-los. Temo que seria pior se pudéssemos vê-los de fato.

Silence deu uma risadinha de novo, e eu sorri.

—True está bem?— perguntou Aramus. —Porque eu não o estou ouvindo.

—Ele goza de boa saúde, mas não está bem, e acho que deseja lidar com isso entre seus homens, embora Mars vá receber um pássaro muito em breve— informei.

—Fale— ordenou Cassius.

—Carrington está formando um exército— eu lhes disse.

—Droga— murmurou Cassius.

—E o rei proclamou um novo imposto para o True e meu casamento— compartilhei.

—Droga— murmurou Mars.

Suspeitei que a mensagem pretendida por esse imposto não passava despercebida por ninguém, por isso não entrei no assunto.

—E True e eu estamos partindo em breve para nos apressarmos para Notting Thicket em uma tentativa de reparar os danos. Mas acho que vamos precisar da ajuda de todos vocês— eu disse a eles.

—O que precisar ser feito será feito, irmãzinha— declarou Mars.

—Isso exigirá muito de você, e como já pedi muito ...— comecei.

—Você não pediu nada— declarou Mars. —Do que você precisa?

—O pássaro vai compartilhar, e eu também vou pedir que você faça uma doação em nome de Silence para algum serviço público de que ela goste em Arbor.

—Que ideia adorável— murmurou Silence.

—É mesmo— concordei. —Mas também precisa ser feita de uma forma que se saiba que Silence é a prima amada de True e que a aliança entre Wodell e Firenze significará coisas boas para o povo Dellish.

—Isso será feito hoje— respondeu Mars.

Ah, mas eu amava meu rei.

—E você será convidado a ir a Notting Thicket...— comecei.

—Partiremos no dia seguinte— Silence compartilhou. —A Rainha Mercy já pediu para irmos.

Mercy, como eu suspeitava, não era boba.

Mas fiquei feliz, além de surpresa, por ela estar pensando da mesma forma que eu.

—Excelente— eu disse. —Mas você precisará ser visto entre as pessoas.

—Isso não será difícil. Minha noiva deseja me mostrar sua capital — retornou Mars.

Isso me deixou tranquila.

Tudo certo.

Vamos em frente.

—Alfie acha que Carrington está em conluio com os Go'Doan— eu os informei.

Isso foi recebido com total silêncio.

Até que Cassius perguntou, desconcertante: —O que há de Chu?

—Chu?— Elena perguntou.

—Ele chegou em Thicket— respondeu Mars a Cassius. —E como ele estará envolvido em seus deveres, não poderei contatá-lo por medo de que essa comunicação seja notada, o que pode significar que ele foi descoberto. Mas ele entrará em contato comigo regularmente se descobrir alguma coisa.

—Chu?— Silence perguntou após a pergunta de Elena.

—Eu lhe contarei mais tarde, *piccolina*— Mars murmurou.

—Para o resto de vocês— eu interrompi, —preciso pedir que interrompam suas incursões e sigam para Notting Thicket com a devida pressa. Pelo que estou ouvindo, True precisará de aliados, quanto mais, quanto mais rápido, melhor.

—Já estamos a caminho— disse Ha-Lah, e quando ela continuou, o sorriso em seu rosto transpareceu em suas palavras. —E trazemos dragões.

—Dragões?— Silence respirou.

—Homens— disse Aramus. —Frey Drakkar ouviu falar da Besta e veio nos ajudar. Nós navegamos com ele agora mesmo em direção a Notting Thicket. E ele diz que o Dax de Korwahk e o rei de Hawkvale estão a caminho.

—Você está brincando— disse Cassius.

—Isso é uma bênção— acrescentou Mars.

—Você notou que somos nós que temos o elo e são os homens que estão falando mais?— Elena perguntou irritada.

—É assim mesmo— murmurou Ha-Lah.

—É muito bom ver você, Ha-Lah— disse Silence. —Sentimos sua falta.

—Isso é muito gentil, Silence — respondeu Ha-Lah. —Também sentimos sua falta. Você está bem?

—Muito bem!— Silence cantou, o que fez com que eu, assim como Elena e Ha-Lah, sorrisse.

—Farah?— Ha-Lah perguntou, seu sorriso menos brilhante quando se tratava de mim, e sua voz estava mais pesada.

—True e seus homens estão cuidando de mim— eu disse a ela calmamente.

—Fico feliz por isso— disse ela suavemente.

—Eu também estou feliz por isso— disse Mars, não suavemente.

—Você parece feliz— disse Elena a Ha-Lah.

Ha-Lah sorriu um certo tipo de sorriso.

Aramus podia ser ouvido grunhindo.

Já disse o suficiente sobre isso.

Comecei a sorrir novamente.

—Há coisas para fazer, já terminamos de conversar?— perguntou Cassius.

—Ninguém pediu que você participasse dessa conversa, Cass— Elena apontou.

—Wodell está levantando um exército para frustrar uma aliança e travar uma guerra contra um dos meus aliados. O conselheiro do rei deles está possivelmente conspirando com os Go'Doan, que estavam por trás de um ataque a um palácio que você e eu, assim como todos os nossos amigos, tivemos que pegar espadas para derrotar. E, considerando tudo isso, temos que tomar a decisão de levar ou não nossas filhas para uma situação incerta, e meu voto seria 'não'. Isso significa que terei de discutir com você sobre isso e depois dizer às meninas que elas não virão e lidar com suas birras. Não temos tempo para conversar— retornou Cassius.

—Você terminou isso supondo que conseguiria o que queria sobre as meninas— retorquiu Elena.

—Vou conseguir, pois não vou permitir de jeito nenhum que nossas meninas entrem em uma situação incerta— rebateu Cassius.

—Elas ficarão arrasadas e já estamos separados delas há tempo demais. Especialmente você e Aelia— argumentou Elena.

—Talvez possamos discutir isso sem uma audiência— sugeriu Cassius.

—Talvez possamos discutir isso em vez de usar a casa na árvore de Melisse para ficarmos sozinhos— respondeu Elena.

Bem, parecia que as coisas tinham avançado entre esses dois, mesmo que tivessem permanecido iguais.

Algo nisso me deixou muito satisfeito.

—Tenho uma doação a fazer— anunciou Mars, depois exigiu: —Libere minha rainha e eu dessa convocação.

—Mas eu quero conversar, meu marido— disse Silence.

—Como quiser— murmurou Mars.

E isso me deixou muito satisfeita.

Mas eu tinha que dizer: —Não posso conversar. Eles estão arrumando os cavalos agora e temos que ir embora. Sinto muito.

—Foi ótimo vê-la e saber que está bem, mesmo que por pouco tempo— disse Ha-Lah.

—Você também— respondi.

—Todos vocês também— acrescentou Silence. —E quando nos encontrarmos novamente, tenho muito a compartilhar. E estou ansiosa para ouvir sobre todas as suas aventuras.

—Mal posso esperar— disse Elena.

—Eu também— concordou Ha-Lah.

—Até nos encontrarmos novamente— eu me despedi.

Silence acenou.

Ha-Lah soprou um beijo.

E Elena passou o braço na frente de si mesma.

Depois, todos se foram.

Meu trabalho estava concluído.

Agora era hora de ir para Thicket.



A Decisão

Príncipe Cassius

O Palácio da Rainha

OS ENCANTAMENTOS

Algumas horas depois daquela estranha conversa com os outros predestinados e de uma longa discussão com sua mulher sobre as meninas, Cassius foi chamado.

Agora ele estava sobre os tapetes de pergaminho entre os móveis de tecido da sala de recepção de Ophelia, olhando fixamente para os painéis esculpidos que adornavam suas paredes.

Havia um embargo a qualquer mercadoria dos Nadirii em Airen. Na verdade, era ilegal até mesmo possuí-los e as penalidades eram severas se alguém fosse pego tentando contrabandeá-los de Wodell, Firenze ou Go'Doan.

No entanto, ele havia visto a arte delas em suas viagens e a achou distinta e atraente, mas, estando entre elas nos últimos dias, ficou feliz que o embargo logo chegaria ao fim e que a beleza Nadirii seria facilmente encontrada em sua terra.

—Cassius— disse Ophelia.

Ele se virou, observou-a descer as escadas e o fez, controlando o impulso de se mover para ajudá-la.

Ele inclinou a cabeça. —Vossa Graça.

Ela parou no pé da escada, provavelmente para descansar, mas parecia estar fazendo isso para enfatizar o que disse a seguir.

—O senhor dorme ao lado de minha filha. Você e sua filha comem o pão com ela e a filha dela. Isso é muito inesperado, mas também é indiscutível. Você é meu filho. Acredito que é hora de me chamar de Ophelia.

Ela abaixou a cabeça novamente.

Ela fez sinal para um portal com uma cúpula de tecido acima dele.

Ele foi até lá, mesmo que não quisesse se sentar naquela engenhoca, enquanto ela caminhava até uma cadeira suspensa do mesmo formato.

Ela subiu nela.

Ele esperou até que ela se acomodasse para se sentar na borda da almofada.

Quando ela não disse nada, ele disse.

—Você pediu para falar comigo sem a presença de sua filha, e eu estou aqui, mas preciso dizer que não me sinto confortável sem ela.

Algo se moveu em seu rosto, um rosto que parecia ter envelhecido anos nos dias em que estiveram ali.

Não foi difícil perceber que se tratava de alívio.

O que foi difícil foi perceber que ela havia demonstrado essa emoção tão abertamente.

Ophelia não era de compartilhar seus pensamentos de forma alguma, a menos que fosse intencional.

—Também inesperado— disse ela calmamente, —é como vocês dois se dão bem.

Cassius não respondeu.

Ela ergueu os ombros e levantou o queixo antes de atingi-lo com um tijolo verbal.

—Estou morrendo, meu filho.

Ele teve o instinto incomum de se levantar de seu assento.

Mas não o fez.

—Ophelia...

Ela acenou com a mão e falou por cima dele.

—Não há nada a fazer a não ser planejar para essa eventualidade.

—Acho que você deveria falar com sua filha. Ela foi abordada por um sacerdote Go'Doan no Palácio Catrame. Ela tem...

Ophelia acenou com a cabeça. —Elena discutiu esse medicamento com um de nossos curandeiros. E essa curandeira, Joan, conversou comigo. Não posso dizer que, neste momento, minha confiança no Go'Doan esteja em seu ponto mais alto. Mas se Joan achar que é seguro, eu o tomarei. Ela está estudando-o agora. Mas, mesmo que seja seguro, talvez isso apenas prolongue o inevitável.

—Acho que não tenho nada a dizer— respondeu ele. —Só que isso me entristece, por minha princesa, por sua Irmandade, por minha filha, que eu gostaria que o conhecesse melhor, e por mim mesmo, pois você tem meu respeito.

—Obrigada, Cassius— ela murmurou. —E eu não a chamei aqui para fazê-la falar. Eu o chamei aqui para pedir que ouvisse. Pois tomei uma decisão e é importante que o príncipe regente de Airen, bem como o futuro marido de minha filha, a compreenda e a apoie.

Cassius acenou com a cabeça.

—Vou nomear Elena como minha sucessora.

Cada centímetro do corpo de Cassius congelou.

—Dependerá de você— continuou ela, —e dela, como vocês governarão terras diferentes lado a lado.

—O que você sugere é uma impossibilidade— disse ele em um tom pesado de incredulidade.

—O que eu decidi é um imperativo.

—Ela governará ao meu lado— compartilhou Cassius. —Precisarei de seu engajamento. Precisarei de seus conselhos. Não posso promover o que queremos alcançar em Airen sem a ajuda de Elena.

—Você é um bom homem— disse ela suavemente, estudando-o contemplativamente. —É muito estranho, você não acha, como uma árvore forte e robusta pode crescer a partir da semente de uma árvore nodosa e doente.

Cassius não respondeu, mas mesmo que ele não tivesse nada a dizer, isso não significava que ele não tivesse nenhum sentimento ao ouvir as palavras dela.

Ele sentiu.

E foi um raro sentimento de orgulho o fato de essa grande rainha pensar isso dele.

—O que você não entende é que ela é muito parecida com você em muitos aspectos— continuou Ophelia. —Especialmente sua habilidade em selecionar aqueles em quem ela confia. Você precisa que ela governe ao seu lado, e ela será capaz de fazer isso. Ela não precisará que você governe ao lado dela, mas precisará de ajuda. E ela encontrará isso em Hera e Jasmine, especificamente em Hera. Assim

como em minhas tenentes, principalmente Melisse. O equilíbrio será difícil, mas pelo que conheço de minha filha e pelo que vejo de você, no final, ele será alcançado.

—Vejo que não serei capaz de fazê-la mudar de ideia— admitiu Cass. —E não quero ofendê-la, mas por mais difícil que isso seja para minha princesa e para mim, também não vejo outra alternativa.

Ophelia fez um único aceno de cabeça, mas disse: —Serena precisará de um papel, e quanto a isso, ainda não decidi. Sua última comunicação comigo compartilhou que ela se aliou a um Confiável de Firenze para espionar para aquele país, o que causou uma surpresa tão profunda em mim que não consigo expressar. Portanto, tudo o que posso fazer é esperar que essa mudança em todos os reinos tenha trazido mudanças em minha filha mais velha e que eu tenha tempo para ler o que é isso e tomar a decisão certa para o futuro dela.

Ele não conseguia imaginar nenhuma mudança em Serena, mas se Chu estava afetando isso, ele era mais milagreiro do que Cassius pensava.

—Peço que se esforce para ficar bem pelo máximo de tempo que puder, Ophelia. Como você sabe, não temos ideia do que enfrentaremos. A guerra. A Besta. A traição de Go'Doan. O que virá primeiro e o que resultará disso.

Ela deu um leve encolher de ombros. —Eu tenho o tempo que preciso ter.

—Sua filha precisa de você.

—Terei o tempo que tiver, meu filho— disse ela calmamente. —Nem mais, nem menos. Quando as deusas me chamarem, não posso me esquivar de sua convocação. Agora preciso saber que tenho seu apoio. Mas, mais do que isso, preciso saber que ela o terá.

—Pelo que vale, você o terá— ele prometeu. —Assim como Elena.

Sua cabeça se inclinou para o lado.

—Essas palavras— ela sussurrou. —Elas me surpreendem. Para um homem com tanta habilidade e intelecto, você não sabe o seu próprio valor. Espero que minha filha possa ajudá-lo a encontrar o caminho para entender a magnitude disso.

Mais uma vez, Cassius não respondeu, mas o sentimento de orgulho voltou.

—Tenho mais uma coisa para discutir com você— disse ela.

—Por favor, continue— pediu Cassius.

—Você deve levar Aelia e Theodora com você para Notting Thicket.

Como sua princesa era sua princesa e a futura rainha de outra nação, ele não tinha voz. Somente Elena poderia abdicar, se esse fosse o desejo dela, e ele não podia imaginar, como ela era em seu reino, como era clara sua devoção a ele, que ela o faria.

Sua filha e Theodora, ele e Elena, tinham a única palavra a dizer.

Portanto, ele balançou a cabeça. —Elena e eu conversamos sobre isso, e nos disseram que há muita agitação...

—Eles não devem estar nos Encantamentos.

A maneira como ela disse essas palavras fez a boca de Cassius se fechar.

—Não sei, não posso dizer, mas não gosto do que sinto no véu— disse ela a ele. —E sei de uma coisa como mãe. Nenhuma filha está mais segura em qualquer lugar do que com seus pais.

—Se você acha que os Encantamentos estão em perigo, nós não iremos embora— declarou ele.

Ela balançou a cabeça.

—Wodell está no limiar da grandeza. A mesma que Ares cultivou em Firenze e que Mars continuou a cultivar. Isso não deve ser ameaçado, pois também está no precipício da ruína. Deve-se dar a ele todas as oportunidades de cair no caminho certo. E nem é preciso dizer que os planos para Airen devem seguir em frente. Os Encantamentos podem ser abalados, mas nós sobreviveremos.

—Você entende que, se eles não sobreviverem, se você não sobreviver, eu terei uma mulher e uma filha inconsoláveis em minhas mãos.

—Ah— ela murmurou.

—Ah?— ele perguntou.

Ela deu um pequeno sorriso. —E aí você descobrirá seu valor, Cassius, pois isso é totalmente incorreto. Elas ficarão bem, pois serão consoladas por você.

Cassius sentiu essas palavras como um soco no peito, tanto que o deixaram sem fôlego.

—Eu irei embora, Cassius, pode ser em semanas, pode ser em meses, mas isso acontecerá. E agora... agora...— Ela inspirou delicadamente e soltou o fôlego. —Agora eu posso ir em paz, sabendo que deixei minha Elena para você.

—Ophelia...

—Estou cansada— ela murmurou, movendo-se para fora de sua cadeira suspensa.

Ela não podia esperar deixar as coisas assim.

Ele se levantou. —Ophelia...

Ela estava se movendo lentamente pela sala, mas parou e olhou

para ele.

—Quando meus bebês eram pequenas, eu os ensinei a ler as cartas — ela sussurrou.

Suas palavras, o olhar em seu rosto, Cassius se preparou.

—Todas as manhãs, quando eram meninas, elas viravam uma carta— disse ela. —E eu lhes dizia os significados, dia após dia, até que elas pudessem ler sozinhas e entender os presságios.

—Elena ainda faz isso— ele lhe disse baixinho.

Seu rosto se suavizou, seus olhos ficaram tristes e ela sorriu.

—Eu virei o dragão esta manhã— ela disse a ele.

Ele não tinha ideia do que isso significava, mas, pelo comportamento dela, achou que não era bom.

Mas ele sabia que era.

—E Frey Drakkar vem com dragões— ele a informou.

—Não.— Ela balançou a cabeça. —O dragão significa fogo, poder...— Ela fez uma pausa. — Finais.

Sim, ela achou que isso não era bom.

—E o Drakkar vem com dragões— disse ele entre dentes. — Trazendo fogo e poder.

—Então eu virei outra carta— ela continuou, como se ele não tivesse falado.

Cassius ficou em silêncio.

—Era a carta Pegasus. Viagem astral. Voo.— Ela sustentou o olhar dele e concluiu: —Liberdade.

—Você está desistindo— acusou ele.

—Estou cedendo— ela respondeu.

—O que é o mesmo que desistir— ele cortou.

—Você conhece a perda, meu filho, ajude-a a superar isso.

—Ophelia...

Ele parou de falar quando, de repente, uma lágrima correu pela bochecha dela e a palavra que ela disse foi tão fraca quanto seu rosto.

—Por favor.

Cassius engoliu.

Então ele declarou, com a voz áspera: —Uma grande mulher gerou uma mulher que será grande.

—Estou aborrecida com você— respondeu ela, —porque eu estava pronta, sem arrependimentos, e agora não estou totalmente pronta, pois conheço o arrependimento, e este é que não conhecerei meu filho.

Outro soco no peito.

—Suas netas a conhecerão como se você jantasse conosco todas as noites— ele jurou.

—E esse arrependimento se fortalece.

Cassius ficou em silêncio.

—Você viverá com amor e morrerá com amor, esse é o meu presente para você, meu filho— ela sussurrou.

—Ele será valorizado e protegido, essa é a minha promessa a você, minha mãe— ele jurou.

Ela olhou diretamente em seus olhos, a fraqueza dela desapareceu, tudo o que ele viu foi força.

E então ela disse: —Estou contando com isso.



A Dupla

Princesa Serena

Em um beco, do lado de fora do Templo Go'Doan, em Notting Thicket
WODELL

Serena observou Chu correr pelo beco estreito, saltar em direção à parede, aterrissar no meio do caminho, pressioná-la com o pé e voar até a parede oposta, estendendo a mão para pegar uma viga sob o telhado.

Ela fez isso pensando que deveria pedir a ele que lhe ensinasse aquele pulo.

Em seguida, ela o observou balançar na viga até girar sobre ela, com seu corpo desaparecendo sob o beiral.

Ela, por sua vez, estava agachada sob um cobertor mofado e esfarrapado, com a borda puxada bem sobre a testa. No entanto, seu rosto podia permanecer oculto e ela ainda podia ver além dele com a cabeça abaixada, olhando por baixo das sobrancelhas.

Ambos permaneceram no mesmo lugar enquanto os minutos se arrastavam, e poucas pessoas passavam por ali àquela hora da noite.

Ela era paciente.

Não porque isso agradasse a seu mestre (tudo bem, em parte por

causa disso).

Não porque agradaria a Chu (embora em parte também fosse por isso).

Mas porque esse negócio de espionagem era tudo.

—Zsst, zsst— ela ouviu o sinal baixo de Chu.

Ela ajustou seu lugar, seu olhar, e os viu descendo o beco com as vestes brancas e os cintos dourados do Go'Doan.

Ela se posicionou, manteve o cobertor sobre si e saiu quando eles se aproximaram.

—Um pedaço para um indigente— murmurou ela, usando o sotaque dos Dellish para esconder seu nascimento como Nadirii e mantendo a cabeça abaixada sob o cobertor.

—Vá embora, mulher— cuspiu um dos sacerdotes, chutando-a com o pé.

Lá se foi o deus deles, Go'Vicee, que exigia serviço, pensou ela, evitando o chute, mantendo-se abaixada e manobrando ao redor dele, puxando seu manto, como era sua diretriz.

Isso era para chamar a atenção deles e mantê-la, de modo que Chu pudesse se abaixar com aquele seu jeito totalmente silencioso, furtivo e incrivelmente atraente, e então ele pegaria de suas vestes o que quer que elas carregassem e iria embora antes mesmo que eles soubessem que ele estava lá.

—Um pedaço para um pobre que não come há uma semana— ela implorou.

Aquele que se dirigiu a ela parou, virou-se e desferiu um chute que ela deixou cair, soltando um ‘Oof’ surpreso e dolorido, pois o idiota tinha muita força.

—*Vá embora, vadia*— ele sibilou.

Ela se arrastou de volta em direção a ele, agarrando as bainhas de suas vestes, começando a cantar: —Um pedaço para um pobre, um pedaço para um pobre...

Mas ela mal conseguiu dizer isso antes que Chu arruinasse o plano deles, caindo silenciosamente do beiral, pegando o padre que a havia chutado pela cabeça e batendo-a violentamente contra a parede de pedra.

Ele caiu inconsciente nos paralelepípedos enquanto o outro começava a se agitar, dizendo: —O que foi?

Esse sacerdote não conseguiu dizer mais nada, pois sua cabeça foi batida contra a parede oposta e ele caiu, desmaiado, no chão.

Chu começou a vasculhar rapidamente as dobras das vestes do sacerdote enquanto Serena se levantava, correndo para fora do cobertor e apertando-o em uma bola, dizendo sem fôlego: —Isso foi útil, mas não é nosso plano, Chu.

Ele inclinou a cabeça para trás para olhá-la de cócoras, e ela viu seu rosto.

Portanto, ela ficou quieta.

Ele não encontrou nada de valor em um dos sacerdotes, mas levou sua bolsa, ela sabia, para que isso parecesse um roubo, e não o que era.

Ele então se dirigiu rapidamente ao outro sacerdote, revistou-o e ela o viu pegar algumas cartas amarradas com um cordão de prata.

Prata não era a cor de Go'Doan.

Era ouro.

Um frisson percorreu sua pele.

As cartas desapareceram na capa de Chu, junto com as bolsas de ambos os sacerdotes e, antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, ele segurou sua mão e a arrastou pelo beco.

Ela decidiu ficar quieta enquanto ele a puxava para fora daquele beco, para uma rua mais larga, para uma passagem mais estreita e, por fim, ele a empurrou para baixo do batente de uma porta sem iluminação.

—Talvez você queira me avisar se for mudar... ho!— Ela terminou em um grito quando ele empurrou para cima as saias do vestido Dellish esfarrapado que ela usava como disfarce.

—Silêncio— ele mordeu.

Ela não disse nada enquanto ele continuava a empurrar as saias para cima, suas ações não tinham a intenção de ser excitantes, e ele continuou empurrando, até mesmo o corpete solto do vestido grande demais, até que expôs o que queria expor.

Ele então se inclinou para o lado e estudou as costelas dela.

—Chu— ela sussurrou enquanto o que ele estava fazendo a invadia. —Estou bem— prometeu ela em voz baixa.

Ele se endireitou abruptamente enquanto abaixava as saias dela e captava seu olhar.

—Ele chutou você— disse ele.

—Estou bem— repetiu ela.

—Ele a chamou de vadia.

Deusa querida.

Ela se aproximou dele, sentindo-se desajeitada, sem entender o que seus instintos estavam dizendo e como seu corpo estava obedecendo.

Apenas sabendo em sua alma que estava certo.

Em seguida, ela colocou os dedos na lateral do pescoço dele e apertou, dizendo com firmeza: —Chu, estou bem.

Ele fez uma careta para ela.

—Não conseguiremos reunir as informações necessárias se você atacar todas as pessoas que poderiam me fazer mal— disse ela.

—Não houve nenhum 'poderiam' nisso, Serena, ele chutou você.

—Shh— ela sussurrou, acariciando a pele dele com o polegar. —Estou bem, meu Mestre.

Ele relaxou com isso.

—E você realmente não pode sair por aí esmagando cabeças de Go'Doan contra paredes— ela disse a ele. —Ou seremos descobertos em um piscar de olhos.

—Aqueles não eram Go'Doan.

Ela piscou os olhos.

—O quê?

—Aqueles não eram Go'Doan— ele repetiu. —Há fé nessa religião. Os conspiradores podem ter ganhado suas vestes, mas não são dessa religião, não importa o que digam. Um fanático não é santo, exceto no sentido de que perdeu totalmente o rumo.

—Você é irritante quando está sendo sábio— ela murmurou.

Ele sorriu para ela.

E algo se agitou em sua barriga.

Deusa do céu.

O que estava acontecendo com ela?

Então, ele pegou a mão dela novamente e eles estavam serpenteando pelas sombras com pés silenciosos até chegarem ao alojamento.

Ele abriu a porta e a puxou para dentro, trancando a porta atrás de si.

Ela jogou o cobertor de lado e foi direto para a lareira para atiçá-la, pois eles não estavam nem perto do Castelo Birchlire ou dos luxos que ele proporcionava, estava muito frio e a pedra precisava ser refeita, pois ela juraria que sentia o vento varrendo aquele lugar.

Graças a Deusa, Chu dormia praticamente em cima dela ou ela teria morrido congelada.

Ainda assim, ela estava exigindo que colocassem cobertores nas paredes para impedir a entrada de correntes de ar se tivessem que ficar aqui por muito mais tempo.

Ele tirou a capa e acendeu algumas lanternas. Ela tirou um pedaço de carne e um bolo de queijo da despensa.

Eles se sentaram à mesa frágil perto do fogo e fizeram isso lado a lado enquanto ele jogava as bolsas de moedas e as missivas sobre a mesa.

Ambos ignoraram as bolsas.

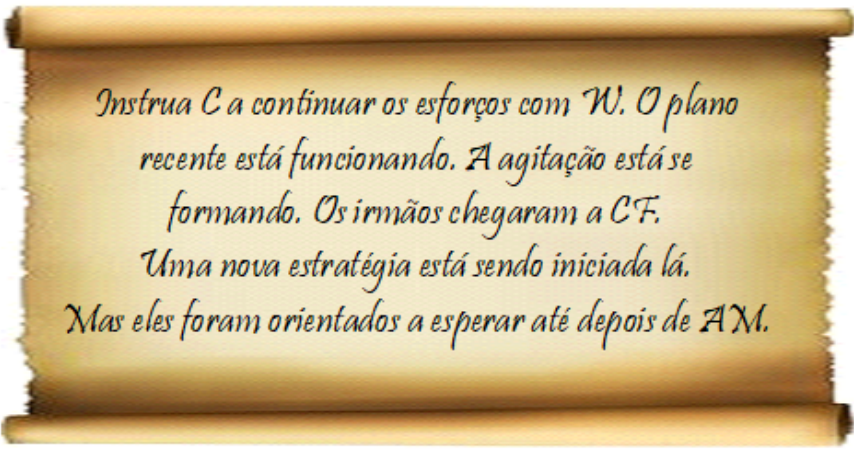
—Prata?— ela perguntou.

—A Ascensão?— ele perguntou em troca.

Ela deu de ombros, pois tudo o que eles haviam tirado dos sacerdotes que haviam atingido até então não havia dado em nada.

Chu pegou as cartas, desamarrou-as e eles viram que havia apenas duas.

Ele quebrou o lacre da primeira e, com as cabeças juntas, eles leram,



Instrua C a continuar os esforços com W. O plano recente está funcionando. A agitação está se formando. Os irmãos chegaram a CF. Uma nova estratégia está sendo iniciada lá. Mas eles foram orientados a esperar até depois de AM.

—C, Carrington. W, Wilmer— disse Serena. — CF, Cidade do Fogo? Não tenho ideia sobre MA.

Quando Chu não respondeu, ela voltou seu olhar para ele e o viu estudando-a.

—Você decifrou isso em apenas um segundo?— perguntou ele.

—Não é difícil— respondeu ela, sentindo um calor estranho em suas bochechas.

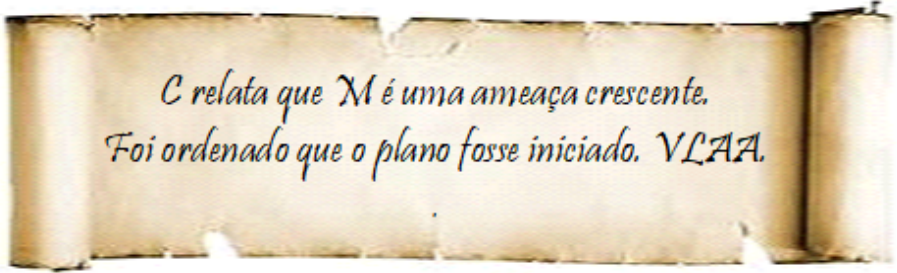
—Não, eu também teria decifrado, mas não em um segundo.

Ela não tinha ideia de como responder, então não o fez.

Ela desviou o olhar e pediu: —O próximo.

Chu deixou o primeiro de lado e quebrou o lacre do segundo, que era curto o suficiente para ser enviado por um pássaro.

Ele dizia,



*C relata que M é uma ameaça crescente.
Foi ordenado que o plano fosse iniciado. VLAA.*

—C, Carrington. M, Mercy. Vida longa à Ascensão— ela sussurrou.

—Foda-se— ele murmurou.

Ela olhou novamente para ele. —Mercy é uma ameaça?

Ele ainda estava estudando o bilhete. —Eu não sei.

—Como ela pode ser uma ameaça?— Serena perguntou, com os olhos voltando para a carta, até que sentiu os dele sobre ela e se voltou novamente para Chu.

—Pergunte à minha mãe.

Um calafrio desceu por sua espinha.

—As mulheres fora dos Encantamentos não são tão impotentes quanto você pensa, rato— ele murmurou. —Você não precisa balançar um cajado para defender seu ponto de vista.

Ele estava sendo sábio novamente.

E irritante.

Ela decidiu ignorar isso.

—Acho que isso prova que Carrington está trabalhando com a Ascensão.

—Acho que isso não prova nada para o Rei Wilmer. Ele está sob

um feitiço do qual muitos homens fracos são vítimas.

—Que feitiço é esse?

—Estupidez compulsiva.

Serena começou a rir.

Chu sorriu para ela enquanto o fazia.

Ela estendeu a mão para o queijo, pegou uma faca, cortou uma fatia e a entregou a Chu, antes de cortar sua própria fatia, murmurando: —Temos que descobrir o que AM significa. Esse é o plano. Mas precisamos relatar o que temos para True, Cassius e Mars, e você precisa enviar um pássaro para seu irmão na Cidade do Fogo. Isso não é apenas uma prova de que Carrington está envolvido. Prova que essa facção ascendente dos Go'Doan também está trabalhando em Wodell, e é lógico que eles têm agentes em Airen.

—Serena— ele chamou.

Ela comeu seu queijo e olhou para ele.

—Eu serei o mendigo de agora em diante.

Ah, não, ele não fez isso.

—Chu, eu posso levar um chute de um sacerdote Go'Doan.

—Eu serei o mendigo de agora em diante— ele repetiu.

—Quando você vai entender que estou bem?

—Eu sei que você está bem. Não me importo que você esteja bem. Nenhum homem chuta minha mulher.

Ela ficou quieta.

Ele não pareceu notar.

—Eu vou bancar o mendigo e vou ensiná-la a roubar bolsos. Você aprende rápido. Mas também encontraremos um disfarce melhor para você se eles sentirem seu trabalho e a notarem antes que você consiga fugir. Mas isso pode ser discutível, pois sabemos que pelo menos o padre com essas cartas faz parte da trama. Portanto, ele será nosso foco na esperança de descobrirmos o que AM significa.

Quando ela abriu a boca para protestar, ele continuou falando.

—Está decidido e não haverá discussão. Agora, você quer transar normalmente esta noite ou quer jogar?

Ela queria uma discussão.

Até que ele ofereceu uma alternativa.

—Você está me dando uma escolha?

—Eu estava, mas você a desperdiçou— disse ele, levantando-se, levando-a com ele, de modo que ela ficou presa à sua frente.

Lutando contra o material, ela enrolou as pernas ao redor dos quadris dele (malditas saias nesses vestidos, ela ficaria feliz em estar de volta em sua túnica), mas felizmente enrolou livremente os braços ao redor do pescoço dele.

—Foda normal— ele murmurou enquanto os acompanhava até o palete. —Está muito frio neste reino para jogar. Quero você tremendo, não se arrepiando.

Serena sorriu para ele.

Logo antes de cair de costas com Chu em cima dela.



Os Erros

Tedrey

Suíte de jogos particulares, Carmine Rooms, Distrito de Heden, Cidade do Fogo
FIRENZE

Tedrey se espreguiçou e observou, com uma visão lateral (a melhor que havia), enquanto o Faunus tomava Saturn de joelhos.

O pênis de Tedrey estava tão duro que chegava a doer, mas sempre que o convidavam para ir ao Carmine Rooms, tudo o que ele fazia era assistir.

Mais tarde, em seu quarto em casa, com seu gemido abafado por um travesseiro, ele se encarregaria disso.

Mas, por enquanto, tudo o que ele podia fazer era assistir.

Eles não decepcionaram quando Faunus estendeu a mão, agarrou o cabelo de Saturn e puxou sua cabeça para trás.

O olhar feroz no rosto de Faunus.

A expressão de dor e prazer no rosto de Saturn.

Tedrey se mexeu em suas almofadas.

Os olhos do Faunus se voltaram para ele.

Tedrey mordeu o lábio.

Faunus se retirou ao som do delicioso grunhido de Saturn e, em seguida, soltou seus cabelos para bater em sua bunda.

—Vá chupá-lo— ele ordenou.

Saturn virou a cabeça para Tedrey e sua expressão permaneceu faminta, mesmo quando ele sorriu.

—Não— disse Tedrey.

—Você está duro, eu posso ver— observou o Faunus, pegando os pés enquanto Saturn se arrastava de forma predatória em direção a Tedrey.

Ele gostava de ver Saturn se mover.

E, pelos deuses, o homem de pé era lindo.

Ele gostava particularmente dos pelos espalhados no peito.

Suas pernas longas e musculosas.

E de seu enorme pênis.

—Eu só quero observar— disse Tedrey.

—Você engoliu minha semente com bastante avidez há muitas semanas— observou Saturn ao se aproximar. Ele terminou, dizendo: —A única vez que você pegou no meu pênis.

Tarde demais, Tedrey começou a se afastar.

Saturn pegou seus tornozelos e arrastou Tedrey até ele.

—Não, sério, eu não estou pronto— protestou Tedrey.

Saturn manteve uma mão presa em um tornozelo e agarrou Tedrey com força entre as pernas.

Tedrey gemeu em uma agonia suntuosa.

E o sorriso estava de volta.

—Não está pronto?— perguntou ele.

Faunus se ajoelhou novamente entre as panturrilhas de Saturn e agarrou as nádegas de Saturn, amassando-as.

Saturn tinha nádegas incríveis e Faunus tinha dedos longos e fortes.

Tedrey engoliu.

—Você só quer assistir?— sussurrou Faunus.

Saturn arrastou Tedrey para mais perto, de modo que seu rosto estava pairando sobre a virilha de Tedrey.

Pelos deuses, esse movimento fez com que ele ficasse com as pernas bambas.

Ele começou a tremer.

Faunus deu uma palmada na bunda de Saturn, o grande corpo de Saturn se contraiu e ele gemeu.

—Você quer assistir?— ele continuou a sussurrar, com sua atenção voltada para Tedrey.

—S-sim.

O Faunus desferiu outro golpe.

—Foda-se, sim— Saturn grunhiu.

Faunus voltou a amassar, claramente com muito mais força agora, pois a cabeça de Saturn se arqueou para trás.

Faunus, então, estendeu a mão entre as pernas de Saturn e fez

algo que Tedrey não pôde ver, mas que fez com que as costas de Saturn se curvassem, seu peito mergulhasse em direção ao chão, seu pescoço se arqueasse ainda mais e seus olhos ficassem encapuzados.

Faunus, então, usou a mão livre para dar tapas repetidos e fortes nas nádegas de Saturn, os golpes estalando pela sala, atingindo as bolas de Tedrey e seu pênis, antes que Faunus parasse o que estava fazendo entre as pernas de Saturn. Ele segurou as bochechas de seu traseiro, abriu-o e, em seguida, enfiou seu pênis dentro dele.

Tedrey gemeu.

Faunus fodeu.

Saturn gemeu, enfiando o rosto na virilha de Tedrey e se enterrando.

—Quero estar dentro de você— grunhiu Faunus, e os olhos de Tedrey passaram do seu pênis dentro de Saturn para o rosto de Faunus.

Ele estava olhando para Tedrey.

Ele estava se referindo a *Tedrey*.

—Eu também quero— Saturn grunhiu.

—Estou marcado— admitiu Tedrey.

—Eu... não... me importo— respondeu Faunus, cada palavra vindo em um impulso para dentro.

—Eu também não— disse Saturn.

Faunus se retirou novamente, esticou o braço, agarrou um brinquedo de madeira liso que estava pronto e o deslizou para dentro de Saturn.

—Fique nu— Faunus rosnou para Tedrey, levantando-se.

Saturn se levantou e ficou de pé também.

Quando Tedrey não se mexeu, o Faunus inclinou a cabeça para o lado.

—Você pode nos levar, ou nós o levaremos— ele não chegou a sugerir. —A escolha é sua.

Tedrey olhou para o Faunus, seu grande corpo musculoso, seu enorme e belo eixo.

Em seguida, olhou para Saturn, seu corpo ainda mais musculoso, seu pênis fantástico.

Em seguida, olhou para Faunus.

—Quero que você me pegue— disse ele tão baixo que ficou preocupado que não o tivessem ouvido.

Faunus deu um sorriso de lobo.

Saturn simplesmente atacou.

No final, ele pegou os dois ao mesmo tempo, Saturn na frente e Faunus atrás.

Ele nem sequer pensou em suas marcas.

Nem uma única vez.

Engoliu o sêmen de Saturn pela garganta e, em seguida, Faunus o puxou para cima, ainda abocanhando sua bunda, mas fazendo isso com os braços amarrados em volta do peito de Tedrey, enquanto Saturn permanecia na frente, bombeando seu eixo.

De repente, Faunus assumiu o controle do pênis de Tedrey.

—Dê-me sua semente, Tedrey— Faunus rosnou em seu ouvido, acariciando com um punho apertado e fodendo com uma habilidade

de outro mundo.

Tedrey fez o que lhe foi pedido, seu mundo explodindo em um êxtase como ele nunca havia experimentado (nem de perto), enquanto ele jorrava em seu peito, sacudindo-se no controle de Faunus, a semente vindo, vindo e vindo mais um pouco. Finalmente diminuiu e ele pôde se concentrar nos golpes em sua bunda enquanto Saturn novamente assumia o controle e o ordenhava até secar.

Glorificando o gemido profundo que ressoou em seu ouvido, Tedrey aceitou a oferta do Faunus nem um minuto depois.

Quando terminaram, Saturn mexeu em seu mamilo, fazendo o corpo de Tedrey estremecer agradavelmente, antes de piscar para ele, pegar seus pés, soltar o brinquedo que estava dentro dele e ir até a porta, jogando-o em uma toalha.

Ele abriu a porta, assobiou e, quando o criado do saguão apareceu, ele pediu um lanche.

Em seguida, fechou a porta.

Mas, durante todo esse tempo, Tedrey não se moveu.

Pois o Faunus o mantinha empalado.

E Tedrey não queria se mexer.

Mas não apenas porque Faunus o mantinha empalado e, estando cheio desse homem, particularmente desse homem, ele não queria perder, mesmo que Tedrey não entendesse por que esse homem parecia tão certo.

Além disso, porque Faunus o segurava, e ele não queria perder isso, acima de tudo.

Provavelmente era por isso que ele se sentia tão bem.

—Eu tenho cicatrizes, você já as viu— disse Faunus baixinho em

seu ouvido.

—De batalhas, treinamento, atividades masculinas.

—O que isso importa?

Tedrey virou a cabeça para o lado.

Porque isso importava.

O Faunus o lambeu desde o ombro, passando pelos tendões do pescoço até embaixo da orelha, antes de sussurrar: —Eu estava certo. Você ficou lindo disparando diante de mim, comigo lá no fundo.

Tedrey estremeceu.

O Faunus cravou os dentes no pescoço de Tedrey antes de levantá-lo.

Quando Tedrey o perdeu, soube que ele estava certo, pois, de repente, sentiu-se profundamente desolado.

Ele não queria perdê-lo.

Nenhuma parte dele.

Ele foi tirado desses pensamentos quando Saturn jogou as toalhas molhadas para os dois antes de cair nas almofadas grandes, macias, fofas e coloridas e se esticar em um lounge.

Faunus limpou seu eixo com cuidado e se juntou a ele.

Tedrey foi mais furtivo (e minucioso) em sua limpeza e, quando deixou cair a toalha usada na cesta que estava lá para esse fim, ele os encontrou nas abundantes almofadas cobertas de seda que estavam espalhadas pelo chão.

Em seguida, rapidamente colocou uma peça de seda solta sobre os quadris.

Os dois homens notaram isso com os olhos, mas não disseram nada.

O vinho, o queijo, as amêndoas, as tâmaras e as azeitonas que Saturn pediu foram servidos prontamente, com o criado se retirando depois de fazer a entrega, e Tedrey voltou a se sentir desconfortável.

Nyx e Lorenz o haviam convencido a conhecer Faunus e Saturn, algo que ele fazia regularmente.

Mas ele sempre ficava apenas observando.

Então, quando eles descansavam após o clímax e conversavam entre si e com ele, ele se vestia e se despia.

Seu pênis precisava de atenção, mas ele se sentia distante, mesmo estando a poucos metros de distância.

Tedrey estava tão perdido em seus sentimentos de estranheza que foi preciso o Faunus empurrar sua panturrilha com um pé para chamar sua atenção.

—Você está aqui ou eu ainda estou na sua bunda?— perguntou ele.

Era uma piada, e Saturn deu uma risadinha, mas Tedrey viu que o rosto de Faunus estava sério.

—Eu posso comer uma boceta e fodê-la— Faunus anunciou a propósito de nada. —E eu gosto disso. Mas será um homem a quem darei minha corrente marital.

Tedrey sentiu suas entranhas se contraírem.

Faunus não tinha como saber que suas palavras causaram isso, mas, mesmo que soubesse, Tedrey tinha a sensação de que ele não teria parado de compartilhar.

E ele não parou.

—Aquele homem terá de entender que eu preciso de buceta de vez em quando, mas ele entenderá isso sabendo que é o dono do meu pênis.

Tedrey teve de apertar as pernas para que elas não tremessem visivelmente.

—Não sei por que você está compartilhando isso comigo— disse Tedrey em voz baixa.

Saturn fez um barulho baixo que era parte diversão, parte exasperação, então Tedrey olhou para ele.

—O quê?— perguntou ele.

—Uma mulher pegará minha corrente marcial sabendo que preciso que meu traseiro seja fodido. E eu precisarei de um rabo para foder— ele compartilhou. —Eu quero uma Nyx— sorriu ele. —Mas mais atrevida.

Tedrey não conseguia imaginar uma Nyx mais atrevida.

—Isso é só para você saber em que pé estamos— finalizou Saturn.

—Tudo bem— murmurou Tedrey.

—E ainda assim, não está entendendo nada, amigo— declarou Saturn.

Tedrey ficou confuso.

—Entendendo o quê?

Saturn balançou a cabeça e olhou para Faunus.

Tedrey também olhou para Faunus e quase recuou diante da expressão selvagem em seu rosto.

—Eu gosto de olhar para você, gosto de transar com você e gosto

de ver você gozar— ele murmurou.

—Estou, bem... contente?— Tedrey perguntou, como se o Faunus pudesse dizer como ele estava se sentindo.

—Ele não o chamou aqui porque gosta de uma plateia, Teddy— disse Saturn.

Teddy?

Saturn começou a rir, balançando a cabeça novamente e, através de ambos, disse: —Ele o convida para vir aqui porque quer transar com você desde que o conheceu e porque gosta de você, estúpido.

O olhar de Tedrey se voltou para o Faunus, que continuava com um ar selvagem.

Ou selvagemmente irritado.

—Você gosta de mim?— perguntou ele.

—Pelo amor de Deus— murmurou Saturn, ainda rindo.

—Eu gostaria de conhecê-lo, e não apenas a parte de você que gosta de me ver transando com Saturn— respondeu Faunus. —Embora agora eu saiba que gosto de transar com você, também gosto dessa parte. Dito isso, eu não me importaria de aprender mais para ver se gosto disso.

—Sou apenas um professor de escola— lembrou Tedrey.

—E daí?— perguntou o Faunus. —Basil é um Confiável e seu atual escolhido faz mosaicos. Suponho que sejam mosaicos atraentes, as pessoas pagam uma boa quantia em dinheiro por eles. Mas ele não é um guerreiro ou mesmo um professor.

—Mas ele tem um belo traseiro— murmurou Saturn.

Faunus olhou para o teto e disse: —Qualquer buraco, e todos os

buracos, é tudo o que meu irmão tem em mente.

—Isso é verdade.— Saturn ainda estava murmurando.

—Eu sou... bem, não é assim de onde eu venho— disse Tedrey a Faunus.

O Faunus baixou o queixo e fez uma careta para Tedrey. — Go'Doan?

—Wodell— Tedrey compartilhou.

—E assim, depois de semanas tentando conquistá-lo, mostrando-lhe minha habilidade com meu pênis, ele me dá um pedaço— resmungou Faunus. —Ele vem de Wodell.

Tedrey começou a sorrir.

—Você acha isso engraçado?— perguntou Faunus.

—Acho que você se sente melhor dentro de mim do que dentro dele— respondeu Tedrey.

Saturn deu um assobio.

O assobio foi lento, mas quando terminou, Faunus sorriu um sorriso que Tedrey sentiu apertar suas bolas.

Para evitar aquele sorriso, Tedrey olhou para Saturn. —Sem ofensa. Você aceita bem o pau.

Saturn sorriu enormemente para ele, pegando algumas amêndoas. —Não me ofendi, amigo. Mas só para você saber, você também gosta.

—Então, você escapou do dogmático Wodell— comentou Faunus, recuperando a atenção de Tedrey para que ele o visse pegando a garrafa de vinho para encher as taças. —E você viu o erro de seus caminhos com o Go'Doan.

Tedrey lhe lançou um olhar.

O Faunus sorriu para ele sem se arrepender, colocou a garrafa de lado, pegou sua taça de vinho e a levou aos lábios, mas, em vez de beber, perguntou: —O que mais você fez, Teddy?

Sua voz profunda envolvendo o novo apelido de Tedrey era quase mais bonita do que ouvir Nyx cantarolando de manhã.

—Fui para Go'Doan depois que meu pai me encontrou com um fazendeiro que não era tão bom quanto você com o pênis, mas tinha um corpo quase tão bom quanto o seu.

—Está tentando me deixar com ciúmes?— Faunus murmurou em sua taça de vinho, mas seus olhos ainda estavam em Tedrey.

—Então ele me espancou quase sem sentido e ordenou que eu fosse embora e nunca mais voltasse. E eu fiz o que ele mandou— concluiu Tedrey.

Ele percebeu seu erro instantaneamente, pois o Faunus de repente ficou tão imóvel que parecia feito de pedra, e Tedrey estava assustado demais para olhar para Saturn, pois sentia a opressão da sala e sabia que ele estava igual.

Nenhum deles se mexeu.

Nenhum deles falou,

Até que Saturn falou.

—Faunus— Saturn sussurrou quando Faunus parecia incapaz de romper o controle que sua emoção exercia sobre ele. —Faunus— disse Saturn mais alto.

A voz de Faunus era um sussurro sinistro quando ele disse: —Se eu fizer você meu, encontrarei seu pai e farei com que ele se arrependa dessa traição de sua carne.

Se eu fizer você meu.

—Eu o esqueci— Tedrey assegurou em uma mentira.

—Então por que esconde seu corpo de nós?— perguntou o Faunus.

—Minhas marcas— explicou Tedrey.

—Besteira— cuspiu o Faunus. —É a marca que seu pai fez em sua cabeça.— Ele se inclinou em direção a Tedrey, apenas ligeiramente, mas o movimento ainda tinha grande poder. —Eu apagarei essa marca, Teddy. Se eu for para você ou não. Se você for para mim, ou não. É isso que deixarei para você. Apagarei a marca que ele deixou em você e o deixarei livre para ser.

Tedrey descobriu que não estava respirando.

A voz do Faunus ficou baixa. —Mas veja isso agora, *bello*, se você se tornar meu, ele pagará. Não há nenhuma palavra que você possa dizer contra isso que eu possa ouvir. Será meu direito reivindicar essa vingança para você. E eu a reivindicarei, não se engane. Antes que isso continue entre nós, você precisa entender isso.

Tedrey ficou olhando para ele.

—Acene com a cabeça se você entende isso, Teddy— ele pediu, agora falando gentilmente.

Tedrey assentiu com a cabeça.

O Faunus se recostou, tomou um gole de seu vinho e pegou uma azeitona.

O feitiço que ele havia lançado sobre Tedrey foi quebrado, mas a mão de Tedrey estava tremendo quando ele tomou seu próprio gole de vinho.

O Faunus olhou para Saturn. —Quando eu me recuperar, Teddy

vai me chupar. Você quer minha boca em volta do seu pênis ou a sua em volta da dele?

— Começo com você e termino com ele— respondeu Saturn.

—Isso funciona— murmurou o Faunus, depois olhou para Tedrey. —Agora, Teddy, chegue mais perto, livre-se dessa maldita camisa de seda, descanse a cabeça em meu peito e conte-nos sobre as crianças de sua classe.

Com essa ordem, a mudança de assunto e a rápida mudança de humor, Tedrey não conseguiu evitar.

Ele começou a rir.

Ele não fazia isso desde...

Talvez.

Nunca mais.

Ele não tinha certeza se isso estava certo.

Do que ele tinha certeza...

A sensação era boa.



Faunus cavalgou ao lado dele durante todo o caminho de volta para a casa de Lorenz.

Ele também o acompanhou até os fundos da casa.

E desmontou quando Tedrey o fez.

Depois de entregarem as rédeas do cavalo de Tedrey ao cavalariaço

e prenderem a montaria de Faunus, Faunus acompanhou Tedrey até a porta dos fundos.

Lá, eles pararam.

—Amanhã iremos a uma taberna, mas não a uma no Heden. A que eu mais gosto na cidade. A mulher que cozinha lá é uma deusa. E ela vai gostar de você, mas não se sinta muito convencido. Ela é amigável. Ela gosta de todo mundo— disse o Faunus.

Tedrey balançou a cabeça e cruzou os braços sobre o peito, sorrindo para ele.

—Saturn não se juntará a nós— disse ele.

Tedrey parou de sorrir e mordeu o lábio.

Faunus ergueu a mão grande, deslizou-a ao longo do pescoço de Tedrey e segurou seu cabelo na parte de trás, em um aperto que Tedrey sentiu mexer com ele, mesmo que, depois da brincadeira que tiveram naquela noite, ele não achasse que tivesse vontade de mexer com ele.

—Vou avisá-lo, Teddy— disse ele depois de aproximar seu rosto do de Tedrey. —Estou atendendo a um chamado de meu capitão. Novos Go'Doan chegaram recentemente à cidade e eu faço parte de um esquadrão que deve vigiá-los 24 horas por dia. Se outro não puder cumprir seu dever, eu serei chamado para isso. Mas se isso acontecer e não pudermos ir àquela taberna amanhã, iremos na noite seguinte. E eu gostaria que você voltasse para minha casa comigo depois.

Mas Tedrey não estava mais ouvindo.

— Novos Go'Doan chegaram à cidade?— perguntou ele.

—Você está seguro na escola, caro— murmurou o Faunus. — Lorenz cuidou disso.

Ele não estava.

Não mais.

—Que Go'Doan chegaram à cidade? Você sabe os nomes?

O Faunus o estava observando atentamente.

—Sim— ele respondeu.

—G'Fenn?— perguntou Tedrey.

Faunus hesitou.

Tedrey colocou os dedos em volta da garganta de Faunus e exigiu:
—G'Fenn?

—Por que você pergunta por esse nome?

Era Fenn.

Ele estava lá porque G'Seph falhou, ou estava lá por Tedrey, ou por ambos.

Mas ele estava lá.

Tedrey se afastou, virou-se e entrou rapidamente na casa.

Ele sentiu o Faunus em seus calcanhares.

Eles estavam em uma câmara informal nos fundos, e Tedrey e Faunus foram ouvidos antes de chegarem.

Ele soube disso quando Nyx gritou: —Você se divertiu com os homens, *tesoro*?

Ele abriu a porta e os viu no divã. Lorenz, de calça amarela escura, de costas, Nyx aconchegada ao seu lado, e parecia que eles estavam lendo o mesmo livro apoiado na barriga lisa de Lorenz.

Os olhos de ambos se voltaram para ele.

—Bem, *allo*, *Faunus*— Nyx cumprimentou com um sorriso, levantando um braço.

Mas o olhar de Lorenz se dirigiu a Tedrey, mudou para o Faunus e depois voltou para Tedrey.

—O que aconteceu?— perguntou ele.

—Há um sacerdote chamado G'Fenn no templo?— Tedrey perguntou de forma concisa.

Lorenz olhou novamente para o Faunus e depois para Tedrey.

Mas ele não disse nada.

—Você não confia em mim— declarou Tedrey.

—*Amico*— murmurou Lorenz.

Tedrey ergueu o queixo e declarou: —Ele é da Ascensão. É uma facção secreta dos Go'Doan que a maioria dos sacerdotes não conhece. Mas ela é grande. É forte. Seus seguidores são devotos. E eles planejam desestabilizar todos os reinos, utilizando pessoas cuidadosamente posicionadas que detêm o poder local, ou tropas que eles doutrinaram para sua causa, para assumir o controle e forçar todos a aderir à sua religião.

Lentamente, Lorenz se curvou de modo que ficou sentado na lateral do divã, com os pés no chão e a esposa encostada em suas costas.

—E eu voltarei para eles— anunciou Tedrey.

O ar na sala ficou plano antes de se eletrificar.

—Este é seu amante— disse Lorenz em voz baixa.

—Era. Agora ele é apenas um general da Ascensão. Um general importante. E eu estive fora por muito tempo. Não sei quais são os planos deles depois que o ataque ao palácio foi frustrado. Mas ele confiará em mim. Então, eu posso descobrir. E quando eu descobrir, eu lhe direi.

O queixo de Lorenz se ergueu para trás.

—Isso não vai acontecer— rosnou o Faunus ao lado dele.

—Você é conhecido naquela escola por ter a proteção do capitão dos Confiáveis— apontou Lorenz.

—E quando ele me procurar, contarei a Fenn que fugi devido aos abusos do líder que ele obviamente substituiu. Eu tenho a prova da extensão desse abuso que ele pode ver com seus próprios olhos. E, acredite em mim, Fenn não gostará disso. Esse não é o jeito dele. Ele achará que sabe por que fui embora, pois conhece meus costumes. E ele não ficará surpreso por eu ter voltado correndo assim que soube que ele estava aqui. Ele também me terá de volta, eu sei disso. Por último, ele acreditará que estou de volta, pois eu estava tolamente apaixonado por ele.

Lorenz tirou a mão de sua esposa do ombro, apertou-a, virou a cabeça para beijá-la, tudo isso antes de retirá-la.

Então ele se levantou.

—Mais uma vez, sabe-se que você tem a proteção do capitão do Confiável— repetiu. —Você vive comigo, Tedrey.

—E, portanto, compartilharei com ele as informações que você deseja que eu compartilhe, assim como obterei dele as informações de que você precisará para derrubar a Ascensão.

As sobrancelhas de Lorenz se ergueram. —Um espião de duas vias?

—Ostensivamente— confirmou Tedrey. —Embora as informações fornecidas por você sejam falsas e acabem levando a uma armadilha.

Diante dessas palavras, Nyx saiu correndo do divã, dizendo: —De jeito nenhum. Não vou permitir essa loucura.

Tedrey não tirou os olhos de Lorenz.

Lorenz não tirou os olhos de Tedrey.

—Ele não tem treinamento em espionagem, meu capitão— disse Faunus.

Nyx correu para a frente do marido e colocou uma mão suplicante em seu peito até que ele baixou os olhos para ela. —Se ele for descoberto, o que eles farão?

—Eu não serei descoberto— disse Tedrey.

Seus longos, belos e escuros cabelos esvoaçaram enquanto ela lançava um olhar furioso na direção dele, sibilando: —Cale-se!— Ela voltou para o marido. —Você viu o que eles fizeram da última vez e ele não fez nada de errado naquela ocasião.

—Eu também vi, meu irmão— rosnou o Faunus para Lorenz.

—Eu vou embora, não preciso de sua permissão.— Tedrey escolheu Faunus para dizer essas palavras, pois ele nunca as diria a Nyx.

—Você não vai— devolveu Faunus.

—Eu vou— retrucou Tedrey.

Faunus ficou cara a cara com ele. —Você não vai.

Tedrey bateu o nariz com ele. —Eu vou.

—Não vou permitir isso— murmurou Faunus.

—Eu lhe dei meu traseiro esta noite, Faunus, não minha coleira.

Os olhos escuros de Faunus se arregalaram.

Isso era incrivelmente atraente.

Mas Tedrey não recuou.

—Oh, querido, você permitiu que o Faunus o possuísse?— Nyx murmurou. —Isso me deixa muito feliz. Eu estava tão preocupada que houvesse um bloqueio que você não pudesse contornar.

Tedrey tirou o rosto do Faunus para olhar para o teto e se perguntar por que compartilhava tanto com Nyx.

Ao mesmo tempo, ele sabia exatamente por que compartilhava com Nyx.

Porque ela ouvia.

Porque ela se importava.

E porque ele a amava.

—E, a propósito, você não estava enganando ninguém, gemendo no travesseiro— concluiu ela. —Por que acha que deixei aquele óleo ao lado de sua cama? Ninguém gosta de assaduras.

Deuses do céu.

—Você queria muito o meu pau— murmurou Faunus, e quando Tedrey olhou novamente para ele, ele estava parecendo arrogante.

Isso também era incrivelmente atraente.

—E eu o quero novamente. E quero conhecer você. E quero ir àquela taberna com você. Mas preciso corrigir os erros. E é isso que vou fazer, Faunus— prometeu ele.

—Tedrey— Lorenz chamou, e tanto um Faunus agora ofuscado quanto Tedrey olharam para ele. —Você não cometeu nenhum erro, amigo.

—Eu tratei minha Go'Ella de forma abismal. Participei de uma conspiração contra quatro reinos. E eu estava sob seus cuidados, recebendo sua bondade, e não sabia que haveria um ataque iminente que ocorreu e, quando ocorreu, tirou muitas vidas. Eu cometi erros, meu amigo, e preciso ter permissão para corrigi-los.

—Putaque pariu— mordeu o Faunus.

—Não, *amore*— Nyx sussurrou, olhando para o perfil de seu marido. —Não, *mio amore!*— ela gritou, sua voz se tornando frenética. —Ele pode se machucar e tem sua proteção.

Um músculo saltou na mandíbula de Lorenz.

—Nyx— Tedrey chamou.

Ela se virou para ele.

—Eu não pertenço a este lugar— ele lhe disse.

—Você pertence!— ela cuspiu.

—E não pertencerei até que faça o que é certo.

Ela fechou a boca e fechou os olhos com força, abaixando a cabeça.

Lorenz notou a capitulação da esposa e passou um braço ao redor dela, puxando-a para perto de si.

Ela se virou para ele e encostou a bochecha em seu peito.

—Saturn será o seu contato para a sua missão— decretou Lorenz.

—Ele não será, eu serei— declarou o Faunus.

Lorenz balançou a cabeça. —Você está perto demais.

—E Saturn não está?

—Você sabe que ele não está, irmão— disse Lorenz calmamente.
—Não do jeito que você está.

Agora era a mandíbula do Faunus onde um músculo trabalhava, antes que ele olhasse para Tedrey.

—Você vai transar com ele?

—Faunus— murmurou Tedrey.

—Você vai transar com ele.

—Ele espera que eu faça isso.

Com isso, o Faunus segurou sua garganta, puxou Tedrey para si e conquistou sua boca.

Foi o primeiro beijo verdadeiro deles.

Sua língua era tão assertiva quanto a maneira como ele usava o pênis.

Ele interrompeu o beijo e olhou para o rosto de Tedrey. —Se você o pegar, vai pensar em mim.

—Seria impossível não fazê-lo— murmurou Tedrey, atordoado.

—É melhor que seja, pois quando você voltar para mim... quando, Teddy— ele enfatizou, —e eu tenho a menor suspeita de que não tenha sido, eu estarei amarrando seu pênis e suas bolas e brincando com você por uma semana sem liberação.

—Bem, se o beijo não funcionou, o que aconteceu— ele garantiu rapidamente diante do brilho nos olhos de Faunus, —isso vai funcionar.

Faunus continuou a fazer cara feia para ele até que se curvou, mordeu o lábio inferior de Tedrey até sentir o gosto de sangue, puxou sua cabeça para o lado e mordeu seu pescoço com tanta força que Tedrey sabia que havia rompido a pele (e ele gostava das duas coisas), depois o soltou e se aproximou.

—Ele chama você de Teddy?— perguntou Nyx. —Oh, *mio piccolo buco*⁵⁹, muita coisa deve ter acontecido esta noite. Venha. Vou buscar vinho. Você deve compartilhar tudo.

—Não tenho mais certeza de que ele seja *il tuo buco, mia gazella*⁶⁰ — comentou Lorenz.

—Oh, merda— Nyx zombou, indo em direção a Tedrey. Ela parou diante dele, deu-lhe um leve tapa na bochecha e perguntou suavemente: —Você sempre será meu, não é mesmo, querido?

—Eu sempre serei seu, Nyx— respondeu ele, com a mesma suavidade. —Sempre.

Os olhos dela brilharam com a umidade, mas ela desviou o olhar rapidamente e se afastou da mesma forma, murmurando: —Vou buscar o vinho.

Tedrey se voltou para Lorenz.

Ele tinha os braços cruzados sobre o peito e os olhos fixos em Tedrey.

—Talvez eu ainda seja importante— Tedrey sussurrou e observou o belo rosto de Lorenz com delicadeza.

—Você já era, mas se você precisa disso para entender que é verdade, amigo, então você deve fazer isso— respondeu Lorenz.

—Você confia em mim?— perguntou Tedrey.

Sem hesitar, Lorenz respondeu: —Sim.

Tedrey apertou os lábios.

Essas pessoas haviam lhe dado muito desde que o salvaram da Ascensão.

Mas essa era a mais preciosa de todas.

—Prometa, em minha casa, olhando diretamente para mim, que se você se sentir em perigo, virá até mim imediatamente— exigiu Lorenz.

—Eu irei... amigo— concordou ele.

Tedrey então sorriu.

Com os olhos cheios de inquietação, Lorenz não sorriu de volta.

Em vez disso, ele murmurou: —Venha, tenho a sensação de que há muito que você deseja compartilhar comigo.

Tedrey foi até seu amigo.

Pois ele estava certo.



O Novo Conselheiro

Rainha Mercy

Solar da Rainha, Castelo Birchlire, Notting Thicket
WODELL

Mercy estava de pé na janela, olhando para baixo da grande altura de seu solar em Notting Thicket.

Ela havia viajado muito com o marido, mas Melisse estava certa há muitas semanas.

Sua cidade era a mais bonita de todas.

De longe.

O Grande Rio Wohd e o delicado Rio Fae se encontravam sob aquele mesmo castelo - uma grande ponte com torres que atravessava a junção - era o magnífico ponto focal de uma rica abundância de charme e até mesmo de capricho.

O amplo e majestoso castelo que se erguia em sua colina no centro da capital era o coração. Suas muitas torres e pináculos altos alcançavam os céus. Suas janelas em arco, pedras esculpidas, varandas arrojadas, entradas majestosas e elegantes fantasias, tudo isso subindo alto e se espalhando, era, por si só, algo saído de uma fantasia.

Depois, havia a cidade, com suas ruas de paralelepípedos, prédios

de pedra macia e telhados cobertos de musgo, espalhados por colinas suavemente onduladas ou abraçando as margens dos rios.

E, além disso, espalhando-se até onde a vista alcança, vastas florestas, agora em uma profusão de cores de outono, misturadas com campos de verde brilhante e cortadas pelos rios de fluxo calmo que atravessavam a cidade.

Era tudo isso, cada centímetro, não apenas Thicket, mas tudo isso - desde os penhascos no Mar de Seil ao norte, até a fronteira com Firenze ao sul, até as praias do Mar de Tritão a oeste, até a fronteira com Airen a leste - propriedade do rei. E tinha sido, por decreto real, depois que, séculos atrás, o bisavô de Wilmer lutou contra seus dois irmãos e dois primos na Guerra de Quinate.

E venceu.

Agora, seria do filho dela.

—Minha rainha.

Ela se virou ao ouvir a voz grave e viu Bram na porta com Wallace.

Os tenentes de seu filho eram todos quase tão bonitos quanto True.

Bram era alto, bastante musculoso e de cabelos escuros.

Wallace tinha cabelos loiros escuros, era mais baixo, mais corpulento, mas não tinha um rosto menos atraente.

Se ela pudesse ter escolhido a dedo os homens de seu filho, ela o teria feito.

True nunca permitiria isso.

No entanto, no final, isso não importava.

Ela teria escolhido os homens que ele tinha.

Na verdade, ela havia considerado essas mesmas escolhas como uma indicação de que não só ela o havia ensinado bem, como ele também havia *aprendido* bem.

Embora Wallace parecesse um pouco desarrumado no momento.

Mas, novamente, ele estava viajando.

—Venham— ela convidou.

Eles entraram e o olhar dela permaneceu fixo em Wallace enquanto o faziam.

Ele fez uma reverência ao chegar, endireitou-se e anunciou: —Fui à frente para compartilhar as notícias, para que vocês pudessem estar preparados. True, Farah e seu grupo estão a uma hora de distância de Thicket.

Seu coração saltou um pouco ao saber que seu filho estava perto.

—Obrigada, Wallace— respondeu ela, depois disse: —Agora, por favor, tenho certeza de que foi uma jornada árdua. Aproveite o tempo antes da chegada do príncipe para se refrescar, fazer uma refeição decente e descansar.

—Obrigado, Vossa Graça— ele murmurou, fez uma reverência e, depois de dar uma olhada em Bram, saiu.

Mercy olhou para Bram também, antes de se voltar para a janela.

—Cassius e Elena?— ela perguntou.

—Eles devem chegar no dia seguinte— respondeu Bram.

Excelente.

—Aramus e Ha-Lah?— continuou ela.

—Recebemos a notícia de que o navio deles se encontra com parte da armada de Aramus na foz do Grande Wohd. Eles devem navegar por ela e chegar aqui no máximo depois de amanhã. Junto com o Drakkar de Lunwyn, sua Princesa do Inverno e seus dragões.

Muito bom.

Ela estava ansiosa para conhecer o Drakkar e sua Princesa do Gelo. Ela já tinha ouvido falar muito deles.

Mais ainda, ela estava ansiosa para ver os dragões dele.

—Mars e Silence?— ela continuou.

—Eles estão em um evento que algumas crianças estão apresentando para eles hoje em uma escola.

Isso a surpreendeu, então ela virou a cabeça para olhar para Bram, que estava à sua direita, mas atrás dela.

—Uma apresentação infantil?

Os lábios de Bram se contraíram. —Ouvi dizer que eles têm estado ocupados na cidade nos últimos dias. A professora das crianças fez o convite. Silence aceitou. E o que Silence deseja, Mars providencia.

Aquele homem grande e temível parecia estar incrivelmente apaixonado pela sobrinha dela.

E eles estavam, de fato, ocupados.

Bram, no dia anterior, teve de pedir a Mars que parasse de encher de doações todos os museus e bibliotecas que visitavam. Aquele rei e sua rainha tinham até parado em um lugar que cuidava de cachorros vadios e lhes deu três moedas de ouro de sua própria bolsa, pelo amor dos deuses.

Ele estava ofuscando a doação que True havia feito ao hospital que cuidava dos soldados feridos de Wodell, e o apoio de True não

tinha sido nem um pouco insignificante.

—O rei Mars, sentado e vendo as crianças cantarem— murmurou ela, deixando transparecer algum divertimento em sua voz.

Bram não escondeu sua diversão. Ele sorriu amplamente.

—Eles são o assunto da cidade, ou serão, até que True e Farah cheguem.

True.

E Farah.

Ela voltou sua atenção novamente para a janela.

—Está tudo no lugar?— perguntou calmamente.

—Sim.

—Foi verificado?

—E verificado duas vezes, e três vezes, minha rainha. Demorei cerca de cinco minutos para convencer o secretário de Carrington. Ele detesta seu superior. Disse-me que há anos esperava que alguém descobrisse isso e perguntasse a respeito.

—Será que ele esperava tanto que alguém viesse a saber disso?— observou ela.

—E ser demitido ou coisa pior?— Bram perguntou, antes de explicar: —Como você sabe, o rei nunca deu indicações de que gostaria de ouvir uma palavra contra seu conselheiro.

Esse foi um bom argumento.

Mercy não insistiu no assunto.

Bram continuou: —Não há evidências de uma ligação com os

Go'Doan. Mas há um rastro sólido de desvio de dinheiro. É indiscutível. Ele vem roubando há dez anos.

—Os auditores reais?

—Eu mesmo dei uma olhada nos documentos, Vossa Graça. Eles não faziam ideia de que isso estava acontecendo. Todas as notas são assinadas pelo rei. Eles só podiam presumir que cada retirada era feita a pedido de seu monarca. Carrington poderia estar falsificando sua assinatura, e eu não sou especialista, mas dei uma olhada de perto e, se estiver, ele tem uma mão de falsificador habilidosa. Independentemente disso, elas são tão fiéis à marca do próprio rei que, se eu fosse um auditor, não questionaria, e não apenas porque não cabe a mim questionar o rei.

Mercy soltou um suspiro delicado.

Depois, ela assentiu.

—Em outras palavras, tudo está no lugar. Está na hora— disse ela.

—Sim— concordou Bram, e ela sentiu que ele estava se preparando para acompanhá-la.

Ela o interrompeu com: —Uma coisa.

—Sim, Vossa Graça.

Ela hesitou, olhando para a beleza de seu reino, as águas suaves do rio. As ruas sinuosas e o emaranhado de edifícios pitorescos. A agitação de carroças e carruagens, cavalos e tráfego de pedestres.

Tudo de seu filho.

Todos de Mercy.

E logo será...

Tudo *dela*.

—Você gosta dela?

—Desculpe?

Ela se voltou totalmente para o homem de seu filho.

—Você gosta dela?— ela repetiu.

Bram estudou o rosto de sua rainha.

Então ele disse: —Sim. Ela é engraçada e gentil. Ela também é inteligente. Seu luto pela mãe foi calmo e reflexivo, não dramático e em busca de atenção. No entanto, ela afirmou claramente que tem uma grande capacidade de amar—. Ele fez uma pausa antes de afirmar: —E ela o ama, Vossa Majestade. Está brotando, mas é verdadeiro. Ela o vê como se ele fosse todo o seu mundo e, de certa forma, com a perda da mãe, ele é. Mesmo assim, ela se doa de uma forma que não pode ser ignorada. Mesmo assim, ela dá de uma forma que não deseja receber. Ela o faz rir—. Outra pausa antes de ele concluir: —Ela é perfeita para ele, minha rainha.

—E meu filho?— ela sussurrou.

Ele lhe deu um pequeno sorriso. —Ele está perdido por ela desde Firenze.

—Ela o fará feliz.— Era uma afirmação que parecia uma pergunta.

—Ela o fará— confirmou Bram. —Mas, além disso, ela lhe dará paz.

Isso era o que ela precisava ouvir.

Portanto, ela assentiu com inteligência.

Era hora de seguir em frente.

—Vamos embora— decretou ela.

Foi Bram quem assentiu com a cabeça, deu um passo para o lado e permitiu que ela o precedesse.

Ela fez isso, embora ele tenha murmurado: —Ele está no escritório real, não no pessoal— quando ela passou por ele.

É claro que ele estava.

Estava fazendo uma declaração agora.

Ele era o rei.

E continuaria sendo rei.

Wilmer estava certo sobre isso.

Ele era rei e continuaria sendo rei.

Mas as coisas iam mudar.

Hoje.

Quando chegou à porta do escritório de seu marido, ela olhou para o tenente de seu filho, viu-o baixar o queixo, afastar-se e posicionar-se ao lado da porta.

Ele estava com a mão no punho da espada em seu cinto.

Ele não precisaria dela.

Ela não tinha ideia de qual seria a reação de seu marido, mas não seria de violência.

No entanto, ela sabia que o filho havia ordenado que o tenente protegesse a rainha, mesmo contra o rei.

Isso não ia chegar a esse ponto.

Mercy bateu à porta.

—Venha!— Wilmer chamou.

Ela girou a maçaneta e entrou.

Ele estava sentado atrás da escrivaninha, olhando para ela como se não soubesse o que era, quando ela entrou.

A cabeça dele se levantou, o rosto um pouco corcunda, mas ainda bonito, registrou surpresa, depois se suavizou.

Ela memorizou aquele olhar, mesmo que tenha se protegido contra sua demonstração de afeto evidente.

—Minha esposa— ele sussurrou quando ela parou em frente à sua mesa.

—Meu rei— ela respondeu.

—Mercy— disse ele, levantando-se. —Estou muito feliz por você ter me procurado.

—Fico feliz em ouvir isso.

—Esse distanciamento, meu amor...— Ele contornou a escrivaninha, aproximou-se dela, pegou as duas mãos dela quando chegou e as segurou com força. —Eu não gosto disso— concluiu gentilmente.

Ela também ficou feliz em ouvir isso.

No entanto, ela teve a sensação de que ele gostaria menos que ela não o procurasse para acabar com o rompimento entre eles.

Na verdade, o que ela estava prestes a fazer poderia muito bem afastá-los ainda mais.

Ou rompê-los completamente.

Foi uma pena.

Ela iria sofrer com isso.

Mas era inevitável.

—Você verá, com o tempo, assim como True, que também encontrará momentos em que precisará fazer manobras para proteger seu reinado, que essa é uma lição valiosa que Carrington e eu lhe ensinamos— declarou ele.

E uma lição valiosa estava prestes a ser aprendida.

Só que não era essa.

—Ouvi dizer que True e seu grupo estão a uma hora de distância. Você irá recebê-los nos portões do castelo comigo?— ela perguntou.

—É claro— ele murmurou.

—Preciso informar à equipe que ele está chegando. Eles estão preparados, mas quero que sejam apresentados à nova princesa quando chegarem— disse ela.

—Como você sabe, deixo esses assuntos com você. Simplesmente peça a alguém que me informe quando ele se aproximar ou venha você mesmo. Nós descaremos juntos.

—Vou providenciar isso. Nesse meio tempo, precisamos providenciar a prisão de Carrington sob a acusação de desvio de fundos, fraude e traição.

As mãos dele se retorceram nas dela antes que ele as soltasse como se estivessem em chamas e desse um passo para trás, com o rosto em estado de choque.

—O que é isso que você está dizendo?— ele sibilou.

—Carrington tem roubado o tesouro real nos últimos dez anos. Pequenas quantias no início, mas elas se tornaram maiores à medida que suas atividades avançavam sem questionamento ou investigação.

Até o momento, conseguimos descobrir que ele roubou doze milhões, setecentos e vinte e dois mil, quatrocentos e nove peças de ouro. O dobro disso em prata. E quantidades iguais em estanho e cobre. Não conseguimos rastrear para onde foram esses fundos, mas acreditamos que seja para Go'Doan, ou para esse levante que estava por trás do ataque ao Palácio Catrame em Firenze. Mais investigações são necessárias e foram ordenadas.

—Isso é uma piada?— ele cuspiu.

—Não é absolutamente nada— respondeu Mercy, em voz baixa e firme.

Os olhos dele se arregalaram ao ver a gravidade dela.

Em seguida, seu rosto se endureceu em teimosia.

—Não posso acreditar nisso— declarou ele e começou a se afastar dela.

—Você pode, e você vai. As provas serão apresentadas a você e, infelizmente, incluirão sua assinatura em cada comprovante de saque.

Wilmer ficou completamente imóvel.

—Você assina tudo o que ele coloca na sua frente— ela o lembrou. —Eu o avisei sobre isso. Você não deu atenção ao meu aviso. E assim, você... pessoalmente... assinou contra o tesouro real.— Ela fez uma pausa antes de terminar: —E você fez isso repetidamente.

Ele permaneceu imóvel, mas agora seu rosto estava pálido.

—Agora— disse ela, virando-se e movendo-se ao redor da mesa, —estamos em uma posição em que precisamos controlar os danos.

Ela parou ao lado da cadeira dele.

Ela a estudou.

Em seguida, respirou fundo antes de se posicionar em frente a ela.

E se sentou.

Olhando para ele da cadeira do rei, a única vez que ela havia se sentado ali, e provavelmente a única vez que se sentaria, ela continuou a falar.

—Felizmente, isso acontece em um momento em que nosso povo tem algo para comemorar e, portanto, tem algo para ocupar a mente. E eles terão mais. Também teremos, graças a Carrington— disse ela com certa ironia, —um tesouro cheio. Portanto, no dia seguinte, poderemos anunciar muitas notícias alegres que, acredito, abafarão o barulho de que o conselheiro-chefe do rei foi preso por roubo e traição e quaisquer outros rumores de descontentamento com essa nova taxa que foi aplicada.

Ela colocou as mãos sobre as saias em seu colo e se recostou.

—Pois no dia seguinte— começou ela com firmeza, —você, com seu filho ao seu lado, anunciará que descobriu a perfídia de seu conselheiro. No momento em que o fez, mandou prendê-lo imediatamente. Após o casamento, ele será julgado. Depois do julgamento, quando sua culpa for comprovada, ele será enforcado.

— Mercy— sussurrou Wilmer.

Ela o ignorou e continuou.

—Depois disso, você receberá a alegre notícia de que está nomeando seu filho, o Príncipe True, como seu novo conselheiro-chefe. Ele provou sua lealdade a você e a seu reino repetidamente em sua vida adulta. E fez o mesmo recentemente em Firenze, na mesa diplomática, negociando uma aliança com Firenze que significará o fim dos conflitos com nossos vizinhos do sul e a abertura de rotas comerciais nos mares, bem como o comércio direto com Mar-el, o que significará que os produtos Dellish chegarão aos portos deste

continente muito mais rapidamente e a outros no exterior que raramente conseguimos alcançar.

Seu marido havia perdido a palidez.

Ele agora estava com o rosto vermelho e parecia pronto para explodir.

Mercy ignorou isso também.

—E, por último, você declarará que o imposto recente será utilizado para ajudar as autoridades portuárias e os construtores de navios a lidar com um tráfego e uma clientela muito mais significativos, pois os mares foram abertos para Firenze e Airen também, embora sejam cobradas tarifas sobre suas importações. Isso, assim como você e seu novo conselheiro, estará aberto a solicitações de créditos de financiamento para pequenos comerciantes, fazendeiros e pastores que desejarem aumentar suas operações para suprir o que esperamos que seja uma demanda significativamente ampliada.

—Está tudo muito arrumado para você— ele ironizou.

—Na verdade, True deixou tudo muito arrumado para você— respondeu ela calmamente.

—Ele é novamente o herói, Mercy— apontou Willmer.

—Não lhe ocorreu perguntar, nem que seja um pouco, por que Carrington não a aconselhou a anunciar em alto e bom som os acordos que True fez na Cidade do Fogo?

—Eu não me perguntei— ele retrucou. —Eu perguntei. E concordei com Carrington que isso, assim como muitas outras coisas, tornaria True mais forte e eu mais fraco.

Mercy balançou a cabeça. —True não está separado de você, Wilmer. Ele é seu filho e herdeiro. Ele é parte de você e do seu reinado em um sentido muito literal. Foi Carrington que o fez

questionar isso. E ele não se importava com o fato de True parecer mais forte por causa dessas negociações. O que ele não podia permitir é que você parecesse mais forte por causa delas.

Depois de dizer isso, ela colocou as mãos sobre a mesa e falou para encerrar o assunto.

—Ele o comprometeu, e você permitiu isso. Todos nós, cada um de nós, precisamos entender nossas fraquezas para que possamos fortalecê-las. Você nunca, nem uma única vez, desde que o conheço, demonstrou interesse em governar sua terra. True também não gosta disso, mas ele entende que é sua responsabilidade e está em sua natureza assumi-la. Isso não está em sua natureza. Está em sua natureza delegá-la. Portanto, apareça na sala do trono para reunir os cavaleiros. Inspeção as tropas. Presida a arbitragem e anuncie as decisões, mas permita que True as decida. Faça o que é de sua natureza fazer, delegue, mas desta vez faça-o com sabedoria.

—Isso é basicamente tornar meu filho regente— observou ele.

—É tornar seu filho conselheiro. É preparar o caminho para tornar seu herdeiro, carne de sua carne, equipado com a experiência para ser rei. Você não desejava que ele fosse regente e não deseja governar. Você terá os dois. Você terá o que deseja. Tudo o que você quer. Mas, desta vez, com um reino forte que tem uma liderança forte. Como você pode protestar contra isso?

—E você investigou Carrington sem o meu consentimento?— ele exigiu. —Esse não é o seu lugar, Mercy. Com isso, você ultrapassou os limites a tal ponto que isso também poderia ser considerado traição.

Ela ficou imóvel, tamanha era sua afronta.

—É o rei quem decide seu conselheiro— ele cuspiu. —E é o rei que se senta naquela cadeira.— Ele bateu os nós dos dedos na escrivaninha e ordenou: —Levante-se.

Ela o encarou e não se moveu.

Ele se inclinou em sua direção. —Levante-se.

—Você tem duas opções— disse ela suavemente. —Podemos sair por aquela porta e instruir Sir Bram a encontrar Carrington e prendê-lo. Ou eu sairei por aquela porta e direcionarei Sir Bram para compartilhar que o rei assinou os comprovantes para o homem que roubou seu tesouro e, como tal, ele renuncia ao seu governo, mas é uma figura representativa. E o príncipe herdeiro, True, de Wodell, tornou-se regente. A escolha é sua. Faça-a agora.

A expressão dele era a definição de espantado.

—Chantagem?

—A escolha é sua, Wilmer, faça-a agora.

Sua incredulidade se dissipou, ele a encarou e disse: —Isso será o nosso fim, esposa.

Ela sentiu seu coração gaguejar, mas não desviou o olhar do dele.

—A escolha é sua, meu rei, faça-a agora.

—E ter isso pendurado sobre minha cabeça para que minha esposa e meu filho possam usá-lo à vontade e me manipular como um fantoche?

—Pelo menos seus novos mestres fantoches terão em mente o bem do povo de Wodell, e não, na melhor das hipóteses, a ganância e, na pior, o envolvimento em insurreição.

Ele se afastou em sinal de insulto.

—Você diz essas palavras para mim?— perguntou ele.

—Você mesmo disse que esse será o nosso fim, marido— ela o lembrou. —Não tenho mais o dever de esposa de controlar sua

delicada sensibilidade.

O temperamento de Wilmer ficou visivelmente irritado.

—Levante-se de minha cadeira e saia— ele exigiu com veemência.

—Essa é sua resposta?

—Diga às pessoas o que você quer— decretou ele, levantando as mãos. —Eu cometi um erro. Tenho muitas responsabilidades. Sou rei, mas também sou um homem. Erros são cometidos. Eles entenderão.

—Eles entenderão? Será que vão, Wilmer?— perguntou ela. — Com o conselho de Carrington, você os levou repetidamente à guerra contra uma força superior que não só terminou em derrota, mas também na morte de nossos filhos nativos. Você insensatamente assinou o contrato de doação do dinheiro suado deles. Você aceitou o conselho de um homem que pode estar em conluio com inimigos do Estado e tem feito isso há anos. Cada... única... coisa que Carrington o aconselhou a fazer foi com o objetivo de fazê-lo parecer fraco, hesitante e ganancioso. Sua intenção não é difícil de ler, apenas difícil de provar. Ele deseja desestabilizar seu trono e você permitiu. Então, diga-me, Wilmer, eles realmente entenderão?

Os olhos dele se estreitaram e seus lábios sussurraram: —Acho que odeio você.

O coração dela afundou.

Ela não deu nenhuma indicação disso.

—Qual é a sua escolha, meu rei?— ela insistiu.

Ele olhou para o lado, com os dentes cerrados.

Ele olhou de volta para ela, com nada além de frieza em seus olhos.

—Mande prendê-lo— ordenou.

—Deseja ver as provas?— ela ofereceu.

—Não me importo mais.

Mercy não ficou surpresa com isso.

Pois ele nunca se importava.

—Como quiser, meu rei— ela murmurou, levantando-se das mãos sobre a mesa e levantando-se da cadeira dele.

—Certo— ele murmurou mal-humorado.

Ela foi até a porta.

Ela também parou na porta e se virou.

Em voz baixa, ela disse: —Espero que em algum momento no futuro, seja ele distante ou próximo, você entenda que fiz isso porque o amo.

—Sério?— ele perguntou, sem ter se movido de sua posição em frente à escrivaninha, mas não parecia mais mal-humorado ou frio.

Ele a olhava com aversão.

E, de alguma forma, isso a feriu mais do que tudo.

— Realmente— ela sussurrou.

Ela então se virou, saiu de seu escritório, fechou a porta e olhou para Bram.

Ela então deu a ordem do rei.



As Boas-vindas

Rei Nocturno

Taberna e hospedaria Maiden's Breast, Dunlyn, Costa Norte
AIREN

—Oy, oy— disse o homem atrás do banco da recepção no momento em que eles passaram pela soleira da porta. — Mulheres para os fundos.

Tor olhou para Lahn, que estava estudando o homem com curiosidade.

Embora 'curiosidade' para Lahn parecesse ameaçador.

O homem era cego ou estúpido, porque ele apontou seu próximo diretamente para Lahn.

—E você, não queremos nenhum instigador. Se você não se mantiver na linha, pode voltar para Firenze, mas, antes disso, pode dar o fora daqui.

Depois que o estalajadeiro disse isso, Lahn virou lentamente a cabeça para Tor e ergueu as sobrancelhas.

—Eu disse, mulheres para os fundos!— gritou o homem, enquanto Cora e Circe se moviam para os lados de seus homens.

O olhar de Tor se voltou para a fortaleza e viu que, em segundos,

ele havia passado de hostil para perigosamente hostil.

Tor sentiu ainda mais o escárnio de sua esposa, cujo humor combinava com o dele.

Ele também sentiu a atenção vindo da direita deles, do lado oposto ao da recepção da estalagem.

Era ali que ficavam as mesas e o bar do pub.

Tor olhou naquela direção.

Sim.

Eles tinham a atenção de todo o bar.

Todos os clientes eram homens.

—Você pode mandá-las para os fundos ou pode almoçar em outro lugar— advertiu o homem.

Tor olhou novamente para o estalajadeiro. —Mandar quem para os fundos?

—O que há de errado com você?— perguntou o homem em resposta.

—Nada— respondeu Tor.

O guarda olhou para ele de cima a baixo e perguntou: —Você é Airenziano?

—Sou Valeriano— disse Tor, decidindo não dizer que era 'o' Valeriano, por ser o rei daquele país.

O homem se afastou, fazendo um 'oof' de surpresa.

—Longe para você— afirmou ele, algo que Tor não precisava lembrar, pois era a primeira vez que suas botas batiam em terra firme

desde que deixaram Korwahk semanas atrás.

—Sim— ele concordou desnecessariamente.

—Como você conseguiu passar por aqueles malditos piratas de Mar-el?— ele perguntou.

Tor não queria entrar em uma discussão com ele, então simplesmente disse: —Sorte.

—É melhor conhecer nossos caminhos, Valeriano— instruiu o homem. —Suas mulheres, se viajarem com você, entrarão pelos fundos. Elas vão direto para seus quartos. E ficam lá.

—Não.

Que merda.

Isso veio da Lahn.

O rosto do estalajadeiro ficou duro.

—Lahn, vamos para outro lugar— sugeriu Tor.

—Não importa para onde você vá, a menos que encontre um desses lugares de agitadores que o deixem entrar— aconselhou o estalajadeiro. —Temos nossas mulheres trancadas. Estamos sentindo os ventos frios soprando. Não vamos deixar que algum Nadirii coloque ideias em suas cabeças.

Enquanto todos processavam essas informações, a maioria das quais nenhum deles entendia, algumas das quais eles não queriam entender, o estalajadeiro e, ao que parece, alguns fregueses, ficaram impacientes.

Houve uma mudança.

Tor ficou alerta.

Lahn não se mexeu.

—É melhor ir embora, Valeriano, e tirar suas mulheres daqui, ou elas serão removidas e você também— advertiu o guardião.

—Se um homem tocar minha rainha, arrancarei seus braços do corpo dele— declarou Lahn.

Que droga.

A sensação da sala piorou.

Significativamente.

—Lahn— disse Tor.

—Vamos embora, querido— insistiu Circe em voz baixa.

Infelizmente, um dos clientes estava se posicionando para observar melhor o jogo ou para fazer algo a respeito.

E seu posicionamento o levou para mais perto de Circe, algo que ela notou.

—Se eu fosse você, eu me afastaria— aconselhou Circe.

—Se eu fosse você, manteria a porra da minha boca fechada— zombou o homem e, depois de olhar para ela de cima a baixo, concluiu estupidamente: —puta.

Um momento depois, seu rosto foi batido contra a parede e, em seguida, ele estava voando pela sala.

Não tropeçando.

Voando.

Puta que pariu.

Lahn.

Quando o ataque veio, com o resto dos clientes (e o estalajadeiro) atacando, Tor não sacou sua espada.

Ele manteve sua esposa perto dele e lutou com seus punhos.

Ele era capaz de lutar com os punhos.

Lahn era um monstro.

Os vinte e tantos fregueses (e o estalajadeiro) estavam espalhados pelo chão, alguns gemendo, todos sangrando, a maioria inconsciente em dez minutos.

Felizmente, não havia braços arrancados dos corpos.

Tor não podia dizer que não havia membros fraturados.

Tor e Cora, Lahn e Circe estavam entre a carnificina.

Cora estava olhando para Circe.

—Bem... que inferno— disse ela.

— Hum-hum— concordou Circe.

Tor estava olhando para Lahn.

—Isso não foi muito acolhedor— observou Lahn.

—Concordo— respondeu Tor.

—Talvez devêssemos voltar para o navio— sugeriu Cora.

Tor achou que não havia nada a fazer.

Eles saíram da pousada e seguiram pela rua pavimentada, todos os quatro concordando sem palavras em abandonar a ideia de escapar do navio e passar uma ou duas noites em terra antes de continuar a encontrar Frey e Apollo em Notting Thicket.

Tor ficou surpreso.

Ele nunca tinha estado em Airen e, embora a costa leste fosse uma maravilha de praias de areia preta de tirar o fôlego, a costa norte era feita de penhascos negros e escarpados que eram tão acolhedores quanto aquele estalajadeiro.

No entanto, a cidade portuária era uma verdadeira maravilha. Ele queria estudar as calçadas arrumadas das ruas, pois nunca tinha visto nada tão liso. E a arquitetura era austera, mas inegavelmente impressionante.

A cidade parecia moderna e era claramente avançada.

Seu povo não era.

—Acho que seria melhor se eu enviasse um homem para ter uma ou duas conversas e descobrir que diabos está acontecendo— disse Tor a Lahn enquanto voltavam para o cais. —Aparentemente, você parece ser Firenz e isso parece ser apenas um pouco melhor do que ser mulher.

—Esse é um bom plano— murmurou Lahn.

As pessoas olhavam para eles enquanto andavam pelas ruas e não era simplesmente porque Lahn era enorme e usava as roupas de couro nativas de Korwahk, exceto por uma camisa de couro de mangas compridas com um longo manto de lã amarelo-âmbar que ia até os calcanhares na parte de trás (normalmente, ele não usava camisa e definitivamente nenhum manto, pois raramente fazia frio em Korwahk).

Na viagem de volta ao galeão, Tor notou que havia muito mais homens nas ruas do que mulheres.

E as mulheres corriam, de cabeça baixa, e se no caminho se aproximavam de um homem na calçada, saíam do caminho do homem, e não o contrário.

Sua rainha também notou isso. Ele percebeu quando ela se aproximou a ponto de estar praticamente andando de lado. Ela se aconchegou tão perto dele que não o segurou mais pelo cotovelo, mas ele foi forçado a deslizar o braço protetoramente ao longo dos ombros dela.

—Não gosto daqui— murmurou ela.

—Eu também não, amor— respondeu Tor.

Eles chegaram ao navio e subiram o passadiço.

Bain, o homem de Lahn, foi o primeiro que viram.

—Reabastecem os suprimentos rapidamente. Partiremos pela manhã— ordenou ele.

—Pensei que íamos ficar alguns dias— disse Bain.

—Este não é um lugar para nós.

Bain observou o rosto de seu rei, depois olhou para os nós dos dedos rachados de Tor e, finalmente, para as expressões que as mulheres estavam usando.

Em seguida, ele se afastou rapidamente.

—Vou pegar um pano frio para a sua mão— anunciou Cora, apertou-o, ficou na ponta dos pés e beijou a mandíbula dele, e então se apressou em fazer isso.

Ela estava abalada.

Tor sentiu sua mandíbula endurecer, porque ele não gostava que sua Cora se sentisse abalada.

—Eu só vou descer. Não quero nem olhar para aquela cidade— declarou Circe, lançando um olhar para Lahn, que retribuiu com uma carranca, definitivamente um marido e uma esposa com a mesma

opinião, e ela seguiu Cora.

Tor se virou para a grade e ficou olhando para a cidade que parecia ter sido construída com a pedra negra que cobria a costa.

As estruturas podiam ser extraordinárias, mas a sensação geral era sombria.

Lahn se aproximou do seu lado esquerdo.

—Não tenho um bom pressentimento, meu amigo— disse Lahn.

—Eu também não— respondeu Tor.

Os dois reis estudaram a cidade pouco acolhedora.

Se essa era a primeira vez que conheciam Tritão, nenhum deles estava ansioso pelo que estava por vir.



O Animal de Estimação

O Padre

Campo de Rituais Antigos, Pequena Floresta de Thicket
WODELL

Finalmente, eles estavam de volta ao caminho certo.

Eles tinham os homens.

O novo recruta havia sido treinado.

Eles haviam retomado seus votos.

Eles tinham o sacrifício.

Tinham a lua no céu.

E esta noite, a Besta seria apaziguada.

Seu sacrifício estava fincado no chão e seu nêmesis, que também era, infelizmente, seu irmão na empreitada, estava abrindo as calças para usá-la quando o chão tremeu.

O padre sorriu.

Ele havia sido esquecido.

Tanto que o Besta nem esperou a oferenda para compartilhar sua

alegria por ter seu mestre de volta.

Seu sorriso começou a desaparecer quando o terremoto não parou e não foi igual aos anteriores. Ele não parecia sacudir as árvores, o que significa que podia ser sentido de mar a mar.

Foi apenas ali.

No Campo de Rituais.

Mais precisamente, bem onde eles estavam.

A terra úmida parecia estar se partindo ao redor deles.

Ele se preparou para correr, mas não conseguiu dar o primeiro passo quando gritou, os homens também emitiram gritos e grunhidos de surpresa, o sacrifício gritou (novamente), e todos começaram a cair.

Não afundando.

Caindo.

Mas através da terra.

Quando ele caiu, a terra estava em volta de seu corpo e rosto, de modo que ele não conseguia respirar por medo de ficar com os pulmões cheios de terra.

Ele tentou lutar contra isso, arranhando e arranhando a sujeira acima dele para parar de cair e começar a subir, mas isso só provou consumir a energia de que ele precisava para continuar prendendo a respiração.

O padre não sabia se era sorte ou não, quando parou de cair na terra e parecia estar caindo no ar.

Ele engoliu um fôlego enorme logo antes de aterrissar em uma pilha no chão duro.

—Esse aí não, pode ir— ele ouviu uma mulher dizer.

Levando a mão ao rosto, o padre limpou a sujeira.

E então congelou.

Pois eles estavam em uma câmara subterrânea que parecia ser feita de pedra, bem iluminada por uma abundância de tochas nas paredes.

E havia um homem de cabelos claros, ridiculamente atraente e ridiculamente bem constituído se aproximando de seu nêmesis, que havia aterrissado a cerca de dois metros do sacerdote.

Seu irmão na causa, mas também seu inimigo, começou a tentar se levantar.

Ele não conseguiu antes que seu corpo caísse no chão.

Sem sua cabeça.

Ela caiu no chão, onde o justo a jogou sem cerimônia.

O padre engoliu bile.

Pelos deuses.

Aquele homem havia arrancado uma cabeça de um corpo com suas próprias mãos.

O que estava acontecendo?

—Esse também não— disse a voz feminina novamente.

O sacerdote começou a se afastar enquanto o homem justo se aproximava de seu novo recruta, que estava correndo desajeitadamente, fazendo ruídos de terror.

O homem justo parecia não ter pressa, mas se movia com uma

rapidez assustadora.

O novo recruta estava de costas para o sacerdote quando aquele... não era um homem, só podia ser uma criatura, o agarrou, novamente pela cabeça.

Levantando-o pela cabeça.

Mas ele não a arrancou de seu corpo.

Ele a torceu de modo que o irmão ainda estivesse de costas para o sacerdote, mas um estalo horripilante soou, e a cabeça do recruta estava voltada para o sacerdote às suas costas, com os olhos ainda cheios de medo.

Mas agora sem vida.

—Ele não, ou ele— disse a voz feminina.

Ela estava indicando os dois últimos, e o padre tentou escapar quando, de repente, congelou novamente, pois o rosto da mulher estava a centímetros do seu.

—Acho que não— ela sussurrou.

—Pronto, pronto, querida— disse a mulher, aproximando-se da oferenda que começou a se encolher contra a parede de pedra quando recebeu a atenção da mulher. —Você está segura. Venha!— ela chamou, e a garota que eles teriam sacrificado naquela noite pulou. —Cuidem de nossa nova irmã.

O padre se afastou com cuidado, mas suas costas bateram na pedra e ele percebeu que estava preso, sem escapatória, enquanto um bando de mulheres saía de uma abertura na parede dessa estranha caverna.

E, Deuses do céu, algumas delas estavam vestindo os trajes de Go'Ella.

Começaram a tagarelar e a cantarolar sobre o sacrifício terrível enquanto a ajudavam a se levantar e a levavam de volta para onde tinham vindo.

—Agora, você— disse a mulher.

Deitado de costas para a pedra, ele olhou para a mulher.

O belo estava de pé atrás dela, mas bem ao lado.

Seu rosto era de pura beleza.

Sua expressão era de arrepiar.

Ambos estavam olhando para o sacerdote.

—Eu deveria me apresentar— disse ela, e ele olhou imediatamente de volta para ela. —Eu sou Marian. Senhora da Besta.

—Oh, meus deuses— ele suspirou.

—Sim— ela sorriu de forma atrevida, —Não imaginava que seria assim, não é?

—Você está... você... como...?— Ele não conseguia terminar e não conseguia decidir em quem se concentrar.

Nela.

Ou em sua Besta.

Não em sua Besta, não.

Nela.

—Agora, por onde devo começar?— ela começou, cruzando os braços sobre o peito amplo e se inclinando um pouco para trás, como se estivesse se preparando para contar uma longa história. —Sou natural de Wodell. Não vamos falar sobre meus primeiros anos. Eles

são miseráveis. Entrei em uma profissão que não me agradava, abrindo minhas pernas para os homens por algumas moedas. Não falaremos sobre isso, pois também é triste. Tomei a decisão terrivelmente estúpida de tentar escapar dessa vida tornando-me uma Go'Ella.

Ah, não.

De repente, ela jogou os braços para os lados e o sacerdote se assustou com o movimento abrupto.

—E agora aqui estou eu— declarou ela. Ela então levantou a mão e bateu na lateral do queixo com um dedo antes de acrescentar: —Ah, sim. E eu sou uma bruxa—. Ela indicou a criatura atrás dela com um movimento da mão. —Aparentemente, uma poderosa.

—Nós somos... esses homens que você acabou de matar, somos servos da Besta— ele compartilhou.

—Oh— ela sussurrou, com um brilho nos olhos que ele não gostou, —vocês servirão à Besta.

Depois de dizer isso, ela se virou, baixou o queixo e disse suavemente: —Você pode ficar com ele, *meu brutum*.

A criatura semelhante a um homem sorriu um sorriso enervante, voltou sua atenção para o sacerdote e começou a se mover em sua direção.

Ele se esquivou para o lado, ficou de joelhos e mãos postas em uma tentativa irracional de fuga, o que foi um grande erro.

Ele foi pego e estava na posição errada.

Ele não foi morto.

Suas vestes foram arrancadas dele.

E ele foi usado.

De forma brutal.

A criatura era muito alta, mas magra.

E seu membro era enorme.

E o sacerdote não estava preparado, nem foram tomadas precauções contra danos.

Mas, independentemente disso, isso não era algo que ele desejava.

De forma alguma, mas principalmente que isso acontecesse com ela observando.

No final, quando a criatura terminou com um rugido poderoso que parecia sacudir a pedra ao redor, caiu em cima dele por tanto tempo que ele pensou que sufocaria com o peso e depois se retirou, o sacerdote ficou nu de barriga para baixo na terra, usado, com dor e sentindo uma sensação de humilhação tão forte que, de repente, simplesmente o definiu.

Ele se encolheu em si mesmo, sentindo o gotejamento de sangue que saía de seu traseiro, uma dor tão intensa que ele se preocupou em nunca mais ser o mesmo ali.

Ele fechou os olhos com força, envolveu os braços em torno das panturrilhas e cerrou os dentes quando a sentiu se aproximar.

—Você não gostou disso?— ela provocou. —Ele é muito grande, admito. Levei algum tempo para me acostumar com aquele pênis enorme. Mas ele e eu gostamos do tempo que levou. Por outro lado, eu tenho lubrificação natural.— Ela fez uma pausa. —Ah, e eu estava disposta.

Ele não disse nada.

—Não é uma sensação boa, não é?— ela perguntou baixinho. — Quando não é algo que você quer. Quando é a última coisa que você

deseja que aconteça com você.

Ele permaneceu em silêncio.

—Ele me contou— ela continuou. —Meu querido precioso compartilhou muito desse tempo glorioso que passamos juntos, conhecendo um ao outro, ele me mostrando todos os seus muitos talentos especiais, eu compartilhando o que está acontecendo lá em cima, alguns planejamentos, algumas tramas, etc. E eu fiz as contas. Mais de seis mil e quinhentos.

Ele não tinha ideia do que ela estava falando.

—Mas esse foi apenas o número de mulheres que você e sua espécie estupraram e assassinaram ao longo dos séculos— disse ela.

Oh, Deus.

—Cada uma delas foi usada quatro vezes, bem, pelo menos em seu reinado de terror. Antes disso, foram cinco antes de serem aliviadas de sua dor... e de suas vidas. Isso é mais de trinta e duas mil vezes—. Ele a ouviu soltar um suspiro agudo antes de dizer em um tom muito menos coloquial. —Mais de trinta e dois mil estupros.

—É o ritual— ele sussurrou.

—É a selvageria— ela sibilou.

Ele precisava se concentrar.

Precisava encontrar sua magia.

Ele precisava lançar um feitiço. Qualquer feitiço. Alguma distração, para que ele pudesse se orientar e encontrar uma maneira de sair deste lugar.

Ele não tinha ideia se poderia se mover, mas o faria se isso significasse escapar.

—Decidimos esperar— disse ela. —Você tolamente notificou a todos lá em cima que ele havia despertado, irritando-o com seus 'rituais'. Eles devem pensar que essa profecia idiota foi cumprida e que isso os manterá seguros. Portanto, vamos esperar.

Ele a sentiu se aproximar mais dele antes de continuar a falar.

—Eu queria me vingar deles. Aquelas mulheres que você violou. Aquelas mulheres que você massacrou. Dar a ele o uso de sua carne tantas vezes quanto seu povo usou a carne deles. Mas não podemos esperar tanto tempo. Violá-lo trinta e duas mil vezes levaria anos. Pode levar séculos.

Ele soltou uma mão para começar a desenhar na terra, o início de um feitiço.

—Não seja estúpido— ela murmurou, e ele percebeu que ela estava se afastando dele. —Você acha que sua magia funciona aqui? Os seres aquáticos o prenderam e prenderam sua magia. Eu posso afundar em seu covil e posso subir à superfície e levá-lo comigo, ou as meninas, mas não sabemos como. Ele está impotente há milênios. Até eu.

—Nós só estávamos fazendo o que...

De repente, a mão dela se esgueirou e o pegou pela mandíbula.

Ela forçou o pescoço dele em uma torção dolorosa para que ele olhasse para ela.

Ela estava agachada atrás dele.

—Não faça isso— ela disse. —Não há desculpa para o que você fez. Não há palavras que você possa dizer. Você acha que foram esses rituais que o despertaram? Que maldito homem de sua parte. Eles não tiveram nada a ver com isso.

—O que teve?

Ela o empurrou e sua bochecha bateu na pedra.

—Era a hora. Ele acorda, ele dorme. Ele acorda, ele dorme. Só que ele dorme por mais de mil anos. E ele precisa de alguém, e esse alguém sou eu, para trazê-lo à superfície. Fizemos algumas incursões, apenas para que ele se familiarizasse com a terra e para que recrutássemos alguns ajudantes. Mas nossa base permanecerá aqui embaixo. Pelo menos por um tempo.

Com cuidado, ele começou a se afastar dela, mas quando os olhos dela se estreitaram, ele parou.

—Se você pode chegar à superfície, então eu tenho um grande poder lá em cima— ele a informou. —Tenho certeza de que posso subir também. Posso ajudá-la lá em cima. Eu conheço pessoas. E você sabe que eu conheço pessoas que servem a Besta. Eu tenho conexões...

—Oh não— ela murmurou, estendendo a mão novamente, e ele estremeceu, mas ela apenas acariciou seus cabelos. —Nós vamos ficar com você. Nosso bichinho de estimação. Quando não estiver servindo a ele, você servirá ao harém dele.— Ela inclinou a cabeça. —Você sabe cozinhar? A maioria delas é muito bonita, mas nenhuma delas sabe cozinhar.

—Não sei— ele limpou a garganta, —não sei cozinhar.

—Não tem problema.— O olhar dela desceu pelo corpo dele e um sorriso doentio curvou seus lábios. —Você tem outras utilidades.

—Eu quero sua boca— soou a voz profunda e aveludada da criatura.

Ele era como um serafim divino.

E, no entanto, era um monstro.

O sorriso permaneceu no lugar enquanto ela estudava o sacerdote. —Ele tem uma recuperação rápida. E ele pode vir, e vir, e vir.— Ela

revirou os olhos com exagero antes de se curvar sobre ele. —E espere até ver o que mais ele pode fazer quando não estiver preso a este submundo. Ele tem muito poder, um poder incrível. E não apenas com seu pênis.

—Você está desperdiçando um grande recurso— ele tentou. —Eu sou...

—Sim— ela se sentou sobre os calcanhares, —quem é você?

—G'Jell do Go'Doan.

—Não, você não é. Esse é o nome que lhe deram quando tiraram de você quem você era para que pudesse ser deles. Quem é você?

—Jellan de Airen— ele sussurrou um nome que não falava há décadas.

—E você é um grande feiticeiro?— perguntou ela.

—Sim, sim, eu sou. Tenho muito poder— ele lhe disse com fervor.

—Não.— Ela balançou a cabeça. —Não, você não tem. Você tinha. Mas, como aquelas meninas, todas aquelas muitas meninas ao longo dos séculos, você não tem mais nada, Jellan. Assim como elas foram pressionadas a ponto de desejarem morrer, você será pressionada da mesma forma. Só que seu tormento durará muito mais tempo.

Ela então se levantou, acenou para a Besta, foi em direção à abertura pela qual as outras mulheres desapareceram, e ele foi em direção a G'Jell.

Jell fugiu, mas foi pego pelo cabelo no topo da cabeça, puxado para cima de uma forma que causou uma dor excruciante no couro cabeludo e, em seguida, foi alimentado à força com pênis.

E assim, seu tormento continuou.



O Chifre Sagrado

Melisse

Fronteira noroeste do Véu dos Encantamentos
WODELL

Amordaçada, amarrada, com o ombro deslocado em algum ponto do caminho, sem ter bebido água ou comida por dias, Melisse foi jogada no chão a poucos metros do véu dos Encantamentos.

Havia vários homens nesse grupo.

Muitos deles.

Por Deus, como eles não perceberam tantos conspiradores de Go'Doan?

Ela estava tonta. Preocupada com o ferimento na cabeça, desidratada e faminta, muitas vezes viajando de barriga para baixo na garupa de um cavalo e, quando não estava, tinha sido isolada por um guarda.

Assim, ela não conseguia saber quantos eram.

Cem?

Dois?

—Estamos prontos?

—Sim, senhor.

—Tochas?

—Sim.

Tochas?

Eles achavam que iriam queimar os Encantamentos?

Achavam que conseguiriam rompê-los?

Não conseguiriam.

Nem mesmo com ela, pois ela não os abriria, mesmo sob ameaça de morte certa.

E eles poderiam ter amarrado suas mãos, sua boca e enfraquecido seu foco para que ela não pudesse lançar, mas não poderiam roubar sua magia.

—A última patrulha de Nadirii?

—Saiu desta área há seis horas.

—Elas devem estar bem longe agora. Envie a ordem. Homens em posição.

—Sim, senhor.

Melisse vasculhou a área o melhor que pôde de onde estava, com apenas uma luz fraca para enxergar, na esperança de observar, bem... qualquer coisa.

Ela não tinha visto Seph desde que ele a atraiu para aquele lugar.

Embora pensasse com frequência nas mãos dele.

Como ele havia perdido as mãos?

E se foi essa facção que as levou, por que ele ainda estava aliado a eles?

Ela não podia pensar nisso agora, nem deveria ter pensado naquela ocasião.

Ophelia sempre havia lhe dito para ter a curiosidade de um gato. Os gatos eram ágeis e flexíveis. Os arranhões dos quais eles podiam escapar eram enormes.

As pessoas não eram iguais.

Ela deveria ter dado ouvidos à sua rainha.

Ou pelo menos ter trazido reforços.

Ela também deveria ter ouvido Rebecca, que lhe disse que Fern do Grande Coven havia pressentido maus presságios para Melisse.

Ela estava tão concentrada na segurança da profetizada que não pensou em si mesma.

Ela também não conseguia pensar nisso.

Melisse tentou se concentrar em limpar sua mente para que pudesse empreender um feitiço para soltar suas amarras. Ou se comunicar com o véu para enviar um aviso, por mais fraco que fosse. Aqueles que estavam em casas nas árvores próximas a esse local e a patrulha, mesmo a seis horas de distância, poderiam sentir isso e vir em seu auxílio.

Mas...

O que eles achavam que poderiam conseguir?

Essa não era uma operação pequena.

Um, duzentos homens?

Em uma missão tola de violar os Encantamentos?

—Os homens estão em posição, senhor.

Droga, ela havia perdido o foco.

Ela fechou os olhos, buscou o véu.

E perdeu a concentração com o tom de voz do líder.

—Excelente— ele sussurrou, parecendo quase febril de expectativa.

Durante centenas de anos, os Encantamentos nunca haviam sido violado.

Por que ele parecia tão... *certo*?

Ela sentiu o movimento se aproximando e ignorou a dor no ombro ao se virar de costas para melhorar sua posição, de modo que pudesse colocar os calcanhares na grama e se afastar.

Ou dar um chute.

Mas ela parou quando o viu, o líder, um sacerdote que ela não conhecia antes de ser capturada.

Eles o chamavam de Nath, G'Nath, o que significava que seu nome de nascimento provavelmente era Nathan.

Ele era alto, provavelmente na metade de sua terceira década na Terra.

E, naquele momento, ele estava segurando um chifre de unicórnio.

Ele tinha um chifre sagrado.

Oh, pelas grandes deusas, como ele havia conseguido um chifre de

unicórnio sagrado?

Eles eram proibidos em todos os reinos!

—Solte-a, vamos precisar de sua dor— ordenou Nath.

Outro veio por trás dela, e ela girou a cabeça para um lado e para o outro, não acreditando que quisesse manter a mordança, mas agora ela tinha uma ideia do que eles estavam tramando.

É quase certo que ela não sobreviveria a isso.

Mas essa não era a única razão pela qual ela tinha que lutar contra isso.

Usando cada grama de força que lhe restava, ela se debateu, torcendo o corpo, chutando com os pés amarrados.

Outro homem teve que vir para ajudar, e mais outro.

—Controle-a, segure-a e tire a mordança!— gritou Nath.

Ela estava muito fraca, não podia lutar fisicamente contra eles.

Ela desistiu e fechou os olhos para tentar usar magia.

A mordança foi liberada.

Imediatamente, ela foi golpeada no rosto, com o punho fechado.

E mais uma vez.

Uma terceira vez.

Ela sacudiu a cabeça, piscando para afastar as estrelas, e acabou com os olhos abertos.

Ele estava acima dela, com um pé plantado de cada lado e o chifre levantado.

—Não— ela sussurrou.

Ele a abaixou em um golpe violento.

—NÃO!— ela gritou.

O chifre perfurou a carne e o esterno, atravessando-os.

A dor agonizante se espalhou pelo ferimento em toda a sua estrutura enquanto ela gritava sua angústia e faíscas brancas brilhantes misturadas com o tom ametista da magia de Melisse disparavam para o alto e para fora, iluminando toda a área ao redor, até o céu escuro.

—Sim!— G'Nath berrou.

Em meio à dor que se esvaía, Melisse ouviu gritos, urros e aplausos.

Ela virou a cabeça e sua agonia aumentou quando ela viu a fenda se formar no véu de onde estava. Suas bordas ardiam em brasa enquanto se erguiam da terra onde ela estava e se expandiam.

Para cima.

—Não— ela sussurrou.

Para fora.

—Não— ela respirou, com as pálpebras caídas em uma fraqueza tão profunda que ela sabia que não tinha esperança de combatê-la.

Para cima e para fora, ela observou um quadrado de aproximadamente dois metros do véu se abrir.

Depois, três.

Quatro.

Cinco.

Sete.

Não.

E então...

Melisse piscou ao ver o que estava além da barreira que se desintegrava.

—O que...?— G'Nath começou a se chocar.

A lacuna tinha três metros quadrados e estava se expandindo.

Mas além dela, Melisse viu claramente Ophelia sentada em seu cavalo.

Atrás dela, pelo menos cinco batalhões de guerreiras Nadirii.

Seus olhos se abriram e fecharam, os lábios de Melisse se curvaram no momento em que Ophelia soltou o grito dos Nadirii.

Ele foi ecoado por quinhentas irmãs Nadirii.

E o chamado da Irmandade rasgou o ar.

Era o som mais doce que ela já tinha ouvido.

E então eles cavalgaram.

Mesmo desfalecida, ela notou que, enquanto os Nadirii atacavam, avançando pela fenda até Wodell, pressionando os colaboradores Go'Doan para trás e se desorganizando diante desse ataque surpresa, os cascos dos cavalos de todas as irmãs voaram sobre ela, sem que nenhuma delas a atingisse.

Elas a sentiram.

Elas estavam sacrificando suas vidas por ela

Mas ela faria o mesmo.

Seu lar deveria ser defendido a todo custo.

A morte estava próxima, ela sabia enquanto seu sangue se infiltrava no solo, e tudo o que ela desejava era se arrastar alguns metros para morrer em seu amado lar.

Em vez disso, antes que pudesse começar seu último esforço nesta terra, ela se sentiu arrastada para mais longe da luta, mas para o lado dos Wodell.

Ela foi então levantada.

Colocada em uma maca.

Um homem ordenou de forma concisa: —Vá. Rápido.

Ela piscou para ele enquanto ele corria ao lado da maca.

Ela o conhecia.

—Por favor, eu desejo...— ela começou.

G'Liam do Go'Doan, seu Ministro da Educação, olhou para ela.

—Não fale. Poupe suas forças— ordenou ele. —Não tenho certeza se posso reparar os danos. Esse esforço será impossível se você não me ajudar.

Ela estava quase perdendo a consciência, portanto, não teria outra escolha a não ser 'ajudar'.

Ela também estava confusa.

—Você deseja reparar o...?

—Nem todos somos como eles e nem todos ignoramos suas intrigas. Por fim, há alguns de nós que não os temem, mas, em vez

disso, têm a intenção de fazer algo a respeito. Agora fique quieta. Tenho um centro cirúrgico improvisado à frente. Não é a melhor, mas terá de servir.

Melisse não teve escolha a não ser ficar quieta.

Ela havia desmaiado.



A Decodificação

Princesa Serena

Templo Go'Doan, lado leste, Notting Thicket
WODELL

Chu havia conseguido encontrar um disfarce mais adequado para Serena, mas, ainda assim, ela ficaria feliz em ver a parte de trás daquele vestido pesado com seu corpete apertado e saias intermináveis.

Esse pensamento estava apenas vagamente em sua mente.

Na maior parte do tempo, ela estava pensando nas notas que haviam sido roubadas.

Ela estava fazendo isso com as mãos no cabo de uma vassoura, com os cabelos presos e escondidos sob um lenço, não se saindo muito bem varrendo um salão em um templo Go'Doan.

Disfarçada, ela havia se aproximado dos sacerdotes, declarando seu desejo de se tornar uma Go'Ella.

Eles explicaram que, antes que ela pudesse ser iniciada na seita, teria de demonstrar sua fé em todos os três deuses e seu desejo de servir aos sacerdotes.

E você não saberia disso...

A maneira como eles esperavam que ela fizesse isso era varrendo o chão, polindo castiçais, limpando janelas e coisas do gênero.

Isso não era surpreendente.

Mas era irritante.

Embora tivesse que ser feito para que ela pudesse se aproximar o suficiente para ouvir.

Então foi feito.

Chu provavelmente havia se unido a uma parede em algum lugar, tamanha era sua capacidade de se tornar invisível.

Mas ele nunca estava longe.

Nunca.

E não porque não confiasse nela.

Também não porque tivesse uma missão que desejasse cumprir (ou não só por isso).

Mas porque o maldito homem tinha a intenção de protegê-la em todos os momentos - e de todas as formas possíveis.

Ela era uma Nadirii, maldita deusa, pelo amor de Deus.

Mas será que Chu a deixaria correr o risco e não se arriscaria, ou, em vez disso, dividiria seus esforços e procuraria outra pessoa para espionar?

Não.

Então ele estava lá.

Ela não podia vê-lo.

Felizmente, nenhum Go'Doan podia vê-lo também.

Mas ela sabia que ele estava lá.

Ela também sabia que achava essa tendência protetora cativante.

Ela não tinha ideia do motivo. Não fazia o menor sentido.

Mas ele a fazia se sentir como quando estava em casa, sozinha, ao lado de um riacho depois de nadar, e ela estava descansando ao sol.

Era uma noção romântica, e ela desejava odiar o fato de tê-la.

Ela simplesmente...

Não queria.

Isso estava apenas parcialmente em sua mente, pois também estava tentando ouvir, já que o sacerdote que eles haviam emboscado estava em uma câmara logo depois de onde ela estava varrendo.

Mas a maldita porta, sem mencionar as paredes, era muito grossa.

Ela não conseguia ouvir nada.

Ela suspeitava que o outro sacerdote que estava com ele naquela câmara, que era aquele com quem ele estava caminhando na noite em que os atacaram, também era da Ascensão.

Ela suspeitava disso porque, fora esses dois, o templo estava vazio.

Era o dia do casamento do Príncipe True.

Parecia que toda a cidade estava enfeitada com serpentinas, o ar cheirava há dias a bolos de folhas assando e a empolgação aumentava a cada dia com ocorrências extraordinárias, de modo que agora estava em um estado febril.

Primeiro, Mars e Silence chegaram à cidade com grande alarde e depois a tomaram de assalto, aparecendo com tanta frequência (para a

alegria dos cidadãos de Thicket) que parecia que eles tinham sido clonados.

E então, lá estavam sua irmã sangrenta e Cassius chegando com um desfile de guerreiras Nadirii atrás deles. O espetáculo de um contingente da irmandade Nadirii com sua princesa e o príncipe de Airen na liderança foi comentado como se a própria Grande Deusa tivesse liderado aquele desfile.

Isso sem mencionar Aramus e Ha-Lah que chegavam navegando pelo Grande Wohd com uma impressionante armada a reboque, sob um sol escurecido por um céu repleto de dragões.

Malditos *dragões*!

De onde eles tiraram os *dragões*?

A cidade estava agitada e permaneceu assim, o que não é de se surpreender, pois os dragões estavam se movimentando em uma elevação com pouca floresta ao norte da cidade e era possível vê-los de qualquer lugar da capital. Sem mencionar que um, ou dois, ou doze, frequentemente levantavam voo, aparentemente apenas para abrir as asas. E quando o faziam, não importava quem você era ou o que estava fazendo, eles eram dragões, eram magníficos, então você parava, olhava para os céus e observava.

Com admiração.

Todos faziam isso, exceto Serena e Chu.

Serena e Chu não conseguiam pensar em reis e rainhas, príncipes e princesas, casamentos reais e dragões.

Eles tinham uma missão.

E foi um grande choque, ao longo dessa jornada, chegar ao entendimento de que ambos tinham a mesma opinião sobre uma série de coisas.

Principalmente o fato de que, quando se tinha uma missão, mesmo que houvesse dragões à disposição, era preciso se concentrar nessa missão.

Portanto, eles não estavam com os foliões nas ruas. Eles também não correram para a rota do desfile para se misturar com as multidões que se alinhavam nela a fim de vislumbrar a procissão do casamento. Tampouco reservaram sua mesa em um pub para um banquete de casamento seguido de uma fatia de bolo de folhas e brilhos. Além disso, eles não tinham ido até a elevação para ver se podiam ver os dragões de perto (como muitos outros tinham feito).

Elas estavam trabalhando.

E Serena se perguntou por que havia passado tanto tempo lutando contra Trajan de Airen.

Ela deveria ter encontrado um disfarce, se infiltrado na Cidadela do Céu e espionado o bastardo.

Depois brincado com a mente dele.

Teria sido muito mais divertido.

A menos, é claro, que para fazer isso ela tivesse que fazer a varredura.

Enquanto debatia se deveria ou não usar sua magia para ouvir o que estava acontecendo na câmara do além, naquele momento, seus pensamentos estavam voltados principalmente para algo que a incomodava há dias.

Aquelas anotações.

E a menção de AM.

O que era AM?

Ela varreu, tentou escutar e repassou em sua cabeça aquelas

missivas, que ela já havia lido tantas vezes que as havia memorizado.

AM.

Mas eles foram orientados a esperar até depois do AM.

C relata que AM é uma ameaça crescente. Foi ordenado o plano fosse iniciado. VLAA.

M, era Mercy, eles tinham certeza disso. *Depois de AM* tinha que ser um evento. Ou uma ação. Ou...

O plano deles, qualquer que fosse, havia começado.

Se M era Mercy...

A notícia a atingiu como um raio e ela se levantou, deixando cair a vassoura.

—Zsst, zsst— sibilou ela, movendo-se rapidamente pelo corredor.

Chu não se materializou.

—Zsst, zsst!— ela gritou.

Maldição, ele estava sempre perto dela e precisava...

—Ssst!— ela ouviu e o viu (ou parte dele) escondido em um batente de porta a uns três metros de distância.

Ela correu para lá.

—Temos que ir— ela sussurrou com urgência.

—Você ouviu alguma coisa?

—Eu decifrei— disse ela.

Ele sabia a que ela estava se referindo, pois ordenou imediatamente: —Fale.

—Se M é Mercy, então AM é...

Foi então que ele também percebeu.

—Assassinar Mercy— ele sussurrou em um tom terrível.

Eles se olharam fixamente nos olhos.

Chu então assumiu o comando.

—Você, para Birchlire, avise-os. Eu vou trabalhar com os sacerdotes.

Sem uma palavra de protesto, Serena assentiu.

E sem pensar em quem poderia ver, ela arrancou o maldito lenço da cabeça e saiu correndo do templo, com os cabelos cor de cobre voando.



O Casamento Real

Príncipe True

Aposentos do Príncipe Herdeiro, torre oeste, Castelo Birchlire, Notting Thicket

WODELL

—Sua mãe— murmurou Luther.

True se virou do espelho oval de corpo inteiro onde estava se inspecionando em seu vestido verde, com o qual se casaria, em direção às portas duplas de seu quarto, onde Luther estava.

Ele acenou com a cabeça.

Luther olhou por cima do ombro e acenou com a cabeça para Wallace, que estava na sala de estar.

Luther então desapareceu, e a mãe de True entrou.

Ela estava vestida para a cerimônia com um vestido cor de castanho-avermelhado que era sutilmente extravagante. A parte de cima era feita inteiramente de uma renda delicada com um decote em V discreto e costurada minimamente com algo que brilhava. As saias eram de metros e metros de cetim brilhante.

Seu cabelo, da cor que ela lhe dera (embora o dela estivesse começando a ficar prateado), era uma maravilha de redemoinhos e

cachos, com o cabelo preso na nuca.

Ela estava usando um dos muitos conjuntos de joias reais. Estas, seu âmbar e esmeraldas cercadas por diamantes. Um grande âmbar redondo em seu lóbulo caía em uma lágrima ainda maior de uma esmeralda. O mesmo em uma curva adornando seu pescoço.

E o mesmo em uma tiara enfiada em seu cabelo.

Não era a primeira vez que ele pensava isso, e provavelmente não seria a última, mas sua mãe era uma mulher bonita.

Ele e ela não tinham passado muito tempo juntos desde seu retorno.

Ele estava ocupado com seu pai, ou melhor, com os negócios de seu reino, pois seu pai apenas se sentava petulantemente e observava enquanto True se esforçava em reuniões com auditores, ministros e líderes de guildas, falando sobre tudo, desde orçamentos até programas escolares, passando pela definição de um rendimento mínimo (algo que, até então, seu pai - ou seja, Carrington - se recusava terminantemente a fazer) e a criação de uma faculdade para treinar marinheiros.

Quando não estava nessa busca, ele se reunia com Mars, Cassius e Aramus, bem como com Frey e Apollo, para colocar em dia o que havia acontecido desde que se separaram, o que havia sido aprendido, o que não havia, e discutir o que estava por vir.

Em seus raros momentos de folga, ele não encontrava Farah com frequência, pois ela estava na cidade com as mulheres ou em seus próprios compromissos com a mãe dele para conhecer a equipe do castelo, aprender como ele era administrado, revisar os planos do casamento em detalhes e aprender como ser uma princesa de Wodell.

Eles tiveram alguns momentos, a maior parte deles de passagem, e alguns deles foram passados em sussurros mínimos, mas a maior parte

foi passada em abraços máximos.

Eles conseguiram jantar juntos apenas uma vez, um evento pomposo realizado na noite anterior com a presença de quinhentos convidados.

Ele não ficou surpreso ao saber que Farah tinha sido espetacular na corte. A calma natural dela e a capacidade de ver humor em uma variedade de situações haviam sido transferidas para ele e algo que ele detestava - uma recepção real oficial - era algo que ele aprendeu a apreciar.

Independentemente disso, ele achou os últimos dias excepcionalmente frustrantes.

Ela estava no mesmo maldito prédio que ele, mas esse prédio tinha mais de seiscentos quartos, e os aposentos dela ficavam em uma torre a leste.

Ela tinha uma vista incrível da ponte sobre os rios.

Mas ela estava o mais longe possível dele.

Ele sentia falta dela.

E ficaria feliz quando esse dia terminasse.

Por uma série de razões.

Uma delas é que, enquanto eles estavam se casando, os criados a levariam para os malditos aposentos dele.

—Acabei de chegar de sua noiva— anunciou Mercy.

Oh, droga.

—Mãe...

—Ela é uma visão— declarou ela com inteligência. —A criatura

mais linda que eu já vi.

True piscou os olhos.

Lentamente.

—Bem— ele começou com cuidado, —obrigado por providenciar isso. Tenho certeza de que o vestido é...

—O vestido é divino, mas não se compara ao de quem o veste.

Ele a encarou com surpresa.

—Fiquei preocupada quando ela exigiu que os gnomos das Portas fizessem seu cabelo, mas não deveria ter ficado. Ela sabe o que lhe cai bem.

Ele não ficou surpreso com o fato de Farah ter feito essa exigência.

Ela havia concedido uma grande honra àqueles encantados.

No entanto, não foi por isso que ela fez isso.

Sim.

Ela seria a rainha perfeita.

—Como ela está, além de deslumbrante, o que ela sempre é?— ele perguntou.

—Nervosa como um coelho.

Droga.

—Mãe...

Ela acenou com a mão na frente do rosto. —Elena, Silence e Ha-Lah estão com ela. Depois que a sugestão de Elena de que ela fizesse algo chamado 'meditar' não funcionou, elas lhe ofereceram vinho.

Suas sobranceiras se ergueram. —Então minha noiva vai estar embriagada em nossa cerimônia de casamento?

—Não tenha medo. A Rainha Ha-Lah tem uma cabeça sobre os ombros. Tenho plena fé de que ela impedirá as coisas antes que saiam do controle— assegurou.

Ela se moveu de onde havia parado dentro da sala, indo até ele.

Quando chegou, ela levantou a mão para tirar os fiapos inexistentes da manga dele.

Ela também falou.

—Embora aquela tenente de Elena, creio que seu nome é Jasmine, estivesse lá, isso foi uma preocupação, pois há algo errado com aquela garota. Mas Elena a mandou procurar seu lugar no santuário, portanto, isso também não deve ser um problema.

É claro que ela pensaria que Jasmine não estava bem.

Jasmine conhecia o dever.

Mas, uma vez cumprido, ela dedicava sua vida à diversão.

Mercy passou o dedo sobre as fitas no peito dele enquanto observava.

—Então, tudo está bem— observou ele.

Ela deixou a mão cair e a juntou com a outra à sua frente, erguendo os olhos para os dele.

—Tudo está bem, meu filho.

—Você e o pai...

Ela balançou a cabeça. —Não vamos falar sobre essas coisas em um dia alegre.

Ela achava que esse era um dia alegre?

Ele a estudou.

Pelos deuses, ela realmente achava que aquele era um dia alegre.

—Você e Farah ...— ele começou.

—Tomei a decisão, depois de alguns bons conselhos de uma mulher muito sábia e de palavras de apoio à sua futura princesa vindas de seu próprio homem, de abrir meu coração e ver o que acontece. E, para que você saiba, eu agradei a ela pelo caramelo.

Ela agradeceu a Farah pelo caramelo.

Assim, ela tinha alguma noção do que entraria em seu coração.

Sua mãe estava fazendo um esforço.

Um esforço gigantesco.

Por ele.

Como sempre.

Ele não tinha uma mãe calorosa e afetuosa.

Mas, com certeza, tinha uma mãe dedicada e amorosa.

Ele soltou as mãos dela, segurando-as com as suas.

—Mãe...

—Agora, você deve começar a seguir seu caminho. Há muito movimento na cidade. A guarda da capital cercou as ruas e está mantendo a rota do desfile aberta, mas você precisará dar ao seu povo bastante tempo para ver o príncipe a caminho do casamento, portanto, a viagem será lenta.

—Você vai me deixar terminar uma frase?— perguntou ele.

—Não— respondeu ela, apertando as mãos dele antes de se afastar e ir em direção à porta. —Estou indo embora agora. Vou encontrar seu pai em nossa carruagem— disse ela ao sair.

Ela se virou na porta, sacudindo habilmente suas saias volumosas para trás quando o fez.

—Majestade está selado e coberto e esperando por você quando estiver pronto— declarou ela.

—Obrigada, mamãe.

—Não fui eu quem o selou, foi o cavalariaço real.

—Não— disse ele, com a voz pesada. —Obrigado, mamãe.

Ela inclinou a cabeça para o lado e, em resposta a isso, estranhamente disse: —Seu pai queria chamá-lo de Frederick. Você sabia disso?

—Eu não sabia— respondeu ele calmamente.

Em seguida, ele se preparou quando a voz dela se igualou à dele e um fio de ouro derretido passou por ela quando ela falou a seguir.

—Mas era como se eu fosse uma vidente— ela sussurrou. —Discutimos isso por dias e dias. Ele bateu o pé, mas eu fui inflexível. Eu sabia como você deveria ser chamado. E, no final, eu estava certa. Você se tornou tão bonito.

Ele a encarou, com a garganta apertada.

—E verdadeiro— concluiu ela, seu tom agora era uma dor de orgulho.

Então, com mais um movimento de saia, com a cabeça erguida, a amada mãe de True saiu da sala.



O povo de Wodell

Caminho do cortejo do Casamento Real, Notting Thicket
WODELL

Primeiro veio a guarda marcial.

Todos vestidos de verde.

Seus chapéus com penas longas e esvoaçantes enroladas nas abas largas foram colocados em suas cabeças.

As espadas estavam desembainhadas e, sob o comando de seu capitão, eles as erguiam bem alto ou, sob outro comando, as colocavam sobre os ombros.

Dessa forma, eles marchavam em linhas precisas, dez transversais, cinquenta fileiras.

Eles eram seguidos pelos tambores militares.

Dez de largura.

Cinco linhas.

Em seguida, veio a guarda montada, com as garupas de seus cavalos vestidas com cobertores feitos com a bandeira dos Dellish, um mar de verde no meio do qual havia uma bolota, a noz marrom, o caule amarelo, a cúpula uma colcha de retalhos de vermelhos, laranjas e caramelo.

Essa delegação foi seguida pelos gaiteiros.

Dez de largura.

Cinco linhas.

Depois dos gaiteiros, veio a carruagem do rei.

Aberta, enfeitada em prata de lei Dellish com uma brilhante laca verde-floresta, as portas da carruagem denotavam o estandarte real da linhagem Wodell. Um escudo cortado em quatro partes, com uma bolota no canto superior esquerdo, uma folha de carvalho embaixo, uma árvore em plena floração no canto superior direito e uma árvore estéril embaixo.

Todos notaram que o vestido e as joias da rainha eram resplandcentes, assim como seu rosto e seu cabelo. Ela parecia imponente, mas sofisticada, e a maioria sentiu muito orgulho ao vê-la acenando regamente para a multidão de seu assento.

O rei usava o traje verde das forças armadas dos Dellish com um chapéu que tinha uma pluma impressionante.

E alguns notaram que ele usava esse uniforme mesmo que nunca tivesse visto uma única batalha.

Na maioria das vezes, porém, eles não prestavam atenção nele, apenas em sua esposa.

E então esticaram o pescoço para ver o que viria a seguir.

Foi quando a multidão se animou e os aplausos entusiasmados começaram a aumentar de constantes...

Para frenética.

Ele estava se aproximando.

E ela também.

Pois depois do rei havia um desfile de porta-bandeiras marchando.

Dez de um lado a outro.

Quatro fileiras.

A primeira fila era a bandeira da bolota, a segunda da folha, a terceira da árvore em flor e a última do esqueleto.

E depois disso, os tenentes escolhidos pelo Príncipe True, Sir Alfie na liderança, seguido por Sir Bram e Sir Luther lado a lado, e depois Sir Florian e Sir Wallace.

Foi então que os aplausos se tornaram ensurdecedores.

Atrás deles, montado em sua estimada carga castanha, Majestade, com a garupa do cavalo coberta pelo estandarte real, sentado ereto e sem chapéu, estava o mais belo Príncipe True.

Os homens aplaudiram. As mulheres gritavam (e algumas desmaiavam). As crianças corriam ao longo da rota do desfile ao lado dele. Folhas voavam no ar.

Ele se virou e inclinou o queixo para um lado e para o outro.

Ele chamou a atenção.

Se esses olhos fossem de uma criança, ele sorria.

Ele era incomparavelmente bonito.

Ele era amado além da medida.

Seguindo seu príncipe, vinham o rei Aramus de Mar-el, de pele escura, assustador, mas atraente, e sua rainha extraordinariamente bela, ambos montados em cavalos com o pescoço envolto em sedas azul-marinho que ondulavam como água.

Ao lado deles, estavam o grande e temível, mas atraente, Rei Mars de Firenze e o novo orgulho de Wodell, sua rainha Dellish, Silence. Eles também estavam montados, com os pescoços de seus cavalos

cobertos de carmesim com bordas verdes.

Atrás deles, também lado a lado, vinha a bela e orgulhosa Princesa Elena dos Nadirii com o ferozmente belo Cassius, o Príncipe de Airen.

A garupa de seu cavalo estava coberta por uma seda púrpura com bordas corais e uma folha de carvalho branco no meio.

O cavalo do Príncipe Cassius tinha o pescoço coberto com duas sedas.

Uma delas era a preta de Airen.

A outra...

Coral.

Seguindo-os, estavam os convidados surpresa do casamento: a Princesa do Gelo da distante Lunwyn e o Drakkar, seu marido e o homem mais poderoso daquele reino. Esse poder foi comprovado, pois, enquanto cavalgavam, um dragão solitário voou sobre suas cabeças.

Ao lado deles estavam aqueles que alguns tinham ouvido falar que eram Lord Apollo e Lady Madeleine, o principal general de Lunwyn e sua esposa.

Atrás deles, havia três filas de harpistas, cinco de cada lado, que tocavam sentados em carroças baixas puxadas por cavalos tripulados.

E foi aí que eles souberam que o grand finale estava próximo.

Ela logo estaria lá.

E o frenesi aumentou.

Seguindo a harpista, havia dez filas de dez meninas com idades entre oito e doze anos, selecionadas em escolas de Wodell em

homenagem à sua aptidão educacional. Elas jogavam folhas de outono esplendorosas nos paralelepípedos.

E atrás delas, enquanto a multidão ficava quase silenciosa em expectativa, uma longa pausa no percurso que muitos imaginavam ter sido planejada para aumentar essa expectativa (e foi).

Mas, por fim, ela veio.

E o barulho foi ensurdecedor quando isso aconteceu.

A Carruagem de Casamento.

Um transporte extravagante feito de latão e ouro, laqueado em amarelo e laranja, com o escudo real nas portas. Coberta, tinha dois criados de libré na parte de trás, dois na frente, quatro soldados Delliish vestidos de verde marchando de cada lado, e o cocheiro de libré com sua cartola de veludo verde-floresta sentado em um banco enfeitado com franjas laranja e fitas e borlas douradas.

Pelas janelas, eles podiam vê-la.

Seus cabelos escuros estavam levantados e afastados de seu belo rosto em cachos presos com fitas de renda da cor do zimbro, que caíam sobre seu ombro esquerdo.

Ela usava brincos extravagantes e um intrincado colar de turmalina verde e diamantes.

Eles não conseguiam ver seu vestido, exceto que era da cor da fita em seu cabelo e sem ombros. Eles puderam ver, enquanto ela acenava pelas janelas, que suas mangas longas eram cravejadas de lantejoulas, mas o material verde era transparente. Eles também puderam ver que o decote em forma de coração era adornado com tule, o corpete coberto por um aplique de nuances e um sutil brilho verde.

Foram os que estavam mais próximos do templo, aqueles que acamparam do lado de fora de seus amplos degraus por semanas, que

tiveram o melhor espetáculo.

Pois eles viram as tropas, as montarias, os bateristas e os gaiteiros se formarem no parque em frente ao templo.

Eles também testemunharam a chegada (embora separada) do Rei Gallienus de Airen, bem como da Rainha Relíquia Elpis de Firenze mais cedo. Sem mencionar Lorde Johan e Lady Vanka de Arbor.

Mas então eles viram seu rei e rainha, os tenentes de seu príncipe, seu príncipe e os reis e rainhas e príncipe e princesa de todas as nações de Tritão e uma das Terras do Norte entrarem no templo.

Acima de tudo, eles observaram os criados de libré correndo e abrindo a porta da Carruagem de Casamento quando ela parou suavemente ao pé dos degraus.

E de lá desceu a noiva do Príncipe True.

Sua futura princesa.

Sua futura rainha.

Suas saias saíram da carruagem e, quando ela pisou em um sapatinho verde de miçangas, elas caíram em dobras largas e graciosas de um decote e de uma barriga densamente adornados, com apliques e lantejoulas menores na parte superior, mas cada vez maiores ao redor da saia.

Quando ela desceu e seguiu em frente, sua cauda se estendeu atrás dela, com um metro e meio de comprimento e pelo menos a mesma largura.

Ela não era uma visão.

Ela era resplandecente.

Ela era um milagre.

Ainda mais quando ela parecia olhar de um lado para o outro com uma timidez cativante, um sorriso pequeno, nervoso, mas ainda assim marcante em seus lábios.

Ao som do clamor de uma multidão que a aplaudia, graciosamente, ela levantou suas amplas saias e subiu sozinha os degraus do templo, mas foi recebida no topo pelo Rei Mars.

Ele ofereceu seu cotovelo com um sorriso de adoração.

Ela o aceitou com um sorriso corajoso.

E foi então que ela conquistou os corações de uma nação quando o rei de sua terra, com o olhar voltado para a frente, a conduziu até as portas do templo.

Mas a Princesa Farah se virou para trás e olhou por cima do ombro, com aquele sorriso ainda nos lábios.

Ela levantou sua mão elegante...

E acenou para seu povo.



Príncipe True

O Altar, Templo de Wohden⁶¹, Notting Thicket
WODELL

—Pelos deuses— murmurou Alfie.

—Inferno maldito— sussurrou Bram.

—Eu nunca quis ser você, até agora— Florian murmurou.

True os ouviu.

E não ouviu.

Pois Farah estava caminhando pelo corredor em direção a ele.

Havia flautistas tocando, com o acompanhamento de cordas.

Os duendes descansavam no corrimão em frente aos gnomos que se sentavam em frente às fadas que se sentavam em frente às pessoas, atrás das quais flutuavam elfos, isto é, do seu lado esquerdo, nos bancos que ladeavam o corredor.

Aramus, Ha-Lah, Elena, Cassius, Mars, Silence, os pais dela, Frey, Seoafin, Apollo, Madeleine, Elpis e Gallienus, bem como seus pais, sentaram-se nos bancos à sua direita.

Havia crisântemos de pompom em tons de creme, bronze e dourado, com folhas de outono em arranjos notáveis por toda parte, inclusive nas pontas das faixas em tons de calêndula, âmbar e zimbro que revestiam a frente dos bancos.

E quando você entrava no templo, o santuário externo cheirava a cedro por causa do incenso queimado, enquanto o interno cheirava a rosa.

Não era, como ele temia, ostentoso.

Embora fosse abundante.

Era também comemorativo e belo.

Mas nada se comparava a ela.

Nada.

Ele podia ver que ela estava nervosa.

Mas a cada passo que ela dava em direção a ele. A cada segundo que ela olhava para o rosto dele ao se aproximar.

Isso desapareceu.

Quando Mars chegou com ela ao altar, True não olhou para seu protetor para ouvir sua mensagem, como mandava a tradição.

Ele disse a Farah: —Eu não achava que você pudesse ser mais bonita, mas todos os dias você prova que eu estava errado.

O sorriso dela iluminou o vasto espaço.

—Acho que já foi dito o suficiente— comentou Mars em voz baixa, e True desviou os olhos da noiva para olhar para o amigo. —Exceto isso— ele continuou. —Não há um homem em nenhum reino a quem eu a ofereceria sem uma certa sensação de desconforto.

Um rei então inclinou o queixo para um príncipe e terminou.

—Exceto você. Seja feliz.

True aceitou essa honra com um aceno de cabeça silencioso.

Mars se virou para Farah e a viu radiante para ele.

Ele se inclinou para beijar sua bochecha e colocou a mão dela no cotovelo oferecido por True.

Feito isso, Mars se afastou para se juntar à sua esposa nos bancos.

—Isso está finalmente acontecendo?— ela perguntou.

—Está, meu amor.

—É como um sonho.

Ela não estava errada.

Sua mãe havia lhes dado um lindo presente de casamento.

Tão lindo que parecia um sonho.

Ele envolveu a mão livre nos dedos dela em seu cotovelo.

—Mercy mandou fazer o vestido mais lindo para mim— ela compartilhou.

Ele sentiu seus lábios se contorcerem. —Eu não perdi isso.

—Aparentemente, essa cor não é tradição— ela lhe disse.

—Não é.

—Mas ela combina muito comigo.

—Fica mesmo.

—O incenso, True, foi muito gentil. Lembre-me de agradecê-la.

Ele pensou que poderia começar a rir.

Mas não começou.

Ele respondeu: —Eu vou.

—Você está muito bonito.

Seus lábios se contraíram novamente. —Obrigado, querida.

—Você está tão nervoso quanto eu?— ela perguntou.

—Não— respondeu ele. —Estou impaciente.

Ela entendeu o que ele quis dizer e seus olhos brilharam.

Eles ouviram um ruído na garganta e ambos olharam para o padre Wohden que estava diante deles.

—Com sua licença, Vossa Majestade, posso dar início à cerimônia?— ele pediu.

Claro que sim, ele poderia começar a cerimônia.

Pois assim ela seria realizada.

E Farah seria sua princesa.

Sua esposa.

Seu futuro.

Um futuro pelo qual ele finalmente estava ansioso.

Com prazer.

—Por favor, faça— ele pediu.

Farah se mexeu, aproximando-se mais de seu lado.

True travou sua estrutura para suportar o peso dela.

O padre sorriu divertido, respirou fundo e ergueu as palmas das mãos para cima.

E começou.

True manteve os dedos entrelaçados nos de Farah durante toda a cerimônia.

Ele não tinha certeza de ter ouvido uma palavra.

Ele sentiu o cheiro do perfume dela.

Sentiu a presença dela ao seu lado com tanta intensidade que sabia que não se esqueceria de estar ali, com ela encostada nele, pelo menos pelo resto da vida.

Mas, principalmente, ele não ouviu as palavras da cerimônia porque estava ansioso para que ela fosse declarada sua esposa.

Sem mencionar que ele estava muito pronto para o beijo de casamento.



O Plano Começa

Príncipe True

Templo de Wohden, Notting Thicket
WODELL

A primeira indicação de que algo estava errado foi quando o tenente do Príncipe Cassius, Macrinus, saiu furtivamente por motivos desconhecidos.

No entanto, ele foi visto por algumas pessoas, algumas fadas, alguns duendes e vários gnomos, que avistaram algo em uma entrada lateral do templo.

Macrinus então deixou seu assento silenciosamente, mas com pressa, e desapareceu por ali.

True, concentrado em sua noiva, concentrado em seu futuro, concentrado no fato de que, pela primeira vez, ele era brilhante, perdeu isso.

Completamente.

Assim, ele não percebeu que o homem que Macrinus viu ali era Nero, outro tenente de Cassius. Um homem enviado a Airen há mais de um mês para cuidar de sua defesa contra uma provável revolta.

E, na falta dela, ele sentiu falta de Nero, que estava com a viagem

desgastada e com o rosto coberto por uma máscara de mau presságio.

A segunda indicação de que algo estava errado foi quando Cassius viu algo na entrada do templo.

Havia uma discussão silenciosa acontecendo ali. Uma mulher comum, com cabelos cor de cobre, parecia determinada a entrar, mas estava sendo impedida pelos guardas dos Dellish.

Ela lutava como uma guerreira. No entanto, seu tato era o de uma guerreira que não queria machucar ninguém.

E assim, seis guardas contra uma mulher, ela estava perdendo.

Os olhos de Cassius se estreitaram com isso.

Ele então chamou a atenção de Elena para o fato.

Ela olhou para aquele lado e sua cabeça balançou de surpresa.

True também não percebeu isso.

Pois faltavam apenas alguns momentos para Farah ser declarada sua esposa.

E ele não ia perder isso.

A indicação final de que algo estava errado, True não poderia perder.

Ninguém poderia.

E enquanto Macrinus voltava correndo para o santuário, movendo-se rapidamente em direção a seu príncipe, e Cassius parecia estar tentando impedir Elena de se levantar de seu assento, na parte de trás da sacada, vinte homens vestindo vestes cinza-escuras, capuzes pretos com olhos e carregando arcos longos entraram correndo e se alinharam no corredor dos fundos.

Mal houve tempo para que os murmúrios e frissons de surpresa dos que estavam sentados na sacada fossem registrados pelo resto da congregação antes que, como um só, os agressores levantassem seus arcos apontados para a frente do santuário.

E enquanto o sacerdote de Wohden declarava a alegre notícia de que o Príncipe Coroado, True Axelsson de Wodell, estava agora casado, sob os deuses e aos olhos de todos na terra, com Lady Farah de Firenze, agora Princesa Real de Wodell, Macrinus alcançou Cassius e lhe disse algo com grande urgência.

O rosto de Cassius se transformou em pedra.

A expressão de Elena registrou um grande choque.

Aramus, Ha-Lah, Mars, Silence, Frey, Finnie, Apollo e Maddie olhavam para ele com tristeza.

Gallienus, no entanto, parecia convencido.

E um grito foi ouvido da varanda.

—*Vida longa à Ascensão!*

True se virou instantaneamente.

Mas já era tarde demais.

As flechas foram enfiadas e as cordas puxadas para trás.

Rapidamente, ele deu as costas aos arqueiros e caiu sobre sua esposa, levando-a ao chão com ele por cima.

Em um instante, Alfie viu a mira e começou a correr pela plataforma.

Os outros homens de True correram para Farah e True.

Wilmer percebeu a ameaça e se jogou no chão atrás da grade do

banco.

Gritos foram ouvidos.

Gritos.

Mars, também percebendo a mira, e depois de empurrar a esposa para o chão, tentou saltar de seu lugar no banco, logo abaixo e atrás do Rei e da Rainha de Wodell.

Mas as flechas haviam voado.

Uma delas atingiu Sir Bram em seu lado direito das costas.

Uma acertou a lateral da coxa esquerda de Sir Florian.

Duas atingiram Sir Alfie nas costas.

Uma atingiu a Rainha Mercy na clavícula.

Quatro a atingiram no peito.

Um a atingiu no pescoço.

Um atravessou o ombro do traje verde de True.

E se incrustou em sua noiva.

O plano havia começado.

Sua missão foi cumprida.

Fim da segunda parte

Continua...





Continent of Triton

Seil Sea



AV950

A tradução foi feita por GT como forma a propiciar acesso a obra que não tem previsão de publicação no Brasil, sem de obtenção de lucro, direta ou indiretamente.

Em havendo publicação veiculada por editoras brasileiras retirada com o intuito de preservar os direitos autorais dos autores.

O leitor fica ciente que o download da presente obra é exclusivamente pessoal e privado, não devendo ser disponibilizada em rede social ou tornar público o trabalho de tradução.



Lançamento em parceria com



Notes

[←1]

A expressão ‘Mia piccolina’ é uma combinação de palavras em italiano que pode ser traduzida para o português como ‘Minha pequenina’

[←2]

A expressão 'Mia bellezza' é italiana e significa 'minha beleza' em português.

O estúdio é basicamente um loft, a diferença é que neste estilo ainda existem algumas divisões internas, como a de um quarto ou escritório e eles tendem a serem menores em relação ao espaço.

[←4]

A expressão 'amore' é italiana e significa 'amor' em português.

[←6]

Deus do serviço dos Go'Doan

[←7]

Meia corporal: Usada pelas Nadirii sob as túnicas. Mais como um collant ou maiô.

[←8]

Forma Firenz de aliança de casamento. Começa na parte superior da orelha, desce até o lóbulo, atravessa a narina e desce até terminar em um arco na lateral da boca. Na maioria dos casos, se indicar casamento, é usado do lado direito. Significa ouvir seu cônjuge, mantê-lo em mente e comunicar-se honestamente com ele.

A sala ou quartos de um sacerdote Go'Doan. Em Go'Doan, eles são quartos, com mais de um quarto. Para novos sacerdotes ou aqueles em templos Go'Doan em outros países, a cela poderia ser uma sala. No entanto, eles não são espartanos, variando de muito confortável (para um Go'Tish, um novo sacerdote) a luxuoso (para um Go'En, um sumo sacerdote).

Grande cadeia de montanhas que compõe a maior parte da parte central de o país de Firenze. Picos muito altos que recebem uma grande quantidade de neve. Neve derrete alimenta o Lago do Fogo (fora da Cidade do Fogo) e cinco grandes rios que atravessam o país, incluindo o mais largo que flui para o norte em direção a Wodell, o Rio Tebes.

Lago muito grande a leste da Cidade do Fogo no país de Firenze formado por escoamento de neve derretida das Cordilheiras Sheeonee.

Musa, Graça e Espírito, são divindades de Firenze: **Musa**: Divindade da criatividade, lucidez, elevação (incenso âmbar); **Graça**: Divindade do Amor, amantes, energia positiva (incenso de rosa); **Espírito**: Deus do equilíbrio, iluminação (incenso de canela)

Fumo: Maconha. Usado principalmente em Firenze, mas disponível em Tritão; **Ashesh**–(Ash-EHSH): Droga semelhante ao ópio. Disponível em todo o Tritão. Cultivado em Firenze; **Koekah**-(Koe-KAH): Droga semelhante à cocaína. Disponível em toda Tritão. Cultivada e fabricada em Firenze.

[←16]

As casas de banho ou banhos também chamadas de ‘termas’ que significa ‘banho quente’ locais público para banho e atividades sociais e recreativas.

Casa do Rei de Wodell. Localizado em Notting Thicket.

[←18]

As sirenas, diferente das sereias, costumam ser definidas como uma *sereia do mal* que, com o seu canto sedutor, atrai as pessoas (marinheiros, etc) e as mata.

[←19]

Dahksahna-(Dahk-SAH-nah): Significa ‘rainha’ em Korwahkian, a língua de Korwahk na Terras do Sul (Southlands na série Fantasyland)

Hawkvale: País no meio de The Northlands, ao sul de Lunwyn, ao norte de Fleuridia, governado pelo Rei Noctorno e pela Rainha Cora.

Vagamente significa ‘minha corça dourada’ em Korwahkian, a língua de Korwahk nas Terras do Sul (Southlands, na série Fantasyland).

Go'Nis ("Guardiões dos Registros", sacerdotes que registram a história)

Go'Ella (acólitos femininos que servem sacerdotes e a cidade-estado)

[←24]

Um palete de dormir é uma estrutura plana semelhante a um pequeno palanque, geralmente feito de madeira, plástico ou metal.

GoTec (padres que ensinam/ estudiosos na cidade-estado)

[←26]

Taibac-(TIE-back): Tabaco. Não fumado. Usado como veneno para induzir parada cardíaca. Pode passar despercebido se veneno é administrado em pequenas doses por um longo tempo.

Uma raça de errantes. Principalmente em Wodell, mas também alguns viajariam ao redor da fronteira mais ocidental de Airen.

A expressão ‘patrona’ em latim significa ‘protetora’, ‘defensora’ ou ‘benfeitora’, em português. Em um contexto religioso, também pode ser usada para se referir a uma santa padroeira que é considerada protetora de uma região, cidade ou grupo específico de pessoas.

A palavra ‘brutum’ em latim significa ‘bruto’ em português.

Charneca são áreas de vegetação aberta ou campos com vegetação rasteira, muitas vezes encontrados em regiões montanhosas ou em transição entre áreas florestadas e abertas.

Um assentamento de gnomos mágicos na Grande Floresta de Thicket de Wodell, onde os gnomos vivem as árvores, o nome que se refere às muitas portas esculpidas nos troncos.

No topo da colina mais alta no centro da Grande Floresta de Thicket de Wodell onde, na ocasião, o céu ilumina com luzes coloridas (semelhante às luzes do norte ou aurora boreal). A razão para o fenômeno é desconhecida.

Floresta maciça no meio do país de Wodell, a leste do qual é Notting Thicket, a capital de Wodell

A expressão 'mio rosa. Amo così tanto il mio rosa' é italiana e pode ser traduzida como 'meu rosa. Eu amo muito o meu rosa' em português.

[←36]

A expressão 'mio ardente' é italiana e pode ser traduzida como 'meu amor' em português.

A expressão ‘incantevole’ é uma palavra italiana que significa ‘encantador’ em português

Alabasta (deusa de Wodell): deusa da Terra e da Sabedoria. Uma deusa compartilhada com Lunwyn, nas Terras do Norte.

Deus da fidelidade (divindade de Go'Doan)

[←40]

A expressão 'amico' é italiana e significa 'amigo' em português

Bairro da Luz Vermelha na Cidade do Fogo, Firenze. Onde encontrar prostitutas (masculino e feminino), participar em orgias ou outros jogos sexuais e jogar, consumir fumo (droga tipo maconha) ou ashesh (droga tipo ópio) ou koekah (droga tipo cocaína) e outras formas de decadência.

[←42]

Uma criatura de 2 metros que supostamente vive em região montanhosa

A expressão 'na zdrowie' é polonesa e significa 'saúde' em português.

Essas expressões são palavras ou saudações usadas em diferentes idiomas para brindar ou fazer um brinde durante uma refeição ou ao tomar uma bebida: Espanhol, Holandês, Francês, Italiano, Gaélico Irlandês, Grego, Sueco e Português.

[←46]

Um grupo de fadas que supervisionam e protegem a área onde as Luzes podem ser vistas na Grande Floresta de Thicket de Wodell

Raça de gente encantada subaquática, incluindo sereias e tritões (sereios). Suas nadadeiras se dividem em pernas e suas guelras desaparecem quando nadam perto da terra para que possam “passar” por humanos e se mover na terra

Aqueles colocados em serviço em Mar-el como punição por navegar nos mares de Tritão sem permissão do rei de Mar-el. Este castigo é conhecido e quem navega pelos mares corre o risco de ser apanhado a fazê-lo. O serviço ao bounden dura um determinado período de tempo e aqueles que são admitidos são protegidos por restrições significativas de acordo com a lei quanto ao seu tratamento. Uma vez que o serviço é feito, muitos dos prisioneiros permanecem em Mar-el para fazer suas vidas lá

[←49]

Um rio que corre das montanhas ao norte do país de Wodell, através da parte centro-leste do país para se juntar ao Grande Wohd em Notting Thicket, a capital de Wodell

[←50]

Corpo de água ao norte do continente de Tritão.

Um rio muito largo e longo que se separa do Rio Dorian no norte, que corre do Mar Seil. O Grande Wohd corta a parte oriental de Wodell, encontrando o Rio Fae em Notting Thicket, a capital de Wodell, e continuando para oeste quase até a fronteira de Wodell

[←54]

Pennyrium-(Pen-EER-ee-um): Uma droga que uma mulher pode tomar através da dissolução de um pó em água, a fim de proteger contra a concepção

[←55]

Giz (Chalk, em inglês) é um tipo de rocha sedimentar composta principalmente de calcário.

Trolls, Yetis, Grifos e Gogmagoggs são todos personagens de mitos e lendas.

A palavra ‘beberagem’ também pode ser usada, em alguns contextos, de maneira mais específica para descrever uma bebida ou poção preparada com ingredientes naturais, como ervas, plantas ou outros elementos, que se acredita terem propriedades curativas ou benéficas para a saúde.

[←58]

Cioccolato al caffè é uma sobremesa italiana que consiste em chocolate com café.

[←59]

A expressão "mio piccolo buco" é italiana e pode ser traduzida como "meu pequeno buraco" em português.

[←60]

A frase "il tuo buco, mia gazzella" é uma expressão em italiano que "seu buraco mia gazzella" em português.

Templo te Wohden-(WOE-den): Catedral Nacional em Notting Thicket, Wodell onde os paroquianos adoram o deus Wohden, o deus Dellish do poder e da guerra. Também, onde todos os membros da realza se casam.